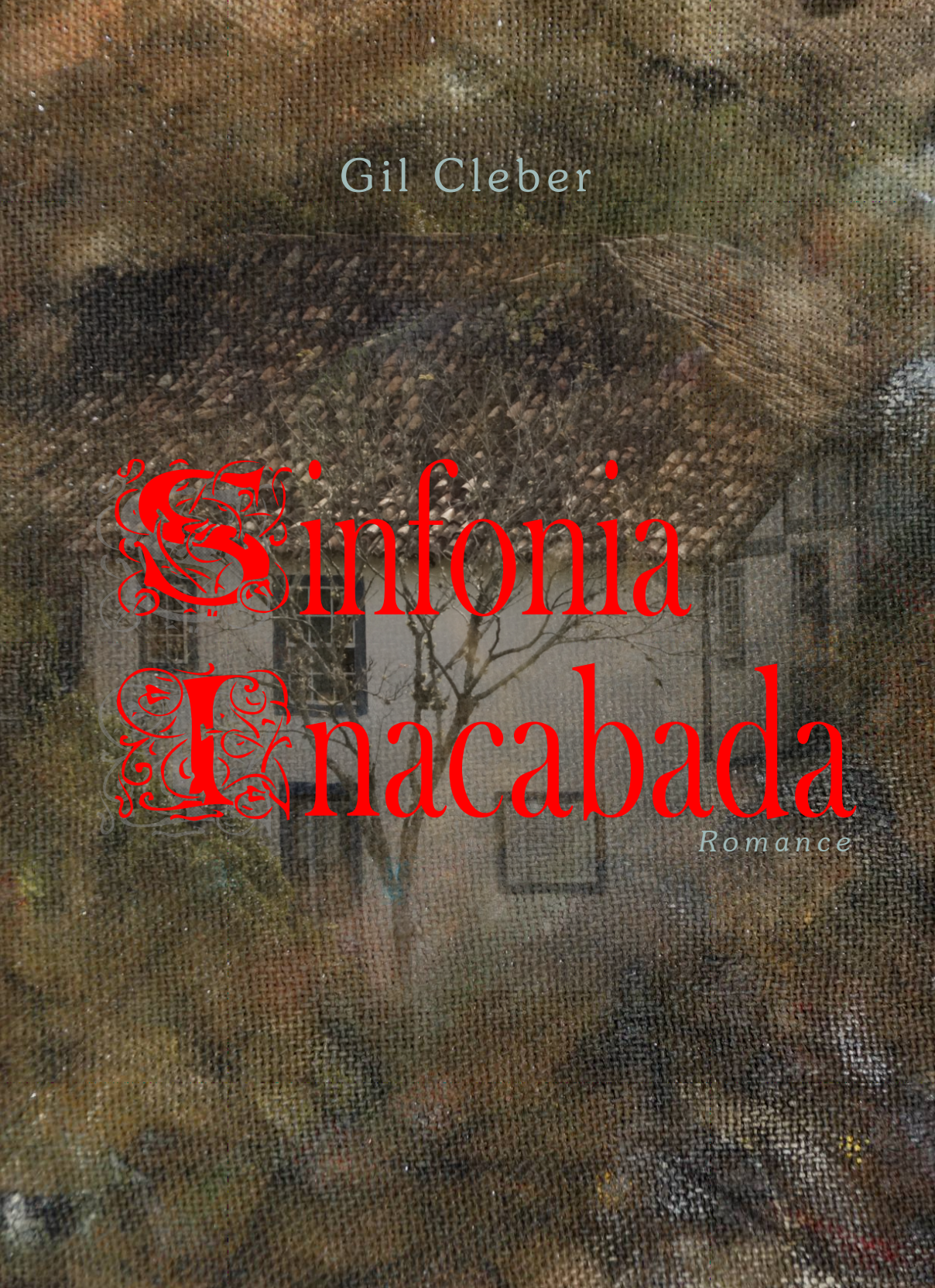




Gil Cleber

Sinfonia

Enacabada

Romance

As cinzas do Tempo

Sinfonia Inacabada





Gil Cleber D. Carvalho

Primeiro romance da trilogia

As Cinzas do Tempo

ínfonia

nacabada



Romance

Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração: “Sinfonia Inacabada”, de Gil Cleber

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato com o autor:

gilccarvalho959@gmail.com

www.gilcleber.com.br

Porque viver é um dia muito longo
no qual o sonho, o horror e a
fúria mais não são que reflexos
do mesmo rosto no aço irrevogável
do espelho; nada, além de melodias
da mesma sinfonia inacabada.

Sinfonia Inacabada

e então desceu para o jardim.

— Venha logo — diz Alice, olhando sobre o ombro a prima no alto da escada.

Mas não esperou. Girando entre os dedos o minúsculo guarda-sol de cetim branco, seguiu ligeira pela ruazinha com calçamento de pedras que conduzia às alamedas laterais e dali ao amplo jardim na frente da casa.

— Espere por mim — Francisca terminava de ajeitar o chapelinho sobre os cabelos negros, preparando-se para descer.

— Os meninos também levantaram cedo.

Alice evitava os tufo de grama orvalhada para não molhar o vestido. Olhou para cima sem se deter: um céu de azul intenso onde o sol não aparecera ainda era entrevisto entre as frondes, o entrelaçamento dos galhos, o recorte irregular das folhas a compor-se e descompor-se ao vento — e então, na luz nascente, seu rosto, as faces de um rosado suave, a pele branca, adquirindo um brilho efêmero, matinal, destacava-se do verde-escuro à sua volta.

— Mas o resto do pessoal ainda está dormindo — diz Francisca.

Desce os degraus e segue pela ruazinha de pedras.

— Crianças nunca ficam até tarde na cama.

Alice parou, ajeitando os cabelos claros, corredios, quase loiros, que caíam até o meio das costas.

— Eu sempre acordo cedo — disse, e continuou em direção às alamedas —, é bom para a saúde.

Francisca dobrou as mangas da blusa, arrepanhando os babados do vestido ao passar por uma poça d'água formada pela chuva da noite anterior.

— Só você para me tirar da cama a esta hora, Alice!

— Perder a manhã é perder a melhor parte do dia.

Volta-se para a prima, sorrindo.

— Ouvi tia Ludmila dizer que as manhãs de sol são como a juventude

— Alice pára no início da alameda com ar sonhador, a voz ligeiramente rouca. — Leves e alegres. Mas também breves.

E olhou a prima com ternura.

— Por isso é preciso aproveitá-las.

Um pardal passou num vôo ligeiro rente a ambas. Francisca soltou um gritinho de susto e Alice riu, uma risada curta e sonora, tomando-lhe a mão.

O dia despertava, bucólico e sereno. Manhã de primavera — uma das últimas manhãs de primavera daquele ano.

— Mas eu sou tão preguiçosa! — diz Francisca, cobrindo um bocejo com a mão enluvada.

As duas meninas continuam, agora de mãos dadas, o passeio, enquanto na casa os mais velhos permaneciam na cama.

Não eram ainda sete horas da manhã.

A fazenda da família Veiga Albuquerque, com cerca de cento e cinquenta anos de existência, guardava entre suas paredes — e além, em seus amplos jardins e pela extensão de suas muitas terras, no impenetrável das matas e mesmo nos vales e encostas próximas onde, numa direção, avermelhava o café e noutra, manchas brancas movendo-se contra o fundo verde das pastagens compunham grandes rebanhos — a história de uma das mais ricas e tradicionais famílias da província.

Num lugar privilegiado pelos amplos espaços quase inteiramente planos em volta, erguia-se com sua frontaria de doze janelas envidraçadas e seis elegantes balcões no andar superior; no térreo havia uma varanda em toda a extensão cujo parapeito fora construído em treliça de ripas muito finas e pintadas de verde, varanda esta de onde, para o interior da casa, abria-se uma larga e pesada porta dupla de carvalho, e ali, nesse interior, podia admirar-se uma suntuosidade inusual nessas moradias de província.

O pesado estilo colonial do prédio fora atenuado com sutileza, não só pela ampliação dos jardins que o circundavam como por modificações na arquitetura sob a supervisão rigorosa da altiva senhora, a viúva Rebeca Veiga Albuquerque, após as quais tanto o jardim quanto a casa passaram a ter — pelo menos aos olhos da proprietária — um ar algo europeu.

É nesse jardim — repleto de árvores e flores, vastos gramados e um riacho cortando entre os canteiros — que vamos encontrar em seu passeio as duas meninas nessa manhã de primavera, um domingo pleno de cor e alegria, no mês de novembro daquele ano de 1888.

— Tia Rebeca preparou seu baile com muito gosto, Alice — diz Francisca, detendo-se junto a um ipê. Até ali haviam caminhado entre alamedas de cedrinho com suas ruas calçadas de pedra. À esquerda, um arvoredo de galharia alta e densa, da época em que a casa fora construída, enegrecia na sombra, o solo repleto de folhas secas entre as quais brotavam ervas rasteiras. Adiante, porém, e por toda a frente da casa, estendia-se o jardim, em

um suave declive até a cerca que marginava a estrada, com seus canteiros simétricos e renques de arbustos.

— Não é para menos — diz Alice. — Mamãe o planejou com muita antecedência — girou entre os dedos o cabo do guarda-sol —, e você sabe como mamãe é rigorosa.

As paredes da fazenda alvejavam na iminência da manhã. Encobertos pela névoa da madrugada, os morros ao longe se despiam: uma mancha dourada de luz vinha pelos cumes, avançava, descia pelas encostas, vagarosa e precisa.

— Como se quem estivesse fazendo quinze anos fosse ela! É, veja...

Alice apontou para o outro extremo do gramado onde, depois do riacho, viam-se as primeiras árvores do pomar. Os meninos corriam entre elas.

— Quando passei pela cozinha ainda estavam tomando café com as sobras do bolo de ontem — diz Francisca.

— Devem estar indo para o açude — Alice diz, apanhando num dos canteiros uma margarida que pendia da haste quebrada.

— Não será perigoso?

— Tem um barquinho lá para remarem — e punha a margarida no peito, como um broche, a haste presa no lacinho do peitilho.

Francisca curvou-se para arrancar da grama um pé de mato. Segurou distraída a ervazinha, torcendo-a entre os dedos, deixando-a cair ao chão: voltava-se agora atenta para o clarão que via emergir detrás das montanhas ao longe. O sol, o sol, ela pensa. Em breve alcançaria o jardim, a copa alta das árvores, a relva ainda úmida pelo orvalho, e a manhã que se iniciava fresca iria esquentando pouco a pouco.

— Na cidade quase não aprecio o nascer do sol — diz.

— Mas mamãe é assim mesmo — explica Alice. — Não vê a decoração? Foi toda planejada por ela.

— Achei extravagante.

E Alice sorri fazendo que sim com a cabeça.

— A mim também me cansa, às vezes, tudo aquilo. Todos aqueles quadros, aqueles tapetes orientais, aquelas estátuas... Vamos nos sentar? — aponta um banco de madeira sob umas árvores próximas da cerca.

Francisca adianta-se.

— Ano passado — Alice diz — quando de sua ida à Europa, mamãe conheceu um pintor chamado Renoir. Faz parte de um grupo de artistas que está causando sensação por lá, pelo que dizem. Mamãe não perdeu tempo, comprou logo dois quadros. Não tanto por seu gosto pessoal, mas para poder dizer às visitas ilustres: “comprei de Renoir quando estive na Europa” — e senta-se, o guarda-sol fechado no colo. Francisca prefere permanecer de pé.

— Lembro-me do meu baile de quinze anos. Não foi tão formal quanto o seu.

— Eu também teria preferido coisa mais simples — Alice confessa. — Mas não cabia a mim decidir.

— Faz quase dois anos — Francisca parece pensativa. Senta-se ao lado da prima. — Logo vou fazer dezessete...

— Eu lembro. Você usou um bonito vestido azul debruado de preto. — Semicerrando os olhos, evoca o vestido de Francisca.

— Eu nunca usaria um vestido branco naquela noite — diz, erguendo o queixo voluntarioso. Francisca nunca faz o que é costumeiro, pensa Alice.

— É porque você não é filha da dona Rebeca — acrescenta em voz alta, enquanto fura, escarva a grama com a ponta do guarda-sol. Sob a grama a terra aparecia úmida, fértil. Sob a grama, pensa Alice, só a terra escura, só os bichos que nela habitam, e nela morrem e nela viram seiva...

Mas logo entram a falar dos convidados, muito numerosos conquanto houvesse comparecido apenas uma gente escolhida a dedo pela anfitriã, que aproveitava um acontecimento como aquele para exibir sua provinciana altivez. Francisca se ria da cauda dos vestidos com que as senhoras pareciam competir entre si, ou da maneira como aqueles senhores metiam a mão na algibeira para sacar de lá um cebolão de ouro e consultar as horas com gravidade.

— ...Até mesmo o Sr. Gonçalves — diz Alice, e ergue o rosto, agita-se, aquieta-se um momento ao lembrar da filha mais velha dos Gonçalves; tinha doze anos e estivera sempre na companhia de um menino de olhos grandes e cabelos negros. — Aquele menino que esteve todo o tempo com a Joaninha, quem era?

— Parece que filho de uns conhecidos da família, que vieram do Rio de Janeiro — Francisca diz. — O irmão dela, porém, não tirava os olhos de você.

— Quem? Rodolfo? Ora — e Alice sorri balançando a cabeça —, parece-me que a escolhida não fui eu. Afinal, com qual de nós dançou mais vezes?

— Ah — e Francisca assume um arzinho de malícia —, mas em todas as vezes que dançou comigo o assunto era um só...

— Ora, e que assunto?

— ...a “menina Alice”, qual poderia ser!, e era “Alice pra cá” e “Alice pra lá”... Penso que está caidinho!...

Alice baixa a cabeça, ruborizada. Dá as costas à prima. Sim, o Rodolfo... ora, afinal era bastante simpático. E, via-se, entre as duas, a preferência não era por Francisca...

Os meninos agora faziam grande alarido no pomar, de longe vinham as vozes, o riso cristalino, a gritaria. Ocultos pelas árvores, não podiam ser vistos, porém Francisca de súbito está séria: lembrou-se de uma coisa — de tia Estefânia, que havia dançado algumas vezes com sua enteada Clara, mas

esta, ao afastar-se logo após, nem procurava disfarçar seu alívio. Francisca deseja comentar com a prima, mas a frase fica-lhe suspensa na língua, os lábios entreabertos. Tensa, o busto erguido, evita olhar para Alice, que parecera contrafeita quando, durante o baile, lhe chamara a atenção para tal episódio.

— Júlio, Júlio! — grita uma voz no meio do pomar.

Segue-se outra voz:

— Ei, veja isso!

E uma outra voz:

— Dê-me isso! Dê-me isso!

— Qual a idade mesmo de Júlio, Alice? — pergunta, como num preâmbulo interposto de propósito para demorar mais o momento de falar daquilo, daquela coisa que mesmo deixando-a embaraçada, açulava sua curiosidade. — Treze, não é?... Pois ele é quase quatro anos mais novo que eu...

— Glenda! Entregue-me! É meu!...

— Nada disso...

— Quem precisa...?

— Mas onde...?

E com o vento no arvoredor, as vozes sumiam e voltavam, sumiam e voltavam...

— ...lá...

— Não... não pode...

— Glend...! ...enda!

— ...as goiabas...

— ...aquele galho...

— Alice — diz Francisca por fim —, sobre ontem, durante o baile... afinal, o que você pensa da tia Estefânia?

Erguera-se do banco, afastando-se irresoluta alguns passos. Hesitava, embaraçada em falar de suas impressões acerca da tia.

“Há uma coisa que...”

Mas voltando-se de repente encara Alice.

— Você não acha que ela é muito estranha?

— Estranha — Alice imobiliza-se. Recolhe o guarda-sol. Então era sobre aquilo, pensa, pois ela também já havia percebido, não deixara de notar que, ao dançar com a enteada, Estefânia a comprimira contra si de uma forma bem pouco natural. Que significaria tal atitude?

— Minha mãe diz que é feio... meninas... em árvores — a voz de Célio no pomar, comedida, apagada. A frase vinha entrecortada pelo vento que rumorejava nas árvores, nos arames da cerca, nos moirões. Houve uma resposta que se misturou às outras vozes, e todos falavam ao mesmo tempo agora.

— Hábitos da cidade grande, talvez — diz Alice, embora consigo mesma pensasse que Francisca tinha razão: havia qualquer coisa de irreverente, malicioso, em suas atitudes... qualquer coisa de...

— Não — retruca Francisca —, não é só isso... não são apenas os hábitos da cidade.

...indecente! Sim...

— Mas a *minha mãe* não me proíbe... — ouve-se com clareza a voz de Glenda num breve momento, enfatizando a expressão “minha mãe”, logo abafada por uma vaia estridente que os outros endereçavam a Célio.

“Célio repreendeu Glenda por subir em árvores” pensa Alice, “e os outros estão zombando dele agora.”

— ...é que é feio... — gritou Célio em vão.

— A tia Estefânia adotou a Clarinha com dois anos, ou três, não sei bem — diz Alice. — Talvez seja por isso, ou por ter frequentado o colégio interno.

— O que há é algo muito estranho entre as duas — diz Francisca sentada outra vez ao lado da prima. — E você, Alice, o que pensa? — Francisca provoca respostas diretas de Alice, curva-se para ela enquanto fala, observando-lhe o rosto.

— Eu vi uma coisa também, certa vez — diz Alice por fim em voz baixa, como que temendo ser ouvida.

Mas o sol invadia finalmente o jardim: a fazenda, o arvoredor, o gramado com seus canteiros — banhados todos na mesma luz fulgurante, partes, fragmentos da mesma manhã.

— Vai fazer um dia muito quente hoje — diz Alice, e desvia o rosto evitando encarar a prima.

— Tia Estefânia é uma mulher vaidosa — prossegue Francisca. — Tem quarenta anos, não? Mas se veste como se tivesse vinte.

Alice olha para a estrada além da cerca. Sob o sol a estrada era de um amarelo pálido, mas brilhante. A luz refletia-se, ofuscante, na areia.

Ninguém transitava por ali sua sombra.

— Pela confusão no pomar — diz Alice levantando-se do banco — os meninos ainda não foram para o açude.

— Glenda, Jorge, venham!

— Esperem! Esperem!

— Poderia estar aqui conosco — Alice então comenta, acerca da prima Clara —, mas prefere estar só. Clara sempre fica sozinha, lendo.

— Mas Alice, a tia Estefânia...

Alice tinha vontade às vezes de conversar sobre aquilo, mas que embaraço quando pensava no assunto! Como era difícil falar de algo que não compreendia — de cuja ilicitude teria quando muito umas suspeitas vagas, inconclusas! Pois não fora apenas na véspera durante o baile que julgara per-

ceber algo de estranho no comportamento de sua tia, mas desde o dia em que a vira beijar a enteada no pescoço, um beijo que seria muito natural, pensa Alice, se Estefânia não lhe passasse a língua demoradamente sobre a pele, fazendo Clara encolher-se, repelindo-a. Como, no entanto, falar disso sem ruborizar-se?

— Aliás, ela fala e age como se tivesse vinte, e não quarenta anos — observa Francisca. — Já ouvi a tia Rebeca repreendê-la.

— Você não deveria importar-se com a tia Estefânia — diz Alice, desejando por timidez evitar o assunto. Não, pensa, não teria coragem de relatar à Francisca...

E se afasta do banco seguida pela prima, que a enlaça pela cintura. Voltam a passear, agora em silêncio. Francisca respira fundo, pensa em Clara e na tia Estefânia. Também para si era embaraçoso falar de suas suspeitas, mesmo sendo Alice tão íntima, quase uma irmã — pois afinal não tinha certeza de nada, como poderia saber de alguma coisa se conhecia tão pouco a tia, se vira a prima Clara umas poucas vezes apenas? “E Alice, o que será que sabe?”

— Não, Clara não gosta dela — diz Francisca, apesar de tudo. — A impressão que tenho... é que a detesta. Tem até medo, pavor dela.

Alice aproxima-se da cerca. Retirando as luvas, Francisca as dobra com cuidado, guardando-as no bolso do vestido.

— Sujei as luvas — diz — quando arranquei aquele mato. Talvez a nódoa não saía.

A cerca era feita de braúna lavrada, com dois metros de altura e dez fios de arame farpado. Rasteiras, moitas de margaridas pintavam-se de branco. Roseiras entrelaçavam-se com os fios.

Mas Clara estava ali, chorando, o rosto molhado pelas lágrimas. Mal erguia os olhos vermelhos.

— Não... não... — dizia.

— A voz da tia Estefânia tinha um acento de maldade — diz Francisca —, era macia, sinuosa, bêbada!

— Francisca! — Alice exclama, escandalizada com a prima.

— Não, mãe — Clara encolhia-se junto à cerca.

— Eu não sou sua mãe — dizia Estefânia, enlaçando-a por trás — e nunca lhe escondi isto. Nunca lhe escondi nada...

Então Estefânia a beijou no pescoço, demorando os lábios de encontro à pele macia. Alice via-lhe outra vez a língua vermelha naquela carícia obscena.

— Ouvi com clareza quando a tia Estefânia disse “você ainda vai aprender a querer” — diz Francisca — mas escutando meus passos deve ter-se afastado, pois quando entrei no quarto arrumava algumas peças de roupa no armário, simulando indiferença. Clara, de costas junto à vidraça, parecia

chorar. Fingi não ter percebido nada, disse qualquer coisa, perguntei por minha mãe para disfarçar e saí.

Clara agora estava só. Afasta-se de cabeça baixa, desaparece entre as árvores.

Enquanto os meninos somem além do pomar e diminui sua algazarra, pássaros revoam em bando sobre as árvores à procura de frutos maduros, e em nova revoada vêm pousar, esparsos, no gramado.

“Sim” pensa Alice, “pavor, é o que ela sente.”

— E mesmo para nós — torna Francisca — ela tem um jeito estranho de olhar. Mesmo para mim. . .

Alice descobre um ninho de beija-flor entre os galhos de um manacá.

— Francisca, venha ver — ela diz. — Veja como o beija-flor faz ninhos macios.

Francisca aproxima-se. No ninho, dois filhotes abriam os biquinhos famintos, enquanto mamãe beija-flor sobrevoava aflita as meninas. O macho logo apareceu, também agitado.

— Os pais estão apreensivos — diz Francisca. — Vamos nos afastar.

Alice porém vence a vergonha, e agora ouve a prima com certo fascínio.

— Por um momento julguei que a tia Estefânia havia feito uma carícia no rosto de Clara, ontem, enquanto conversávamos no salão. Mas Clara desviou o rosto, curvou-se para o lado como para apanhar um livro que alguém deixara sobre a mesinha.

Francisca concentra-se, rememorando a cena da véspera. Evoca a imagem da prima esquivando-se ao gesto carinhoso de tia Estefânia.

— Notei-lhe uma expressão de nojo — diz, pensativa.

Alice encarou-a curiosa.

— Talvez eu não tenha entendido direito — diz Francisca sorrindo para a prima. — Foi tudo muito rápido e tia Estefânia continuou falando tranquilamente, como se nada tivesse acontecido, tia Rebeca nem percebeu, e nesse momento mamãe entrou comentando sobre qualquer coisa, o que desviou a atenção de todos. . .

Francisca baixa os olhos, e acrescenta:

— Mas a impressão que tenho é a de surpreender-lhe às vezes um ar de quem pede socorro. . .

As duas moças se afastam, observando. Primeiro a mamãe beija-flor desce, veloz, para o ninho, e em seguida o pai, que pousa no galho mais alto do arbusto e fica olhando.

— Não, eu também não gosto do jeito dela — diz Alice.

O casal beija-flor afasta-se do ninho. Francisca acompanha com os olhos o vôo dos pássaros até cada um seguir um rumo diferente. Volta-se para Alice.

— O que disse?

— Disse que também não gosto do jeito dela.

— Ah!... — olha na direção seguida pelos beija-flores, como se esperasse encontrá-los de novo. — Sim — e se volta para Alice —, é como lhe disse...

— Há qualquer coisa de indecente nela — ousa acrescentar, embora um momento antes não se julgasse capaz disto.

Ante o olhar indagativo de Francisca, gagueja:

— Bem... não sei bem como me exprimir, mas...

De olhos baixos, sem ter o que fazer com as mãos, gira o cabo do guarda-sol entre os dedos pequenos e brancos, nervosos.

Abre o guarda-sol e volta a caminhar pelo jardim.

— Mas é que um dia desses ela veio conversar comigo.

Estefânia parecia mesmo uma mulher bem mais jovem, sempre com roupas extravagantes, de cores fortes e decotes amplos.

Abraçou Alice.

— Minha menina, como você está crescida.

O jardim recende o cheiro da manhã. De Estefânia vinha um cheiro acre de suor.

— E linda também! — toma o rosto da menina entre as mãos.

— Onde está Clara? — pergunta Alice, desviando-se. — Não quis descer?

Francisca procura no céu os beija-flores.

— Veja, Alice, um deles está voltando — exclama, aponta, leva a mão aos lábios, acompanha o vôo feito um tiro de flecha, o mergulho entre a folhagem do arbusto.

— Não, Clara não está bem disposta. Mas não é nada, só uma leve dor de cabeça.

Olha com insistência para Alice, que não consegue encará-la sentindo o olhar incômodo sobre si, como labareda percorrer-lhe o corpo.

— Tia...

— ?

— ...não gosto quando a senhora me olha assim...

Teria mesmo ousado dizê-lo?, pergunta-se um segundo mais tarde quando Estefânia se afasta, o vestido vermelho ao longe como uma imensa flor impudica sobre o gramado. Afastou-se da sobrinha, não sem antes sorrir com uma disfarçada malícia e atirar-lhe um olhar mais carregado, selvagem.

— Tolinha — diz —, você ainda não está acostumada comigo.

Estefânia tira o chapéu, os cabelos cacheados caindo negros e bastos pelos ombros, sobre os seios e até o meio das costas. Já não é mais que uma mancha rubra no fim do gramado, rumando para casa.

— Não sei o que ela tem — diz Alice —, mas incomoda.

— Sim, e talvez seja por isso que Clara...

Ali estavam os olhos vermelhos e tristes de Clara, que havia chorado e não conseguia disfarçar.

— É horrível — ela tem a voz embargada ao falar com Alice —, e eu não sei como...

Clara não havia completado ainda dezesseis anos. Tinha os cabelos de um loiro esbranquiçado, lisos e cortados um pouco abaixo dos ombros. No rosto, a beleza terna e delicada dissolvia-se à luz matutina num conjunto de traços suaves, indefiníveis.

— Francisca deve chegar amanhã — diz Alice. — A festa será no sábado.

Tia Estefânia passa ao fundo com Rebeca, e as duas meninas observam o contraste de suas roupas: o extravagante vestido lilás e dourado de Estefânia mais se expunha ao lado do conjunto sóbrio, em cores frias, da irmã. Mas Clara vira o rosto.

— Ora — e Alice, ajoelhada ao lado do canteiro, cava com a pá a terra macia —, é bom porque passamos a semana juntas. E o melhor de tudo — ela acrescenta depois de um instante, voltando-se para Clara — é que nesta semana não terei aulas.

Francisca vê quando o outro beija-flor, de volta, pouso no arbusto, enquanto o primeiro desce para o ninho entre as folhas.

— Não são lindos? — diz Alice.

— São alheios a tudo que nos incomoda — responde Francisca.

As duas meninas continuam o passeio, mas agora observam os ramos de uma roseira entrelaçando-se nos arames da cerca. Rosas brancas, miúdas e dobradas, pendem em cachos.

— Minhas flores prediletas — diz Alice. — Adoro rosas, embora prefira as grandes e vermelhas. Parecem mais fortes, pujantes e livres. Como se dominassem as outras flores.

— Você tem razão: tem alguma coisa de indecente nela.

Francisca desentranha um cacho de rosas; toma cuidado para não ferir-se, mas mesmo assim espeta o dedo e o leva à boca num impulso de dor. Chupa o sangue que brota, mas uma gota cai, mancha a pétala branca.

— É o prêmio por admirarmos sua beleza — brinca Alice.

— Que nada — retruca a prima —, é a punição por querermos roubar uma flor. — Mas com paciência consegue quebrar o pedúnculo, exibindo entre os dedos a flor conquistada.

— Francisca? Parece-me que vem passar uma temporada. Claro, por muita insistência da mamãe.

Alice está ajoelhada junto ao canteiro de sempre-vivas. Com uma pá, revolve a terra úmida, “que assim as sementes germinam melhor.”

— Francisca está ansiosa por vir. Tia Lourdes antes nunca a deixava ficar mais de uma ou duas semanas.

Mas Clara não ouve a prima. Seu pensamento, naquele crepúsculo suave, uma semana antes do baile de Alice, está longe do jardim, longe daquelas terras, pois que então se recorda de Ana, a doce Aninha de tranças negras que perdera de vista na infância.

O vento da tarde brinca em seu cabelo. O sol, que dentro de duas horas não se verá mais, já não é tão quente; parece despedir-se com tristeza. De onde estava, Clara podia contemplar além da cerca, além da estrada, além das matas que recobrem o vale, montanhas azulando na distância.

As roseiras entrelaçadas nos arames da cerca rangem, agitadas pela brisa. Já há sombras próximas.

— Mamãe não gosta que eu mexa com terra — diz Alice. — É pouco elegante, ela diz.

Conhecera Aninha quatro anos antes, no colégio interno. Clara completara doze anos havia pouco, Ana teria uns dois ou três meses menos. Vira-a pela primeira vez numa manhã de março, logo no reinício das aulas, quando a diretora entrando na sala apresentou a nova aluna.

— Tinha tranças compridas, de um negro brilhante.

— O que disse? — Alice volta-se para a prima, erguendo o busto e tirando as mãos da terra. Uma mecha de cabelo resvala, cai no rosto, e a menina a afasta com o antebraço, pois tinha as mãos sujas.

— Hum? — Clara volve o olhar para Alice, e dá-se conta de ter pensado em voz alta. — Nada de importante — diz. — Estou só me lembrando de uma colega do colégio.

— Usava tranças, você disse.

Alice volta a mexer na terra.

Clara recosta-se no banco. Relaxa, aspira o ar perfumado da tarde. Olhando os montes azuis que formam no horizonte uma linha sinuosa e dissolvida, lembra-se. Aninha agora está tão longe quanto aquelas montanhas.

“Teria mesmo existido?” pensa. “Como são fragmentárias as coisas passadas... é como se nunca tivessem existido... a não ser na imaginação.”

No recreio Aninha lhe sorria — um sorriso espontâneo e amistoso, como se fossem amigas revendo-se após algum tempo de separação.

— Como é que você se chama? — ela perguntou, e começaram a conversar.

— Quando Francisca vem, não faz outra coisa a não ser andar a cavalo. — Alice contempla a terra revolvida, os calhaus esfarinhados, tudo pronto para semear. — Gosta de percorrer tudo a cavalo. Vai à vila, embrenha-se pelos matos. É muito atirada. — Agora abre a sacola das sempre-vivas. Apanha um punhado de sementes, e fica suspensa por um curto lapso de tempo com as sementes numa das mãos e a sacola na outra, como se não soubesse o que fazer.

— Você nunca vai com ela?

A pergunta de Clara tira-a do devaneio, desse transe de ausência, e diz enquanto semeia com vagar o canteiro:

— Algumas vezes sim... Mas eu quase não saio... — além do que, Alice pensa, quando saía para cavalgar em companhia da prima seguia sempre com elas uma agregada velha, negra forra, que servia na casa. Ia com a incumbência de dirigir o passeio e, de forma não explícita, vigiar Alice, que se aborrecia com aquilo e às vezes desistia de sair, “pois é preferível ficar em casa a andar vigiada como uma criminosa”. Mas preferiu omitir essas particularidades humilhantes, e não disse nada a Clara.

Clara, porém, se recorda de como se tornaram íntimas logo no primeiro dia. Ana tinha a pele bem morena, olhos vivos e negros, o rosto redondo, e nela nada podia ser mais agradável que a boca pequena e de lábios rosados, quando sorria.

“Tinha dentes grandes e brancos” ela pensa.

Tia Rebeca vem, agora, na direção das duas, com Estefânia falando sempre e rindo alto, espalhafatosa. Clara finge não ver, baixa a cabeça para que o aborrecimento não transpareça em suas feições. Sente um aperto no coração quando a madrastra senta-se ao seu lado, abraçando-a.

— Fazendo companhia à prima jardineira, não? — diz com um sorriso falso. Clara não responde.

— Alice — Rebeca diz —, sabe que não lhe fica bem exercer uma atividade tão subalterna, mesmo para distrair-se.

Alice imobiliza-se, olhando para o chão.

— Não tenho nada a fazer agora — diz.

— Oh, Deus! — faz Rebeca com um muxoxo, balançando a cabeça numa reprovação.

Mas Estefânia sorri para a sobrinha, com pena. “Pobre garota” pensa, “um bichinho do mato” e acompanha Rebeca quando esta a convida para entrar.

Alice continua revolvendo a terra do canteiro, aliviada porque a mãe já não estava ali com seu olhar reprovativo e seu tom austero de repreensão.

Também aliviada, Clara esfrega com força a face onde fora beijada por Estefânia, como a limpar qualquer vestígio dos seus lábios, nódoa ou mancha que deles ficasse em sua pele. Como se ardesse.

— Terminei — diz Alice depois de algum tempo. — Oh, esqueci o regador... — e deixa Clara sozinha, indo em direção dos fundos da casa.

É repousante a tarde, com um acento de tranqüilidade e paz que sobrevém com as sombras do crepúsculo — mas alguma coisa pesa (Clara, sozinha, o sente), uma espécie de indefinível tristeza que surge no coração.

“Onde está você, Aninha?”

Parecia vê-la, a menina de tranças, naqueles dias azuis e intangíveis. Haviam estado juntas por quase um ano.

“O que houve afinal conosco?” diz de si para si mesma. “Será que ela ainda se lembra de mim?”

O dormitório A era destinado às meninas do quinto e do sexto ano. Clara, de seu beliche, viu quando Aninha entrou.

— Clara! — ela exclama —, que pena, nossas camas não são próximas. — Então Clara levantou-se, correu entre os beliches e sentou-se ao lado dela, que cedo desfizera uma das malas mas não tivera tempo de abrir a outra e o fazia agora, arrumando suas coisas no armário anexo. As outras meninas, as idades variando entre onze e treze anos, faziam algazarra, entrando e saindo, brincando no corredor, alheias ao resto...

— Como poderemos conversar um pouco antes de dormir? — Clara pergunta, levantando-se enquanto a outra estica o lençol. Ana agora estende o cobertor e senta-se, sorrindo para a amiga.

— Fique à vontade — diz. Então Clara senta-se ao seu lado. Suas pernas se tocam.

— Vou te mostrar um livrinho de histórias — Ana diz, e salta em direção do armário.

Eram dez horas quando uma das inspetoras passou pelo dormitório e apagou a luz.

Alice surge ao longe, cantarolando. Clara a vê aproximar-se com o regador na mão. “Ela deve ser feliz” pensa.

— Mas a tia Estefânia não vem com frequência...?

— Uma ou duas vezes por ano — diz Alice.

— E nas outras ocasiões?

Francisca mantém a flor sob o nariz, olhando Alice. Havia abelhas sobrevoando as rosas, enchendo o ar com seu zumbido.

— Esta cerca é idéia da tia Rebeca, não?

Alice faz que sim com a cabeça.

— Engraçado, mas a tia Rebeca sempre me causou uma impressão... uma impressão de domínio — Francisca olha a cerca apoiando a mão em um dos fios tensos, como a avaliar sua capacidade de reclusão.

— Sim, está claro que Clara não gosta nem um pouco da tia Estefânia. Por isso recolhe-se, fica pelos cantos...

Mas logo se afasta com uma careta: acabara de descobrir entre os fios uma teia com um inseto preso, enovelado num casulo branco. Próximo, uma aranha negra e peluda vigiava.

— É certo que a tia Estefânia não a maltrata, não como uma madrasta perversa; ora, dá-lhe tudo de melhor... roupas, viagens... no entanto...

Refeita do susto, Francisca já se diverte em observar a esperta aranha desprender o casulo da teia, deixando-o pender um momento entre as patas, e soltá-lo por fim...

— ...no entanto — prossegue Alice — ela sempre se encolhe toda

quando tia Estefânia a abraça. Baixa a cabeça e, embora submissa, não consegue disfarçar o mal-estar que sente. — Fez uma pausa e acrescentou: — Pobre Clara. Nunca entendi isso... mas uma coisa me intriga também, agora que me lembro.

— E o que é? — Francisca olha a prima, desviando sua atenção da aranha.

— Uma coisa que mamãe disse na última visita da tia Estefânia.

Francisca pega uma haste de grama e mexe com a aranha, que se encolhe ao primeiro toque. Mas continua ouvindo Alice com atenção.

— Oh, bichinho, não precisa fugir — diz Francisca, já sem medo.

Mas a aranha corre com agilidade pela teia, indo refugiar-se no meio dos ramos. Francisca a abandona de vez. Alice parece pensativa, como se tentasse lembrar alguma coisa.

— O que a tia Rebeca disse?

— Eu havia perguntado à mamãe se não lhe parecia estranho o jeito como Clara e tia Estefânia se tratavam...

Pássaros agora pousam na cerca, no arame mais alto. Gorjeios soam como golpes de lâmina no ar da manhã. Francisca olha para a cerca, para os pássaros, atenta.

— Mamãe não quis comentar.

Rebeca encara Alice de forma incisiva. Esse o seu jeito de olhar a filha quando queria cortar o assunto ou evitar uma resposta.

— Eu acho que Estefânia devia preservar-se mais — ela diz, dando as costas à filha.

— Mas por que será...?

Volta-se, fixando-a, de repente.

— Esta cerca — diz Francisca — tem a cara da tia Rebeca. Não é uma cerca apenas, é como um muro, ou... mais, é como uma... proibição.

— Filha, esqueça as estranhezas da tia Estefânia. — Faz menção de afastar-se. — Ela devia ter um pouco de vergonha — e Alice ainda pôde ouvi-la dizer, já um pouco a distância e para si mesma: — Pobre menina.

Volta-se uma vez mais para a filha:

— Não pense mais nisso, proíbo-a, Alice — e sai.

Francisca toca os arames da cerca.

— Um muro, uma fronteira que resguarde a casa do mundo lá fora, como coisa proibida.

Alice senta-se no banco sob a árvore.

— Por que mamãe não quis falar da tia Estefânia e de Clara?, eis o que eu queria saber.

Pássaros levantam vôo do gramado, dos fios de arame, dos galhos das árvores. O mundo gira. No relógio da sala, o ponteiro avança, marca outro minuto.

— Por que será que ela disse “pobre menina”?

Francisca senta-se ao lado de Alice. A manhã possui o encanto do dia de sol, das abelhas que zumbem sobre as rosas, das aves que sobrevoam o jardim.

Mas havia a cerca.

Alice mudara-se para outro canteiro. Incansável, com uma faca velha escava mais intimamente a terra, arrancando o mato pela raiz.

— Se não cuidarmos, o mato toma conta — diz.

— Você gosta mesmo de jardinagem — comenta Clara.

— Oh, muito... também não há muito que fazer, quando não estou estudando.

— A prima nunca esteve em colégios, não é?

Alice não responde. Faz um movimento de cabeça e volta a escavar a terra do canteiro.

Ficaram a sós pela primeira vez uma semana mais tarde, na biblioteca do colégio: pouco antes do jantar fora encontrá-la ali, sozinha, distraída numa leitura; deteve-se então um pouco a distância. A luz do crepúsculo entrava, avermelhada, pelas grandes vidraças do aposento, e o rosto da menina adquiria uma luminosidade fugaz, tão fugaz que minutos mais tarde já não existiria, mas que nesse momento lhe conferia uma beleza quase incorpórea. Então sentiu um calor pelo corpo, o coração acelerar, e aproximou-se com cuidado, mas Ana ouviu-lhe os passos.

— Que está fazendo? — perguntou Clara.

Alice escava a terra com a faca.

— Não — diz por fim —, eu e meus irmãos sempre tivemos professores particulares.

Clara observa Alice curvada sobre o canteiro, de joelhos na grama, o vestido com manchas de terra.

— Desde os sete anos — acrescenta.

Clara está ao lado de Ana, que lhe volta o rosto com um sorriso. Passa os olhos pelas páginas do livro aberto sobre a mesa e depois se afasta, indo até a janela. Do terceiro andar viam-se os arvoredos do parque enegrecendo na escuridão que pouco a pouco se intensificava. Além dos arvoredos uma fita branca se dissolvia, mas podiam ver-se vultos que seguiam por ela. Mais adiante casas, luzes que se acendiam, mas muito além, muito ao longe, uma montanha alta, um pico crescendo contra o céu, dourava ainda ao sol que se punha. Havia uma faixa vermelha no céu, ao fundo, detrás dos montes. Uma faixa que se descoloria lentamente...

Clara volta-se para Ana, que já não lia, ainda que o livro permanecesse aberto à sua frente. Contemplam-se um momento, como havendo palavras suspensas em seus lábios, palavras ditas através do silêncio.

E agora, de frente uma para outra, não se falam, embebem-se nessa con-

templação descobrindo em seus rostos iluminados pelo ocaso uma outra luz, uma coisa para a qual não tinham nome.

— O que você quer? — murmurou Clara baixinho, quando a outra se chegou até ela, aproximando os lábios quase a roçarem seu rosto.

Ana se deteve à pergunta, imobilizou-se, sentindo próxima a respiração da amiga. Suas faces se tocaram quando Clara reclinou a cabeça em sua direção. Ana fechou os olhos e deixou-se tocar, sentindo um arrepio percorrer-lhe o corpo... mas de súbito afastaram-se uma da outra, encarando-se perplexas e ruborizadas.

Evitavam olhar-se agora, os lábios trêmulos e as palavras perdidas de seu entendimento. “O que foi que fizemos” pensaram, “o que houve afinal?” Mas do pátio veio a súbita salvação: uma estridente campainha anunciou a hora do jantar, e foi com alívio que Ana pôs-se de pé.

— Está na hora — Clara diz, ainda confusa, mas tentando restabelecer a calma —, vem comigo?

— Vá na frente, eu sei o caminho — Ana respondeu de forma cortante, para disfarçar seu acanhamento.

Clara olhou-a com surpresa, contraiu o rosto magoada, mordeu os lábios. Saiu sozinha da biblioteca.

Ana permaneceu de pé no mesmo lugar por um minuto, dois... quanto tempo? Por que essa inexplicável sensação de angústia diante da porta pela qual Clara havia saído, do corredor às escuras onde já não se ouvia o som de seus passos? “Estou sozinha aqui” ocorreu-lhe então, “por que ela me deixou sozinha aqui?”

Mas no andar de baixo uma chusma de alunas envolve-as, a ambas, já distantes uma da outra, encaminhando-se todas com grande alarido para o refeitório.

— Todas as matérias curriculares são dadas, mas mamãe faz questão de que eu aprenda piano também.

Alice põe-se de pé.

— Acho que terminei por hoje. Vamos para dentro?

O sol não se pusera ainda. Os montes azuis ao longe tinham agora como fundo um céu transparente, líquido, amarelo claro. Nuvens avolumavam-se em castelos, que subiam rumo ao zênite. Nos lugares mais baixos, porém, ao pé das montanhas ou na extensão dos vales, a sombra avançava devagar...

— Fico mais um pouco — Clara responde.

Alice dá de ombros, sorri e a deixa só. Clara continua olhando para o horizonte como para aqueles dias doces do último ano no colégio interno. Lembra.

Sim, havia a cerca.

— Talvez o proibido esteja lá fora — diz Alice.

— Como?

Alice sorri da surpresa da prima.

— Eu sou a única filha de minha mãe. Júlio e Célio são meninos... homens... Filha mulher precisa ser mais resguardada, você não sabe?

— Meu Deus, você nunca sai?

Alice baixa os olhos. Francisca olha para a cerca, agora mais hermética. Havia alguém agora na estrada em frente.

— É ele — diz Alice. — O filho do carrasco.

O rapaz lança uma olhadela para o jardim, sem ver ainda as meninas.

— Filho do carrasco?

— É que o pai dele executava criminosos na forca, isso há muito tempo. Creio que eu nem era nascida na época do último enforcamento.

O rapaz se detém olhando as árvores do jardim. Ainda não percebeu as duas meninas detrás das roseiras entrelaçadas com a cerca.

— Ouvi tia Lourdes comentando com mamãe — Alice cochicha no ouvido da outra. — O pai hoje vive bêbado, porque não consegue tirar da cabeça as mortes que fez.

— Ora, mas não eram condenados?

O rapaz por fim avista as garotas, descobre seus vestidos atrás da ramaria, e pára, olhando.

— Viu a gente — diz Francisca encolhendo-se. Alice não responde. Vigia o rapaz, que volta a andar baixando a cabeça.

— Como está mal vestido! — diz Francisca.

— Fale baixo! — sibila Alice, repreensiva.

O rapaz segue pela estrada fingido indiferença, como se não houvesse mais ninguém por perto. Afasta-se, mas antes de distanciar-se volta um pouco o rosto: ele e Alice vigiam-se um ao outro.

— Ele é bem bonito — diz Alice.

Mas o moço já seguia em frente, sumindo na estrada.

— Bonito? Está como um mendigo!

Alice fica olhando a estrada por onde ele se fora.

— E daí? — diz. — Continua sendo bonito.

— Como é o nome dele?

Alice dá de ombros.

— Ouvi mamãe dizer que são gente baixa — diz. — Não entendo isso.

Mas os olhares trocados agora tinham um significado secreto que não confessavam. Talvez hesitassem em se falar, ou pelo risco de não dizerem as palavras certas ou pelo receio de não se compreenderem, ou ainda temendo um gesto de rejeição. Pois era certo que aquela resposta brusca — “Vai na frente, eu sei o caminho” — havia magoado Clara, que naquela noite deitou-se sem o boa-noite habitual da amiga; e pela manhã no refeitório sentaram-se em mesas diferentes, uma ainda magoada, a outra sem saber o que dizer para corrigir seu erro involuntário.

“Mas não era necessário dizer nada” pensa Clara, enquanto o horizonte se enche cada vez mais de nuvens. O sol ainda não se pusera, mas as árvores do jardim o escondiam agora. “Tudo se resolveria tão naturalmente, sem atropelos, sem constrangimento algum...”

Não havia sorriso de uma parte nem de outra agora. Só aquele olhar tímido e fugidio às vezes, por não conseguirem encarar-se muito tempo. Tal distanciamento durou aquele resto de semana, durante o qual apenas se olharam de longe e tão só de relance, “ainda que desejássemos estar perto uma da outra, ah... e como o desejávamos!” — mas não decidiam aproximar-se outra vez, pois se era verdade que o incidente da resposta indelicada já no segundo dia, no terceiro se tanto, fora esquecido, o mesmo não se podia dizer do resto: ainda que não houvessem compreendido bem o que se passara entre ambas aquela tarde na biblioteca, quando acontecia encontrarem-se a sós sentiam um calor no rosto, olhavam para outro lado e se afastavam apressadas para esconder o rubor de suas faces.

Nos finais de semana as internas tinham permissão para se dispersarem pelo parque, uma espécie de jardim muito amplo e arborizado aberto a todos e para onde afluíam moradores da cidade e ocasionais turistas. Havia brinquedos para as crianças menores, enquanto os adultos podiam sentar-se em bancos sob as árvores e conversar. As meninas do internato dividiam-se em grupos, ou para os jogos ou para passearem, sempre sob o olhar atento das preceptoras. Nunca deviam afastar-se da área mais freqüentada: a certa altura a vegetação fazia-se mais densa, as sombras mais profundas, e por fim era mata fechada, pela qual metiam-se uns trilhos ermos e quietos, acidentados, sinuosos.

— E não fica bem que meninas estejam sozinhas em lugares assim — advertia a diretora antes de cada passeio.

Pois no sábado seguinte Ana e Clara haviam ido ao parque com as demais alunas quando, no ajuntamento, suas mãos se tocaram. Encararam-se, de súbito ruborizadas, tímidas sorriram, baixando os olhos.

O grupo dispersava-se agora. As preceptoras punham-se estrategicamente aqui e ali, atentas, e as crianças menores se amontoavam à volta do lago, no centro do parque, mas Ana deteve-se na ponte sobre o regato. Ao seu lado, Clara tirou do bolso do vestido farelos de pão, que jogou no lago atraindo peixinhos coloridos.

— Pensei que estivesse zangada comigo — disse Ana.

As duas deixaram a ponte e, meio à correria geral, caminharam do outro lado do regato, como graves senhoras.

— Mas afinal...

Uma das preceptoras lhes sorri, como a lembrá-las de que não deviam ir longe. Havia um banco vazio sob um carvalho. Clara é a primeira a sentar-se.

— Na semana passada havia menos pessoas aqui — Ana olha em volta a multidão.

Senhoras com seus rebentos, homens de caras sérias, moças acompanhadas de seu noivos, uma infinidade de sombrinhas, chapéus e bengalas, de pezinhos miúdos em agitação, o constante farfalhar das sedas.

— Eu não vim no último domingo.

Enquanto Clara está sentada, em pé e evitando seus olhos Ana distrai-se com o burburinho.

— Ficou estudando, ou o que foi? — diz, fingindo uma indiferença tranqüila.

Um menino de cinco, seis anos, atira uma bola de meia em sua direção, e Ana a apanha no ar.

— Vem pegar — ela diz.

Quando o menino corre dali com a bola, uma jovem senhora que observava a cena lhe sorri.

Outra vez a bola vem, agora rolando, em direção dela que a apanha e a devolve; o menininho parecia ter simpatizado com ela, mas a brincadeira não continua pois outros meninos da mesma idade o envolvem e o arrastam dali.

— Vamos até lá — Ana aponta para o fundo do parque. — Há umas árvores enormes naquela direção.

E segue na frente, não espera pela companheira que, ficando para trás, a observa esquecida, com íntima sensação de prazer. Ana ia bem adiante mas se detinha às vezes, voltava-se, fazia com a mão um sinal para que Clara se adiantasse, e seguia em frente sem esperar por ela. Clara, no entanto, sentia-se satisfeita apenas em segui-la a distância, acompanhar com os olhos suas evoluções entre as árvores.

então se deu conta de estar apaixonada pela amiga

Alguns senhores passeiam, fumando graves cachimbos, entre as árvores. Um casal passa conversando, animado, em voz alta. Mais ao fundo, onde Ana se detém sob uma paineira...

— Veja como é grande!

...há poucas pessoas espalhadas pelos bancos. A algazarra parece distante, o vozerio soando ao longe. Ouvem-se, nítidos, os passos dos caminhantes próximos, e suas vozes são claras.

— Eu não gosto de estar no meio de todo mundo — Ana diz quando Clara se aproxima. — Vamos sentar naquele banco?

E agora estão em silêncio.

Um pássaro gorjeia de repente, um canto claro e sonoro, que chega a ecoar no fundo mais denso das árvores.

— Um pouco mais para adiante já é mata fechada — alguém diz perto dali. Outra pessoa responde, indagando:

— E não há trilhas?

As vozes se afastam.

— Sim, há trilhas...

— Talvez seja possível mesmo caçar lebres.

— Tinha vontade de ir lá, dentro da mata — Ana diz.

— Sozinha eu teria medo.

E só. Seguem-se longos minutos, as palavras e o ímpeto de soltá-las retidos na língua pelo embaraço.

— Pensei que você estivesse de mal comigo — Ana diz por fim. — Afinal — acrescenta, lembrando-se da resposta brusca que dera a Clara aquela tarde na biblioteca —, eu fui bastante indelicada... — mas Clara não responde. Fica balançando os pés e olhando o movimento de ida e vinda de um batalhão de formigas cortadeiras que haviam feito uma trilha rente ao banco.

— Deve haver um formigueiro em algum lugar por aqui — ela diz.

— Ah — Ana de um salto está de pé —, deve ser no meio daqueles arbustos — e põe-se a procurar o formigueiro, seguindo a trilha feita pelas formigas. — Mas não — ela diz ao fim de algum tempo —, não é aqui. Talvez mais adiante — e permanece imóvel, cismando. Clara a observa assim de costas, cabeça baixa, olhando a trilha das formigas que se internava pelo mato alto entre os arbustos; e não consegue desviar os olhos quando Ana, súbito, volta o rosto em sua direção.

Então já não há sobressaltos, e os gestos contidos são livres outra vez. Que enfim se dão conta de seu desejo recíproco e de que ao se tocarem não haverá nenhum movimento de aversão mas de aquiescência, e quando uma pousar os lábios sobre os lábios da outra, esta não desviará o rosto mas os receberá úmidos e quentes entre os seus.

Assim se beijaram pela primeira vez.

— Mas acontece — prossegue Alice — que mamãe sente verdadeira repulsa por eles.

— É como você sabe?

— Um dia perguntei a ela... — Alice volta-se para a prima. — Ele sempre passa aí, creio que vai ao armazém da vila fazer compras. Então fiquei curiosa e perguntei à mamãe quem era aquele rapaz. — Alice recosta-se no tronco de uma árvore. — Mamãe respondeu que eu não deveria interessar-me por gente assim e proibiu-me de tocar outra vez no assunto.

Agora os beija-flores procuravam as rosas na cerca. Ouvia-se próximo o sibilar de suas asas.

— Ei-los aqui de novo! — exclama Francisca.

— Mas não foi só dessa vez — Alice prossegue. — Um dia, no último verão, ouvi mamãe dizer a tia Ludmila que esse carrasco representava uma ameaça... Mas para quem ele representaria uma ameaça? Quando me apro-

ximei, minha mãe mudou de assunto, olhando de um jeito muito especial para tia Ludmila, que compreendeu e não tocou mais no nome deles.

Uma cabecinha loira surdiu ao fundo, dentre as árvores do pomar. Os meninos apareceram e desapareceram quase de imediato. Júlio, o mais velho, com treze anos, e Célio com doze. Os irmãos de Alice.¹

— Então tomei coragem e perguntei à mamãe o que tinham de tão especial esse homem e sua família. Ela me olhou muito séria... sua voz era branda, mamãe nunca eleva a voz...

Rebeca impôs à filha seu olhar tranqüilo, incisivo — como a voz, que não se alterou.

— Já lhe proibi esse assunto, Alice. Espero não ser desobedecida.

E Alice baixou os olhos, submissa.

Abre os dedos lassos, deixa cair junto ao tronco o guarda-sol fechado.

Espreguiça-se. Além da cerca, a estrada branqueja.

— Quero lhe contar uma coisa, Francisca.

Francisca havia sentado na relva, também recostando-se a um tronco. Seu vestido, uma pincelada branca sobre o verde da grama para quem olhasse de longe.

A sombra amenizava o calor. A estrada era visível entre o vão das roseiras, mas Francisca ergue o rosto para a prima.

— Eu conversei com ele.

Havia também o irmão de Francisca, um menino de dez anos de idade chamado Lúcio, e as gêmeas Andréia e Anita, filhas da cozinheira. Completaram treze anos há pouco e, em magnânima concessão, Rebeca permitia-lhes brincar com as crianças da casa. Sentia-se bondosa e justa por isto, pois as meninas eram filhas de subalternos. Também Jorge era filho de um subalterno (não tinha mãe, e o pai trabalhava nos estábulos da fazenda); e não era ele, pergunta-se Rebeca, quem seguia na retaguarda do grupo rumo ao pomar, conversando com sua sobrinha Glenda?

Glenda, a filha de Ludmila, filha única e mimada de um casal que vivia desesperançado de prole — até que a mulher certa manhã acordou tendo vômitos, e a esperança ressurgiu. Quando o ventre começou a avolumar-se, a esperança se confirmou, e Glenda tinha agora onze anos — como Jorge. Crianças: eram todos crianças ainda, e eram felizes.

Francisca se espanta.

— Conversou?!

Alice faz que sim com a cabeça. Ruboriza-se, desviando os olhos, mas volta a fixar a prima um segundo depois.

— Com o filho do carrasco?!

Alice vai até a cerca e fica olhando a estrada.

— Aconteceu dois meses depois do meu baile de quinze anos.

As sombras agora se faziam nítidas. Na brisa do crepúsculo de primave-

ra, resquícios do frio de inverno; e no silêncio do jardim, o ruído dos galhos e das folhas vinha como um sussurro. Por vezes, intensificando-se, o vento assoviava fininho no arame, para silenciar em seguida. Clara caminhou ao longo da cerca até enxergar o sol outra vez, o céu ao longe em tons amarelos e laranja, enquanto ali escurecia. Ouviu passos, ainda distantes, descendo pela calçada entre as alamedas na parte lateral do jardim.

Era tarde da noite quando, semi-adormecida, sentiu um toque no ombro.

— Quem é? — ciciou.

— Psiu — fez a menina —, está na hora.

Clara sentou-se na cama. Ergueu um pouco a cabeça e ficou prestando atenção. Silêncio. O ressonar das companheiras adormecidas. Pôs os pés para fora e calçou os chinelos.

— Aonde vamos? — perguntou Clara baixinho enquanto saíam do dormitório.

— À biblioteca.

Subiram para o terceiro andar.

Os passos se haviam detido na orla do gramado. Havia alguém ali, mas Clara não se voltou para ver — preferia contemplar o sol pôr-se com lentidão detrás dos montes. Em breve sumiria por completo e o azulado da distância tornar-se-ia um tanto mais escuro. Era quando vinha aquela angústia suave da hora que anoitece, em que ela está só.

No entanto alguém está ali — observa-a de longe, da orla do gramado, mas Clara não olha.

As duas meninas eram apenas o branco das camisolas deslizando ao longo dos cômodos vazios. Não havia luzes acesas, mas por uma janela de grades no fim de um corredor entrava a luz da lua. No terceiro andar, ninguém, e a porta da biblioteca como de costume permanecia encostada.

Clara vai até a vidraça. O clarão da lua faz de suas formas uma quase sutil impressão, pinceladas fluidas no espaço.

— Veja como a noite está bonita.

Embaixo, no pátio, um par de lampiões com sua luz tímida. O parque, ao contrário, um só negrume. A lua, através da vidraça, iluminava o recinto. Longe, no entanto, as mesas, as estantes, os objetos diluíam-se na penumbra líquida.

Ana toma a companheira pela mão.

— Venha — diz.

Sentam-se no sofá, olham-se na meia obscuridade, mas a brancura cúmplice dos seus sorrisos se destaca — não porém o rubor que mais uma vez assoma às faces e não pode ser visto.

Brincam com suas mãos, entrelaçam-se os dedos, que uma tomando os da outra leva à boca, envolve-os com os lábios, com a língua. Que uma puxa

para si o corpo da outra, roçando-se as faces, e muito próximas assim sentem seu hálito morno e o ciclar da respiração que aos poucos se acelera. Quando uma pousa sua boca sobre a boca da outra, e a língua ainda tímida avança entre seus lábios.

— Eu amo você — diz.

Permanecem abraçadas.

— Nós somos meninas — diz.

— Somos.

— Não é estranho?

— Estranho?

— Que sendo meninas estejamos apaixonadas uma pela outra?

E uma delas sente a ligeira pressão que a companheira exercia com a coxa contra seu púbis.

— Que importa?

Meio erguidas no sofá, muito juntas, fitam-se, apertam-se os corpos num abraço demorado.

— Não importa.

Os passos agora vêm pelo gramado, e Clara adivinha quem se aproxima. Não, não vai voltar-se, fingirá que não percebeu sua aproximação, sua odiosa presença. Por que ela tinha de aparecer ali agora?

...no momento da lembrança de quando seus corpos infantis começaram a despertar para o desejo...

“Ninguém nunca desconfiou de nada” pensa. “Ainda bem. Foi o melhor tempo de minha vida.”

Certa noite Ana permanecera deitada no sofá, a cabeça apoiada em seu colo. Haviam conversado muito, falando das banalidades de seu dia-a-dia no internato, até ficarem em silêncio por algum tempo, a lhes bastar a companhia recíproca, o sentir uma a presença doce e quente da outra no escuro, na quietude da noite. Quando Ana, súbito, beijou-lhe a coxa que, erguendo-se, a camisolinha de algodão deixara nua. Clara se recorda da surpresa e de como permanecera imóvel ao toque delicado dos lábios e da língua da companheira em sua pele. “O que você está fazendo?” disse, mantendo a camisola acima da cintura, e sentindo com espanto os beijos ansiosos da outra em sua coxa, em seu ventre, e as mãos que tentam arrancar sua roupa de baixo...

Mãos que pousam no ombro de Clara, no jardim — Clara, que estremece, e se vira, e troca com a madrastra um olhar repleto de ódio, mas logo após baixa os olhos, submissa.

— Que é isso, minha menininha? — a voz cheia, insinuante e quase grotesca, ao ver que Clara tinha os olhos úmidos.

— Que quer?

Estefânia chega à cerca. Na estrada passa uma família de colonos a cava-

lo, rumo à vila. Entre eles, uma moça segue olhando sempre para Estefânia e Clara no jardim.

— Bonita aquela moça — diz Estefânia à enteada.

A moça vai adiante, mas volta a cabeça uma ou duas vezes. É morena e robusta, de rija e agreste beleza. Um lenço vermelho cobre-lhe os cabelos.

— Vou perguntar a Rebeca que família é aquela.

Os colonos estão distantes agora. Mas a cabeça com o lenço vermelho volta-se uma vez mais.

— Você sabe o que quero — Estefânia sorri. — Mas eu posso esperar.

Afasta-se, olhando a enteada uma ou duas vezes enquanto vai pelo gramado, sempre com o mesmo sorriso.

Clara apóia as mãos no arame da cerca e pousa a cabeça nos braços. Fecha os olhos, respirando fundo. Mas não reprime as lágrimas. Aperta a mão nas farpas do arame, que lhe entram na carne. Sim, por que ela viera justamente agora? Por que lhe destruíra esse momento de encanto?

“Ainda te verei, Aninha? Ainda te verei?”

O sol se pusera por completo, e no jardim as sombras se tornavam mais densas, enquanto o vento nas folhagens parecia falar de dor. Clara olha em volta, e a solidão — não do jardim, mas da vida — pesa-lhe. De sua mão, o sangue pinga, pinga, pinga...

É hora de entrar. Está frio, e enquanto caminha entre as alamedas rumo à casa, o jardim, pouco a pouco, converte-se em noite.

Escurece.

— Mas como foi isso? — pergunta Francisca curiosa.

Com que então a tímida Alice desafiara a mãe — a mãe que, sempre severa e com seu olhar incisivo, com sua voz fria e determinada e sua atitude de senhora de provinciana nobreza, impusera-lhe a terminante proibição de até mesmo mencionar “aquela gente”.

— Foi num dia de manhã... eu tinha vindo concluir um canteiro que começara a cultivar na véspera, e o vi passar na direção da vila.

Alice volta as costas para Francisca. Como prosseguir se continuasse olhando a prima nos olhos?

— Ele me viu mas fez que não viu — continua Alice — e foi andando. E eu fiquei olhando para ele.

A estrada, no entanto, estava vazia agora.

— Fiquei aqui até que ele voltasse, e quando ele voltou viu que eu o espreitava, percebeu que o havia esperado.

Alice interrompe a narrativa, como se esperasse vê-lo vindo pela estrada. Mas a estrada permanecia deserta.

— O primeiro olhar dele foi de raiva. Pensei que fosse em frente, mas depois de já ter passado parou e olhou para trás.

Francisca põe-se de pé, bate o vestido e as folhas secas grudadas no te-

cido fino caem. Arrependera-se de ter sentado na grama: formigas já lhe subiam pelo corpete.

— Então ele parou, indeciso.

— Ainda bem que essas formigas não picam.

— E veio em minha direção.

— E você não teve medo?

— Não... além do mais havia a cerca entre nós...

Francisca olha para a cerca, hermética feito muralha. A cerca e tia Rebeca tinham aquilo em comum, pensa. A quietude e a inflexibilidade de uma muralha.

Ainda não entendia como Alice desafiara a mãe, mesmo que esta de nada desconfiasse.

— Então ele chegou até ali, bem ali do outro lado, e ficamos olhando um para o outro.

— E ele?

— Olhou-me de cima para baixo, como a querer dominar-me... odiava-me naquele momento, vi isso nos olhos dele. Então perguntou por que eu o estivera espiando.

Francisca não podia esperar da prima uma atitude como aquela. Que desejasse falar ao estranho, que sentisse curiosidade, mas para ela razoável seria manter-se a distância, reprimir seu desejo, porque não era assim que determinara tia Rebeca? Não era esta a ordem?

— E se tia Rebeca aparecesse?

— Mas não apareceu. Eu respondi que olhava para ele à toa, mas ele disse: à toa não pode ser. Disse que eu pretendia debochar dele, mas que eu ia ver. Então recuei um passo, assustada.

Alice recorda o encontro. Fora ali naquele mesmo lugar, do outro lado da cerca, que ele estivera.

— Eu respondi que nunca pensara em zombar dele, e então ele pareceu subitamente feliz... e seus olhos brilharam...

Alice abre a sombrinha e volta a caminhar pelo gramado, abraçada à prima.

— Mas nenhum outro sinal em seu rosto demonstrou isso. Só o brilho dos olhos...

— Alegro-me que você tenha desobedecido a tia Rebeca. Mesmo que ela não saiba disso.

Alice sorri.

A manhã mostrava-se plena como a juventude, ela pensa, essa manhã mágica que fazia belas todas as coisas — esse renascer de um dia que era o mesmo de ontem, apenas modificado; esse renascer de um dia que desejava eterno. Sentia-se feliz. Portanto decidira não permitir que algo obscurecesse essa felicidade, ou desse à manhã uma cor sombria, à música da natureza

viva uma nota que destoasse. Mais que nunca nesse momento queria esquecer, e mesmo achando-se injusta — pois Rebeca, era certo, a amava —, não queria pensar naquilo agora, porque à sua volta e também dentro de si só havia essa manhã.

— Vamos até o rio — disse.

O rio, na verdade um riacho largo e raso que corria pela lateral da casa, margeava o jardim. Podia-se atravessá-lo por uma pontezinha de madeira que havia mais adiante.

— Ele então me disse seu nome: Teodoro, e como não perguntasse o meu, eu me apresentei.

Atravessam o jardim com vagar, ora detendo-se diante dos canteiros coloridos a se despedirem da primavera com suas flores, ora acompanhando a trajetória nítida e sonora dos pássaros contra o fundo azul do céu.

— Eu sei o nome da senhora, ele disse, e então me dei conta de que todos aqui devem conhecer-me... por certo a filha de “dona Rebeca Veiga Albuquerque” não é uma estranha.

Agora estão à margem do riacho. Sobre o leito de areia, com pequenos seixos arredondados, corria uma água clara a produzir um doce rumor que se harmonizava com a suavidade do dia.

— Um dia ele pousou a mão sobre a minha, apoiada no arame da cerca, e eu me assustei.

As meninas sobem para a ponte e suas sombras projetam-se na água.

— As águas passam — diz Francisca, displicente —, mas a sombra fica.

Sentado ao sol, em sua cadeira de palhinha como fazia todas as manhãs, lá estava o tio Alberto. Havia tirado o casaco, a camisa branca ofuscando à distância. Consigo o livro de costume que, enquanto se deixava ficar sob o sol, nem sequer abria. Reclinado, fechava os olhos — não para dormir. Queria aproveitar o mormaço, aquecer-se, mas nunca por muito tempo, que o calor logo o obrigava a procurar abrigo na varanda.

— Mas depois sorrimos um para o outro.

Viu de longe Alice e a prima sobre a ponte, e acenou para elas. No colo, fechado, o primeiro volume d'O Conde de Monte Cristo, no qual uma fita amarela servia como marcador de páginas.

— O tio Alberto — diz Alice. — Todas as manhãs põe a cadeira ali por mais ou menos trinta minutos, e toma sol.

— Pensei que não fosse levantar tão cedo hoje.

— Oh, mas ele se recolheu antes da meia-noite — replicou Alice.

O tio Alberto, a cabeça apoiada para trás no encosto da cadeira, tinha as faces claras avermelhadas pelo calor.

— Com que idade estará o tio Alberto?

Alice volta a olhar para a estrada ao longe.

Vazia.

Francisca contempla o velhote ao sol, que nesse momento procurava afastar com as mãos algum mosquito importuno. Vê-lo sentado ali na tranquilidade do jardim proporciona à menina uma reconfortante sensação de bem-estar, algo como uma paz que, tomando conta do seu ser, a fizesse sorrir de puro contentamento e sentir mais intensa e perene a sua juventude. Era como se aquela imagem — o ancião ao sol, recostado na cadeira de palhinha e tentando afastar com as mãos os mosquitos — fosse perdurar-lhe na mente enquanto vivesse, renascendo-lhe ao lembrar aquela sensação de paz, uma paz que nem sempre se conhecia tão plena.

Sentiu que amava o tio Alberto, não por ser um velho e distante parente, não por ser o ancião de voz miúda que desde garotinha a punha no colo para contar histórias, não: amava-o mais agora porque podia vê-lo ali, ao sol, e para sua surpresa encher-se dessa paz. Talvez pela primeira vez naquela manhã Francisca tivesse plena consciência de sua felicidade. Falou disso a Alice, que olhou para o tio Alberto e sentiu o coração invadido por uma terna melancolia.

— O irmão mais velho de vovô — disse. — Vovô morreu muito jovem, com pouco mais de quarenta anos. Depois, um a um, todos os outros morreram... só ficou o tio Alberto.

O velho espreguiçava-se, olhando em volta, os olhos repousando na extensão verde do jardim, do pomar, e mais para longe, na distância das montanhas, onde pontos brancos e semoventes eram o gado pastando.

— Depois eu avancei minha mão outra vez... e nossos dedos se tocaram, e então sorrimos um para o outro, contemplando nossas mãos juntas.

O disco brilhante do sol já se erguera de todo na manhã, e o calor aumentava. Hora de procurar a varanda, o abrigo. O volume de Dumas Pai quase lhe cai das mãos quando se levanta. “Deve ser perto de oito horas” pensa.

— Agora ele vai para a varanda — diz Alice olhando-o mover-se com vagar, como fazem os velhos cujos movimentos não têm mais desembaraço e segurança, nem seus passos a mesma certeza.

Francisca permanece na ponte, enquanto Alice alcança a outra margem.

— Você entende? — pergunta levantando o rosto para a prima.

— E o que aconteceu depois?

Alice depõe na grama o guarda-sol, aberto, e descalça os sapatos. Tinha por hábito caminhar pela areia da margem sem os sapatos, e às vezes mesmo pelo leito do córrego, cuja água lhe cobria os tornozelos. Rebeca repreendia na filha “hábitos tão vulgares, Alice, que você não os recebeu de mim”. Alice não retrucava, submetia-se à vontade da altiva senhora, essa mulher de atitudes esmeradas e educação européia, mas quando desobedecia — tentativas tímidas de solitária rebelião — não tomava cuidado para não ser surpreendida. Nesse momento, por exemplo, não lhe ocorria que a mãe

pudesse estar espreitando detrás de alguma vidraça. Tampouco se importaria com isso.

— Mas é preciso mais — dissera-lhe Francisca certa vez. — É preciso algo que espante... que choque a tia Rebeca.

Alice, contudo, não tinha coragem ainda para tanto. “Nem sei do que a mamãe seria capaz se eu fizesse algo assim!...”

— Ora, a tia Rebeca! — disse ainda Francisca, aborrecida com a submissão da prima.

— Ele foi embora e não o vi mais. Faz tempo não o vejo passar para a vila. — Sentia os pés afundando na areia úmida e macia.

— Gostaria de vê-lo outra vez — acrescentou.

E olhou para a estrada. Teodoro passava naquele momento rumo à vila. Alice, esquecida de tudo à sua volta, o vê passar, e mesmo Francisca chega a reconhecer que “sim, é um rapaz bem vistoso, apesar das roupas...”

Fora Glenda, no entanto, que outras alegrias tivera Ludmila em sua vida vazia?

“A minha vida vazia...”

— Tenho pena da tia Ludmila — diz Alice com negligência. Francisca olhou para ela sem entender.

Sim, em sua vida vazia, pensou Ludmila ao olhar detrás de uma vidraça os meninos que corriam rumo ao pomar, porque uma única coisa conseguira na vida, e mesmo assim quando as esperanças já eram poucas: uma filha.

Glenda e Jorge haviam parado sob uma goiabeira, e a menina apontava alguma coisa entre a folhagem. Então Jorge subiu na árvore.

Para Ludmila agora os dias transcorriam na quietude de um casarão sob cuja soleira rebrilhava, soberbo, o brasão de família do marido ilustre, o Conde D’Olivais. No início desses dias longos errava solitária pela casa em penumbra, detrás dos reposteiros escuros sempre corridos, os passos abafados por tapetes orientais que recobriam o chão: era um fantasma silencioso e sem rosto às vezes no fim de um corredor, ou espreitando detrás das vidraças pela frincha entre as cortinas, ou então imóvel no meio de um salão, como a não saber para onde ir; e descendo ao jardim antiquíssimo, em cujas árvores o musgo atestava em tons de cinza e verde nos velhos troncos a austeridade do tempo inflexível, sentia, na opressão do silêncio secular aprisionado ali, o sentido pleno de estar só. Além dos criados, quem mais havia ao seu redor?

Agora Glenda e Jorge buscam pelos outros meninos espalhados no pomar, e por sua vez desaparecem entre as árvores.

Augusto de Castro Alvarenga, Conde de Olivais, sempre fora um homem arredo mas de maneiras polidas, de hábito falava em tom de voz baixo mas incisivo, sem ser, contudo, cortante. Tinha um jeito de olhar-sem-ver, e quantas vezes o descobrira de olhos fixos em si sem que a estivesse enxergando!

— Tia Ludmila casou-se muito jovem com um homem que não amava — diz Alice.

— Como você sabe que ela não o amava? — Francisca descalça os sapatos e, levantando o vestido um palmo acima dos tornozelos, pisa a areia úmida.

— Um dia ela me disse. Tia Ludmila viera a passeio... Glenda ainda não tinha sete anos.

Ludmila, sobre a ponte, olhava Alice de pé na areia, os pés afundando e formando pequenas poças.

— Você está crescendo e ficando moça — dissera, admirando a beleza da sobrinha. Acrescentou: — Quando se tem a sua idade não se pensa no amanhã, nem na felicidade, como se o amanhã fosse uma coisa certa e trouxesse consigo essa felicidade.

Francisca levanta mais o vestido e entra na água, que lhe chega aos tornozelos.

— Que delícia! — exclama. — Como é bom pisar nas pedrinhas do fundo!... Sim, mas e daí? Continue.

Os olhos hipnotizados, fixos nas ondulações da água em que reverbera a luz, Ludmila por um breve momento está longe. Mas desperta de repente:

— Eu também fui menina nestas terras... na liberdade do campo...

— A senhora conheceu a liberdade dos campos — diz Alice olhando a tia com olhos compridos.

Alice segura a mão de Francisca sobre a balaustrada da ponte. Francisca lhe sorri de dentro do riacho. Sem querer deixara o vestido molhar-se, e achava graça.

— Tia Ludmila conhecia a liberdade nesses campos tão vastos — diz Alice. Francisca ainda ri.

— Quantas vezes na sua idade — prossegue Ludmila — eu também sonhei...sonhei que um dia iria ter o meu baile... a minha valsa — apóia as mãos na balaustrada; levanta a cabeça com um suspiro, os olhos voltados para o céu. Medita.

As palavras, e principalmente a aparência enfermiça de tia Ludmila sobre a ponte confundem Alice. Por que, naquela figura esbatida de mulher frágil e insegura, tão nítida melancolia? E por que essas confissões inesperadas?

— ...meu baile, minha valsa, quem sabe conheceria um... um príncipe, sei lá... coisas que certas meninas sonham... não, coisas que **todas** as meninas sonham.

Sorri para a sobrinha, prevenindo-a:

— Um dia tentarão roubar seus sonhos também, Alice.

Desceu da ponte, caminhando pela margem.

Então parou, e disse à sobrinha em tom de advertência:

— Mas você não deve deixar que isso aconteça, querida. Jamais... jamais o permita!

— O que acha? — perguntou Alice. De dentro do riacho, olhando para os pés mergulhados na água límpida, Francisca ouvia a prima com atenção.

— Ela disse isso e eu não entendi — continua Alice. — Agora entendo. Tia Ludmila casou-se aos dezenove anos com um homem de quarenta e cinco.

Então os meninos sumiram no arvoredor.

Não, Augusto de Castro nunca fora um homem terno, e se conseguira suportar a vida ao seu lado, não chegara a amá-lo. Não apenas pelo fato de ser vinte e seis anos mais velho que ela, mas por ele nada ter feito para que ela o amasse.

Depois, limitava-se à varanda, à quietude da rua em frente onde, raro em raro, via passar uma carruagem barulhenta. “Aqueles cavalos estão vivos”. E aí ficava num canapé, reclinada na inércia de uma existência imóvel como rocha, nem sequer olhando para o futuro.

— “Porque não há futuro... não há futuro.”

Mesmo quando descia ao jardim já não passeava: recolhia-se a um canto e permanecia quieta.

Sentia-se tão velha quanto aquelas árvores, aquela muralha de pedra, aqueles nichos onde floresciaam onze-horas tristonhas.

— “Mas a vida que me deram é maior do que essas muralhas” — refletia, a meio caminho do declínio. — “Mais intransponível e antiga que elas.”

Isso fora antes de Glenda nascer.

— “Mais morta que as onze-horas que floriram aqui há um século.”

E nos anos infundáveis e iguais arrastados no casarão da família Castro Alvarenga, cujo único remanescente era o próprio conde, Augusto recolhia-se para a biblioteca, onde se trancava, levando seus dias diante de um tabuleiro de xadrez — sozinho, a estudar a complexa estratégia do jogo.

Deixava-a só, pensa Ludmila, só, como se ela não passasse de um mero acessório do casamento e não sua outra metade. Como se fosse um móvel da sala, ou do quarto.

Iam-se os anos na esperança de um filho — ele, para ter um herdeiro; ela, para ter alguém consigo.

— Ouvi uma vez mamãe conversando com tia Ludmila sobre o tio Augusto — diz Alice, de novo sobre a ponte e debruçada no corrimão.

Francisca calçou os sapatos e voltou pela margem.

— Tia Ludmila reclamava de sua solidão. Se não fosse por Glenda, dizia ela, e Glenda tinha oito ou nove anos nessa época, se não fosse por Glenda até seria capaz de deixá-lo.

— Tia Rebeca deve ter-se espantado.

— Mamãe a repreendeu com severidade. Perguntou se ela podia recla-

mar de um casamento com um homem culto, milionário e que ainda por cima a tornara condessa. A casa Castro Alvarenga tem pelo menos setecentos anos em Portugal, disse mamãe.

— E tia Ludmila?

— Tia Ludmila disse que não viveria nem setenta, que lhe importava uma casa com setecentos?

— Oh, uma resposta afiada!

— Disse ainda que se casara para ter um marido, um homem que fosse “a cabeça da casa” — não era isso afinal que lhe haviam ensinado? Toda mulher de boa sociedade tem de estar casada. Mas o casamento era para isso, ela pergunta, só para isso? Pobre tia Ludmila, estava bem amarga nesse dia.

E ele começara enfim a ficar decrepito, pensa Ludmila à janela. Ainda devia estar na cama, e só se levantaria às dez horas. Tomaria o café sozinho na sala, servido por alguma negra, assoaria o nariz à mesa e depois iria sentar-se na varanda ou sob o caramanchão.

Encontrava-a, às vezes, em sua rotina matinal, passando por ela como por uma estranha. Tinha longos momentos de ausência e já não estudava o xadrez. A vida esvaziara-se para ele.

“Como para mim” pensa. “Só que eu continuo lúcida.”

— Tio Augusto tem setenta e cinco anos — diz Alice —, começa a caducar.

Da varanda, debruçado no parapeito, o tio Alberto sentia-se absorver pela paisagem. Conseguira ler um capítulo inteiro de Dumas Pai, mas as vistas começaram a arder, e o verde repousante do jardim, as meninas em seus vestidos brancos num toque de familiar tranquilidade passeando lá embaixo, o atraíam para um descanso.

Alice e Francisca saíam agora da pontezinha sobre o riacho, desciam, afastavam-se. Sob a copa alta e ampla de uma paineira havia uns banquinhos de bambu.

— Um dia ele veio falar comigo sem que eu estivesse esperando — diz Alice. — De repente ouvi uma voz, olhei, e o vi sorrindo para mim do outro lado da cerca.

Na varanda, o tio Alberto agora tem companhia. Clara, debruçada no peitoril ao seu lado, conversa com ele. De longe, impossível ouvir suas vozes, mas tio Alberto gesticulava muito apontando para os morros, e Clara parecia ouvi-lo com atenção. Sorria vez por outra.

— Fui até a cerca, nem mesmo me precavi do risco de alguém estar vendo.

— E se tia Rebeca aparecesse? — pergunta Francisca.

Alice dá de ombros.

— Conversávamos às escondidas... eu sempre tinha medo, mas... —

sua voz denota angústia, os olhos umedecem —, queria que não fosse mais assim... que isso acabasse... — Acalma-se um pouco. — Fui até a cerca — ela prossegue —, e ele disse que havia sentido saudades de mim. Conversamos, mas de repente comecei a ficar apreensiva, e ele percebeu... quis saber o que estava acontecendo, e eu fiquei muito embaraçada ao explicar...

— Mas você não pode ao menos sair? — pergunta Teodoro encostado à paineira.

Agora tia Estefânia surge na varanda vestindo um traje de montaria. O tio Alberto voltou-se para ela falando qualquer coisa, enquanto Clara — Francisca de longe, do banco sob a paineira, podia ver tudo embora não ouvisse o que diziam — se mantinha de cabeça baixa, debruçada no para-peito.

— Tia Estefânia vai passear a cavalo — disse Francisca à prima.

— Eu nunca saio... isto é, quase nunca — diz Alice encarando Teodoro com seus olhos grandes e vivos, desviando-os em seguida. — Esse jardim... o pomar...

Francisca, de costas, fazia sinais a Clara para que descesse e viesse ter com elas.

— Nem mesmo com Francisca. A não ser quando viajo.

Mas Clara apenas responde aos acenos. Desce para o jardim sumindo entre as sebes, enquanto tia Estefânia continua conversando com o tio Alberto e brandindo o chicotinho, sem deixar de olhar com despeito a enteada, que se afasta.

— Clara foi para o outro lado do jardim — diz Francisca — para evitar a presença de tia Estefânia.

— Podia ter vindo ficar conosco — diz Alice.

— Ela prefere ficar só, na certa estará lendo.

— Fora daqui tenho mais liberdade — acrescentou Alice. — Nas ocasiões em que acompanhei mamãe à Europa, por exemplo... ou quando visitamos tia Ludmila, que mora em São Paulo.

Andréia e Anita passam correndo ao longe, na direção dos fundos da casa.

— Aonde vocês vão? — grita Lúcio, surgindo do arvoredor.

Uma das gêmeas responde:

— Mamãe está chamando.

De uma das janelas Rebeca vê as meninas correndo para a cozinha. Iam certamente atender a um chamado da mãe. Mas não, ela decide, não era preciso incomodá-las agora, estavam brincando, e apressada dirige-se à cozinha:

— Carminhas — ela diz —, não precisa incomodar as meninas agora, deixe-as brincar um pouco mais.

— Mas dona Rebeca, essas meninas não podem ficar por aí, sem fazer nada o dia todo!

— São crianças, Carmintas. Deixe-as.

— Oh, dona Rebeca! — exclama satisfeita a cozinheira.

Rebeca volta comovida para a janela. Como tinha o coração bom!, pensa, como era magnânima!

Ora, havia uma distância muito grande entre os filhos da casa e os dos serviçais, e noutras circunstâncias não ficaria bem deixá-los juntos. Como no baile, por exemplo. As crianças da fazenda comeram o mesmo que eles — negar comida, nunca! Comeriam do mesmo, os mesmos doces coloridos e vistosos, os mesmos bolos finos — mas não teria cabimento deixar que entrassem no salão. Ficaram restritos, junto aos criados que não funcionariam na festa, aos fundos da casa e suas dependências, como mandava a ordem.

— Clara viveu sempre em internato — diz Francisca. — O contato que teve com tia Estefânia foi muito reduzido, já que nas férias vinha para cá e ficava conosco. Lembro-me de como nos divertíamos. Lembra-se, Alice?

— E o que é que ela tem contra mim? — perguntou Teodoro, sentando-se no chão.

— Como será que Clarinha vai conviver com tia Estefânia, quando forem embora?

Mas agora... e nessa manhã de calor Rebeca sentia-se indolente, o corpo e o ânimo tomados por uma lassidão que lhe refrescava o humor — e como lhe fazia bem sentir-se boa e compreensiva em sua grandeza! — Agora, portanto, que brincassem juntos. Misture-se o joio ao trigo — afinal, haverá tempo de separá-los.

— Mas aqui... — Alice baixa os olhos. Não sabe o que dizer, e não tem coragem de encarar o moço. Então ele diz:

— É porque não pertencem ao mundo dela... e o meu pai...

Pensa no pai, o antigo carrasco que executara criminosos na força e impunha pavor quando surgia com seu capuz negro. Agora, um alcoólatra que vivia de taverna em taverna, a barba por fazer e as roupas sujas, o rosto inchado e os passos inseguros.

— E aqueles olhos... — murmura, evocando-lhe a figura decadente.

— Que disse?

— Não — responde, saindo de seu momentâneo alheamento —, só estava pensando...

Mas os olhos do pai o aturdiavam — imensos, vermelhos como brasas. Fixos, cravados sempre para adiante, como a contemplar horrores.

— A gente sempre que se vir, terá de ser assim — diz Alice —, cuidando para que mamãe não descubra.

Teodoro dá de ombros.

— Veja, Alice, eles estão aqui de novo! — Francisca põe-se de pé para acompanhar o vôo veloz e preciso dos beija-flores. — Como são lindos!

O grupo de crianças vinha agora do outro lado do rio. Anita e Andréia, mais ao longe, vinham da cozinha com Lúcio. Júlio parou sobre a ponte esperando por eles, enquanto Célio, Jorge e Glenda corriam para os bancos sob a paineira.

— Alice, queremos ir ao açude — disse Célio.

— Vocês devem tomar cuidado — adverte Alice.

Júlio havia ficado para trás com Andréia, mas logo estão todos sob a paineira, sentados no banco, no chão, na relva.

— Mamãe não se importa que a gente vá ao açude — diz Glenda.

— Pode ser perigoso — diz Francisca.

— Pensando bem, não há perigo — diz Alice quando as crianças se afastam —, desde que haja adultos por perto...

— E há? — pergunta Francisca

— Os empregados da fazenda costumam estar nas proximidades.

— Crianças! — Francisca chama, e quando as crianças se voltam, adverte: — Não se aproximem da beirada, pode ser perigoso!

Os meninos atravessam a ponte agora, menos Júlio que passa por dentro da água. Jorge e Glenda seguiam na retaguarda, de mãos dadas.

— Continuamos nos encontrando pelo menos uma vez por semana. Às vezes duas, mas em horários diferentes para que mamãe não desconfiasse. — Alice faz uma pausa, depois acrescenta encarando a prima: — De qualquer forma era pouco provável que desconfiasse, pois às vezes eu passava os dias em meu quarto preparando as lições, outras permanecia junto dela. Tinha confiança em mim... ou talvez não imaginasse que eu ousaria desobedecer-lhe.

A sombrinha está pendurada no recosto do banco. Alice espreguiça-se, derrubando-a. Curva-se para apanhá-la, sem se levantar.

— Também marcávamos nossos encontros nos horários em que mamãe não tinha o hábito de vir ao jardim. Durante a sesta, por exemplo, após o almoço. Ou de tardezinha, quando se recolhia para suas orações.

Alice bate as folhas e os gravetos presos na sombrinha. Pendura-a outra vez no recosto do banco.

— Conversávamos um pouco, sempre assim... ele do lado de lá da cerca, eu aqui. Depois ia embora. Uma vez apenas, tocou-me... eu havia apoiado a mão no arame e...

As mãos apoiadas na cerca, sentindo numa delas a dor do ferimento que ainda não cicatrizara, Clara olha a estrada. Era bom estar só, pois a solidão lhe trazia o distanciamento dos seus medos mais imediatos. Enfrentar aquilo, costumava pensar. Oh, quantas vezes pensara nisso, mas sentia-se impotente. O que fazer, além de resistir o mais que pudesse, e por fim resignar-

se? Queria afastar-se dela, o seu grande horror, aquele que permanecia consigo todo o tempo e dormia numa cama ao lado da sua, a quem enrolada nas cobertas fingindo dormir via à luz das velas despir-se e exhibir um corpo farto, de carnadura firme e branca, de uma beleza sórdida e com os primeiros sinais, sutis, do envelhecimento.

Estefânia, não raro, despindo-se admirava os seios no espelho do armário, acariciando-os. Gostaria de surpreender a enteada olhando seu corpo despido, mas ela fingia dormir, e apesar do medo, evitando trair-se não alterava o ritmo tranqüilo da respiração.

Estefânia nunca fora além disso e das insinuações que fazia vez em quando. Mas por quanto tempo permaneceria na espera?

Então Clara recuou dois ou três passos da cerca, escondendo-se entre as folhagens: Estefânia passa sozinha pela estrada, a cavalo.

— Sinto pena do tio Alberto — diz Francisca. — Acho que ele deve ser muito só. Que vida ele levou?

O velho, ainda debruçado no parapeito da varanda, parecia pensativo.

— Uma boa vida, me parece — diz Alice. — Teve tudo que quis. Desde que enviuvou veio morar conosco para não estar só. Está sempre de bom humor, e é muito amável.

— Talvez seja isso... é apenas um velhinho amável. Envelheceu. E agora?

Alice ouvia ao longe a voz dos meninos. Estiveram todo o tempo no pomar, mas agora se distanciavam.

— Estão indo para o açude.

Francisca levanta-se do banco.

— Agora é o fim. Ele vem todas as manhãs com sua cadeira para o sol. Apanha seu sol, depois se recolhe à varanda.

Ludmila está de costas para o corredor quando escuta o arrastar de chinelos. (A manhã com suas cores, seus ruídos, sugere o eterno recomeço. Não, aquela manhã não tem fim porque vai estar sempre ali, a cada dia, e mesmo daqui a cem anos terá ainda aquelas cores, aquele canto de pássaros. É a vida que testemunha isso, pensa, e não só testemunha mas participa. E mesmo quando todos morrerem, outros virão testemunhá-lo e participar também.) Segue-se ao arrastar de chinelos o vulto lento, autômato, que passa no corredor em frente à porta. É o Conde D'Olivais transitando sua senectude pelo casarão. Levantara-se mais cedo nesse dia.

— E aí pega um livro e fica ali. E o dia escorre, e depois vem a noite, e outro dia...

Então Ludmila pensa na casa antiqüíssima da família Castro Alvarenga — na sua casa, portanto: lá as manhãs eram outras. Não havia aquela cor, nem aquele prenúncio de vida. Era como um limiar, um passo antes da morte. O jardim cinzento, o muro alto, os pássaros que pareciam distantes

dela... As manhãs não tinham brilho. Não queria voltar para lá, mas devia acompanhar seu esposo. Era sempre assim, devia acompanhar o esposo senil, e esquecer que estava viva. Diante da vidraça, na sombra do salão, Ludmila sente-se resto de algo que um dia teve vontade, ambições...

Pequena agora. Insignificante. Mas havia ainda uma coisa com que contar. Sim, algo de que ninguém nunca suspeitara, guardado consigo. Julgasse-o fútil em certos momentos: era seu, seu somente.

Seu segredo — mas não só isso.

Sua vingança.

Na sala de jantar, o velho Conde de Olivais assoa ruidosamente o nariz.

— Já pude observar como é — continua Francisca. — Ou então o tio Augusto. Esse, coitado... Levanta-se sempre tarde, quase não agüenta sair da cama. Outro dia, quando se levantou, eu estava na varanda e o vi pela janela passar em direção da cozinha. Primeiro ouvi a tosse no quarto, no andar de cima, o ruído do escarro. Depois o barulho de chinelos nas tábuas.

Alice olha a estrada como fazia às vezes, sozinha.

— Há algum tempo ele não vem — diz. — Da última vez disse-me que estaria fora algumas semanas, mas já lá se vão quase dois meses.

Francisca dizia qualquer coisa sobre o tio Augusto, ou o tio Alberto, mas nesse momento não prestava atenção. Concentrava-se na estrada, onde uma mulher passou a cavalo. Tia Estefânia.

— Depois descia os degraus e os chinelos se aproximavam. Olhei pela janela no momento em que atravessava o corredor, de pijama, os cabelos brancos despenteados. Sem olhar para os lados, foi-se com seu passo vagaroso para a cozinha... Fiquei a observá-lo pelas costas até dobrar no fim do corredor.

Quem Francisca estivera olhando mesmo?, pergunta-se Alice ao desviar a atenção da estrada. Ah, ela falava do tio Alberto... ou seria do tio Augusto?

— Observe como se torna inconveniente essa ligação entre Glenda e um subalterno, Ludmila — a voz de Rebeca, sempre impessoal e grave, menos sonora que incisiva.

Ludmila caminhando ao lado de Rebeca descera da varanda para o jardim, enquanto os meninos surgiam à orla do pomar. Na retaguarda, Jorge e Glenda de mãos dadas.

A Ludmila parecia às vezes de uma prepotência irrevogável a voz pausada, serena e direta de Rebeca. Mas não era a voz, ou as palavras. Não fosse talvez o tom, ou apenas o tom com que proferia suas frases cortantes. Era tudo mais: os gestos com que as sublinhava, as pausas entre cada período, os silêncios que pressupunham nova admoestação, nova censura, os olhos frios e líquidos à luz da manhã, o aprumo do busto, os passos calculados e majestáticos.

Fazia-lhe mal ouvi-la em certas ocasiões.

— Glenda já é uma mocinha — acrescentou. — Treze anos, não?

— Meu casamento... — Ludmila diz a esmo, não tanto para desviar-se do assunto, mas por persistir em sua memória a figura patética do marido arrastando chinelos pela casa.

— Uma união que nos honrou a todos — diz Rebeca, convicta. — Trouxe a nobreza e uma linhagem de setecentos anos à nossa casa. E Glenda é herdeira de tudo isso. Como permite essa amizade com um subalterno?

— O que disse mesmo, Francisca, sobre o tio Alberto?

E agora ei-la ali outra vez, sozinha. Sentia-se mais tranqüila sabendo que a outra estava longe, e a quietude de estar só produzia uma sensação relaxante de conforto. Chegando ao fim da alameda que se abria para a planura e vastidão do jardim em frente, com canteiros e renques de arbustos ordenados em rígida simetria, viu as primas ao longe.

Alice e Francisca, no banco sob a paineira, conversavam.

Sim, deviam estar conversando, falando do baile, talvez dos rapazes que as cortejaram durante as danças, e eram felizes. Como poderia ser diferente? Não, por certo eram felizes.

Mas não iria ter com elas. Clara preferia a parte lateral do jardim, as árvores de troncos musgosos e prolectos, o entrelaçamento dos galhos no alto, a relva úmida onde o sol, atravessando a custo a ramalheira, não batia em cheio.

Entre as sebes o chão era calçado de pedras, formando ruazinhas estreitas e limpas, com tufos de grama nas fendas do calçamento.

Podia sentar-se sob o caramanchão para ler, mas talvez nem lesse. Melhor seria aproveitar a manhã com os olhos fechados.

Ouviria os ruídos comuns de um jardim, vozes ao longe, a aragem fresca arrepiando-lhe os pelinhos da nuca, pois prendera os cabelos num gracioso coque.

Depôs o livro no banco e aspirou o ar fresco e perfumado do jardim, olhando em volta. (A outra cavalgava agora, longe talvez, não voltaria tão cedo. Bom seria que não retornasse nunca!)

Então — e só então, leve, fruindo a paz e o bucolismo da manhã —, pensou em Aninha.

No dia em que se falaram pela última vez não sabiam que seria a última vez. Era o início das férias de dezembro — já o mês ia pelo dia dez — e estariam separadas até março. As alunas em conjunto tiveram pela manhã uma reunião no auditório com a diretora e as mestras. Discursos, recomendações, votos de boas férias, por fim uma breve oração de agradecimento.

Um minuto mais tarde, alarido.

— Um dia eu o vi ali, do outro lado da cerca — Alice a contemplar a estrada, no lugar em que o avistara.

— O que ele queria? — pergunta Francisca.

— Não disse nada. Olhava para mim, só olhava.

— E você não teve medo?

Alice olhou a cerca. Segurou os fios farpados e fez força, sacudindo-os. Ouvia-se um breve rumor de folhas, um zumbido, depois, nada.

— A cerca é uma muralha.

“Protege e encarcera” pensa Francisca.

— Não, eu não compreendo... nunca compreendi aquele olhar. Existe um mistério nisso tudo que eu ignoro, mas através de mamãe eu nunca vou descobrir nada.

Francisca irritava-se com as oscilações de temperamento de Alice.

— Não entendo você, minha prima! Umas horas, arroja-se. Noutras, se encolhe.

— Quando levantei os olhos do canteiro, ele estava ali. Não muito velho, mas alquebrado. A barba vários dias por fazer, e sujo. Por baixo do chapéu, os cabelos compridos tinham uma cor castanha... um branco encardido...

Francisca ouvia, suspensa.

Em tumulto as meninas se dispersaram pelo pátio, pelos corredores, pelos dormitórios. À tarde os pais viriam buscá-las, e o internato permaneceria em silêncio por um longo período; mas duas ou três semanas antes do reinício das aulas entraria mais uma vez em atividade, preparando-se para receber as novas turmas.

— Quando falei com Teodoro pela primeira vez, por exemplo, nem me preocupou a possibilidade de mamãe aparecer. — Alice parte, com cuidado, um ramo seco da roseira entrelaçada nos fios. — Mas noutros momentos... — e por um instante segura entre os dedos o pequeno ramo cheio de espinhos, antes de atirá-lo do outro lado da cerca.

A proximidade da separação não deixava Ana e Clara muito faladoras. Subiram após o almoço à biblioteca deserta e aí estiveram até o último minuto. Debruçadas na janela, o alvoroço embaixo no pátio lhes parecia quase irreal. Algumas internas já haviam partido; outras, pais, tias ou amas vinham para levar. Vez por outra se encaravam com um sorriso desenxabido, Clara sempre a desviar os olhos primeiro.

— A gente vai ficar tanto tempo sem se ver — disse contemplando as árvores do parque.

— Mas os olhos eram inconfundíveis... sem conhecê-lo, soube logo quem ele era.

E Alice vira-se para a prima.

— Compreende? Era o olhar de Teodoro. Aquele velho era o pai dele.

Francisca franze a testa, comprimindo as pálpebras.

— Como ter medo então? Que mal eu poderia esperar daquele homem? — Alice afasta-se da cerca.

— Senti pena — continua —, pois naquele rosto eu via, sim, era como se estivesse ali, gravada, a marca de todas as execuções que fizera.

— Tinha curiosidade de conhecê-lo — diz Francisca.

— O pobre velho trazia consigo uma carga imensa, um fardo... Então perguntei: “O senhor é o pai de Teodoro?”, e ele não disse nada. Mexeu os lábios sem emitir som nenhum, moveu a cabeça... “O senhor quer alguma coisa?” perguntei de novo, mas ele então nem mesmo moveu a cabeça.

— Tia Ludmila e tia Rebeca vêm vindo — diz Francisca.

— Olhou-me outra vez, relanceou a vista pelo jardim, virou as costas e foi embora.

Mas Rebeca e Ludmila dirigiam-se para o outro lado. Ludmila acenou para as jovens, enquanto Rebeca insistia acerca da honra que representava para sua família a união da irmã com um nobre e da inconveniência da estreita amizade entre Glenda, “uma viscondessa, está ouvindo?”, e um reles empregado.

— Fiquei olhando ele ir... era aquele o homem que havia executado tanta gente... era ele que com um capuz preto impunha terror aos condenados da Justiça. — Alice olha a estrada como se mais uma vez visse o velho ir por ela.

Estefânia, enquanto isso, cruzava o jardim em direção da casa. Com ela, uma mulher jovem que a distância parecia uma camponesa.

— Veja — diz Francisca —, não é a tia Estefânia?

Alice reconhece a moça em companhia da tia.

— Quem é aquela que está com tia Estefânia? — pergunta Francisca, notando que a camponesa trazia um lenço vermelho na cabeça.

— É de uma família das redondezas. Vejo-a às vezes passar aí em frente.

Estefânia encontra Rebeca na varanda.

— Trouxe Ercília para ajudar-me — diz. — Espero que não se importe, minha irmã. Há de reconhecer que necessito de uma ajudante. Clarinha, afinal, é filha.

Rebeca permanece imóvel, sem dizer nada. Um único olhar, acompanhado de um assentimento quase imperceptível de cabeça, advertiu Estefânia. Que fingiu não compreender.

Em seguida olhou a moça.

— Ercília, esta é a dona da casa. Todos devemos obedecer-lhe.

Ercília, de cabeça baixa, estendeu a mão para Rebeca, gesto que a dona da casa não retribuiu, e a mão estendida recolheu-se com encabulamento.

— Obedeça a minha irmã no que ela determinar — Rebeca disse — e estará tudo bem.

— Sim s'iora, dona Rebeca.

Clara também a havia visto. Escondida entre as folhagens do jardim, avistou quando Estefânia regressava do passeio. A moça que vinha com ela

era a mesma de outro dia — então, nebulosamente julgou compreender o que estava acontecendo.

A primeira a partir foi Aninha. Avistara os pais no pátio, que de repente apareciam meio ao burburinho.

— Tenho de ir — ela disse tomando Clara pelas mãos, reprimindo o choro que lhe trazia umas lágrimas renitentes.

— Logo chega março e vamos estar juntas de novo — diz Clara.

— Sim, logo estaremos juntas outra vez.

E como se já não importasse que as surpreendessem ali, Clara ousou o gesto contido desde cedo: abraçou-a, beijou-a muito, chegou a morder-lhe de leve os lábios enquanto a outra garota, olhos fechados, submetia-se feliz. Já embaixo, antes de atravessar o portão e desaparecer, Ana voltou-se e acenou para ela sem se deter. Então sumiu.

— O tio Alberto já não vem todas as manhãs ao jardim — observou Alice.

Permaneciam sob a paineira. O sol, às oito e meia da manhã, começava a ficar forte. Uma aragem fresca movia as flores nos canteiros.

— É engraçado como ele adoeceu de repente — diz Alice. — Tio Augusto está senil... esquece-se das coisas e das pessoas, tem aquele catarro crônico, mas não adoece.

— E por falar nele, olha lá na varanda.

O velho conde aparece à porta. Dá dois passos sem direção certa e pára. Parecia perdido. Depois avança até o parapeito. Embaixo, na calçada, passavam os meninos em direção ao riacho. Viu Glenda ao lado de Jorge e não a reconheceu. Quando os meninos já iam longe teve um acesso de tosse. Glenda voltou-se para olhar, Jorge lhe disse alguma coisa ao ouvido e seguiu. Glenda ficou olhando o pai perdido na velhice. O velho conde tossiu dois ou três minutos seguidos e, por fim, rubro, quase sufocado, cuspiu na calçada. Mas não era cuspe: era quase um vômito de catarro grosso e amarelo.

Alice virou o rosto com nojo.

— Pobre tio Augusto — diz Francisca.

Augusto arrastou de novo os chinelos para dentro de casa. Deteve-se ainda um momento à porta, como se hesitasse em entrar, depois sumiu.

— Veja, Francisca, os pássaros como voam livres de toda essa agonia.

Clara abriu os olhos e ficou olhando para a copa das árvores: fragmentos de sol entre as folhagens, o balanço dos ramos ao vento, a intensidade do dia nascendo — e a cabeça reclinada para trás, apoiada no recosto do banco.

Quatro anos. Reviu o moço dos correios que certa manhã lhe devolvera a carta enviada semanas antes.

— Parece que sua amiga não mora mais lá, senhorita — havia dito, estendendo-lhe o envelope.

Foi em vão que esperou uma carta — nenhuma lhe chegou. O que havia acontecido? Mudara-se, devia ter-se mudado. Mas por que não lhe escrevia? “Perdeu meu endereço... viajou, talvez... já não gosta de mim?” Nada a não ser dúvidas... e a expectativa do reencontro em março, no reinício das aulas.

— Então perguntei a Teodoro sobre seu pai — diz Alice, sentando-se outra vez.

De pé à sua frente, Francisca ouve, dobrando e desdobrando a aba do chapelinho.

— No começo Teodoro não queria falar, mas quando eu disse que ele havia estado ali poucos dias antes, sobressaltou-se.

Estefânia preparava-se para sair outra vez. Nem ao menos trocara o traje de montaria e agora, na varanda, parecia muito à vontade com Ercília.

— Tia Estefânia vai sair outra vez — diz Francisca recolocando o chapelinho sobre os cabelos. — Quem será aquela moça?

Estefânia descia a escada em companhia de Ercília, que lhe segurava o chapéu. Toca nos cabelos, mas se detém um momento para ajeitar o chapéu sobre eles.

Alice ficou pensativa por um instante, e continuou:

— Ele disse que o pai se mostrara contrariado ao saber que estivéramos conversando.

— Depois era como se aquilo não fosse uma novidade — acrescenta Teodoro do outro lado da cerca. — Mas de início eu o vi surpreender-se, e sua expressão era de desgosto.

— Ele não aprova que sejamos amigos? — pergunta Alice. Teodoro responde com um movimento de ombros.

— Era de noite. Ele estendeu as mãos para o fogo, aquecendo-as sem dizer nada. Meu pai fala muito pouco, mesmo comigo. Quase não lhe ouço uma ou outra palavra.

— Ele esteve aqui — eu disse, mas Teodoro não acreditou. Contei como foi que ele ficou ali parado olhando para mim, e como ele foi embora depois, sem ter dito nada. Então pareceu convencer-se.

Francisca avistou os meninos vindo do pomar. Júlio tinha as roupas molhadas, pois estivera no açude e aproveitara para nadar.

— Júlio, você entrou na água?

— Fique quieta, Francisca — disse o menino ao se aproximar —, sabe muito bem que mamãe não aprovaria. Acha que é perigoso. Vou esperar até que seque antes de entrar em casa.

Francisca balança a cabeça, olhando as roupas úmidas do menino. Não podia reprová-lo. Sabia nadar, e além do mais já tinha quinze anos.² Mas ficou imaginando o que tia Rebeca, com sua mania de ordem, diria se o visse assim. Então a atenção de Júlio desviou-se para Andréia, a filha da cozinheira, que passou ao longe com uma trouxa.

— Namorando, meu primo? — diz Francisca, maliciosa.

Júlio pôs-se vermelho como um pimentão.

— Psiu! Nem uma palavra à mamãe!

Célio, Lúcio e Glenda o esperavam junto à ponte. Nesse momento Jorge vinha dos fundos, da direção dos estábulos, e Glenda o avistou. Acenou para ele. Jorge respondeu com timidez, seguiu para o cafezal com uma enxada no ombro.

— Lembre-se, prima Francisca — tornou Júlio —: nem uma palavra! — e se afastou.

— Por fim perguntou: “A mãe viu você conversando com ela?” eu respondi que não, e ele ficou mais um bom tempo calado, até dizer: “É melhor que se afaste dela”. Então eu quis saber por quê. Mas ele só balançava a cabeça, com os olhos fixos no fogo enquanto aquecia as mãos. Não insisti, seria inútil. Ele só fala quando quer.

— E não disse mais nada...?

— Disse, muito mais tarde, depois já estar deitado. Eu me remexia na cama sem dormir, e então ele disse: “Ela é muito rica, a mãe é uma grande dama, e você é apenas o filho do carrasco”. Daí eu perguntei: “Só por isso?”, e ele: “É o bastante. Agora durma.”

Alice baixa os olhos.

— Há alguma coisa — ele diz ainda —, só que ele não vai dizer nada. A menos que queira.

Francisca surpreende a prima com uma hipótese que lhe ocorre de repente:

— Será que o velho executou algum parente da tia Rebeca e nós não sabemos?

Foi pelo mês de fevereiro que soube do incêndio: o internato onde estudara já não existia, e pela primeira vez teve o pressentimento de que não a veria mais. Não foi sem expectativa que ingressou noutra colégio no mês seguinte, e nos anos que se seguiram manteve a esperança de reencontrá-la, de que um dia fosse apresentada em sala pela diretora:

— Meninas, esta é Ana, sua nova colega. Estou certa de que a receberão bem e logo se tornarão amigas.

Esperou. Quatro anos.

Respirou fundo procurando afastar todo pensamento. Queria o silêncio interior, a escuridão, concentrou-se nos pássaros que saltavam na relva. Uma borboleta amarela cruzou o espaço diante de seus olhos. O jardim encheu-se de um canto estrídulo, vibrante. Tudo, intensa alegria sob o sol da manhã, nos campos, nos cafezais, entre a folhagem das árvores...

Mas ele estava ali. Sempre. O medo.

— E o tio Alberto já não sai da cama — diz Alice levantando-se do banco sob a paineira.

— Talvez não dure muito agora — diz Francisca. — Come tão pouco, quase não fala... parece tão só quando olhamos para ele, deitado lá.

— Vamos até o coreto? — Alice abre o guarda-sol.

O coreto fora construído num lugar de aprazível quietude, do outro lado do rio, para onde se ia descendo pela margem e seguindo depois em direção do pomar. Mas não ficava junto ao pomar e sim ao longe, na planura de um gramado natural entremeado de minúsculas flores silvestres.

— No entanto — diz Alice —, todos estamos sempre junto a ele. Não lhe falta companhia.

Um pequeno guarda-sol branco girando entre os dedos delicados de uma menina, um chapelinho sobre os cabelos negros de outra, dois vestidos primaveris margeando o rio...

— Sim... mas é a solidão da velhice... essa solidão irremediável que mesmo a presença de todos nós... — Francisca faz uma pausa. Em sua juventude, compreenderia a velhice? — ...Mesmo a presença de outro velho, como o tio Augusto, que pode compartilhar aquilo...

Francisca pára, tomando a prima pelo braço, falando com uma dor contida:

— Ele, o tio Alberto, disse-me isso outro dia, e com que sofrimento o disse, minha prima, com que sofrimento!...

— Talvez o tio Augusto já não possa compartilhar, nem compreender — replica Alice.

Retomam o passeio. O rio nesse ponto torce para a direita; pouco adiante o terreno em declive conduz a uma esplanada abaixo do nível do jardim.

— Nesse dia estive com ele no quarto — Francisca prossegue. — Tinha os olhos fechados, parecia dormir, e enquanto isso pelas janelas semi-abertas entravam a luz e os ruídos da tarde, os gritos dos trabalhadores, as vozes dos meninos que passaram conversando sob a janela.

Francisca pára olhando as águas do riacho que, correndo entre os seixos com sua música, despencavam adiante nas pedras e desapareciam entre a vegetação cerrada.

— A plenitude invadia o ar enfermiço do quarto — diz — como resíduos, estilhaços...

Alice percebe a amargura de sua voz. Francisca continua:

— Pensei que não estivesse percebendo nada disso.

— E estava?

— Em certo momento ele disse: “É isso a vida de um homem, minha sobrinha. Enquanto alguém agoniza em algum lugar, tudo mais vive em outro.”

— Eu não soube o que responder. Depois de uma pausa, disse ainda: “Você é muito jovem para ficar velando um velho à beira da morte como

eu. Não fique aqui. Não desperdice sua vida. Vai lá para fora, vai passear a cavalo. Vai ao encontro de tudo que você tem pela frente. Não fique triste, eu também já tive muito pela frente...”

À frente abria-se um descampado de onde já não se podia avistar a estrada. No meio do descampado, um coreto circular fora construído todo em madeira. Era fechado por parapeitos de treliça, e pilares sustentavam o telhado.

— Fui até a cama e o beijei. Ele sorriu. Parecia-me seu último sorriso. Então saí do quarto.

Em volta do coreto havia banquinhos de madeira protegidos pela sombra. Dentro, uma mesa circular e bancos, onde nos dias amenos do outono podiam-se jogar cartas.

Alice fecha o guarda-sol, depondo-o sobre um banco. Ajoelha-se na relva e colhe algumas margaridas formando um delicado buquê, “o buquê de uma noiva” ela pensa.

— Mas era como se aquilo que disse estivesse incompleto... como se não tivesse dito tudo.

— O que foi mesmo que ele disse? — pergunta Alice.

— “Eu também já tive muito pela frente” ele disse. Mas poderia ter continuado: “E você, que ainda tem, um dia vai perder tudo como eu perdi.”

A Ludmila, contudo, pouco se lhe dava que fosse inconveniente aos olhos de Rebeca a amizade entre Glenda e um subalterno — que mal havia em que sua filha e Jorge fossem amigos?

— Treze anos...

— Que disse, mamãe?

— Oh, nada, filha. Só estive pensando...

— Você disse treze anos.

— Eu estava pensando que você já está com treze anos — passa com cuidado o pente pelos cabelos de Glenda. — Logo será uma moça.

— Eu já sou uma moça, mamãe.

Ludmila sorriu, balançando a cabeça.

— Sim — diz —, claro. Eu quis dizer que logo será adulta e poderá casar-se.

Vira a menina para si.

— Será uma linda moça... já é uma linda moça. Um dia irá apaixonar-se.

— Apaixonar-me, eu? — e a menina sorri, brejeira. No entanto surpreendia-se: era a primeira vez que a mãe tocava nesse assunto com ela.

— Todas se apaixonam — diz Ludmila.

— Você se apaixonou?

Ludmila baixa a cabeça procurando uma resposta, mas logo volta a encarar a filha:

— Ora, para que falar de mim? Meu tempo já passou. Falemos de você, que um dia vai se apaixonar e para quem eu só quero uma coisa: que seja feliz com seu escolhido.

— Você também é feliz, não é, mamãe?

Ludmila sorri. Podia dizer a verdade, mas Glenda estaria pronta para ouvi-la e entendê-la? “Glenda tinha apenas treze anos...” Seria mais adequado, mais simples, mentir.

“Mentir...” pensou enquanto prendia o cabelo da filha com uma fita de cetim cor-de-rosa. “Mentir...”

— Claro que sim. Agora pode ir.

Glenda sai. “Vai, filha, vai tranqüila. Eu estou aqui, contigo.”

— Já faz tempo que não o vejo — diz Alice entrando no coreto. A flor que havia prendido no lacinho do peitilho cai. Abaixa-se para apanhá-la

— E o pai dele também não voltou — ela acrescenta.

e então são as margaridas de seu buquê que lhe escapam das mãos.

— Oh, que desastrosa!... — exclama.

Alice desiste de recolher as flores e compor outra vez o buquê, deixa-as na grama. Esquecera, porém, uma das margaridinhas brancas entre os dedos. Olha para a flor e a coloca no cabelo, fixando a haste atrás da orelha.

— Não sei por que ele passa tantos dias sem vir — diz, com aborrecimento.

Francisca senta-se num banco do lado de fora do coreto.

— Lembro-me do tio Alberto quando me punha no colo e contava histórias. Eu era bem pequena, mas ouvia com atenção, e ria quando se levantava, por exemplo, para imitar as arremetidas do D. Quixote contra os odres de vinho, ou a maneira como Ulisses agitou-se preso ao mastro do navio ao ouvir o canto das sereias.

Alice ouvia, distraída, a prima. Ela referia umas histórias que o tio Alberto lhe contara (odres de vinho... que odres de vinho?), mas por que Teodoro ficava duas, três semanas sem aparecer?

— E agora ele está lá na cama, esperando a morte.

Clara soergueu o busto quando um golpe de vento sacudiu as árvores com força.

Sentiu-se momentaneamente feliz e decidiu recolher-se à varanda.

Não quis ler ainda: era preciso contemplar essa natureza agreste, essas árvores que o vento repentinamente agitava, imaginar que ela, Ana, Aninha, talvez estivesse admirando também a ventania... Ana, Aninha... Mas — corrigiu-se — onde? Oh, Aninha podia muito bem estar dormindo. Ou nesse instante talvez se preparasse para sair e — onde estivesse — via com algum aborrecimento numa calmaria abafada o sol faiscando na rua.

Onde estaria ela?, perguntava-se outra vez, perguntava-se sempre.

Desejou que ela estivesse consigo, na varanda. Então haveria de enlaçá-la

pela cintura e aconchegar-se a ela. Sentiria seu hálito morno quando voltasse o rosto para dizer qualquer coisa, e um perfume suave emanando do seio recendente a carne e rosas causar-lhe-ia um ligeiro estremecimento de prazer.

— Afinal, vamos ou não vamos ao coreto? — disse Lúcio quando Glenda apareceu na varanda da frente.

Glenda, debruça-se no parapeito, “só estou esperando por todos” diz.

— Enquanto isso vou até a cozinha. Os doces para a sobremesa já devem estar prontos.

Glenda permaneceu na varanda.

Embaixo na calçada passou Jorge, encharcado e sujo; levava uma pá e uma enxada num dos ombros. Estivera limpando umas valetas, pois agora tinha de trabalhar e não havia tarefa que não lhe destinassem.

O garoto sentiu vergonha de aparecer desse jeito a Glenda, mas a menina não compreendia. Sorriu para ele, pedindo que subisse à varanda.

— Estou molhado e sujo de lama — respondeu. — Dona Rebeca não iria gostar se visse. Conversamos outra hora — e se afastou de cabeça baixa.

Glenda entrou à procura dos primos. Foi então que viu, no fim do corredor que conduzia à despensa, Júlio e Andréia beijando-se.

— E se te apaixonares por Jorge — continuou Ludmila seu solilóquio —, que importa seja o rapaz um modesto trabalhador braçal? Por que é preciso ter fortuna ou um título de nobreza para fazer uma mulher feliz? Não, basta que seja um homem, e que seja leal e bom, e que a ame também.

— Portanto, se te apaixonares por ele, quando tiveres idade pertencerás a ele, e terás o que eu não tive.

Um arrastar de chinelos aproxima-se do quarto agora. Aí vinha o Conde D'Oliveira: e Ludmila, alerta, ouvia com desgosto os passos do velho, o peito alteando-se um pouco na expectativa, aí vinha seu marido, seu homem, logo entraria no quarto como o indiscutível senhor do recinto conjugal. Riu-se à imagem que fez do marido decrépito, doeu-lhe pensar nele dessa forma. E esperou com sua dor: o velho conde entrou dois minutos depois e mal lançou um olhar à mulher. Ludmila ouviu-o arfar e gemer para sentar-se na cama — ainda não despira o pijama, e os cabelos ralos e brancos continuavam despenteados.

— Suas roupas estão aí — disse Ludmila sem olhá-lo, pensando que por amargo que fosse, não deixava de ser engraçado. Augusto de Castro olhou suas roupas dobradas sobre a cama. Começou a despir-se com lentidão.

Rebeca, contudo, era de opinião que Ludmila fora ingrata consigo, “não reconhece o que fiz por ela, oh, como me magoa às vezes com sua injustificada revolta!”. Reprendia-a nessas ocasiões, alertando-a para a importância daquele casamento que unia sua casa a uma das mais antigas e tradicionais

de Portugal — acontecimento que tudo fizera para tornar público. Para Rebeca, era como se de feito lhe conferisse alguma qualidade especial sua irmã estar casada com um nobre de linhagem, mas lamentava que o ramo da casa Castro Alvarenga no Brasil se extinguisse com o velho conde. O nascimento de Glenda, porém, fez Rebeca exultar: a ilustre família já não se extinguiu, sobreviveria com Glenda e seus filhos, numa linhagem que a posteridade haveria de conhecer como os Veiga Albuquerque de Castro Alvarenga.

Um gosto Rebeca não chegou a ter: privar da intimidade do conde em público, em festas, recepções e reuniões da Alta Sociedade. Augusto de Castro não era apenas o último de sua linhagem como também fora em toda sua vida um homem arredio que não recebia nem freqüentava os salões, ilhado em sua solidão e em seus pensamentos obscuros. Mas tivera outro: os jornais estamparam o nome Veiga Albuquerque em primeira página no dia do casamento, ligado ao do excêntrico nobre português. Vez por outra voltava a estampá-lo, a propósito de qualquer ninharia. Quando nada havia que dizer-se, inventava-se, pagavam-se matérias fúteis, e eis uma vez mais o nome na primeira página...

Agora Ludmila olhava de esguelha o “seu homem”, que penosamente se vestia. Tentava afivelar o cinto, arfando com a dificuldade de enxergar o orifício onde introduzir o pino da fivela. Quando o conseguiu, pigarreou com um estrondo e curvou-se para apanhar a camisa sobre a cama. Vendo-o com os dedos trêmulos numa dolorosa tentativa de abotoar os punhos, Ludmila conseguia sorrir. Tê-lo-ia auxiliado se fosse tão velha quanto ele, se ele não se tivesse mantido sempre tão auto-suficiente, se pelo menos houvesse tido por ela durante todos aqueles anos um ou outro gesto de carinho...

— Vou para a varanda — arquejou Augusto mal erguendo o rosto para a mulher, e saiu arrastando os chinelos.

— E depois que o tio Alberto morreu, foi como se aquela frase que ele não disse fosse dita enfim com sua morte.

— Mamãe parecia mais preocupada com a ornamentação do cemitério e os cuidados com o túmulo da família — Alice revê a mãe num elegante vestido preto transitando pelo cemiteriozinho da vila, como se sua presença fosse mais importante que a do morto.

— Lembro-me de tia Rebeca — diz Francisca. — Creio que nunca chamou tanto a atenção sobre si mesma. Parecia um general no comando da tropa.

— Eu o vi seguindo o cortejo. Era um dos últimos, no fim da fila... estou certa de que mamãe notou sua presença, mas não mencionou o fato.

— Quem? — Francisca pergunta, voltando-se.

— O pai de Teodoro.

— Quisera tê-lo visto — Francisca declara, decepcionada —, para co-

nhecer esse homem... esse homem que a tantos matou sem nenhum motivo pessoal.

— Houve um momento em que me atrasei dos demais, e deixei o cortejo seguir adiante... só para vê-lo de perto.

Francisca mordida os lábios. Ouvia com gosto falar do antigo carrasco, encantavam-na as histórias que envolviam seu nome.

— Usava roupas velhas, e um sobretudo pesado por causa do frio daquele dia. Era como se estivesse... meio morto.

— Como meio morto?

— Ele seguia o cortejo e parou ao me ver... foi quando dei com seus olhos em mim.

E ali estava o antigo carrasco com seu sobretudo escuro e o chapéu de veludo cobrindo cabelos um tanto longos e sujos, no meio do gramado. Tinha olheiras que faziam seus olhos maiores e seu olhar mais fundo, a cara gorda coberta por uma barba falhada e branca parecia a de um bêbado. Olhava Alice com insistência.

— Ele não disse nada, mas era como se dissesse... como se falasse numa língua cujas palavras eu não entendia, mas de cuja amargura eu pudesse aperceber-me.

— Mas por que ele terá ido ao enterro de um membro da nossa família?

— Francisca pergunta intrigada. — Cada vez mais me convenço de que ele... deve ter executado algum parente nosso.

— Então tornei a vê-lo, duas semanas depois.

— Ele veio aqui?

— Eu estava como de costume no jardim, quando o vi do outro lado da cerca, parado. Não o ouvi aproximar-se, só quando já estava ali, e então ele disse uma coisa que me surpreendeu, mas que também não entendi.

— Meu irmão é um tanto tolo — disse Júlio a Glenda enquanto desciam para o jardim. — Tem-se a impressão de que sua vontade é ditada por mamãe, em suma, por qualquer pessoa mais velha. Irrita-me, às vezes.

— E também não sabe brincar — observa Glenda. — Diz sempre que não se deve fazer isso ou aquilo, e no dia em que fomos ao açude não se aproximou da margem porque Francisca havia recomendado que não o fizesse. Ora, que bobo!...

— E o que foi? — pergunta Francisca.

Do coreto escutava-se o rumor das águas despencando na pedreira, os pássaros cruzavam o espaço como flechas, um aboio vez por outra fazia-se ouvir, um mugido longínquo...

— Ele chegou-se à cerca e disse: "O último dos antigos se foi. Não demora muito e a história de horrores acaba esquecida."

A folhagem do café, de um verde lustroso e fechado, movia-se ao vento brando.

— Por que ele não vem? — perguntou Glenda.

— Porque a mamãe ordenou que fosse tomar um copo de leite antes. Temos de esperá-lo para irmos ao coreto.

— Francisca e Alice devem estar lá.

— “Olha, menina”, ele continuou depois de uma pausa em que pareceu olhar sem interesse para o interior do jardim, para a casa e acho mesmo que para as plantações de café nos morros, “meu Teodoro é tudo que tenho em minha velhice. Não quero vê-lo sofrer”. Disse isso, virou as costas e foi embora.

— Você faz tudo que a tia Rebeca manda — disse Glenda.

— Devo obedecer a ela — diz Célio aproximando-se —, ela é minha mãe.

— Eu não lhe obedeco em tudo — replica Júlio com aspereza. — Você não tem vontade própria. Sempre foi assim.

— Você é malcriado — Célio diz —, eu não sou.

— Ora, vamos logo! — exclama Glenda.

E aconteceu naquela manhã em que ventara forte e Clara tivera de recolher-se à varanda. No dia seguinte foi embora com Estefânia e não se soube dela por muito tempo.

Clara havia decidido ir ao quarto apanhar um xale, mas quando abriu a porta deparou com as duas mulheres nuas na frente do espelho. Ercília talvez estivesse um tanto embaraçada, mas não se opunha às carícias da outra, e era possível mesmo que descobrisse nelas (tão novas e inesperadas) um prazer de que não suspeitava. Com a entrada repentina de Clara, cobriu o rosto com as mãos e soltou um grito, encolhendo-se no canto da parede. Estefânia não se perturbou: apanhou um roupão em cima da cama e o entregou à moça para que vestisse. Quando se voltou para a filha, ela havia desaparecido.

— Na noite que antecedeu sua partida — diz Alice caminhando com a prima à volta do coreto — Clara foi até o meu quarto.

Os meninos vinham pela esplanada. Foram vistos por Alice e Francisca, que acenaram para eles.

— Percebi que havia chorado, tinha os olhos vermelhos e inchados, e parecia nervosa.

A atenção de Alice fixou-se na fumacinha azulada e lenta que subia da chaminé ao longe, além das copas verdes. Depois continuou:

— Parecia assustada com alguma coisa. Mandeí que ela entrasse. Sentou-se trêmula na minha cama e eu perguntei o que havia acontecido.

Dentro do coreto, Glenda e os primos começam a jogar cartas. Haviam apanhado um baralho “sem ordem de tia Rebeca”, pensa Francisca, ela não aprovaria esse jogo para crianças — mas refletiu que os meninos não eram mais crianças.

— Ela olhou para mim, e como se fosse ainda chorar disse que tinha medo de ir embora com tia Estefânia.

— Ela sempre demonstrou medo de tia Estefânia.

Mas agora era diferente, dizia Alice, não era medo, apenas. Clarinha estava apavorada.

— Mas por quê? O que aconteceu afinal?

— Ela disse que tinha visto tia Estefânia e aquela moça nuas no quarto...

— Não é a primeira vez Alice — Clara, os olhos lavados de lágrimas, segurou as mãos da prima. — Quando viajamos, ela leva moças para seu quarto nos hotéis... moças que apanha na rua... moças bonitas e miseráveis que aceitam seu dinheiro em troca de... de favores...

Então Ludmila, saindo do quarto, imaginou que aquele talvez fosse um momento propício a um passeio pelo jardim. Talvez indo até o coreto encontrasse as sobrinhas, ou os meninos.

Atravessou o salão e as salas próximas à varanda, mas do corredor que conduzia à cozinha ouviu a voz de Rebeca dando instruções para o almoço. Rebeca tinha com as refeições cuidados próprios de um ritual. Jamais admitia o menor atraso — almoçava-se sempre ao meio-dia e quem chegasse dois minutos depois da hora não tinha licença para pôr-se à mesa: esperaria todos almoçarem, e isso valia para ela também, irmã, e até mesmo para Alice, filha. Os próprios talheres, ou o guardanapo, tudo se dispunha conforme sua orientação, mesmo estando apenas ela e os filhos em casa. As negras que serviam à mesa deviam permanecer a postos até o fim, e só então podiam retirar-se para almoçarem também, tendo no entanto para isso um tempo determinado a fim de não atrasar o resto do serviço da casa.

Ludmila parou um momento, ouvindo a irmã.

— Os cristais não estão bem dispostos — dizia. — Espero não ter de repetir essa recomendação.

— Sim si'ora, dona Rebeca — respondia a negra.

— Carminas — dirigia-se agora à cozinheira, que acudiu apressada —, cuide de tudo até o momento de servir. Onde estão as meninas?

— Na despensa, dona Rebeca, preparando as compotas.

— Mande Andréia ao meu quarto agora. Preciso dela.

— Então ela saiu do quarto, mas parou na porta e disse: “Não quero ir com ela...”

— ...quero ficar aqui — dizia a menina parada à porta, os olhos inchados. — O que vai ser de mim?

— Quando me levantei pela manhã, bem cedo — diz Alice —, já haviam partido.

Ludmila atravessou a ante-sala e saiu para a varanda, evitando encontrar-se com a irmã. Todo aquele ritual diário para o almoço a cansava, tanto

mais que tudo haveria de repetir-se à noite, na hora do jantar. O jantar era servido às sete e meia, os lustres da sala reluziam e grandes castiçais de prata sobre a mesa proviam o recinto de luz abundante.

Tanto no almoço quanto no jantar Rebeca era a primeira a pôr-se à mesa, tomando lugar à cabeceira. Os demais se acomodavam de acordo com a idade, primeiro os mais velhos. Era ela também que, empunhando o talher, dava o sinal para que cada um comesse a se servir, os pratos variados a exalar uma agradável mistura de odores — a única coisa agradável nessas refeições fastidiosas, pensou Ludmila.

Fazia-se então um prolongado silêncio. Se alguém conversava devia observar em que tom de voz, e sobre que assuntos, pois Rebeca nunca admitia excesso de vozes e gestos à mesa, havendo mesmo uma censura a certos temas, tidos como impróprios para a hora das refeições.

— Então ele achou um caminho pelas pedras e veio aqui um dia sem que eu o esperasse — diz Alice. — Eu estava só no coreto certa tarde. Quando olhei, ele vinha pelo gramado.

Alice e Francisca se encaminhavam para as pedras.

— Foi de repente que o vi sair das pedras e vir em minha direção — diz. — Ele veio até o coreto, e então pudemos conversar sem uma cerca de perneio.

(Júlio adquirira o hábito de atrasar-se para o almoço — para não ter de passar por aquele ritual que considerava ridículo e fora de propósito — quando, com seu caráter voluntarioso, passou a desafiar a mãe. Era então um garoto de catorze anos.

Rebeca compreendera a razão de tal atitude, e quando atrasar-se para as refeições tornou-se um hábito, ordenou que se trancasse na despensa toda a comida assim que terminassem, de modo que o rapaz por diversas vezes ficaria com fome o resto da tarde — ou da noite — se Andréia não lhe fosse levar algum petisco, após furtar a chave da despensa.

Foi para evitar riscos à menina — e não para submeter-se à mãe — que deixou de atrasar-se de maneira contumaz para as refeições.)

— Ele encontrou um caminho pelo meio do mato, entre as pedras, para chegar aqui — dizia Alice apontando para a vegetação que crescia à orla do barranco. — É porque gosta de mim que fez isso.

Agora se aproximavam do barranco. O barulho da água nas pedras encobria todas as vozes da manhã — já nem o canto dos trabalhadores ao longe, nem o gorjeio dos pássaros, nem o rumor do vento nos arvoredos: só a voz monótona, contínua, das águas; o sussurro, o segredo permanentemente revelado, mas não compreendido.

— E então ele passou a vir sempre? — Francisca pergunta. — Não é muito alto — comenta, olhando para baixo —, mas as pedras parecem es-corregadias.

— Célio descobriu que Andréia fazia um prato para mim, na despensa, quando eu me atrasava.

Glenda via Célio afastar-se do coreto, sozinho. Parecia aborrecido, mas na verdade ninguém havia roubado no jogo.

— Ele apenas perdeu — diz a menina.

— Ele sempre perde, e isso o irrita — Júlio diz. — Mas não admite que é inábil no jogo, e acha que o estão roubando. Por isso procede dessa forma.

Era também Rebeca quem anunciava o fim do repasto, levantando-se da cadeira. Todos a imitavam, aliviados, e saíam da sala.

— É só um garoto — dizia Francisca.

— Não, não é só um garoto — replica Alice —, já tem idade suficiente.

— Creio que não gosta de brincar conosco — diz Glenda. — Talvez nunca tenha gostado.

— E foi covarde por ter ameaçado contar à mamãe que Andréia levava comida para Júlio.

— Você parece não gostar dele, Alice — diz Francisca.

— Nem Alice — diz Júlio a Glenda —, nem ela gosta muito de Célio.

Rebeca, era um hábito seu, retirava-se para seu quarto e dormia por uma hora e meia, nem mais nem menos. Pelo resto da tarde lia algum livro, ou talvez fiscalizasse o serviço no jardim — não que seu jardineiro não fosse competente, mas por preferir ela mesma dar instruções diretas fosse no cultivo dos canteiros ou na poda dos arbustos, no replantio das rosas ou na limpeza do rio. Quando vinham visitas entretinha-se em conversar, e, mais raro, em fazer algum passeio à vila ou aos campos. Era também à tarde que, duas ou três vezes por semana, recebia o encarregado geral para ouvir o relatório e ministrar ordens.

— Passou a vir sempre no entardecer — Alice explica —, quando podíamos estar juntos sem o risco de sermos descobertos. Nessa hora mamãe se ocupa com sua devoção.

Na varanda, Augusto de Castro distraía-se contemplando o jardim. Debruçado no parapeito, tossia a intervalos.

Ludmila deteve-se, pensou em falar-lhe, mas não sabia o que dizer. Não havia mais nada que pudesse ser dito entre ambos; nem mesmo o habitual bom-dia tinha sentido. A última vez que haviam conversado fazia tempo, um diálogo curto e desprovido de interesse de que ela não se lembrava mais. A última vez que se haviam deitado juntos fora antes de Glenda nascer.

Ludmila fez que não o viu e desceu para o jardim. Mas Augusto de Castro não a reconheceu pelas costas ao vê-la afastar-se através do gramado. Ficou olhando a mulher que caminhava em direção à ponte, mas logo se esqueceu de que alguém passara por ali e por momentos atraía sua atenção.

— Augusto, não quis ir ao jardim dar um passeio com Ludmila? — Rebeca pergunta, surgindo à porta.

O velho voltou-se para ela devagar.

— Ahnnnn?...

— Estou perguntando por que não foi ao jardim com sua mulher, para um passeio.

O velho voltou a olhar a mulher que passara momentos antes por ali e agora atravessava a ponte.

— É Ludmila quem lá vai? — pergunta Augusto com sua voz trêmula, mal articulada. — Onde está Glenda?

— Creio que no pomar, com os primos. Mas não quer dar um passeio pelo jardim?

— E você, é qual?

— Mas não nos encontrávamos todos os dias. Uma ou duas vezes por semana... Também eu tinha medo, era preciso evitar qualquer risco.

— E tia Rebeca nunca vinha procurá-la?

— Acho que ela não esperava que eu fosse desobedecer às suas ordens. Por outro lado costumávamos fazer passeios juntas, e ficávamos conversando, às vezes no coreto, outras vezes no jardim, entre os canteiros... talvez por isso nunca tenha desconfiado.

Alice olha as pedras, o lodo verde e escorregadio da umidade.

— Mas ter de esperar tantos dias para vê-lo já se tornava aflitivo. Não podia continuar assim.

— Ah, você é Rebeca...

A voz saía com dificuldade do peito macerado. Os movimentos lentos associavam-se aos olhares que, parecendo ir além do sentido das coisas, já não as reconhecia. Rebeca sentiu-se desconcertada, mas como de costume não o demonstrou. Teria sentido pena, pensou, mas não podia apiedar-se de alguém que trazia consigo uma história de família com mais de meio milênio de existência, sem que esse sentimento se tornasse afrontoso.

— Venha — tomou-o pela mão —, vamos dar um passeio no jardim.

O correto, refletiu ainda, seria agir com naturalidade, conduzi-lo a um breve passeio como se ao seu lado estivesse um homem de quarenta anos.

— Ah, Rebeca... ando tão esquecido de tudo — disse Augusto acompanhando-a com seus passos tardos.

— É natural. Por certo não passou bem a noite. — Rebeca dava à voz uma entonação despreocupada. Fosse como fosse, num momento desses sentia-se pertencente à nobreza.

— À noite? Eu... — e fez uma pausa prolongada enquanto descia os degraus apoiado no ombro da cunhada.

Ao chegar embaixo olhou em volta, e vendo ao longe a mulher passeando do outro lado do rio — e já não se recordando de que começara a falar qualquer coisa sobre a noite anterior —, perguntou:

— Aquela, quem é? — e estendeu a mão.

— Oh, é Ludmila que vai ao coreto.

— Aonde?

— Ao coreto. Talvez Glenda esteja lá.

— Ela foi procurar Glenda?

Alice diante das pedras, da água que caía espumando, olhava para baixo. Não é alta a queda, pensou, mas ainda assim sentia uma ligeira sensação de vertigem. Mas não teria tido essa sensação por outro motivo?, pergunta-se Alice, não seria a lembrança de seu ato, de seu ato extremo?

“Mas era preciso que eu fizesse alguma coisa” pensou.

Esqueceu-se de que Francisca também estava ali. Ouvia o som das águas... perdia-se...

— Veja, a tia Ludmila está indo ao coreto — diz Francisca voltando-se.

Júlio, Glenda e Lúcio faziam algazarra. Célio parecia isolado, macambúzio, vigiando os outros. Teriam brigado?

— Que futuro há para nós, Francisca? — perguntou de repente Alice, como se da prima pudesse esperar a salvação.

— Isso não vale — dizia Glenda, rindo. Júlio a havia empurrado e ela escorregara na grama.

Lúcio desatou a rir da prima que, vermelha, levantava-se do chão com o vestido sujo.

— Voltemos ao coreto — diz Francisca.

— Meninos, modos! — Ludmila adverte a filha e os sobrinhos.

— Júlio me empurrou, mamãe! — exclamou Glenda ainda a rir-se.

— Uma moça estirada no chão feito uma menininha — Ludmila simulava zanga, contendo o riso.

— Mas mamãe!...

— Sim, creio que foi procurar Glenda — diz Rebeca. — Mas venha, vamos caminhar.

O velho arrastou os chinelos pela calçada, apoiado no braço de Rebeca. Muito digna, ela o amparava e seguia falando, despreocupada, como se ele pudesse entender.

— Há quantos anos — balbucia Augusto em dado momento. Apoiado no braço da cunhada, não mais apruma o peito. Permanece curvado, olha em volta.

— Do que está se recordando? — pergunta Rebeca, fazendo-se atenciosa.

Augusto de Castro parecia ter encolhido. Talvez não pesasse mais de quarenta quilos.

— De quando despossei Ludmila... — diz, e ainda fica olhando em volta, abismado.

Rebeca espera que ele prossiga.

— De quando vínhamos, no início...

Mais uma vez interrompe o que está dizendo. A boca fica aberta, o maxilar pende. Um fio de baba cai.

— Das temporadas que passávamos aqui — diz, passando a mão pela boca.

— Você poderá estar sempre aqui — diz Rebeca —, sempre que for da sua vontade.

Augusto vira o rosto, encarando a cunhada. A senhora Veiga Albuquerque mantém o aprumo, mas não lhe agradava olhar tão de perto aquela cara envelhecida e muito branca onde uma boca meio aberta exibia restos de dentes, cavacos enegrecidos. Contra sua vontade ocorre-lhe um pensamento incômodo que, de imediato e com algum esforço, procura afastar: o de que setecentos anos de uma casa ilustre no fim das contas não significavam grande coisa, não tinham, por exemplo, o poder de evitar que seu herdeiro se reduzisse àquilo.

Rebeca desviou o rosto; longe uma pequena coluna de fumaça se erguia na paisagem. Uma fogueira, ou a chaminé de uma casa, pensou. Contudo, sorriu.

— No entanto — ele recomeça —, já não... já não tem muita importância...

Rebeca compreende que, naquele momento de plena lucidez, ele está se dando conta da vida. Ou do que dela ainda lhe cabe.

— Mas Glenda está uma linda moça — Rebeca diz.

— Glenda...

— Você não quer voltar? Já fizemos um bom passeio por hoje.

— Glenda...

Rebeca puxa-o de leve pelo braço. Augusto, contudo, move-se em direção dos canteiros.

— Será que Ludmila achou Glenda? — diz, e Rebeca percebe que ele se refugiara outra vez.

— Quero ir até lá embaixo — acrescenta Augusto.

— A tia Lourdes, quando vem, Francisca? — perguntou Júlio. Todos se haviam reunido dentro do coreto, exceto Célio que havia sentado num dos bancos do lado de fora. Também Alice prefere sair, estar ao sol.

— Mamãe não consegue ficar muito tempo aqui — diz Lúcio. — Deixa-nos e volta logo para a cidade. Acostumou-se lá.

— Oh, a mana Lourdes — diz Ludmila pensativa. — De fato, é muito afeita à vida na cidade.

— Mamãe sempre viveu na cidade — diz Francisca. — Desde pequena, é o que ela diz.

— Tem uma cerca...

— Sim, Augusto, esta cerca é indispensável, não acha?

— Hein?

— Estou dizendo que a cerca é indispensável. Sem ela ter-se-ia a impressão de que a entrada do jardim é pública. Céus, imagino camponeses entrando no jardim!

— Ah, camponeses... Não vejo nenhum, agora.

— Não a essa hora — replica Rebeca. — Mas à tarde eles pululam, sujos e malcheirosos. Passam em direção dos botequins da vila.

— Agradam-me os camponeses — Augusto diz, olhando a estrada além da cerca.

No entanto os meninos decidem deixar o coreto.

— Então — diz Alice — eu me perguntava que futuro haveria para nós, e repetia essa pergunta uma infinidade de vezes.

À margem do riacho Alice pára. O guarda-sol ao ombro, os olhos fixos na água corrente. Alguns respingos de lama lhe mancham o vestido, obrigando-a a recuar. Francisca, porém, curva-se mergulhando a mão na água, curva-se um pouco mais, dobrando os joelhos, e afunda os dedos na lama da margem — e uma sensação nova, diferente do contato com a areia, mais envolvente, mais densa, dá-lhe vontade de tirar os sapatos, caminhar descalça no barro mole.

— Glenda está quase uma moça — diz Rebeca, já arrependida de ter saído para passear com o velho, “que desagradável isso”.

— Deviam plantar margaridas naquele canteiro — diz Augusto de costas para a cerca, apontando um canteiro cuja terra fora revolvida há pouco.

— Mamãe era muito doente — diz Ludmila — e precisava consultar especialistas com frequência, por isso não morava mais conosco há muitos anos... desde que eu tinha, se bem me lembro, quatro ou cinco anos. Era o tio Alfredo quem cuidava de nós e dos negócios da fazenda, isso desde a morte de papai. Papai morreu pouco depois do meu nascimento. — Ludmila fica pensativa, como se pudesse lembrar do pai que não chegara a conhecer. — Nessa época — continua — tio Alberto era muito ocupado, tinha suas terras, seus afazeres, e só vinha nos ver de vez em quando.

Abraçada à filha, Ludmila caminha em companhia das sobrinhas, indo em direção do rio.

— Mas eu dizia — prossegue Ludmila — que o estado de saúde de mamãe requeria cuidados médicos periódicos. Sabíamos disso, mas a nós, crianças, os mais velhos nunca disseram que sua doença não tinha cura, e ficávamos esperando o dia de sua volta... Até que ela quis rever os filhos, especialmente Lourdes, a caçula, a preferida, pois já fazia três anos que não nos via... Lourdes estava com sete, e eu com onze... Pobre mamãe.

Ludmila recorda, cala-se olhando para longe, para o passado... Mas Alice a interpela:

— E mamãe, a senhora, as outras, nunca viam vovó?

— Hum?... Ah, não, nunca. Desde que ela partiu para a cidade... para poupar-nos, os adultos diziam; não devíamos ver mamãe doente, vê-la naquele estado não seria bom para nós, crianças... Ela quis nos rever, então nos levaram até lá... ela teria vindo, mas já não agüentava viajar, por isso nos levaram... mamãe agora ficava em casa pois era o fim, e não se podia fazer mais nada: morreu poucos dias depois. O verdadeiro motivo que nos impedira de viver aqueles anos com ela era outro: a fazenda ia muito mal, os negócios falindo, o tio Alfredo desesperado... Não podíamos arcar com despesas supérfluas, e viver na cidade saía muito caro. Por isso ficáramos na fazenda... e só fomos rever mamãe quando já estava à morte.

O coreto havia ficado para trás. Outra vez junto ao rio, subiam a ladeira que conduzia ao jardim.

— Por isso voltamos, mas Lourdes ficou num colégio da Capital. Era o último desejo de mamãe.

— Foi então que um dia ele veio, e para minha surpresa tomou-me as mãos e beijou-me. Foi quando eu soube o que tinha de fazer.

— E você fez o quê? — Francisca pergunta.

Júlio e Lúcio tinham tirado os sapatos e corriam para o rio.

— Não deviam descalçar os sapatos — Célio diz, contrafeito. — Sabem que desagrada à mamãe.

— Mas eu quero olhar outra vez o ninho — diz Francisca. — A senhora já viu o ninho de beija-flores, tia Ludmila?

Os meninos já estão longe, à margem do rio. Não titubeiam em atravessá-lo ali mesmo, por dentro da água, encharcando a roupa. Reprovando-os, Célio olha com despeito o irmão e o primo.

— Vão rápido trocar-se — adverte Alice. — Cuidem para que mamãe não os veja assim.

— Margaridas! Então você tem preferência por margaridas! Vou mandar preparar um canteiro só com margaridas para você — Rebeca promete.

— Em meu jardim... — começa Augusto a dizer, mas interrompe-se outra vez, como se lhe fugissem as palavras. Ou não importasse mesmo dizer, fosse o que fosse. Afasta-se do canteiro, as pernas debilitadas levantando-o adiante, próximo a um pé de manacá.

— Beija-flores — murmura, olhando para cima.

— Há um ninho nesse arbusto — diz Rebeca.

Um beija-flor sobrevoa Augusto e pousa no manacá. O velho conde levanta a mão ressequida, aponta a ave, os lábios sem cor, sem forma, numa imitação de sorriso.

— A estrada continua sem ninguém — diz, voltando-se e contemplando a estrada branca, que parecia tremular ao sol. A fronte enrugada, pálida, terrosa, está porejada de suor. Rebeca toma-o pelo braço.

— É melhor irmos agora — diz —, você não deve se cansar muito. Já fizemos uma boa caminhada por hoje.

— Então eu me deitei com ele — diz Alice.

Teodoro estava ali e toma Alice pela mão. O guarda-sol tomba, mancha branca, na grama verde.

Francisca curva-se mais uma vez, deixando a água fria e transparente escorrer entre os dedos, limpando-os do barro que havia aderido à pele.

— Você não teve medo?! — Francisca pergunta, assombrada.

No meio do gramado, o guarda-sol, uma mancha brilhante.

— Não, não tive — diz. — Já não tenho medo de nada.

Teodoro então abria a blusa de Alice, os seios alvos, puros, aparecendo ao sol da manhã.

— E tia Rebeca? — pergunta Francisca.

— Que me importa ela, minha prima? — a voz de Alice ao longe, de trás do coreto.

Mancha como neve no meio do gramado, o guarda-sol.

— Há margaridas em seu jardim? — perguntou Rebeca, conduzindo Augusto à varanda.

— Margaridas... Glenda vai fazer catorze anos... ou será que já fez? — e pára um minuto, pensando.

— Ela já fez catorze anos — corrige-o Rebeca. — Não se lembra? — Rebeca tinha pressa em deixá-lo agora, devia subir para fiscalizar a criação. — Não se lembra do jantar que demos em comemoração?

Estavam junto à escada. Augusto sobe com dificuldade o primeiro degrau. Pára e volta-se para a cunhada.

— Então é isso... ela vai fazer quinze.

— Eu nessa época tinha onze anos — prossegue Ludmila —, Rebeca treze, Estefânia oito. Pobres meninas assustadas com a morte da mãe, a quem mal conheciam, e com o afastamento da irmã mais nova.

— Não vamos fazer como Lúcio e Júlio — Glenda brinca. — É melhor passarmos pela ponte.

— Ouvíamos o tio Alfredo falar em dificuldades, mas não entendíamos o que significava. Ele continuou conosco até Rebeca completar vinte e um anos, depois sumiu. Vimo-lo somente uma ou duas vezes depois... Rebeca assumiu o controle das terras, casou-se com um homem muito rico, e em pouco tempo tudo aqui havia mudado.

Ludmila pára e contempla a extensão do jardim. Já não fala. Havia certas coisas, sim, havia certas coisas sobre as quais seria melhor calar. Por que fazer acusações agora? Por que lançar maldições? Aprazível manhã em que podia passear abraçada à filha, como se nada mais importasse. “Porque foi nessa época que o tio Alberto interferiu, e o tio Alfredo, que não era seu irmão legítimo, afastou-se...” Na verdade não o tinham visto depois disso,

ele havia sumido. Ludmila sabia que ele também tinha algumas propriedades, e bastante significativas. O que teria sido feito de suas terras? Tinha também três irmãs, mas todos haviam desaparecido.

Sobe então outro degrau. Pára de novo como se fosse dizer mais alguma coisa, mas apenas abre a boca, o queixo pendendo, mole, o olhar inerte em algum ponto do jardim. Auxiliado pela cunhada, sobe o terceiro degrau.

— Pensava que aquele jantar... — recomeça, após parar pela terceira vez. Mas ainda não diz nada, abana a cabeça em desaprovação escalando a custo o último degrau.

— Acontece que mamãe é muito cautelosa nas situações de gravidade — Alice descansa, recostada a um dos troncos que sustentam o telhado. Ao seu lado, Francisca fica olhando os cabelos da prima, longos e quase loiros.

— Por isso não quis acusar ninguém — diz.

— Jamais ousaria — diz Alice. — É severa, mas uma atitude precipitada é contra seu caráter.

— Mas depois ela surpreendeu Célio, não?

Alice gira sobre os pés, debruçando-se na mureta. Depois recua, sai para o gramado, e agora no gramado fura a terra com a ponta do guarda-sol. Fala consternada, de cabeça baixa.

— Mamãe começou a desconfiar quando descobriu uma garrafa vazia atirada num canto da adega.

— E o que ela fez?

Alice deu de ombros. Continuava furando a terra.

— Nada que deixasse transparecer sua descoberta. Só depois soubemos de tudo.

Francisca adianta-se, sentando-se num banco dentro do coreto. Alice fica para trás, olha para longe, e depois com vagar acompanha a prima.

— O pior é que ele precisou roubar — diz Alice do lado de fora do coreto, olhando para cima, expondo as faces rosadas ao sol forte.

— Por que Célio fez isso?

— Só muito mais tarde soubemos que tio Alfredo morrera sem deixar filhos, e todos os seus bens reverteram ao tio Alberto.

Olhando para a casa senhorial ao longe, Ludmila podia vê-lo através da treliça — um vulto imóvel na poltrona. Seu esposo “até que a morte nos separe”. E então desejou que estivesse morto.

— Sim, viu quando certa noite ele desceu as escadas em silêncio e se dirigiu à adega.

Francisca está atenta ao que a prima diz. Mas Alice não pode estar tão triste por causa disso, diz para si mesma. Sabe de seu desprezo pelo irmão mais novo, um desprezo nem sempre declarado mas que dela Alice não podia esconder.

— Era sempre bem tarde que ele descia para a adega, para embriagar-se.

— Mas Estefânia não queria saber de ficar na fazenda. Rebeca deu-lhe sua parte na herança, agora restaurada e sólida, e ela partiu. Parece que soube investir seu dinheiro, enriqueceu, não quis casar-se... — sorri, pensando nas extravagâncias da irmã.

Então refletiu que pouco importava que ele estivesse vivo ou morto: “Tudo que eu tinha a perder, já está perdido.”

— Mãe, vou até o pomar — disse Glenda. — Prometo não me atrasar.

E enquanto a filha se afasta em direção do pomar, sorri, complacente. Por certo, pensa, deseja encontrar-se com Jorge — todos os dias àquela hora Jorge vem dos cafezais até a casa, contorna o açude, atravessa o pomar e se dirige à cozinha. Glenda aproveitava para estar a sós com ele por alguns momentos. Ludmila compreende — deseja que a filha seja feliz.

“Será uma mulher linda, e pertencerá a ele, se ambos assim o quiserem.”

— Venha, tia Ludmila — diz Francisca —, venha ver o ninho.

Por que então aquela sombra de tristeza em suas feições?, Francisca se pergunta. Como, por exemplo, momentos antes ao aludir a uma conversa que ouvira entre a mãe e Rebeca, na qual falavam de Célio. “Quando me aproximei, tia Rebeca mudou de assunto” disse, “como se eu não devesse tomar parte na conversa. Do que falavam? Você sabe?”

Alice deu de ombros e ficou observando suas mãos finas e brancas, os dedos afilados, as unhas rosadas.

— Esses problemas que o Célio tem... — respondeu, evasiva.

E Francisca divertia-se com o alvoroço das aves ao redor do ninho. Ludmila aconselhou:

— É bom não se aproximar do ninho a toda hora. Pode fazer com que eles o abandonem.

— Ah — fez Francisca, contrafeita —, seria uma pena! Não — anuiu —, não irei mais ver o ninho — e recuou alguns passos observando como as avezinhas retornavam pressurosas, mergulhando na folhagem verde do arbusto.

Mas Ludmila decide voltar para casa. Talvez Rebeca precisasse de sua ajuda, além disso queria também conversar com Lourdes, que chegara na véspera e quase não se haviam falado ainda.

E Francisca se volta para a prima, que fora sentar-se nas grossas raízes de uma paineira, junto à cerca, recostando-se ao tronco.

— Puxa, como as horas passam! — exclama. — Já são quase dez da manhã!

Mas Alice parecia perturbada. Francisca não se enganava: era o eco daqueles dias tormentosos quando a tragédia abatia-se como uma asa, uma enorme asa negra cuja sombra recobria os campos, a aflição emergindo à serenidade do rosto tranqüilo com que fingia um vigor que já não tinha. Sentou-se ao seu lado desfolhando com negligência uma rosa arrancada da cerca.

— Bem-me-quer, malmequer...

Mas Alice já não resiste, sobrevém a necessidade de chorar, e as lágrimas rolam com abundância. Francisca a abraça, aconchega-a ao peito, beija-lhe os cabelos.

— Você faz bem em chorar — diz —, alivia... estamos todos suportando esses dias com coragem, mas há momentos em que a única coisa que podemos fazer é chorar.

— Quando hão de passar esses dias terríveis, Francisca? — diz Alice. — Creio que nunca vou conseguir esquecer, que nada disso vai me sair da memória...

— Nenhum de nós vai esquecer, Alice — diz Francisca —, quem poderia esquecer tudo que está acontecendo?

— Sabe — diz Alice endireitando-se —, naquele dia eu estava aqui, mas me lembrei de apanhar qualquer coisa dentro de casa e passei pelo quarto de mamãe. — Apanha do colo algumas pétalas que Francisca deixara cair, e fica a contemplá-las na palma da mão. Depois olha para adiante, deixa as mãos no regaço, frouxas, os dedos entrecruzados. Prossegue: — Havia alguém com ela, ouvi que conversavam no quarto, por isso não entrei.

Sorri para a prima.

— Não é educado ouvir atrás das portas, não? — respira fundo, fechando os olhos. — Mas não pude evitar...

E então Rebeca está ali, as mãos juntas à frente do corpo, em atitude solene. Andréia se aproxima para falar-lhe.

— A senhora mandou me chamar, dona Rebeca

Imperturbável, em seu rosto nenhum sentimento subtraindo-se à natural indiferença, disse:

— Sim, Andréia. Tenho uma recomendação a lhe fazer. — Fixa na menina seu olhar tranqüilo e rigoroso: — Noto que você e o Sr. Júlio têm conversado muito ultimamente.

Andréia baixa os olhos, confusa. Põe-se vermelha.

“Não é necessário forçar uma confissão” pensa Rebeca percebendo o rubor que cobria agora o rosto da garota, seu embaraço e talvez sua vergonha, pois ela retorcia os dedos e tinha os lábios trêmulos como se fosse chorar.

Rebeca não se comoveu.

— Mamãe jamais sentiria compaixão — Alice diria mais tarde, comentando com Francisca o acontecido —, para ela não se tratava de alguém, só da filha de uma empregada.

— Como já estão crescidos — Rebeca diz após observar por um instante a reação de Andréia —, não fica bem que um filho da casa mantenha conversações regulares com os criados. Você não pensa assim?

— Não sei não senhora — gagueja a menina, que a custo retinha as lágrimas.

Rebeca percebeu que Andréia ficara vermelha e envergonhada — porém, refletiu encarando-a com firmeza, mais que vergonha a moça sentia medo, e isto a deixou satisfeita.

— O Sr. Júlio já foi instruído quanto a isso — acrescenta Rebeca com naturalidade, sem deixar de observar a reação da moça —, portanto — e aqui fez uma pausa prolongada, mantendo um suspense que sabia angustiante para a menina mas necessário para que a importância de sua ordem não fosse subestimada —, espero não ter que repetir essa recomendação. Agora pode ir.

Andréia permaneceu de cabeça baixa, parada, como se não conseguisse mover-se do lugar.

— Não ouviu? — diz Rebeca voltando-se para ela. — Pode ir.

— Eu estava à porta do quarto quando Andréia passou por mim. Não sei se deu com minha presença ali, pois vinha de cabeça baixa ao sair, quase correndo. Mas pude ver que chorava.

Francisca tinha entre os dedos a haste da flor colhida na cerca, a corola nua, as pétalas espalhadas no colo, no chão.

“Pétalas” pensa Francisca.

— Célio tem dezesseis anos³ — diz Alice voltando a falar do irmão —, e parece um jovem normal. Mas no fundo há alguma coisa que o torna diferente das outras pessoas.

— Por que diz isso? — estende seu gesto aos cabelos da prima, correndo os dedos entre as mechas. Perguntara por perguntar, conhecia o primo, sabia de suas dificuldades.

“Pétalas, pétalas...”

— Tem momentos de introspecção em que, se falamos com ele, responde a contragosto, respostas breves, monossílabos...

— Sim, já notei. Outro dia mesmo...

Alice reflete. Como explicar com palavras aquilo que ela própria não compreendia bem? Aquilo que, de resto, Francisca — e não só ela, mas os demais também — já haviam notado e sobre o que deixavam de referir-se por polidez?

— Ele às vezes diz uma coisa e depois repete, uma, duas vezes, até três... é como se em algumas ocasiões o fizesse por não ter mais o que dizer mas, ainda assim, se sentisse obrigado a continuar falando sobre o que quer que seja... e em outras, como se o que dissesse fosse algo espirituoso, não apreciado como devia pelos circunstantes, insiste, repete, para que todos apanhem sua idéia, comentem-na, e a conversa se estenda... Ocorre às vezes não ter uma opinião formada sobre determinado assunto, e se alguém exprime uma opinião ele a princípio aceita, concordando, depois a adota como se aquela tivesse sido sempre sua opinião, como se ele e não outra pessoa a tivesse expressado, e vez por outra dá azo a que possa falar ainda

uma vez naquilo, e como se torna maçante repetindo a mesma coisa quando o assunto já se esgotou faz tempo!...

Alice cala-se e se desculpa:

— Parece que estou pintando um retrato muito feio do meu irmão.

— Fale, minha querida — Francisca sorri e beija a prima na face —, você está angustiada com isso. Fale, e vai se sentir melhor depois.

Alice desvia o olhar para o gramado, para os morros. Vê o gado que se espalha, múltiplo, nas vertentes, alheio à vida.

— Ele teve muita dificuldade em aprender... não tinha jeito para pegar no lápis, penava com a tabuada e as quatro operações. Júlio não, aprendia com facilidade, mas ele... há momentos em que ele deseja demonstrar segurança, mas nunca se sai bem... Célio não é nem um pouco seguro de si mesmo e nessas horas é como se ele quisesse convencer-se a si próprio e não a quem o ouve... fala muito sério sobre alguma coisa, ora sorri irônico, ora faz um trejeito de descrença, sempre repete o que diz, e não se dá conta de que está dizendo uma bobagem, ou repetindo o que outro já havia dito...

O sol a caminho do zênite, a sombra da paineira converte-se numa mancha circular em volta do tronco.

— Foi à hora do almoço — continuou Alice. Pensa em prosseguir, falar, rememorar os fatos ainda tão recentes. Mas já readquirira o controle dos nervos, tinha os olhos secos.

— Oh, e por falar em almoço... — começa Francisca em tom despreocupado, pensando com isso atenuar a tensão em que Alice se encontrava. — Não, não... ainda é cedo para o almoço...

— Meio-dia, e todos estavam à mesa, menos Glenda que minutos antes deixara tia Ludmila junto à ponte para ir ao pomar. O almoço começou como sempre, pontual, você sabe como mamãe é rigorosa quanto a horários. “Glenda se atrasou” ela disse, “advirta sua filha, Ludmila, para não negligenciar o horário do almoço. Esperemos que tal desatenção não se repita”. Depois, quando todos já nos servíramos, mamãe entrou a falar sobre o encontro que tivera em Paris com Renoir. Todos ouvíamos atentos, embora não fosse aquela a primeira vez a relatar esse encontro. Pobre mamãe — e Alice sorri ao lembrar —, presidia aquele almoço com o aprumo e a gravidade de quem preside uma reunião diplomática, ou um ritual fúnebre. E se todos a ouviam atentos, era mais por educação do que por interesse... Ela nunca se dá conta disso.

Alice divaga, os olhos sem se prenderem a um ponto definido passeiam, longínquos. As mãos inertes, no colo.

Francisca recostara-se reclinando a cabeça, apoiando-a no tronco áspero da figueira. Fecha os olhos e ouve a prima, ouve a brisa entre os galhos, ouve os sons da manhã que pouco a pouco se transforma em meio-dia.

— Mas eu não entendo — dizia Alice em seguida. — Tudo é irritante nele, às vezes... a mania de ficar dizendo coisas, fazendo afirmações que sabe não serem verdadeiras...

Olha Francisca angustiada.

— Ele exala um odor desagradável, certas horas... ele mesmo não o sente... e não é porque não toma banho todos os dias... pois afinal ele toma banho...

Francisca ouve sem dizer nada. Aconchega Alice mais para si, e deixa-a falar.

— Então mamãe descobriu que ele se embriagava, atirando as garrafas vazias num recanto da adega que pensou nunca seria descoberto. Ia para lá beber, mas sempre à noite, altas horas, depois voltava para o quarto e dormia até de manhã...

Faz uma pausa.

— Quase não converso com ele agora. Será que eu não gosto do meu irmão?

Não era bem isso que ela ia dizer, pensa Francisca, penalizada, não teve coragem, e se surpreende quando a prima diz enfim aquilo que lhe palpitava na língua.

— Será que eu... o odeio? — di-lo encarando Francisca, mas logo baixa os olhos envergonhada, e se afasta.

— Às vezes diz que tem idéia de fazer isto ou aquilo quando for maior e tiver suas propriedades. — Alice move a cabeça com tristeza. — É mentira, uma mentira de que não se dá conta. Ele nunca vai sair daqui, estará sempre à sombra de mamãe.

Francisca a enlaça pela cintura outra vez. Era deixá-la falar, pensa.

— Lembro-me de um episódio quando ele tinha onze ou doze anos. Desejara um cavalo que vira na feira de animais, mas mamãe não o comprou de imediato. Mamãe desejava puni-lo por uma desobediência e retardou em três meses a compra do animal. Não que não tivéssemos bons animais à sua escolha nos estábulos, mas ele queria aquele... Era mesmo um lindo animal!... Pensando que não teria o cavalo, disse um dia para mim: eu não me importo com cavalos, era mais para ter um. Mamãe acha elegante cavalgar, era mais por ela que por mim. Essa sua última afirmação, de que era mais por mamãe que desejava ter o cavalo, a impressão que tive foi que lhe ocorreu naquele momento, disse-o para mostrar-se seguro. Mas não era verdade. Mamãe nunca dissera gostar de equitação ou achar elegante... Sim, fora uma justificativa de última hora para esconder seu desapontamento e que sua indiferença era fingida. Quando o cavalo lhe foi dado de presente alegrou-se, e esquecendo-se do que dissera exibia-o a todos dizendo que sempre desejara ter um cavalo como aquele, ressaltando que a equitação é uma prática costumeira entre os nobres europeus... e falava como se os conhe-

cesse... Não sei se o que sentia era desprezo ou piedade quando o ouvia falando disso... e ele era só um menino... só um menino...

Então Francisca olhou a fileira de janelas do andar superior da fazenda.

— Já faz um mês que o tio Augusto não levanta da cama — diz. — Qual daquelas janelas, a segunda ou a terceira a partir da esquerda, é a do quarto dele?

— O almoço corria tranqüilo — diz Alice —, monótono mesmo... Então Carmintas apareceu de repente, as feições transtornadas, os olhos vermelhos... e de imediato todos pressentimos que alguma coisa ruim havia acontecido... muito afobada, ela entrou e foi cochichar qualquer coisa ao ouvido de mamãe e depois se afastou cobrindo o rosto com as mãos, já não conseguindo controlar o choro; mamãe estava pálida quando se levantou e a acompanhou, sem porém nada nos dizer, a nós, que permanecemos em nossos lugares, em suspense, entreolhando-nos, perguntando-nos o que teria acontecido... nesse momento o encarregado da fazenda apareceu também à porta, com cara de assombro, retirando-se de pronto ao ver que mamãe já não estava, os tacões das botas no assoalho um tambor mal tocado a distanciar-se. O pressentimento de todos converteu-se então em certeza.

— Sim — Francisca confirma —, para que o almoço fosse interrompido daquela forma pela cozinha... para que ela se atrevesse a ir cochichar alguma coisa ao ouvido de tia Rebeca numa hora tão importante para ela como a hora da refeição...

— Há no entanto uma coisa, Francisca, que me chamou mais a atenção, não sei se os demais o perceberam... a maneira protocolar com que mamãe deu a notícia não era uma coisa natural, pelo menos não o seria em outra pessoa... — Alice parecia perplexa ao lembrar-se. — Momentos após ter saído mamãe voltou e, muito ereta, quase sem deixar transparecer qualquer perturbação, acercou-se de seu lugar à cabeceira da mesa e falou... Diante da tragédia mamãe não abandonava o protocolo, desempenhava seu papel com precisão, como um ator no palco.

Rebeca cometera o deslize de derrubar o cálice de vinho ao levantar-se para sair, “o que no entanto” pensou, “se justifica em razão do ocorrido”, e agora, de volta à mesa olhava os convivas ao seu redor esperando ansiosos que ela falasse. Torceu as mãos para manter-se calma, mas, visualizando-se descontrolada e sendo conduzida ao sofá ou à cama pelos presentes, solícitos e perplexos, tal imagem de fraqueza deu-lhe forças para reassumir o domínio de si mesma.

— Senhores — começou ela —, aconteceu uma desgraça. — Considerou por um momento o seu tom de voz, percebeu que falava com segurança e isso a satisfazia. Então, com a gravidade adequada, prosseguiu, já com a voz um pouco trêmula mas ainda protocolar: — O encarregado chegou com a triste notícia de que Glenda...

Ouvindo o nome da filha, Ludmila põe-se de pé num salto, os olhos arregalados e fixos em Rebeca:

— ...foi encontrada há pouco caída no açude. Consta que se afogou.

Seguiu-se um momentâneo silêncio, como se cada um se esforçasse por assimilar a notícia dada, para logo se levantarem todos da mesa, em tumulto, falando ao mesmo tempo, incrédulos. Foi quando o encarregado voltou, nos braços a jovem morta, e a depositou no chão da sala de jantar.

— Em todas essas noites venho ouvindo os gritos de tia Ludmila — diz Alice — empurrando as pessoas que, à sua frente, se interpunham entre ela e o corpo de Glenda.

— Você deveria tentar não pensar mais em tudo isso, pelo menos tentar distrair-se — aconselha Francisca. — Mas você insiste em falar, falar...

Alice concorda com um movimento de cabeça, mas diz:

— Se eu não falo... é como se tudo isso fosse avolumando-se aqui dentro... a ponto de estourar... — esfrega o rosto com as mãos. — Há um mês venho tentando... mas não, agora não dá mais, é preciso lembrar, e lembrar todos os detalhes. Porque, Francisca, a tragédia é um fato cru, abrangente, que nos envolve, mas é nos detalhes que lhe percebemos toda a extensão.

— Talvez devêssemos ir até o caramanchão — diz Francisca.

— Sim — diz Alice, concordando —, o sol não é incômodo lá, a não ser à tarde. Vamos.

— Estive olhando para aquelas janelas — diz Francisca. — Qual é a do quarto do tio Augusto?

— É a terceira a partir da esquerda — diz Alice levantando-se e sacudindo do vestido as pétalas que Francisca deixara cair. — Pobre velho — diz —, há quase um ano agoniza, não só pela velhice, você sabe... há quase um ano não se levanta daquela cama, entretanto em sua senilidade não se esqueceu de Glenda, chama por ela às vezes...

— Mas não deve viver muito tempo mais — observa Francisca. — Suas forças diminuem dia a dia, pode-se percebê-lo.

— Naquele dia em que tia Ludmila, gritando, afastou as pessoas do corpo de Glenda e contemplou a filha morta, esse foi um detalhe que não esqueci. Ela olhou Glenda estirada no chão e então se voltou devagarinho para onde o tio Augusto estava. — Alice sorri, com o rosto crispado: — Que coisa aquilo!, ela olhou a filha morta sem dizer nada e se virou lentamente para onde o tio Augusto estava, como se fosse saltar sobre ele.

Francisca e Alice agora caminham lado a lado, entre os canteiros, em direção às alamedas laterais do jardim. Alice evoca as imagens da tragédia.

— E ainda teve aquilo que ela disse depois... só assim pude compreender certas coisas que ela me dizia às vezes. — E Alice abana a cabeça, numa negação. — Não, tia Ludmila nunca foi feliz em seu casamento.

— Nunca — confirma Francisca —, isso, se não era claro antes, não podia deixar de sê-lo a partir daquele dia.

Então abre os olhos, sem reconhecer o lugar onde está. Assusta-se, respira com dificuldade como se fosse sufocar, grita:

— Glenda! Glenda!

Lembra-se de que se levantara da cadeira sem compreender o que se passava, sabia apenas que referiam a morte de alguém, mas em seguida o encarregado entrou com um corpo nos braços. Há quanto tempo fora isso?

Agora tinha esses pesadelos dos quais não conseguia recordar-se direito, mas sabia relacionados à morte da filha. Acordava tomado pelo pânico sem se lembrar de onde estava e encharcado de suor. Consequia apenas gritar o nome dela:

— Glenda! Glenda!

Entrementes Ludmila voltava-se para encará-lo, a ele que, de pé, parecia fazer um grande esforço para contornar a mesa e aproximar-se do grupo que se formara em volta do cadáver. Nesses poucos momentos de lucidez as lembranças são apenas fragmentárias, mas revê sua mulher olhando-o com ódio naquele momento. Oh, a maneira como ela o encarou, a fixidez de seu olhar inelutável, esse ódio que lhe descobria então com espanto e horror, enquanto caminhava para perto da filha...! ...até que tudo voltava a se misturar em sua cabeça, e ele perdia outra vez a noção do mundo à sua volta...

— Tia Ludmila não era a mesma naquela hora — diz Francisca. — Parecia ter enlouquecido.

— Mamãe conseguira superar o abalo inicial — diz Alice —, o que foi de utilidade para pôr tudo em ordem. Determinou que se preparasse o salão nobre para o velório, ela mesma e tia Lourdes lavaram e prepararam o corpo, e o puseram no caixão.

— Se todos se descontrolassem... Mamãe, no entanto, parecia quase inconsciente de si, se estivesse sozinha nada seria feito.

E então Alice se recorda do momento em que Ludmila exclamara para que todos ouvissem que Glenda não era filha de Augusto, mas do jardineiro de sua casa. Mesmo estando a sós com a prima, Alice enrubesce.

— Todos estavam ali — diz Alice —, todos os vizinhos, famílias tradicionais do lugar, algumas autoridades, meu Deus... ainda hoje, quando me lembro...

— Teria sido proposital — diz Francisca — ela ter deixado para falar justamente na hora em que todos estavam presentes?

— ...quando me lembro de que ela disse: “Se quis ter um filho, senhores, tive de ir buscá-lo junto à criadagem!”

Junto ao ataúde se achavam Ludmila e o Conde de Olivais, cuja senilidade intermitente não lhe tolhia o conhecimento, mesmo que vago por vezes, do acontecido. Sabia que sua filha havia morrido — fora encontrada

no açude, e agora a estavam velando noite adentro. Havia muita gente no salão — podia percebê-lo —, mas suas vozes pareciam distanciadas, e sua presença era como sombras apenas, impalpáveis, impessoais, fluidas.

Quando Ludmila começou a dizer qualquer coisa — qualquer coisa que a princípio ninguém compreendeu bem, até ir erguendo a voz pouco a pouco, e quando Rebeca se aproximou para contê-la Ludmila, num salto para trás, apontou-lhe o dedo acusador e disse:

— Ela, senhores, ela é a culpada! Ela é a culpada de todas essas desgraças!

— Ninguém, contudo, se lembrou de Jorge — diz Alice. — Eu me recordo de tê-lo visto quando o encarregado trouxe o corpo de Glenda... Pouco depois saí da sala e vim para fora. Então vi Jorge encostado num dos pilares da varanda... cobria o rosto com as mãos.

— E então?

— Não o vi mais nesse dia... ele e Glenda se amavam.

Alice sorri, e acrescenta “a menina rica e o empregado da casa...”, e depois, sem conter-se e mesmo para espanto de Francisca, “o que teria sido pior para mamãe: a morte de Glenda ou vê-la casada com um ‘subalterno’, um simples trabalhador braçal?” Pois Alice não tinha dúvidas de que Ludmila daria a filha a Jorge...

Todos olhavam assombrados, ora para Ludmila, ora para Rebeca que, no meio do salão, imobilizara-se desconcertada. Já não mantinha o domínio da situação, e agora, mesmo depois de transcorrido um ano, ao atravessar o salão vazio supunha que fosse rever a irmã ali, apontando-lhe um dedo incriminatório, promovendo escândalo.

Rebeca detinha-se, olhando para os lados. Não havia ninguém por perto a essa hora, mas ainda assim sentia-se vexada como se a mesma multidão daquela noite continuasse ali, vendo-a atravessar o recinto, deter-se e lembrar-se dos acontecimentos, lendo-lhe talvez no íntimo seu embaraço, sua vergonha.

— Ela mesma casou-se por interesse — ainda podia ouvir a voz da irmã em suas acusações para todos ouvirem. — Não só a mim obrigou a um casamento de interesse, mas ela própria o fez, para salvar esta casa da falência.

Por último Rebeca evitava entrar no salão, pouco ia para essa parte da casa, pois estando ali era como se surdisse de algum canto a imagem acusadora da irmã ameaçando-a de “revelar também suas baixezas”. Estremecia, pois, ao horror rememorado de, naquela noite, no meio do salão, ter sido alvo de todos os olhares estarecidos, enquanto Ludmila a apontava com o dedo.

— Mamãe se viu impotente — diz Alice. — Como evitar que tia Ludmila falasse tudo que lhe vinha à boca? Tio Augusto a ouvia aterrorizado, enquanto ela ria na cara dele, gritando-lhe injúrias.

— Foi este homem, senhores, que após o contrato de casamento levou-me consigo para sua casa. Uma casa onde eu era qualquer coisa, uma cadeira, um banco, um cabide, qualquer coisa, menos mulher.

Junto ao caixão, Ludmila dirigia-se aos presentes apontando o velho e olhando em volta com ar de vitória. Enfim ali estava ela, libertando-se — libertava-se, ainda que para isso a filha precisasse estar morta:

— Menos mulher! Pois me deixava na cama e ia para o escritório jogar xadrez com as sombras, noite após noite, até muito tarde. E isso por quê? Saberão os senhores por quê?

O braço ainda estendido, o dedo apontando ainda o velho sentado ao lado do caixão:

— Porque era impotente, porque não conseguia deitar-se com uma mulher, porque era incapaz de... de... — e leva ambas as mãos ao rosto, esfregando-o com exasperação e ao mesmo tempo soltando uma gargalhada.

— Esse foi o *homem* que aquela dali — apontou para Rebeca — escolheu para mim.

— E depois foi a confissão que fez — diz Francisca.

— Era o seu segredo, ela me disse pouco antes de ir embora.

— Sim — diz Francisca —, um triste segredo.

Até que recobrava de todo a consciência e se via em seu quarto, na casa de Rebeca. Ludmila o abandonara doente na casa da irmã e não voltara, nem procurara saber notícias. Há quanto tempo isso? Não sabia ao certo, mas fazia muito tempo... E por último a inesperada revelação: Glenda não era sua filha. Ofegava devido ao cansaço crônico da velhice: que importância tinha isso agora?

Olhando em torno de si, o quarto, os móveis, os remédios sobre a mesinha de cabeceira, a brancura dos lençóis, ficava esperando a morte.

— Glenda era filha de um dos criados da casa — diz Francisca —, com o qual tia Ludmila passara noites de amor... Oh, Deus, tudo isso dito assim, no meio de todos!

— E como fui mulher então, senhores! — exclama Ludmila triunfante, alguns dos presentes mal reprimindo risinhos de escárnio. — Ah, como fui mulher então!...

Rebeca afasta-se apressada do salão, que permanecera trancado desde esse dia, com as janelas fechadas e as cortinas cinzentas corridas. Quase podia ouvir de novo a voz da irmã revelando seu “segredo sujo”, chegava a rever o velho Augusto agitando os braços para levantar-se da cadeira, como uma árvore seca batida pela ventania. “Um nobre, meu Deus, afinal era um nobre, cuja casa tinha setecentos anos!”, e bate com força a porta atrás de si. Estremece. Corre para a janela ao fim do corredor. Respira como se o ar estivesse acabando, até acalmar-se. Não, não podia mais voltar a essa parte da casa. O horror daquela noite continuava lá, guardado.

Então Alice retorce os dedos olhando além da cerca. Os fios esticados sugeriam as grades de um calabouço. Sim, grades a lhe proibirem não a estrada além delas, mas o que havia além da estrada.

— Por que parou aqui? — pergunta Francisca.

A estrada sob o sol das onze. Uma fita clara tremulando ao vapor que sobe. A estrada por onde ele vinha ao se dirigir à vila, detendo-se junto à cerca para conversarem.

— Por que brigamos? — diz Alice.

— Sim, por que brigaram?

Teodoro agora não vinha mais. Já não parava junto à cerca com ela. Não mais a atravessava sub-repticiamente para estarem juntos. (“Entretanto os arames estão muito enferrujados, a cerca precisa ser reformada.”)

— E no entanto — Alice tem os olhos marejados —, o que seria de nós? O que haveríamos de ter? — e apontando a cerca: — É só isso o que teríamos, pois mamãe refez a cerca, toda a cerca. Os arames são novos, os moirões são novos e mais próximos uns dos outros.

— Tornou a cadeia mais hermética — diz Francisca, de cenho carregado.

Quatrocentos metros adiante a estrada dobra-se para a esquerda. Desce. Afasta-se. Por quanto tempo ainda ele deixaria de vir?

— Uma cerca entre nós.

— Não, nunca mais nos falamos. — Júlio esmaga raminhos aromáticos de cedro entre os dedos. — Mamãe proibiu. E nos vigia como se fôssemos criminosos.

Júlio está sentado num dos bancos de pedra sob o caramanchão. Francisca, à sua frente. Junto ao portão, Alice olha a estrada.

— Ela apenas os viu conversando, não? — diz Francisca, repousando a mão no joelho do primo.

Mas Alice não ouve sobre o que conversam Júlio e Francisca: ao longe, no portão, ela se sente só. Volta-se, recosta-se nas tábuas rijas, comprime as costas contra a madeira, que emite um leve rangido. O irmão e a prima estão conversando, pensa, mas àquela distância não consegue ouvir o que dizem.

— E tia Rebeca é difícil retroceder de suas decisões — diz Francisca.

Júlio não responde. Estampa-se o ressentimento em seu rosto crispado, a insatisfação, a revolta.

“Meu irmão, meu pobre irmão... não tem ainda dezoito anos, e...”

— Vou embora daqui — diz.

Célio aparece na varanda lateral e fica observando o irmão e a prima conversarem sob a latada. (Alice está só, junto ao portão.) Observa a cena com certo despeito: tornava-se arredio agora, preferindo evitar a presença da irmã. Há muito percebera o desprezo que sentia por ele...

— Ir embora! — Francisca sorri, incrédula. — Oh, o que você está dizendo!

Não, certamente não convinha mostrar-se pouco razoável agora, disse Célio para si mesmo. Nas últimas semanas, com o agravamento do estado de saúde de Augusto, Rebeca tornara-se intolerável. “É compreensível, entretanto, que ela esteja assim.”

(Fora a tia Lourdes que o dissera na véspera, quando Rebeca, pálida de furor — numa das raras vezes em que deixava à mostra seus verdadeiros sentimentos — irrompeu na sala de estar. “Temos de ser razoáveis agora” dissera, enquanto Júlio impacientava-se na sala ao lado.)

O irmão gesticula sob o caramanchão, enquanto da varanda Célio acompanha-lhe os gestos veementes com ar reprovador. Por quê, pergunta-se, por que ser tão impulsivo?

— E no entanto tínhamos de nos resignar — justifica-se Alice. — Mamãe nos impôs isso. Como poderíamos desobedecê-la?

Francisca recosta-se na árvore. No ano anterior, lembra-se, estivera sob aquela mesma árvore conversando com Alice, e Júlio viera dizer que o tio Augusto piorara muito nas últimas horas.

Célio, que o acompanhava, ficou a distância, e logo em seguida afastou-se na direção da casa. Júlio permanecera em sua companhia, mas enquanto ela e o primo se punham à fresca sob as buganvílias de folhagem verde-escuro, Alice preferira ficar junto ao portão. Quanto ao enfermo, viveu ainda por mais uma semana, ela e a mãe voltaram para casa logo após o sepultamento, e pouco menos de um mês depois receberam uma carta de Rebeca comunicando sua partida para a Europa.

Fazia dois meses que estavam de volta.

(Alice também lhe teria escrito contando como a mãe a havia surpreendido com Teodoro no jardim e agora a mantinha presa no quarto, porém essa carta deve ter sido interceptada por tia Rebeca, pois nunca chegara às suas mãos.)

— Mamãe já não me espiona — diz Alice, que parecia mais madura, apesar de ter-se passado apenas um ano —, e até me permite passear sozinha pelos arredores. Vê? Isso nunca aconteceu. Levou-nos semana passada ao baile dos Gonçalves, na fazenda Arcoverde, e lá não me vigiou em nenhum momento.

— Ainda não estive com Júlio — diz Francisca. — Tia Rebeca continua proibindo-o... de conversar com Andréia?

— Não há mais perigo — diz Alice —, aquilo foi só um capricho de adolescentes.

— E quanto a você?

As duas primas caminham ao longo da cerca em direção das alamedas, abundante de árvores e sombras, o caminho revestido de pedras. Por aquele

caminho, ainda úmido do orvalho da noite anterior, haviam descido pela manhã, antes das sete horas. Essa parte do jardim, àquela hora, era mais própria ao lazer, pois à medida que a manhã avançava e o sol ia-se fazendo mais quente, as sombras quase permanentes mantinham a umidade e o frescor por mais tempo.

— Foi por isso que mamãe resolveu fazer aquela viagem. — Alice toca nos fios de arame da cerca, tensos como as cordas de uma imensa viola. Os fios vibram com um som cavo, desafinado, até silenciarem. Coisa de poucos segundos, o som... a vida, Alice pensa.

— Mas tia Rebeca foi ardilosa — revolta-se Francisca. Alice toca os fios da cerca como cordas de uma lira. O som torna-se cansativo. A brincadeira entedia.

— Tudo se acumulou de repente — diz Júlio. — A morte de Glenda, logo o escândalo provocado pela história da tia Ludmila... bem, ainda que isso já tenha passado... mas o tio Augusto doente há quase um ano, morreu... não morreu... e tia Ludmila que se foi com o coração cheio de rancor e não responde às cartas de mamãe, que desistiu de continuar escrevendo...

Lourdes aparece na varanda lateral agora. Abraça o sobrinho e fica ao seu lado, apoiada no parapeito.

— Por que não vai juntar-se aos outros, Célio?

Célio dá de ombros.

— Prefiro estar aqui — diz. — Meu irmão anda muito irritadiço e revoltado contra mamãe. E minha irmã não aprecia minha presença.

Também Lourdes se detinha às vezes a observar o sobrinho e, desde cedo, notara-lhe a deficiência. Não, não que fosse um palerma, mas comparado com o irmão, por exemplo, suas limitações sobressaíam. Rebeca preferia não comentar o caso, e se ela — Lourdes — consentia em não insistir com a irmã era para evitar conflitos familiares.

Mas foi desde o incidente com as garrafas desaparecidas que se pusera a observá-lo com mais atenção. O incidente fora fortuito e tudo indicava que não voltaria a acontecer, pois Rebeca reprimira o filho com severidade, e o que poderia ter-se tornado um vício incontrolável e transformado Célio num bêbado fora contido por seu respeito pela mãe austera. No entanto, aquilo fora um germen, pensava, um começo apenas...

Lourdes não conseguia evitar o sentimento de pena vendo-o como agora, perdido no meio de toda confusão que vinha se abatendo sobre a casa. Célio olhava para o jardim sem vê-lo, alheando-se em seus próprios pensamentos.

— Rebeca não anda bem — diz Lourdes —, é preciso um pouco de paciência.

— Talvez eu possa perdoá-la, Francisca — diz Alice.

— Eu não — Francisca replica —, eu jamais perdoaria mamãe se ela fi-

zesse o mesmo comigo — levanta o braço até um galho baixo de árvore. Sacode-o, e folhas amareladas e raminhos secos caem em seu cabelo. — Por que Célio não foi com vocês?

Sim, Célio não viajara com a mãe e os irmãos. Dissera simplesmente que não queria ir, recorda-se Alice, e não fora preciso nem ao menos insistir para que ela o deixasse ficar, “pois mamãe sabia que não tinha nada a temer quanto a ele, que sempre lhe acatava as decisões e jamais a desobedeceria em sua ausência”. Então Célio ficou, passou aquele ano em casa dos Gonçalves, que o acolheram com muita satisfação na tarde em que Rebeca o levou até lá. “Sua permanência ali já havia sido acertada, e os Gonçalves reiteraram que teriam ‘muito prazer em atender a um pedido de nossa amiga Rebeca...’ Eu acompanhei mamãe naquele dia. Todos pareciam felizes, mamãe representava com segurança seu papel, ninguém desconfiou do verdadeiro motivo pelo qual resolvera ausentar-se tanto tempo de casa...”

— Um ano! — exclamou a Sr^a Gonçalves. — Oh, mas será um lindo passeio!

— Alice já é uma moça, precisa conhecer o mundo — diz Rebeca. — Claro que não será a primeira vez que vai à Europa, mas antes era apenas uma criança, e agora... Júlio também irá, Célio contudo preferiu ficar desta vez.

— Mas que coisa! — exclama a Sr^a Gonçalves. — Então você não acompanha sua mãe!

— Não sou afeito a ausências tão prolongadas, senhora.

— Oh, sim, apegado à sua terra, ao seu cantinho — ela diz, com complacência, sorrindo para o jovem. — Compreendo, claro que compreendo! Mas que pena, será por certo um belíssimo passeio.

— E eu — Rebeca diz — penso que devo respeitar a vontade dos meus filhos. Júlio entusiasmou-se, Alice não vê a hora de partirmos, mas já Célio... E se não é um incômodo para vocês...

— Oh não! Para nós será uma alegria tê-lo conosco — repete a Sr^a Gonçalves antes de se despedirem. — Esta é uma casa tão grande, tantos aposentos vazios!...

— E foi assim que partimos.

Mesmo culpando-se, Lourdes não pôde evitar um pensamento: “Daqui a pouco ele vai dizer isso como se fosse o primeiro a fazer tal observação”.

— Mamãe anda nervosa — começa Célio.

“Lá vem ele” pensou Lourdes, sentindo-se culpada outra vez.

— Mas é preciso ter paciência — diz, e acrescenta : — Se não tivermos paciência com as pessoas...

Deixa a frase incompleta. Lourdes está certa de que ele dirá aquilo ainda uma vez.

— E tem o problema de Estefânia, que é outra preocupação. Dois anos, não, três, sem dar notícia.

— É preciso ter paciência com as pessoas — diz Célio. — Se não tivermos paciência...

— Nem sequer chegamos a conversar naquele dia — diz Alice. Tínhamos tido uma discussão, e ele ficara várias semanas sem aparecer...

Francisca abana o cabelo e repõe o chapelinho branco.

— Minha cabeça encheu-se de cisquinhos — diz. — Bem que nós estranhámos uma viagem assim tão repentina... Mamãe chegou mesmo a comentar que... Oh, Alice, eu não suportaria... não, eu não aceitaria isso! Nunca!

— Não foi só por minha causa — ela explica —, ainda que eu fosse o motivo principal; mamãe queria afastar Júlio de Andréia também. O que tornou mais grave a situação foi que ela nem sequer cogitava que lhe desobedecêssemos, como se sua vontade bastasse para tolher-nos qualquer ato de rebeldia... Quando percebeu que não era bem assim... quando viu que a despeito de sua vontade, de suas ordens, agíamos a nosso modo, às escondidas...

— Esta casa vai desmoronar — Júlio diz. Francisca pressentia a mesma coisa, mas não ousava dizê-lo. Algo de ruim parecia anunciar-se, embora não soubesse o quê.

— Ficávamos trancados em nossos quartos, e ela não se dirigia a nós — Alice prossegue. — Andava em silêncio pela casa, e quando aparecia em meu quarto, ou no de Júlio, era apenas para saber de nossa saúde, limitando-se a nos olhar como uma estranha, saindo em seguida, sem uma palavra de carinho, nem de reprimenda... nem mesmo uma palavra de reprimenda, o que era pior.

— Meu irmão é um idiota — Júlio diz, sem rancor ou desprezo. Fala como quem constata uma realidade. — Há de submeter-se a mamãe — fixa a prima: — É por isso que não posso continuar aqui! Eu vou embora, Francisca, mas ele vai ficar, anulando-se... Aliás, ele sempre foi nulo, nulo, sem nenhuma iniciativa.

Anita e Andréia passam no fim do terreiro com trouxas na cabeça. Júlio olha para elas, acompanha-as com o olhar até desaparecerem na direção do córrego. Antes, porém, Andréia volta a cabeça sob a trouxa, e, sem se deter, segue caminho.

— Você gosta muito dela, não? — diz Francisca.

— Mamãe não sabe de tudo que houve entre nós — diz Alice. — Apenas que conversávamos vez por outra, que durante muito tempo nos encontramos furtivamente no jardim.

— Nunca entendi o que tia Rebeca tinha contra ele. Seria apenas medo de você se envolver com alguém de nível inferior ao dela?

Agora estão entrando no arvoredo. Seguindo junto à cerca, sairiam próximo ao portão. “Não, o portão não está mais fechado para mim” pensa

Alice, “esta cerca já não é uma prisão, já não há grades...” Mas caminhando junto à cerca era preciso a todo momento evitar os ramos das roseiras que se projetavam, os tufos de erva onde pequeninos insetos se escondiam, e logo ali adiante um enorme galho de árvore que caíra há alguns dias impedia a passagem. “Talvez o que haja agora seja pior.”

— E então, quando voltamos fiquei sabendo que ele e o pai haviam ido embora... não se sabe para onde.

— Veja Jorge — Francisca aponta para o portão, onde Jorge acabava de passar. O rapaz vê as duas moças e acena para elas.

— Como vai, dona Francisca? — pergunta Jorge, aproximando-se. Não a via desde o ano anterior, “desde quando dona Rebeca viajou com seu Júlio mais dona Alice” ele diz, pois desde então dona Lourdes não vinha à fazenda. Mas Jorge não pára: logo se afasta em direção da casa para atender algum chamado da senhora, cumprir alguma ordem.

Francisca fica olhando Jorge afastar-se entre as árvores, Jorge que se tornara homem e trabalhava, que não brincava mais e tinha suas obrigações, “Jorge, que agora se distanciou de nós, pois é um simples empregado e conhece o seu lugar...”

Sozinhas agora sob o caramanchão.

Francisca, que momentos antes entrara em casa, trazia ao colo um fino trabalho de bordado. Ao lado, sobre o banco, depusera o cesto de vime com as linhas, as agulhas, a tesourinha. Perguntou então por Célio, que havia ficado aquele ano com os Gonçalves. Como havia sido afinal? “Célio?” diz Alice, ora, Célio estava bem, “como o deixamos, e foi mesmo com alguma relutância que voltou para casa. Preferia ter ficado lá, estou certa disso”.

— Vou pedir a Jorge que me ajude a preparar uns canteiros ali — diz Alice. À esquerda do caramanchão abria-se uma pequena clareira, de onde alguns arbustos mortos haviam sido arrancados. E voltando-se para Francisca: — Não sei como você consegue fazer trabalhos tão finos!

— Oh, é prática — ela responde, examinando o ponto cheio iniciado há pouco, a destacar-se sobre o branco do tecido. — De início pensei em usar o ponto-de-cruz — explica —, um dos mais trabalhosos, mas também um dos mais bonitos. Depois refleti que o ponto cheio ficaria melhor.

Francisca bordava um lencinho branco de seda em que entrelaçava duas iniciais góticas, **A & T**, com pequenos e sinuosos lastros em variados tons de verde, gavinhas prendendo-se a ramos mais grossos e florzinhas vermelhas de miolo amarelo-ouro.

— Eu nunca aprendi a bordar — diz Alice. — Em compensação tive de aprender piano — acrescenta. Mas olhando em volta, balança a cabeça e sorri: — Mamãe sempre querendo que aprendêssemos o que lhe parecia o melhor. Do que eu gosto mesmo é jardinagem.

— Foi uma pena eu não estar aqui — diz Francisca. — Adoraria ter ido ao baile. Conte-me como foi.

Nesse momento Jorge passa em frente ao caramanchão, carregando pedregulhos redondos numa carrocinha. Tem o corpo suado por causa do calor e do trabalho pesado, e sob a pele bronzeada, quase negra, que rebriilha ao sol, saltam os músculos vigorosos.

— Há espaço para três canteiros — diz, detendo-se por um minuto —, pode-se fazer um maior ao centro, e dois menores — e aponta o espaço que começara a revolver pela manhã, explicando como desejava dispor os canteiros.

— Gostaria que os canteiros fossem circulares — Alice recomenda.

— Não tem dúvida — ele diz, e arrasta a carrocinha, as rodas sem lubrificação chiando ao peso das pedras.

— Os Gonçalves, tendo mamãe entre os convidados, seguem tudo à risca — explica Alice. — Todo aquele protocolo... como se fizesse muita diferença, neste lugar...

— Mas a tia Rebeca é muito ciosa de sua posição em casa de outras pessoas — observa Francisca, enquanto empunha a tesourinha para cortar uma linha de arremate. Agora escolhe os tons até decidir-se por um verde amarelado que sugeria a luz do sol. Aos poucos compunha, com linhas de diversas nuances de cor, uma suave e minúscula paisagem na brancura da seda.

— Uso as linhas escuras para os ramos que estão à sombra — explica. — Esta mais clara é para os que recebem luz direta do sol. — E Francisca demora-se olhando o risco, o bordado ainda no início. Repousa no colo as mãos que seguram o bastidor, o olhar vagando para adiante, à toa, o súbito devaneio, a lembrança. Uma brisa perpassa as folhas do caramanchão. Naquele mesmo dia, um ano antes, estivera ali como agora, com a prima. Fora menos de um mês antes da morte do tio Augusto. Conversava com Júlio, que se sentara no banco em frente, onde agora estava Alice. Mas a prima não havia ficado com eles: fora até o portão, isolara-se.

— Nem poderia ser diferente — diz Alice —, mas os Gonçalves esmeraram em tudo para causar boa impressão.

Francisca corta um pedaço de linha verde-amarelado e a introduz na agulha. Contempla o risco em preto-e-branco no tecido comparando-o com a parte já colorida pelo bordado. Parece satisfeita. Devo continuar por aqui, diz.

— E no fim das contas, quando mamãe elogia o cardápio, a disposição dos cristais, a qualidade do vinho, os Gonçalves ficam felizes. Mamãe é muito considerada e sua opinião é como lei. Pode ser um prêmio ou um castigo.

— E quanto à menina Rosinha? — Francisca pergunta, lembrando-se

da filha mais nova dos Gonçalves, a quem não via há mais de um ano e sempre lhe parecera muito bonita. — Que lhe parece?

— Rosinha?

Alice pensa em Rosinha. Depois diz:

— Uma criança incomum. Bastante mimada, sim — acrescenta, admitindo não apreciar os modos da garota, que não havia se portado bem pois a certa altura, tropeçando no tapete, deixara escapar uma inconveniência. “Ainda assim” diz como que para si mesma, “ainda assim uma criança incomum”.

— Incomum? Ora essa, e por quê?

— Ela tem consciência de sua beleza — Alice explica.

Mas naquele dia, pensa Francisca, aborrecido com a mãe Júlio estava determinado a ir embora de casa. Ela sorria sem levá-lo a sério. Como ele poderia imaginar que logo seria obrigado a uma viagem — um exílio — de um ano num país estrangeiro, exílio a que se submetera não por fraqueza, pondera Francisca, mas por ser pouco mais que um garoto. Que autonomia poderia ter naquela idade para dizer à mãe “Não vou!”? Entretanto, aquele ano se fora, ele retornara, e tudo estava acabado.

— Também Célio divertiu-se no baile? — pergunta Francisca, quando uma outra lembrança lhe vem à mente. Uma lembrança mais íntima, mais profunda, na qual demorava-se por vezes com alegria fazendo-a pensar: “Estou nostálgica hoje, sinto-me leve, leve.”

Jorge passa outra vez em frente ao caramanchão, arrastando a carrocinha vazia.

— Vou precisar de mais pedregulhos — diz.

— Onde ele apanha tantas pedras? — pergunta Francisca remexendo no cestinho de vime.

Ainda ouvem o chiado das rodas ressecadas muito depois de ele ter desaparecido entre as árvores. Alice, contemplando a terra revolvida de onde haviam arrancado uns arbustos mortos, alegra-se com a perspectiva de cultivar os canteiros que Jorge preparava.

— Não, Francisca, a cadeia não se tornou mais hermética — diz Alice, observando as trepadeiras que principiam a enlaçar os arames da cerca. Em algumas brotavam minúsculas florzinhas azuis, amarelas, vermelhas. — Mamãe já não exerce sobre mim o mesmo controle acirrado de antes. Agora tenho liberdade...

— E isso não é bom?

— Talvez seja tarde — diz Alice.

— Ora essa — diz agitando o chapelinho diante do rosto, tentando afastar um enxame de minúsculos mosquitos que irrompiam do meio das folhagens —, e por quê?

— Eles partiram, Francisca — diz Alice com desalento, em seus olhos grandes como que um medo. — E mamãe deve saber disso.

Francisca abaixa com lentidão o braço que segurava o chapéu, tomada pela surpresa: nascia-lhe enfim uma suspeita...

— Rodolfo insistiu em cortejar-me — diz Alice curvando-se em direção da prima para melhor observar o bordado. Aprecia a habilidade com que Francisca fere a seda esticada no bastidor, como aperta o ponto sem franzir o tecido ou puí-lo, a maneira como sua agulha vai deixando sobre o risco um rastro colorido. — E mamãe a incentivar que eu dançasse com ele.

— Um belo rapaz — comenta Francisca desfazendo agora um ponto defeituoso. — Aliás, Rodolfo a cortejou em seu baile de quinze anos, lembra-se? Sempre que dançava comigo, nunca me esqueço, só tinha olhos para você. — Com precisão corta a linha, arremata e recomeça, desta vez sem erro. — Que idade terá?

— Creio que vinte e cinco — diz Alice. — É simpático, bem falante, um pouco fanfarrão talvez.

— O que pensa tia Rebeca?

Alice não evita um sorriso, nem a ironia que se lhe desenha no rosto:

— É como se o partido fosse para ela!

— Oh, sim? Imagino — exclama Francisca, e de novo empunha a tesourinha. O lenço escapava do bastidor numa das pontas, por isso teve de soltá-lo por completo, recolocando-o em seguida, bem esticado.

— Mas como você soube disso?

Agora já podem avistar o caramanchão ao fim daquela alameda. “Fizemos bem em vir para cá” pensa Francisca. Mesmo à sombra da paineira, naquela parte do jardim onde o sol chegava primeiro na manhã, por estar voltada para o leste, o calor era mais intenso e, pouco a pouco, tornar-se-ia incômodo.

— Foi um dia depois de chegarmos — diz Alice. — Estranhei mamãe mais afetuosa que de costume. Ela me abraçou e disse: se quiser dar um passeio, Alice, não se prenda. Mande selar o baio, que é manso, e vá. — Alice pára e, distraída, põe-se a observar um formigueiro que surgia entre as pedras do calçamento. Abaixa-se para ver melhor. Impressionava-a a ação ininterrupta das formigas entrando, céleres, na abertura, saindo com minúsculos grãos de argila nas mandíbulas, entrando outra vez e outra vez saindo com seu punhadinho de argila, formando ao redor da entrada um morrinho circular. Põe-se de pé outra vez. Tudo aquilo era seu, pensa, tivera-o sempre, desde a infância. Crescera ali, entre as sebes, entre os canteiros, ouvindo aqueles mesmos e imutáveis cantos de pássaros, admirando o mesmo colorido das flores sobre a relva, e às vezes, sozinha, sentando-se sob o caramanchão onde floriam as buganvílias escarlates pensava no quanto tudo era sempre igual em seu perpétuo renovar-se, ano a ano, como se essa renovação permanente se desse em função dela, trazendo consigo a alegria ingênua e simples da vida, mas — e vinha do fundo de si mesma, melancólica e dis-

tante, a voz que lho dizia — como um brilhante e sonoro disfarce ao passar silencioso e furtivo do tempo. Sim, tudo aquilo que fora seu continuava ali, continuava seu. Mas havia um espaço vago dentro de si, como se faltasse alguma coisa. — Ela me deixou sair sozinha, a cavalo, num passeio pelos arredores.

— Não, eu não diria que Célio esteve bem no baile — diz Alice que, até o momento, evitara falar no irmão. Não que o detestasse — Alice reconhecia não ser este o seu sentimento. Ele, que mal lhe havia feito para detestá-lo, mais ainda sendo seu irmão? Um sentimento, no entanto, confuso, incômodo, obscuro, agitava-se em seu peito, em sua consciência, e sobre esse sentimento quantas vezes debruçava-se a esmiuçá-lo, não obstante torná-lo cada vez mais obscuro. Afinal, era uma pessoa má, inescrupulosa talvez? Não, dizia, “como posso ser má?”, e pensava em sua própria dor escondida em seus segredos, lembrara o amor juvenil de seus quinze anos que se fora prolongando pelos anos seguintes até perder-se... E Francisca nem ao menos estivera com ela durante o desenlace. Francisca havia voltado para casa com tia Lourdes — por que teve de sumir justo naquela hora? Por que todo mundo some às vezes? A tia Estefânia, por exemplo, há quanto tempo não dá notícias? — e então sentiu saudades da prima Clara, sim, a prima Clara que fora chorando ao seu quarto na véspera de partir, quando? Há três anos, quatro? E o rosto de Clara vem à sua lembrança, intacto, as lágrimas que lhe vira nos olhos estão correndo ainda por suas faces. Todos choram, por um motivo ou por outro, embora Clara tivesse motivos bastante graves. Chorar é natural, talvez mais natural que rir, mas o choro das crianças é diferente. Será que os animais choram?... E era sempre assim, em suas divagações fugia à lembrança do irmão cuja presença evitava ainda, depois de um ano de ausência. Mas era preciso esforçar-se, tinha de saber. E de uma coisa estava certa: não conseguia estimá-lo. Não sou má, pensa, não sou má — que sentimento era, portanto, aquele que experimentava pelo irmão? Aquele quase contentamento (negado, reprimido, nunca dito em voz alta como se o não dizer, como se repelindo-o para o mais fundo de sua consciência pudesse ao mesmo tempo diminuí-lo e redimi-la do mal), por exemplo, em ver frustradas suas tentativas de aproximação dos grupos em que predominava o sexo feminino, quando era deixado de lado quase imediatamente, e para disfarçar o desapontamento ia esconder-se no vão de uma janela ou passava para a varanda onde, à sombra, punha-se a remoer o fracasso; esse acanhamento de que o soubessem seu irmão, ou de estar em sua companhia meio aos convidados; e a irritação que não raro sentia ao ouvir-lhe a voz... Havia ocasiões em que chegava a ter pena dele, e remorsos. Como seria bom então aproximar-se, tomá-lo pelo braço, conduzi-lo a algum lugar e ficar conversando muito tempo para vê-lo feliz, vê-lo ao menos sorrir para ela!... Não conseguia, porém, tomar essa decisão, e o que sentia

era enfim uma piedade frouxa, indecisa, que logo se dissipava. Até mesmo o remorso apagara-se, e o irmão voltava a ser para ela a mesma criatura insignificante e desprezível de antes — tudo isso surdindo-lhe no íntimo, nunca admitido em voz alta, nunca de maneira clara. Por fora, como a disfarçar de si mesma seu sentimento, dizia uma banalidade qualquer, olhava uma flor ou um canteiro, ou punha-se a caminhar...

— Quando cavaleguei para aqueles lados — diz Alice —, tive a esperança de encontrá-lo. Mas não sabia ao certo onde era a casa. — Então Alice recorda: saíra para cavalgar sozinha, pela primeira vez sem a companhia caturra de uma matrona da criadagem mais antiga, e tudo que pudera sentir fora uma sensação vaga de liberdade, um entusiasmo frio e sem expansões. Olhar a estrada, sempre com a cerca de permeio, nos dias passados de sua adolescência fazia-a sonhar com essa liberdade que não conhecia. Fora encarcerada em seu próprio jardim, pensava, mas do outro lado da cerca a estrada se estendia ampla e luminosa, uma região de sonho. Os anos trouxeram, porém, o cansaço de sonhar, e agora que se via liberta vinha-lhe apenas aquela perplexidade de perceber que já não tinha a mesma importância. — Mas por acaso encontrei uma palhoça meio desabada num recanto de mato, a umas duas horas daqui.

— Na maior parte do tempo estive sozinho observando as danças — diz Alice. — Convidou algumas moças para dançar, mas elas aceitaram a contragosto, não sei se ele notou. O fato é que ele desistiu logo de dançar e passou boa parte da noite conversando com um senhor gordo sobre não sei que assunto, até que ambos se retiraram para uma sala reservada nos fundos, onde se apostava nas cartas.

— E o que tia Rebeca disse? — Francisca repousa o bordado no colo, as mãos imobilizadas sobre o bastidor. — Ela não se deu conta de nada? Ou...

— ...fingiu não perceber? Sim, eu acho que é isso, prefere fingir que não há nada errado com ele.

Francisca retoma o bordado. Está às voltas com um ramo do qual partem numerosas gavinhas que se entrelaçam com as letras. Algumas flores ainda estão inacabadas.

— Falta-me a linha adequada para esta parte — diz. — Será preciso encomendar na vila.

— Um homem que passava — diz Alice — me informou que eles tinham ido embora há muito tempo, há mais ou menos um ano — e agora Alice não contém a lágrima suspensa, o soluço retido na garganta. Francisca a abraça, penalizada. Voltam a caminhar, mas um cavaleiro, um vulto que passa na estrada faz com que Alice se detenha mais uma vez, sentindo o coração acelerar e o sangue subir-lhe às faces. Mas não era ele. Não era ele.

— O que eu penso é que mamãe deve ter muita certeza de que eles não irão voltar — diz.

— Espere-me no caramanchão — diz Francisca. — Vou lá dentro apanhar um bordado que estou fazendo para lhe mostrar. E envereda por uma ruela que conduzia à varanda lateral, perpendicular à que ia da casa ao portão. Alice ficou olhando o vulto que se afastava estrada afora, ao passo cadenciado do cavalo. Era um dos empregados da casa indo à vila cumprir alguma provável ordem de sua mãe.

— Houve um momento em que Célio se aproximou de um grupo de garotas que conversavam num canto. Foi durante um intervalo, quando os músicos pararam para descansar.

Francisca ouve a prima sem desviar os olhos do bordado. Como prosseguir com as letras? Deveriam ambas ser bordadas na mesma cor? Ou usaria uma linha clara para o A e uma escura para o T?

— Nesse momento eu conversava com Joanhinha Gonçalves no vão de uma janela, e observei bem o que aconteceu. Ele se aproximou do grupo com certa familiaridade, talvez para demonstrar aos circunstantes uma intimidade que não tinha com as meninas, e dirigiu-se a uma delas em particular, cumprimentando-a em seguida com uma cortesia meio estudada, mas a coisa acabou saindo muito falsa... Pois bem, elas o acolheram com uma delicadeza fingida, olharam-se entre si e se afastaram logo a qualquer pretexto. Ele sorriu, expansivo, para ocultar a decepção a quem acaso o estivesse observando e foi falar com um conhecido... Mas a menina a quem se dirigira em particular, ao afastar-se comentava e ria com certo ar de deboche, cobrindo a boca com a mão e inclinando o rosto na direção das amigas.

— Esta deverá ser a última — diz Jorge de volta, acenando para Alice, a carrocinha a chiar ao peso dos pedregulhos; mas as primas admiram-se do vigor que o rapaz demonstra ao conduzi-la, contemplam os músculos rijos desenhando-se sob a pele morena.

— Que fiquem prontos logo — sorri Alice para o rapaz. — Não vejo a hora de começar...

Jorge pára um minuto, secando o suor do rosto com a fralda da camisa. Pergunta:

— O que a senhorinha pretende plantar neles?

— Beijos, malva, sempre-vivas... enfim, flores simples.

— Suas observações sobre Célio — diz Francisca — às vezes são cruéis.

Alice baixa a cabeça, corando um pouco. Francisca tem razão, pensa, mas como evitá-lo? Era compulsivo aquilo de observar as pequenas misérias íntimas do irmão, quase prazeroso conquanto repelisse com aversão esse sentimento sempre presente. Como evitá-lo, pergunta-se, como?

— Para onde você foi? — ela diz, a meia voz. Agora já não havia ninguém na estrada. O tropel do cavalo cessara. Restabelecera-se o silêncio. — Para onde?

Os arames novos rebrilhavam ao sol.

— Talvez eu esteja livre agora — continua, à meia voz. — Mas a que preço!

Alice encaminha-se para o caramanchão. Está só, por alguns momentos só, e sentada no banco de pedra sob a folhagem úmida e fresca das buganvílias experimenta o gozo da quietude matinal, essa quietude todavia que não é quietude mas toda mistura de sons e ruídos, sons e ruídos sutis que se somam para compor um concerto que todos os dias se repete, e se modifica com o correr das horas tranqüilas e se polui apenas com o burburinho humano. Que nessa quietude se entretece a teia fina do voejar dos pássaros e seus trilos no ar fresco e puro, o som do vento perpassando as folhas e agitando os galhos que rangem uns contra os outros, ou trazendo de longe o mugido gutural dos bois no pasto, o relincho cristalino de um cavalo, o cantar retardatário de algum galo, e acurando-se o ouvido é-se capaz mesmo de captar meio à multiplicidade de vozes o vago e longínquo rumor de uma cachoeira, como um interminável esfacelar de sensações; mais próximos, contudo, e mais imediatos, o cricri dos grilos nas moitas ou o chiar das cigarras mimetizadas de encontro aos troncos. E quando, de um momento para outro, acontece de todas essas vozes ao mesmo tempo se calarem, o que fica é um cício vago, indefinível, uma impressão talvez — e não mais que isso — de algum som, porque nesse momento não há som algum, e a isso se chama silêncio — mas tudo recomeça no instante seguinte, e resta uma dúvida sobre esse cício, era ou não algum som?, pois mais uma vez essas vozes múltiplas, intermináveis, enchem a plenitude do dia.

Mas o ruído que chama a atenção de Alice agora não faz parte desse concerto: são passos que vêm pela calçada. Volta-se e vê Francisca que chega com um cestinho de vime na mão.

— Senhorinha — diz Jorge acenando para ela —, os canteiros estão prontos. Venha vê-los.

Jorge fizera os canteiros com simplicidade e gosto, cercando-os com os pedras redondas recolhidas na cachoeira e no rio, as quais tivera o cuidado de pintar com cal, e, com sua poética simplória, enquanto revolvía a terra, desmanchando os calhaus grandes e duros, misturando húmus e restos de gravetos e folhas em decomposição, comparava-os a grandes colares de pérolas, usados por certo nalguma terra de gigantes.

— Já pode plantar se quiser — ele diz alegremente quando Alice se acerca, admirando-os —, mas é bom molhar bem antes...

— Francisca — ela exclama —, venha ver como ficaram bonitos! — e bate palmas de contentamento.

Francisca sorri, abanando a cabeça à alegria simples e ingênua da prima. Põe de lado o bastidor e o cesto e por sua vez aproxima-se dos canteiros.

Mas foi nesse momento que viram Rebeca descer apressada os degraus da varanda e, com seu aprumo natural, dirigir-se até elas. Logo em seguida Lourdes também aparece.

— Rebeca, o que vai fazer? — grita, descendo os degraus quase a correr e adiantando-se para alcançar a irmã. Mas Rebeca pára junto da filha e da sobrinha, o rosto congestionado por algum súbito e inesperado aborrecimento. Mantinha, contudo, a altivez habitual e a gravidade de atitude, gestos e palavras.

— Fui enganada, minhas filhas — ela diz, sem que o menor tremor na voz sugerisse insegurança. Fala com dignidade, pois considera indigno demonstrar sentimentos exacerbados diante dos outros. — Leiam — e estendeu para Francisca o papel que trazia nas mãos.

Francisca leu e releu as palavras breves e incisivas num cursivo oblíquo e pleno de determinação a se destacarem na página branca, passando-a em seguida para Alice.

“Mamãe,
“Parto com Andréia para uma cidade qualquer. Amo-a e seremos felizes juntos. Nada quero de seu. Levo só as economias que consegui reunir e as jóias que a vovó deixou para o papai. Como a senhora se lembra, essas jóias foram-me deixadas pelo papai, portanto são minhas e de minha mulher. Não adianta procurar-me: ao encontrar este bilhete, já estaremos longe.

Adeus,

Júlio.”

Lourdes abraçou a irmã, mas Rebeca, que não se deixaria dobrar com facilidade, sentenciou:

— Hoje eu perdi um filho. Júlio não tem mais entrada nesta casa — e voltou para dentro, seguida pela irmã.

Alice estava atônita com a novidade. Júlio e Andréia deviam ter partido pela madrugada, ela pensa, mas como era um costume de seu irmão levantar-se mais cedo e sair para cavalgar, ninguém desconfiara de nada até o momento em que Rebeca entrou em seu quarto e viu o bilhete.

— Ele mal completou dezenove anos — diz, quase sem acreditar no que lia.

Francisca está surpresa. De cabeça baixa, Jorge escavaca a terra com o dedão do pé.

— Júlio, que lhe parece a menina dos Gonçalves? — perguntou Rebeca quando de regresso do baile, pela madrugada.

— Qual delas, mamãe?

— Ora, qual haveria de ser? Está claro que me refiro à senhorita Joaniha, já que a mais nova só tem dez ou onze anos.

— Nove, mamãe — corrige Alice.⁴

Alice se recorda do baile em casa dos Gonçalves, aonde fora com os irmãos e a mãe.

— No entanto, Júlio foi embora — diz Alice distraída com o movimento hábil da mão de Francisca no bordado. — Ele foi embora, à procura de sua felicidade — pondera —, e eu fiquei aqui.

— Você dançou apenas duas vezes, Célio — disse Rebeca naquela noite quando o filho, cruzando o salão, subia as escadas levando uma vela rumo ao quarto de dormir.

— A senhora sabe que eu não ligo para dançar, mamãe — ele respondeu, e prosseguiu escada acima.

— É mentira, mamãe — cochichou Alice ao ouvido da mãe, que não a esperando nesse momento virou-se sobressaltada.

— É falta de respeito assustar as pessoas, minha filha.

— Desculpe, mamãe. Mas ele convidou várias moças para dançar, e duas, só duas, aceitaram, mesmo assim a contragosto.

— Deixe seu irmão em paz, Alice.

— Ouvi uma delas dizendo à outra, depois, que ele é um tanto medíocre. E que não deve tomar banho. Por causa do cheiro...

— Vá para o seu quarto, Alice.

— Mas é verdade, mamãe.

— **VÁ** para o seu quarto, Alice.

— Sim, mamãe.

— Você deve pensar um pouco mais no Sr. Rodolfo, minha filha. É um rapaz inteligente, bonito e de ótima família.

— Quando mamãe diz que alguém é de boa família — Alice explica —, quer dizer que é rico.

Mas Célio vem vindo pela viela rumo ao caramanchão. Alice mostra-se contrafeita com sua presença e procura disfarçar o aborrecimento olhando além do portão a estrada vazia. Célio se detém com os braços pendidos ao lado do corpo, olhando reto para frente com a expressão imóvel “de um imbecil” pensa a irmã.

— Está surpreso também com a partida de Júlio, meu primo? — pergunta-lhe Francisca.

— Mamãe quis impor o meu casamento com Rodolfo Gonçalves — diz Alice —, isso durante as semanas que se seguiram ao baile...

...mas ela entrou certa manhã no quarto da mãe, e lhe falou com secura

— secura e uma gravidade tal que surpreendeu a voluntariosa senhora, deixando-a sem ação:

— A senhora me impôs uma estada de um ano no estrangeiro, mamãe, contra minha vontade. Pode estar certa de que não fará o mesmo, tratando-se de casar-me com o Sr. Rodolfo Gonçalves. Jamais serei esposa dele.

— Foi uma das poucas vezes em que enfrentei mamãe — diz Alice.

Célio vira o rosto para Francisca, os braços ainda pendidos ao lado do corpo.

— Ele não devia ter feito isso com mamãe — responde. — Ela faz tudo por nós, não nos falta nada. Foi uma traição.

“Está tentando dizer algo inteligente” pensa Alice, “mas não se dá conta de estar repetindo o que mamãe disse para tia Lourdes no dia da fuga.”

— Oh, primo! — reprova-o Francisca com um sorriso amistoso. — Não acha que temos o direito de escolher nosso próprio caminho?

“É que ele jamais escolherá o caminho dele” pensa Alice, “ele não tem caminho, nem iniciativa, nem nada.”

— Mas assim?! Contrariando mamãe? — Célio exclama com uma indignação falsa.

— E a tia Rebeca não o contrariava? — Francisca diz, e após pensar um pouco, acrescenta: — Às vezes temos de descontentar as pessoas, Célio, para sermos felizes.

Célio franze os lábios, formando um bico, procura uma resposta e como se fosse fazer uso da palavra para expressar uma idéia original, diz:

— Será que podemos ser felizes fazendo a infelicidade dos outros?

“Idiota! Idiota!” Alice exclama consigo mesma, voltando-lhes as costas para não revelar em seu rosto a irritação que lhe causava ouvir as bobagens de Célio, “sempre repetindo frases feitas, expressões vulgares como se fossem sábias verdades!”

— Eu acho é que foi uma traição, isso sim — ele diz descendo devagar na direção da estrada. Hesita um pouco, atravessa o portão e sai. Adquirira nos últimos tempos o hábito de caminhar àquela hora da manhã, conquanto às vezes também saísse para um passeio a cavalo.

— Sim, Júlio se foi e eu fiquei aqui — repete Alice, como que para si mesma. — Faz três anos...

Francisca dispõe as linhas sobre o tecido branco, ainda indecisa. Que cor usar para as letras?

— Ainda que ele tenha vindo aqui duas vezes — diz Alice. — Mas quando viu que minha receptividade não era das mais encorajadoras, desistiu da idéia.

E Rodolfo Gonçalves gira nas mãos o chapéu, um tanto embaraçado. Essa menina é bem filha de sua mãe, pensa, teimosa, decidida, turrona.

— Eu não sou teimosa — diz Alice como se lesse o pensamento de

Rodolfo. — Imagino que o senhor esteja pensando justamente isso. Mas teimoso está sendo o senhor.

— Porém... senhorita... encantam-me os seus olhos, o seu rosto, os seus... lábios...

— Jamais me casarei com o senhor, Sr. Rodolfo. Prezo a sua amizade, e se preza também a minha, não insista.

Vencido, Rodolfo desceu para o portão. Deteve-se para olhar Alice ainda uma vez, mas esta parecia absorvida em admirar o bordado que Francisca concluía, e não o percebeu. Rodolfo então montou a cavalo e foi embora.

Francisca decidira-se por usar a mesma linha para ambas as letras. Arremata agora o ponto final e exhibe a obra acabada, ainda no bastidor. Alice demora-se admirando o bordado, a suavidade dos meios-tons de verde no entrecruzar dos ramos, das folhagens, da luz que parecia atravessá-las; a harmonia dos amarelos, dos vermelhos, dos lilases compondo florzinhas minúsculas e, por fim, as duas letras, **A & T**, em ponto cheio no centro da figura.

Francisca retira o lenço do bastidor. Ergue-o defronte os olhos, contempla-o um momento à plena luz. Parecia bom, ela pensa, parecia perfeito.

— Quando ele voltar — diz, entregando a Alice o mimo —, dê-lhe isso de presente.

Alice recebe o lencinho, encantada, “oh, Francisca!...”, olha-o ainda uma vez e o guarda no bolso do vestido.

— Não sei se... se ele vai voltar.

Levantando-se do banco dá alguns passos ao acaso com as mãos nos bolsos. Detém-se, olha à sua volta, as árvores, as sebes, os canteiros recém preparados por Jorge. Volta a andar, pára junto aos canteiros, contempla a terra revolvida onde folhinhas verdes começavam a aparecer.

— E enfim os canteiros estão prontos — diz. Mas Francisca nota-lhe um certo abatimento, algo como um cansaço impresso em suas feições.

Nesse instante um vento frio passa, momentâneo, uma lufada apenas, mas retorna, em ondas, levantando folhas secas e poeira. Nuvens esgarçadas passam com rapidez.

— O tempo refrescou — diz Francisca. — Até parece que vai chover.

Alice afasta-se dos canteiros, e mais adiante, movido pelo vento, rangia o portão que já não ficava trancado durante o dia. Alice abre o portão, deixa-o escancarado, e a estrada que passa em frente como que lhe mostra sua liberdade.

— Eles eram o único motivo de minha clausura — diz.

— Mas os meninos — diz Francisca —, tia Rebeca não temia o contato de Célio e Júlio com eles?

Alice volta-se para ela.

— Na verdade não, pois meus irmãos... enfim, são homens, mesmo que chegassem a entrevistar-se alguma vez, não haveria risco... creio que você entende...

— E não se entrevistaram?

— Acho que não... Creio que não houve oportunidade de aproximação.

Um tropel de cavalos chama a atenção de Francisca. É Joaquina Gonçalves que vem num elegante cavalo de raça, seguida um tanto de longe pela irmã, Rosinha, cuja montaria, um cavalo velho e manso de ares cansados, não demonstrava nenhum interesse em competir com seu companheiro. Avistando as duas primas junto ao portão, Joaquina acena para elas retendo o passo veloz do animal.

— Há quanto tempo não vai lá em casa, Alice — diz em tom de censura. — Esqueceu o caminho?

Não, por certo Alice não esquecera o caminho, e afirma que ela, Joaquina, é quem havia sumido. Qual de nós duas, afinal?, pergunta Joaquina com um sorriso muito amplo e cheio de alegria. Mas enfim pareciam concordar que ambas estavam um tanto afastadas nos últimos tempos — e Joaquina desmonta, segura o animal pelas rédeas enquanto conversa com as amigas.

A alguns passos do grupo Rosinha permanece montada, deixa seu velho cavalo aparar a grama à beira do caminho. Criança ainda, não toma parte na conversa dos adultos, mantém-se alheia, mas vez por outra olha com enfado para as moças que tagarelam com animação. Ao contrário da irmã — morena de cabelos lisos e negros e rosto alongado —, Rosinha era loira, tinha os olhos de um azul cintilante e os cabelos anelados, soltos, iam dar-lhe pela altura dos quadris. Sobre esses cabelos, que já faziam a inveja das moças da região, pusera com graça um grande chapéu de palha, prendendo-o sob o queixo com uma fita de cetim azul, e o chapéu vinha lançar uma sombra no rostinho redondo onde sobressaía a boca de lábios grossos cor de cereja, que ao sorrir fazia surgirem duas covinhas nas bochechas; espalhadas nas faces viam-se sardas, umas sardas minúsculas de cor apenas um pouco mais escura que a pele, que, muito branca, parecia resplandecer à luz baça que atravessava as nuvens cor de chumbo. Puxou à mãe, pensa Francisca, de ascendência alemã; o Sr. Gonçalves, ao contrário, é bem moreno.

— Ora, a mamãe...! — exclama Joaquina de repente, protestando contra alguma impertinência de sua mãe, mas Francisca não presta atenção ao que ela diz: continua a observar de través a menina. “Sim” pensa, lembrando as palavras de Alice, “bonita demais para ser uma criança comum.”

Pois havia nela, nessa menina loira e arredia que, a distância e como que ignorando a presença de todos, deixava o cavalo pastar à beira da estrada como um barco à deriva — havia nela algo que incomodava Francisca.

“Não serão seus olhares sempre tão diretos, até mesmo petulantes? Ou o trejeito de seus lábios, como a denotar um certo desprezo?”

— Assim são as mães — dizia Alice, como se quisesse lembrar à amiga que também tinha uma mãe, e que nem sempre tudo corria bem entre ambas.

— Papai, ao contrário... — e Joaninha agora fala do pai, que não era tão impertinente, embora fosse bastante severo, até mais que a mãe.

Mas a Francisca isso não interessava. Entendia-se bem com a mãe, que de hábito lhe fazia as vontades, “é claro que eu sempre soube respeitar suas decisões, que de resto nunca são duras”, e quanto ao pai, perdera-o antes dos seis anos, não chegando a conhecê-lo bem (tinha isso em comum com Alice — pensa num relance —, que também não conhecera bem o pai). O pouco que recordava dele não era suficiente para fazer um juízo, e como não tivera tempo para amá-lo, revia de memória tão só o homem alto sempre vestido com um terno de bom corte e cores frias, e em cuja cara destacavam-se uns bigodes grossos e bem aparados. E era só, pois do mais que se lembrava no pai eram os bigodes.

“Meu pai era apenas uns bigodes...”

Essa recordação distraiu-a, e com isso esqueceu-se por um momento da voluntariosa Rosinha, a bela entre as belas Rosinha, a menina impossível.

— É verdade que papai é bastante severo às vezes — prosseguia Joaninha Gonçalves —, intransigente também. Quanto já me queixei disso com meu irmão! É claro que o Rodolfo nunca me deu muita razão, afinal é homem...

Então Francisca se lembra de Rodolfo (Rodolfo, que se por um lado tem a pele morena do pai, possui como Rosinha os olhos azuis da mãe, e os cabelos claros), de quem Alice não lhe falara mais.

— Rodolfo? — exclama Joaninha. — Apaixonado por ela nos primeiros tempos — e indica Alice. Sorri com uma pitada de malícia para a amiga, que baixa os olhos, encabulada.

Mas Joaninha recorda agora um encontro que tivera há pouco, e se esquece do irmão.

— Sabem quem eu encontrei ind’agora? — diz Joaninha durante uma pausa. — Célio. Nós nos encontramos quase sempre. Hoje ele estava caminhando, mas às vezes o vejo a cavalo.

— Parece ter adquirido o hábito de passear por aí antes do almoço — Alice explica.

— Bem, creio que sim, porque não é a primeira vez que o encontro, desde que deixou nossa casa... enfim, desde que vocês regressaram. Quando está a cavalo, vai até bem perto de lá, mas nunca chega.

— Ora vejam só! — diz Francisca que de novo se punha a observar Rosinha Gonçalves: a menina está de cabeça baixa e mexe com as rédeas, como

se quisesse desviar a montaria de onde estava. O pobre animal, contudo, parecia pouco inclinado a obedecer e seguia aparando a grama com grande disposição.

— É um tanto esquisito o Célio — diz Joaninha. — Vocês não acham?

— Por que diz isso? — pergunta Alice, embora imaginasse que, convivendo com seu irmão, qualquer um acabaria por certo percebendo suas esquisitices.

— Você se esquece de que ele passou um ano conosco? — disse Joaninha enfática, e seguiu dizendo que naquele ano Célio tinha-se mostrado um tipo “muito esquisito”, sempre recolhido em seu canto, sempre muito quieto. — Quase não falava comigo — ela diz. — Acredita que num ano inteiro se me dirigiu a palavra uma dúzia de vezes foi muito?

Verdade era que Célio se sentia mais à vontade com o Sr. Gonçalves, com quem conversava bastante, “ou com mamãe, que é de hábito mais tagarela e a quem ele ouvia com atenção, mas minha presença o inibia”. E Joaninha descreve como Célio se portava em sua presença: “Assumia uns ares muito graves, como se fosse um homem mais velho e não tivesse apenas dezesseis anos. Sabe, fazia-se sério e se erguia nas pontas dos pés num saltinho ligeiro, como alguns senhores costumam fazer... Se eu dizia alguma coisa, ouvia-me com atenção, e se tinha de responder fazia-o de maneira breve e formal... parecia que eu estava ouvindo meu avô falar!”

— E como era com Rosinha? — pergunta Francisca.

— Célio conversava ainda menos com minha irmã. Mas não se sentia embaraçado na presença dela, pelo menos nunca o demonstrou. Nesse caso, contudo, compreende-se... afinal Rosinha ainda era muito criança.

Outra coisa em Célio intrigava Joaninha: seu hábito de sair para andar sem destino certo, retirar-se para algum lugar isolado e lá permanecer um tempo enorme, em silêncio e imóvel, como se estivesse sonhando... “Certa vez o segui, sem que ele me visse...”

— Um dia eu o peguei olhando às ocultas para mim — e contou que nesse dia todos se achavam reunidos na sala após o jantar, durante o serão habitual. Ainda era cedo e uma visita deveria chegar em breve. Em dado momento percebeu que Célio olhava para ela e para a irmã. Ambos desviaram o olhar, embaraçados, mas Joaninha não resistiu e voltou a olhar para Célio: outra vez percebeu que ele a espionava com o canto do olho. “A impressão que tive foi que ele nos comparava uma à outra, havia qualquer coisa de inquisitivo e incômodo em seu olhar...” — E agora deu para passear na estrada. Vez por outra nos encontramos e ele apenas nos dirige um cumprimento breve, cerimonioso, até mesmo seco, como se não tivesse estado conosco tanto tempo, como se fôssemos estranhas, entende? Entretanto, se nos voltamos, lá está ele a olhar para nós. Ao ver que o surpreendemos, disfarça e segue adiante.

Ele provoca tais encontros, pensa Alice enquanto escuta Joaninha; sabe a que horas elas fazem seus passeios, e provoca os encontros para poder vê-las. E uma suspeita lhe brota: será que meu irmão está interessado em Joaninha Gonçalves? Alice abana a cabeça, numa das raras vezes em que sente viva piedade do irmão.

Nesse momento, um preto que vem pela estrada se dirige às moças reunidas no portão. Pára a uma distância respeitosa, aguardando permissão para aproximar-se. Alice o reconhece: a serviço do chefe dos correios, era ele quem trazia a correspondência à fazenda.

— Pode aproximar-se, Tonho — Alice diz, fazendo um sinal ao negro —, aqui não tratamos de assuntos de estado — e sorri, brejeira, da própria piada.

— Apenas uma carta para a senhora dona Rebeca, senhorinha Alice — diz o preto avançando dois passos. Tira de uma sacola encardida um envelope, entrega-o à moça num movimento rápido e recua. Alice não reconhece logo a letra miúda e oblíqua do sobrescrito. O correto seria não ler o remetente, dir-lhe-ia Rebeca mais tarde quando entrou alvoroçada na sala anunciando à mãe a novidade, isso não é educado. Afinal, para quem estava destinada a carta? Não consegue, contudo, dissimular a surpresa, mesmo o contentamento, ao verificar o remetente:

— Francisca, é uma carta da prima Clara!

Francisca acerca-se de Alice, e ambas examinam com interesse e curiosidade o envelope, revirando-o nas mãos como se pudessem descobrir algum indício da mensagem que continha.

— Após tantos anos! — comenta Francisca.

Fizera-se então um silêncio no grupo reunido em torno do envelope, até que Alice dá-se pressa de entrar.

— Oh, Tonho — Alice percebe a presença do negro, parado a dois passos de distância, e procura nos bolsos do vestido algum agrado — uma moeda, um trocado qualquer — para o negro.

— Venha Francisca — ela diz, enquanto o negro se afasta guardando a moeda reluzente —, vamos mostrar a carta à mamãe. Venham também — acrescenta para Joaninha. Mas não, Joaninha Gonçalves replica consultando o relógio, não desta vez. Onze horas!

— Mamãe fará uma visita após o almoço, deseja que a acompanhemos e devemos estar em casa antes de meio dia e meia! Num outro dia...

Alice despede-se da amiga e, pressurosa, corre para casa.

— Por que teria ela escrito à tia Rebeca? — pergunta-se Francisca, que permaneceria ainda alguns minutos com a amiga. — Seria mais natural que escrevesse a Alice, não?

— Eu não me lembro bem dela — diz Joaninha, como se num esforço tentasse evocar uma lembrança de Clara. — Creio que a vi uma ou duas vezes, não mais...

— Ela não era feliz — Comenta Francisca, mas logo se arrepende: deveria falar daquilo à Joanhinha Gonçalves? “Afinal é um assunto particular de Clara, é certo que não o quereria dividir com estranhos” ela reflete.

— Joana! — a voz soou límpida e cortante no silêncio da manhã, e as duas amigas se voltaram. Rosinha prosseguiu demonstrando impaciência: — Mamãe pode aborrecer-se se nos demorarmos mais.

Mas Joanhinha não ligou para a irmã.

— Não era feliz? — pergunta sem grande interesse. — Ora, e por quê?

Francisca prefere não responder. Deu de ombros: poderia inventar qualquer coisa, mas não lhe agradava de qualquer maneira comentar a vida de Clara, de quem sabia que tivera problemas muito graves com a mãe. “Não, tia Estefânia nunca quisera ser mãe de Clara”. Um dia partiram (na véspera, Alice lhe contara, Clara estivera chorando em seu quarto) e não se ouviu mais falar delas. Mas Clara estava de volta — pelo menos na forma de uma carta, que devia trazer uma explicação —, portanto melhor seria esperar que ela estivesse ali, em carne e osso. Joanhinha, contudo, tinha o seu tanto de volúvel, pois não dera muita importância ao fato de Clara ser ou não feliz, mudando o rumo da conversa e voltando a falar no irmão, em Rodolfo que, como lembrara momentos antes, fora apaixonado por Alice e repellido por ela.

— Joana! — de novo a voz, feito lâmina, e as duas amigas se voltam para a impaciente Rosinha, ainda mais irritada. — Eu já disse, mamãe vai se aborrecer se nos atrasarmos. Por que não vem logo? — Na verdade, pensa Francisca vislumbrando-lhe o brilho de irritação no olhar, ela está aborrecida por ter ficado um pouco de lado enquanto conversávamos. A voluntariosa menina já se afastava, instigando o cavalo com pequenos golpes de chicote que, contudo, não pareciam suficientes para vencer a pasmaqueira do velho animal.

Ainda observando-a, Francisca se sente incomodada. “Não posso afirmar o que seja” pensa, “o que há nela que me perturba, mas talvez sua beleza... sua beleza incomum... pois essa menina é uma das criaturas mais belas que já vi!”

— Ora, o Rodolfo — ela diz, ainda olhando impressionada para Rosinha, que com o chicotinho incitava o animal a andar mais ligeiro —, quem diria! Então viajou!

Alice está ajoelhada junto ao canteiro e revolve a terra com uma pequena pá de jardinagem. Com o céu outra vez encoberto, um vento frio e úmido rumoreja nas copas do arvoredo.

— Mamãe não sabia como seríamos recebidas — diz Francisca, contornando o canteiro e ficando de frente para a prima —, por isso seu receio de ir até lá...

— E como foi que ela as recebeu? — pergunta Alice erguendo os olhos.

Francisca se abaixara do outro lado do canteiro, pousando um dos joelhos no chão.

Joaninha partira com a irmã, e Francisca ficando só junto ao portão sentia ainda o incômodo causado pela visão da beleza deslumbrante de Rosinha Gonçalves. “Tanta beleza vai perdê-la” pensa.

Mas uma sensação nova vinha substituir a lembrança da menina: a plenitude da natureza, uma sensação que só ali experimentava, olhando as matas cerradas que recobriam as vertentes próximas, ouvindo o vento sacudir as árvores ao longe com um rumor vivo como de muitas vozes que entoam o mesmo cântico dissonante, e nuvens carregadas cruzando o céu, baixas, vertiginosas. Estava “sonhadora” nessa manhã, e foi com certa decepção que viu chegar o preto dos correios com uma única carta, para sua tia Rebeca — e para ela? Então não escreviam para ela? Lembrou-se do baile em casa do General Aranha, um mês antes de vir para a fazenda. Lembrou-se de uns bigodes negros e bastos sob os quais viu luzir, de repente, um sorriso de dentes perfeitos. Lembrou-se de uns olhos grandes e profundos que pousaram nos seus, pondo-lhe as faces em fogo.

— Uma carta da prima Clara — diz Alice alvoroçada com a caixinha de sementes e a pá numa das mãos, e o regador na outra —, e a mamãe só vai ler quando terminar os preparativos para o almoço!

— Eu dizia à mamãe que era bobagem — diz Francisca. — A mágoa da tia Ludmila era com tia Rebeca, não conosco.

— Ela não nos procurou mais, nem escreveu, nem mandou notícias — diz Alice voltando a revolver a terra do canteiro, ao seu lado o regador e a caixa de sementes. — Gosto destas florzinhas mimosas — diz —, ainda que sejam efêmeras — e após um momento, como se refletisse: — Efêmeras como a impressão da vida.

— Ela ainda vestia luto por Glenda.

Chamava-se Olivério, o pai tinha alguma coisa a ver com a marinha mercante — não entendera bem o que ele disse enquanto dançavam, e não devido à música, mas à perturbação por que fora tomada com aquele convite repentino, inesperado. Perdi minha mãe... com que idade mesmo perdera a mãe? Não lhe conseguia apanhar todas as palavras, e confusa como ficara deixava-se conduzir sem saber o que seus pés faziam. Quando deu por si estavam parados junto a uma porta, pessoas sozinhas ou em grupos evoluíam pelos salões, casais giravam ao som de uma valsa, os dois debatiam um assunto banal, observando a cena. A senhorita toma um licor ou prefere uma laranjada?, ouviu-o dizer, e respondeu qualquer coisa. Ao respirar o ar fresco da varanda, onde enfim se punham longe do tumulto da festa, sentiu-se mais calma e pôde conversar mais à vontade. Naquela noite, quando recolheu a casa com a mãe, estranhou ao ouvir-lhe uma observação com um ligeiro acento de ironia:

— Você deixou os sentidos no baile, minha filha. Talvez o coração.

— Que quer dizer com isso, mamãe?

— Que lhe falei por duas ou três vezes sem que você me tenha ouvido.

— Não, não creio que vá tirar o luto algum dia.

— Duram um minuto — diz Alice —, mas são tão lindas! É preciso uma seleção de sementes puras — explica — para evitar cruzamentos. Mas o que quero neste canteiro é isto: provocar cruzamentos. — Alice guardara as sementes em diversas caixinhas de papelão, onde escrevera as cores correspondentes: vermelho, branco, amarelo, cor-de-rosa...

— Estávamos à mesa tomando chá e comendo bolachas — dizia Francisca.

Pensou que o sol fosse aparecer de novo ao ver sua sombra desenhar-se com clareza à sua frente. Mas o tempo fechou quase de imediato outra vez, nuvens escuras avolumaram-se no céu.

— Quase não falávamos. Tia Ludmila, à cabeceira da mesa, mantinha-se aprumada, ostentando seu luto com dignidade e orgulho. Nunca a vira assim, tão firme, tão convicta.

— Quando irá procurar Rebeca? — mamãe perguntou, para ter alguma coisa a dizer, para que o silêncio não fosse tão intolerável.

— Não voltarei lá — respondeu tia Ludmila.

— E se ela vier aqui? — tornou mamãe.

Tia Ludmila não chegou a sorrir — foi como um ríctus de amargura insinuando-se em seu rosto, sem chegar-lhe aos lábios. Porque, de repente, como que brilhou uma luz em suas faces encovadas.

— Ela não virá — disse —, primeiro porque não há de me perdoar; e segundo, porque sabe que eu não a receberia, que eu não a perdoaria também.

— Tia Ludmila odeia mamãe tanto assim? — Alice fixa a prima, as faces crispadas. Interrompera o gesto de semear a terra recém-revolvida, deteve-se a olhar as formigas que passavam em fila rente ao canteiro.

Entretanto Rebeca assoma à varanda, e parece procurar alguém com os olhos. Vendo-a, Francisca põe-se de pé e acena para ela. Curva-se para tirar gravetinhos e folhas secas que se haviam agarrado ao seu vestido. Entremetidos, Rebeca aproxima-se.

— Meu vestido está um pouco sujo, aqui embaixo — diz Francisca.

— Era uma carta de Clara — Rebeca informa em tom protocolar. — Uma carta concisa em que não faz nenhuma referência a Estefânia.

— O que ela diz, mamãe?

— Diz que está há uma semana no Rio de Janeiro e que deseja passar alguns dias conosco. Pede permissão para vir.

— E não diz mais nada? — pergunta Francisca.

— Este canteiro terá beijos de várias cores — diz Alice. — Num mes-

mo pé nascerão flores com mais de uma cor — ocupa-se agora em fechar as caixinhas onde guardava as sementes.

— Estivemos sentadas toda uma tarde na varanda que dá para o jardim — diz Francisca —, e quando falamos foi com frases curtas, sobre assuntos diversos e sem importância alguma. Ora a tia Ludmila referia a cozinheira cujo filho tivera rubéola, ora a faxineira que esquecera de tirar o pó dos móveis do salão. Comentava os babados de um vestido que vira com alguém e se parecia com um que tivera, ou se lembrava em voz alta de que o papel de cartas tinha acabado e ela esquecera de mandar comprar mais. E depois dizia que papéis de carta eram uma coisa supérflua, já que escrevia tão pouco. “Não tenho quase ninguém a quem escrever” disse ela. De repente comentou estranhar o fato de mamãe ter ficado um ano sem procurá-la. O natural era que dissesse isso quando havíamos chegado, mas só o fez pouco antes de irmos embora.

— Ela parecia nervosa, instável? — pergunta Alice, a imaginar a tia num estado mental mórbido. Preferia contudo não falar em loucura.

— Não — Francisca disse —, esteve sempre tranqüila, e se dizia banalidades era, talvez, para evitar assuntos que lhe trouxessem lembranças amargas... No entanto, via-se o quanto estava acabada. Emagrecera muito, tinha os olhos fundos e a pele amarela de quem não apanha sol.

— O canteiro vai ficar lindo — diz Alice antevendo a multiplicidade de cores e matizes mesclando-se em comum com o verde das folhas.

— Mas havia as cartas — diz Francisca.

— Cartas? — e apanha o regadorzinho, regando a terra comedidamente. Era sempre bom que as sementes permanecessem quase à superfície para facilitar a germinação, por isso não devia encharcar a terra.

— Sim, ela e mamãe se corresponderam algumas vezes nesse meio tempo. Em nenhuma delas pediu que fôssemos vê-la, nem perguntou por tia Rebeca ou tia Estefânia...

— Tia Estefânia...

— ...e quando mamãe resolveu procurá-la, foi por achar que se não tomasse essa iniciativa, de tia Ludmila não viria nenhum convite para irmos.

Então Lourdes apóia-se no parapeito ao lado de Rebeca. Dali avistavam as meninas junto aos canteiros, mas Lourdes sabe que a irmã vê com desagrado o gosto de Alice por jardinagem. O piano fica fechado dias e dias — dizia Rebeca reprovadora, e concluía:

— Filhos! Só desgostos!

Lourdes pensa em perguntar por Júlio, mas desiste. De antemão sabia a resposta, e para não ouvir aquilo e não ter de replicar à irmã que, decerto, retrucaria com azedume, prefere calar-se.

— E agora esta carta de Clara — diz Rebeca. — Que mistério há aí?

Rebeca já não olha as duas meninas junto aos canteiros. Alguma coisa

passa-lhe pela mente, o que se percebe pelo rosto crispado, pelo olhar fixo para adiante, pelos lábios torcidos.

Alice então de pé olha para o céu — iria chover ou não? Nuvens passam batidas pelo vento, revolvem-se, esfacelam-se. O ar está úmido. Pergunta-se se deveria regar os canteiros.

— Não, talvez não seja necessário — diz Francisca.

No céu, as nuvens escuras rolavam, indômitas. Ventava forte.

Alice faz que sim com a cabeça, indecisa ainda quanto à terra: não estará muito seca?

— Se o vento espalhar as nuvens— ela diz —, a chuva cai longe daqui.

— Estefânia está morta — Rebeca diz, enfim.

— Estávamos no quarto, preparávamos nossa bagagem para partirmos. Eu arrumava minha bolsa e mamãe, que acabara de ajeitar o cabelo no espelho da penteadeira, desceu para a sala. Eu permaneci alguns minutos ainda no quarto. Quando descí, tia Ludmila e mamãe estavam juntas no sofá, sem dizer nada. Parece que tia Ludmila esperava que eu também descesse, pois aí se colocou de pé e foi até a janela, afastando as cortinas. Ficou olhando para o jardim, e depois chamou a mim e a mamãe até lá. Quando nos aproximamos, apontou para baixo, onde um homem de uns quarenta anos trabalhava, podando umas roseiras. Ele não percebeu que o observávamos da janela do segundo andar, e continuou distraído em seu trabalho. De onde estávamos ouvíamos o ruído da tesoura de podar, sem interrupção, nos galhos.

— O pai de Glenda — sussurrou tia Ludmila.

Alice deixa o regador cair das mãos.

— Francisca interessou-se por um rapaz que conheceu alguns dias atrás numa festa — diz Lourdes.

— Francisca já está em idade de se casar — diz Rebeca. — Quem é o rapaz? Conhece-lhe a família?

Lourdes responde que o pai era acionista de uma empresa de navegação. Marinha mercante, explica. O rapaz parecera muito educado, tinha excelentes maneiras, chamava-se Olivério. Sim, bem situados, diz. Família tradicional, Silva Reis.

— Conheci uns Silva Reis, mas ligados à mineração — diz Rebeca. — Faz muito tempo. Serão os mesmos?

Então Anita aparece à porta.

— Desejo saber se há alguma alteração nas instruções para o almoço, senhora — diz.

— Não, Anita. As instruções são as mesmas. Pode ir — e quando a criada se afasta Rebeca informa: — Casa-se com Jorge, agora que ficou órfã.

Entretanto a notícia deixa Lourdes surpresa. Não, não que Anita não fosse uma jovem atraente, pelo contrário, era vigorosa, de corpo rijo e forte,

um belo rosto camponês. Talvez Jorge tenha pouca idade, comenta. Mas não era ainda aquilo, pensa, nem o fato de ser dois anos mais novo que ela... Irão casar-se no fim do ano, confirma Rebeca. Lourdes esperava que Rebeca tirasse a moça do serviço interno e a mandasse às lavouras, ou mesmo a despedisse junto com a mãe, suspeitando-as coniventes com a fuga de Júlio e Andréia. Para sua surpresa isto não aconteceu, e como tivesse ficado órfã no ano anterior Rebeca a deixara como a principal responsável pelos serviços da casa. Agora anunciava seu casamento com Jorge.

— Não, não tem tão pouca idade assim — diz. — Já é um homem.

— Jorge amava Glenda — diz Lourdes num momento de distração, e então se dá conta de que era aquilo, precisamente aquilo que a perturbava nessa notícia inesperada. Como pode alguém se casar tendo amado outra pessoa?, pensa. — Sim — prossegue —, amava Glenda e agora vai casar-se.

— É verdade — diz Alice —, sujamos um pouco a barra dos nossos vestidos. Talvez a relva úmida, ou quando caminhávamos pela margem do rio...

No céu as nuvens de chuva haviam sido espalhadas pelo vento, varridas, o sol aparecia a intervalos, mas não com intensidade.

— E de repente tudo volta a acontecer ao mesmo tempo — diz Francisca, parada, na contemplação desse mesmo tempo a se desenrolar aos seus olhos, fervido, impetuoso.

— Creio que logo fará calor outra vez — comenta Lourdes, debruçada no parapeito da varanda. De repente julga compreender: Rebeca mantivera mãe e filha no serviço da casa esperando reencontrar Júlio através delas. Manteve-as talvez sob vigilância, pensa; à espera de que num descuido um bilhete comprometedor acabasse em suas mãos, ou mesmo surpreendesse um preto que acaso trouxesse um recado... sim, sim, por isso não as expulsou daqui! — Hoje o dia está muito instável — diz.

— Como num rodaminho — diz Alice insensível aos canteiros onde vicejavam flores de colorido vibrante —, em que tudo é embolado, revolvindo, atirado longe.

— Vamos voltar para o caramanchão — Francisca propõe afastando-se. Nesse momento Célio voltava de seu passeio, deteve-se um segundo sob a latada, mas não chegou a conversar com a prima.

— As meninas Gonçalves disseram tê-lo encontrado na estrada — ela lhe diz.

— Hum-hum — fez ele sem se deter, afastando-se macambúzio. Subiu com seus passos iguais os degraus de pedra, também na varanda não parou para conversar, passou pela mãe e pela tia olhando reto para frente e entrou na casa.

— Célio está interessado em Joaquina Gonçalves — diz Francisca quando Alice, acercando-se do banco, senta-se ao seu lado. Francisca

dispunha no bastidor outro lencinho de seda, o risco representando uma suave paisagem onde o sol nascia por trás de umas árvores, em primeiro plano emergindo da chaminé de uma casa uma nuvenzinha de fumaça. Talvez bordasse ainda um riozinho correndo pela frente da casa, “ou seria melhor uma praia, um mar verde, azul?”. As iniciais, no entanto, eram outras: **J & O**.

— Até que ela o recuse — diz Alice —, ele a desejará. Quando for rejeitado passará a detestá-la, ou a desprezá-la, ou descobrir-lhe-á algum defeito. É assim que ele é.

“Aqui estou eu de novo” pensa Clara apoiada no corrimão da ponte sobre o rio, sentindo-se ofuscar pelos reflexos do sol na água que, rápida e em harmonia com a manhã, corria embaixo entre as pedras. “Aqui estou eu, e no entanto o que vim fazer aqui? O que estou fazendo aqui a não ser isto, mentindo?... Mentindo, mentindo, até quando poderei carregar comigo a mentira?”

Folhas secas passam rodopiando. Embora transparente, a água vez por outra trazia vestígios de barro, partículas de areia e lama vinham na corrente, sedimentavam-se. Mas apesar disso Clara sentiu vontade de entrar no rio, a areia, as pedrinhas do fundo incitando-a a pisar nelas, a sentir-lhes a doce aspereza na planta dos pés. Então atravessou a ponte, tirou os sapatos e levantando um pouco o vestido caminhou pela margem, acostumando-se à umidade refrescante, e em seguida entrou na água que lhe cobriu, leve e fria, os tornozelos, nos trechos mais fundo quase chegando-lhe aos joelhos. Todo o seu ser absorvia-se naquela sensação nova, enquanto a calmaria do jardim, tendo como fundo a música da cachoeira próxima onde essas mesmas águas que lhe refrescavam os pés iam cair com seu canto sempre igual, trazia-lhe o esquecimento, a paz momentânea. Agora Clara está imóvel no meio do riacho: solta o vestido cuja barra se move com a corrente, encharcando-se, e com os braços pendidos ao lado do corpo volta o rosto para cima, os olhos fechados, recebendo nas faces o sol ainda não de todo forte, obscurecido vez em quando por nuvens lentas e rarefeitas. E assim, ausente de tudo, presente apenas em si mesma, Clara escuta...

“Hei de estar mentindo sempre.”

— E então me ponho a relembrar — diz Alice enquanto Francisca recolhe do chão uma agulha que, num descuido, deixara cair. — Não lhe ocorre lembrar de quando era criança? — Alice tem as mãos no colo, o busto aprumado, e olha para a estrada vazia além do portão. — As lições com dona Carlota Gouveia, por exemplo, a viúva do capitão Gouveia. Vinha três vezes por semana para nos ensinar inglês e francês. No intervalo das aulas mamãe mandava servir café com brioches, e dona Carlota Gouveia dizia que os brioches eram o segundo pagamento que recebia pelas lições.

Além da estrada o terreno entrava em declive até o vale, aonde os rebanhos iam para beber água. O vale era atravessado pelo rio, e chegando-se à beira da estrada podiam ver-se reses deitadas à margem, deitadas à sombra das árvores, ou de pé no meio da corrente espantando as moscas com movimentos pausados da cauda.

— Mas dona Carlota Gouveia passava por dificuldades nessa época, lembro-me de ouvir mamãe comentar. O capitão ao morrer deixara dívidas, hipotecas, e ela acabou por ficar sem nada, a não ser uma casinha nos arredores da vila. Lembra-se dela, Francisca?

E mais além, mais ao longe, depois do vale, as encostas revestiam-se de uma densa floresta. Margeando-as, a estrada descia, avançava, alcançava a vila, mas de sob o caramanchão o que se via eram as cadeias de montanhas se sucedendo, azulando na distância.

— Ela trazia sempre aquele jeito de velha dama, mirradinha de corpo, o cabelo preso em sua redezinha, o sorriso estudado da vivência em sociedade. Quase sempre se vestia de preto, e tomava café com a elegância de uma nobre, mas sem afetação, sem altivez.

— Você tem boas lembranças dela — observa Francisca. — Eram muito amigas nessa época, não?

— Desde que ficara pobre passara a dar aulas para sobreviver, embora com isso não conseguisse suprir todas as suas necessidades. Sabe no que penso às vezes? Penso em como as pessoas são diferentes, porque dona Carlota Gouveia fora uma mulher de sociedade que de repente se via na pobreza. Mas exteriormente era como se aquilo não a afetasse, entrava e saía de sua casinha, ia às aulas particulares, agia com indiferença, como se fosse ainda a mesma.

— Talvez fosse ainda a mesma — diz Francisca, e movida por essa observação Alice imobiliza-se, como se esperasse ver a qualquer momento a antiga professora de línguas entrar pelo portão sobraçando alguns volumes e, com seu passinho miúdo, cruzar toda a extensão até a varanda onde, todas as manhãs, se ouviam suas palmas anunciando que chegara. Entretanto reflete: dona Carlota Gouveia era ainda a mesma. Apenas era pobre, apenas morava numa casinha nos arredores da vila e saía, ela mesma, às compras, e se encontrava em dificuldades. Mas não deixara de ser ela mesma.

— E se mamãe um dia ficasse pobre?

— Sim, um rodaminho — concorda Francisca enfiando a linha na agulha. O bastidor então escorrega de seu colo e cai. Alice curva-se para apanhá-lo, e o entrega à prima.

— Porque Clara já não é aquela que esteve em meu quarto na véspera de partir, anos atrás — diz Alice. — Eu vi em seus olhos o que naquele dia não estava ali: uma desilusão que os tornava duros. A menina triste que eu

vi chorar talvez ainda exista, no entanto muito bem guardada, escondida atrás da mulher fria e indiferente que vimos chegar.

— Mesmo assim — diz Francisca — adivinha-se a menina, a mulher que ainda chora nas dobras desse ser que se nos mostra com sua indiferença — e Francisca interrompe o trabalho, o gesto suspenso enquanto pensa, enquanto fala: — Vê-se isso em seus olhos. E há neles muito mais de trágico que de triste.

Alice ouve aquilo com inquietação. Pressentira o mesmo, pressentira-o desde que vira a prima estender-lhe a mão no dia de sua chegada, num cumprimento breve e cerimonioso acompanhado de um sorriso formal.

— E nem com a notícia da morte de tia Estefânia tia Rebeca abalou-se — diz Francisca.

“Então eu estou morta, eu estou morta” diz Estefânia ao lado do canteiro observando as flores murchas. “Eu estou morta.”

— Eu não esperava nenhuma reação de mamãe, a não ser aquela — diz Alice que, mais uma vez, revolve a terra dos canteiros. No menor, à esquerda, os talos murchos não arrancados pendiam, curvando-se para o chão. — Seria de estranhar se ela fizesse qualquer demonstração exacerbada de sentimento.

Porque Clara havia se instalado em seu quarto, desfizera as bagagens dispondo o vestuário e demais utensílios no armário e na cômoda, tomara um banho morno e adormecera. Mas por pouco tempo, pois logo em seguida desceu para a sala de estar onde todos se haviam reunido para esperá-la. Rebeca mandara servir um lanche, e insinuou que sua sobrinha viajara só, como se visse nisso um inconveniente.

— Desde que ela morreu — disse Clara escolhendo as palavras, mas sem hesitar — tive de acostumar-me a viajar só.⁵

Todos ouviam atentos, mas ninguém ousava uma pergunta, uma indagação mais direta. Rebeca deveria perguntar, cabia a ela conduzir a conversa. Alice e Francisca haviam-se limitado a uma troca de olhares, enquanto Lourdes para disfarçar a emoção levava a xícara aos lábios. Célio, sombrio, afundado numa poltrona, apenas ouvia.

— Nós não fomos informados do falecimento de minha irmã — disse Rebeca com formalidade, nenhuma alteração em seu tom de voz indicando espanto ou pesar.

— Mamãe já suspeitava da morte de tia Estefânia — diz Alice —, desde que escrevera algumas cartas sem obter resposta. Então mamãe mesma foi procurá-la, mas encontrou a casa fechada e soube que ela e a enteada haviam viajado. Isso foi há quase seis anos.

“Eu estou morta” dizia Estefânia flutuando sobre o caramanchão.

— Mas já estavam viajando há muito tempo, não? — diz Francisca, que se voltara atenta para o caramanchão como se houvesse ali alguma coisa

especial para ser vista. Afasta-se um passo quando um punhado de terra lhe cai no vestido, no momento em que Alice, num esforço, arranca um pé de mato que havia nascido em seu canteiro.

— Mas não é possível — Clara disse, deixando incompleto o movimento de levar aos lábios a xícara de café: — Assim que se deu o acidente — prosseguiu, repousando a xícara no pires — eu escrevi uma carta expressa — faz um gesto incisivo com a outra mão, que segurava um biscoito.

— Não a recebemos — diz Rebeca, imperturbável, afastando de si o pires. Cruzou as mãos e ficou olhando a sobrinha.

Eu havia aprendido a mentir, pensa Clara de pé no meio do riacho. Então abre os olhos: ofuscada pelo sol volta-os para baixo e, por um minuto, nada vê a não ser uma profusão de cores vivas e brilhantes que, pouco a pouco, vão se diluindo. Aprendera a mentir desde que dissera não ter ninguém no mundo “a não ser ela, minha mãe, que estava agora no hospital, com o pescoço quebrado, morrendo... morrendo sem falar.”

— Mas as aulas de latim e português eram ministradas pelo professor Agenor Gomes, um professor muito antigo na vila, que em seguida passou a lecionar também matemática e geografia. O Sr. Agenor Gomes era uma pessoa muito conceituada, mesmo entre as famílias mais ricas, por sua respeitabilidade, sua competência, seu saber, apesar de viver num quartinho anexo à pensão e não ter mais que umas poucas mudas de roupa. Mas já era muito velho e seu coração, segundo diziam, estava fraco. Lembro-me de que quando ele morreu mamãe nos vestiu de preto e nos fez encabeçar o cortejo até o cemitério. — Alice de pé junto ao esteio do caramanchão dá as costas a Francisca, que interrompe o bordado e fica ouvindo. Alice recosta-se agora no esteio, e fala: — O novo professor de latim recusou-se a ocupar o quartinho que fora do Sr. Agenor Gomes, exigiu uma casa independente para si e sua família, pois era casado e tinha filhos. Como tardassem em atendê-lo foi-se embora, e então ficamos sem aula de latim, de geografia, de matemática... e mesmo a escolinha da vila permaneceu fechada por quase três anos. — Alice volta o rosto, volta o busto para a prima, que lhe sorri com um gesto vago.

— Não estranho que cartas se extraviem — diz Francisca arrematando o bordado. Admirou sua obra, o lencinho esticado no bastidor, e concluiu que acertara ao escolher um rio, sim, um rio de águas azuis que cruzava em frente à casinha e seguia para algum lugar, algum lugar, mas onde?, pergunta-se, para onde vai o rio que bordei neste lencinho?

Nesse momento Olivério descia os degraus da varanda e se encaminhava para ela.

— Ficou pronto? — ele pergunta, enquanto Francisca tira o lencinho do bastidor.

— Falta engomar — ela diz, exibindo-o ao noivo.

— Francisca, que lindo! — exclama, arrebatando o lençinho das mãos dela. — Não é preciso engomar, vou ficar com ele de uma vez — e pôs-se a admirá-lo bem de perto. Afastou-o um pouco dos olhos, depois o afastou um pouco mais, e em seguida voltou a examiná-lo bem de perto. Satisfeito, dobrou-o e o guardou no bolso da camisa. — Vou cavalgar — disse então, apontando para Jorge que trazia um tordilho arreado. Beijou as mãos da noiva e, com um aceno para Alice, afastou-se.

— Mas por que será que ela não nos procurou? — torna Francisca, enquanto Olivério cruza o portão montado no tordilho.

— Fazia um ano e meio que estávamos fora do Brasil — disse Clara para os demais, e de novo para Rebeca: — Foi no Cairo, num hotel do Cairo...

— Ela havia-se embriagado? — pergunta Lourdes, uma lágrima ainda brilhando entre as pálpebras. Com um lenço seca essa lágrima final, ergue o peito, respira fundo. Havia chorado pela irmã morta há cinco anos, ela que não chegara a considerar a idéia de Estefânia ter morrido. Estefânia é muito imprevisível e excêntrica, dissera à irmã na época, ficar fora todos esses anos sem enviar notícias não é de estranhar nela, e acrescentara: quantas vezes veio aqui desde que foi viver na cidade? Entretanto cinco anos se haviam passado (sete, desde que a vira pela última vez); já fazia muito tempo, não havia por que desesperar-se agora, e aquelas lágrimas bastavam. Sim, pensou consigo mesma, essas lágrimas bastam... o que são umas poucas lágrimas quando alguém que amamos está morto? E no entanto é bem isso que ocorre, apenas umas lágrimas extemporâneas bastam...

“Não havia luz na escada, pois um vento encanado apagara a lanterna” pensa Clara calçando os sapatos. Buscava agora a calma do pomar onde, a essa hora, não havia ninguém. As primas permaneciam no caramanchão, do outro lado da casa, mas não quis estar com elas por enquanto. Preferia ficar só para pensar, embora a solidão fosse uma constante em sua vida nos últimos cinco anos, e pensar, um labirinto onde havia entrado mas cuja saída não vislumbrava.

“A mentira... a mentira...”

— Eu tinha sete anos quando mamãe contratou a professora de piano — Alice diz, enquanto as flores murchas, mortas, atraem sua atenção. Os beijos haviam florescido, brancos no canteiro da esquerda, vermelhos à direita, mas no canteiro maior multicoloridos, os cruzamentos produzindo pétalas de cores diversas numa mesma planta. Haviām florescido, agora murchavam. Agora as flores caíam, e as folhas amareladas pendiam para o chão, restando na extremidade dos pedúnculos as cápsulas com sementes que por sua vez cresciam, e em breve abrir-se-iam num pequeno e silencioso estouro, as sementes se espalhariam pelo solo. E o que restava da planta que florescera a não ser essas cápsulas retorcidas apodrecendo na terra, e os caules

desfolhados murchando, murchando? “O que ficou da alegria dessas flores?” — A senhora Clorice passou a viver conosco e a maçar-me todas as tardes com aquelas escalas e arpejos infundáveis sem piedade por meus dedinhos curtos. Oh, Deus, quantos anos durou aquilo! E tudo para que mamãe pudesse apresentar em sociedade sua filhinha tão instruída, “já se sai muito bem ao piano, vai, filha, mostra ao senhor embaixador o Noturno de Chopin”. E o senhor embaixador sorria complacente, na certa acostumado a virtuosos que interpretavam de fato Chopin. É claro que ao fim da tortura o senhor embaixador fingia admiração de forma não muito convincente, dizendo: “Muito bem, mocinha, muito bem! Pratique!”, e eu, sabendo que tocara mal, que não podia agradar a ninguém com aquela música, sorria sem graça. — Mas ficara a promessa de novas alegrias, porque na terra adormeciam as sementes para germinarem, crescerem, vicejarem em seu verde tranqüilo e, uma vez mais cobrindo os canteiros com suas cores, alegrarem a manhã. “E uma vez mais morrerem, uma vez mais apodrecerem.”

— “Alcance a oitava, Alice!” dizia a senhora Clorice, apesar de ver que minha mão aberta não conseguia pegar a oitava. Eu a olhava então pedindo misericórdia, mas o brilho redondo dos óculos e a cara inexpressiva e dura, determinada a fazer-me aprender piano, compeliavam-me sem piedade a esticar os dedos em vão. Na verdade a senhora Clorice não era má, apenas rigorosa, apenas cansativa.

— Tia Rebeca assistia às aulas? — pergunta Francisca.

— Às vezes, para ver como eu me saía. Se eu errasse em presença de mamãe, não encontraria guarida: ela me olharia com reprovação, balançando a cabeça, afastando-se aborrecida, enquanto o brilho redondo e maléfico dos óculos da senhora Clorice cravar-se-iam em mim, e em sua voz eu descobriria um tom de raiva e desespero: “Vamos retomar essa escala, Alice. Não se admitem erros a essa altura.” E eu repetiria cem, duzentas, até trezentas vezes a escala, uma tarde inteirinha repetindo a mesma escala, até meus dedos não agüentarem mais. — Mas não iria permitir que as sementes caíssem: desta vez não plantaria beijos, recolheria as cápsulas antes que se abrissem, as folhas e caules serviriam de adubo e o que estava pensando para agora era em minúsculas plantinhas ornamentais. Essas requerem mais arte, diz Alice, é preciso planejar bem a disposição que vão ter para não se sobrepor umas às outras. Deve haver equilíbrio entre elas, no tipo de folhagem, no tipo de flor. Se mamãe compreendesse a música das flores... Francisca ouvia a prima. Em suas mãos, pouco a pouco o bordado adquiria o colorido das linhas finíssimas que usava, e olhando-se a certa distância dir-se-ia não um bordado mas uma sutil aquarela de cores vivas. — E no dia seguinte, ao repassar a escala, errava outra vez.

— Flores ornamentais, você disse — diz Francisca, cujos apetrechos de bordado deixara sob o caramanchão. Contentava-se vendo a prima brincar

de jardinagem e agachar-se para arrancar o mato entre as pedras que cercavam os canteiros.

— Não sei se deveria ter voltado lá — diz Alice indo de um canteiro para outro com a pá na mão. O último canteiro estava limpo, a terra fofa cobria os talos mortos que Alice tivera o cuidado de picar em pedacinhos bem pequenos para acelerar a decomposição. — É certo que não deveria ter ido lá — repete Alice detendo-se em seu trabalho. Sente-se um pouco cansada e seca o suor da testa com a mão suja de terra. — Rever a tapera em ruína e saber que ele esteve ali um dia... pensar que ele esteve deitado no único quarto e, enquanto na cama ao lado o pai dormia, ele pensava em mim.

— Eu não sabia que havia sido naquele lugar — diz Francisca.

— Creio que sempre moraram ali — Alice acrescenta. — Teodoro nasceu naquela casa, cresceu por aí, e um dia nos conhecemos. Houve amor entre nós — conclui Alice com veemência, como a imprimir em sua afirmação uma certeza que desde algum tempo começara a faltar-lhe. — Então... por que ele não esperou que eu voltasse?

Francisca ouve, penalizada. A proximidade de seu casamento e as perspectivas de felicidade com o homem que escolhera acentuavam seu sentimento de piedade por Alice, que via passar os dias de sua juventude persistindo na lembrança cruel de um amor adolescente que perdera. Entretanto, pensa, eu bordei um lencinho com as iniciais dele e dela, para que ela o apresentasse em sua volta. Irá ele voltar?, sou eu quem pergunta agora, ou ela está esperando em vão?

— Havíamos brigado por uma bobagem — ela diz —, e ficamos vários dias sem nos falarmos. Um dia ele me procurou — Alice fala com segurança, mesmo não retendo algumas lágrimas renitentes —, mas nem tivemos tempo de conversar. — Alice morde os lábios. — Porque naquele exato momento mamãe apareceu no jardim.

— Não vamos maçar-la mais com perguntas — diz Rebeca encerrando o assunto. — Apenas não deveria ter ficado tanto tempo afastada de nós. Mas isso também já não importa, esqueçamos.

“Mas é preciso mentir” pensa Clara caminhando entre as árvores do pomar, os passos esmagando folhas secas e gravetos que estalavam sob seus pés, mas ouvia-se mais forte o rumor do vento, agora em golpes intervalados nas copas, o grito distante de um gavião a sobrevoar os montes, vozes vindo de algum lugar indefinível... e havia também aquele rumor, aquelas vozes vindo-lhe de dentro, que só ela ouvia e com as quais vinha dialogando há cinco anos. “Como lhes contar a verdade?”

Mas uma grita e uma revoada de pássaros acima de sua cabeça desviou sua atenção de repente. Maracanãs vieram em bando, pousaram nas árvores e levantaram vôo quase em seguida. Afastavam-se barulhentas e o silêncio

restaurava-se — exceto pelos sons intermináveis do dia, por esses sons sem os quais o silêncio torna-se perceptível como um somido que pulsa, sufoca. As frutas pendentes dos galhos pareciam brilhar entre as folhagens de um verde carregado: o dourado das laranjas, das tangerinas, o vermelho dos caquis, e mais além as jabuticabeiras com as remanescentes da safra negrejando tronco acima. Clara estendeu a mão apanhando uma laranja, mas não fez menção de descascá-la. Por que apanhara a laranja se não pretendia descascá-la?, pergunta-se. O que significava esse gesto de apanhar uma laranja, uma laranja e não outra fruta, uma pêra, por exemplo, ou uma lima? “O que significa o gesto de viver?” Seguiu entre as árvores sopesando a fruta dourada, levou-a às narinas sentindo o aroma da casca que riçara com a unha para verter o sumo, e pensou: “Apanhei uma laranja e não uma pêra. O que me levou a escolher, em meu gesto de apanhar uma fruta, justo esta laranja?” e a ficou segurando, parada agora sob uma goiabeira olhando à sua volta como se procurasse alguma coisa. Mas não procurava nada, e virando um pouco a cabeça deu com uma goiaba quase à altura do rosto, começando a amarelar. Era mais racional apanhar a goiaba, pensou, pois sem uma faca como iria descascar a laranja? (não com as unhas, que por certo se quebrariam), enquanto uma goiaba não precisa ser descascada; mas não a tocou, deixou-a pendente de seu galho seguindo o processo vagaroso e infalível de amadurecimento, pensando que ela iria amarelar até sua casca adquirir uma tonalidade ocre, sinal de já estar apodrecendo. Então ela cairia e ficaria ali, entre a relva, esquecida dos homens, converter-se-ia em húmus, e ressurgiria como um mato, uma erva daninha qualquer, mas em parte também noutra goiaba que em certa manhã futura ela ou outra pessoa poderia contemplar em seu galho, e decidir-se a colhê-la ou não. Continuou segurando a laranja, que se tornara incômoda, mas estava decidida a não se desfazer dela. Havia-a apanhado, portanto deveria mantê-la consigo, e sopesou-a mais uma vez com ambas as mãos enquanto examinava sua casca impoluta e sem defeito, exceto no lugar que riçara com a unha. A laranja é redonda, pensa, mas a goiaba não. Nem o caqui, nem a tangerina, que são quase redondos, mas não de todo, e a pêra é diferente, afilada em cima, bojuda em baixo... Mas as jabuticabas são redondas, continua pensando, no entanto as jabuticabas são pretas quando maduras, e as laranjas douradas; embora ambas sejam verdes quando verdes... verdes quando verdes, engraçado! Verdes quando verdes...

“Como poderia contar-lhes que a empurrei do alto da escada, naquela noite?”⁶

— Dona Carlota Gouveia deve ter sessenta e cinco anos, e vem nos visitar às vezes — diz Alice selecionando mudas de begônia. Optara enfim por begônias, sempre-vivas, tapetes. Prefiro plantas mais simples, diz, quero cores, quero alegria. — Passa então uma tarde inteira com mamãe na va-

randa da frente. Ela é muito instruída, e mamãe aprecia as pessoas instruídas.

— Ainda acho que você deveria ir ali mais vezes — diz Francisca. — Mas ir naturalmente, sem se deter junto à casa caída. Passar por ela e ir adiante, como se não houvesse nada naquele lugar.

Alice, abaixada junto ao canteiro da esquerda, pára. Larga a pá e as mudas, cobre o rosto com as mãos. Seus ombros estremecem, comprime a palma das mãos contra as faces, desliza-as com força rosto abaixo, mas de repente a expressão desnorтеada transforma-se, assume uma aparência de inusitada energia, está determinada a não chorar, põe-se de pé esfregando os olhos, e respira fundo. Ergue o rosto.

Uma brisa úmida sopra outra vez, e sobre o telhado, sobre os montes, sobre a terra, nuvens de chuva avolumam-se cobrindo o sol.

— Então, será que esse tempo não se define? — diz Francisca.

— Será que esse tempo não se define? — diz Clara consigo mesma no pomar.

— Parece que o tempo vai virar outra vez — diz Lourdes na varanda, com as mãos sobre o peitoril. Ao seu lado Rebeca está concentrada, e a faina da filha em volta dos canteiros, que via sempre com reprovação, já não lhe ocupa o pensamento.

— Estefânia morreu de uma queda — diz —, e Clara nos mandou uma carta que não recebemos. Em seguida ficou cinco anos sem nos procurar.

Lourdes não responde logo a observação da irmã. Morde os lábios, o cenho crispado; sobrevinha-lhe uma preocupação antiga que há tempos esquecera.

De dentro da casa vinham ruídos da azáfama da criadagem na arrumação diária. Tagarelavam sobre qualquer coisa indistinta no zum-zum de suas vozes e, vez por outra, ouvia-se um risinho abafado, cochichos. Urge impor compostura à criadagem, pensou Rebeca, e para isso bastou que chegasse à porta e aí se detivesse por alguns segundos. Por que os criados têm de ficar falando alto e rindo?, pensou, agora que o silêncio se havia restabelecido, deve haver uma hora própria para conversarem.

— Não estranho muito esse comportamento dela — diz, no entanto, Lourdes. — Nas poucas vezes em que a vi, ela me pareceu um tanto retraída e solitária. Lembro-me dela quase sempre sozinha por aí enquanto as outras crianças se reuniam em grupos, mesmo Alice e Francisca, já maiorzinhas, que passavam o dia juntas. Clara se ressentia das atitudes de Estefânia. Pobre garota, foi uma vítima.

Mas Rebeca não gostava de recordar-se disso. Tinha vontade de tolher à irmã essa alusão que trazia lembranças inoportunas.

— Talvez se isolasse por isso. O que notei nela foi uma espécie de revolta, compreensível afinal.

— Ela talvez não tivesse noção — sugere Rebeca a contragosto, sem que transparecesse o incômodo de falar sobre aquilo. Mas Lourdes replicava categórica que não, Clarinha compreendia tudo, oh, se compreendia!, afinal estava crescendo, tornando-se mulher. Houvera mesmo um fato, certa ocasião... E Rebeca encara a irmã com a determinação de quem não admite subterfúgios. Já não evitaria o assunto, porque houvera um fato que ela desconhecera; e como podia ela ignorá-lo tanto tempo? Como Lourdes não lho contara antes?

— Havia aquela moça que Estefânia contratara para o serviço de quarto — diz Lourdes então. — Certa feita vi Clarinha indo para o quarto, e eu, que saía nessa hora do meu próprio quarto, voltei e fiquei olhando. Clara abriu a porta mas não chegou a entrar, permaneceu parada ali por um instante, alguns segundos, não mais que isso, e logo saiu correndo, desceu as escadas chorando e sumiu. Esteve fora de casa todo aquele resto de dia. — Lourdes se cala olhando a irmã que, por sua vez, esperava, imperturbável, que ela concluísse. — Estefânia estava no quarto àquela hora — diz —, e aquela moça também.

Rebeca mantinha suas reações sob controle, e em seu rosto apenas uma ruga vincando-lhe a testa mostrava o quanto essa história inesperada a surpreendia. Não desviou de imediato o olhar, mas permaneceu encarando a irmã como se refletisse no que ouvira. Era, nesse momento, a estátua fria e distante, dir-se-ia inatingível, em que se convertia por vezes.

— A verdade é que mamãe não a desamparou desde então — diz Alice preparando mais mudas. Com uma tesourinha podava os excessos, galhos e folhas secas, tudo que retardasse o desenvolvimento da futura planta. — Apesar de tê-la sempre como uma subalterna. Era uma senhora de bom gosto, nunca se cansando de admirar os quadros, as tapeçarias, os brioches. Ouvi mamãe comentar com tia Lourdes que dona Carlota Gouveia admirava as peças de arte para alimentar o espírito, e os brioches para o corpo; é que em sua casa faltavam ambos. — Alice decidira plantar tapetes e damas-da-noite e sempre-vivas numa desordenada mistura de cores e qualidades. A ordem agora não tinha qualquer importância, queria ver as plantinhas crescendo, apenas isso. Queria liberdade ali, pois na frente da casa os canteiros distribuíam-se com simetria pela extensão do gramado, e conquanto Rebeca lhe consentisse mexer neles junto com o jardineiro, não o podia fazer tão à sua vontade já que deveria obedecer a uma certa regra, uma certa ordem estética. — Mas o reumatismo a impede de vir com mais freqüência, e afinal também a idade. Vive sozinha em sua casa, ou quase sozinha, porque há uma moça da vila que vai lá todas as manhãs ajudá-la na limpeza e nas compras.

Nesse momento Olivério atravessa o portão, o cavalo a passo, com um ruído de ferraduras contra as pedras do calçamento. Francisca vai em sua direção.

— Francisca não podia ter escolhido melhor — diz Rebeca ao vê-lo desmontar —, sempre o digo. Lamento que Alice não tenha querido casar-se ainda, ela é tão obstinada!

Junto ao portão Olivério abraça a esposa, observados pela senhora Veiga Albuquerque, que conversa com irmã.

— Não vejo nenhum mal nisso — referia-se ao fato de Francisca ter-se casado apenas dois meses depois de conhecer o noivo —, afinal foi um casamento entre iguais, e quanto mais cedo se realizasse, melhor — Rebeca não cogitava o amor, embora Francisca decerto amasse o marido e por isso, e não por tratar-se de um casamento entre iguais, tivesse se apressado tanto. — Esperar para quê? — conclui, sentindo-se infeliz por Alice permanecer solteira. — Não tenho ânimo para impor-lhe um casamento — ela se justifica —, não o acho indicado, embora outros pais o façam sem consultar seus filhos.

— Vou levar o cavalo ao estábulo — diz Olivério a Francisca, mas Jorge, que o vira chegar, aproximava-se em atitude servil. Boa montaria, Jorge, ele diz com superioridade entregando-lhe o cavalo, e voltando-se para Francisca antes de afastar-se: — Vou fazer um passeio pelo pomar. — Ela ainda tentou retê-lo consigo por mais um pouco de tempo, segurando-lhe firmemente as mãos, mas Olivério desvencilhou-se com delicadeza — e também com algum enfado: — Deixe-me ir — disse —, quero aproveitar a manhã, esses campos, essa largueza, pois de outro jeito sufoco — mas notando que Francisca ressentia-se, emendou: — Você compreende, minha querida, o trabalho, os dias inteiros trancado na repartição, no escritório, cercado de papéis... — Francisca sorriu, apoiou a fronte em seu ombro por um momento e o deixou ir. Adiantando-se alcançou Jorge que seguia rumo aos estábulos, perguntando se por ali não chegaria ao pomar, e pôs-se a conversar com ele. Seguindo-o com os olhos, Francisca via-o afastar-se, gesticular enquanto falava com o outro, sumindo-se ambos enfim, ocultos pelas árvores, e sentiu uma tristeza indefinível que, dia para dia, avolumava-se em seu peito.

— O Rodolfo Gonçalves, por exemplo — continua Rebeca. — Vendo que era inútil esperar uma aquiescência por parte de Alice, foi-se embora. Mudou-se para a Europa, para lá foi trabalhar, estabelecer-se, creio que não volta. Sim, é certo que não volta — e para dar ao caso uma maior importância, acrescenta: — Desiludido, talvez.

Fazendo uma pausa, Rebeca murmura seu aborrecimento:

— O Rodolfo Gonçalves, um ótimo rapaz, uma excelente família!

— Não estaria Rodolfo pouco interessado? — comenta Lourdes.

— Qual! Não creio — responde Rebeca —, além do mais os Gonçalves freqüentam nossa casa há muito tempo, e sempre notei uma inclinação do filho por Alice. Rodolfo vinha muito aqui ultimamente, no entanto Alice pôs um ponto final nas esperanças do rapaz.

— Alice não se interessa por ninguém? Outro rapaz talvez...

— Alice não me fala sobre isso — lamenta-se Rebeca. — Na semana passada estivemos na recepção dos Amoedo, ora, uma das melhores famílias do Rio de Janeiro. O Amoedo Filho não se separava dela, dançaram sempre, conversaram muito, mas a bem da verdade não creio que Alice tenha se interessado por ele.

— Faz muito tempo que não vejo os Amoedo — Lourdes comenta —, mas o filho mais velho, Tássio, ao que me parece, era um bonito rapaz.

Francisca retorna para junto da prima, que havia deslocado algumas pedras mal posicionadas ao redor do canteiro central, ocupando-se em recolocá-las da maneira correta.

— Quer dizer que Joaninha Gonçalves ficou noiva — exclama Francisca —, e casa-se em breve!

Então, à beira do açude, cuja superfície imóvel e verde encrespava-se, enrugando-se vez em quando com a aragem que também sacudia as árvores à sua volta, Clara se recorda da última vez que estivera na fazenda: tinha o hábito de fazer passeios solitários ao longo da margem, até que os meninos apareciam para remar. Via-os brigando para decidir quem iria primeiro, pois o barco só comportava duas pessoas por vez, e ninguém queria ficar esperando. Decidiam a questão no jogo do gravetinho e os perdedores punham-se a acusar os outros de roubo, mas não havia apelação pois já os vencedores entravam no barco e se afastavam. Ainda estaria por ali o barco? Clara avança pela margem à sua procura e o encontra pouco adiante, os remos no fundo junto à popa, atracado numa espécie de cais em miniatura: um espaço lajeado de pedra e alguns degraus que conduziam à beira d'água. “Remar” ela pensa, “remar... remar até onde?” O açude era vasto, e além de suas margens, além das baixadas que se estendiam após, viam-se nas encostas os cafezais de onde provinha o vozerio distante dos trabalhadores. Clara poderia chegar até lá contornando o açude, o que levaria muito tempo. Poderia ao contrário cruzá-lo de barco — mas não se decidiu de imediato: ainda havia nuvens escuras no céu, e aquela manhã de primavera mostrava-se muito instável. Entretanto, não havia necessidade de ir até o outro lado, seria suficiente dar uma volta para passar o tempo, e assim decidida desceu os três degrauzinhos até o barco. Então ouviu passos às suas costas. Voltou-se. De onde surgira aquela mulher que vinha agora pela margem com um pano vermelho amarrado na cabeça e ferramentas nas mãos? Via-a pelas costas, e enquanto se lembrava de haver um trilho próximo dali, subindo do vale pela encosta, algo nessa mulher, algo de familiar, chamou-lhe a atenção:

— Por favor — disse Clara com um movimento em sua direção.

A mulher voltou-se ao chamado.

— Senhora — disse, exibindo o rosto moreno, corado, de camponesa vigorosa. Os cabelos encobertos pelo lenço pareciam castanho claros, e se

havia uma certa beleza em seus traços, era uma beleza evanescente, que se diluía em seus vinte e seis, talvez vinte e oito anos, com a gordura que começava a deformá-los. Era vigorosa, sim, mas os movimentos já não teriam a mesma graça dos dezoito anos, pensa Clara, tornavam-se pesados dia para dia, imagina, e pouco a pouco a força sugerida pelos membros roliços, pelos quadris volumosos, transformar-se-ia em lentidão e cansaço quando, por volta dos trinta e cinco, ela estivesse gorda e desajeitada.

— Desculpe — Clara diz —, não é nada.

— Se deseja alguma coisa, senhora...

— Não, não — apressou-se Clara em dizer —, pode ir, obrigada — e voltou-se para entrar no barco. Sentiu o incômodo de ser observada por uma camponesa, mas como estava habituada a remar não se atrapalhou. Levantou o rosto só depois de afastar-se alguns metros do ancoradouro, manobrando os remos com perícia, mas a camponesa já ia longe margeando o açude, o lenço vermelho brilhando ao sol momentâneo, que aparecia e desaparecia a intervalos até encobrir-se de vez. Então Clara percebeu que se enganara, ela não a estivera observando, e sentiu-se melhor com isso. Os remos mergulham, intermitentes, na água, o barco avança sem ruídos, ao longe o vulto da mulher indo na direção dos cafezais diminui. Ficou olhando enquanto remava, até o lenço vermelho não ser mais visível, e então disse — ouviu a própria voz dizendo:

— Era ela — e repetiu, recolhendo os remos, o barco agora imóvel no meio do açude: — Era ela. Será que me reconheceu também?

— Será que Célio também soube do noivado? — diz Francisca.

— Os meninos passavam por aqui correndo — diz Alice diante do gramado que se estendia pela lateral da casa. — Júlio, Célio, às vezes Jorge... Eu mesma quando era bem pequena, lembro-me bem. — Outra vez a brisa úmida seria um prenúncio de chuva, gotículas de neblina pousando nas faces, nos cabelos de Alice, embranquecendo-os, mas sem prestar atenção ela continua contemplando o gramado. — Levantávamos cedo e iniciávamos nosso dia. Éramos bem pequenos então e a ama nos mantinha sob permanente vigilância, embora estivéssemos livres para ir ao pomar ou aos estábulos, e aos currais ver a ordenha. Mamãe concedia que os filhos dos empregados brincassem conosco, Anita, Andréia, Jorge, e estávamos sempre em grupos, mas não tínhamos permissão para irmos ao açude mesmo com a ama por perto; claro, se alguma criança caísse na água, o que ela poderia fazer? — também a grama adquiria esse esbranquiçado da neblina ao cair em gotas microscópicas, até, pensa Francisca, que vem a chuva forte e lava a brancura da neblina, restaura-se o verde vivo e brilhante das folhas, como que pintado de novo. — No mais das vezes, porém, ficávamos aqui mesmo, ou descíamos por ali para a frente da casa. Mas quando completei dez anos tudo mudou. Eu era uma menina e mamãe começou a lembrar-me disso,

não podia correr daquela maneira como um moleque, não ficava bem brincar de pique-esconde entre as árvores e estava proibida de falar alto. Começaram a ensinar-me modos de gente grande, e então eu me entristecia vendo os garotos correrem pelo gramado ou escutando seus gritos no pomar, porque aqueles prazeres simples já não me eram permitidos. Um dia ouvi a história do arco-íris e desejei passar embaixo de um para me transformar num garoto e recuperar minha liberdade. — O gramado, vazio nessa hora, junto às árvores adquiria um tom fechado de verde, e os troncos altos e ásperos, manchados pelo musgo cinzento, esbranquiçado, ocre, criavam com suas copas compactas regiões de sombra mais escuras; adensando, encobriam a vista da estrada. Mas Alice fixara o olhar no portão aberto. — Creio que foi nessa idade que comecei a me aperceber da cerca — e então viu passar um preto na estrada, vindo talvez da vila, que se deteve por instantes olhando para o interior do jardim e se afastou logo após. — Porque foi desde essa época que a estrada passou a ser uma coisa proibida, e eu raramente saía destes limites, mesmo acompanhada pela ama. Para ir à vila ou à casa dos Gonçalves, só mesmo em companhia de mamãe.

— É melhor voltarmos para o caramanchão — diz Francisca. — Essa garozinha está começando a molhar.

— Mas Joaquina Gonçalves tinha menos de sete anos nessa época — acrescentou Alice observando o canteiro menor à direita, ainda vazio. — Sim — diz —, vamos nos abrigar no caramanchão.

Na varanda Rebeca levanta-se da poltrona de vime e, com o comedido de gestos que lhe é natural, dirige-se para o interior da casa. Na sala de estar não havia ninguém, já as criadas se haviam retirado após concluírem o serviço, mas da direção da cozinha vinham os ruídos familiares da lida diária. Rebeca dirige-se para lá, chamando por Anita.

— Sim, Célio soube, mas não deixou transparecer nenhum aborrecimento ou frustração — diz Alice, apanhando o chapéu-de-sol que ficara esquecido sobre o banco de pedra. — Ouviu mamãe anunciar o noivado durante o jantar e nada comentou, continuou comendo como se a novidade não o afetasse — e como se só então lhe viesse à lembrança: — Joaquina conheceu o noivo em minha festa de quinze anos.

— Verdade? — diz Francisca, interessada. — Sim, agora que você diz... lembro-me de vê-la conversando muito com um menino de sua mesma idade naquela noite, e também dançaram algumas vezes... eram duas crianças...

— Os pais de Orlando são da Capital — diz Alice —, mas costumam frequentar a casa dos Gonçalves. O interesse do filho por Joaquina deve ter sido do gosto de todos, visto que não houve oposição das famílias e agora vão casar-se.

— Aquele dia em que encontramos Joaquina, que fazia um passeio a cavalo... — começa Francisca.

— Sim, lembro-me. Joaquina e a irmã, passeando a cavalo... Pararam aqui, em frente ao portão, e ficamos conversando...

— Naquele dia ela nos falou de como Célio se portava às vezes de maneira esquisita durante o tempo que passou em sua casa...

— E referiu os encontros com ele na estrada... encontros que ele por certo provocava, embora pretendesse casuais...

— E nós pensamos que Célio tivesse algum interesse por ela.

— Célio... — Alice diz, erguendo o rosto. — Penso que meu irmão... — encara a prima, os lábios entreabertos e os olhos muito vivos e brilhantes àquela hora de luz. Depois baixa a cabeça e sorri. — Ele é um tanto tolo, às vezes.

Então Célio aparece entre as alamedas, pára um momento com seu jeito natural de ficar assim distraído, o rosto inexpressivo de quem não vê, os braços largados ao longo do corpo, a proeminência de um princípio de barriga aparecendo sob a camisa. Mas do caramanchão Francisca acena para ele:

— Venha ficar um pouco aqui conosco, meu primo — ela diz, e atendendo-a Célio vai até lá, senta-se ao seu lado. Vendo-lhe ao colo o cestinho de vime comenta qualquer coisa sobre bordados enquanto Francisca, sem prestar-lhe atenção, diz: — E então, animado para a festa de casamento da Joaquina Gonçalves? Ela se casa dentro de dois meses, como você deve saber.

“Francisca quer provocar meu irmão” pensa Alice. “Talvez fosse melhor não aborrecê-lo”, e olha para a estrada, onde o preto de há pouco havia desaparecido. A mando de alguém da vila, pensa, talvez para a casa dos Gonçalves, acerca dos preparativos para o casamento.

— Sim, fui informado — Célio responde com indiferença. — Talvez seja uma grande festa — acrescenta —, na certa muitos convidados.

— E você — continua Francisca em tom brincalhão —, não pensa em se casar?

Ela está decidida a arrancar alguma coisa dele, Alice reflete incomodada. Ainda que Célio a aborrecesse (e uma vez mais se debate com aquele sentimento inadmitido — ou admitido a contragosto) preferia não vê-lo irritar-se, pelo menos em sua presença.

— Não digo que não — diz Célio tranqüilo. — Mas casamento é uma coisa que não pode ser assim...

Assim como?, pensa Alice. Assim como? O que ele está querendo dizer? Nada, nada mesmo, não tem opiniões muito definidas, e quando as tem não são suas, não foram pensadas por ele primeiro.

— Casamento não pode ser assim...

“Sempre repete o que diz, sempre... por quê? E no entanto não demonstra nenhuma contrariedade com a notícia. Seria de esperar que ficasse

macambúzio pelos cantos, sem conversar e com uma cara nada amistosa. É sempre assim que fica quando algo o contraria, vemo-lo de pé no salão olhando pela janela, sério e quieto, e se lhe falamos responde com um monossílabo; procura imprimir à voz, ao que vai dizer um tom de solene segurança, mas nunca consegue dizer nada de efetivo. Nada disso está acontecendo agora, continua seus passeios, senta-se à mesa para o café ou para as refeições e conversa como se nada o estivesse afetando, e se o assunto é o casamento próximo de Joaquina Gonçalves nenhuma transformação se opera em seu rosto, continua participando como se aquilo não lhe dissesse respeito. Ele não se interessava por ela, afinal?”

Na varanda já não há ninguém: Lourdes entrara um minuto antes, enquanto na estrada em frente ao portão um preto — o mesmo de há pouco? Outro? — passa, pára e fica olhando.

— Veja, Alice, aquele preto — diz Francisca —, não parece ser daqui. Quererá alguma coisa?

Então avista o barco no meio do açude, imóvel, enquanto Clara, de cabeça baixa, parece pensativa, não se importando com a neblina que aos poucos se convertia numa leve garoa. No que estará pensando ela, pergunta-se Olivério, que momentos antes atravessara o pomar vindo dos estábulos e se encaminhara para ali esperando mesmo encontrá-la. Não se havia enganado, lá estava ela no barco como se desejasse não remar mas isolar-se, pois vendo-a como agora a abraçar os joelhos enquanto o vento outra vez fazia ondular a superfície das águas, o barco movendo-se devagar com a viração e logo voltando a imobilizar-se, era forçoso admitir: Clara não desejava companhia, antes solidão, nem conversar com ninguém mas permanecer calada; vendo-a como agora podia apenas adivinhar o mergulho dentro de si mesma, mas não suspeitá-la diante das sombras que povoavam esse mergulho, e por isso indagava-se o que poderia pensar essa jovem bonita e misteriosa esquecida de tudo mais à sua volta como se o único mundo a existir fosse aquele? Porque nesse momento Clara se defrontava com essas sombras. Pusera-se outra vez diante delas. “Aninha?... Aninha?...” dizia a velha diretora tamborilando com os dedos no tampo da mesa, “deixe-me ver...”. Mas a mulher não conseguia sequer lembrar-se daquela moça feita que tinha à sua frente e dizia ter estudado ali “há sete anos?”, pergunta. “Sim, senhora, foi no ano anterior ao incêndio”. Mas não tinha jeito de se lembrar, “só vendo nos arquivos, minha filha, são milhares que passam por aqui, como vou me lembrar de todas? Só vendo nos arquivos”, e Clara repetiu: “Ana Carolina Brito”. A velha abriu uma gaveta grande do fichário, explicando: “Muita coisa perdeu-se no incêndio, você compreende. Foram necessários muito esforço e dois anos de trabalho para que se recuperasse o prédio e o colégio voltasse a funcionar. Que tragédia, minha filha, que tragédia! Por Deus não morreu ninguém...” e a velha remexia as fichas com lentidão, enquanto

Clara disfarçando a impaciência espiava pela janela — tudo tão diferente, pensa, o colégio parecia outro após a reforma, a disposição das salas havia sofrido modificações, o pátio parecia menor. Acompanhada pela diretora estivera na biblioteca, também modificada — e não só quanto aos móveis ou às janelas, agora apenas duas e não três como antes, não, mas porque o fogo não queimara apenas livros, móveis, tapetes: a essência de seu amor que jazia ali também fora consumida pelas chamas, e assim custara-lhe crer que estivera nesse lugar tantas noites junto dela, quando o conhecimento de si mesmas foi completo, descobrindo não apenas seus próprios corpos mas seus sentimentos; porque nada havia ali que a trouxesse de volta. “Então uma grande amiga de infância?” pergunta a velha diretora. “Infelizmente, filha, infelizmente... nenhum registro. Para cá não voltou.” E Clara deixou o internato como a uma casa que nunca fizera parte de sua vida, despedindo-se da diretora no portão, a antiga mestra protestando muito contentamento em rever alguém que passara por aquela instituição e aí firmara sólidos laços de amizade, “muito louvável, minha filha, muito louvável”, mas, oh!, que pena não poder ajudar, e já na rua, afastando-se daquelas paredes altas de aspecto soturno, com janelas pequenas dando para o exterior, deixava para ali alguma coisa que não podia afirmar como sua em alguma época de sua existência, e aquela mesma diretora com cara de livros e arquivos e fichários, de ar reservado e doutoral que a atendera com atenção e lhe sorria com afabilidade na despedida, ficava para trás, um rosto a mais desses que nos sorri ou nos hostiliza todos os dias e que não tornamos a ver. Eu estava decidida, no entanto, embora encontrá-la me parecesse por vezes uma tarefa absurda. Como encontrar uma pessoa com quem perdera o contato ainda na infância, alguém que havia conhecido criança e seria agora mulher? E encontrá-la para quê, afinal?

“Para quê? Para quê?” pergunta-se Clara, falando sozinha em seu alheamento.

“Há um motivo para isso, acrescenta, porque não foi só por mim que o fiz... não era apenas o asco que sentia, e sim porque devia também conservar-me pura ... foi, portanto, por ela que matei.”

Então uma rajada mais forte a desperta, e Clara ergue a cabeça. “Está começando a chover” pensa, e vê na margem alguém lhe acenando. “Olivério, o marido de Francisca, há quanto tempo está ali? Estava me observando na certa, mas há quanto tempo?” E Clara rema para a margem sem pressa, notando que Olivério a espera no degrauzinho à beira d’água.

E agora a senhorinha estava só, podia acenar para ela, então apareceu no portão e acenou para ela que o viu agitando no ar um objeto branco, retangular, como um papel dobrado, e ocultá-lo outra vez sob a camisa. Mas, sem responder ao aceno, Alice permaneceu sentada, alteando o busto com alguma surpresa porque “não é o mesmo preto de há pouco?”, sim, parecia

o mesmo que vira passar na estrada duas vezes naquela manhã e deter-se um instante investigando o interior do jardim, e que para seu espanto cobria de relance a distância até ela, tirando debaixo da camisa o papel dobrado que há pouco agitara no ar. Sem nada dizer, deixou cair-lhe no colo o papel, afastou-se ganhando a estrada, desapareceu.

Desdobrando o papel, Alice reconheceu a letra de Júlio:

“Minha irmã (dizia o escrito), preciso falar-lhe com urgência. Não revele a ninguém que estou por perto. O preto que lhe enviei voltará em breve para apanhar a resposta.”

E Olivério segura-a pela mão enquanto ela salta, pisando o degrauzinho à beira d’água. Passa-lhe o braço pela cintura e a conduz para cima.

— Por certo a senhorita Clara se constipa — ele diz com untuosa solicitude. — Tem os cabelos e o vestido úmidos, veja como se lhe pega à pele a roupa molhada — acompanha-a, que se encaminha de volta ao pomar pela margem do açude. — Precisa de um banho quente e um café forte — recomenda.

E então Olivério põe-se a conversar sobre banalidades. Nunca passara de barco pelo açude, mas agora tinha essa intenção e aproveitava para convidá-la; detendo-se por um momento aponta para a outra margem, de onde se estendia um terreno pouco acidentado e sombreado por árvores, e fala qualquer coisa sobre caminhada e lanche sobre a relva, ótimo para descansar e mesmo para uma conversa sobre temas elevados. Até então desatenta, Clara responde com agudeza:

— Mas a que se refere o senhor, Sr. Olivério? Por acaso à filosofia ou ao avanço da ciência neste final de século?

Olivério sorri esquivando-se, se agradar à senhorita, por certo, e a adverte de que ali o terreno era escorregadio em razão da descida. A título de auxílio, fá-la apoiar-se em si ao descerem a ladeira que conduzia ao pomar, uma queda pode ser perigosa em certas circunstâncias, diz, e seguiu relatando o fato singular de ter visto uma senhora de sociedade quebrar o pé certa vez ao escorregar na grama úmida do jardim no palácio do governo, “nessa ocasião dava-se uma festa em homenagem a um enviado estrangeiro, oh, não me lembra agora qual”, talvez o embaixador de França ou um diplomata italiano, “que eu para coisas de política não tenho cabeça”, tratava-se enfim de um figurão europeu com quem seu pai travaria relações mais tarde no interesse dos seus negócios de mar, pois a senhorita sabe, meu pai é da marinha mercante, possui navios, mas agora contornavam uma touceira de capim alto e Clara percebeu que o pomar já não era tão bem cuidado como antigamente; da última vez que passara por ali não se via mato alto em ne-

nhum lugar, uma relva baixinha cobria o chão entre as árvores, onde podia mesmo caminhar descalça sem o risco de pisar num espinho ou num grave-to pontiagudo. “Oh, sim, mas eu dizia...” e ouvia a espaços a voz de Olivério ao seu lado, que insistia em relatar como certa senhora escorregara na grama úmida quebrando o pé, e depois alegava não ter cabeça para a política, como o pai, que possuía navios e por isso deveria relacionar-se bem, dizendo que preferia o *jockey-club* e as apostas nos cavalos, a senhorita não aprecia cavalos? perguntou, obrigando-a a uma resposta direta, e ela respondeu não ter nenhuma afinidade com esses animais malcheirosos, ante o que Olivério abriu os olhos desmesurados, animais malcheirosos, senhorita?!, mas ela não ligava importância aos olhos desmesurados, à boca aberta numa exclamação, pensando que uma hora atrás havia apanhado uma laranja cuja redondez e brilho a atraía, e mesmo não tendo como descascá-la havia decidido mantê-la consigo até voltar para casa, mas agora não se lembrava do que fizera com a fruta, se a havia perdido ou se a esquecera no barco, “terei deixado cair no açude?”; sabia que até certo momento a laranja estava em suas mãos e agora não estava mais, nesse ínterim um lapso de tempo e memória, dos seus atos não tendo mais que vagas noções como a de entrar no barco, remar até o meio do açude, estar aí imóvel longo tempo... “Em Paris apreciei muito os longos vestidos e as umbelas no *Bois-de-Boulogne*...” dizia Olivério ao seu lado erguendo um braço para afastar um galho, enquanto Clara perguntava-se o que poderia atrair numa mulher um homem superficial e mundano (podia deduzi-lo pelo que dizia de mulheres e cavalos, ao que de resto não prestara atenção e só respondera com breves comentários), “sim, o que é que ele vê numa mulher?”, talvez algum tipo especial de cavalo, reflete impiedosa, quase com ódio, para um prazer diferente do que obtém de ordinário no *jockey-club*, “e o que terá levado Francisca a casar-se com um sujeito tão desagradável?”.

Mas atingiam a orla do pomar, adiante verdejava o jardim com a grama lavada pela garoa, a casa de amplas janelas e antiga história alteando-se sobre ele, e do beiral do telhado, mesmo a distância, viam-se gotas de chuva caindo, intermitentes. Clara se deteve, encarou Olivério com resolução:

— Grata por sua companhia, Sr. Olivério. Agora devo ir para o meu quarto trocar-me.

— Oh, sim, senhorita Clara — ele exclama, pressuroso — há que evitar uma constipação. Mais tarde conversamos... talvez aprecie remar um pouco em minha companhia, passado o mau tempo...

— Convidaremos Francisca, que estou certa apreciará também o passeio — ela responde. — Agora, se me dá licença... — e afasta-se sem esperar resposta.

— Aproveitei para guardar o cesto — dizia Francisca de volta ao jar-

dim. — Encontrei Clarinha no corredor. Decerto apanhou chuva, pois estava toda molhada. Contudo agora o tempo parece que firma — e, para confirmar suas palavras, as nuvens espalharam-se aos poucos descobrindo azuis no céu, o sol reaparecendo sem pressa.

Mas Alice já não estava sob a abóbada de buganvílias. Ainda falta replantar este canteiro, ela disse acenando para Francisca com as mãos sujas de terra úmida. Contudo, tivera o cuidado de dobrar duas vezes as mangas do vestido, ainda que não pudesse evitar que a barra umedecesse na relva molhada.

Nesse momento o sol reapareceu de vez, e a sombra de Francisca avançou pelo gramado.

— Se fôssemos aos estábulos?

— Sim, encontrei Renoir em Paris — dizia Rebeca a Olivério, que se dedicava a observar os quadros da biblioteca e fizera um comentário qualquer sobre a arte e sobre a França. — Faz parte de um grupo de artistas polêmicos, dão o que falar, mas têm muita qualidade.

— E que tal? — disse Olivério passando adiante e estacando junto às estantes repletas de in-fólios, lançando uma olhadela desatenta e pouco interessada de alto a baixo. — Alguém nesta casa ainda lê? — pergunta à guisa de comentário.

Rebeca não prestara atenção, ocupada em observar os dois Renoir, lado a lado na parede, rememorando o encontro com o pintor. Fora um encontro muito rápido, durante o qual ele discorria sobre a arte daquelas últimas décadas, explicando seu método de trabalhar com as cores. “Por que pinta figuras humanas cortadas pelas margens do papel?” alguém perguntara, mas não era Renoir quem pintava dessa maneira, e sim Degas, significando que a pessoa vira um quadro deste atribuindo-o àquele.

Olivério pusera-se agora à janela, distraído, esquecido dos in-fólios e das obras de arte que enchiam o salão. Ouviu Rebeca dizer:

— Francisca aprecia bastante a arte, bem como a literatura. Ambos devem discutir com frequência o assunto, não?

Olivério voltou-se para ela sem ter compreendido bem a pergunta e com ar de espanto. Sim, disse vagamente, às vezes sim... Senhora, eu preferiria no entanto descer para a varanda...

— Não, nada tenho que fazer lá — dizia Rebeca à irmã, que aproveitava aquela hora do dia para contemplar o jardim e a paisagem. — Se eu fosse não seria recebida, bem o sei.

Olivério mantinha-se em silêncio. Ouvira falar do caso envolvendo uma irmã de sua sogra e um serviçal, mas preferia não opinar em tais assuntos — não por escrúpulos, mas por sentir-se incapaz, às vezes, de uma frase, um dito oportuno. Em sociedade passara sempre por homem de posse e boa figura, sabia cortejar uma mulher desde que não tivesse de falar sobre

coisas sérias. Era canhestro com as palavras, de resto não apreciava muito a leitura. Passeava as vistas pelo jardim enquanto as duas mulheres se referiam a um ódio visceral e a uma parenta que lhe fecharia, à Rebeca, a porta na cara se acaso fosse visitá-la — embora a sogra afirmasse que lá estivera no mês anterior e fora bem recebida.

— Sim, perdida — dizia Lourdes —, perdida é o termo exato... Ludmila agora não passa de um fantasma naquele casarão, sempre só, sempre vestida de negro — e Rebeca ouve-lhe a voz pensando nesse fantasma que ajudara a criar e no ódio que ele lhe devotava, “um ódio tão grande” diz para si mesma, “que queima o ar”.

— Mas tia Ludmila nada mais tem a esconder — diz Francisca abrindo o chapéu-de-sol, deixando-o à toa sobre o ombro. — Quem a vê naquelas roupas escuras não é capaz de imaginar...

— Imaginar... imaginar o quê? — pergunta Alice que mexe a terra com as mãos, atira grãosinhos negros cobrindo-os em seguida e explicando que se tratava de sementes de maravilha.

— Nós passamos lá uma noite — diz Francisca. — Aconteceram coisas...

— Que coisas?

— Mas o Sr. Olivério por certo não se interessa por esses problemas de família — observa Rebeca com sua habitual frieza —, nem é educado falar em sua presença sobre assuntos que não lhe possam interessar.

— Oh, senhoras, estejam à vontade — acode Olivério abrindo o portão da varanda. — É um assunto delicado, compreendo, conversem que eu vou dar uma volta pelo jardim — e descendo os degraus afasta-se pela calçada aliviado por ver-se livre de companhias tão maçantes, e sorriu pensando na altiva dona da casa e sua mania de grandeza. Sim, Rebeca o tinha em grande conta e pretendia agradá-lo sempre, por isso ele se esforçava em parecer-lhe simpático perdendo meia hora de vez em quando em sua companhia. Naquela manhã ela falara de Renoir, de outras vezes dissertava sobre o tapete persa que recobria o chão da biblioteca ou sobre a porcelana chinesa que podia ser admirada na cristaleira. “Veja, este é um Pedro Américo autêntico, não apenas um estudo mas um quadro acabado”, e apontava uma tela num canto de parede, onde, sobre um console, uma estátua em sua perpétua imobilidade recebia nas faces de mármore a luz que vinha das janelas amplas, mas as órbitas descoloridas davam a impressão de que ainda não despertara, ao contrário, permanecia dormindo embora já fosse quase meio-dia... “O que dizer sobre este quadro?” Olivério pensa sem achar palavras, mas Rebeca passara agora à estátua, “uma cópia em tamanho menor, claro, mas fiel, da Vênus de Milo. Encomendei-a a um escultor italiano...” Tampouco a Vênus de Milo lhe dizia alguma coisa e só pôde murmurar um inosso “interessante, muito bem feita...” À primeira oportunidade, porém,

esquivava-se da senhora beijando-lhe as mãos com respeito e alegando a necessidade de uma esticada pelas redondezas, certo no entanto de ter-lhe agradado, e Rebeca satisfeita dispunha aqui um bibelô fora do lugar, ali um livro desalinhado na prateleira, e olhava à sua volta constatando a ordem das coisas, senhora de seu império.

— Então foi por isso que a notícia do casamento não o afetou — dizia Alice perplexa, de olhos fixos adiante, esquecida até do canteiro que acabara de semear. Francisca ergueu as sobrancelhas, antecipando a novidade. — Não era Joaninha Gonçalves que Célio queria — Alice acrescenta, com uma careta de descrença e piedade —, mas a... **a irmã!!**, que só tem doze anos!⁷

Francisca passa a mão pela barriga volumosa em movimentos lentos, já sem surpresa. Rosinha Gonçalves, ela diz, então é mesmo isso, houve um momento em que desconfiei, mas... e imobiliza a mão sobre o volume do ventre onde sentia inusitados movimentos, súbitas turbulências.

— Deus do céu! — continua Alice. — Ela é só uma menina!... E ele se apaixonou por ela...

— ...naquele ano em que estive com os Gonçalves — completa Francisca.

— ...quando ela não tinha ainda dez anos!...

— Aquilo agora é medonho — disse Lourdes vendo o genro seguir pela calçada até quebrar a esquina e desaparecer. Rebeca permanece calada, atenta ao trabalho do jardineiro que podava algumas roseiras próximas, como se isso merecesse cuidados especiais de sua parte. — Passáramos aquela noite em sua casa — continua Lourdes baixando a voz —, mas eu preferia não ter estado lá.

— Tia Ludmila então lembrou Jorge e Glenda — diz Francisca.

Alice ergue o rosto. “Isso não lhe saiu da mente” Alice pensa, “ela que me havia dito para não deixar que roubassem meus sonhos, mas que não conseguiu proteger os sonhos da filha...”, porque Ludmila, a tia Ludmila, sabia do amor de Jorge e Glenda, mas não tivera mesmo tempo de protegê-los...

— Estávamos à mesa, foi durante o jantar. Vez por outra falávamos de qualquer coisa, mas o assunto morria... Até que ela se referiu a eles...

— Tudo que eu sempre quis — dizia Ludmila afastando de si o prato, quase sem tocar na comida — era que minha filha fosse feliz com Jorge.

— Era bem provável que ela permitisse a união de Glenda com um serviçal — diz Rebeca com desprezo.

— Ela sabia que havia alguma coisa entre os dois, e aquilo a deixava contente — continua Francisca. — Tia Ludmila não havia falado disso antes conosco, e naquele momento seu rosto parecia transfigurado, eu diria quase feliz...

— Talvez o permitisse para espicaçar-me — diz Rebeca disfarçando seu

aborrecimento. Lourdes ouve a irmã sem replicar. — Ela conhecia meus princípios, sabia que tinha deveres com a família, mas casaria Glenda com um trabalhador braçal para nos ferir.

— O que ela queria... era a felicidade da filha — conclui Francisca.

Alice baixa a cabeça, mexe na terra com os dedos, pensa na prima que morrera afogada. Uma menina, pensa, apenas quinze anos...

“Talvez tenha sido melhor assim” um súbito pensamento, mas Rebeca não se dá conta de sua crueldade, “poupou-se à família uma união desonrosa, e uma vergonha...”

— Como você a encontrou? Bem? — pergunta Rebeca num tom informal. O jardineiro estava mais perto agora, não convinha que ouvisse uma conversa suspeita entre ambas, sugerindo problemas de família, “como se gente igual a nós não os tivesse” pensa Lourdes.

— Não, mamãe não sabe que eu vi e ouvi tia Ludmila naquela noite — diz Francisca enquanto Alice observa quieta a terra revolvida, semeada, úmida.

E agora em sua cadeira de vime Célio via, a intervalos através da treliça da varanda, sua irmã e Francisca conversando. Do fundo da cadeira olhava em volta com rancor, fosse o movimento vagaroso, de ritmo quebrado das copas ao vento leve, fosse o jardim com seus espaços ora iluminados, ora mergulhados na sombra, ou a irmã cultivando flores em canteiros circulares, a gravidez da prima avolumando-se sob o vestido, um novo ser humano, pensa, um novo homem ou uma nova mulher, mais um membro de sua família, mais um, mais um... Meu filho, pensa Francisca, ainda que me traga dor, meu filho. Mas Célio agora se abismava, esquecia a prima grávida, a irmã com suas plantas, o jardim, e aos poucos uma imagem ia-se formando em seu pensamento, bela e plena de luz, mas também de inesperada frieza, intolerável maldade. Ele se manteve isolado quase todo o tempo, dizia Alice, apenas observando os casais. Às vezes conversava com um ou outro convidado, e aos noivos cumprimentara breve e formalmente, um tanto desajeitado; de resto, não tinha maior intimidade com eles, pensa Célio, que palavras dirigir-lhes nesse caso? “Como não podia deixar de ser” dizia Alice, “Rosinha exibia-se: tão linda quanto arrogante. Mas ele ousou convidá-la para dançar, ao que sei, uma ou duas vezes, e ela aceitou para fazer-lhe troca.” Tocara-lhe a mão pela primeira vez naquela noite, durante a valsa, e desejando mostrar-se galante elogiou-lhe o vestido. “Detesto-o” ela respondeu com brusquidão, “foi escolha de mamãe, que não tem o menor gosto para roupas, e só anuí para não desagradá-la”, e Célio se recorda da demonstração de enfado com que ela interrompeu a dança alegando cansaço, “além do que o senhor não sabe dançar”. Então Célio retirou-se para um canto onde se pôs a conversar com uma senhora gorda que o maçou por quase duas horas falando sobre quantos tipos de bolos e confeitos conhecia,

tudo a propósito do bolo de casamento que “a meu ver ficaria mais bonito se eu tivesse sido consultada”. Enquanto ouvia a lengalenga da mulher gorda, observava Rosinha de longe e com uma impaciência disfarçada, pois a menina se fora com amiguinhas da mesma idade, rindo, parando por vezes para falarem entre si ou cochicharem ao pé do ouvido, desaparecendo depois nos outros cômodos da casa. Em seu canto continuou ouvindo a interminável crônica dos bolos sem ânimo para afastar-se, hesitando em procurá-la e determinado a convidá-la para uma segunda contradição assim que a visse de volta ao salão. “O senhor é bastante aborrecido” ela respondeu enquanto suas amigas abafavam o riso, virando o rosto para o outro lado. “Vou aceitar por estar entre os convidados de honra da mamãe, mas se errar pode estar certo de que o deixarei”, e ao ficar sozinho e embaraçado outra vez no meio do salão, lembrou-se de acompanhá-la e a alcançou na sala ao lado. “Talvez possamos conversar um pouco” disse, mas a menina o olhou com desdém e, antes de afastar-se, atirou: “Saberá o senhor falar de algum assunto interessante?”

— Sim, essa loucura deve ter começado naquele ano que passou com os Gonçalves — dizia Alice à prima. — Haverá de sofrer todas as humilhações. Rosinha Gonçalves não é só uma criança mimada: é consciente de sua beleza, o que a torna às vezes insuportável. Pobre Célio, como pôde iludir-se?

Mas Francisca tinha os olhos vermelhos e mordida os lábios. “Sinto-me sem ação” disse, cobrindo o rosto com as mãos. Alice atrapalha-se com aquilo, faz menção de puxá-la para si, conchegá-la ao peito confortando-a, mas lembra-se de que tinha as mãos sujas de terra.

— Anita! — exclama exasperada ao ver a criada aparecer no fim do gramado. — Traga-me água para lavar as mãos!

— Não podia esperar — dizia Francisca, enquanto Alice a conduzia para o banco sob o caramanchão, mais pesada, mais lenta. — Não dele!

Alice, contudo, não duvidaria daquilo, não se surpreenderia, porque Francisca não estava por perto quando Olivério se despedira dela junto aos canteiros.

— Não ter conhecido a senhorita antes de casar-me...! — ouvira-o dizer. Sim, Olivério dissera aquilo mesmo, e ainda acrescentara que sabia poder confiar em sua discrição. Não, não podia revelar à prima aquele pormenor, por isso compactuava com ele, permitindo-lhe “confiar nela”.

E olhando pela janela do seu quarto, Clara viu Olivério descer para a estrada com as malas. Partia enfim, e embora soubesse mantê-lo a distância, evitando-lhe o assédio, sentia-se mais tranqüila com sua partida. Afastando-se a cavalo, um preto seguindo à retaguarda com a mala na cabeça, voltara ainda o rosto para as janelas altas na esperança de vê-la, por isso fechou as cortinas espreitando por uma fresta até que ele desaparecesse. Pobre Fran-

cisca, pensa Clara abrindo bem a vidraça então e puxando uma cadeira para ali. Embaixo o jardineiro ia de um canteiro para outro, podando, replantando, revolvendo a terra; mais além, um vulto na encosta era alguém tangendo o gado, e acima disso tudo o céu azul onde esplendia outra vez o sol, esquecido da garoa de há pouco. Numa tardezinha de primavera havia estado ali no jardim e ferira a mão no arame farpado da cerca. Alice como de costume mexia com as flores e falava de coisas que já não lembra. Naquele dia, como agora, pensava em Aninha, e se detém surpreendida por esta constatação: em seu passado duas coisas persistiam — um pesadelo e “ela”, Aninha. Duas coisas, pensa, uma das quais buscara em seu regresso por muito tempo, mas embalde. “Ana Carolina Brito” dizia uma diretora gorda, imensa, de gestos vagarosos e solenes, tirando uma ficha da gaveta; “aqui está”, e exibiu uma folha na qual havia um nome escrito em letras grandes, de traçado grosso e seguro, um pouco inclinadas para a direita. Embaixo, observações sobre seu aproveitamento, e o endereço dos pais. “Ainda deve morar lá” dizia a mulher guardando outra vez a ficha, “deixou-nos há quatro anos, e só me lembro dela porque nos deixou meses antes de terminar o ano letivo, em razão de um contratempo de família. O pai, parece, viu-se em dificuldades...” Clara, que anotava o endereço, manteve a pena suspensa do papel, aguardando a conclusão. A mulher parecia saborear o suspense que fazia, e só quando voltou a ocupar sua cadeira, detrás de uma grande mesa de mogno, prosseguiu: “Cinco, talvez quatro meses antes do fim do ano... Foi um criado da família, decerto um criado antigo pois se apresentou sozinho, quem veio buscá-la com uma carta assinada pelo pai. Ela tinha quase quinze anos na época...”. “E a senhora não soube mais dela?” Clara perguntou, mas não, não soubera mais nada. Perguntara-se à época o que teria acontecido, pensara mesmo em mandar informar, mas não era da sua alçada e acabou esquecendo o caso.

Maldita mulher, pensa Clara percorrendo a rua vazia na tarde abafada, após bater com insistência na porta de uma casa que parecia deserta. Acabou esquecendo o caso! Como pôde? Como pôde?! Maldita mulher!... Alguém aparecera à janela da residência vizinha dizendo que os moradores haviam-se mudado há algum tempo. Não, não sabia para onde, mas podia informar que o proprietário na ocasião estivera em dificuldades. Há um ano a casa foi a leilão, a pessoa informou, mas permanecia sem moradores.

— Sim, tinham uma filha, Ana Carolina.

E agora, enquanto o tálburi rolava pela rua poeirenta e ela ia vendo as pessoas passarem em todas as direções, e passarem os prédios, as casas, os cães, sentia-se sem esperança na tarde que principiava a escurecer, sob o céu vermelho na direção do poente, pensando que logo o gás seria aceso e a cidade iluminada na noite vibraria com seu burburinho, mas ela permaneceria só.

— E se descêssemos pela calçada para a frente da casa? — sugere Francisca, encaminhando-se no entanto para as alamedas.

Deteve-se e esperou Alice. Haviam decidido ir até os estábulos, mas preferiam dar a volta pela frente da casa. Deixavam atrás de si o caramanchão, os canteiros recém-plantados, os bancos de pedra.

Alice volta-se para a varanda, onde apenas Célio parecia dormitar na cadeira de vime.

— Lembro-me da última vez que vi meu irmão — diz —, foi dois ou três dias depois de ele ter-me enviado por um preto um bilhete no qual dizia estar na vila. Pedia-me para não comentar com ninguém que ele viera.

Francisca olha na mesma direção que a prima; “ele descia os degraus da varanda” ela acrescenta, “e vendo-me veio despedir-se.”

— Fazia quatro anos que não o via — prossegue Alice —, e quando nos reencontramos cheguei a não reconhecê-lo de imediato. Fui encontrá-lo na vila, e quando vi aquele homem de rosto emagrecido e amarelado, a barba por fazer e quase maltrapilho vir em minha direção, espantei-me. — Alice esforçava-se para manter a voz segura. Prosseguiu: — Andréia havia adoecido e o tratamento fora muito demorado e caro, esgotando-lhes todos os recursos. Eles não tinham mais nada, a não ser um filho para criar. Então Júlio preferiu humilhar-se.

— Era pouco depois da meia-noite — dizia Lourdes em voz baixa, hesitando, sem saber como prosseguir, pois Rebeca era muito susceptível a tais assuntos e devia abordá-los com cuidado. — Foram os rumores no andar inferior que me chamaram a atenção. Supus que Ludmila pudesse estar adoentada... aliás, sua aparência era mesmo a de uma pessoa doente. Já não saía a não ser em caso de urgência, a maior parte do tempo vivendo reclusa em seu quarto, quando muito descendo para a sala ou indo ao jardim, ou com menos frequência chegando até o portão para olhar a rua.

Lourdes fazia rodeios, mas Rebeca a encarava por vezes com firmeza, esperando que continuasse.

— Eu estava no topo da escada — diz Francisca — e embaixo tia Ludmila e mamãe conversavam. Desci alguns degraus para ver melhor. Tia Ludmila parecia transtornada, com os cabelos desalinhados, uma pintura escandalosa no rosto e segurando um copo. “Estou vivendo” ela dizia à mamãe.

— Sim, eu estou vivendo — Ludmila exclama entre as sebes erguendo o copo, correndo daqui pr’ali, ocultando-se entre as árvores. — Durante quase trinta anos estive enterrada, mas decidi me libertar! — corre para o caramanchão.

— Quando ele saiu de casa naquela manhã eu estava bem aqui — diz Alice, indicando os degraus da varanda. — Mamãe não o ajudaria caso ele continuasse vivendo com Andréia. Então foi embora.

Agora Júlio descia os degraus depois de um encontro inamistoso com a mãe, seguindo pela viela, mas vê Alice junto às sebes e pára, e desce em sua direção. Toma as mãos da irmã.

— Foi inútil — ele disse. — Agora eu vou embora.

— Meu Deus — exclama Francisca —, tia Rebeca recusou-lhe ajuda!

Mas Alice não responde, e ambos permanecem mudos, um diante do outro como se nada tivessem a dizer. “Ele parecia resignado” Alice explica, “suportando com compreensão. Mas na verdade estava arrasado. Não viera pedir para si, mas para o filho, uma criança, e para a mulher doente. Mas ela assim mesmo negara.”

— Tudo que era meu estava trancado com mamãe, para que eu não o ajudasse. Mesmo assim, entreguei-lhe as jóias que trazia comigo e um pouco de dinheiro que conseguira reservar. Então Júlio beijou minhas mãos e foi embora. Depois disso, não o vi mais.

— Não, Francisca não percebeu nada — dizia Lourdes na varanda. — Dormiu toda a noite, e no dia seguinte fomos embora bem cedo — Lourdes evitava o olhar da irmã, mas esta manteve sua habitual tranquilidade, no rosto nenhum assombro, talvez reprovação mas não culpa. “Ela fez sua escolha” foi só o que disse, e o assunto estava encerrado.

— Quando vi tia Ludmila na manhã seguinte, não parecia a mesma. Outra vez com roupas escuras, modos comedidos... não se diria que recebe homens à noite, e se embebeda com eles.

E agora, pensa Célio esforçando-se para ficar de pé, Alice lava as mãos, a terra fora semeada outra vez e ela poderá apreciar suas plantas crescendo. No entanto Francisca parecia ter chorado, mas Célio não estava bem certo disso. Desciam pela calçada: iriam ou não aos estábulos? Ouve, vindo do interior, um rumor de criança e volta-se olhando para a porta. Mas não, o menino, o filho de Francisca não aparecera à porta, apenas fazia sua algarria matinal no salão, correndo de um canto até o outro e rindo alto, enquanto Anita o vigiava. Sou uma mãe um tanto inábil, ouvira Francisca dizer certa vez, não tenho muito jeito com crianças, e o entregara a Anita, que com subserviência aludira ao fato de o menino já ter quase dois anos, portanto a senhora já devia estar experiente.

— Anita — Célio ouviu a voz da mãe dentro de casa —, não deixe o menino fazer tanto barulho. Olhe que ele acaba quebrando alguma coisa. Por que não o leva para brincar no jardim ou fazer um passeio na estrada?

Então Célio olha para a estrada deserta e silenciosa além do portão, e a lembrança sobrevém como um peso. Sempre a lembrança daquele rosto...

Um galo cantou na manhã avançada e o vento farfalhou as folhas do caramanchão.

Célio estava pensando...

— Encontrei-o sentado num divã — diz Francisca secando os olhos

vermelhos. — Além dela, na sala, estavam a avó e uma criança de cinco ou seis anos...

Ainda que Francisca o tenha flagrado com outra mulher (parecia tratar-se de moça de boa família, não o sabendo casado), Alice não tinha coragem de lhe contar as palavras de Olivério ao despedir-se dela naquela manhã.

— Então Célio persiste nessa... obsessão — desciam, caminhando pela calçada. — E ela?

— Não perde nenhuma oportunidade de ir à casa dos Gonçalves — diz Alice submergindo na sombra de um castanheiro que crescera junto à calçada, rachando-a com suas raízes. Sobre sua cabeça o vento agita os galhos num rangido sereno e primaveril. — Por exemplo, elogia sempre o retrato dela que os pais mandaram emoldurar.

— Você viu o retrato? — Francisca voltou-se para a prima.

— Puseram-no na sala de estar, para que todos vejam — diz Alice. — É natural. Rosinha está mesmo linda nele.

— Talvez linda demais — diz Francisca.

Célio também ouvira qualquer coisa sobre aquilo — a prima flagrara o marido com outra. Sorriu-se intimamente do fato, que, se não chegava a afetá-lo, tinha ainda assim um tanto de patético. Investigava-se e não descobria em si nenhuma piedade pela prima com quem, todavia, entendia-se bem. Francisca, sempre tão senhora de si, tinha enfim seus motivos de pranto. Quanto a Olivério, era um homem sem princípios, além de jogador inveterado que corria o risco de perder tudo que herdara do pai e ainda pôr na corda bamba o que pertencia à mulher.

— Mamãe já iniciou os preparativos para a festa que dará pela passagem do século — prossegue Alice. — Os Gonçalves estarão aqui. Rosinha é certo que virá esbanjando beleza e insolência.

— Oh, sim — exclama Francisca —, faltam dois meses...

Mas não, esse pensamento não sobrevinha assim de repente. Mesmo divagando sentia sua presença — a lembrança, a figura contra o fundo da consciência, e as tentativas de afastar essa imagem persistente resultavam inúteis. Então se lembrou de que em breve ela estaria em sua casa para as comemorações do novo século — sim, os Gonçalves eram os primeiros convidados de sua mãe, e sentiu-se impaciente desejando que a festa fosse já no dia seguinte, ou na noite próxima, para revê-la...

“Revê-la aqui... em minha casa...”

— Planejo uma festa memorável — diz Rebeca, que descera um, dois degraus, enquanto Lourdes se mantinha apoiada no parapeito. — Sim, por certo será memorável.

— O jantar será servido às oito horas — diz Alice, que agora seguia ao lado da prima calçada afora. No momento seguinte avista a mãe de pé so-

bre o segundo degrau, e também a tia Lourdes, que resolve descer para o jardim. — Por volta das onze começará o baile.

— Tia Rebeca deve ter planejado tudo com requinte — diz Francisca.

— Apenas as famílias importantes da região — diz Rebeca. — E as autoridades locais, claro. De resto, não muito numerosas. Será um jantar à francesa — acrescenta. — Já estou providenciando a porcelana, os cristais...

— Mas — objeta Lourdes — quem, dentre os serviçais, sabe servir à francesa? Mesmo os pratos, quem sabe prepará-los?

— Haverá uma pausa à meia-noite como é de esperar — diz Alice. — Para os fogos. Para vermos a chegada do século XX.

Estavam agora no oitão da casa. O rio corria ao longe, próximo ao pomar. Atravessá-lo-iam mais acima, de onde seguiriam por uma ruazinha dentro do arvoredo.

— É preciso cuidado ao atravessar — adverte Alice antecipando-se à prima. — Deve pôr o pé aqui — indica — e saltar, assim...

A ruazinha que conduzia aos estábulos estava limpa, capinada há pouco e o mato removido. Podia-se, já de longe, ouvir o relincho dos cavalos.

— Aquela noite... — comenta Alice detendo-se, pensativa. Uma flor lilás sobressaía entre a verdura das folhas, e as árvores copadas proviam de sombra o caminho. Vozes de serviçais provinham dos estábulos, mas havia uma voz familiar entre as demais:

— Não é a voz de Lúcio nos estábulos? — diz Francisca.

— Não, Célio é muito retraído — diz Rebeca reclinada no sofá, com os pés sobre uma almofada. Descansava. — No entanto eu já havia notado sua inclinação pela Rosinha Gonçalves.

— Uma menina mimada demais — comenta Lourdes que, sentada em frente, pusera o neto no colo. O menino entretinha-se com um novelo de lã, que ia desenrolando aos poucos.

— Há de mudar — sentencia Rebeca.

— Não creio que o aceite — Lourdes põe o neto no chão, sentado no tapete. — Chegou a tratá-lo mal.

— Que coisas estavam reservadas para aquela noite — diz Alice, e começa a andar —, como se o novo século trouxesse consigo uma carga tremenda.

Rebeca não consegue ocultar seu abatimento, e suas olheiras evidenciam noites em claro; preocupações que não a afetavam antes a dominam agora.

— Eu não podia esperar que essas coisas viessem assim à tona — diz.

— Júlio exagerou — diz Francisca. — Não lhe parece?

— Quando o vi na porta do salão, maltrapilho, perguntando se podia entrar e tomar lugar à mesa, estremei.

Então Rebeca não reconhecia o filho?, deviam pensar todos que, senta-

dos à mesa, se preparavam para iniciar a ceia. A senhora Veiga Albuquerque, muito pálida, punha-se de pé à cabeceira olhando com determinação para o homem que se atrevia a chegar em hora tão inoportuna, que a arrostava, desafiando-a diante de seus convidados, deslustrando o brilho de sua festa.

— Pelo que vejo — ele disse, dando alguns passos salão adentro e olhando em volta —, não sou convidado a tomar lugar à mesa. É certo que não vejo nenhum lugar reservado para mim...

Os convidados continuavam suspensos, alguns examinando o recém-chegado com curiosidade e surpresa, outros na expectativa de como seria a reação da anfitriã, todos voltando os olhos para um e outro, atentos.

— A verdade é que ninguém sabia que Júlio havia fugido com a filha da cozinheira — diz Alice —, e mamãe sempre tivera o cuidado não só de ocultar essa história como de fazer pública uma outra: a de que Júlio decidira viajar, estudar no exterior para orgulho da família, e naquela noite à mesa mais uma vez mamãe aludira à viagem de Júlio. Até o deputado Moreira elogiou a decisão de Júlio, ressaltando que na formação da juventude residiam as melhores esperanças para o futuro... lembro-me de suas palavras ao erguer um brinde, lugares comuns, no final das contas, apenas lugares comuns...

— Então mamãe, eu estive estudando no exterior para orgulho de toda a família! Céus, nem eu mesmo sabia disso!

— Tia Rebeca — comenta Francisca —, lembro-me bem, de pé à cabeceira da mesa, justificara a ausência de Júlio dizendo que ele não pudera vir pois logo no início do ano deveria apresentar-se na Universidade, e não teria tempo para isso caso viajasse.

— Eis como saúdam os ricos a chegada do novo século — diz com um gesto amplo dos braços abertos, que pendem em seguida moles, vazios. — Mas não se preocupem — acrescenta dirigindo-se aos comensais, a quem faz questão de olhar, ainda que de relance, um por um nos olhos —, não os vim incomodar. Festejem. Amanhã... amanhã direi que novidades eu trago.

— Ainda no meio do salão — diz Alice — ele olhou para nós e disse que essas novidades enfim só interessavam à família, por isso nada tinha a dizer por enquanto.

— Desculpe, mamãe — Júlio diz ainda, antes de deixar o salão —, não lhe trazer um presente, mesmo uma lembrancinha que fosse. Mas é que mal tenho dinheiro para alimentar minha família.

— Tia Rebeca bem que tentou remediar o fiasco...

— Sim, mas a alegação de que Júlio estava desequilibrado e fora internado numa clínica não foi muito convincente.

— E ainda dizer que para ele aparecer ali daquele jeito, àquela hora, sem dúvida havia fugido — diz Francisca.

— Lamentamos que a história se torne pública dessa maneira — Rebe-

ca, de pé à cabeceira da mesa, mantinha-se inflexível, nenhum sentimento se revelava na tranqüilidade de seu rosto, apenas suas palavras falavam do constrangimento familiar. — Foi apenas no interesse do pobre rapaz que aludimos a uma viagem sua ao exterior. Enfim, esta é uma situação embaraçosa para a família, por isso peço a compreensão de todos.

— Mas a essa altura todo mundo já se dera conta de que havia algo mais por trás dessa história, e nem por um segundo duvidaram, estou certa disso, de que Júlio estava na miséria e tia Rebeca não lhe dera ajuda.

— E o jantar transcorreu num clima terrível, e a festa foi um fracasso. Ainda assim houve um baile. Os mais jovens nunca se importam demais com os acontecimentos.

Agora já avistavam os estábulos. Um dos negros acabara de selar um tordilho, enquanto ao lado Lúcio aguardava.

— Agora todos sabem do caso de Júlio — diz Lourdes no momento em que Anita entra para apanhar o menino. — Você devia saber que não podia enganar a todo mundo.

— O principal naquele momento era manter o controle da situação — diz Rebeca —, não podia comprometer o êxito da festa.

“Contudo ela sabe que o ‘êxito da festa’ fora comprometido desde o momento em que Júlio apareceu à porta do salão, na hora do jantar.”

— Leve o menino para brincar no jardim, Anita — diz Lourdes.

Mas a Célio pouco importava que tudo aquilo tivesse acontecido. Que importância tinha para ele, por exemplo, que Olivério se tivesse embriagado cedo e dormido até perto de meia-noite, não participando da ceia? Menos ainda o fato de ter sido procurado na véspera por dois homens de má catadura que insistiam em falar-lhe, e só diante da afirmação categórica por parte da inabalável Rebeca de que ele não apareceria desistiram e foram embora.

Não, nada disso importava, pois durante a ceia sentara-se ao lado dela, e conseguira não se atrapalhar com os talheres nem derramar a sopa, certo de estar causando boa impressão.

— A primeira dança será minha, senhorita Rosinha⁸ — dissera à meia voz, enquanto a servia de um pouco mais de vinho. Ela lhe perguntara sem cerimônia se ele já havia aprendido a dançar, em cujo tom de voz todos notaram enfado e desprezo. Não se dando por achado, respondeu que treinará bastante.

— Alice fez bem em não se casar — Lourdes comenta. — Quanto me preocupo com Francisca! E agora Olivério procurado por esses homens...

— Sim — diz Alice ao primo —, este é um bom cavalo. Você deve aproveitar os dias que ainda tem por aqui.

— Hei de aproveitá-los — afirma Lúcio antes de se afastar. — Por exemplo, estou indo agora à casa dos Gonçalves.

— Ah! — exclama Francisca. — Pelo que vejo, tem o coração preso por lá — e acrescenta quando Lúcio se afasta: — Aproveite, que no início do mês estará a bordo, outra vez rumo à Europa.

Bem, havia Lúcio, medita Célio vendo-o passar nesse momento na estrada, a cavalo, em direção à casa dos Gonçalves. Por que ele teve de vir para a festa, afinal? Ou ainda, por que não ficou de vez nessa Europa de que fala com tanto entusiasmo? Sim, pois lhe custara vê-la dançando quase todas as vezes com o primo, o que fazia de propósito por saber-se observada dos cantos por um par de olhos ciumentos. E com que desprazo tocava Lúcio agora para lá com seus ares e cheiros de Velho Mundo, uma semana depois de tê-la conhecido! Nem ele tinha coragem de visitá-la tão amiúde!...

— Sim, eu os vi ontem outra vez — diz Alice. — Os mesmos que apareceram na noite da festa.

Francisca examina os cavalos.

— Apronte o alazão para mais tarde — diz ao negro. — Após o almoço pretendo cavalgar um pouco.

— Eu a acompanho — diz Alice. — Para mim, a égua castanha. Vamos voltar, Francisca?

— Procuram-no por dívidas de jogo, certamente — diz Francisca tomando pela estradinha. Alice põe-se ao seu lado.

Sentencia:

— Não deve deixá-lo tocar no seu patrimônio.

E que lhe importava seu irmão com sua história sobre uns parentes pobres, que viviam não sei onde?, remoía Célio com seus botões. Para que preocupar-se com uma gente desconhecida, quando tinha seu mundo agora preenchido por esse amor que não admitia sem esperanças? “Talvez se eu passasse um ou dois meses em Roma, ou Paris” pensa, providencial lembrança tal expediente, e quase salta da cadeira. Com tais vernizes poderia despertar o interesse dela, sim!, por certo! Não, não tinha nada que preocupar-se com relação a Lúcio, pois ele logo estaria longe dali e por muito tempo. Que fosse visitá-la, que a cortejasse; que se resolvesse em duas, três semanas? Ele, ao contrário, tinha todo o tempo que quisesse, pois estava próximo dela, via-a com certa frequência, nunca perdendo uma oportunidade de lhe dirigir um gracejo, um galanteio bisonho. Terminaria por vencer suas resistências...

Da cadeira de balanço, Célio via transcorrer a manhã, o dia, e esperava...

— Foi quando vi Teodoro de pé, à porta do salão, que pensei ser um sonho aquela festa que havia começado tão mal — diz Alice tomando pela margem do açude. — Conquanto para mamãe tenha sido um segundo golpe.

Ao seu lado Francisca recorda-se de tia Ludmila. “Será que ela ainda re-

cebe homens...?” Cora ao pensá-lo, e detém os passos lembrando a expressão da tia naquela noite, enquanto a vigiava escondida no alto da escada:

— Sim, minha irmã — ela dizia, virando na boca um copo de vinho — sim, recebo... visitas, sim, visitas.

Pareceu meditar um pouco, para equilibrar-se firmou-se na mesa, ergueu a cabeça:

— Alguns abusam, sabe? Até roubam... levaram-me alguns objetos valiosos pensando que eu não via, que eu estivesse bêbada o suficiente para não ver... Mas que me importa que levem um castiçal de ouro? Um prato de porcelana?... Uma vez surpreendi um deles guardando sob a blusa não sei que traste, e quando me viu o coitado ficou sem saber o que fazer... então me aproximei dele... estava bêbada... e me abracei ao pobre diabo: ‘Roube!’, eu disse, ‘leve tudo que quiser... pode levar, leve tudo... quer aquela peça ali também? E esta outra? É valiosa, é ouro puro... Roube, pode roubar...’

Francisca recorda. Do alto da escada ouvia tia Ludmila contar suas aventuras e embriagar-se, cada vez mais embriagar-se, enquanto Lourdes parecia sem ação, assombrada com tudo aquilo.

— ‘Roube’ eu disse, ‘mas deixe comigo seu gozo...’

Francisca sacode a cabeça procurando afastar a lembrança, a imagem perturbadora.

— E ele deixou, minha irmã, ele deixou... que homem, aquele, que homem! Ah, aquela noite foi mágica!... — terminou de virar na boca o copo de vinho. — Depois o pobre coitado iria embora sem levar nada, tão encabulado ficou... mas não, eu não permiti, de forma alguma, não permiti e lhe enfiei no bolso do casaco minha gargantilha de brilhantes...

Alice prossegue lembrando:

— Como era possível ele estar ali, ter voltado depois de tanto tempo?

Porque Alice estava bela em seu vestido de organdi azul, com os cabelos quase loiros descendo pelos ombros, pelas costas. Uma mulher, sim, não mais uma menina, mas uma mulher que o impressionara pela figura, diferente da que imaginara encontrar. Teodoro olhou para suas próprias roupas e certificou-se de que não fazia boa presença — agora que a tinha diante de si, que a via sorrindo para ele e lhe apertava a mão com alegria. Foi nesse momento que ambos olharam na direção da porta que dava para o corredor, deparando o vulto sombrio de Rebeca a observá-los. Pela palidez da mãe, Alice percebeu que também a ela surpreendia a presença de Teodoro, e não compreendeu por que o permitia ali em vez de ordenar, impondo-lhe sua majestática frieza, que fosse embora. Mas não lhe escapou, surdindo atrás dela na penumbra do corredor, a presença de Júlio, que pareceu murmurar-lhe qualquer coisa junto ao ouvido, afastando-se depois. E então Rebeca também se afastou.

A orquestra começava com uma valsa. Teodoro a tomou pela mão e ela se deixou levar.

Mas Rebeca não consegue acomodar-se, e mesmo sentindo-se doente põe-se de pé e anda pela sala. Lourdes, preferindo deixá-la à vontade, limita-se a folhear um livro de versos, ler alguma coisa aqui, alguma coisa ali.

— Agora Alice sabe de tudo — ela diz, inquieta. — De tudo que lhe quis sempre ocultar.

— E você já não pode impedir que ela se encontre com o primo — diz Lourdes.

— Então fico sabendo, de repente, que Teodoro é meu primo, de um ramo bastardo da família — Alice diz, sentando-se na relva à margem do açude. Francisca permanece ao lado, de pé.

— Tia Rebeca nunca iria admitir em sua casa parentes que desdourassem seu nome — diz. — Mais ainda um parente que fora em outros tempos o carrasco da cidade. Ou o filho dele.

— Teodoro explicou-me tudo naquela noite — Alice continua. — Seu pai era irmão de tio Alberto, um irmão bastardo, por isso mesmo jamais reconhecido.

— O mistério se desfaz — diz Francisca —, e eu vejo que me enganei com minha suspeita. O carrasco não executara ninguém da nossa família, não era esse o motivo por que tia Rebeca evitava a ambos com tanta determinação.

— O orgulho, apenas o orgulho — Alice murmura, e lhe dói no coração um sentimento de revolta contra a mãe.

— Mas pelo menos — Francisca replica — não há mais impedimento entre vocês agora.

— O orgulho — Alice repete. — O motivo de abominá-los, de manter-me reclusa, de existir uma cerca em volta do jardim...

Rebeca estende-se no sofá.

— Júlio descobriu — diz —, e trouxe tudo à luz para atormentar-me.

Honrava seu nome, pensa Célio com o vaivém da cadeira de balanço, pois o vestido cor-de-rosa com detalhes em cetim branco fazia dela uma rosa de esplendor ante a qual estremecia quando pensava em aproximar-se. Por que não seria mais fácil aproximar-se dela? Por que o temor de falar-lhe, de convidá-la para uma contradança, por que esse peso que sentia no peito em sua presença? Todas essas perguntas Célio fazia-se obscuramente, imprecisamente, como se o dominasse um medo de pensar nessas coisas, ainda que na quietude de si mesmo, e chegar a uma conclusão que a custo procurava evitar. Então se deixava ficar, imóvel e sombrio na cadeira de balanço, olhando para a ramaria densa das árvores do jardim e ouvindo o vento, ouvindo o passaredo sem prestar-lhes atenção, mais que tudo tentando tornar-se surdo à voz que em seu íntimo o prevenia, voz que se esforçava

por sufocar — a qual, no entanto, permitindo-se erguer uma ponta daquele reposteiro que se impunha à razão, ouvia clara, altissonante, verdadeira.

Contudo, era preciso calar aquela voz.

— Meu pai me preveniu antes de morrer — Teodoro explica a Alice, conduzindo-a até o pequeno ancoradouro. — Disse-me que eu deveria voltar para limpar nosso nome, e que nada mais eu tinha a fazer aqui depois disso.

— Podíamos remar um pouco — sugere Francisca à prima e se surpreende com sua sugestão, pois jamais tivera vontade de remar.

— Depois que ele morreu, por muito tempo ainda relutei em voltar — Teodoro segura a mão branca e pequena de Alice entre as suas, apertando-a com carinho. Mas a expressão serena de seu rosto não disfarça a dor de lembrar o pai morto. — Vi-o morrer sobre uma enxerga, numa madrugada de verão. Lembro-me de que então saí para o quintal e a lua minguante vermelha era um prenúncio de chuva... mas não choveu naqueles dias.

Afastou-se de Alice, ocultando o rosto.

— Não foi velhice nem doença o que o matou — diz. — Também não foi nossa miséria, pois não nos faltava o que comer. Embora essa miséria doesse, porque guardado sob a enxerga estava aquele maço de cédulas... estivera sempre ali, guardado.

— Ele veio reclamar uma herança a que não tem direito — diz Rebeca. — Não bastou ter-lhes dado dinheiro para irem embora, muito dinheiro por sinal, porque voltou para pedir mais.

Teodoro, no entanto, na soleira da porta, trazia a determinação que a liberdade lhe poderia conferir, uma liberdade que havia comprado caro.

— Não voltei por causa de uma herança — ele diz, enquanto Rebeca e Lourdes o encaram com espanto.

— Não voltei nem mesmo por Júlio ter-me pedido que o fizesse. Não foi por nada disso, senão para limpar meu nome e o de meu pai, o que faço agora — e atirou um volumoso maço de cédulas sobre a mesinha de centro. Olhou para Alice junto ao piano e acrescentou: — Voltei também por sua causa.

Francisca entra primeiro no barco, alojando-se na proa com cautela, temerosa de cair na água. Eu não sei remar, ela diz equilibrando-se no momento em que Alice empunhava os remos.

— Engraçado — diz Francisca —, nunca aprendi a remar... Acho que nunca me interessei.

— Foi o desgosto que o matou — diz Teodoro, concluindo.

— Então ele devolveu à mamãe o dinheiro — diz Alice impulsionando o barco. Na margem deserta via passar agora uma camponesa com um lenço vermelho na cabeça.

— O dinheiro? — pergunta Francisca.

— Sim, não só a mesma importância, mas as mesmas cédulas bancárias que lhe foram entregues naquele dia, as mesmas, que ele guardou com todo o cuidado para quando voltasse.

— E como Júlio foi descobrir toda essa embrulhada?

Sim, estava decidido: iria à Europa, lá ficaria por algum tempo — o tempo suficiente para adquirir “vernizes”, pensa, esse pensamento assim explícito não tendo aflorado às suas verdades admitidas. Não, iria para que ela soubesse que ele também era um homem mundano, capaz de viajar só, de ter suas aventuras, de fazer-se interessante. Sentia-se satisfeito com o insucesso de Lúcio. Pelo que soubera, Rosinha Gonçalves o tratara com gentileza, mas esquivara-se às suas tentativas de cortejá-la. Lúcio partira desejando ficar, como lhe ouvira a expressão no dia anterior ao embarque, conquanto lhe ouvisse também da intenção de voltar.

— Porque se ela não me disse sim — explicou —, também não me disse não...

Mas há esse “também”, afligia-se Célio. Era lançar-se à luta, tomar a frente, antecipar-se ao primo, esse quase desconhecido que ali aparecia para abalar-lhe a tranqüilidade, estremecer-lhe a paz, porque havia ainda esse “também”... Sim, resoluto, agiria! Mas no seu íntimo obscuro, outra voz profetizava: aquela seria a primeira e por certo a última guerra travada contra sua covardia.

E fechou os olhos.

— É reconfortante — diz Francisca mergulhando a mão na água transparente, verde-esmeralda, que reverberava à luz do meio-dia. Alice, aos poucos, firmava-se na manobra do barco, logo o impulsionando com mais precisão para o meio do lago.

Uma brisa morna enrugava a superfície da água. No alto o sol brilha com furor.

— A tarde em que ela esteve em nossa casa com o dinheiro e a ordem de partir — relembra Teodoro caminhando ao lado de Alice pela margem do açude. — A ordem de partir, que não poderíamos desobedecer, pois havia ainda a ameaça, a injusta ameaça...

Francisca detinha-se aqui e ali, olhava para as águas sossegadas, as árvores do pomar, as montanhas... e fechava os olhos sentindo o corpo mais leve, como que a flutuar...

— Que sol escaldante, que silêncio, e ela já havia ido embora — ele continua. — Mas em cima da mesa... nossa mácula, a nódoa que o acompanharia até a morte... um maço de cédulas.

Alice ouve sem responder. O que dizer a ele nesse momento, não de revelação mas de desabafo?

— Sim — Teodoro prossegue —, podíamos enfrentá-la e ficar, devolver aquele dinheiro e ficar. Mas meu pai sabia que eu a amava, Alice, e temeu

por mim, pois a ameaça fora velada, mas eloqüente — move a cabeça numa negação: — Não, não podíamos ficar. Não podíamos.

Porque dentro da quietude daquela tarde — ele relembra — o velho ergueu sua voz, sua fúria, embora suas palavras soassem pausadas, sibilantes, definitivas.

— Então ele me contou tudo que eu não sabia sobre mim mesmo — diz, encarando Alice por um momento. — Que nem eu nem você sabíamos.

— Honra, meu filho — dizia o velho, terrível na fragilidade de sua velhice doentia, imponente na miséria que ostentava, incorruptível. — Nunca se esqueça dessa palavra! É por causa dela que vamos partir — apanhando o maço de cédulas de cima da mesa, embrulhou-o com cuidado e meteu-o no fundo de uma sacola de couro —, para que um dia, quando o perigo não mais existir, você o traga de volta — disse.

— Não tocaremos nisto nunca, nunca, meu pai disse então.

Teodoro faz uma pausa, e arremata:

— E não tocamos.

— Eu os descobri em P... — diz Júlio no meio da sala, mais para a irmã e a prima que para os outros. Aquela história não era ignorada por Lourdes, e Rebeca a conhecia muito bem.

— Mas P... fica muito longe — diz Francisca.

— Não sei se devia remexer nessas histórias antigas — diz Lourdes, enquanto Rebeca, impotente e imóvel no sofá, nada responde. Desde que seu filho não mais dependia dela para nada, desde que aprendera a conviver com a miséria, libertara-se do seu jugo. Que autoridade teria sobre ele agora?

— Também acho que o que passou, passou — opina Célio de pé junto à vidraça.

— A tua opinião é a que menos importância tem aqui — diz Júlio para o irmão, com um gesto de repulsa. Aborrecia-o sua tibieza, sua idiotia, repugnava-lhe sua falta de personalidade. Célio, tímido, calou-se. De resto, nada tinha a ver com aquilo e decidiu não opinar mais.

— Podia ao menos não ser tão descortês com seu irmão — diz Rebeca, resignada.

— Júlio encontrara-se por acaso com o pai de Teodoro pouco tempo depois de terem partido — Alice explica. — Através dele soube de fatos acerca de nossa família... por fim resolveu investigar e encontrou indícios no cartório, deparou com nomes que não conhecia ligados a nós — diz Alice, imobilizando os remos dentro d'água.

— Entretanto, o tio Alberto... como pôde... — começa Francisca, chapinhando a água com as mãos. Fica pensativa olhando a mão mergulhada na água, admirando a imagem que se distorcia com as ondulações.

Teodoro não pretendia continuar naquela casa. Em seguida teriam uma reunião de família, tratariam de assuntos que não lhe diziam respeito, enquanto a missão que se impusera ao voltar estava cumprida. Devia, portanto, ir embora.

— Afinal — ele diz —, meu pai era apenas um irmão bastardo do tio Alberto.

Mas Alice levantou-se do sofá antes que ele deixasse a sala. Afetuosa, tomou-lhe as mãos sem importar-se com a presença da mãe, e o acompanhou até a varanda.

— Ver-nos-emos em breve — ela diz.

Teodoro faz que sim com um movimento de cabeça e sorri.

— Estarei esperando — diz.

— Os quatro vivem em P... numa casa antiga, grande e vazia, quase sem mobília — Júlio relata, sentando-se numa cadeira que puxou para perto dos demais. — Fui encontrá-los ao entardecer reunidos ao redor de uma mesa posta para o chá, quando já se acendiam os lampiões da rua. Quem me abriu a porta foi a mais nova, de sessenta e dois anos. Ficou olhando para mim desconcertada, por certo aborrecida com a chegada de um estranho que pedia para entrar alegando ter algo muito importante a dizer.

Junto à vidraça Célio permanecia quieto, ouvindo a contragosto, e como vez por outra olhasse para a mãe, abatida no sofá, talvez percebesse algo de seu estado de fraqueza moral. Compreendia que bastara o regresso de Júlio com aquelas histórias para adoecê-la. “Talvez adoença de verdade” pensa Lourdes vigiando de través a irmã, observando pela primeira vez que a altiva Rebeca já tinha muitos fios de cabelo brancos, as faces um tanto encovadas e rugas que mais se acentuavam com aquela prostração repentina.

— A sala era espaçosa e vazia, toda a casa parecia espaçosa e vazia. Eles viviam ali, eram nossos tios, nossos velhos tios reduzidos quase à fome... — e olhou um por um dos presentes, avaliando o efeito que essa revelação causaria neles. Refletiu porém que ali, habituados todos à sua mesa farta, não compreenderiam a fome alheia. “Mas eu tive fome” ele pensa, “eu tive fome...”

Célio distraía-se, divagava olhando pela vidraça. Que lhe importavam esses tios velhos de quem nunca ouvira falar, se tinha um problema mais grave a afetá-lo agora? De onde costumava ficar via uma nesga de jardim, uma fatia da estrada branca sob o sol e um punhado de céu através da ramaria das árvores... Mas ela — ela não estava ali, não estava ali, não estava ali.

Que sentido tinham todas essas coisas se ela — *ela* — ela não estava ali?

— O hábito do chá ao cair da noite, por exemplo — diz Júlio —, como medida de economia... porque então não jantavam. “Não importa quem sejam os seus” disse-me o velho, o último homem da família, com

oitenta anos de penúria. “O que nos resta viver agora, para que pensemos em coisas materiais que há tanto tempo perdemos?”

— Mas é de direito — tentei argumentar, e o mesmo velho me cortou:

— Não há mais direito algum agora a não ser o de morrer — e sorriu, sem nenhum dente, com sua amargura acumulada.

— Esperamos nossa hora, só isso — disse uma das velhas.

— Sim, lembro-me de Rebeca — continuou o velho —, lembro-me de o quanto era altiva e orgulhosa. Não terá mudado? Não creio, não creio... — e pareceu perder-se em pensamentos e lembranças.

Como já se fizesse escuro, uma das mulheres foi acender uma vela e pô-la na cantoneira, acima da qual a parede estava enegrecida. Todas as noites deviam acender a vela naquele lugar. Uma outra retirou a mesa, e os demais permanecemos sentados.

— Foi o Alberto quem nos deu aqueles papéis para assinar — informou então a velha que permanecera à mesa. — Que entendíamos de tais papéis? Assinamos sem saber o que fazíamos.

— O que fazia Rebeca nos deixar de lado — o velho seguia falando — era essa questão de nome de família. Não o próprio fato de sermos pobres, afinal não éramos tão pobres assim, visto o que nos foi tirado; não, mas o nome, o maldito nome, a maldita ascendência, onde ela queria por força vislumbrar traços de nobreza.

— E nós — diz uma das velhas, não a que acendera a vela ou a que havia permanecido à mesa, mas a que se retirara para a cozinha. Aparecia de repente à porta, mal podia ser vista na obscuridade, mas a placidez de sua voz chamou-me a atenção —, nós pertencíamos ao ramo plebeu da família.

E de novo se retirou para a cozinha.

— Mas por que não lutaram contra o roubo naquela época? — perguntei.

O velho sorriu movendo a cabeça. Levantou-se e foi até a janela, de onde ficou olhando a rua. A que havia acendido a vela sentou-se junto à cantoneira e pegou um cesto de bordados. Da cozinha chegava até nós o ruído de água jorrando. Eu não me animava a sair da mesa, mas ao mesmo tempo não sabia o que dizer. Era como se os quatro estivessem ali esperando a chegada do carro fúnebre. Reuniam-se todas as tardes para o chá, em silêncio ou dizendo qualquer coisa irrelevante entre uma bolacha e outra, comiam bolachas com o chá, comiam bolachas... encarando-se como quem contempla ruínas. Depois uma retirava a mesa, outra se ocupava em bordar, e os outros... Eu era o estranho, o que aparecia para perturbar sua paz, seu sossego de velhos.

— Não, filho — diz o velho junto à janela através da qual se via passar uma ou outra pessoa —, não há mais nada para nós nessa idade. O que foi feito está feito e não há retorno.

— Alberto morreu, você disse — diz a velha que ficara à mesa comigo. Eu confirmei. — Mas o carrasco ainda vive... — ela ri, justificando-se: — Acostumamo-nos a tratá-lo assim, mas era um bom homem... nós nos dávamos muito bem noutros tempos... um bom homem... vivia roído de remorsos pelos criminosos que executara... mas aquilo era apenas seu trabalho, não? Não fora ele quem os condenara, apenas cumpria a lei.

— No fim das contas — o velho murmura — tudo resulta o mesmo.

— Mas o fato de o tio Alberto ter feito isso — diz Francisca perturbada, ela que idolatrara o velho e bondoso tio Alberto, sempre a fazer-lhe festas (o tio Alberto que a punha no colo em criança e lhe contava histórias, o tio Alberto que a levava a passear a cavalo pelas terras da fazenda e lhe mostrava pássaros nos ninhos, o tio Alberto que a vira crescer e lhe dera conselhos na adolescência para que se tornasse uma mulher valorosa — “ele sempre falava em mulheres valorosas, mas eu talvez fosse menina demais para entender” —, sempre o tio Alberto junto de si, e agora o revia em seus últimos anos, com sua camisa branca no jardim apanhando o sol da manhã e acenando para ela; revia-o sentado na varanda fresca com um livro aberto ao colo; lembrava-se dele doente na cama, e fora ela a estar à cabeceira...). — Fazê-los assinar uns papéis!

Alice rema, fazendo o barco descrever uma grande curva pelo açude, enquanto Francisca seca os olhos vermelhos.

— Também mamãe sabia de tudo — diz —, e colaborou.

— Quem me veio trazer à porta foi ele, o último homem da família, tio Alfredo, era o tio Alfredo, aquele que ajudou a levantar esta casa da ruína.

— Aqui estamos nós, filho — ele disse —, e nossa família acaba conosco. Ramos estéreis de uma árvore, sem filhos, sem continuidade, sem razão de termos vivido. Talvez esse tenha sido nosso castigo.

— Mas que castigo! — exclamei. — Se o crime... o crime, foram outros que cometeram...

— Não importa — diz —, já nada importa.

E antes que eu me afastasse:

— Não se incomode mais conosco. Você é jovem ainda, pode muito. Nós aqui só podemos esperar, esperar, esperar...

— Ouvi o ruído da chave na fechadura e me afastei pela calçada sem ordenar os pensamentos. Aquele era o resultado de uma artimanha, de um ardil contra a simplicidade de uma gente humilde.

— Mas já que o senhor é o dono da casa — Rosinha Gonçalves havia dito —, não serei deselegante a ponto de recusar e dançarei consigo, mesmo que erre os passos como é seu costume.

Célio não fazia caso, pelo menos fingia. Ainda agora enquanto o navio cruzava o Atlântico ou a carruagem o conduzia aos *Champs Elisées*, mesmo então ouvindo o guia explicar que o Coliseu era usado para espetáculos

sangrentos e nele muitos cristãos haviam perecido; aquelas palavras duras, que ela proferia com a calma de quem comenta uma receita de bolo ou a melhor maneira de se plantarem gerânios em vasos de cerâmica, aquelas palavras repercutiam em si produzindo um confrangimento de despeito.

— É claro que prefiro estar com seu primo Lúcio, que tem muito a falar da Europa. Mas sou sua convidada...

Houve um momento em que desejou responder que por ser sua convidada não era obrigada a coisa alguma. Mas preferiu não se mostrar grosseiro, sem admitir que só na manhã seguinte lhe vinha a inspiração para uma saída como aquela, pois na hora sua eloquência retardada emudecia. Conseguiu apenas sorrir e continuar tortamente a valsa, conseguiu apenas resmungar um comentário já ouvido e repetido sobre as grandes possibilidades que advinham com a nova era que emergia... De resto Rosinha Gonçalves mostrava sinais de enfado e Lúcio já se adiantava com desenvoltura. Então Célio recolheu-se a um canto para observá-los, ardendo de ciúmes.

Mas no fim das contas, se bem o recebeu em sua casa, Rosinha nenhuma esperança lhe deu; se se fizeram amigos, de amistosas não passaram suas relações naquele mês. E agora que cruzava de volta o Atlântico, lembrando-se de que seu rival fora para longe e trazendo na bagagem a certidão européia — pois poderia dizer conheci a Via Áppia, as catacumbas de Roma; estive defronte ao Palácio de Buckingham, visitei o castelo de Warwick — sentia-se apto a enfrentar Rosinha Gonçalves sem nenhum constrangimento.

— Célio deve chegar hoje ou amanhã — comenta Alice atracando o barco.

— Oh, quanto deve ter aproveitado! — exclama Francisca saltando para os degrauzinhos e subindo até a margem.

— Não o faria se não fosse por ela — diz Alice, já de pé nos degraus, erguendo o vestido para não sujar a barra. — Faça como eu, Francisca, se não quiser sujar-se.

— Mas não adianta, Alice — observa Francisca —, de qualquer forma nossos vestidos já estão um pouco sujos. Sujam, mesmo que não façamos nada.

— É verdade — concorda Alice pondo-se ao lado da prima e tomando o caminho do pomar —, mas quanto a mim estava mexendo com terra, e mexer com terra é querer sujar-se.

Entretanto Célio resolveu demorar-se no Rio de Janeiro. Não podia voltar conhecendo o Moulin Rouge, onde pintores se reuniam questionando arte e mulheres, e nada tendo para contar sobre a própria terra. Era necessário poder dizer que fora ao Jóquei Clube ou que, em companhia de um inglês que conhecera no navio e viera passar uma temporada no Brasil, passara pela Rua do Ouvidor vendo as senhoras elegantes desfilar com seus

cãezinhos fraldiqueiros (oh, não havia inglês nenhum, mas que importância tinha isso!). Rosinha, pelo que sabia, não conhecia o Rio exceto de umas poucas e breves estadas aí, e essa era outra vantagem que levava sobre ela. Assim, enquanto subia a calma e o sossego das ruas de Santa Teresa ou se detinha, confundido e só na multidão que borbotava de todas as direções no Largo do Machado, refletia que durante os próximos serões em casa dos Gonçalves falar do Velho Mundo seria tão natural quanto do Novo, mesclando-se no mesmo discurso o Rembrandt do museu do Prado e as areias da praia de Copacabana.

Célio examinava agora os livros expostos em vitrines do centro da cidade. Comprou um volume de versos, esmerou numa dedicatória pouco inspirada e o remeteu à senhorita Rosa Gonçalves pela posta restante nessa mesma tarde. Decidira-se a subir só daí a quinze dias.

— Agora eles se encontram na vila quase todas as tardes — diz Rebeca com um gesto de desânimo, enquanto Lourdes ouve sem muita atenção, pois o neto fazia enorme alvoroço na sala ao lado. Lourdes levantou-se com impaciência.

— Célio, só ele continua sendo meu filho — diz. Rebeca sentava-se ainda algo empertigada — mas quebrantara-se um tanto.

— Célio ilude-se pensando que poderá impressionar Rosinha Gonçalves com essa ida à Europa — diz Alice andando sem rumo entre as árvores do pomar. — Ele botou na cabeça que ela vai aceitá-lo — recosta-se num tronco.

Sim, Olivério conseguira enfim livrar-se daqueles credores incômodos e o tempo que permaneceu afastado dos cassinos fê-lo recuperar-se um pouco. Avaliou o que ainda tinha nas algibeiras: não era muito... era quase nada. Suas propriedades estavam quase todas hipotecadas, já não tinha navios. Deveria tomar uma decisão com urgência para salvar o que ainda podia ser salvo. Um recurso havia ainda, e não titubeou em lançar mão dele: falar com Francisca.

— Francisca, no entanto, não será tola de ceder-lhe um níquel — observou Rebeca com acrimônia.

Lourdes esperava que Olivério voltasse para casa. Sabia do sofrimento da filha com seu afastamento, com a vida desregrada que ele levava — e por último não lhe agradava a idéia de uma separação em sua família.

— Mas não há mais nada — dizia Francisca caminhando ao lado da prima. — Não há mais nada...

— Mas ela nunca vai aceitá-lo — sentencia Alice, com convicção.

— Nem a ele nem a ninguém — disse Rebeca na sala à irmã, baixando a voz, no momento em que Célio se retirou para seu quarto. Jorge levava suas malas, Anita de pé na porta esperava alguma mudança na ordem da casa. Rebeca suspira: — Meu pobre filho...

A grande dama já não tinha pejo em revelar suas íntimas agonias, em falar delas. Apenas Lourdes estava ali, e Célio, que regressara para seu sonho. Custava-lhe, a Rebeca, admitir que tudo aquilo resultaria inútil, que seu filho (o único que ainda era seu filho) perdia-se num delírio...

— Não, ela não aceitará ninguém — diz Rebeca consigo mesma, quando Lourdes se levanta e sai para a varanda —, mas não se limitará a recusar Célio: querará destruí-lo.

Com o cenho franzido, o olhar fixo para adiante, pensa na crueldade de Rosinha.

— Maldita menina! — exclama num sussurro.

Atingiam agora a orla do pomar. Alice sugere descenderem em direção da ponte. Mas Francisca havia tomado uma dura decisão:

— Alice — ela diz —, eu não o ajudarei. Não lhe darei um níquel.

— Na Europa por essa época do ano começa o frio — dizia Célio ao Sr. Gonçalves durante o almoço. Aproveitara o domingo para sua primeira visita após o regresso. O outro o ouvia atento, e a senhora fazia breves comentários, revelando o desejo de viajar também para o exterior. Quanto a Rosinha, comia com indiferença e sem dar atenção à conversa, observada de quando em quando por Célio, que se desconcertava com sua falta de interesse.

— Rodolfo também viajou — dizia a senhora Gonçalves —, mas a trabalho. Qualquer coisa sobre a importação de mármore. Quase não manda notícias...

— Estive nas minas de Carrara — Célio apressou-se a mentir. Lera algo sobre o assunto, um guia turístico lhe fizera alguma explanação da qual se lembrava muito pouco, e como não tinha muito que dizer, acrescentou: — Mas lá me demorei pouco, não vi quase nada.

O almoço ia a meio quando entrou Joanhina com o marido. A dona da casa determinou que se pusessem mais dois talheres enquanto os recém-chegados cumprimentavam Célio com cortesia. Orlando falou do pouco que conhecia sobre Londres, e foi todo ouvidos às narrativas de Célio que, mudando de cenário, descrevia o Vaticano de forma desinteressante e sem brilho — ora, afinal não passara por lá mais que uma tarde, nem sequer saltara do carro, e pouco se detivera na Praça de São Pedro...

Antes de retirar-se da mesa, e falando então pela primeira vez, Rosinha atirou:

— Sr. Célio, recebi o livro que me mandou, mas não li porque não gosto de poesia. Aliás, detesto versos!...

— Releve, senhorita — gaguejou, apalermado —, se eu não...

— ...e quanto à Europa — continuou com sua natural arrogância —, espero que tenha dito tudo que viu em sua viagem, pois amanhã estarei indo passar uma temporada no Rio de Janeiro, e até eu voltar o senhor poderia esquecer muita coisa.

E agora Célio voltava para casa, o cavalo largado à vontade ia a passo, preguiçoso. Inútil, pensou recordando a expressão tranqüila e inexorável da moça na odiosa soberba de suas palavras. Inútil, e quando afundasse de novo em sua cadeira de balanço na varanda, ou se reclinasse no divã da biblioteca, no colo algum livro que por certo não estaria lendo, seria para não se levantar mais — nada mais fazer para aproximar-se daquela criatura insuportável.

O cavalo se detinha a morder um tufo de capim na beira da estrada. Célio tocou-o molemente com a chibata, e o animal reiniciou a marcha, vagaroso.

— Sempre mantive meus horários — dizia Rebeca presidindo o almoço, cujo horário se mantivera o mesmo em todos aqueles anos. Ali estavam, portanto, os comensais, poucos e silenciosos com seus tormentos, e a nobre senhora que, combatida pela doença, ostentava com um ar honorável e grave seus cabelos grisalhos. Contudo, Rebeca mantinha ainda em certos momentos seu aprumo, e agora, quando presidia o almoço a repisar velhas histórias, ainda era a dama altiva, de ares matriarcais e absolutistas.

— Sempre almocei ao meio-dia — prossegue Rebeca, embora os demais não demonstrassem prestar quase nenhuma atenção. — Não se trata apenas de um hábito, mas de ordem — e de súbito se lembra de que Júlio em certa época — na adolescência —, rebelando-se contra essa ordem que lhe era tão cara passara a chegar atrasado para o almoço. Mas a lembrança de Júlio a mortificava, mais ainda desde seu reaparecimento intempestivo há três anos, trazendo à tona aquela história vergonhosa acerca de sua família.

No entanto Alice está com trinta anos e almoça em silêncio, pensando em Teodoro. Desde que ele voltara mantinham encontros regulares em sua casa na vila, nos fundos do armazém, numa afronta direta à mãe. “Eu a estou magoando com isso” ela pensa enquanto leva o garfo à boca. Sim, magoava-a, “mas quando foi que minha mãe pensou em minha felicidade?”, porque era certo que Rebeca desejara a felicidade dos filhos, “mas a seu modo” ela pensa; e era certo também que para seus filhos sonhara uniões duradouras e felizes “e que não enlameassem o nome Veiga Albuquerque”. Mas Teodoro havia voltado — e não era por ele que ela, Alice, esperara todos esses anos? E não era para ele o pequeno mimo que guardara consigo até o dia de seu reencontro — o lencinho bordado pela prima Francisca? (mas não havia também na atitude de Alice um sentimento de desforra, um desejo de vingança contra a mãe?)

— Logo após o almoço os cavalos estarão prontos — Francisca lembra à prima. — Temos o passeio.

— Oh, sim, o passeio...

Mas Francisca não se sentia à vontade. Comia sem apetite ouvindo a algararra do menino na cozinha, apegado a Anita como se esta fosse sua ver-

dadeira mãe. Fazia as refeições em companhia dela, completara cinco anos, ria muito alto chamando por Jorge, e nesse momento devia ter deixado o copo cair no chão, pois aquele era um ruído de vidro quebrando-se... Esse era seu filho. Seria, no entanto, “seu” de fato?

— João Manuel não tem disciplina — observa Rebeca em tom de reprovação. — Não se deviam dar tantas liberdades a uma criança, nem deixá-lo o tempo todo com os criados.

Francisca não ouve: nesse momento pensa na morte trágica de Olivério um ano antes, fato nunca explicado de todo. Fora encontrado pendendo de uma corda no alto da escada, na pensão onde alugava um quarto. Das investigações concluiu-se suicídio, mas sabia-se que dois homens com ares pouco amistosos o procuravam ali com frequência. Olivério reduzira-se quase à miséria, e fazia seis meses que não o via quando soube de sua morte.

— Célio foi almoçar com os Gonçalves — disse Rebeca (que ao aludir a João Manuel lembrara-se de que Alice também tinha uma filha,⁹ e como isso a desgostasse parecia-lhe melhor desviar o rumo das atenções para Célio. Também Alice habituara-se a deixar a menina aos cuidados de Anita — e neste mesmo momento não estavam os agregados com as duas crianças, dando-lhes de comer na cozinha, como se fossem filhos de subalternos? Quanta vergonha!, Rebeca pensa, quanta vergonha lhe causara a filha, grávida daquele homem sem posição, dono de um armazém de secos e molhados na vila, uma bodega para bêbedos, “ainda mais solteira, pois nem ao menos se casaram!” E quanta vergonha lhe causaria ainda se engravidasse outra vez e voltasse a exhibir para toda a vila e a vizinhança inteira aquele inchaço hediondo a encher de lama o ilustre nome dos Veiga Albuquerque — e, furtiva e temerosa, examinou de esguelha o ventre de Alice. Mas a Rebeca tampouco agradavam as visitas de Célio à casa dos Gonçalves. Nada de bom poderia advir dessas visitas, pensava, porque a filha mais nova dos Gonçalves era intolerável e sempre conseguia um meio de magoá-lo.

Fez-se um silêncio repentino entre os comensais, mas Lourdes lembrou-se de que recebera uma carta de Lúcio pela manhã, e começou a falar sobre ela.

— Conta-me que trabalha como jornalista num semanário importante de Roma.

— Mas — adverte Rebeca, sempre disposta a impor sua opinião — não é ajuizado. Não se fixa. Não pára em lugar algum.

E às vezes, sentada ali à hora do almoço, Alice costumava lembrar-se daquele dia, onze anos antes, em que o encarregado chegara com a notícia da morte de Glenda, afogada no açude. Já não havia comoção com a lembrança do fato, como se os anos suprissem, de certa forma, aquela ausência, atenuando o vazio que ela deixara. Hoje Glenda teria vinte e seis anos, pensa Alice, e então se lembrou de tia Ludmila.

— Lembrei-me agora de tia Ludmila — disse, mas ninguém respondeu.

Rebeca cortava com perícia um naco de carne assada na travessa e ouviu indiferente o nome da irmã que há anos não via, enquanto Lourdes parecia distraída falando ao mesmo tempo na carta do filho.

— Lúcio, contudo, deseja viajar para o oriente. Atraem-no os mistérios milenares.

Os mistérios milenares, pensa Francisca ouvindo a mãe. O que mamãe entende por mistérios milenares?

— Ele falou nesses termos? — pergunta.

Alice não percebeu que o nome de Ludmila cáira no vazio das atenções dispersas. Não, não percebeu porque falara apenas para si mesma. Há dois anos tinha visitado a tia e quase não a reconhecera. “Já não há orgias noturnas nesta casa, minha sobrinha” dissera-lhe um vulto vestido de negro, afundado numa poltrona a um canto da sala escura (“estava escuro não porque fosse noite, mas porque não se abriam mais os reposteiros”). Um criado, o último da casa, a conduzira até ali, de onde a tia nem mesmo fizera menção de levantar-se para cumprimentá-la. Na sombra sobressaía um rosto branco, murcho. “Nem orgias, nem vida, nem mais nada.”

“Tia Ludmila simplesmente se consumiu em sua amargura, e agora esperava a morte” pensa, lembrando-se do estado de abandono em que se encontrava o jardim, da sujeira que tomava conta da casa cômodo a cômodo, da decadência que derruía o nobre solar dos extintos Castro Alvarenga.

— A senhora já não sai, não fala nem procura ninguém, passa os dias naquela poltrona sempre no escuro, sempre em silêncio — disse o velho criado que a reconduzira à porta, ao fim da tarde. — Como se já estivesse sepultada.

“Quando virá a notícia?” pensa Alice.

— João Manuel não sossega — diz Francisca ouvindo o alvoroço do filho com Anita, na cozinha. Sentia-se distante do menino, não nascera talhada para ser mãe. Afligia-se às vezes: não teria amor suficiente pelo filho? Ou seria apenas inaptidão para conquistar a criança? Por que deixava alargar-se, dia a dia, aquele espaço que se ia abrindo entre ela e o menino, e que acabaria por converter-se num imenso vazio, difícil de transpor?

— Você não chegou a ler a carta de seu irmão, Francisca? — disse Lourdes chamando a atenção da filha, enquanto se servia de pêssegos em calda.

Alice ao contrário sabia ser boa mãe: sim, que Ana Lúcia ficasse aos cuidados de Anita boa parte do tempo, afinal era para isso que se dispunha de empregados, mas fazia gosto ver o carinho que dedicava à criança, como brincavam às vezes horas a fio, e que felicidade ao enfeitar a filha com rendas e babados e passear com ela à vista de todos, como a dizer “esta é minha filha, minha e do homem que amo”, mesmo não ignorando que havia sido muito criticada!

“Minha filha” pensa Alice, “minha menina, cujo pai é aquele a quem amei na adolescência, e a quem amo, e com quem vou viver em sua casinha na vila, agora que me decidi a isso. Mais uma vez vou ferir mamãe, mais uma vez ela vai se lembrar de todo o mal que me causou.”

Rebeca, no entanto, recordava-se de que há coisa de um ano e meio recebera generosa oferta de um colecionador de arte por um Degas que trouxera de sua última viagem a Paris.

— Ainda não entendo como você conseguiu viajar estando doente há tanto tempo — disse Lourdes.

“Para fugir da vergonha” pensa Rebeca, que não se atrevia a admiti-lo em voz alta, pelo menos diante da filha e da sobrinha. “A vergonha dá-nos forças, oh, meu Deus, o que é a vergonha, o que é ter de fugir das pessoas quando não as podemos olhar de frente!” — pois Rebeca estivera fora durante aqueles meses em que a filha ostentara ao mundo sua gravidez bastarda, arrastando pelas sentinas o nome da família. “Poderia eu ficar neste lugar enquanto isso acontecia?” — então viajara, pelo menos por algum tempo — “pelo menos até passar a exposição da vergonha” — vira-se livre de constrangimentos.

— O que eu não entendo é como alguém pode oferecer tanto dinheiro por um pedaço de pano coberto de tinta — contrapõe Francisca.

Mas Rebeca não respondeu a nenhuma das duas.

— Não sei se essa não terá sido a última vez que viajei — ela prossegue, como que para si mesma. Por que responder à irmã, se esta conhecia a origem dos seus males? Se sabia que apenas o contato com o Velho Mundo, dos intelectuais e da nobreza, podia restaurar-lhe as forças? E o que dizer à sobrinha que nada compreendia de arte e pronunciava bobagens como aquela? — Pode ser que eu não veja outra vez o Atlântico... — mas ninguém prestou atenção à nota de melancolia que vibrou com essas palavras.

Alice agora olhava para frente, diante do prato vazio. Não quisera pêssegos em calda, e com os braços cruzados sobre a mesa alheava-se, suspensa do silêncio do meio-dia. A voz de Jorge ouviu-se em algum lugar, no amplo quintal defronte à cozinha — dizia qualquer coisa sobre lenha para o fogão —, mas ela não despertou. Já Anita respondia em coro com João Manuel, que gritava (talvez da janela) seu desejo de ajudá-lo a recolher a lenha, mas ainda assim ela não despertou. Ouviram-se os passos de Célio que chegava da casa dos Gonçalves e se dirigia para o quarto — e Alice continuou perdida.

— Bem, creio que acabamos — observou Rebeca levantando-se da mesa. Todos se levantaram.

Alice permaneceu sentada, longe.

— Oh, o sol a pino — ouviu-se a voz de Francisca fora, na varanda.

Sim, após as virações da manhã, as incertezas da chuva e do tempo nu-

blado, o sol outra vez a pino. Fulgurante, no meio do céu azul-puríssimo, no zênite sem mácula. O sol que avermelhava os telhados e as frutas maduras no pomar; que filtrava entre as folhagens atenuando as sombras do jardim e refletia na água parada do lago onde não se diria “ali morreu, onze anos antes, uma criança”. O sol agora, na intensidade de seu calor fazendo murchar a folhagem nova do cafezal, à cuja sombra os pretos iam abrigar-se comendo em suas cuias a comida preparada em grandes caldeirões de ferro — os pretos livres que, entretanto, continuavam escravos sob o sol. Também sob o sol — via Francisca, apoiada no peitoril — seu filho corria no gramado em frente, enquanto à sombra do caramanchão Anita, nos braços Ana Lúcia que acabara de completar dois anos, vigiava. João Manuel tinha as faces vermelhas e quando veio vindo em direção da varanda trazia no sorriso a perspectiva dos anos futuros “que nada mais terão para mim” pensa Francisca, “e no entanto tenho apenas trinta e um anos”. O sol a pino, um medalhão incrustado no céu — Francisca ouvira alguém dizer isso em algum lugar, mas já não se recorda quem, nem em que circunstâncias. Raros pássaros cruzavam com seu vôo direto de flecha o espaço escaldante, mas podia ouvi-los pipilando entre as copas próximas. A estrada além do portão tremia, subindo um vapor, e muito longe o recorte irregular dos montes se dissolvia, porque o sol estava a pino e uma árvore projetava uma sombra redonda à volta do tronco mas um homem de pé, ereto, não projetava sombra alguma. Como se a terra assim dormisse, pois ao meio-dia flamejante tudo caía na modorra, os membros amolecendo após o almoço farto, a sonolência derruindo os ânimos, mesmo os bois no pasto procurando um bebedouro, o abrigo das árvores, o repouso. Talvez na vila o comércio também madornasse — as portas estariam abertas, o armarinho, o açougue, a botica, mas os fregueses esperavam outra hora para chegar. As ruas poeirentas estariam desertas, e se um homem a cavalo as atravessasse nessa hora, ver-se-ia no meio de um arraial que cochila. Teodoro estaria lendo o jornal detrás do balcão do armazém e espantaria as moscas com um pano molhado — Alice em seu alheamento podia ver o gesto mole do homem matando moscas sobre o balcão, “meu homem, meu homem”. Em Roma, Francisca imagina, o sol não estaria a pino, e Lúcio (que se dizia feliz com seu trabalho no jornal — um jornal europeu, no fim das contas) nessa hora talvez atravessasse uma rua junto ao Coliseu rumo à redação (os jornalistas sempre chegam tarde, pensa)... mas por que ele estaria àquela hora próximo ao Coliseu? Não poderia estar em frente à Porta de São Marcos? Ou estudando as Catacumbas de São Sebastião? Ou... ? Ali, na fazenda da ilustre senhora Veiga Albuquerque, o sol estava a pino, como um privilégio, e a dona da casa tanto podia ter-se recolhido ao quarto para a sesta, como ter-se deitado alguns minutos junto às vidraças do salão no segundo andar, espiando o jardim deserto, o pomar silencioso e lembrando os dias em que aquela

casa se enchia de crianças barulhentas. Todos haviam crescido, tomado seus rumos, e não era exato que os filhos da casa fossem mais felizes que os filhos dos criados da casa. Afinal, Jorge casara-se com Anita e não tiveram filhos porque ela era estéril, mas deviam ser felizes — ambos haviam sido crianças e tomado parte naquelas algazarras, haviam crescido depois e adquirido o senso de responsabilidade que vem com o fim da infância; sim, Jorge e Anita pareciam satisfeitos apesar de tudo, mas estariam felizes?, pergunta-se Francisca lembrando que Jorge amara Glenda e a vira morta e depois se casara com Anita apenas para ter uma mulher porque, como lhe confidenciara certa vez, um homem precisa ter sua mulher, sua casa, sua família, mas Glenda, dona Francisca, só a ela eu amei, só a ela continuarei amando; e Francisca encantava-se com esse devotamento do homem por sua amada, que persistia mesmo quando já não a tinha (e não a teria mais) consigo. Mas também Francisca e Alice estavam mulheres feitas, maduras, e, ah!, quanto desgosto agora com toda essa mudança, pensa Rebeca, porque sua luta fora vã e tivera de resignar-se quando sua Alice, sua menina, passara a encontrar-se com o “taberneiro” na vila, à vista de todos, feito sua amante — já que não se casara com ele —, e depois, alheia aos comentários à meia voz, aos risinhos abafados e à maledicência cochichada nos botequins, sem pudor algum exibira nas ruas seu ventre redondo, e ainda sem nenhum constrangimento mandara por um preto participar às casas ilustres do lugar o nascimento da filha. Rebeca por fim recolhia ao quarto, ao leito, e pensando essas coisas adormecia. Porque nessa hora também Lourdes procurava seu quarto e punha-se a ler sem maiores preocupações, sem pensar na vida, aceitando plácida o transcorrer dos anos de existência estagnada, dividida entre a cidade, onde permanecia a maior parte do tempo, e a fazenda da irmã, pois se acostumara a vir por temporadas. Nunca lhe acontecera nada digno de nota, não vivera aventuras, não saíra da esfera da normalidade, e não questionava isso — aceitava com a calma com que se devem aceitar as coisas definitivas, sem apelação, sem aprofundamentos, sem dúvidas. Inexorável, como o sol daquela hora única, a pino e banhando as montanhas, os vales, os arvoredos, enquanto no horizonte, muito no horizonte, uns castelos de nuvem construíam-se na confusão da névoa encardida de azul e cinza, ofuscando de brancura, elevando-se com a lentidão dos ponteiros do relógio.

— Os cavalos estão selados — ouviu-se de novo a voz de Francisca na varanda. — Alice — ela chama, a voz estrídula —, você não desistiu do passeio, não é?

Alice, ainda à mesa, ouvindo a prima desperta, abre os olhos e, oh, sim, levanta-se, haviam planejado um passeio a cavalo para depois do almoço e Francisca esperava por ela. Não se sentia encorajada agora a passear ao sol, mas não podia desapontar Francisca, pois sabia o quanto a prima gostava de cavalgar.

Então saiu para a varanda.

Junto ao caramanchão Francisca conversava com o homem que trouxera os cavalos. Alice ia ao seu encontro, mas foi abordada pelas filhas que subiam com barulho os degrauzinhos de pedra.

— Ei, aonde vocês vão? — quis saber com seu natural alvoroço a espetada Ana Lúcia, que na semana anterior completara quinze anos. Mas Ana Luíza, três anos mais nova que a irmã¹⁰ e um tanto tímida, era de temperamento tranqüilo e apenas enlaçou a mãe pela cintura com carinho.

João Manuel com seus ares compenetrados acompanhava as primas apenas por gentileza; embora não demonstrasse, não se sentia muito à vontade em sua companhia, muito alvoroçadas e em dissonância com seu modo austero de ser. Vinha agora pela alameda, interrompia aqui seus passos para olhar em volta, detinha-se adiante admirando a lentidão do dia, mas apoiadas no peitoril as primas o incitavam a apressar-se.

— João Manuel — gritava a irrequieta Ana Lúcia —, como você pode ser tão lento!

Alice e Francisca atravessam o portão em suas montarias mansas, acostumadas ao sol, habituadas a esses passeios digestivos, livres em seu rumo qualquer. De resto, Francisca já conhecia bem o animal que escolhera e este, por certo, já se habituara à sua amazona. Até mesmo Alice, menos dada a cavalgar, sentia-se à vontade acompanhando a prima nesses passeios após o almoço.

— João Manuel! — insistia Ana Lúcia.

Mas João Manuel ficou olhando a mãe e a tia que se afastavam a cavalo pela estrada. Deixou que as primas o chamassem: sentado sob o caramanchão já não lhes ouvia a voz, esquecia-se delas, meditava...

— Ora, nosso primo é sério demais — reclamou Ana Lúcia com um muxoxo. Deixou-o de lado e entrou na casa, enquanto a irmã permanecia por uns momentos ainda observando-o, imóvel sob a latada de buganvílias, ausente... Meu primo, pensou, este é meu primo.

— João Manuel — ela pronunciou-lhe o nome, não em voz alta, não para que ele a ouvisse, mas como uma carícia, para ouvir o nome dele dito por sua voz, olhando sua camisa de seda branca, suas costas magras, seus cabelos bem negros.

Mas João Manuel ouviu seu nome pronunciado daquela maneira, e voltou o rosto. Viu Ana Luíza no seu vestido azul-claro de mangas fofas, em pé, junto aos degraus da varanda. O que lhe atraía a atenção nela, ele pensa, eram os olhos, esses olhos grandes e vivos que se fixavam nele persistentes, incômodos... até que a figura inquieta da irmã com sua voz penetrante surgiu à porta:

— Ana Luíza! Venha!

Mas a voz cristalina rompia a quietude através dos cômodos amplos e

desertos da casa, varava as paredes, as portas fechadas, os ouvidos que perscrutavam o mistério do silêncio. E foi despertar de seu alheamento na biblioteca Célio, recostado no divã com um livro que não chegara a abrir. Por um segundo aquela voz vibrou no ar parado, na dormência morna da casa, e Célio manteve-se suspenso tentando ouvir algo mais, uma risada, por exemplo, uma das exclamações espalhafatosas da sobrinha, mas não ouviu. Então relaxou, fechando os olhos outra vez. Habitado a recolher-se à biblioteca a essa hora, esticar-se um pouco no divã — não para cochilar, mas apenas para descansar seu ócio —, punha-se a pensar...

Não que o incomodasse a presença das sobrinhas na casa — era um tanto de vida e juventude ali, onde tudo envelhecia sem remédio, mas perturbava-o sua alegria. A mais velha, por exemplo — a dona da voz de metal, que dilacerava o sossego com suas risadas e gritos escandalosos —, a mais velha com natural irreverência ia sentar-se às vezes à sua frente e perguntar por que não fazia nada, por que ficava com o livro aberto no colo sem ler, e por que isso, por que aquilo...

— Por que o senhor não se casou?

— Não consigo imaginar quantas vezes fizemos esse passeio — dizia Francisca à prima, quando ouviram um galope à sua retaguarda. Não chegaram a voltar-se, pois logo Rodolfo Gonçalves emparelhou com elas.

— Grande coincidência, senhoras — disse ele sofrendo o ímpeto do animal.

— Oh, mas é... o Sr. Rodolfo! — exclama Francisca, reconhecendo-o após tantos anos.

— Acompanhe-nos, Sr. Rodolfo — convidou Alice, que também o reconhecia. Contrafeita e pouco à vontade, observa o efeito dos anos sobre o garboso mancebo que a cortejara noutros tempos. “Já estará com seus cinquenta anos...” ela pensa.

— Há quanto tempo, Sr. Rodolfo — continuou Francisca, que já não se lembrava da última vez que o vira.

Alice continuou contemplando o antigo pretendente que, sem que esperassem, aparecia diante delas na estrada — e um pensamento lhe ocorreu enquanto examinava seu rosto cheio e corado: o que teria sido de sua vida se tivesse aceitado desposá-lo? Sim, o que teria sido, se naquela época não estivesse apaixonada por outro?

— Uns dezoito anos, dona Francisca, uns dezoito anos.

Sim, uns dezoito anos, pois embora Rodolfo tivesse voltado algumas vezes ao Brasil após mudar-se para a Europa, não acontecera encontrá-lo em nenhuma ocasião. Mesmo Alice vira-o uma vez apenas, na vila, quando embarcava, e também já fazia muito tempo, pois então ele ainda não exibía aqueles cabelos grisalhos, já tão escassos...

Imaginou-se então casada com ele, um homem a quem não amava e que

só desposaria por conveniência. Teria sido tão insuportável como à época lhe parecera? Pensou em Teodoro — naquele que havia conhecido e amado em sua adolescência, naquele que enfim fora seu, e se perguntou se não havia ilusão demais no amor. “Uma paixão nos ilude tanto...”

— Então está de volta — tornou Francisca.

— Agora que papai está morto — ele diz — sou eu quem deve assumir os compromissos na fazenda. — Faz uma pausa em que parece considerar os quase três anos transcorridos desde a morte do pai, e acrescenta: — Deveria tê-lo feito há mais tempo. As senhoras não imaginam o abandono que anda por lá.

Ah, sim, lembra-se Alice mudando o curso dos pensamentos. O Sr. Gonçalves, já bem velho e com a saúde abalada, sobrevivera pouco tempo à esposa. Mas Rodolfo não viera para o sepultamento e todos estranharam, porque também não havia aparecido nos funerais da mãe.

— Mandeí várias cartas — dissera Joaninha no dia seguinte a Alice, sem compreender a ausência do irmão —, até por ocasião da morte de mamãe. Mas não recebi resposta.

— Vim a saber quase um ano depois — justifica-se Rodolfo esticando a vista pela paisagem. — Eu tinha viajado para o oriente. Na volta encontrei as cartas de minha irmã no hotel...

Então João Manuel lembrou-se do irmão de sua mãe que morrera na guerra. Lembrava-se de quando receberam a notícia num envelope com uma tarja preta. A princípio não compreenderam bem, devia haver um engano, embora o nome estivesse bem claro no papel.

— Não compreendíamos — explica Francisca a Rodolfo, que cavalga a seu lado. — Mas depois de novas cartas, novas explicações...

Parece que o irmão de sua mãe (e João Manuel não sabia por que sempre se referia ao tio Lúcio como o irmão de sua mãe, e não como o tio Lúcio, como seria natural) deixara a redação para ir cobrir a guerra de perto.

A guerra, a guerra... e João Manuel começou a pensar na guerra.

— Dormindo? — soou a voz no limiar da porta, e Célio abriu os olhos. Não, não estava dormindo mas pensando, e a mãe sabia disso sem que ele precisasse responder, sabia-o através dessa comunhão que une aqueles que levam uma vida previsível e comum, sempre igual e sem acidentes, inalterável e sem futuro.

Rebeca avançou alguns passos relanceando a vista pelas estantes repletas, pelos quadros que traziam o cheiro da aristocracia, pelo tapete que lembrava uma época de sonho e encantamento. Costumava levantar-se um pouco àquela hora para ir à varanda ou, mais raro, descer até o jardim, conquanto tal esforço trouxesse desagradáveis conseqüências, pois o quanto lhe doíam as pernas depois!

— Vai dar um passeio — Célio disse nessa quietude em que o chiado

das cigarras podia ouvir-se como um ruído inusitado que vinha do próprio silêncio. E ficou-se a olhar o teto onde uma aranha tecia uma teia, porque sua mãe atravessara outra vez a porta sumindo-se no corredor, e ele pudera vê-la pelas costas, envelhecida e magra, arrastando os chinelos no assoalho...

E outra vez a navalha corta o ar num golpe vivaz, vibrante, translúcido...

— Ana Luíza!

...a navalha, o golpe, a voz da sobrinha.

— Vamos até o coreto!

Então Célio pensou que preferia o período letivo, quando elas permaneciam no colégio e a tranquilidade retornava à casa.

— Não — dizia Rodolfo sério, grave, um vinco de tristeza marcando-lhe a testa —, o que ela podia fazer afinal na situação em que se encontrava?

Referia-se à irmã, Joaquina, que cuidara dos pais nos últimos anos e, por fim, após sepultar a mãe acompanhara a agonia do velho sem esmorecer.

— E assim a casa esteve abandonada muito tempo — ele diz.

Sim, porque Alice vira Joaquina Gonçalves — quando foi mesmo que a vira pela última vez? Não teria sido por época de sua mudança para a cidade, logo após a morte do Sr. Gonçalves?... “Algum tempo depois ela voltou para apanhar alguns objetos que deixara na fazenda, mas não estive com ela então.” E agora se lembrava de ter ouvido (quando fora? Cinco, seis meses depois?) que o marido de Joaquina havia adoecido. Que foi que ele teve, afinal?

— Ela tinha de se dividir entre papai, senil, e o marido enfermo — dizia Rodolfo, esclarecendo. — Porque Orlando começou a adoecer antes da morte de papai. — Rodolfo mostra na fisionomia um traço de amargura, sua voz é firme mas denota o remorso por uma culpa que se atribuía: — Ela passou por tudo sozinha — ele diz —, eu poderia ter ajudado se não estivesse tão ocupado comigo mesmo...

Francisca observou aquele Rodolfo rechonchudo e meio careca, de grandes bigodes grisalhos e gestos plácidos, falando compungido da morte dos pais, das provações da irmã, e por sua vez não o reconheceu. Por deferência não mencionou o nome de Rosinha, de quem não se sabiam notícias. O escândalo trazia embaraço mesmo depois de tantos anos, e diziam alguns que fora o responsável pela morte da Sr^a Gonçalves. Mas aquilo não era verdade, pensa Alice, não era verdade. A desgraça de Rosinha acontecera muito tempo antes...

“Enfim” Francisca diz consigo mesma, “seja o que for, o fato é que desde o acontecido com Rosinha a Sr^a Gonçalves não era mais a mesma.”

— Parece que teremos todo o resto do dia cheio de sol — disse Rodol-

fo com desenvoltura. Longe, cruzava o caminho uma boiada tangida por um cavaleiro e um negrinho a pé com uma vara, e já Rodolfo apontava nessa direção, informando: — Adquiri a bom preço. Pretendo criar...

— A guerra é um mal — continua João Manuel sob a folhagem, falando sozinho —, mas desnecessário?

E viu as primas que vinham pelo gramado, gesticulando. A voz de Ana Lúcia chegava até ele, enquanto Ana Luíza ria de alguma coisa que a outra dizia. Não dirigiu a ambas mais que uma olhadela, e cruzando as pernas seguiu o curso de seus pensamentos. — A guerra...

— Faz dois anos — diz Francisca.

— Alvejado durante um confronto — Rodolfo repete, como se refletisse no absurdo daquilo. Também era preciso dizer alguma coisa, e não podia dizer sinto muito porque não sentia muito nem pouco. Sabia da existência de Lúcio, mas não o que ele fazia na vida, vira-o menino e depois rapaz mas não chegara a conhecê-lo e só agora era informado de sua morte. Mas não duvidava do absurdo de um jornalista morrer numa guerra aonde não fora para lutar, e para quem o resultado da peleja teria pouca ou nenhuma importância.

— Mas a guerra acabará — Rodolfo diz a título de comentário. — Estou certo de que acabará — concluiu sem convicção.

— Não creio que a guerra acabe tão cedo — murmurou João Manuel sob a ramagem verde das buganvílias. — As guerras não acabam, não acabam nunca.

— O Sr. esteve na Europa durante a guerra, não? — Alice perguntou, quando se detinham num outeiro e desciam de suas montarias. Alguma coisa a incomodava ao falar com Rodolfo, talvez o tratamento cerimonioso, que não a deixava à vontade. Por que chamar de 'senhor' um homem que a cortejou na juventude, um homem que seria seu marido se o tivesse aceito? Mas muitas esposas tratam seus maridos de 'senhor' — e são, por sua vez, tratadas de senhora —; que grau de intimidade havia agora entre ela e esse quase estranho para que cogitasse chamá-lo de você? Por fim Alice deu-se conta de estar divagando, e o vale, os montes, as matas que compunham a paisagem, tantas vezes vistos, perdiam-se de seus sentidos enquanto pensava coisas vãs. Arredou-se de Francisca e Rodolfo; abeirando-se da vertente deixou-se levar pela vertigem da brisa, pelo sol que lhe queimava a pele, pelo poema da natureza meio selvagem em coro com a voz desafinada de um boiadeiro, longe no vale, em algum ponto onde não era visto, a entoar uma modinha que chegava até ali entrecortada, esbatida...

— Não — ouviu Rodolfo falando à Francisca —, não é recomendável estar próximo do conflito, mas lá tive de permanecer quase todo o tempo. Por causa dos negócios...

— Por que não está com suas primas? — e João Manuel voltou-se num

sobressalto. A velha tia Rebeca havia se aproximado tão em silêncio que nem percebera.

Via-a pouco, e a roupa de dormir tornava-a mais gasta e acabada, mais emagrecida e doente. Estremeceu.

— A senhora não devia deixar a cama, titia — ele disse. — Ainda não se recuperou de todo.

Rebeca sorriu.

— Nós sabemos que não tenho chances de me recuperar — ela disse, como se lhe agradasse fustigar as pessoas com alusões a sua doença, a esse mal misterioso que lhe derruía as forças, mas não a vontade.

— Ora, titia...

— É verdade, é verdade — cortou ela, sem impertinência. — É verdade... — e pareceu divagar, olhando de lado para uns restos antigos de canteiros, recobertos de mato, que sua filha cultivara muitos anos antes. Depois disse: — Vá ter com suas primas. Não busque a solidão, que você terá muito tempo para estar só no futuro.

— Não busque a solidão — Célio falava, sozinho, olhando através da vidraça. Da biblioteca podia ver toda a frente do jardim, paisagem repetida e gasta, como palavra que se diz muitas vezes até esvair-se o significado. — Você há de ter muito tempo para ela.

Rebeca lhe dissera essa frase certa vez — por que lembrara-se dela agora? Talvez porque visse a mãe no gramado, com seus passinhos curtos, impondo-se um passeio que dia para dia se tornava mais difícil.

A velha senhora detinha-se junto a uma sebe, a um arbusto, como se dominasse todo o jardim com o olhar, verificando o abandono em que submergira. E se ela não estivesse ali para dar ordens, mesmo doente e debilitada... A filha pouco se importava com o aspecto que deveria ter uma casa como aquela, e aos poucos lhe invadia um cansaço de tudo. Perguntasse agora de que lhe valia cuidar da casa, do jardim, do pomar, quando não recebiam mais ninguém, quando tão só a família estava ali, a família — para quem já não fazia sentido ostentar... Rebeca vislumbrou o fim.

Sim, pensou Célio, o fim, as coisas acabando-se, acabando-se ao mesmo tempo que ela, e quando ela se for só ficarão uns restos, umas sobras... Que seria dele, pensava, que seria dele? E embatucava nessa pergunta sem encontrar uma resposta, imóvel diante dela como de uma porta fechada. Por certo continuaria ali, sem fazer nada, como dizia Ana Lúcia, sem estar vivo, e essa frase persistiu como verruma em seu pensamento: sem estar vivo, sem estar vivo, sem estar vivo...

Porque desde que ela “se fora”, pensava Rebeca arrastando os chinelos pela calçada em direção dos degraus... Um momento antes levantara o rosto para a janela da biblioteca e adivinhara o vulto atrás dela, Célio, seu filho, o único que toda a vida fora seu filho de verdade. Célio, que se largara à

lassidão de viver sem estar vivo, ao desespero de entregar-se, à incapacidade de encontrar outro caminho quando o que percorria terminou num rochedo. Célio, que arrastava seus dias em silêncio, no jardim, na varanda, ou agora a maior parte do tempo na biblioteca folheando livros, olhando pela janela, talvez pensando... No mais dentro de si mesma Rebeca admitia sem querer, sem contudo deixar aflorar o pensamento e reconhecê-lo: “Pensando no fracasso de sua existência”, porque fazê-lo seria como trair seu filho.

— Por que o Sr. não se casou? — pulsava a pergunta irreverente e incômoda da sobrinha, mas ele não respondia. E assim quando desapareceu do seu campo de visão a imagem senil da mãe, ficou diante de si apenas o jardim — esse jardim sem ninguém, que já não florescia na primavera...

Rebeca, entretanto, por caminhos tortuosos completou o pensamento que interrompera minutos atrás. Se ela ainda estivesse ali para conversar... Já não havia ninguém que desejasse ficar ao seu lado, só a irmã era capaz de ouvi-la sem aborrecer-se ou pôr-se contra ela. Mas Lourdes não estava mais ali, e pensando em sua solidão acomodou-se mal e mal na poltrona que mandara pôr na varanda para os momentos em que se cansasse de estar no quarto.

— Coitada! — murmurou.

Então Rodolfo abriu a porteira.

— Mandeí refazer a porteira — disse, batendo com o cabo do chicote na madeira nova e cheirosa das tábuas, e seguiu explicando que empreenderia uma reforma em regra na casa, pois em seus últimos anos o pai não cuidava de mais nada por causa da saúde. “Agora é tocar para frente!”

Avançou, acompanhado de Francisca e Alice, em direção da casa, quando um preto apareceu no terreiro, como se já o esperasse para recolher o cavalo à cocheira. No alto da escada surgia uma mulher um tanto envelhecida que Alice não reconheceu logo, mas ao vê-la Francisca soltou um grito. Joaninha Gonçalves descia os degraus para abraçar as amigas que há tempos não via, sorrindo-lhes um sorriso que não atenuava a dor dos seus olhos apagados, das olheiras que por último se haviam formado.

— Então vocês vieram — ela disse conduzindo as amigas à varanda, precedida pelo irmão que abria de par em par a porta principal. — Nós aqui estamos há pouco mais de uma semana, não tivemos tempo de visitar ninguém...

Junto à lareira sem lume, numa poltrona em cujo forro viam-se pequenos rasgões, um homem de aparência enfermiça, olhos caídos e barba por fazer, parecia meditar. Chegando mais perto Francisca e Alice compreenderam que o homem não meditava: apenas não percebia nada do que se passava à sua volta.

— Está assim há quase três anos — disse Joaninha, resignada. — Os médicos fizeram de tudo, mas...

— Sim, a guerra. . .

E João Manuel, ouvindo em algum lugar a algazarra das primas que pareciam gritar o nome de alguém (sim, pareciam chamar por alguém, mas ele não conseguia identificar o nome), pensava em tio Lúcio (e pela primeira vez não como “o irmão de sua mãe” mas como seu tio) morrendo na guerra. “Uma rajada de metralhadora” pensou, quase vendo o corpo do homem desconhecido tombar, quase encarando o rosto contorcido na agonia, no abeirar-se do abismo, um rosto não familiar, suado e, agora que se arrastava no chão, sujo e com feridas sangrentas — mas de qualquer maneira, seu tio.

Que rosto teria ele, que rosto teria na hora da morte?, e olha o mato que invadia o gramado entre as árvores, pensando que crescera vendo arruinar-se aquela casa no decorrer dos anos. Quando tinha dez anos, o jardim era bem tratado; vinte anos atrás, trinta anos atrás, tudo por certo esplendia, mas agora o mato já não era arrancado com frequência e a cal das paredes, por fora (e mesmo por dentro em algum recanto menos visível) começava a descascar. . .

“Uma casa envelhece com seu dono mais amado” disse em voz muito baixa, e refletiu que aquilo poderia ser tanto o início de um poema quanto a primeira frase de um romance. “As casas têm uma espécie de alma onde reside qualquer coisa como um sentimento”, e percebeu que misturava os pensamentos, pois ainda há pouco pensara no tio que morrera na guerra.

Onde teria sido? Na Áustria? Na Alemanha? Não sabia, mas estava certo de que a guerra era um mal, embora talvez tivesse alguma utilidade para a espécie humana — e desta vez ouviu com clareza Ana Lúcia chamando por Jorge, Jorge, o encarregado da fazenda, Jorge que fora o seu pai e se casara com Anita, essa mulher que não tivera filhos e o havia criado e a quem ele, João Manuel, chamava de mãe, ele, para quem a mãe de verdade era uma quase estranha.

Então pensou em Francisca.

Deveria amá-la?, surgia a dúvida — vinha atormentá-lo sempre ao pensar na mãe. Evitava pensar nisso, o que nem sempre era possível, e quando não podia fugir aos pensamentos entregava-se a eles: que obrigação teria de amar sua mãe a quem pouco conhecia, a quem jamais soubera afeiçoar-se e que, por sua vez, mantinha-se a reservada distância? Anita o criara junto de si e lhe dera o carinho mais puro, aquele que estaria destinado aos filhos que não tivera, enquanto Francisca apenas o beijava vez ou outra pondo-o no colo como que por obrigação. Haviam-lhe ensinado que aquela mulher de ares distantes era sua mãe e que deveria amá-la por isso — mas ninguém explicou por quê nem como. Via-a muito pouco: exceto nas ocasiões em que vinha por uma temporada, estava sempre viajando, sempre ausente — e não se recordava de terem feito sequer um passeio juntos. Na adolescência tiveram umas tantas ocasiões de conversa cordial e algo cerimoniosa — e só.

— E meu pai? — perguntou certa vez, deixando tia Rebeca e a avó desconcertadas. Mas Anita desembaraçara-se:

— Morreu há muito tempo, você não chegou a conhecê-lo bem. Mas era um perfeito cavalheiro!

Lembrava-se vagamente de um homem que se dizia seu pai, e que vira umas poucas vezes quando não tinha completado ainda seis anos — vira-o como a uma sombra, aparecia de raro em raro e não chegara a conhecer-lhe o colo. “E a ele, deverei amar também?” — Porque muito mais tarde soube que ele fora encontrado morto em circunstâncias estranhas, mas não lhe disseram nada além disso. “Não é assunto para crianças!” disse tia Rebeca certa vez.

— Duas sombras — disse João Manuel sob o caramanchão enquanto ouvia a gargalhada estrídula e cristalina de Ana Lúcia do outro lado do jardim. — Eu nasci de duas sombras.

— Sim — dizia Joaninha Gonçalves servindo o chá —, as sombras das árvores mantêm a casa sempre fresca. Não fosse isso...

O doente fora levado para o quarto, evitando-se o incômodo de sua presença para as visitantes (percebendo isso, Alice não pôde deixar de pensar no belo garoto de cabelos encaracolados e grandes olhos negros que estivera em sua festa de quinze anos — Orlando, o menino que fora par constante de Joaninha menina naquela noite longínqua). E agora estavam os quatro ali, à volta da mesa, tomando chá com torradas.

— Almoçamos há pouco — dizia Francisca passando manteiga caseira numa torrada —, entretanto custa-me resistir...

— Ainda não é uma hora — informou Rodolfo, examinando o relógio de bolso.

Alice divertia-se vendo a prima comer torradas. Ela sempre saía do sério, e ganhara nos últimos anos uma cintura bastante redonda. Talvez esteja muito mais “cheia” que há cinco anos, pensa Alice tomando sua xícara de chá, mas não gorda.

— Então o projeto é retomar as atividades na fazenda? — comentou Francisca.

— Já retomamos — apressou-se Rodolfo em responder —, a fazenda Arcoverde há de voltar ao que era — e prosseguiu explicando o que tinha em mente, com amplos gestos nervosos. Não, não queira mais saber da Europa, não desejava outra vez o estrangeiro. Ali estava o que pertencera à sua família e era seu agora — seu e de Joaninha, portanto era continuar sua vida neste lugar. — Há muita ilusão lá fora — dizia.

— O Sr. não se casou? — perguntou Alice, e sentiu-se ruborizar por ter ousado uma indagação tão direta, outra vez se lembrando de que aquele homem fora seu pretendente e ela recusara.

Não, não se havia casado, não tivera filhos e temia que a família acabasse neste ponto.

— Também não tive filhos — disse Joaninha pretendendo dar à voz um tom informal, mas na qual se descobria uma vibração de tristeza. Preferia não falar dos filhos que haviam nascido mortos (quatro, ao todo), até o médico desiludi-la de vez: jamais daria à luz um filho vivo, e então desistiu da maternidade. “Por que dizer que tive filhos mortos?” pensa, “é melhor dizer que não os tive”, mesmo que todos soubessem a verdade.

Alice então falou de suas filhas, destacando o caráter alegre e explosivo da mais velha e o jeito introspectivo e reservado da mais nova.

— Ana Lúcia e Ana Luíza! — diz Joaninha Gonçalves. — Uma feliz escolha, os nomes! Como se fossem gêmeas, não é? — mas não eram gêmeas, pois uma tinha quinze e a outra doze anos, oh sim, ela sabia disso, apenas comentara...

— João Manuel saiu ao tio — dizia Francisca, repetindo a torrada com manteiga caseira. — Tem as mesmas idéias de ir embora, como Lúcio.

— Afinal, por que Lúcio quis sair do Brasil? — perguntou Joaninha Gonçalves depondo no pires sua xícara vazia. Ficou olhando através da janela e não prestou atenção ao que se falou depois. Lembrava-se dos partos frustrados e sentia uma ponta de inveja de Alice, que tinha duas filhas adolescentes, e mesmo de Francisca, pois João Manuel era já um homem com idéias de independência, com projetos para o futuro. A luz forte de fora ofuscava, em contraste com o interior da cozinha ampla e cheia de sombras. Imaginou se um filho seu entrasse agora e visse a mesa posta para o chá: “Visitas, mamãe!” haveria de exclamar, e, cumprimentando suas amigas, que não eram pessoas de cerimônia, sentir-se-ia à vontade para pôr-se à mesa e acompanhá-las. “Um pouco mais de chá, mamãe?” diria ele ao ver sua xícara vazia

— Um pouco mais de chá, Joaninha?

e ela sorrindo lhe responderia que sim, porque ele era seu filho.

— Joana, mais chá?

E então ela voltou a si (não, não tinha um filho que fosse entrar de repente e pôr-se à mesa com eles, não tinha um filho que lhe oferecesse chá e com quem conversasse sobre o futuro; a verdade é que não tinha um filho, não tinha um filho...) e olhou o irmão com o bule de louça erguido. Acabara de servir-se do chá, que já esfriava, e lhe oferecia. Notou que sua mão tremia um pouco, que seus dedos gordos de unhas bem feitas sustinham com alguma dificuldade o bulezinho de louça e que não podia ver com clareza suas feições pois ele estava de costas para a janela, contra essa luz que não lhe batia no rosto. “Engraçado” pensou sem responder ao oferecimento do irmão, “a mesma luz que me permite ver as coisas, impede-me de ver quando me ofusca as vistas, como agora...”. Mas de súbito caiu em si, não respondera ao irmão e este, embaraçado, pousava o bule na mesa sem compreender.

— Não... oh, distraí-me... obrigada, Rodolfo, perdoe-me — ela disse pressurosa, recolhendo a xícara.

— Lúcio queria conhecer o mundo — dizia Francisca —, então se fez jornalista e partiu. E João Manuel já se mostra inquieto também, como se desejasse algo que só há de encontrar quando for... — Francisca sorri, mexendo a colherinha na xícara, enquanto Rodolfo e Joaquina a ouvem com interesse. — Os jovens! — exclama. — Ainda outro dia disse-me que tem alma de andarilho!

“A mentira...” pensa Alice, sim, a mentira, o refúgio... Porque João dissera aquilo não a Francisca, que apenas o ouvira por acaso, ao passar, mas a Anita, com quem conversava no dia anterior. “Um filho atencioso” diz Francisca levando a torrada à boca. Mas interrompe o gesto e fica olhando para adiante, tomada por um momentâneo alheamento. “Um pouco excêntrico, é verdade... Enfim” e dá de ombros, “cada um é como é, e o que importa é que nos damos bem.” Mas Joaquina também havia mentido, Alice pensa voltando o rosto para a amiga que, distraída, olhava na direção da janela. Por que dizer que nunca teve filhos, se os teve — mortos? Di-lo porque não quer falar de sua dor, prefere deixá-la anônima, talvez por vergonha, porque a dor, mesmo moral, envergonha... Mas até quando ficará calada? Então Alice pensou em Teodoro, e lembrou-se de sua própria mentira.

— Prefiro conversar com João Manuel — disse Ana Luíza.

— Ora, esse nosso primo chato — replicou Ana Lúcia.

— Não o acho chato — contestou a outra, mas Jorge já a repreendia:

— Menina, cada um tem um jeito. E não é aconselhável para uma menina ir meter-se no meio dos trabalhadores. Não fica bem.

— Apenas quero ver a colheita da cana — insistia Ana Lúcia, mas Jorge alegou que sem a autorização de dona Alice não a podia levar, apoiado por Anita que vinha com a roupa para pôr no varal. Mas Ana Lúcia embatucou.

— Espere tua mãe chegar, menina — e a voz de Anita tornou-se áspera, com a autoridade de antiga agregada da casa —, e se ela deixar, você vai.

— Espera tua mãe chegar — reforçou Jorge antes de afastar-se. Agora seguia para o campo, “ainda é preciso cuidar do que resta” ele pensa com tristeza. A derrocada avançava — a derrocada, que começara há muito tempo, avançava célere agora.

Aproximava-se a ruína.

— Está aí alguém que deseja ver as meninas — disse um preto, aproximando-se. Ana Lúcia voltou-se e viu, junto ao oitão da casa, um homem de ar cansado e rude, esperando. Olhava para ela com uma timidez mal disfarçada, e suas roupas encardidas contribuía para a má vontade da menina. Mas Ana Luíza já se adiantava para ele, já lhe falava.

— Vai falar com teu pai, menina — disse Anita a Ana Lúcia, notando seu aborrecimento.

Ana Lúcia olhou outra vez Teodoro, junto agora da filha mais nova, e não descobriu em si vontade nenhuma de ir ter com ele, de falar-lhe. Estava certa de não amar o pai, e talvez o desprezasse um pouco — não pelo que fizera à sua mãe, mas por seus gestos rudes, sua voz grosseira, suas roupas sujas. Olhava-o com má vontade enquanto se aproximava devagar, e perguntou-se irritada, quase com raiva, se ele não podia ter feito a barba ou penteado o cabelo. “Que pelo menos o lavasse de vez em quando.”

— Esse jardim sou eu — disse Célio na biblioteca espiando pela janela e pensando que construía aquela frase sozinho, pois não a tinha ouvido de ninguém. Afinal, quem costuma comparar-se a um jardim mal cuidado? E estremeceu, porque pela primeira vez na vida exprimira um pensamento acerca de si mesmo — em voz alta (pois estava só). Sim, porque estando só falava consigo mesmo, era seu próprio interlocutor, o sempre evitado e temido companheiro dos seus anos de solidão e mudo desespero, cuja voz horrorizava-o (e por que curvas de pensamento refletia sobre aquilo, como emaranhava suas dúvidas e certezas, suas idéias, para nunca ter uma resposta clara sobre seu próprio enigma), porque temia a própria voz que, incapaz de disfarçar a verdade de suas palavras, dizia-a por inteiro. Ouvi-la tão clara assim aterrava-o, por isso calou-se.

Voltou as costas para a janela e olhou a biblioteca com suas estantes e livros, com suas estatuetas, quadros, tapetes e cadeiras almofadadas... Mas a luz que vinha da janela não era suficiente para iluminar até o fim do salão. Deveria abrir a janela desse lado, pois assim fechada dissolvia o ambiente numa penumbra esgarçada, e as telas de Renoir e os objetos de arte sobre o aparador adquiriam uma existência dúbia e fugidia.

“Flutuam” pensou Célio divagando, “flutuam...”

Permanecia de costas para a vidraça quando se lembrou dela, e pensando nela caminhou devagar até o divã onde se acomodou, primeiro sentando-se, mantendo-se de cabeça baixa um, dois minutos a olhar para os arabescos do tapete e depois interpondo entre o tapete e os olhos os pés, os sapatos pretos de verniz, depois as mãos finas e inseguras; em seguida deitou-se, fechando os olhos.

Depois do escândalo de Rosinha Gonçalves, Célio tornara-se mais reservado e apático, e a pasmaceira de seus dias todos iguais era apenas uma conseqüência de sua fraqueza de ânimo. Sentira-se abalado mas resistira, como de resto resistiria a tudo, mais ainda por saber que ela nunca iria ser sua.

“Rosinha Gonçalves nunca será minha” pensara baixinho muitos anos atrás, no dia em que regressava de um almoço na fazenda Arcoverde durante o qual aproveitara para relatar, com ares mundanos e uma arrogância canhestre, sua viagem à Europa. “Rosinha Gonçalves nunca será minha” pensa agora, deitado no divã, com os olhos fechados.

— O que houve entre tua mãe e ele não tem nada a ver contigo — dizia Anita em tom de repreensão, enquanto desciam pelos fundos da casa em direção do jardim.

“Um pai é apenas um homem como qualquer outro” pensa Ana Lúcia, “e bem pode ser um estranho para os filhos.”

“É preciso fazer alguma coisa” dizia Jorge consigo mesmo, dizia às vezes à mulher; “deixe de tolices, homem” ela contrapunha, “eles devem saber o que estão fazendo. Cabe-nos apenas obedecer às ordens...”

— Mas com dona Rebeca doente...! — exclama angustiado vendo as colheitas irem por água abaixo, os empregados sendo despedidos porque já não havia dinheiro.

E Anita apenas balançava a cabeça, com desânimo.

— Dão-se bem com o pai — dizia Alice pensando ainda na mentira. Via Joaninha retirando a mesa, dobrando os guardanapos, guardando no armário as torradas, o queijo, o pote de manteiga, com o jeito de uma perfeita dona de casa, e sentiu necessidade de preencher o súbito silêncio que se fizera. — Ana Lúcia é, talvez, a mais chegada...

Mas Rodolfo pusera-se de pé falando a respeito do calor, prevendo chuva apesar do céu azul e quase de todo sem nuvens.

— Com esse tempo abafado... — dizia.

Francisca, chegando à porta da cozinha, lembra-se de que pela manhã havia chuviscado. Fecha os olhos e se sente envolvida pela aragem perfumada e fresca que vinha das árvores próximas.

— Sim — diz Joaninha empilhando as xícaras dentro dos pires —, não é bom que os filhos sofram os desentendimentos dos pais — e enquanto fala permanece imóvel, segurando as xícaras sujas que deveria levar para a pia. Morde os lábios olhando Alice, sem vê-la, pois agora pensa que se tivesse filhos eles não teriam esse problema, “mas um outro” refletiu pensando no marido enfermo, “e pior, talvez”.

Esta é Joaninha Gonçalves, pensa Alice desviando os olhos para a janela, minha amiga. Não conseguiu muito da vida... Mas à janela estava Rodolfo, cinquentão e pesado, com as mãos apoiadas no peitoril, olhando para fora.

— O céu está limpo — dizia —, mas ainda acho que para a tarde...

Então Francisca abriu os olhos: pois não estava em casa, ali era a casa dos Gonçalves e à sua frente podia ver o terreiro dos fundos, as árvores, os banquinhos e a mesa sob a abóbada verde das mangueiras, e no céu límpido o sol a pino, sempre a pino como se não fosse mais se encaminhar para o crepúsculo. Um dia sem fim, pensou, ah, um dia eterno...

“E meu pai é um estranho para mim” pensa Ana Lúcia caminhando ao lado de Anita, que pára aqui recompondo uma trepadeira caída, ali podando um galho que se estendia para o caminho, mais adiante curvando-se para

recolher do calçamento uma folha, um ramo partido. “Cuidados inúteis” vai pensando Anita em seu trabalho de sustentar estruturas derruídas, “inúteis porque fazem aparecer com maior clareza tudo que envelheceu e gastou-se”.

— Meu pai é um estranho para mim — diz Ana Lúcia a meia voz. Dilo sem pensar, sem querer, e não o percebe. Anita pára, endireita o corpo, fica segurando o podão na reticência de um gesto incompleto.

— Tua irmã o respeita — diz com um tom de amena repreensão. — Tu não pode fazer o mesmo?

— Minha irmã tem pena dele — retruca Ana Lúcia.

— Ora, dá-se bem com o pai, toma-lhe a bênção, conversa com ele quando ele vem, sorri-lhe, faz tudo que uma boa filha deve fazer.

— Não consigo sentir-me piedosa — Ana Lúcia continua, com crueldade. Mas súbito pára, cobre o rosto com as mãos. — Por que tenho de obrigar meu coração? Não é o bastante carregar minha dor em silêncio?

— É melhor esquecê-la — dissera certa vez sua mãe. — Há tanta coisa mais importante que uma mulher por que lutar...

Quando Rebeca dissera aquilo?, perguntou-se ouvindo-a arrastar os chinelos no corredor. Antes de recolher-se ao leito outra vez passaria ali para falar com ele, diria alguma coisa sem importância, mexeria num objeto qualquer sobre o aparador e arrastando os chinelos iria para o quarto. Era sempre assim.

Mas quando foi mesmo que ela disse aquilo? Não se lembra se pouco depois de sua volta da Europa ou se antes, por ocasião da corte feita a Rosinha por Lúcio... Quando? — Fora a única vez que a mãe aludiu à sua paixão vã e desesperada.

— Sim, Lúcio desejou casar-se com ela — dizia Alice à Joanninha quando desciam a escada dos fundos. Na frente, Rodolfo seguia ao lado de Francisca explicando que primeiro seria preciso limpar o pomar, só replantaria algumas árvores, e depois disso...

— Talvez Lúcio estivesse vivo ainda — prosseguiu Alice. — Ele voltou ainda uma vez ao Brasil por causa dela, mas com sua terminante recusa foi embora, meteu-se na guerra...

— Talvez ela estivesse conosco e nada do que aconteceu... — disse Joanninha em resposta. — Mas ela não quis...

Então Célio lembrou-se de que seu primo também fora rejeitado, mesmo quando voltou por ela. E lembrando isso, que estranho sentimento de satisfação conforta-lhe o peito. Lúcio, o primo que fora para a Europa, o jornalista brilhante, “o estranho”, sim, também ele fora rejeitado. Lúcio, que fora para a guerra, que morrera na guerra...

— Amo-a, Alice, amo-a, amo-a... — ouvira-o dizer à irmã no dia em que voltou da casa dos Gonçalves desiludido. Havia cortejado Rosinha du-

rante toda sua permanência na fazenda, “por certo tinha convicção de sua vitória”, mas fora cruelmente rechaçado.

Célio deu um salto de repente, sentou-se no divã mordendo os lábios. Havia uma carta, ele se lembrou sem remorsos, uma carta destinada à Rosinha, que fora parar ali por engano: Lúcio — da Europa Lúcio escrevia para Rosinha Gonçalves, insistia em cortejá-la, mantinha esperanças ainda... Rosinha talvez respondesse, talvez se correspondessem com regularidade, e ele o venceria mais uma vez pois podia escrever-lhe cartas do Velho Mundo, com selos do Velho Mundo, contando as grandes novidades que de outra forma não chegariam à província... E Célio tomou uma decisão: não a entregar, mas abri-la... Uma carta, pensou com aborrecimento enquanto rasgava o envelope, retirando a folha de papel fino, “uma carta, só uma carta, que importância terá?”, pois outras Lúcio teria escrito e ela recebido — outras haveria ainda de escrever e receber. “Não seria aquela...”

Então se levantou e foi apanhar um velho volume — grosso e pouco atraente em sua capa de couro marrom — na última prateleira da estante. Entre as páginas finais, num papel fino e letra miúda, uma carta antiga... Por que a guardara ali, onde podia ser encontrada? Por acaso pensou que ninguém mais fosse ler a História Geral, de Heródoto? (Essa capa escura e feia, a grossura do volume — talvez desencorajassem algum leitor timorato. E também quem ia à biblioteca, quem nessa casa ainda lia livros?) Pelo visto ninguém apanhara mesmo o livro, parecia intocado todos aqueles anos, recendia a papel velho, a poeira, a mofo... Mas essas considerações agora careciam de importância: a carta ficara guardada, desconhecida de todos, e até mesmo ele havia-se esquecido dela...

“...ontem estive no Coliseu, e me lembrei de você. Esta arena onde os cristãos foram sacrificados por sua fé é como o seu coração empedernido, Rosinha, nele eu também sacrifiquei meu sonho de vida — porque eu também tenho uma fé. Mas ao contrário dos cristãos que aqui morreram e encontraram a Glória dos Céus como recompensa por sua coragem e valor, o que encontro eu além da desilusão que coroa minhas esperanças desfeitas? O que encontro a não ser a lembrança do seu olhar irônico, do seu riso debochado, do seu gesto de desprezo? Até quando irei escrever-lhe cartas falando do meu desespero? Quando se dignará a divindade de apiedar-se de seu mais devoto discípulo, baixando para ele os olhos compassivos? Ainda espero por isso, Rosinha, ainda o espero...”

Também esperei por isso, Célio murmura fechando o volume, e Deus sabe o quanto!

— Melhor tirá-la da cabeça — dissera Alice naquele dia ao primo. En-

tão ele foi embora e não voltou. Mandava notícias quando muito uma vez por ano, parecia ter-se esquecido de todos. “De quase todos...” Até que, pouco tempo atrás souberam da tragédia...

— O que fez com que a cabeça dela transtornasse de vez — dizia Joaquinha estendendo a mão para uma goiaba madura que pendia — foi a impressão causada em sociedade, no Rio de Janeiro, desde a primeira vez.

“Rosinha não era uma pessoa comum” Alice pensa enquanto ouvia a amiga; admitia-o a contragosto, “eu sempre tive essa impressão...”

Próximo a um bambual ouvia-se a voz de Rodolfo explicando a Francisca como pretendia introduzir na fazenda a criação de ovelhas.

— Só a título de experiência — dizia.

Mas não podiam ser vistos devido ao mato alto. Joaquinha e Alice contornavam as moitas.

— Houve vozerio, alarido em torno de sua beleza, todos comentavam, todos queriam estar em sua companhia, principalmente os homens — continuou Joaquinha. — Ela brilhou então...

E desde então ele permaneceu imóvel — ele, Célio, que também a havia amado. Nada fez porque sabia inútil outra tentativa. Havia esgotado seus recursos e se entregou por fim ao sossego do seu canto esperando pelo tempo — pelo tempo que, infalível, traria (pensava à época) uma resposta.

— Embora tenha sido um brilho breve demais — Joaquinha completou.

Os chinelos passaram, arrastados e vagarosos diante da porta e, para sua surpresa, não pararam, não entraram na biblioteca mas seguiram ritmados e exangues para o quarto no fim do corredor. Rebeca deveria estar mais cansada que das outras vezes, pois, ao contrário de então, sempre se detinha para falar com o filho.

“A beleza de Rosinha Gonçalves...”

Ouviu uma porta que se fechava. Depois não ouviu mais nada.

“O que terá sido feito dela?” pensa Célio.

— Os canteiros da prima Alice — disse João Manuel olhando à sua esquerda umas formações circulares onde da terra sobressaíam ligeiras protuberâncias recobertas de mato, ao redor das quais restavam alguns pedregulhos... Certo dia ouvira a tia comentar que há muito tempo cultivara flores ali.

— Sim, os canteiros de mamãe — disse alguém às suas costas, e João Manuel virou a cabeça. Ana Luíza, parada a poucos passos, sorria para ele.

— Você estava aí — disse contrafeito, voltando à posição anterior. Preferia continuar só, mas não objetou quando a prima veio sentar-se ao seu lado.

— Mas mamãe deixou os canteiros de lado, não os replantou nem voltou a interessar-se pelo jardim.

— Hum, o jardim... este jardim — disse João Manuel olhando outra

vez à sua volta. Sim, o jardim estava um tanto abandonado, pensou, porque o jardineiro vinha só de quinze em quinze dias e como não era supervisionado fazia o serviço de qualquer maneira. “A ruína se instala aqui de forma gradual mas definitiva” ouvira Célio dizer à hora do almoço, mas essa frase fora roubada da tia Rebeca, recorda-se, pois ouvira dela dias antes na varanda, quando ela retornava de seu passeiozinho diário. Célio apareceu naquele momento e a ajudou a subir os degraus — por isso lhe ouvira a frase durante o almoço. Almoço em outros tempos presidido por ela, mas agora servindo apenas para o reencontro diário dos membros da família que pouco ou nada tinham a dizer-se, submersos em seus mundos diferentes, trancados em seus níveis incomunicáveis de vida, enquanto a velha comia no quarto uma canja preparada por Anita. Então Célio disse aquilo, mas todos permaneceram calados. Um minuto mais tarde as primas tagarelavam sobre qualquer banalidade. A mãe levantou-se em companhia de Alice e Célio continuou ali, imóvel, visualizando a ruína...

— Foi porque ela reencontrou o homem que amava — disse Ana Luíza —, meu pai.

— Seu pai? — parecia só agora dar pela presença da prima. — Ah, seu pai...

Então pensou na juventude da prima Alice, isolada naquele jardim, sempre naquele jardim que uma cerca alta de arame farpado, de fios muito juntos, excluía do mundo. Havia um namorado que a tia Rebeca desejava evitar, ou coisa assim. Ouvira a história por alto: o pai havia sido carrasco na vila, em inúmeras execuções, e tia Rebeca horrorizava-se à idéia daquele namoro. “Sim, acho que foi isso...”

— Mas ela e seu pai nunca se casaram, afinal — replicou João Manuel quando Ana Luíza disse que, na época, sua mãe andava muito ocupada com o casamento para pensar em canteiros de flores. “Mamãe não os cultivou mais” ela disse.

— Ele disse que jamais entraria numa casa onde fora considerado indigno de entrar — diz Alice sentando-se na pedra. Agora está decidida: afasta-se da mentira. “Entretanto, que mérito há nisso” dizia consigo mesma, “se esta é uma verdade que todos conhecem?” — Quanta energia em suas palavras, em seus gestos, detrás do balcão do armazém!

Joaninha Gonçalves permaneceu de pé ainda um minuto até resolver-se a sentar; um pouco adiante Rodolfo explicava a Francisca como pretendia aproveitar a cachoeira para a construção de dois engenhos.

— A água pode ser desviada e aproveitada em duas direções distintas — dizia com ar entendido.

O ruído da queda chegava até ali, em ondas, com o vento. “Sim, sim, há um grande volume d’água” dizia Rodolfo com ar de satisfação por poder dar aquelas explicações. Descrevia assim seus projetos a Francisca como se

falasse a uma adolescente, e ele próprio acabava por sentir-se jovem também enquanto delineava o futuro.

— Se a casa não pertencesse a ela, apenas, mas a toda a família — dizia Teodoro, passando a cavalo —, ou se ela já estivesse morta... Mas assim, não. Assim, não.

— Ele quis que eu fosse morar com ele na casinha que havia nos fundos do armazém — prosseguia Alice sem emoção, pensando que sempre é mais fácil mentir, pois ao afetar indiferença mentia também — porque falava de sua própria dor, e quem pode ser indiferente à própria dor? (“e eu fui” ela concluiu)

— Nunca se casaram — diz Ana Luíza baixando os olhos para o calçamento de pedra e a vegetação rasteira que crescia nas fendas.

João Manuel admirava a atitude determinada da prima Alice em ter saído de casa para morar com o homem que amava em sua casinha nos fundos do armazém. Não teriam todos comentado, olhado com espanto, indignação, desprezo? “Mas eu saí à rua” ouviu-a dizer certa vez, “e continuei saindo à rua muitas vezes” e então, deduzia, todos tiveram de se calar. Quem mais teria tanta coragem?

— Mas meu pai era um homem amargurado — dizia Ana Luíza sem que o primo a ouvisse. Porque João Manuel refletia sobre aquela história da cerca e de como Alice enganara a mãe encontrando-se com Teodoro, em suas visitas sub-reptícias ao jardim. Ouvira que tia Rebeca fora enganada por Alice por não imaginar que a filha fosse capaz de desobedecer-lhe. “Um homem é sempre um homem, não importa quem seja ou o que tenha feito. Terá sempre o direito de ser ouvido” pensa, mas como isso não se aplicava ao caso perguntou-se a razão de ter-lhe vindo à mente esse pensamento. Ou seria pelo fato de Rebeca jamais ter querido ouvir o namorado da filha?

— ...então ela voltou para casa — ouviu Ana Luíza dizer, e percebeu que não lhe prestara nenhuma atenção. O que teria dito acerca da volta de sua mãe para casa?

Entretanto, a Célio, que importava se a irmã acabou por voltar desiludida para casa, ou se o irmão desde a época em que desenterrara velhas histórias havia desaparecido? Célio ano a ano fora submergindo num mundo que criara para si mesmo, uma espécie de abrigo que o protegeria de tudo que lá fora pudesse ameaçá-lo; um mundo de sombras que habitava esquivamente, já muito raro aventurar-se fora do jardim, vez ou outra fazendo um passeio entre as árvores e as sebes, indiferente porém a esses troncos seculares, ao mato que substituíra as flores, à estrada em frente, branca e interminável que poderia conduzi-lo para longe, para uma liberdade que já não o seduzia... A maior parte do tempo na biblioteca, cujos livros lia com desinteresse ou nem lia, costumava ficar deitado num divã com os olhos fechados, sem

dormir, sem viver. Eis que Célio julgando-se seguro não percebia a clausura, a prisão sem portas nem janelas que ao redor de si levantara: à medida que transcorriam os anos mais e mais difícil tornava-se escapar de seus liames, derrubar seus muros, romper suas grades.

A mãe passou rente à porta sem entrar, então Célio abriu os olhos, sobressaltado, numa agonia inexplicável. Pulou do divã e correu para a janela, no instante em que o relógio embaixo dava meio dia e meia — uma única badalada que parecia ficar suspensa no ar e nos ouvidos como coisa sólida. “A badalada das meias horas são sempre precedidas de uma música no carrilhão” ele pensa, “mas daqui de cima não se ouve.” Então abriu a vidraça deixando entrar uma onda de aragem morna, porque fora o sol esplendia — e a voz que ouviu no jardim, cristalina e cortante, era da sobrinha espetada. Espiou. Sim, lá estava Ana Lúcia passeando em companhia de Anita. Mas Jorge não estava com elas — na certa foi cuidar do gado, pensou, do que restara do gado, era seu costume depois do almoço.

— Este jardim — ouviu a sobrinha dizer, e de longe ela se assemelhava muito a Alice na mesma idade, até nos cabelos claros e longos que Ana Lúcia prendia com uma fita.

— Já não é mais o mesmo jardim — Anita diz, detendo-se junto a um canteiro tomado pelo mato. Célio voltou a um tempo em que era só um menino no meio dos outros, e Anita, aquela que ali estava (e também Jorge, seu marido), era uma quase garota com quem brincara tantas vezes, correndo nas margens do rio que cruzava o jardim ou entre as árvores do pomar, reunindo-se em grupo sob as mangueiras ou no coreto para jogos de papel e lápis. Que negro abismo os separava agora, quando cerimoniosa ela vinha até a biblioteca e, à porta, dizia:

— Seu Célio, o almoço está servido.

Ou:

— O senhor deseja agora sua xícara de café?

E qualquer que fosse sua resposta, sua amiguinha de infância se retirava em silêncio atendendo ao seu desejo, como convém ao empregado diligente atender aos seus patrões.

— É verdade que você brincou muito neste jardim? — perguntou Ana Lúcia sentando-se num banco sob a paineira copada, à cuja sombra podia refrescar-se do sol. Mas Anita apenas disse (e Célio não conseguiu ouvir a resposta):

— Nem o jardim, nem eu, nem os meus companheiros de infância somos mais os mesmos.

Era mais ou menos isto no que Célio pensava nesse momento, pois aquela mulher madura e volumosa, conquanto ágil nos movimentos e no andar, não guardara qualquer semelhança com a bonita garota de outra época, concluindo que também ele era diferente do que fora, não importando

que suas conclusões falassem apenas de uma trivial, contudo melancólica, evidência.

— Você conheceu o filho do tio Júlio? — Ana Lúcia perguntou de repente. — Eu não cheguei a conhecer o tio Júlio. Como será ele?

— Ana Luíza? Ela não quis que déssemos um baile — dizia Alice enquanto se aproximavam do lago. Porque ali também havia um lago, “embora não tão grande quanto o nosso, e onde também não deve ter morrido ninguém” observou Francisca sem nada dizer aos companheiros, quando chegaram à margem e viram seus reflexos surgirem na água parada. Homens com foices exibiam a nudez de seus dorsos suados rebrilhando ao sol, a musculatura rija e quase animal a destacar-se em seus movimentos flexíveis, enquanto com grandes golpes vigorosos abatiam o mato das beiradas. Alguns paravam por alguns momentos observando a chegada dos patrões em companhia das visitas, retomando de imediato o trabalho.

— Homens livres! Com salários fixos! — não deixou Rodolfo de blasonar. — E não pretos escravos — e apontando com a bengala, a que se acostumara durante seus passeios a pé, diz ainda: — Que grande progresso social a abolição da escravatura! Que grande mulher a Princesa Isabel! — e mudando o rumo da conversa: — Mandei limpar o lago, fora quase todo tomado pelo mato. Depois vamos esvaziá-lo e drenar o fundo. Pretendo criar peixes aqui. Para o consumo doméstico, está visto.

— Mas um baile — dizia Joaninha a Alice, que não prestava atenção em Rodolfo —, é tão importante para uma menina ter o seu baile.

— E no entanto foi decisão dela — diz Alice —, que preferiu um discreto jantar e convidou algumas amigas do internato, as mais chegadas.

E Joaninha pensou em sua filha que nascera morta. “Meu último parto...”, pois os três anteriores foram meninos, ela lembra com angústia, e também haviam nascido mortos. “Todos mortos, todos mortos...” e contraiu o rosto, numa careta. Jogou a cabeça para trás respirando fundo, endireitou-se e seguiu em companhia de Alice pela margem. Haveria de chamar-se Eugênia, ela pensa, como a avó materna, mas para agradar ao marido acrescentaria o da mãe dele, Augusta, e em sua imaginação elaborava o baile da filha que não tinha. Seria na sala grande da casa (“Não no pavilhão, porque o pavilhão não ofereceria nenhum conforto aos convidados, e nesse dia tudo teria de ser pelo melhor”), de onde se retirariam os móveis e os tapetes, deixando contudo nos cantos, junto às janelas, algumas cadeiras e poltronas para que os convidados pudessem descansar quando tivessem vontade. A sala seria decorada com rosas brancas formando grinaldas e buquês (chegava a vê-la, quase sentia o perfume das flores), mas a filha, que usaria um vestido branco com o corpete bege em renda, teria uma rosa vermelha presa no peitilho. Imaginara aquele detalhe das rosas há muito tempo, quando desiludida em seu sonho de filhos começou a refletir no que

seria de sua casa, de sua vida, se os que nasceram estivessem vivos. Quanta fantasia teceu com sua imaginação ardente, quanto segredo guardou de seus sonhos, de tudo que havia imaginado: ora um dos filhos far-se-ia advogado, o outro médico e o terceiro militar (“chegaria a general...” e então haveria de passar com muito cuidado sua farda para que ele estivesse sempre bem vestido, e como cairiam bem as medalhas ganhas por mérito!); ora nenhum deles se afastaria de casa, dividiriam entre si os encargos da fazenda para administrá-la em conjunto, comprariam mais terras a fim de aumentar o plantio e o gado, tornar-se-iam prósperos pais de família, e logo aquela casa estaria cheia de crianças outra vez... De uma feita via-os, a todos, indo embora, viajando, ganhando o mundo (seriam soldados, marinheiros, esquecia-se do generalato para pensar que podiam morrer em combate... e horrorizava-se desta idéia, afastando-a de imediato), de outra os via junto a si, casados, seguros e tranqüilos gozando da calma doméstica, da alegria de chegar à porta e ver o quintal cheio de galinhas, de atirar sobras aos cães e vê-los atracando-se, furiosos, e retornando para a mesa do almoço planejar as colheitas... Seriam os seus filhos, os seus meninos como haveria de tratá-los, não importando o que fossem, queria apenas que estivessem vivos. No entanto para Eugênia Augusta era como se já houvesse um destino traçado, nunca se distanciava muito de tudo que imaginara no início sobre sua infância e adolescência: com pequenas variações, ela se desenrolaria de uma maneira sempre igual e sob sua vigilância — pois uma filha requer cuidados que não é necessário dispensar a filhos homens. Primeiro a educação, que deveria ser primorosa: Eugênia seria prendada, instruída e tocaria bem o piano. Contrataria um professor de línguas e faria questão de que ela aprendesse a dançar a valsa, para dançar com o pai em seus quinze anos. E aquele era o detalhe, a particularidade mais marcante e da qual nunca se esqueceu: o salão engalanado com rosas brancas, e a debutante usando uma rosa vermelha, não de todo desabrochada, presa ao peitilho. Quase podia vê-la entrando no salão, conduzida pelo pai enquanto os convidados iam dando lugar, abrindo espaço; então a valsa começava e, imitando pai e filha, outros casais tomariam parte na dança até todo salão estar repleto de pares evoluindo ao compasso da música, enquanto ela, num canto, contemplaria a cena com deslumbramento, secando os olhos com a ponta de um lençinho amarfanhado em suas mãos. Contava casar Eugênia aos vinte e um anos, não antes, pois tinha para si que uma mulher só está pronta para o matrimônio nessa idade. “Seria ano que vem” pensou, porque Eugênia estaria agora com vinte anos; por certo já teria um pretendente, que deveria agradar tanto à filha quanto à mãe, que fosse da escolha dela mas com sua aprovação e que amasse sua menina com sinceridade e devotamento. Então poderiam projetar as bodas para o final do ano seguinte...

— Ana Luíza é muito retraída às vezes — dizia Alice ao seu lado, e en-

tão Joaninha foi tirada do seu sonho. Nada daquilo aconteceria porque Eugênia Augusta nascera morta, e ela não podia mais ter filhos. Viu que Rodolfo afastava-se do lago, indicando a Francisca e a Alice os morros do outro lado, onde já se viam pequenos quadrados de terra beneficiada.

— Para o plantio do café — dizia, apontando com a bengala. — Para lá — a bengala indicando outra direção — serão os pastos.

Mas a Joaninha não interessavam os projetos do irmão. Que tinha ela a ver com bois e ovelhas, com o plantio de café ou a criação de peixes? Eram assuntos para homens, de que ela pouco entendia e não se agradava porque nunca tivera o dom de administrar; “não saí à mamãe” pensa, lembrando-se de como a mãe e o pai discutiam os assuntos da fazenda como sócios numa empresa e não como marido e mulher. “Por isso papai não suportou muito tempo sua perda” disse consigo mesma, mas a voz de Alice a despertou.

— Joaninha, você está bem?

Virou os olhos para Alice e percebeu que estivera imóvel, de cabeça baixa e o olhar fixo no chão, esquecida de tudo. Não chegou a ouvir o que Alice havia dito sobre a filha mais nova: que era retraída, sim, ouvira-a dizer, mas falavam também de bailes e parece que uma não tivera o seu. E a outra? “Mas a outra não será ainda muito nova? Afinal, a qual das duas ela se referiu?”

“Não” pensa Célio, “Anita não conheceu o sobrinho, eu não o conheci, talvez nunca tenha conhecido meu irmão, a quem não vi mais... talvez eu não conheça também minha irmã, e terei conhecido Rosinha Gonçalves? Principalmente ela, terei conhecido essa mulher?”

— Vovó nunca quis...

...procurá-los? Teria sido isto que Ana Lúcia acabara de dizer a Anita? Um vento mais forte sacudiu as árvores do jardim em amplos bracejamentos intervalados, levantou folhas, agitou ao mesmo tempo o vestido da menina e as cortinas da biblioteca, diluindo a voz da sobrinha.

— ...não queria saber...

Também a frase de Anita chegava entrecortada, incompleta, pois um bando de maitacas passou chalreando no céu, com seu alarido cheio de estridência e alegria. O que teria Anita dito a sua sobrinha? Que “dona Rebecca não queria saber deles, ou que não queria saber para onde tinham ido”?, o que afinal era o mesmo.

— Maitacas, olhe! — exclamou Ana Lúcia correndo a tempo de ver o bando, múltiplas e minúsculas manchas negras semoventes contra o azul, afastar-se, silenciando pela distância.

“Maitacas” — e Célio ficou olhando para o céu quando já não tinha mais nada lá a não ser uma ou outra mancha branca, esgarçada, imóvel. Os pássaros haviam passado há cinco segundos, há dez segundos, mas haviam passado também no dia anterior e no ano anterior, e mesmo há cem anos

havam passado por ali, da mesma maneira. E continuariam passando no dia seguinte ou na semana seguinte, mas cem anos mais tarde lá iriam eles outra vez, com a mesma algazarra, enquanto embaixo, sobre a terra, os homens estariam construindo seus túmulos.

— Ele deve ter vinte anos — Ana Lúcia diz, afastando-se em companhia de Anita —, e não o conheço. Nem o nome dele eu sei.

Mas Célio não ouviu, pois a sobrinha e a criada já iam longe no imenso jardim e logo desapareceriam no meio das árvores, de cujos troncos e galhos pendiam parasitas como longas e venerandas barbas.

“Meu irmão... meu irmão...”

“Minha irmã...”

Porque em seu quarto Rebeca não tinha muito que fazer a não ser pensar, enquanto se remexia sob os lençóis recostada em travesseiros fofos, com as mãos cruzadas sobre a barriga. Olhando da cama pela vidraça via apenas o céu e as montanhas altas recobertas de selva. Perceberia o movimento das copas ao vento, tênue e esfumado, se suas vistas não estivessem tão fracas — mas não importava, porque não tinha muito mais para ver. “Minha irmã” pensou outra vez, refletindo que vira de tudo na vida e que devia haver um limite para as coisas que os olhos pudessem ver, uma cota, e uma vez ultrapassada essa cota já não teria importância alguma continuar vendo. Estaria tresvariando?

“Ludmila...”

Porque era em Ludmila que pensava, nesse fantasma que vinha assombrar sua velhice no quarto cheirando a remédios, na cama de lençóis brancos; em Ludmila que, entretanto, ainda vivia, embora não a tivesse visto mais, “faz vinte e seis anos”.¹¹

“Meu Deus, vinte e seis anos!”

— Não o vimos desde então — dizia Alice, explicando a Joaquina que há quase dezenove anos não via o irmão. — Veio naquela noite, apareceu como um maltrapilho em plena festa, e escandalizou a todos.

— Sim, eu me lembro — diz Joaquina, recordando a festa que Rebeca havia organizado para comemorar o século XX. Foi de repente, durante o jantar, que Júlio entrou vestido como um mendigo, e comentou em tom debochado sobre “a maneira como os ricos festejam” perguntando se não havia um lugar para ele à mesa. Numa olhadela para a imponente senhora que, de pé à cabeceira da mesa, encarava o filho com severidade, Joaquina percebeu o quanto ela se pusera pálida. Rebeca, no entanto, mantinha o controle da situação com segurança, e quando Júlio se retirou dizendo que “os deixava à vontade em sua comilança” ela se desculpou com uma elegância cheia de gravidade alegando que o filho sofria de problemas mentais, e disfarçando o quanto possível seu aborrecimento sentou-se e deu continuidade ao jantar. — Mas ele apareceu e desapareceu, não? — perguntou Joaquina depois. — O que ele queria, afinal?

— Meu pai construiu esta casa — dizia Rodolfo Gonçalves a Francisca num gesto abrangente — e eu a reconstruirei. No futuro talvez um outro venha a reconstruí-la, quando a ruína ameaçá-la outra vez.

“No entanto” pensou Francisca ao seu lado, “ele ainda há pouco disse não ter tido filhos. Quem irá reconstruir esta casa no futuro?”

Param agora sob as goiabeiras, e flechas de sol atravessando os ramos e as folhagens iam pôr manchas de luz no tecido claro dos vestidos e no chão recoberto de relva. O ruído dos pés sobre as folhas secas silenciava, o pequeno grupo detinha-se à sombra: aqui estavam Francisca e Rodolfo conversando, e quando este erguia o braço para apanhar uma fruta madura fazia-o com naturalidade, para oferecer à sua companheira; mais adiante Alice e Joaquina aproveitavam a tranquilidade e frescura do lugar sentando-se na relva, como se fossem meninas.

— Podíamos ter trazido um lanche — disse Joaquina lembrando que só em moça fizera piqueniques.

— Você não quer dar uma volta? — perguntou Ana Luíza levantando-se do banco. João Manuel olhou-a atônito, com essa perplexidade com que se olha alguém que nos fala de repente e cuja presença não havíamos percebido. Deveria ou não aceitar o convite?, ponderava diante do olhar ansioso da menina. Que tinha ela de incomodá-lo assim, chamando-o para passear, olhando-o com tanta insistência?

— Está bem — disse por fim, titubeando. — Mas, onde? — não fez, porém, menção de levantar-se, ficou sentado diante dela esperando uma definição do passeio. Aonde iriam?

Foi quando Alice comentou pela primeira vez — e apenas por alto — as dificuldades que desde algum tempo ameaçavam sua casa.

— Nenhum de nós sabia administrar uma propriedade assim — ela explica — e com mamãe doente... — cala-se, fica suspensa um minuto, dois... Pensa nos rebanhos que se foram reduzindo com os anos, nas plantações que haviam morrido, nas colheitas que se perderam... “O começo da derrocada...” ela pensa, pois Rebeca estava a par da ruína iminente e não tinha forças para lutar. “Mas ainda assim o orgulho a impediu de aceitar ajuda financeira até mesmo de tia Lourdes”, conquanto, considera, tais pormenores não merecessem ser trazidos à baila. “Pra que esmiuçar tudo isso? Pra quê?”

— Ela não teve nenhuma noção de limite — disse Célio de repente, na biblioteca. Então sentiu necessidade de falar à mãe sobre aquilo, e atravessando o corredor foi até o quarto.

— Quando ela se viu envolvida por aquele meio... tão novo e cheio de deslumbramento... — disse ao entrar, parando junto à porta, onde permaneceu suspenso, a frase incompleta na língua impotente. — Quando não soube o momento certo de parar...

Rebeca voltou a cabeça na direção do filho. Sim, seu filho — ei-lo que trazia de volta essa história que já julgava esquecida, ou, se não esquecida, ao menos obliterada pelos novos e tantos acontecimentos, porque Júlio trouxera desgostos àquela casa e Alice havia cometido desatinos, acontecera uma guerra no mundo de que traziam notícia os jornais e Lúcio havia morrido nela (então pensou em Lourdes, cuja morte repentina um ano antes, certa manhã após tomar o café e queixar-se de uma leve indisposição, surpreendera a todos. Fora conduzida ao quarto por Francisca que, um minuto mais tarde, descia as escadas muito trêmula, muito pálida, anunciando que a mãe estava morta.). Mas reconheceu que para ele não houvera novos acontecimentos e tudo continuava no mesmo, tudo era ainda recente (acontecera talvez ontem, talvez há não mais que uma semana), pois Célio havia isolado o tempo, imobilizado os dias ao reduzir sua existência vã à quietude empedernida daquela casa.

— Por que falar disso agora, meu filho — ela pergunta —, depois de tanto tempo?

— Eles estarão em algum lugar, e talvez sejam felizes — dizia Anita com sua lógica simples, quando Ana Lúcia se perguntou em voz alta por que o tio Júlio não havia voltado para casa.

— Crê que vovó não o perdoou?

Mas Anita pensava na irmã, pois havia também sua irmã em toda aquela história. Acaso Júlio não a levara consigo ao partir? E não teria Anita o direito de lembrar-se da irmã com a mesma dor com que Alice lembrava-se do irmão, ambos distantes e talvez perdidos? Andréia não tinha voltado nem enviado nenhuma notícia dizendo “estou bem, e feliz” (soubera apenas que ela estivera doente uma época e que tinham um filho pequeno; foi quando Júlio humilhou-se diante da mãe), e não seria menor seu sentimento pois, ao contrário do que se pudesse pensar, uma serviçal era também humana, e tão humana que o moço rico a considerara digna de si, amara-a e por ela tinha deixado a família e a fortuna.

— Júlio envergonhou dona Rebeca — diz Anita — fugindo para casar com uma subalterna. Mas Júlio era um Homem, e foi um Homem em todos os seus atos. Mesmo quando voltou para pedir a dona Rebeca que o socorresse.

— Vovó não desejaria conhecer o neto?

— Dona Rebeca não tem filhos que não estejam nesta casa — Anita diz, categórica —, também não tem netos fora dela.

— Mas dobrou-se à mamãe — diz Ana Lúcia, contestando-a —, pois mamãe ficou com o homem que amava a despeito de sua desaprovação.

— Não — replicou Anita —, ela não se dobrou à tua mãe. Ela esperou que dona Alice voltasse desiludida para casa...

Uma expressão de amarga perplexidade apareceu no rosto da menina

àquelas palavras, “como ela poderia saber?!” exclamou então, e Anita, olhando-a séria e dando-se conta de o quanto poderia magoá-la, calou-se. Seguiu adiante.

— Fale! — exclamou outra vez Ana Lúcia, alcançando-a e segurando-a por um braço. Mas como Anita se obstinasse em calar-se, completou seu pensamento: — Então ela esperou que mamãe voltasse desiludida para poder atirar isso em seu rosto!

— Dona Rebeca não disse nada quando tua mãe entrou de novo nesta casa para ficar.

— Não era necessário dizer — torna Ana Lúcia transtornada —, bastava que estivessem as duas ali, uma diante da outra...

— Mas naquela noite outra pessoa veio com Júlio — diz Joaninha Gonçalves pensando em Teodoro. — Sempre me perguntei, Alice, o que teria sido para você vê-lo chegar assim de repente... — mas Joaninha mordeu os lábios e olhou desconcertada para Alice: deveria recordar à amiga aquele momento, em vista do que aconteceu depois?

Mas Alice não se abalou. Seguiu imperturbável ao lado de Joaninha pensando mais uma vez na mentira, pois esta era a sua mentira, aquela ao redor da qual construía sua vida incompleta perguntando-se sempre como distinguir dentre os vestígios o que havia de real e de falso, e entre eles encontrando como resposta apenas a si mesma, que estava ali e era a prova mais concreta de que vivera, de que tudo havia acontecido a alguém que era ela e que procurava nesse momento desvendar a verdade — e compreendeu que pensar assim era caminhar em círculos.

— Sim — ela diz —, ele veio com Júlio. Teodoro — e sorriu, balançando a cabeça.

— E mamãe teria de suportar a repreensão silenciosa de vovó a vida toda!

— Ora, dona Alice viveu todos esses anos bastante feliz aqui, com dona Rebeca.

— Não, vovó só a aceitou de volta porque todo esse tempo sustentaria sua muda acusação, como um castigo constante! — e Anita percebeu que não poderia iludir Ana Lúcia. — No entanto — acrescenta a menina depois de um momento —, de que adiantou? Minha mãe foi infeliz e minha avó está morrendo... — Anita se deu conta uma vez mais de que Ana Lúcia não era nada ingênua.

— No dia seguinte, com a família reunida, Júlio nos falou do tio Alfredo — e Alice explicou a Joaninha que o tio Alfredo havia cuidado da fazenda quando sua mãe ficou órfã, negligenciando mesmo seus próprios negócios para atender à família. “Era tio paterno de mamãe, ao contrário do tio Alberto”, e seguiu relatando que depois de o tio Alberto assumir a direção da fazenda o tio Alfredo foi embora e não mandou mais notícias.

— Ninguém mais soube dele — diz —, até que Júlio voltou e nos contou o que ignorávamos sobre nossa família.

— Sim, mamãe — diz Célio que, às vezes, não chegava a reconhecer a mãe doente, mirrada, entre os lençóis e travesseiros brancos —, depois de tanto tempo...

— ...?

— ...

— ...?

— ...quando não há mais nada a fazer!

— Então, meu filho!

A voz da mãe soava a cansaço e desencanto. Nunca houve nada a fazer naquele caso, pensou Rebeca, Rosinha Gonçalves jamais o aceitaria, soube-o sempre, soubera-o com tristeza ao ver Célio debater-se em vão, mas preferiu deixar que ele mesmo o descobrisse, “porque ele era um homem, afinal, um homem que não iria precisar da mãe para resolver seus problemas amorosos, ora essa!” Nunca houve nada a fazer, e a confirmação não tardou.

— Então vamos! — exclamou Ana Luíza impaciente, fazendo que João Manuel se pusesse de pé. — Podemos ir até o coreto.

— Ah, o coreto — diz, enquanto acompanha a prima descendo em direção das alamedas laterais do jardim. — É pitoresco.

— É melhor não irmos por aqui — ela diz. — O mato está alto neste trecho.

Sim, ele pensou, pois o jardim parecia abandonado, e mesmo a cerca havia caído em alguns lugares. Tia Rebeca teria efetivamente ascendência na nobreza, pergunta-se, essa nobreza decantada e mencionada ainda com alarde, como se dessa idéia pudesse vir o remédio para seus achaques de velha, a solução para sua vida e sua morte? Desde que ouvira a lenda desses antepassados nobres questionava-se quanto a sua importância — de que valeria um nome muito antigo e um punhado de ossos, e que méritos conferiam a alguém que pudesse dizer: “Esse nome é meu, esses ossos são dos meus antepassados”?

— Não é tudo isso uma tolice? — disse, mas não para Ana Luíza, que se curvava para colher na relva uma florzinha branca.

— O quê? — perguntou ela, apurando-se. Tinha a flor entre os dedos.

— Os trezentos anos de uma família, e em algum tempo...

— Deixe-me pôr em sua camisa — ela diz, introduzindo a haste da flor numa casa de botão. — Oh, que bonito que fica! Caiu-te muito bem, meu primo!

— ...desses trezentos anos ter havido um barão ou um conde?

Ela parou, orgulhosa, admirando-o com a florzinha presa numa casa de botão perto do colarinho. João Manuel levou a mão à flor, sentiu as pétalas

pequenas e macias nos dedos — ora, pensou com mau humor, não era ridículo aquilo de ter uma flor na camisa?

— Ou o que eu, e Francisca, e Célio, ignorávamos. Porque para mamãe nada daquilo era novo.

— Veja — exclama Ana Luíza —, olhe quem vem vindo por ali — e aponta na direção das sebes, entre o arvoredor. Anita está parada ao lado de Ana Lúcia e indica a esta alguma coisa adiante. — O que é que vocês estão fazendo aqui? — Pergunta Ana Luíza aproximando-se, enquanto João Manuel, aborrecido desse encontro, fica para trás.

— Conseguiu arrancar o “velho” de seus devaneios? — perguntou Ana Lúcia referindo-se ao primo. João Manuel manteve-se afastado, preferindo ignorar a brincadeira, que considerava de mau-gosto. Que liberdades dera à prima para que se referisse a ele de maneira tão infantil e indiscreta?

— Nós vamos ao coreto — diz Ana Luíza. — Sobre o que conversavam quando eu cheguei?

Então Anita apontou para a cerca.

— Mostrava à tua irmã a cerca, que está caída ali adiante — ela diz —, e lembrava o tempo em que este jardim era bonito de ver — Anita conclui com um gesto de desânimo. — Mas agora...

E Rodolfo sentiu-se contagiado por aquele ímpeto adolescente: aproximando-se, assentou-se também na relva ao lado da irmã, mostrando a Alice aquele lugar sob as goiabeiras onde rolara pelo chão quando menino em companhia de outras crianças, acrescentando que vez por outra vinha-lhe uma vontade muito grande de fazer o mesmo novamente — mas, claro, temia o ridículo.

(Alice calara sua confiança à aproximação de Rodolfo. Por que lhe contar que, após a doença da mãe, não soubera administrar a fazenda e agora se achava ameaçada de ruína? Olhou agradecida para Joaninha, que nada comentara acerca do fato, que adivinhara sua necessidade de falar sobre aquilo e o constrangimento que lhe causava, e soubera manter-se fiel ao seu silêncio.)

— Imagine o que diriam os serviçais se me vissem! — e riu com a alegria de quem vê a vida transcorrer com o sucesso dos desejos realizados, e para quem a lembrança da infância e mesmo da mocidade torna-se mero incidente entre todas as coisas, boas ou más, de que se pode recordar. — Creio que todos temos nossas lembranças dos folguedos da meninice numa chácara, num jardim, com outras crianças, não? — e o sorriso desfez-se, mas seu rosto não se tornou melancólico, ao contrário, exibia ainda a mesma alegria, velada agora, e um ar de meditação.

Seguiu-se então um breve momento de silêncio e expectativa em que uma brisa agitou com brandura as goiabeiras, e no chão as manchas de luz se movimentaram, se desfizeram e se refizeram como antes, enquanto de

algun lugar provinha o ruído dos golpes de um machado e um vago rumor de vozes humanas. “Alguém está derrubando uma árvore” pensou Alice desviando sua atenção das palavras de Rodolfo, e ficou ouvindo os golpes intervalados com interesse como se cada golpe fosse o registro do momento em que foi ouvido, o assinalar do tempo, o pêndulo da vida movendo-se na estrutura do mundo. Mas Francisca, que permanecera de pé e ainda segurava intacta a fruta que Rodolfo Gonçalves lhe dera, concluiu que ele falava naquele tom sobre seus impulsos infantis, recordando seus folguedos de menino sob as goiabeiras com essa alegria despreocupada porque tivera uma vida intensa e cheia, e quando voltou, retomando na casa de sua família as atividades de seus ancestrais, fizera-o por uma decisão sua e não por injunção do destino. Veja porém Joaninha, continuou Francisca refletindo, que por certo não tivera escolha; e mesmo ela, ou sua prima Alice, que opção tiveram em sua existência árida, ainda que herdeiras, ambas, de uma casa próspera?

Para esconder sua momentânea irritação contra Rodolfo, Francisca afastou-se meia dúzia de passos em direção de umas moitas. Respirou fundo com um repentino cansaço de tudo (já se sentia cansada de estar em casa dos Gonçalves, preferia voltar agora): adiante, sob o sol, vicejavam as mangueiras de folhas lustrosas a irradiar em inúmeros e minúsculos pontos ofuscantes a luz que recebiam; de algum lugar continuava chegando o golpear intermitente e ritmado de um machado num tronco, e mais próximo ouvia as vozes dos trabalhadores; o sol refulgia e os pássaros dormitavam nos galhos, de raro em raro um gorjeio cortava o silêncio. “O tédio...” pensou Francisca, num gesto dissimulado atirando para o meio das moitas a goiaba que Rodolfo colhera para ela.

— Diga-o à vovó — Ana Luíza diz caminhando ao lado do primo e deixando para trás a irmã e Anita que iam em direção contrária.

— Hum? — fez João Manuel, já esquecido.

— Sobre essa questão de títulos de nobreza — e, como em companhia do primo tornava-se mais tagarela, seguiu dizendo-se da mesma opinião. Não dava grande importância à história que pudesse ter seu nome de família, quem foram seus antepassados e a que época remontava sua origem, pois a vida que tinha para viver residia no presente e não há trezentos anos (ou talvez tivesse pensado nisso só agora, e feito sua escolha de acordo com João Manuel — mas que relevância tinham essas coisas, afinal?).

João Manuel via-a seguir adiante e deter-se junto a uma roseira, na qual uma única flor abria suas pétalas amarelas.

— Há beija-flores aqui — ela diz, apontando o céu, acompanhando com um giro de cabeça o vôo, a mancha veloz que se desloca acima dela. Mas a João Manuel não importava se havia beija-flores ali, e a prima, essa quase criança que buscava sua presença todo o tempo cravando nele seus

olhos grandes de forma tão insistente, que o importunava com sua lenga-lenga infantil, olhando-a, achava-a engraçada, tola...

Caminhando de volta pela viela ao fundo do jardim, que conduzia a um recanto úmido e fresco sob umas mangueiras copadas onde havia azaléias, onze-horas, coroas imperiais, Joaquina Gonçalves falou outra vez da irmã. Por que motivo o fez, quando mesmo em família evitavam o assunto, dando-o por esquecido? Viera-lhe de repente uma necessidade imperiosa de relembrar o escândalo, como se esse tema proibido palpitasse todo o tempo entre eles, mas temendo ser o primeiro a abordá-lo cada qual se calasse. Talvez Francisca e Alice à época não tivessem sabido do que acontecera de fato: falar-lhes (afinal eram de casa e podiam discutir com elas assuntos de família sem constrangimento) não seria retirar de sobre a irmã um pouco da culpa pela qual todos a tinham condenado (como se estivesse explicando não a Alice e Francisca, mas a todos a atitude de Rosinha)? Durante muitos anos um silêncio de proibição caíra sobre aquela história, mas em suas conjecturas Joaquina Gonçalves perguntava-se sempre se haveria alguma razão que explicasse o comportamento tresloucado da irmã. Para si mesma propunha algumas justificativas — a arrogância de Rosinha, seu deslumbramento dentro do meio social em que se viu de repente, a beleza tão incomum que possuía e a fez cercar-se de admiradores... mas onde estaria a verdade? Falar daquilo agora seria discutir com alguém tudo que já discutira consigo mesma em suas ruminações solitárias, por isso tomou a decisão de fazê-lo sem rodeios, o que foi para ela como quebrar uma algema — sentia-se aliviada. Rodolfo a olhou com alguma surpresa mas não com reprovação, e tomou parte na conversa. Alice e Francisca ouviam com interesse e sem indagações inoportunas, e o assunto foi discutido com naturalidade.

— Foi quando ela conheceu aquele homem — dizia Joaquina a certa altura, lembrando-se dos dias em que “aquele homem” estivera ali em companhia da irmã. Era um tipo mundano que vestia roupas justas sob as quais sobressaíam os ombros largos, a musculatura rija; que pronunciava as palavras com uma voz tranqüila e grave, à qual impunha um tom algo ríspido e a certeza de expressar como convinha suas idéias; tinha o hábito de olhar com impertinência seu interlocutor mesmo quando este já se havia calado, fazendo-se então um silêncio incômodo durante o qual lhe aparecia nos lábios um princípio de sorriso quase escarninho. Era um homem bonito, admitia-o, e foi esse homem quem dobrou o orgulho da irmã — mas Joaquina não gostara dele.

— Nosso pai entristeceu-se muito com aquilo — diz Rodolfo, sentando-se. Estavam agora à volta da mesa de pedra, sob a abóbada formada pelas mangueiras altas. Acima de suas cabeças ouviam os pássaros saltitando entre a folhagem, enquanto flores pequeninas caíam sobre a mesa, sobre suas roupas, seus cabelos.

— Não, não o conheci — Célio, ainda junto à porta, retorcia exasperado as mãos.

— É tarde, meu filho — da cama veio a voz.

— Apenas ouvi o que aconteceu lá... o Sr. Gonçalves referiu-me com voz entrecortada... — e Célio recordou-se da expressão cheia de angústia do velho Gonçalves, no dia seguinte aos acontecimentos, dizendo-lhe:

— Uma perdida, meu rapaz, uma perdida! — disse-o na presença da mulher, e esta, em silêncio e de cabeça baixa, bordava. — Sabia de sua afeição por ela, Célio — e o Sr. Gonçalves fixou nele os olhos vermelhos e fundos —, e saiba que eu fazia muito gosto, mas... bem, ela fez sua escolha... — e, Célio notou, a senhora Gonçalves ouvindo o marido interromper seu trabalho, seu corpo tremeu um pouco, chorou baixinho.

Mas Célio mentia, fazia-o como para esconder uma vergonha muito íntima de si mesmo que nem à mãe gostaria de revelar: conhecera-o sim, de relance, vira-o passar certa manhã na estrada, num passeio a pé. Caminhava devagar, com desembaraço e despreocupação, os cabelos longos e as mãos nos bolsos. Rosinha escolhera aquele homem, belo e atlético como o Davi de Miguelângelo — e naquele dia, retornando para casa e olhando-se no espelho compreendeu que ele, de qualquer maneira, não poderia mesmo ter sido escolhido.

— Ele ainda disse que fazia muito gosto... — Célio diz, com um sorriso forçado que logo se desfaz.

— É tarde, é tarde.

Então Célio decidiu-se a sair. O corredor era um túnel, fugiu por ele rumo ao claustro, à biblioteca. “Por que todos esses livros que não lerei nunca?” Ficou parado no meio do cômodo, imóvel como estátua, um minuto, dois... um tempo indefinível que poderia ter sido longo ou curto. A vidraça aberta deixava o vento agitar as cortinas, e os ruídos vindos do jardim tornavam-se mais nítidos. “O que fiz de minha vida?”

Haveria música em algum lugar?, pensou de repente apurando os ouvidos. Havia um piano no andar de baixo: estaria alguém tocando? Mas não, não havia na casa mais ninguém que tocasse a não ser a irmã que, porém, saíra há pouco com Francisca para um passeio a cavalo. Quem poderia ter tocado? Há tanto tempo o piano não era aberto que seria estranho ouvir música outra vez em casa, porque música recobra a vida, faz a alegria nascer, mas não cria nem uma coisa nem outra se não houver uma semente... Célio desejou que fosse noite pois com a escuridão não podia ver as coisas à sua volta, o mundo parecia menos nítido e ele menos vivo, sua dor talvez menor... No escuro ele não tinha corpo, apenas uma consciência vaga de si mesmo, e embora lembranças, saudades e angústias o acometessem, havia o sono, o sono como um refúgio, o sono como uma morte temporária. No entanto pela janela o dia entrava com abundância, a uma da tarde com o seu

sol inquestionável, com a concretude das formas, as estradas estendendo-se sob pés que vão para algum lugar, os roçados na agitação do plantio, da colheita, os pastos vicejando em capim verde e o gado ruminando a vida, as casas com suas chaminés fumegando e em cujas salas brincavam crianças, com cães latindo no quintal e os trabalhadores chegando para o almoço atrasado, a azáfama de existir numa febril turbulência enquanto ele continuava ali, mais quieto, mais imóvel, mais vazio de ação, de iniciativa, de vontade.

— Não se soube mais dela — ajuntou Joaninha de olhos baixos, riçando com a unha na superfície uma minúscula mancha esbranquiçada —, desde que papai voltou aquele dia da pensão arrasado, envelhecido dez anos.

Porque seu filho nada dissera na época, pensa Rebeca, não fizera a menor alusão ao acontecido. Adivinhava-lhe a dor (ou seria resignação?) no momento em que se punha à mesa e comia quase sem conversar; quando se recolhia à biblioteca ou, passeando pelo jardim, detinha-se junto a uma árvore ou sentava-se no banco sob a paineira para meditar... Via-o passar no corredor ou olhar pela vidraça, seus passos com o ritmo inseguro de costume, os olhares que fugiam do confronto, e as costas quase obesas de quando se afastava desaparecendo em algum cômodo. Na época esteve calado, e estivera calado todos esses anos, para arriscar-se a dizer alguma coisa agora, pensa Rebeca. Mas fora apenas uma tentativa de falar, porque não diria mais nada, calaria de uma vez por todas, sobrando apenas essas fatias de memória, essa resignação.

“Mas ela pagou caro” pensa Rebeca, “pagou caro...”

Então Francisca entrou na casa acompanhada de Rodolfo Gonçalves, que fora apanhar o chapéu.

— Dê-me um copo d’água, Sr. Rodolfo. O passeio deixou-me com a garganta seca!

— Não comente... — começou Alice, que havia ficado para trás em companhia de Joaninha.

— Se pudéssemos no entanto ajudar... — diz Joaninha.

— Não... não é preciso preocupar-se — apressou-se Alice a dizer. Não, não era preciso cuidado, resolveriam o problema; só havia falado naquilo porque sentira uma súbita necessidade...

— Aposto que há um ninho naquele arbusto — disse a menina. João Manuel viu um beija-flor sobrevoar a planta e sumir-se entre a folhagem. Ana Luíza foi ver enquanto o “primo sisudo” permanecia parado, desinteressado do que ela fazia e outra vez recolhido em seus pensamentos. “Pensa tanto em quê? Por que é tão calado?”

Ao remexer na folhagem o pequeno pássaro voou, repentino como um jato, produzindo um som sibilante e breve. Dentro do ninho minúsculo

havia dois filhotes já crescidos e suas asinhas não tardariam a vibrar como as dos pais, que circulavam agora sobre a cabeça de Ana Luíza cuidadosos, temerosos de algum mal para sua família.

— João Manuel, há dois filhotes crescidos aqui — ela exclama —, venha ver!

Mas ele se distanciava em direção da ponte caminhando devagar, e por certo não a ouviu. A menina fez um muxoxo, um gesto de aborrecimento e zanga, e seguiu em sua direção pedindo-lhe que a esperasse.

Ele se detinha por sua própria vontade, como um estudioso da natureza que contempla em volta espécimes singulares, desconhecidos, e não sabe por onde começar sua exploração. Então parava, fazia com os olhos um apanhado do riquíssimo veio de que dispunha, já elaborando um programa de estudos. Mas João Manuel não era um estudioso da natureza — talvez um poeta, um filósofo, e o que fazia agora era olhar a imponente fachada da casa envelhecida, grandiosa mas sem brilho, e esse jardim descuidado que aos poucos o mato invadia, porque os bons tempos por certo estavam distantes, pensa, e ninguém se interessava mais por aquilo. Rebeca era a última (embora soubesse haver uma outra tia ainda viva e muito velha, diziam-na meio louca) e, morrendo, a casa morreria com ela pois com ela envelhecera. Ouvira muitas coisas sobre o tempo de prosperidade da fazenda, a juventude de tia Rebeca, que se casara com um homem rico e enviuvara cedo, mesmo durante a adolescência e juventude de sua mãe (qual mãe?, pergunta-se num aparte íntimo e involuntário; mas ambas, refletia, ambas), mas nem ela, nem Alice, nem Célio pretendiam mudar o curso das coisas, como se aquela casa não mais importasse, como se não tivessem na vida algo mais que fizesse despertar o interesse por ela: deixavam-na ao abandono, até que chegasse também sua vez... e mesmo a nova geração não acrescentaria muito, pensa quando a prima o toma pelo braço e o conduz à ponte, pois cada um seguia um rumo diferente, um destino que pouco tinha a ver com tudo aquilo: Ana Lúcia agora residia no Rio de Janeiro, há dois anos estudava num colégio para moças e não pretendia voltar; Ana Luíza decidira permanecer na fazenda, mas era certo que não se internaria ali por muito tempo; “e o filho de Júlio...” — e lembrou-se da história que ouvira por alto sobre o rompimento entre tia Rebeca e o filho, que fora expulso ao decidir casar-se com uma empregada; mas esse não estava ali, não sabia seu nome nem seu paradeiro, talvez tivesse irmãos — iria aparecer algum dia reclamando o que lhe cabia por direito de herança na propriedade? Quanto a ele viajaria, mudar-se-ia para os Estados Unidos da América, não fazia planos de voltar tão cedo. A quem seria entregue o destino da casa quando todos que a habitavam cronicamente envelhecessem e morressem?

— Mas quando você parte? — perguntou Ana Luíza antecipando-o na pontezinha de madeira que cruzava o rio.

Partiria no fim do ano — a oportunidade surgira e não a deixaria escapar. Em Cambridge entraria para a universidade — estudaria História, já estava decidido.

— Por que se fez bacharel em Direito então? — tornou Ana Luíza, com alguma irritação na voz.

— Voltem outras vezes — da porteira, Joaquina Gonçalves acena ao lado do irmão.

Francisca e Alice voltaram-se sobre as selas ao ouvi-la. Ergueram o braço em resposta, sorriram. Ganhavam agora a estrada, mas as montarias seguiam a passo. Voltavam para casa, e não havia pressa.

— Espancada por aquele homem — diz Alice pensando em Rosinha Gonçalves.

— Vê-se que preferem não tocar no assunto — observa Francisca —, conosco falaram, mas ainda assim com certa reserva.

— ...espancada e roubada numa estalagem de beira de estrada — prossegue Alice, como se de certa forma aquilo lhe desse prazer. — A Rosinha Gonçalves, com toda sua empáfia!... Quem diria!

“Pagou... pagou caro” pensa Rebeca espiando pela janela a paisagem sempre igual, esse céu azul e essas pontas de morro, monótonos, longínquos — tudo parecia mais longe dela agora, e entendeu que havia atingido um momento de sua vida em que podia duvidar de tudo porque nada lhe seria cobrado, nenhuma certeza, nenhuma exatidão, momento em que a própria vida tornava-se quase irreal, quase uma impossibilidade; em que abria os olhos e via a cômoda com os remédios, ou a paisagem ilusória além da janela, perguntando-se sobre a concretude dessas percepções e tal pergunta soando sem sentido — mas tivesse-o, qual sua relevância? Qual a relevância de estar ali a cômoda com os remédios ou as montanhas ao longe, agora que tudo parecia dissolver-se numas noções muito vagas de ser, de existir, de estar?... Não, o mundo não se dissolvia, mas tudo por que vivera havia-se perdido. Então, que diferença pensar que era o mundo que acabava? Que diferença ser o mundo a esfarelar-se ou sua plangente existência a atravessar o Portal? “O velho Gonçalves podia ter-lhe negado o dinheiro, afinal ela só tinha vinte anos” ponderava Rebeca consigo mesma, lembrando essa história que já se tornara antiga. Mas não negou — e não negou porque, no fundo, o que desejava era livrar-se da filha, que se havia tornado uma prostituta de alta sociedade, “uma cortesã” Rebeca pensa recordando a visita que fizera aos amigos na véspera da partida de Rosinha; naquela noite conversara a sós com o velho Gonçalves, descobrira nos olhos dele um ódio que o devia ferir por dentro, porque durante aqueles dias vira-se forçado a abrigar em sua casa “a cortesã, senhora dona Rebeca, a cortesã e seu amante, que ameaça manchar o nome da família se não a atendermos!”.

“Mas Rosinha não podia esperar pelo que aconteceu...”

— E eles nunca mais a viram — diz Alice detendo a égua castanha no mirante.

Francisca adianta-se para a borda.

— O que ela estará fazendo na vida? — pergunta.

— O que ela estará fazendo na vida? — murmura consigo mesmo Célio na biblioteca.

“O que ela estará fazendo na vida?” pergunta-se Rebeca, fechando os olhos. Anita entra nesse momento com um copo de chá.

— Não — protesta —, não quero chá algum, não quero chá algum.

— Não pode passar sem seu chá, senhora — Anita replica, e senta-se ao lado do leito como se a vontade da velha não contasse. “E não conta” diz Anita para si, “não conta, porque pouco importa o que uma velha paralítica e meio caduca pense ou queira.”

Resignada, Rebeca toma o chá sob o olhar tranqüilo da outra.

— Agora parece que você manda na casa — diz.

— Não, senhora — Anita diz —, cumpro ordens de dona Alice. É ela quem determina a hora do seu chá.

— E você obedece com prazer — diz Rebeca cravando-lhe um olhar inteligente — porque sabe que me desagrada. Eu bem que percebo...

— A senhora se engana — diz a outra.

— Não — Rebeca insiste —, eu não me engano... Dá-lhe prazer ver-me transformada nesta inválida sem vontade, que não pode mais nada. Até você manda em mim, agora.

— Eu não mando na senhora — retruca. — O chá foi dona Alice quem determinou para este horário.

Rebeca põe o copo vazio na bandeja.

— Eu bem sei... eu bem sei, depois do que fiz com sua irmã. Agora vai, vai...

Anita sai com a bandeja e o copo vazio, digna, sem dizer nada.

— E no entanto já faz dois anos — diz Alice diante da paisagem. — Sim, é claro que sinto saudades, mas é a vontade dela... Além do que, no início, quando não havia tantas tarefas escolares, sempre vinha nos ver.

— Mas era muito menina para estar assim fora de casa, mesmo na companhia de uma família conhecida — diz Francisca, em tom de censura.

— Qual nada, os tempos são outros. E já está com dezoito anos.

— João Manuel viaja no início do ano — Francisca havia descido do cavalo, deixando-o à sombra de um fixo enquanto a prima permanecia na sela. — Oh, os filhos — continua, distraída. — Nunca são nossos — mas se apercebe de seu erro porque ela, ela que não tivera um filho (ou tivera-o — mas não seu), como poderia exprimir-se assim? “Que bobagem eu disse, que tolices estamos sempre propensos a dizer!”

— Eu não queria que você fosse embora — dizia Ana Luíza caminhan-

do ao lado do primo. Pára à sua frente, intercepta-lhe o caminho e volta-se para ele.

João Manuel surpreendeu-se um pouco mas não se perturbou. Com as mãos nos bolsos aguardou que ela voltasse a andar, indagando-se o que queria dele essa menina. Reparou então no quanto era bonita, com os olhos grandes de um castanho escuro profundo e os cabelos muito lisos da mesma cor. Muito bonita, pensou, mas não mais que isso, e não lhe interessava.

Ana Luíza esperou que ele perguntasse por quê, porém João Manuel limitou-se a ficar ali, diante dela, calado. Então tomou coragem e acrescentou:

— Você sabe por que, não sabe?

João Manuel não se alterou, passou por ela e seguiu adiante sem responder, sem revelar na passividade do rosto ou do olhar o menor sinal de ter entendido — e já fazia qualquer comentário sobre o coreto, cujo telhado fora arrancado pelo último vendaval e não se falara ainda em reparos.

— E já tem tempo isso — está agora no interior do coreto, olhando para cima onde alguns caibros permaneciam no lugar.

— João Manuel — chamou-o Ana Luíza fora do coreto, mas ele parecia distraído observando as vigas quebradas. Depois se moveu, procurou algo no chão e curvou-se para apanhá-lo entre os cacos de telha — algo que refletia direto em seus olhos a luz do sol.

Ana Luíza esperava que ele se erguesse, que examinasse o objeto recolhido do chão e, enfim, pudesse ouvi-la — e ele examinava o objeto que tanto poderia ser um pedaço de metal quanto um caco de vidro, absorvia-se nesse exame pois, fosse o que fosse, não tinha valor algum mas fazia despertar o pensamento, servia como caminho para outras reflexões, porque tudo acontecia desta ou daquela maneira e o mundo tinha seu enorme encanto por ser assim — intrincado em suas faces, nos seus veios de vida, na sua natureza, e pensava que aquele pequeno e comum objeto (vidro? metal?) era uma prova disso: em algum momento ele esteve no seio da terra e ainda não era nada a não ser matéria prima, depois foi recolhido e industrializado e mais tarde exposto numa loja ou num armazém, por fim teve sua utilidade quando alguém o usou para alguma coisa até perdê-la por ter envelhecido ou quebrado, e o que ficara dele nesse longo percurso através dos anos como prova indiscutível de sua existência era estar ali aquele fragmento.

— João Manuel! — e a voz de Ana Luíza o arrancou de seus pensamentos.

— Você sabe — ela diz —, finge ignorar, mas sabe.

— Eu serei a última — Rebeca diz em voz alta. Poderia apenas ter pensado, mas quis ouvir o som da própria voz àquela hora de abafamento e quietude. Quis ouvi-lo, e ficou pensando nesse som áspero e cansado que a incomodava enquanto repetia absurdamente: — Eu serei a última.

Porque enfim ela estava morta — morta, e se era aquele o momento de temer esse fantasma que na morte se tornara mais vivo e mais presente, não o temeu, duvidando de que lhe pudesse fazer mais mal que durante esse distanciamento dos quase trinta anos que impusera a si como castigo, sabendo-a viva e reclusa em sua mansão em ruínas, sabendo-a consumir-se num ódio cheio de maldições, e sem coragem de ir ao seu encontro — mesmo não sabendo bem por que procurá-la e o que dizer a ela, certa contudo de ser expulsa e amaldiçoada outra vez se o fizesse. Agora Ludmila estava morta, “morreu há dois meses (dizia a carta remetida pelo tabelião). Aguardamos decisão de V. S^a. acerca dos bens.” — estava morta, mas o que apavorava Rebeca era saber que haveria de reencontrá-la quando chegasse sua vez.

E sorriu com um estremecimento, pois passara a ter elucubrações místicas, visualizando um mundo estranho, cheio de sombras e figuras fugidias, e nesse mundo do qual duvidara noutros tempos (crendices, dizia com altivez, ajeitando uma toalha sobre a mesa ou mexendo o açúcar na xicrinha de café) mas que agora se tornava para ela uma obsessiva certeza reencontraria seus antigos inimigos, pois eles estariam ali à sua espera. Teria tido em contrapartida, pergunta-se, amigos que a pudessem valer lá nesse lugar de assombros onde entraria? Estremece outra vez: “Que amigos tive na vida?” pergunta-se no transe de seus terrores de velha; “que mais eu fiz além de conquistar ódios à minha volta?”

“Minha irmã... minha irmã...”

João Manuel não examinava mais o fragmento recolhido entre os escombros, mantinha-o na mão olhando distraído para frente, enquanto ruborizada pela insinuação que fizera — e sem perceber que nem sequer fora ouvida — Ana Luíza virou-lhe as costas, afastando-se um ou dois passos.¹²

— João Manuel — ela diz —, promete ao menos escrever-me de vez em quando? — mas ele não respondeu.

minha irmã...minha irmã...

Um pássaro pousou de repente na janela. Diluiu a modorra com seu canto estrídulo e festivo. Depois voou.

em breve há de chegar a minha vez...

Ele não respondeu. Ressentida, a menina voltou-se num movimento repentino:

— João Manuel...!

Mas no coreto não havia ninguém. Fazia um ano que ele partira — sem dizer ao menos um até breve, mesmo um adeus. “Viajou de madrugada, de inopino...” lembra Ana Luíza dentro do coreto vazio cuja cobertura não fora reparada: outras vigas haviam despencado e mais ninguém ia ali. O que teria ele encontrado no meio daquela mixórdia, aquele dia, um ano atrás, que tanto chamou sua atenção? Porque, fosse o que fosse, ele o atirou de novo para ali e saiu sem dizer nada. Ana Luíza olhou para as vigas caídas, as

telhas quebradas, o chão cujo piso havia rachado brotando entre as rachaduras umas ervazinhas verdes... “O que quer que tenha sido” pensou, “não vou saber nunca.”

Ana Luíza afastou-se. Caminhou para a margem do rio. Atravessou a ponte. O jardim.

Entrou em casa.

E Célio ouviu os passos na varanda — vira-a da janela da biblioteca cruzar o jardim —, a porta da frente bater, e agora ela subia a escada. Parado, erguido e tenso, ficou ouvindo: os passos vinham agora pelo corredor, aproximavam-se, aproximavam-se...

a minha vez...

— Agora, porém, está sempre adiando sua vinda, sempre alegando tantos compromissos escolares... — dizia Alice lutando por dominar sua montaria, fazer com que o animal se desviasse de uma moita de capim. — Oh, essa égua parece faminta...

— Quanto ao meu filho — começou Francisca deixando o alazão ir à sua vontade. Mas não completou o que ia dizer.

— Talvez suas preocupações não tenham fundamento — diz Alice emparelhando com a prima. — Afinal ele está fazendo o que tem vontade.

— Vai completar um ano amanhã — lamenta-se —, mas só me enviou duas cartas, breves e formais.

Alice, ao contrário, recebia cartas mensais de Ana Lúcia explicando as razões de não ter vindo no ano anterior. Surgira a oportunidade de um curso de férias muito importante para o prosseguimento dos seus estudos. “Morro de saudades, mamãe, mas teremos de esperar pelo próximo ano.”

— Enfim, creio que o perdi.

“E quando o teve?” pensou Alice, não tendo coragem contudo de dizê-lo. Sabia que Anita recebera várias cartas de João Manuel, falando de suas experiências novas, de sua vida nesse mundo assombroso da metrópole estrangeira, de seus planos para o futuro. Anita não comentara sobre essas cartas para não magoar Francisca — mas Alice surpreendera a prima furtando-as do quarto dela para ler, certa manhã, após tê-la incumbido de ir até a vila comprar alguns aviamentos. “Ela não sabe que eu vi. Melhor será não falar disso.”

— Não — disse, ao cruzar o portão —, é claro que a Ana Luíza eu nada podia impor... ora, sou contra fazer imposições descabidas aos filhos. Era melhor que folgasse dos estudos o quanto quisesse...

Jorge tinha avistado Alice e Francisca que retornavam do passeio, e esperava por elas no caramanchão.

— Eu levo os cavalos, dona Alice — diz, ajudando Alice a desmontar. Voltou-se para Francisca, mas esta desmontara sozinha com a habilidade de alguém habituado a cavalgar.

— Ela é diferente da irmã — diz Francisca sentando-se sob o caramanchão. Alice distraiu-se um momento, observando Jorge afastar-se com os animais pelas rédeas. Vendo-o envelhecido pelo trabalho duro — embora fosse mais novo do que ela — sentiu um confrangimento, pensou nele menino, correndo por ali em companhia de outros da sua idade: de Lúcio que agora estava morto, de Júlio que desaparecera, de Célio que se sepultara vivo...

— O senhor amou uma mulher — ouviu a voz da sobrinha soar como... como... como o quê?, no recinto quieto. Não importava: soara de um modo estranho, inesperado, e abrindo os olhos viu-a de pé defronte ao divã. Surpreendido sentou-se, e não disse nada no primeiro instante. Viu-a puxar uma cadeira e sentar-se à sua frente. — Fale-me dela — pediu.

Conversaram então, indecisos, falaram de coisas — ele titubeava em responder à sobrinha, não sabia mesmo como fazê-lo, como explicar-lhe o que fora seu amor, se para si mesmo não ousava defini-lo; e dizer quem fora essa mulher (Rosinha... Rosinha...), se ele próprio não a havia conhecido. Foi um diálogo, recorda-se, composto mais de longos intervalos que de palavras, durante os quais Ana Luíza corria os olhos pelos livros enfileirados ao comprido das estantes, pelos objetos de arte que decoravam a biblioteca, ou se entretinha em fixar os arabescos do tapete. Mas Célio, observando-a, descobria-lhe a tristeza suave e adolescente da decepção com o primeiro amor (ficara assim desde que João Manuel partira); mas o que ela preservava dos olhos de todos, o que havia em si de mais fundo e reticente, ele não descobriu.

Foi assim a primeira visita que ela fez ao seu refúgio, e desde então alguma coisa havia mudado. Não atinava com o quê, e na expectativa de que ela viesse punha-se a cada dia a ouvir na quietude modorrenta da casa, ansiando pelo som dos seus passos — esse mesmo som que se aproximava agora da biblioteca.

— Ela ama João Manuel — diz Alice ainda de pé sob o caramanchão. — Mas ele...

Francisca sempre desconfiara disso. Sabia-o agora com certeza: Ana Luíza amava seu filho, e se dependesse de si haveria de vê-los juntos, mas João Manuel tinha planos diferentes para sua vida.

— Uma menina sempre tem forças para não se deixar abater — diz, pensando em como Ana Luíza haveria de se recuperar dessa primeira decepção amorosa.

— Mas ela abateu-se — replica Alice.

Prima Clara, porém, descia os degraus saudando Alice e Francisca, perguntando-lhes como fora o passeio. Ela, informou, estava um pouco indisposta com esse calor todo, “afinal, esses últimos anos vivi na Inglaterra, onde sempre faz frio”. O pior era a poeira, reclamou; havia chegado na vés-

pera mas ainda não se refizera do cansaço da viagem.

— Mas isto aqui parece um tanto... — ia dizer abandonado, deteve-se e procurou outra palavra, que não encontrou.

— Oh, Clara — sorriu Alice —, pode dizer que isto está decadente. Afinal, está mesmo... é preciso limpar o jardim, o pomar, replantar as flores, reconstruir o coreto... — e Alice soltou um longo suspiro de enfado, de fastio.

— Mas para que tudo isso? — pergunta. — Para quê?

— Tia Rebeca gostava de tudo bem organizado — Clara diz. — Como era perfeccionista a tia Rebeca!

— Oh, a mamãe — diz Alice pensativa. — Pobre mamãe.

— Só recebi seu comunicado, Alice, dois meses depois — diz Clara justificando-se. À época havia escrito uma carta explicando por que não se comunicara logo com a prima, mas parecia-lhe que deveria fazê-lo também de viva voz. — Eu havia estado fora algumas semanas. Por outro lado a correspondência demora muito a chegar.

— Não tem importância, Clara — diz Alice. — Mas não viu Ana Luíza?

Então ela chegou à porta, e entrou com sua juventude radiosa e suas maneiras descuidadas de adolescente. Sim, alguma coisa havia mudado pois ela já não tinha o mesmo ar de tristeza, e agora se tornara um hábito vê-la compartilhando consigo o sossego da biblioteca. Como de costume ela sorriu para Célio e foi sentar-se junto à janela com um livro nas mãos.

— O senhor quase não lê, não é, titio?

No divã, atônito, Célio ficou olhando a sobrinha abrir o volume, esquecer-se na leitura, enquanto *aquilo* voltava a acontecer com ele!

Quando foi que *aquilo* aconteceu pela primeira vez? Agora Ana Luíza aparecia na biblioteca com bastante freqüência — de manhã, de tarde, em qualquer hora inesperada. Não chegavam a conversar — ela escolhia um livro, dizia alguma coisa e punha-se a ler quase de imediato. Vez ou outra sugeria um título, “já leu este aqui, titio? O senhor vai gostar”, e às vezes ficava de pé junto à vidraça, entretida em admirar a paisagem que se via dali. Nesses momentos Célio podia contemplar seu talhe contra ao quadrilátero claro da janela, o corpo envolvido pela luz ofuscante em que se dissolvia a rigidez dos contornos, para manter-se visível apenas o vulto iluminado e impreciso como a aparição de um anjo — porque assim deviam surgir os anjos, ele pensa, deviam vê-los assim os místicos: seres luminosos como Ana Luíza então, pois ele próprio era assim que a via: não mais a receber luz mas a irradiá-la de suas roupas brancas, do tom quase irreal de suas mãos ou de seu rosto quando voltava a cabeça e podia admirar-lhe o perfil, mesmo de seus cabelos escuros e brilhantes onde o sol refletia com fulgor; sim, seres luminosos e fluidos, sem densidade nem peso, que não caminhavam nem

tocavam as coisas: antes planavam como pássaros, atravessavam os obstáculos como se não existissem, e se paravam de súbito teriam uma imobilidade como a dela... imobilidade de sombra que logo se desfaz, pois de um momento para outro Ana Luíza mover-se-ia afastando-se da janela e reconquistando sua condição humana, o ser diáfano e etéreo convertendo-se na sobrinha ágil e graciosa a andar daqui para ali, a pegar um livro ou a abrir o que acaso já estivesse em suas mãos, a voltar-se de repente com uma pergunta, uma observação, um muxoxo de aborrecimento. Por causa da brevidade desse instante, Célio não se furtava a contemplar-lhe o corpo contra o jorro silencioso da luz através da vidraça, e ainda que fizesse lembrar uma aparição, ou que a luz parecesse irradiar de si, não se esquecia de que era apenas Ana Luíza, plena de beleza e uma miraculosa juventude, possuidora de um corpo quente e palpável e de formas perfeitas — e pensando assim o anjo desaparecia cedendo lugar à mulher em que ela se tornara. E também nesses momentos *aquilo* acontecia com ele!

— Ela devia ser muito bonita — disse Ana Luíza em certa ocasião, e ele moveu a cabeça, confirmando. De outra feita perguntou por que ele não tinha viajado, “para conhecer o mundo, titio, terras novas, gente nova”, em vez de ficar só ali, sem fazer nada.

— Fui à Europa uma vez — ele disse —, mas isso foi antes.

— Antes?

— Quando ainda podia esperar alguma coisa.

— E o senhor não pode esperar mais nada?

Então ele se recostou no divã, fechando os olhos.

“Esperar o quê?”

Ana Luíza deve ter-se perturbado com o assunto dessa conversa porque, uma semana depois, lendo junto à janela, e quando parecia absorvida pela leitura, interrompeu-a de repente e foi até o divã, onde o tio dormitava. Hesitou, olhando-o adormecido; torceu as mãos, nervosa; afastou-se retornando para junto da janela, mas não retomou a leitura. Espiou o jardim através da vidraça; voltou a cabeça procurando de longe o tio. Decidiu-se e correu para o divã:

— Titio — disse.

Célio abriu os olhos, fechou-os esfregando o rosto com as mãos. Tornou a abri-los. Era sua sobrinha falando com ele.

— O que se faz quando não se pode esperar mais nada? — ela perguntou com ansiedade.

Célio ouviu a pergunta e ficou olhando de um jeito estúpido a garota diante de si. Passou-se um minuto enquanto pensava numa resposta. Abaixou-se para recolher o volume que caíra no tapete e, voltando a recostar-se no divã, respondeu, evasivo:

— Entrega-se.

Mas Jorge, também ele tinha por costume recordar o tempo em que havia brincado nesse jardim com os meninos da casa. Não que o tempo miraculoso de sua infância se houvesse transformado na obsessão de uma coisa perdida, e por certo não era o fato de ter-se feito homem e estar obrigado ao trabalho e às responsabilidades, ou mesmo de ter envelhecido que o tornava pensativo, pois havia atravessado todas as etapas de sua vida sem se preocupar com o que de seu ou de si mesmo ficara para trás: que lhe importavam as rugas no rosto, o corpo consumido pelo rigor dos anos? Há dias avistara Rodolfo Gonçalves na estrada em frente, e este, com apenas uns poucos anos mais que ele, com sua gordura e sua meia calva grisalha não havia também envelhecido? Também não lhe preocupava a perda dos dentes (restavam uns cavacos enegrecidos que ia arrancando no dentista da vila até livrar-se deles de uma vez), porque era natural perderem-se os dentes — todos os perdiam: eles apodreciam, doíam horripelantemente às vezes, era preciso arrancá-los (lembra-se com arrepio de certa vez em que tivera de extrair um dente com dor), e como essa perda era gradual tornava-se fácil adaptar-se à sua falta, e isso o fazia pensar que mais difícil seria habituar-se à dentadura postiça que à total ausência de dentes. Não eram essas miudezas que o tornavam macambúzio e arredio às vezes...

Chegou aos estábulos onde havia deixado pronto um cocho com ração e farelos para os cavalos. Por que persistia naqueles hábitos já desnecessários? Não havia mais cavalos de raça para cuidar, uma parte do telhado havia apodrecido e caído e a outra era sustentada por umas escoras de madeira, mesmo assim não muito sólidas, sendo perigoso que animais dormissem ali. O mais simples era deixar aquilo tudo de lado, soltar por exemplo os cavalos no pasto e apenas vez ou outra ver como estavam e tratá-los — mas Jorge insistia em preparar um cocho com ração e farelos, dar-lhes água num balde, raspar seu pêlo após o banho, e só então levá-los ao pasto, que mandara cercar, mesmo não havendo risco de fugirem (para onde fugiriam?). Persistia nesses cuidados porque deles fizera sua vida, neles residia tudo que se propusera como administrador, e abandoná-los seria mais doloroso que saber-se velho antes do tempo, mais trágico que ter perdido seus dentes.

Os cavalos comiam tranqüilos, alheios a tudo. Mexiam as orelhas e levantavam a boca acima do coxo, mastigando sem pressa enquanto abanavam a cauda para espantar as moscas. A eles não importava se parte dos estábulos havia caído, e não tinham nenhuma noção quanto à solidez da outra parte, sustentada por escoras. Não estiveram ali nos dias melhores, não conheceram seus irmãos de raça que ali habitaram e que já haviam morrido, e tudo quanto lhes bastava era essa ração, a água, o pasto verde. Voltaram a mergulhar a boca no cocho, mas enfasiado o alazão desviou a cabeça e cheirou a palha que recobria as tábuas do assoalho. Depois ficou olhando

para fora, esperando que o homem chegasse. Agora a égua também se afastava do cocho, saía para a parte descoberta, cheirando o chão. Eram dois animais e para eles o tempo não existia — eles, sim, existiam em plenitude e se tivessem noção do dia anterior ou do dia seguinte, saberiam apenas que da mesma maneira haviam existido ontem e continuariam existindo amanhã. Não lhes faltassem o cocho, a água, o pasto, tudo mais estaria bem. O alazão soltou um relincho breve, as orelhas espetadas para adiante; e a égua voltou a cabeça: era Jorge que vinha com um balde.

Quando acontecera *aquilo* pela primeira vez? Um dia ele tomou a iniciativa de um diálogo que não prosseguiu, e disse:

— Você não consegue esquecê-lo.

Ana Luíza, junto à janela, um livro aberto no colo, não lia. Não se voltou à voz que vinha do fundo da biblioteca, moveu a cabeça concordando.

— Está sempre na biblioteca — observa Clara.

— Anda um pouco triste — Alice explica.

— Ela sempre foi uma menina retraída, quieta — Francisca diz —, mas agora está... pior, talvez.

Alice não deseja demonstrar sua preocupação, com isso evitava alarmar os outros e alarmar-se a si mesma; mas tinha a impressão de que a filha sofria de algum distúrbio nervoso.

— Um médico? — pergunta.

— E se ele não voltar? — Célio perguntou, numa tentativa de continuar conversando.

Mas Clara era de opinião contrária. Conversar mais com ela, talvez uma viagem...

— Quem sabe não lhe agradaria ir encontrar-se com a irmã?

— Não creio — diz Alice —, sempre foi avessa a viagens. Não acompanhou a irmã porque não quis.

— Os pais devem impor sua vontade aos filhos em certas ocasiões — Clara diz, reprovando a condescendência de Alice.

— No entanto, estaria melhor lá? — replica Alice.

Porque enfim acontecera — mas quando?, Célio se pergunta. Naquele dia em que ela entrou de repente e ele olhava as lombadas nas prateleiras, sim, naquele dia: ele estava junto à estante examinando os títulos, entretido com sua monomania, quando ela passou rente a si ficando na ponta dos pés para alcançar um volume na prateleira mais alta. Não a ouvira chegar, para ajudá-la esticara o braço até o livro e, estando muito próximo dela, sentiu um perfume evolir-se dos seus cabelos, roçou-lhe sem querer o braço, e vendo-a tão junto de si julgou sentir-lhe o contato do corpo. Então aconteceu. Olhou-a aturdido entregando-lhe o livro, e virou as costas para que ela não percebesse.

Ana Luíza sentou-se junto à vidraça aberta por onde o vento entrava en-

funando as cortinas, mas ele, ele cambaleou até o divã onde arriou o corpo, meio tonto.

— Não, Ana Lúcia não está num internato — explica Alice a uma pergunta de Clara. — Os Marcondes são um casal que conhecemos certa feita no Rio de Janeiro, possuem uma filha na idade de Ana Lúcia.

— E quiseram que Ana Lúcia fosse companhia para a filha deles — Clara diz. — Mas serão gente de bons costumes?

Não que dona Rebeca fosse boa: ela não era boa nem má, era tão só uma senhora de hábitos requintados, e a dona da casa. Fizera dele seu administrador por considerá-lo capaz e não por alguma simpatia particular, e de sua mulher uma espécie de governanta que, contudo, não apenas dirigia o serviço dentro de casa como também se ocupava com parte dele. Nos anos prósperos, quando a fazenda fervilhava em sua atividade diária, fora assim; continuou assim durante a doença da velha, quando a ruína começou a instalar-se, mas ainda agora, que ela não mais estava ali para supervisionar seu serviço, continuava a executá-lo com o mesmo rigor religioso de antes. Apegara-se a essas atividades minúsculas (que, sabia-o bem, em nada contribuíam para reerguer essa casa cuja vitalidade vira esvair-se com os anos) como um meio de sentir-se vivo: não que tivesse ainda importância levar os cavalos aos estábulos, onde havia preparado um cocho com ração e farelos; ou ir todas as manhãs ao pequeno cafezal que restara das vastas plantações e, na volta, passar pelo açude de tão amarga memória, porque o açude quase já não existia, tão invadido pela taboa e pela tiririca alta; sabia que os empregados, a maioria pretos, dariam conta sozinhos do gado miúdo que sobrara, pois quase todo o leite produzido acabava indo para suas casas, mas também lá ia aos currais todas as manhãs bem cedo contar essas reses cujo número sabia de cor, repetir ordens sem sentido e constatar que tudo continuava no mesmo. Enchia assim suas manhãs, seus dias, indo daqui pr'ali, vindo de lá para cá, com sua minuciosidade fastidiosa, sua eficiência inútil.

— Depois a Sr^a Marcondes enviuvou — Alice diz —, e apegou-se ainda mais a Ana Lúcia, em quem via uma segunda filha. Depois disso só nos falamos por carta, resolvi dar a minha filha liberdade para guiar-se na vida — e Alice fica um momento irresoluta, olhando para o calçamento irregular e o mato que crescia nas fendas, e reconhecendo uma vez mais diante de si a mentira. Não tinha coragem para falar com Clara acerca dos dias terríveis que aquela casa havia enfrentado, pois até mesmo com Francisca — Francisca, que se mantinha sempre ao seu lado, que a cada ano permanecia mais tempo na fazenda junto de si (mais ainda após desfazer-se de seus bens imóveis e aplicar seu dinheiro a juros) —, mesmo à prima relutara em falar. “Mas não será terrível para uma casa próspera ver avizinhar-se a ruína?” dizia para si mesma, justificando-se. A mentira, sempre este o subterfúgio da covardia, pois não era bem verdade que Ana Lúcia escolhera a casa

dos Marcondes porque houvesse um grande laço de amizade entre as famílias, mas sim porque sairia bem mais em conta, e então era necessário economizar. “Como dizer, meu Deus, que respirei aliviada quando Ana Luíza decidiu ficar, porque seria uma despesa a menos?”

— ...que a tenho achado às vezes muito estranha — dizia Francisca voltando a falar de Ana Luíza enquanto Clara descia na direção das árvores.

Alice contudo não a ouvira. Ficou olhando para o movimento dos seus lábios sem compreender, e por fim disse:

— Então, um médico...?

Mas Clara estava ali há apenas uma semana, e pouco conversara com as primas, exceto à hora do almoço e do jantar e em duas ocasiões em que estiveram trocando idéias sobre a guerra na qual Lúcio perdera a vida. “Então não lhes contei?” ela disse sabendo que não havia contado, pois nas poucas vezes que escrevera não falara de Lúcio. “Sim, estive com Lúcio certa ocasião em Roma. Foi por acaso que o reconheci...” e passou a relatar o episódio: fora um encontro de apenas um dia, pois Clara partiria no começo da noite, mas ainda assim puderam conversar bastante e ele a levou para conhecer a redação do jornal onde trabalhava; enquanto almoçavam falou-lhe da idéia de cobrir a guerra, “parecia entusiasmado” Clara diz, “embora eu tenha dito que talvez fosse perigoso, afinal teria de estar nos locais de confronto, mas ele não pareceu nem um pouco intimidado”; passaram toda a tarde juntos e por fim Lúcio a acompanhara à gare para que ela embarcasse. Depois disso não o vira mais. A fazenda, porém, trazia recordações mais nítidas, e contemplando o gramado em frente onde crescia o mato, julgava ver passar ao longe tia Rebeca sempre vestida com elegância e sobriedade em companhia de Estefânia com seus vestidos de cores berrantes. Tia Rebeca, no entanto, morrera há seis meses, e a madrastra... enfim, quem conhecia a verdade? Valia a pena pensar nisso agora, se até então não sentira a consciência pesar-lhe? “Já não sou uma adolescente desesperada, nem uma jovem cheia de ódio...” pensou, “talvez já seja época de...”

Falar com alguém? Revelar seu crime? Era isso? O gramado ali estava com o mato crescendo, os canteiros com as flores mortas, a casa com a fachada encardida, mas aquele tempo passara, aquela adolescente se fora, e quem voltava agora a esse jardim era uma mulher de quase cinquenta anos,¹³ com suas responsabilidades, com seu ato absolvido sem julgamento, com sua consciência tranqüila. Então — deveria falar só para obedecer a normas impostas pelo homem? Ou por Deus?, perguntou-se, mas ao mesmo tempo viu que já não cria em Deus, e o jardim lhe pareceu mais deserto. E ela mais sozinha.

— Ora, você não pôs roupa de montar — diz Francisca —, mas... — e parou no topo da escada — estive pensando... — levou um dedo pensativo aos lábios — não é melhor pôr o mesmo vestido com que desci ao jardim pela manhã?

— Por que vestir outro agora? — diz Alice.

E *aquilo* voltara a acontecer, vendo a sobrinha junto à janela. Estaria muito pálido? Pois agora Ana Luíza voltava para ele o rosto, mas na penumbra do fundo da biblioteca o tio Célio era menos que um vulto sentado no divã, embora pudesse ver-lhe os grandes olhos abertos, como que tomados de espanto.

— O que foi, titio? Não se sente bem?

E o que foi que fizera nesse lapso de tempo? Porque, sim, havia feito alguma coisa, atrevera-se a fazê-lo, saíra enfim da apatia de sua imobilidade e tomara aquela atitude, e fizera aquilo... mas por que se sentia aturdido junto à janela? Ana Luíza não estava mais ali, e, caído no chão ao lado da cadeira — não era o livro que a sobrinha lia ainda há pouco?... O que havia acontecido, meu Deus! Aperta a cabeça entre as mãos, a respiração descompassada...

— Nossos vestidos se sujaram — diz Francisca —, mas seria bobagem nos trocarmos agora.

— No relógio da sala está dando uma e meia — diz Alice ouvindo a badalada, uma única badalada como um golpe sobre o bronze de um sino que depois ficava a vibrar, a tinir longamente na quietude da tarde.

Ambas saem para a varanda.

— Não é a prima Clara junto à cerca?

As imagens voltavam, estavam todas ali, presentes e vivas feito multidão silenciosa à sua espera: tinha agora catorze anos e não era mais que uma garota assustada e indefesa — porque foi aos catorze anos naquele mesmo lugar (ou talvez um pouco mais adiante) que machucara a mão no arame da cerca. Alice cuidava de um canteiro. Referiu então qualquer coisa acerca de seu baile de quinze anos e, como a tarde caía, decidira entrar. Mas ela preferiu ficar mais um pouco, sozinha, porque estando sozinha sentia-se mais à vontade com seus pensamentos.

— E aquelas suspeitas acerca da tia Estefânia e Clara? — diz Francisca de repente. As primas haviam se acomodado nas poltronas da varanda, de onde podiam observar o jardim através da treliça.

— Como nos parecem distantes esses pormenores — diz Alice.

— Não eram pormenores então — retruca Francisca.

— Com o tempo tudo é atenuado, diminuído ao nosso entendimento, tudo perde em importância — diz Alice espantando uma mosca que persistia em pousar-lhe na roupa.

— Ela tinha pavor da tia Estefânia, que no entanto a havia adotado ainda pequena.

— É que a tia Estefânia tinha certas preferências... pela companhia feminina.

Francisca sorri, move a cabeça concordando, como se de repente aquele

fato adquirisse relevância outra vez. Mas não era isso que acontecia — tudo se havia transformado com os anos, tia Estefânia morrera de uma queda e Clara estava ali, cinquentona e gorda, inteira. Alice achou desnecessário completar o que dissera: tia Estefânia, com sua preferência pela companhia feminina, assustava Clara que à época era jovem demais para compreender, mais ainda para aceitar.

— E depois — Alice diz quase sem refletir —, talvez tia Estefânia não tivesse nenhuma intenção...

Francisca observa a prima por um momento, e volta a olhar para adiante. Alice mentia outra vez? Para si mesma, para quem? Estaria apenas confirmando sua opinião acerca da propriedade cicatrizante do tempo sobre as feridas da alma, pensa Francisca ouvindo o canto das cigarras dentro do silêncio da tarde. Mas como ela podia esquecer-se de tudo? Como Alice — e a própria Alice espantava-se — ter-se-ia esquecido das lágrimas de Clara, de seu desespero na véspera de partir, quando entrara em seu quarto apavorada, pois devia viajar no dia seguinte em companhia da madrastra que a assediava? Não, Alice não tinha dúvidas de que Estefânia assediara a enteada, mas como isso estava distante e sem conseqüências agora! Como se nada tivesse acontecido, as recordações convertiam-se em lendas. “E, contudo, aconteceu de fato, e Clara naquela noite estava chorando, não escondia seu pavor...”

“Aconteceu” pensou Francisca, “sim, mas a dor alheia é sempre menor em nós, sempre superficial e sem importância.”

— Aninha.

Dizer em voz alta esse nome junto à cerca onde, trinta e cinco anos antes, o evocara com amor e desespero; junto a essa mesma cerca meio derruída em cujo arame cortara a mão, nesse jardim onde passara seus dias quase sempre só, numa solidão que a acompanharia toda a vida.

— Aninha.

Disse-o outra vez, e o diria outra vez ainda, porque todo o seu significado estava contido no tempo de suas recordações, numa idade onde por vezes buscava refúgio mas da qual, por mais que aí permanecesse, teria de voltar e enfrentar o tempo das transformações que corrompem. Porque Aninha era a menina do colégio interno e ela, Clara, a menina que recordava e havia cortado a mão no arame da cerca, e depois disso Aninha era outra e ela era outra e tudo era outra coisa. Uma lembrança era só uma lembrança e já era muito. Viver com ela, eis tudo — sim, eis tudo que podia ambicionar, tudo a que tinha direito.

— E não ousou voltar aqui — diz Alice —, recusou-se mesmo a isso. E não quis lá nada que pertencesse a esta casa.

— A não ser você — Francisca diz.

— Talvez achasse que eu não pertencia a esta casa — Alice responde,

retorcendo os dedos. Então endireitou as mãos, pô-las de parelha e ficou examinando os dedos esticados, as unhas polidas.

“Este é o Novo Mundo que Antonin Dvorák descreveu numa música que você nunca ouviu. Mas também você nunca ouviu falar de Dvorák, o que importa pouco ou nada, porque o que é ouvir falar de alguém sem que se saiba o que esse alguém foi ou fez, ou, ainda que se diga ‘foi um músico importante e compôs muitas obras de valor’; sem que conheçamos essas obras, que importância tem seu nome para nós? O que é um nome? Um nome é apenas um designativo, não descreve algo ou alguém, não diz nada sobre aquilo que designa, e a única coisa que vale é o que associamos a ele. Assim, de que adiante eu lhe falar em Dvorák e dizer ‘ele escreveu a Sinfonia do Novo Mundo, que eu pude apreciar ontem no Metropolitan’, se esse nome associado a uma música que nunca ouviu não lhe dirá nada?”

“Nunca compreendi tia Rebeca e sua obsessão por um nome de família que remontasse a trezentos anos e tivesse origens nobres, mas o que posso dizer sobre isso se conheci tia Rebeca tão pouco? Se nada sei desse nome nem desses ancestrais que já não existem, cuja existência é certa mas a obra não e a importância — a verdadeira importância — duvidosa? São tão desconhecidos para mim como Dvorák para a senhora, e ouvir falar deles soa-me como soaria para seus ouvidos uma tentativa de eu descrever essa música sem que pudesse ouvi-la.

“Este é o Novo Mundo, a América, e ouvir falar disto não se compara a estar aqui, por isso não me deterei em descrições minuciosas, em um relato circunstanciado de tudo. Basta dizer que estou bem e feliz, fazendo o que quero.

“Seu ‘filho adotivo’,

João Manuel.”

“P.S.: também estou escrevendo para minha mãe, dando notícias. Não tenho previsão de voltar por enquanto.”

— Então entrei lá como num mundo novo — conta Alice lembrando, pensando na mentira, na sua mentira, que já começava a pesar-lhe por dentro como um fardo que se suporta no início mas vai se tornando incômodo, difícil de transportar e cada vez mais desnecessário.

— Para fugir dele depois — diz Francisca vendo o rosto inexpressivo da prima. — Há quanto tempo isso?

— O homem que amamos na adolescência é um mito que cultivamos — ela diz —, e cultuamos. Quando ele se torna nosso sem empecilhos, então é carne, e o possuímos.

Agora Jorge descia do pasto ouvindo longe o ladrido dos cães, que de momento a momento parava e recomeçava como na espreita da caça. Jorge parou e ficou ouvindo — já não eram os latidos o que queria ouvir mas outra coisa, outra coisa que trouxesse até ele a existência do ermo, pois tudo que o comprovava eram as coisas que via, mas além de ver essas montanhas, o céu recurvo, os arvoredos espalhados pelo vale e pelas encostas, desejava ouvi-las para estar certo de que não passavam de ilusão (já que não podia tocá-las e pareciam tão distantes quanto impossível ir até lá). “Mas eu já estive lá” pensa ele, “e já vi tudo aquilo de perto, e sei que existem de fato embora às vezes pareça que não”. Em algum ponto o ladrido dos cães recomeça, e um mugido sugeriu que havia algum bezerro acossado. O mugido era uma voz nova, uma esperança, e Jorge ficou atento para ouvi-lo outra vez, mas agora o que chegou até ele foi um grito que deveria ser de algum boiadeiro conduzindo o gado. “Deve ser no pasto da fazenda Arcoverde” pensou, pois apesar da distância as vozes se projetam e podem ser ouvidas de muito longe, levadas pelo vento. Mas depois tudo silenciou e ele não conseguiu ouvir mais os cães, o mugido, o vaqueiro aboiando. Uma brisa abriu-lhe a camisa desabotoada, e ouviu de novo alguma coisa, um rumor longínquo, e viu os arvoredos agitando-se, rebrilhando ao sol. Abaixo, entrevia o telhado da fazenda, as telhas encanoadas enegrecidas pelo limo, e dali provinha uma quietude de morte, pois nesse exato momento tudo ali estava imóvel e a casa parecia desabitada. “Estará habitada?” perguntou-se, pois, para ele, habitar uma casa seria algo mais que apenas morarem pessoas nela.

— Foi então — diz Alice — que percebi que não havia mais nada que me prendesse ao lado dele...

— Um mundo novo... há muito de ilusório nisso — diz Francisca sem se mover. E fica lembrando a casinha nos fundos de um armazém escuro cheirando a ranço aonde fora visitar a prima certo dia. Tivera de entrar por uma portinha lateral, atravessar um corredor entre fardos de cereais e carne-seca, linguiças, toucinho pendurados de um varal de bambu junto ao teto onde podia ouvir o zumbido das moscas; cujo chão em alguns pontos estava amarelo do fubá derramado de algum saco, e noutros apresentava nódoas negras e permanentes; para enfim sair num quintalzinho quadrado cercado de paredes altas. Ali, em pequenos canteiros, algumas florzinhas medrosas arriscavam-se a brotar, e podiam ver-se também uma porta e uma janela na parede dos fundos.

— Começou a ruir aos poucos com sua intransigência e seu orgulho descabido — diz Alice.

Mas não estivera sempre sozinha? — refletiu Clara, e quando pensava nisso, como adquiriria relevância o fato de ter sido adotada por alguém e nunca ter conhecido os pais! Não lhe haviam escondido isso, não lhe fize-

ram crer que fosse filha daquela mulher odiosa, mas tudo que sabia sobre si mesma é que vivera até os três anos num orfanato, de onde Estefânia fora tirá-la para, aos seis, interná-la num colégio para meninas. Dessa época as lembranças eram vagas — uns rostos, um ou outro acontecimento sem importância, as aulas monótonas pela manhã e pela tarde, o cotidiano árido e rotineiro... aquilo, reconhece agora, aquilo já era a solidão.

Crer em Deus lhe traria algum conforto? — e pôs-se a caminhar ao lado da cerca, no trecho em que esta começava a afastar-se da estrada, e olhando para o chão viu as raízes grossas das paineiras saltarem da terra, aqui e ali, mergulharem outra vez sob a grama e desaparecerem. Imaginou que aquelas raízes podiam estar agora sob a fazenda, no seu trabalho furtivo de solapar alicerces. Um dia apareceriam rachaduras nas paredes e talvez não soubessem a verdadeira causa, embora ela estivesse ali o tempo todo. “Mas é uma casa sólida demais” ela pensa, refletindo que as raízes não seriam suficientes para causar-lhe danos que ameaçassem sua estrutura. Resolveu sentar-se numa daquelas raízes, de onde podia observar o jardim e parte da estrada que se torcia e sumia numa descida. Um pouco mais além via-se um vale estreito, e a fita branca da estrada que prosseguia através; por ela chegava-se à vila, que não podia ser vista dali, nem mesmo do alto das colinas mais próximas.

— Trar-me-ia algum conforto acreditar nEle?

Onde estava a alegria?, perguntou-se olhando o telhado entre as árvores copadas, porque houve alegria naquela casa em outro tempo. Lembra-se de dona Rebeca, que o deixava brincar com os filhos quando criança, e pensando nisso conseguia absolvê-la, pois dona Rebeca também tivera suas horas de alegria e bom humor, seus momentos de bondade, e a seu modo fora feliz, como foram felizes Alice, Francisca, os outros... O que havia acontecido depois? Poder-se-ia com justiça creditar todo o mal na conta da velha senhora, uma mulher rigorosa em seus hábitos, presa a convenções próprias de seu nível social, e por isso tendo feito o que fez com Júlio, por isso impedindo que Alice fosse feliz? A alegria existiu ali quando dona Rebeca era jovem, quando ele era menino e podia brincar, mas principalmente quando a casa era próspera. Tudo se resumia naquilo: prosperidade. Porque uma casa próspera brilha, mas de onde a miséria se avizinha há escuridão. Um dia Alice lhe disse:

— Jorge, mamãe está doente e é preciso reduzir as atividades na fazenda para não preocupá-la — como se ele não soubesse há muito que o desmoroamento começara. Quando morreu a irmã de dona Rebeca, veio Alice outra vez:

— Jorge, já não nos interessa plantar ou ter tantos rebanhos — já não havia tantos rebanhos, ele pensou; ela porém não desejava admitir que a miséria batia à porta e que essa herança vinha tirá-la do aperto. Mas ela

continuou: — Vamos aplicar o dinheiro da herança a juros. A fazenda deve produzir o necessário para o nosso consumo e a manutenção dos colonos e suas famílias.

Apesar da respeitosa familiaridade entre ele e dona Alice, Jorge não se esquecia de que era apenas um empregado e que nada sobrara da camaradagem da infância, portanto só lhe cabia obedecer suas determinações como se nada estivesse acontecendo.

— Tudo que é meu está aqui — diz Teodoro detrás do balcão, mostrando o espaço exíguo onde passava seus dias, fazia suas contas e realizava seus pequenos negócios. — Mas não o tirei ilicitamente de ninguém — acrescenta com um orgulho cheio de despeito.

— Fazia-me sentir culpada — diz Alice. — Era como se me acusasse de participar dos erros de minha mãe.

— Ainda sou o filho do carrasco — diz Teodoro batendo com o pano molhado no balcão, esmagando moscas. — Lembre-se disso!

— E no entanto eu estava ali com ele porque o amava, e ele não percebia isso!

“Sra minha mãe:

“Informo que fui aprovado em primeiro lugar nos exames de fim de ano, e como prêmio ganhei uma viagem a sítios arqueológicos importantes. Por isso não irei ao Brasil este ano.

“Meus respeitos.

João Manuel”

E então ela já não vinha, já não procurava o refúgio. Há um mês sumira dali, mas o livro que lia na ocasião continuava caído no tapete, junto à cadeira, e esta permanecia no mesmo lugar sob a janela. Deixara assim as coisas intocadas, como se com isso pudesse reter sua presença, ou trazê-la de volta, porque esperava seu regresso como quem espera pela mão que lhe há de abrir a porta para que entre.

— Ana Luíza — ele murmurou na obscuridade de seu recanto, sentado no divã, e esse nome era não um sucedâneo do outro, o que lhe havia atormentado a vida, mas o nome verdadeiro sem o qual não teria mais que permanecer nesse recanto da casa, esperando a vida passar.

— Ana Luíza...

Fizera-o aturrido com aquilo que despertara em si de repente, conquanto só muito mais tarde pesasse sua ousadia. O livro caiu-lhe das mãos e ela ficou imóvel por um segundo, sem reação, sem luta, os lábios entreabertos... para fugir em seguida com um grito abafado e um olhar de súbito

pavor. Célio podia pensar com liberdade agora, não com o coração perdido ao vê-la junto à janela, ou trêmulo quando ela passava rente a si para alcançar um livro na estante esparzindo seu cheiro no ar, enquanto seus braços se roçavam; ou ainda quando, ao seu lado no divã, deixava-se estar em silêncio, algo recurvada e exibindo um princípio de seios delicados no decote minúsculo.

— Ana Luíza...

Viu dessa maneira apagar-se o brilho daquela casa ilustre, que noutros tempos suscitava comentários de admiração e agora de piedade. Diante disto que importância tinham os seus dentes perdidos, suas rugas, seu corpo macerado? Porque mais que isto era sua própria vida, que a construíra ali entregando-a como em holocausto a interesses que não eram seus mas lhe faziam sentir-se parte de tudo aquilo.

Aquelas atividades minúsculas a que se dedicava e com que preenchia sua existência já não tinham, de fato, importância alguma, mas persistia nelas porque fazê-lo era manter-se vivo: muita coisa havia passado, tudo estava diferente, mas ele permanecia de pé, e cada dia vinha como uma espécie de renascimento, ressurgindo em sua plenitude.

— Então ele tirou o lençinho do bolso — prosseguiu Alice, falando com Francisca —, o lençinho que você bordou com nossas iniciais entrelaçadas, lembra?, para que eu o presenteasse... enfim... Ele tirou o lençinho do bolso e limpou o balcão com ele, num gesto automático, enquanto olhava para fora, para a rua. Depois o amassou numa bola e o meteu outra vez no bolso.

Sua preocupação não era com seus pais verdadeiros, com seu nascimento obscuro, com o fato de ter vivido os primeiros anos num orfanato — nem na infância preocupara-se demasiado com isso, e não caberia questioná-lo agora, quase aos cinqüenta anos. Mas se nunca a havia preocupado conhecê-los ou pelo menos saber seus nomes (e jamais recorrera ao orfanato para colher informações — não tanto por indiferença, mas por um dom que nela despertara desde cedo: o de aceitar as coisas definitivas como definitivas, sem tentar mudá-las nem questionar como seriam se fosse de outra forma); sentir-se só a angustiava e era, talvez, a única coisa que não conseguia aceitar como definitiva, pois de alguma maneira que ela mesma não compreendia adquirira a inexplicável certeza de que não seria assim para sempre, e era por isso que, fugindo à regra, perguntava-se se tê-los conhecido, tê-los amado e feito parte de sua vida faria com que se sentisse amparada e segura (quanto a Estefânia, nunca chegaria a cogitar que se ela fosse diferente poderia dizer agora com tranquilidade: “Eu fui feliz, porque tive alguém comigo.”). Aninha não fora apenas um amor, fora a esperança de ter alguém consigo — uma esperança que persistiu por todos os anos em que viveu a esmo de cidade em cidade, de país em país, como quem procura

alguma coisa sem saber o que seja, e que corre o risco de não reconhecê-la quando a encontrar. Porque Clara em nenhum momento pensou que o que procuramos pode não ser o que queremos, ou ser diferente do que imaginamos.

“Deus talvez exista para os que crêem nEle” Clara pensa, “é uma abstração que depende da nossa vontade, e é de todo inútil.”

— Pois não era mais ele, não mais o mesmo — diz Alice —, por isso não restava mais nada a fazer a não ser vir embora. Ana Luíza tinha menos de dois anos então...

E este era um dos raros momentos em que Célio resolvia descer ao jardim, pois era tão natural para ele estar todo o tempo na biblioteca que estranhava deixá-la a essa hora (ainda vibrava na atmosfera imóvel da casa a badalada única do relógio da sala indicando uma hora e meia após o meio-dia), por isso chegando embaixo não saiu logo: deteve-se ali diante do relógio com seus ponteiros inflexíveis tecendo na voracidade dos segundos a trama do tempo, enquanto o pêndulo movia-se como o instrumento de um hipnotizador. Fizera essa associação por ter presenciado certa vez um hipnotizador demonstrar suas habilidades em público com um pequeno pêndulo de cristal brilhante, que movia diante dos olhos do paciente até pô-lo em transe. Mas Célio não ia muito além da mera associação, não chegava a figurar sua existência estagnada entre as paredes daquela casa como o resultado de uma hipnose alegórica cujo instrumento não seria por certo o pêndulo do relógio da sala, mas um outro que, em vez de oscilar diante dos seus olhos, permanecia imóvel dentro de si, para sempre imóvel, fixo, indestrutível como objeto de uma obsessão, impedindo-o de escapar. Nada disso tinha qualquer significado para ele, nem sequer vislumbrava essas imagens em seu espírito emparedado e obtuso, por isso, nesse momento de introspecção limitou-se a observar o pêndulo do relógio e relembra a experiência com o hipnotizador, perguntando-se o que fazia alguém entrar em transe.

“Onde está Ana Luíza?”

Junto a uma das janelas o piano continuava silencioso, e ao centro, sobre uma mesinha de mogno com tampo de mármore, algumas quinquilharias que a mãe trouxera de suas viagens. “Esse pequeno Buda de jade, por exemplo” ele pensa, devia ser caríssimo pois fora comprado num antiquário de Londres (ele era menino nessa época), e se lembra de como a mãe o exibia aos entendidos em arte oriental e antiguidades, que se detinham a examiná-lo com atenção e movimentos aprovativos de cabeça, mastigando resmungos incompreensíveis. Mas sua mãe estava morta há quase um ano, já não podia alegrar-se com a contemplação de suas miudezas preciosas, embora elas continuassem ali para alegrar os outros. “Quem há de alegrar-se com tudo isto agora?” disse consigo mesmo, desviando os olhos para uma cantoneira em pau-brasil que vinha dos tempos do seu bisavô, e sobre a qual, num pe-

destal de marfim, repousava uma outra estatueta, de uns setenta centímetros de altura e trabalhada em mármore branco, representando uma bailarina. A bailarina equilibrava-se sobre a perna esquerda, que se mantinha retilínea mas não tensa ou insegura, enquanto a outra perna estendia-se semi-erguida para trás num ângulo de 45°. O corpo curvava-se quase para a direita e para trás, muito pouco porém, de forma que observando-o sem atenção dir-se-ia estar quase vertical; o braço direito abaixado descrevia uma curva à frente dos quadris enquanto o outro, erguido com graça acima da cabeça, descontraía o punho, a mão, os dedos, num gesto lasso. A cabeça voltava-se para a direita, o queixo erguia-se, os olhos fitavam o teto (ou o céu?) como olhos de um pássaro que fosse alçar vôo, e tudo nela supunha leveza e equilíbrio. Olhando-a, que recebia a luz distante da janela, era como se a bailarina emergisse da sombra num rodopio ascensional que, no entanto, não se desprendera ainda do chão. Não a retinha o peso, a gravidade, nada reteria aquele vôo, mas o escultor executou sua obra situando-a nesse momento indefinível no qual não se voa ainda, mas também não se está mais preso à terra. Não era, porém, o alçar vôo de um pássaro, mas de um ser imaterial que só através da visão dos sonhos podia conceber-se, porque a estatueta não seria o retrato de um corpo mas de uma atitude, nem a imagem de um passo de balé mas de um movimento puro emergindo do fundo do Tempo. A certas horas do dia e sob certas condições de luz a escultura transmitia toda variedade de impressões latentes em seu ser, de modo que vista à luz plena, ou considerada sob o aspecto de sua perfeição formal ou de seu valor no mercado de arte, perderia o mágico encanto de que se via revestida. Célio nunca ligara importância para a peça, posta naquele canto há pelo menos três décadas e de onde nunca mais saía, da qual se acercavam os admiradores e conhecedores que freqüentavam as festas de sua mãe noutros tempos, e de resto nunca teve um olhar de maior interesse pelos objetos de arte com que Rebeca enchia a casa. Via-a contudo agora sob a condição ideal de luz, do ângulo correto de visão, e sentiu qualquer coisa tocá-lo mais fundo. Aproximou-se, detendo-se a dois ou três passos de distância, e pôs-se a contemplá-la, percebendo com surpresa que o rosto da escultura, apesar de pequeno, fora talhado com enorme precisão e não por acaso exibia tamanha beleza e harmonia de traços: tratava-se de um rosto adolescente e deveria ser um retrato — o retrato da mulher amada, talvez, pois só o amor poderia levar o artista a conceber uma obra de arte assim e dotá-la de vida, como a que se adivinhava pulsando sob a superfície do mármore. Se a tocasse nesse momento, pensa Célio, ela não seria fria e dura como a pedra — teria a calidez e suavidade da carne, mas tocá-la seria desfazer a mitificação dessas impressões, pois então sentiria a dureza e frialdade da pedra e a realidade destruiria o sonho. O calor e a vida daquele pequenino corpo imóvel mas flutuante, rígido mas leve e lasso como o de uma ave que plana, poderia

pressenti-los assim, olhando-o apenas e deixando-se levar pelo pensamento, e ao sentir-se tocado pela Beleza viu confundirem-se em sua mente dois rostos que faziam parte de sua vida: um provinha do passado, trazia consigo lembranças tristes e se havia convertido na vacuidade de uma recordação sem esperanças; o outro fazia parte de seu presente e suplantava o antigo com a força de sua proximidade, a certeza de sua presença. Mas a estátua — ou não a estátua, mas a visão em que se convertia — era intemporal, não estando presa à cronologia do calendário não se deixava levar pelo hipnótico movimento do pêndulo do relógio: seria real e irreal, seria de ontem ou de hoje, nova ou antiga, como símbolo estaria ali para dar forma ao sonho, concretude à ilusão. E, de uma maneira que não compreendia, Célio tinha umas noções confusas de tudo aquilo embora não o pudesse exprimir com suas palavras. Quando resolveu sair, afastou-se recuando pé ante pé, como se mesmo o ruído dos passos quebrasse o encantamento, e só deu as costas para sua visão já na porta: a distância, a estatueta já não passava de uma mancha branca no canto da sala.

— Então peguei minhas filhas e voltei — diz Alice. — Voltei, e ele ficou com sua intransigência, com sua mesquinharia, seu orgulho estúpido.

— Você devia ir embora — diz Francisca com veemência. — Deixar tudo isto aqui e partir para longe, viver. . .

Alice ouviu e ficou pensando. E enquanto permaneciam em silêncio o dia avançava com suas sombras projetadas, seus sons e a intensidade do tempo, de roldão, como avalanche. As duas mulheres abismavam-se, e de repente sentiram-se como num beco sem saída. Uma cigarra cantou num tronco próximo, outras responderam aqui e ali, espalhadas na relva (ou já estariam cantando há muito tempo e só agora eram ouvidas?); o sol brilhava com violência na plenitude do dia (Alice, contudo, olhava com interesse aquela árvore que crescera junto à casa, agora mais alta que o telhado. Que árvore era aquela a lançar seus galhos em direção da varanda, e quanto tempo estivera ali sem que lhe chamasse a atenção? “Por que vemos uma coisa todos os dias, e só a partir de certo momento ela nos atrai e nos domina?”) e, enquanto ali, com seu verde emurchecendo pelo calor, com seus pássaros dormitando nos galhos, o jardim parecia dormir também, em algum lugar a vida fervilhava em turbulência, em multidão, em vozerio. Mas onde? Onde? “Oh, onde?” Veio uma brisa fazendo estalar e ranger os galhos da árvore próxima à varanda, a folhagem agitou-se lançando sombras móveis no assoalho de madeira, e as duas mulheres acordaram: aquele intervalo de silencioso turbilhão não havia durado um minuto.

— Já não há lá fora muito que viver — diz, sem se voltar. — Você também poderia ter partido, mas não partiu.

Francisca ouviu a indiscutível verdade, e pensou em sua vida. O que fizera de sua vida, afinal? Temporadas que passava na fazenda, outras que

permanecia em sua casa na cidade; estas tornando-se mais curtas com o passar do tempo, aquelas mais longas, e se ali pouco ou nada tinha a fazer, fora dali teria alguma coisa? Chegou um tempo em que se viu cansada da vida social turbulenta, e recolheu-se. Não amou nenhum homem, e nem por conveniência pensou em casar-se outra vez. Não tinha disposição para viagens longas nem ânimo para evadir-se de seus limites, e aquilo era o que mais tinha em comum com Alice. Estremeceu: estava então condenada a essa existência inútil e vazia, a essa vida opaca, a envelhecer sem nada ter feito de que pudesse dizer “toda a responsabilidade disto cabe a mim” ou “de alguma maneira eu contribuí para que aquilo acontecesse, portanto tive minha fatia de participação”?

— Aninha. . . — repetiu Clara ainda o nome dela.

Porque não podia esperar vê-la de repente, surgindo do fundo de uma galeria em meio à multidão que ia às compras, caminhando em sua direção sem reconhecê-la. Tinha os cabelos um tanto grisalhos, formando um coque atrás, criara um papo sob o queixo rotundo e as bochechas flácidas caíam um pouco, mas os traços podiam ser descobertos sob essas deformações. Andava com certa pressa mas sem desenvoltura, não disfarçando o peso das passadas com as pernas gordas e os pés mal contidos nos sapatos apertados. Como pôde Clara apanhar de relance todos aqueles sinais, “e por que não fechei os olhos naquela hora, fugindo assim da visão?”

Aninha passou por ela sem vê-la, e era certo que naquele momento não pensava nela nem se lembrava dos encontros noturnos na biblioteca do colégio; saiu da galeria para a rua sem hesitar, com a segurança de quem sabe para onde vai; afastou-se misturando-se às pessoas que iam de um lado para outro, no vaivém interminável das vias públicas; perdeu-se de seu campo de visão, sumiu — enquanto ela continuou parada, olhando. Isso fora há quase doze anos.

“Foi a última vez que a vi” pensa sentando-se no banco sob a paineira, “há de ter sido a última. . .”

Pois fechando os olhos a mulher gorda sumia, e em seu lugar, sobre cuja pele branca esparzia-se a luz que vinha da janela, a imagem da menina meio nua pulsava. . .

Francisca pusera-se a contemplar o jardim, onde podia ver junto à cerca a prima Clara que se deslocava devagar em direção da paineira. Mas não era a prima Clara que via e, sim, esse conjunto de noções a que se dá o nome de jardim, e por trás esse outro conjunto que se chama vida.

— São tudo noções — diz, sem que Alice a compreendesse —, conceitos, apenas isso, não mais que isso.

Abriu os olhos e levantou-se do banco. Sim, na direção do rio passava alguém. Alguém. Uma mulher com um lenço vermelho na cabeça passava,

robusta, membros rijos e andar lento, gordo. Clara não acreditou. Não acreditou...

— Arredia, é isso — diz Alice chegando-se ao parapeito, vendo a filha aparecer junto à cerca.

— O que terá acontecido? — pergunta Francisca abrindo o portão e descendo o primeiro degrau.

Mas Clara desapareceu no pomar, e Ana Luíza agora seguindo a cerca aproximava-se das alamedas laterais.

— Evita-nos à hora do almoço — diz Alice debruçada no parapeito —, e o mais do tempo passa trancada em seu quarto.

— A prima Clara — diz Célio de pé, ao lado dos degraus da varanda —, não foi ela quem seguiu na direção do pomar ainda há pouco?

— Sim, também a prima Clara tem isso de querer isolar-se — Francisca comenta.

— Oh, sim, sempre que vem... — começa Alice —, nas raras vezes que vem... — mas volta-se para o irmão: — Não tem notado algo de estranho em Ana Luíza ultimamente?

Célio entrava na varanda. Deteve-se à indagação da irmã, e voltou-se para ela com tranquilidade.

— Ela tem-se mostrado um tanto arredia, não acha?

— Ela está bem, eu creio — respondeu, e antes de entrar acrescentou: — Não creio que deva voltar para o colégio. Pelo menos por enquanto. Sempre faz bem um bom período de descanso entre os estudos. Por outro lado já é uma moça, e mulheres não precisam estudar.

Entrando na biblioteca viu: era ela junto à vidraça. Olhava para fora e não percebeu sua chegada, enquanto ele se detinham no umbral. Célio teve dúvidas: ela iria voltar?, perguntou-se, o que se passa agora em sua cabeça? Pois havia transcorrido um mês ou pouco mais desde o beijo e ela se mantinha escondida, fugindo, e se acaso a via passar era como uma ave em seu vôo, e se ela o via baixava os olhos com rubor e escapava, deixando atrás de si só o ter estado ali e estar agora em outra parte, enquanto Célio continuava olhando por onde ela se fora, uma porta, um corredor, uma sala, para depois recolher-se ao seu sepulcro.

Mas não havia mais sepulcro porque ela estava ali outra vez, e percebia sua presença na porta sem esboçar uma fuga. Afastou-se da janela e parou a dois passos dele.

— Este livro — mostra um volume encadernado em grená —, vou ler em meu quarto.

Célio pôs-se de lado e ela passou, mas não fugiu — passou apenas, sem afobação, sem pressa, deixando a certeza de voltar.

— Há de ter sido a última...

Porque Clara, que a havia procurado nos primeiros tempos, guardando

sempre a esperança de reencontrá-la, não compreendeu tê-la perdido de uma vez por todas — não antes, na infância, mas depois, roubada pelo tempo, pela vida.

— Imaginá-la uma mulher madura... mas estar diante dessa mulher não é o mesmo que imaginá-la.

Eis a realidade, pensava, eis o que acontece, e lhe ocorreu então que de outra forma se dera o mesmo entre Alice e Teodoro, e assim era porque entre o que se sonha e o que se alcança há um vão.

— Onde é inútil tentar entender alguma coisa.

E contemplou à sua frente o coreto destelhado, o mato que ia invadindo com regularidade o gramado, e o pomar onde mesmo de longe podiam ver-se algumas árvores secas, outras aos poucos dominadas pelas parasitas, minguando...

— Como eu poderia ter aceito aquilo que não era meu — diz Teodoro passando pelo coreto, aproximando-se —, ou ter entrado numa casa que sabia proibida?

Porque Aninha também estava ali, à beira do rio, e voltando-se disse:

— Oh, quanto eu a esperei naqueles primeiros meses de separação! Talvez possa compreendê-lo se também teve saudades, se, como eu, também esperou...

— Não que eu não devesse entrar lá — diz Teodoro apontando em direção da casa, cujo telhado entrevia-se acima das copas do arvoredo.

“E ele foi embora” pensa Ana Luíza em seu quarto. Deitada, olha para o teto, acompanha com o olhar as linhas na madeira do forro, onde se viam também largas manchas escuras de envelhecimento. “Já faz um ano, mais de um ano, e nunca me escreveu.”

— Que ele mantivesse seu orgulho — dizia Alice sentando-se no primeiro degrau, à sombra do telhado. — Que no entanto não o deixasse como um obstáculo entre nós.

“Tio Célio também amou uma mulher, mas ela não o quis e foi embora. Também ele perdeu um amor.”

— Mas eu era só uma menina — diz Aninha.

“Só uma menina” pensa Clara afastando-se, “só uma garota naquela época. Depois uma moça, uma mulher. E envelheceu, e está envelhecendo...”

— Não que eu não devesse — ele prossegue —, só que aquele era o santuário dos Veiga Albuquerque, e eu não podia entrar lá porque estava impuro.

“E depois que Ana Lúcia foi embora... e também ele, eu fiquei sozinha” pensa Ana Luíza sentada na cama. Sobre a mesinha de cabeceira amontoavam-se livros com marquinhas de papel entre as páginas. Em cima do travesseiro, a brisa que vinha pela janela virava as folhas de um volume aberto.

— A biblioteca... — diz Ana Luíza em voz alta, mas consigo mesma, pois não havia mais ninguém no quarto.

E agora Jorge olha o lodaçal, as poças de água parada, insalubre, e de entre a taboa alta levantou vôo um bando de anus.

— Foi aqui — ele murmura, alheio às asas negras que ganhavam o céu, aos gritos estridentes que irrompiam na dormência da tarde que principiava.

Francisca descera os degraus, está de pé agora na calçada. “Mas havia o ressentimento, o ódio” diz, pensando naquele homem estranho que atormentara Alice com um amor inflexível e cruel, numa tentativa de explicar sua atitude e seu coração empedernido. Não era ele seu primo também?

— Que cultivasse esse ódio em seu coração — Alice diz —, mas que não me tornasse vítima dele.

E era aquilo que o entristecia e o deixava macambúzio num canto qualquer, quando se punha a pensar. Não pela ruína da casa de dona Rebeca, ou por seus dentes perdidos, mas por aquilo que se preservara em sua lembrança.

— Glenda morreu e eu continuei vivo — Jorge diz, falando sozinho. — Eu a amei e a perdi, mas o que seria dela se vivesse e escolhesse ficar ao meu lado?

— Que não tivesse perdido a sensibilidade — acrescenta Alice, secando as lágrimas que corriam.

— Talvez a tenham destruído com uma oferta de dinheiro — torna Francisca.

— Sim... uma oferta de dinheiro em troca de um amor.

Mas Rebeca não podia mais ser alvo de ódios ou recriminações, mesmo de vingança, tranqüila e ausente na dormência e na podridão de seu túmulo. Rebeca estava a salvo agora.

— E então eu cresci e me tornei mulher e amei um homem — Aninha era uma mulher sem beleza, mas possuía um ar de saúde e alegria no rosto cheio e corado. Teria tomado as mãos de Clara nesse momento, Clara, que se aproximava devagar do coreto em ruínas.

— Queria saber se o tio Célio ainda a ama, depois de todo esse tempo — diz Ana Luíza folheando o livro sobre o travesseiro. — Queria apenas conversar com ele um pouco, pois ele é muito sozinho, e eu... eu também, embora ainda tenha mamãe.

Mas aquele que permanecia ali, imóvel, de olhos fixos no telhado visível acima das copas, era Teodoro.

— Não os meus pés estavam impuros, não o meu corpo, não a minha boca em que pusesse algo de sua mesa ou por onde saíssem minhas palavras...

— Ninguém se preocupou com ela — dizia Anita para suas panelas,

para o fogão, para as paredes. Falava sozinha. — Foi como se apenas Júlio tivesse ido embora.

— Mas ainda assim — diz Alice à prima —, que não perdesse a ternura.

“A ternura” ela pensa, “a ternura... O quanto isso se transforma com o tempo! Quanto nos iludimos!” E Francisca se lembra de sua ternura por Olivério, de seu ressentimento e de como se negou a ele depois, quando as noções de ternura, amor, compreensão, se haviam desfeito por completo.

— Olivério pode ter morrido por minha causa — diz.

— Agora as coisas estão em bom caminho — exclama Rodolfo Gonçalves com satisfação. — É bom trabalharmos com prazer e alegria. Veremos florescer e frutificar o esforço despendido.

— Então me casei com Anita — diz Jorge com um suspiro, coçando a cabeça devagar. Parecia perguntar-se por que havia se casado. — Casei-me e pensei que teria uma família, mas não tive porque não tive filhos.

Diante dele: o brejo, o charco, e a vegetação a ondular à intermitência do vento brando que sobrevinha. Mais próximo, na parte mais profunda e ainda não invadida pelo assoreamento vagaroso da lama fina, a água tremia, formando uma superfície granulosa, opaca, enquanto sob o ar parado podia ver-se o reflexo refulgente do sol, o azul do céu sem nuvens — mas o pôr-mar, que veria bastando volver os olhos para a direita, estava cheio de árvores mortas.

— Entretanto — Anita fica de mau humor ao lembrar-se da irmã, que fora embora com Júlio mas de quem não se falava —, também minha irmã partiu, embora para os outros seja como se ela não tivesse existido. Essa é a mágoa que tenho desta casa — e arremata: — Que importância tem uma criada?

“Queria ouvi-lo falar daquela mulher” pensa Ana Luíza folheando o volume sobre os joelhos. “Queria saber que amor foi esse que o tio Célio sentiu por ela.”

— Mas o meu nome — diz Teodoro concluindo —, que nele residia toda impureza. Porque também eu era um deles, e isto, isto ela nunca haveria de aceitar. Por isso fui mantido a distância, não esquecido mas afastado, não ignorado mas temido como peste.

— E casei-me com esse homem e tive uma casa, e tive filhos também — dizia Aninha margeando o rio em direção à ponte. — Tive o que uma mulher deseja ter como um direito inerente à sua vida, não o luxo, não a vaidade da ascensão social, não o nome nos jornais...

Mas Joaninha Gonçalves nesse momento estendia uma toalha na mesa, enquanto na saleta, jazendo em silêncio, aquele que fora o seu homem aproximava-se da morte.

— Este foi o meu casamento — disse, enquanto recompunha a mesa

com o jarro de louça e os copos em volta, onde a luz viva que entrava pela janela ia bater com fulgor.

Joaninha deteve-se avaliando a nova arrumação, pois sempre lhe agradara a ordem doméstica, cada coisa em seu devido lugar, e quando podia contemplar a mesa com a toalha limpa, o jarro e os copos dispostos em círculo, ou a cristaleira onde reluziam os cristais lavados, sentia-se satisfeita como se nada lhe faltasse.

Mas ao entrar na saleta viu a cadeira de rodas, deparou com o olhar de seu marido enfermo, e enquanto sentia borbulhar dentro de si uma onda de desencanto e piedade, sobressaía a esses sentimentos uma indagação que não se atrevia a fazer em voz alta: “Quando irá morrer, enfim?”

“E o que era eu, o filho do carrasco, senão o portador de um nome impuro?”

A rua diante do armazém está quase deserta. As moscas zumbem nos varais onde se dependurava o toucinho, e dentro da vitrine onde acomodara as caixas de goiabada. Detrás do balcão, num tamborete e com a testa molhada de suor no ar abafado do ambiente estreito, Teodoro espera um ou outro freguês, e pensa.

— E que culpa eu tive, Francisca? — diz Alice secando as faces com as costas da mão. — Teria de ser punida por causa de minha mãe?

No entanto, Francisca pensa, não teria tia Rebeca sofrido sua parcela de punição? Estaria, ou esteve em algum momento, livre do castigo? “Não, não pôde esquivar-se ao castigo” ela pensa, e o diz à prima:

— Tia Rebeca não se esquivou ao castigo.

— ...mas filhos — prosseguiu Aninha enquanto Clara voltava-se para ela, para o que dela lhe trazia sua imaginação obstinada, de dentro do coreto destelhado. — Sim, filhos, para dar continuidade à vida, como compete a toda mulher — e agora Aninha atravessava não a ponte sobre o rio mas alguma rua movimentada na metrópole, talvez a caminho de casa onde a esperavam para o lanche um marido que se distraía com a leitura do jornal, e filhos, adolescentes ou adultos ou quem sabe já casados dando por sua vez continuidade à vida, como ela pregava. E alcança o outro lado da rua, e se mistura aos transeuntes, confunde-se em meio deles, dobra alguma esquina ou entra por alguma porta, e desaparece...

“Não a verei mais.”

— E que outro homem poderia desposar? — Anita continua resmungando, enquanto varria a calçada dos fundos. — Uma mulher chega à idade adulta e se casa, por imposição da família ou por hábito. Eu não tinha família, mas havia o hábito...

“Por que o tio Célio me beijou?”

“Ana Luíza” — deitado no divã, com os olhos fechados e um braço cobrindo o rosto, Célio murmura: “Volta, Ana Luíza! Volta!”

“(…)

“E enquanto me preparo para a viagem vou fazendo as malas e pensando nesse destino engraçado que nos leva daqui pr’ali com a facilidade com que o vento move as folhas secas sob as árvores. Hoje me preparo para visitar a Ilha de Páscoa, dobro as últimas camisas e as arrumo na bagagem; logo estarei recolhido para dormir, pois embarco pela manhã bem cedo. Mas amanhã — onde estarei amanhã, daqui a cinco ou dez anos onde estarei? Irei por acaso conhecer o mundo, escavar sítios arqueológicos à procura de ossos, ver a história de perto, ou estarei casado e vivendo cercado de filhos como um burguês de província?”

“Por mais que não desejemos algo, se isso tiver de acontecer, acontecerá, mas hei de fugir dessa perspectiva o quanto puder, pois sinto que meu destino é o mundo e não a estreiteza de uma vida em comum com uma mulher, numa mesma casa, numa mesma cidade, sempre, sempre... O que a senhora estará pensando de mim? Que seria muito melhor se eu sossegasse o espírito, quase chego a ouvir sua voz dizendo essas palavras, pois o melhor que podemos esperar dos que amamos é tê-los conosco, e compreendo que a senhora muito desejaria que eu estivesse aí, ao alcance dos seus olhos. Entretanto, por mais que eu sinta saudades, uma vida estacionária haveria de sufocar-me.

“O que pensa minha mãe sobre isso? Não sei, e não tenho coragem de perguntar, pois o mais estranho é que, se antes me constrangia sua presença, quando vivíamos juntos (e então nossos diálogos eram formais e vazios), agora me constrange saber que minha mãe existe, e se me disponho a escrever-lhe, mesmo longe dela não consigo pôr-me à vontade, falar como falo à senhora, e sinto que se o fizesse estaria sendo falso. Por isso torna-se impossível entre mim e minha mãe um diálogo aberto e franco como o nosso nas cartas que trocamos, já que também ela não consegue vencer a distância que nos separa. Quando lhe escrevo, são cartas cerimoniais, fórmulas gastas e sem o calor do afeto, impessoais como nota de jornal.

“(…) Sinto que eu e minha mãe estamos para sempre afastados um do outro. (...)”

— Vamos descer — diz Francisca seguindo pelo gramado em direção à parte baixa do jardim.

— Vamos nos sentar sob a paineira — propõe Alice.

— Ah, sim — Francisca concorda —, o sol está mesmo quente. Creio que fará calor toda a tarde.

— Quanta coisa fazemos durante um dia — diz Alice. — Também pudera — acrescenta —, começamos nosso dia bem cedo.

Mas agora Francisca pára um momento ao sol e fica olhando a fachada sem brilho da casa. De longe as paredes eram brancas ainda, mas já se podi-

am notar manchas nos lugares em que a cal descascara. As janelas do segundo pavimento estavam todas fechadas, exceto as da biblioteca.

— Ali era o quarto de mamãe — diz Alice, que ao lado da prima contempla a velha fazenda. — Faz tempo que não entro nele.

Detrás da vidraça semi-aberta da biblioteca, pôde ver-se um vulto meio afastado, como de alguém que observasse o jardim.

— Célio — diz Francisca. — Coitado, passa os dias ali, como se a vida fosse apenas isso.

— Tio Alberto costumava trazer sua cadeira para perto daquele canteiro e ficar tomando sol todas as manhãs — diz Alice. — Lembro-me de sua camisa branca.

— Haverá mais alguém com ele lá? — pergunta Francisca, que pensou ter visto uma sombra mover-se próximo à janela da biblioteca.

— Hein? — faz Alice, erguendo o rosto. — Com quem? Célio? — e lembrou-se de sua birra antiga com o irmão, a quem considerava um perfeito idiota. Houve uma época em que chegara a detestá-lo, mas depois passou, depois cada um isolou-se em seu calabouço particular e os ímpetus de antipatia e aversão se atenuaram. Pensa nisso sem remorso, pois que mal fizera ao irmão o que acaso pensara a seu respeito? Célio alguma vez o teria notado?

— Não, não creio — diz Alice consigo mesma, em voz alta.

— O que disse?

— Hein? Oh, nada... Lembrava-me de outros tempos... de quando eu não gostava muito dele.

— Dele?

— Célio — sorri. — Houve uma época... bem, você sabe. Eu não tinha nenhuma admiração por ele.

Francisca volta a caminhar, tomando a prima pelo braço.

— Não creio que ele o tenha percebido — Alice diz. — Era o que eu estava dizendo. — Então pára e olha para a vidraça da biblioteca, de onde ele ficava a espiar o jardim. Mas a vidraça estava fechada agora.

— Não estava aberta ainda há pouco?

Francisca sentou-se no banco sob a paineira, que espalhava com sua vasta galharia uma sombra ampla e refrescante. Acima, o vento agita os galhos com um rumor quase imperceptível. Alice, de pé, contempla o jardim em abandono. Que sentimento lhe despertava tal visão?

— Não tenho vontade de mudar isto — diz. — Pouco me importa o que há de restar disso tudo.

— Talvez um bom jardineiro, trabalhadores eficientes...

Alice faz um gesto de enfado e senta-se, com um muxoxo, ao lado da prima.

— Não vale a pena — diz.

Então Francisca se lembra de que ainda há pouco Alice falara do tio Alberto, que vinha para o jardim todas as manhãs tomar sol.

— Você falou no tio Alberto — diz.

— Falei nele, como poderia ter falado em tia Ludmila ou em tia Estefânia.

— Não é a mesma coisa — diz Francisca. — Apreendi a ver no tio Alberto uma pessoa muito especial, e quando ele morreu era ainda essa pessoa que eu amava sem restrições.

Alice move a cabeça, pensando que pouco importavam o tio Alberto e suas trapaças, porque ele estava morto e aqueles a quem roubou decerto morreram também: vão fora o gesto de roubar, que não lhe trouxera a imortalidade ou outro atributo especial, e vão fora o gesto de se deixar roubar (ainda que involuntário) pois tudo se resumia no mesmo.

— Decerto já terão morrido aquelas pessoas — diz Francisca pensando nesses parentes que Júlio descobrira pobres em uma cidadezinha distante.

Alice fecha os olhos e de repente julga ouvir um vozerio de crianças no pomar.

— Você ouviu? — deixa escapar.

— Ouviu o quê?

Abre os olhos. O gramado vibra sob o sol tórrido das treze horas. A folhagem das árvores parece murcha e sem brilho. Sobre a pontezinha, Clara debruça-se no corrimão.

— Tive a impressão de ouvir os mesmos sons, o mesmo vozerio dos meninos quando brincavam no pomar.

Francisca olha na direção do pomar. Avista Clara sobre a ponte.

— Mas já não há meninos aqui — diz Alice.

— Em que estará pensando a prima Clara, assim entretida? — Francisca indaga.

Olhando a prima sobre a ponte, Alice se recorda do dia em que conversara ali com tia Ludmila. Ela lhe dizia para jamais permitir que lhe roubassem a felicidade.

— Tia Ludmila só não sabia de uma coisa...

— Hum? — Francisca não compreende.

— Que um ladrão quando vem não avisa, para que nos prevenamos. Assim, quando nos roubam nossa felicidade, não estamos prevenidos para evitá-lo.

Célio ouviu os passos no corredor e afastou-se da janela. No jardim a irmã e a prima seguiam para o banco sob a paineira, e se detinham olhando as janelas do segundo pavimento. No corredor era Ana Luíza — só podia ser ela, mas os passos haviam silenciado. Aos poucos ela voltava, quieta, apreensiva talvez, talvez curiosa. Já entrava de novo ali sem se importar com sua presença, algumas vezes não dizia nada, outras se referia a certo livro

que não encontrara. Se ele lhe estendia o livro, ela o recebia e se afastava sem retraimento. Durante dias mantinha-se ausente, até que reaparecia. Por vezes sentia sua presença, ouvia seus passos no corredor, mas ela não vinha; talvez hesitasse em entrar, e numa dessas ocasiões saiu para o corredor. A sobrinha estava parada a poucos metros da porta, com um livro na mão; olharam-se nos olhos, mas ela baixou os seus e se afastou, apressada, enquanto ele permaneceu ainda ali por muito tempo, pensando.

— Eu poderia ter-me casado com o Rodolfo Gonçalves, por exemplo — dizia Alice. — Agora ele parece interessado em você.

— Ora, em mim! — exclama Francisca. — Estou velha...

Jorge passa rente à casa, com uma enxada no ombro. Anita o acompanha, gesticulando, mas falava baixo e as duas mulheres não puderam ouvir.

— Jorge amou Glenda em sua adolescência — diz Alice. — Tia Ludmila a teria dado a ele, que a ela só interessava a felicidade da filha.

— No entanto, tudo aconteceria de outra forma — diz Francisca, perguntando-se se Glenda teria sido feliz casando-se com Jorge.

— Para Glenda não houve remédio, mas para Jorge sim. Para mim houve, para o Rodolfo também, e mesmo para você. Não importa qual tenha sido o efeito desse remédio.

— Os remédios por vezes amargam, por vezes fazem mal ao invés de curar — diz Francisca com pessimismo.

— Mas Júlio não deu mais notícias, sumiu e não se sabe o que foi feito dele. Ele buscou o seu caminho e o encontrou. Eu encontrei o meu e você o seu. Mas não será hora de pensarmos nisso outra vez?

— Haverá ainda no que pensar? — replicou Francisca.

— Mas que rumos posso dar à vida agora? — diz Célio para si mesmo junto à vitraça da biblioteca, olhando o jardim. Dali podia ver a irmã e a prima conversando sob a paineira, e percebia que eram agora duas senhoras, quando há bem pouco tempo, “ainda hoje de manhã” pensa com certa ironia, eram adolescentes, meninas que passeavam pelo jardim sem outra preocupação além da de ser feliz. Então Célio refletia que sua vida, reduzida àquela casa, aos limites daquelas paredes, prendia-se a um sonho. Esteve uma vez na Europa, mas estivera lá de fato? E por que estivera lá? Mas Célio não sorri, pois visitara a Europa quando jovem perseguindo uma visão e o que se seguiu foram as paredes daquela casa fechando-se ao seu redor. Haveria outro caminho agora, aos quarenta e cinco anos, quando via a vida como um muro cinzento e igual, sem nada além da regularidade de sua forma, do retilíneo do seu traçado que em algum ponto se interromperia, como num súbito corte?

Então ouviu passos no corredor e os reconheceu. Estaria ali seu caminho tardio?

— E terá havido um remédio para Teodoro? — diz Francisca de inopi-

no, após o vácuo que se formara quando Alice terminou de falar.

Alice pensou em Teodoro atrás do balcão, no armazém da vila, entre os sacos de farinha, de arroz, cheirando a suor e ao ranço das linguiças penduradas nos varais de madeira, esperando os fregueses. “Ele deve estar atendendo alguém agora” ela pensa, “pesando um quilo de carne-seca, ou servindo uma dose de aguardente...”

Alice levantou-se do banco incomodada por esse pensamento e pela pergunta de Francisca, e caminhou até a orla de sombra que a árvore projetava. Girou sobre os pés num movimento brusco, os olhos muito vivos e os lábios entreabertos para uma resposta que não houve.

— Talvez o meu remédio tenha sido minha revolta — Teodoro diz, na orla de sombra.

— Talvez as portas estivessem abertas — diz Alice àquele homem que amara em sua adolescência, mas que se havia transformado num quase velho de cabelos ralos e barba por fazer, gordo e suarento, de cenho franzido e maus modos —, mas você preferiu manter-se alheio, afastado, ao relento.

Agora ele está do outro lado da cerca cujos arames haviam enferrujado e os moirões apodrecido. Ele está sob o sol na estrada poeirenta.

— Em nem toda porta aberta pode-se entrar — ele diz.

— Ele entretanto fora convidado a entrar — diz Alice à prima. — O que sobrou do amor que sonhei?

Mas ele não está mais ali, nem à orla de sombra da paineira, nem do outro lado da cerca, nem na estrada. Alice e Francisca estão sozinhas no jardim.

— Você acredita que haja outros rumos? — diz Francisca.

Entretanto alguém vinha pela estrada, a cavalo. Uma mulher, com uma sombrinha aberta sobre a cabeça, e vestida em cores alegres.

— Quem é...? — diz Alice erguendo o busto num movimento de surpresa.

Francisca se levantou do banco ainda a tempo de vê-la passar. Um preto puxava a alimária, e atrás outro preto puxava um burrico carregado de malas.

A mulher passou espiando o interior do jardim, mas pareceu não ter visto as duas senhoras sob a paineira, e logo desapareceu, oculta pelas árvores altas.

— É ela — diz Francisca com espanto.

— Sim — Alice confirma, não menos surpresa —, e anuncia a todos no que se transformou.

— Volta agora, mas com que fim?

— E Célio? O que há de fazer quando souber que ela está de volta?

Anita também a teria visto?, pensa Francisca ao ver a “rival” surgir na varanda com uma vassoura. Bem, agora Anita empunha sua vassoura, e

Francisca sente certo prazer de desforra observando-a. Era sempre uma criada, apesar de ter-lhe roubado o filho, e se valia como desforra também, o nome que haveria de figurar em todos os lugares do mundo onde João Manuel se identificasse seria o seu, não o dela, da “rival”.

— Não é nobre esse tratamento que você lhe tem dispensado — censura-a Alice. — Nem muito coerente a essa altura.

Francisca faz um muxoxo e apruma o peito.

— E esse não é o seu natural, prima — Alice acrescenta noutro tom.

— Surgiu-me de repente — Francisca diz, enquanto olha Anita descendo os degraus da varanda.

— O quê? — Alice olha a estrada, vazia após a passagem de Rosinha Gonçalves. Volta-se para a prima. — O que lhe surgiu de repente?

— Ou terá se formado de maneira gradual até fazer-se sentir? — continua Francisca. — Até eu me dar conta?

Anita varria a calçada. Jorge apareceu no oitão da casa. De longe não se podia perceber seu ar cansado, de envelhecimento precoce, mas a lentidão dos seus passos traduziam desânimo. Pára e fala qualquer coisa à mulher.

— Essa minha... aversão por ela — diz Francisca. — No início era só... não sei bem definir, talvez um pouco de ciúme, talvez algum despeito...

“Sra minha mãe:

“Remeto-lhe a presente após uma manhã inteira de estudos cansativos, portanto não me vou estender. Desejo informá-la e aos demais que, dentro de três semanas, caso-me com a Srt^{te} Brenda Parker, uma moça que conheci na universidade. Pedimos sua bênção e a compreensão de todos por não podermos visitá-los em breve. Seu filho, que, com respeito, etc.”¹⁴

— Ali estão todos — Célio diz, olhando o jardim pela janela da biblioteca. — Ali estão os últimos personagens — acrescenta como se mais alguém pudesse ouvi-lo, observando a irmã e a prima à sombra da paineira, acomodadas no banco. “A figura de dois fantasmas” ele pensa, e agora vê Jorge atravessar o gramado onde o mato crescia, e supõe que Anita estaria embaixo, sob o beiral, pois ouvia um barulho de vassoura na calçada. A casa estava quase vazia, os roçados também, tudo parecia ruir aos bocados, e partilhar desse desmoronamento silencioso e traiçoeiro aviltava, ele pensa olhando agora a mão apoiada no peitoril, as unhas irregulares, os dedos magros e curtos.

A casa não tinha mais criados, a não ser duas negras para a limpeza e o serviço pesado da cozinha. Diversos aposentos foram fechados, já que não se usavam há muito tempo, e nos currais, nas plantações, com a partida dos colonos, rareava o braço para o trabalho. As terras tornavam-se desertas.

— Decisão de minha irmã — Célio diz, lembrando que com a herança de tia Ludmila aquela casa poderia voltar ao que fora, mas Alice não desejou reacender a chama e ele não se animou a contradizê-la. “Estivemos perto da miséria”, embora o incomodasse pensar na miséria e se sentisse perturbado ao lembrar que a vira aproximar-se com os prejuízos dos últimos anos e a perda das plantações assoladas pela doença, os recursos que restavam sendo gastos, os provimentos esgotando-se, e ele sem saber o que dizer à irmã. Enquanto vivia, Rebeca não conheceu a real extensão da ruína que os ameaçava, poupada desse desgosto por causa da enfermidade. Apenas ele e Alice se defrontaram com o perigo, mas se mantinham quietos como se esperassem pela sorte. As sobrinhas eram mantidas no colégio com os últimos recursos, e se nada acontecesse para reverter a situação em breve teriam de depender de Francisca, ou da prima Clara.

Um dia chegou-lhes um envelope com uma tarja: compreenderam então que estavam salvos.

— Mas a apatia tornara-se crônica — diz Alice —, a insegurança, o medo...

“Mas a apatia havia-se tornado crônica” Célio pensa espiando o jardim, “não tinha mais jeito.”

— Vai fazer dois anos que João Manuel viajou — diz Francisca, decepcionada. — Não, um ano e meio... e agora, sem mais nem menos, chega essa carta anunciando seu casamento.

— O fim — murmura Célio vendo Jorge conversar com Francisca e Alice sob a paineira. Jorge, Jorge, com quem brinquei neste mesmo jardim, neste pomar tomado pelo mato, no açude... — O fim — ele pensa. Então era aquilo?, pergunta-se, não haveria nada além?

Jorge seca o suor da testa com as costas da mão e aponta alguma coisa além do pomar. O que havia além do pomar? O açude, os cafezais mortos. Os currais ficavam mais à direita mas muito distantes para serem vistos dali, e os estábulos... “só uma parte dos estábulos continua de pé, e também não há mais cavalos...”

Foi então que um som de passos anunciou sua chegada, e Ana Luíza surgiu à porta da biblioteca. Mas ali estava a menina, pensaria Célio mais tarde, muito pálida e trêmula como se fosse chorar.

— Tia Francisca recebeu carta dele — ela diz, retendo o choro. — Anuncia para breve seu casamento.

Célio, admirado, continua junto à janela. Ana Luíza avança em sua direção, mas pára de súbito.

— E agora? — ela pergunta com voz rouca, vendo-o que se aproxima e se acerca de si como a envolvê-la, e julga compreender que nele, nesse tio meio velho e retirado do mundo, encontraria um abrigo acolhedor e seguro.

— Célio estava à janela da biblioteca — diz Francisca. Alice e Jorge o-

lham nessa direção, “mas ele acaba de sair de lá” ela acrescenta, “já não há ninguém à janela”.

— Parece que há mais alguém com ele — Jorge diz, pensando ter visto uma sombra passar em frente à vidraça.

— Talvez seja Ana Luíza — diz Alice —, ela costuma ir à biblioteca, ou para ler ou para conversar com o tio.

Para Célio, contudo, não estaria ali seu caminho, sua via de escape? E segurou as mãos da sobrinha, apertando-as entre as suas. Tomou-a para si, deitando-a no tapete.

“Quando não se tem mais nada” ela pensa, “entrega-se... entrega-se...”

A casa parecia dormir no calor do início da tarde, no torpor do mormaço, flutuar na quietude.

Mas havia os outros, lembra-se, onde estavam os outros? “Em algum ponto da casa, no jardim, longe, longe...” Mas o que importavam os outros agora, Célio pensa reclinado sobre o corpo da sobrinha que o fita com espanto, se ela estava ali consigo? E embora ela tente soltar-se de suas mãos, afastar seu corpo de sobre si, não o fazia para que essas mãos mais se impussem e esse corpo mais a subjugasse? E por que não grita senão para não quebrar o encantamento, a mágica quietude da casa à hora do mormaço em que tudo flutua? Então é assim, ele pensa, então é isso, pois via desenhar-se no rosto da menina a surpresa e a dor, viu que se lhe cerravam os olhos mergulhando-a nesse poço escuro onde tudo se submetia ao domínio dos sentidos, que deveria ter sido assim, ela pensa, ela grita — mas para dentro de si mesma, pois a única coisa a romper o silêncio eram os ruídos da luta, a respiração arfante e acelerada de ambos, e seria desse jeito, ela diz baixinho sentindo-o mover-se com violência, no momento em que foi tomada e invadida pela glória celestial e ouviu cantarem os anjos: momento de ímpeto e fúria, inacreditável e tempestuoso que, por fim, ia serenando, diminuindo, desfazendo-se num cálido abandono ao repouso.

Agora arfavam lado a lado no tapete, olhando o teto. Aquilo era para ele um começo tardio, Célio pensa, mas não sabia um começo de quê. Teria continuidade? Aquele episódio aterrador haveria de repetir-se? Sentia ao seu lado o corpo mole da sobrinha, estirado no chão, e percebia-lhe o busto subindo e descendo no ritmo da respiração ofegante. Mas Célio não pensava nela agora, não pensava em ninguém, em nada, nesse intervalo onde tudo à sua volta se dissolvia para ir-se reconstruindo pouco a pouco quando sua percepção das coisas aclarava outra vez.

Notou o movimento que ela fazia, erguendo a mão: havia sangue em seus dedos.¹⁵

— Bem, achei que a nossa Joaquina precisava de um pouco de diversão — dizia Rodolfo apoiando as mãos, sobrepostas, no castão da bengala.

— Uma idéia que muito nos agrada — diz Alice levantando-se para ce-

der lugar a Joaquina Gonçalves, que tinha as faces muito coradas por causa do calor. “Mas ela está lá” pensa Alice, “há uma semana que voltou. Irão comentar o fato?”

— Vocês não vieram caminhando, não? — pergunta Francisca.

Joaninha acomoda-se no banco ajeitando o vestido.

— Vim bem poucas vezes aqui — disse.

— Não terá muitas lembranças, não é? — diz Alice.

— Pelo contrário — Joaninha ergue a cabeça, compenetrada —, lembro-me bem. Lembro-me, por exemplo, de seu baile de quinze anos, Alice.

Alice estremece. Estava longe agora de pensar nessa data que, para ela, parecia não ter existido, “tive quinze anos alguma vez?”, e de súbito Joaninha lhe recorda, fala dela com a simplicidade e o desprendimento de quem não é afetado pelos acontecimentos. No entanto Joaninha havia sofrido, sofria ainda com seu marido enfermo. Devia imaginar que ela, Alice, fora mais feliz, e falava desse dia festivo como se ele não tivesse passado.

— Foi uma festa memorável! — exclamou Rodolfo com um gesto largo. — E como a senhora estava bela, dona Alice.

— Oh — fez Alice com um sorriso, corando um pouco e desviando os olhos.

— Lembro-me do jardim todo iluminado por lampiões — continuou Joaninha —, e a sorte foi ter feito uma noite limpa e sem vento.

— Não me recordo se havia lua — diz Rodolfo pondo a mão fechada sobre os lábios, baixando um pouco a cabeça.

— Havia lua — diz Francisca —, disso eu me recordo bem. E sabem por quê? — faz uma pausa para despertar o interesse dos outros, e continua: — Aconteceu um fato curioso naquela noite, não me lembro de ter comentado sobre isso com Alice...

— E o que foi? — pergunta Alice.

— Durante o baile houve um momento em que eu saí para a varanda. Havia gente em todos os lugares, e, Joaninha está certa, foram postos diversos lampiões para iluminar o jardim. No momento em que saí para a varanda, vi tia Rebeca junto àquele canteiro. Havia um arbusto ali. Um dos lampiões havia-se desprendido do galho do arbusto e caído, apagando-se. Tia Rebeca, por isso, repreendia um dos negros dizendo: “Não podemos contar apenas com a luz da lua. Vá acender este lampião e prenda-o bem da próxima vez.”

Francisca mordeu os lábios, depois olhou sorrindo para a prima e os amigos. Deixa tombar a cabeça um pouco de lado, lembrando.

— Mas tia Rebeca não se alterava — ela diz ainda —, repreendeu o criado com seu tom de voz altivo e comedido, mas que não permitia contestação.

Alice olha para o canteiro onde um velho manacá sobrevivia, mas o ar-

busto mencionado por Francisca não existia mais. “Minha mãe esteve ali naquela noite” pensa Alice, “e repreendeu um preto porque o lampião havia caído.”

— Há certas lembranças que persistem — comenta Rodolfo Gonçalves. — Eu mesmo lembro-me que certa vez... — e seguiu contando um episódio qualquer que Alice ouviu com desinteresse porque a imagem da mãe junto àquele arbusto reprimindo um criado, certa noite trinta e dois anos atrás, impunha-se ao seu pensamento.

Mas Célio não vira Rodolfo Gonçalves e a irmã chegarem, porque estivera deitado nessa última meia hora pensando no absurdo de sua vida. É com aflição, impaciência, que se levanta do divã e chega à janela, e estremece, porque os via ali agora conversando com Alice e Francisca sob a paineira, e vê-los reforçava essa outra imagem obsidiante que uma vez mais vinha atormentá-lo.

— De uns tempos para cá Rodolfo passou a vir aqui — disse consigo mesmo para poder ouvir a própria voz, e ter a impressão de não estar só. — Estará interessado em Francisca?

Então se lembrou de Ana Luíza.

“Agora eu sou mulher do meu tio” — Ana Luíza está em seu quarto, recostada na guarda da cama com as mãos entre as coxas.

Pensou na mãe.

Tinha vontade de dizer-lhe essas mesmas palavras, para ver que tipo de reação teria. Talvez ela sorrisse franzindo a testa e encarando-a curiosa, e só depois de compreender que a filha não brincava mostrar-se-ia alarmada. Então haveria de chorar.

— Mulher de meu tio — ela repete, mas uma das pretas que ainda restavam para os serviços da casa entrou no quarto neste momento com uma vassoura, um balde com água, um esfregão.

— Não quero que limpe o meu quarto agora — ela diz, e a preta fica parada, indecisa, com o balde numa das mãos, a vassoura na outra, olhando a filha da patroa com ar estúpido. “Vou dizer para ela” pensou Ana Luíza, “vou contar para essa preta que eu sou mulher do meu tio agora.”

A preta, sem responder, fez um movimento para sair.

— Espere — diz Ana Luíza.

“Foi nesse mesmo dia” Célio pensa, “naquela mesma tarde que eu soube”, e como numa interferência involuntária que se integrava em seus pensamentos à perfeição reviu, surgindo do fundo mal iluminado da biblioteca, o gesto imóvel, a atitude congelada, o quase vôo da bailarina (de mármore? de névoa?) sobre a cantoneira de pau-brasil embaixo na sala. Aquela estatuetta que estivera ali nos últimos vinte anos e só há poucos minutos atrás ele redescobrira, compreendendo a significação velada e profunda que lhe imprimira o artista, fundia-se com duas outras imagens que ocupavam agora seu pensa-

mento, interligava-se com elas, revelava-se a essência de ambas convertidas numa figura única a rodopiar num passo de balé diante dos seus olhos.

Comprimiu as pálpebras, jogando a cabeça para trás com um suspiro prolongado. O grupo sob a paineira conversava ainda. “Rodolfo está bem gordo” pensou, vendo o antigo pretendente da irmã agitar a bengala com seu gesto característico.

“Foi no mesmo dia” ele voltou a pensar, “deitei-me com minha sobrinha aqui, e depois fiquei sabendo que ela... havia voltado.”

— Dona Rebeca tinha muito tino para festas — prosseguia Joaninha Gonçalves rememorando o baile de quinze anos de Alice.

— Mamãe era muito rigorosa — concorda Alice —, gostava de tudo planejado nos menores detalhes. Para que nada saísse errado, ela dizia.

— Aqui, sob a figueira — diz Francisca —, as pessoas se reuniam para conversar. Os mais velhos, naturalmente...

— Havia mais bancos — diz Rodolfo. — Estou certo disto.

— Sim — confirma Alice —, havia outros bancos, mas quebraram-se com o tempo.

— Ah... — e Rodolfo imobilizou-se. Estava sentado agora com o peito um pouco inclinado para frente e a cabeça baixa, pensando naquilo de os bancos de madeira sob a árvore terem se quebrado com o tempo. “Por que o tempo quebra todas as coisas?”

— Vez por outra — diz Joaninha — ouvia-se uma risada estrepitosa de uma mulher. Então, se olhávamos víamos uma senhora com roupas extravagantes conversando com alguém.

— Oh, a tia Estefânia — diz Alice vendo a varanda vazia, a porta da casa aberta, a escuridão após o limiar, apesar de ser dia e o sol tinir...

“Célio está sempre à janela.”

A negra voltou-se, girando o quadril rotundo e fixando os olhos brancos na filha da patroa. Pensa lá com seus botões naquela impertinência, pois devia limpar os cômodos em uso, e era de costume começar sempre por aquele — mas agora a “sinhazinha” implicava, não permitia. E o que ela queria agora, chamando-a?

Ana Luíza olha-a com ansiedade.

“Preciso dizer a ela que eu agora sou mulher do meu tio. Que me deitei com ele, entreguei-lhe minha virgindade, e ele me fez sangrar. Preciso contar a verdade a ela... a todos...”

— Eu... — ela começou.

A negra continuou olhando para ela.

— ...você viu as horas no relógio da sala?

— Vi sim s’iora. Faltam vinte minutos para as duas horas.

— Está bem. Agora vai — “Agora vai... vai... que eu não tive coragem... não poderia, e sabia disso.”

— Agora vai... agora vai — seguia a negra resmungando pelo corredor.
— O jeito é fazer meu serviço noutro lugar.

— Não poderei contar a ninguém — Ana Luíza disse em voz alta —, a ninguém. Só eu devo sabê-lo, sabê-lo e esperar que ele venha sempre, todas as noites...

— Ir lá à noite... todas as noites — murmura Célio voltando ao divã com um livro na mão. Senta-se, recosta-se, o livro apoiado sobre as coxas, aberto em qualquer página. — Ir lá de noite...

Sim, porque passara a ir todas as noites ao quarto da sobrinha que, da primeira vez, perturbada, não deixara a porta aberta. “Não imaginei que ele viesse” ela pensa ao lembrar que estava deitada sem conseguir pegar no sono quando ouviu mexerem na maçaneta. “Fiquei ali de pé sem saber o que fazer. Ela não me esperava, não queria que eu fosse. Sim, não queria que eu fosse”, pois Célio não conseguira evitar que Ana Luíza, num repelão, fugisse dele naquela tarde, recompondo em alvoroço o vestido: já na porta da biblioteca, enquanto ele permanecia sentado no chão, ela parou, apoiando-se no batente, uma expressão de pavor nos olhos, na face contraída — mas no instante seguinte já não estava ali, desaparecera no corredor.

“Ainda assim decidi voltar lá na noite seguinte...”

— Eu tinha onze anos — dizia Joaninha. — Apesar disso, recordo-me.

— Onze anos — diz Alice olhando a amiga, e imaginando a infância dessa mulher magra e de rosto abatido, com roupas escuras, que se sentara ali e conversava falando do passado. Como seria ela aos onze anos? “Não me recordo, não consigo recordar-me de Joaninha Gonçalves aos onze anos.”

— Ele dizia em sua última carta que não pretendia casar-se — diz Anita de vassoura na mão, à porta da cozinha. No terreiro, Jorge rachava lenha.

— Ora, os moços — ele diz, apoiando-se no cabo do machado —, agora dizem uma coisa, depois dizem outra — cospe nas mãos para umedece-las. Volta a empunhar o machado.

— Mas ele disse que o horrorizava a idéia... — Anita se cala. Inútil prosseguir, pois Jorge não entenderia. Jorge não o conhecia como ela. Jorge, como ela, não suspeitava que aquele casamento não iria durar. Olhou o marido que rachava lenha com golpes precisos de machado, amontoando os pedaços para depois levá-los à despensa.

— Eles estão lá outra vez — Jorge diz, fazendo uma pausa —, os Gonçalves.

Anita não os tinha visto chegar desta vez, mas era comum vê-los ali agora. “Seu Rodolfo parece interessado em dona Francisca” ela pensa, “ainda que antes tenha pretendido a mão de dona Alice.”

“Mas isso foi há muito tempo.”

— Talvez seja bom — diz em voz alta, completando o pensamento —, talvez com isso ressuscite esta casa.

Jorge, que iria recomençar o serviço, deteve-se e olhou a mulher sem compreender. Não teve tempo de perguntar, pois Anita retirou-se da porta, voltou para dentro com a atitude dos gestos inesperados. “Por que ela faz isso?” pensa Jorge, “está conversando e de repente nos deixa falando sozinhos.”

“Não o esperava, não sabia se devia abrir ou não. Não estava certa de que era isso que eu queria.”

“... e quando cheguei lá e toquei na maçaneta, notei que a porta estava aberta...”

“... será um segredo nosso” Ana Luíza pensa, comprimindo a palma da mão contra o púbis, “um segredo de vida e morte do qual partilharemos, meu tio e eu...”

— Eu tinha dezenove — disse Rodolfo em seguida. — Dezenove anos, era pouco mais que um adolescente. — E voltando-se para Alice: — Creio que dançamos algumas vezes naquela noite, a senhora não se lembra?

— Dançamos? — perguntou Alice sobressaltada, receando que percebessem sua distração e seu distanciamento. — Oh, não me lembro, com franqueza, não estou bem certa quanto a isso...

— Sim, creio que dançamos... Dancei com a Sr^a, dona Francisca? — diz, voltando-se para Francisca.

— É provável, Sr. Rodolfo — responde Francisca com um sorriso amável, desejando saber que importância teria agora se, em sua juventude, haviam dançado no baile de quinze anos da prima. Nessa época Francisca não conhecia ainda Olivério, era possível que algum rapaz presente à festa lhe tenha interessado, mas ela não se lembrava. “Havia muitos rapazes, muitas moças, muita alegria.”

— Foi em seu baile que conheci Orlando — diz Joaninha pensando no marido enfermo, que a esta hora devia estar na varanda, olhando para fora com a indiferença dos catatônicos. Deixara-o aos cuidados de uma velha que agora a auxiliava nos serviços domésticos. — Eu tinha onze anos e ele treze — ela diz. — Lembro-me bem dele, menino, apesar de tê-lo visto apenas nessa ocasião. Tinha os olhos grandes, os cabelos negros e anelados, a pele morena. Há coisas de que nunca esquecemos...

— É verdade — concorda Francisca, interessada, e mesmo Alice agora presta atenção ao que dizia a amiga.

“Deitei-me no leito de minha sobrinha naquela noite, mas... ter-me-ei deitado com ela?”, porque Célio, ao deitar-se com Ana Luíza, não pensava em Ana Luíza, e ao penetrar seu corpo, não era o corpo dela que penetrava, e ao murmurar seu nome, não era o seu nome que tinha nos lábios.

Rodolfo, contudo, recostado no espaldar olha com pena o jardim descuidado e se esquece das mulheres, que parecia conversarem longe dele agora. Pensou em como aquela propriedade era vasta, e como seria importante

anexá-la à sua. Estaria à venda?, pensou, mas julgou deselegante perguntar assim, de modo direto, no meio da conversa. Imagina ao mesmo tempo que Alice não estaria disposta a desfazer-se da herança de sua mãe, ou os irmãos dela não seriam de acordo, então lembrou que um dos irmãos de Alice há muito tempo não se comunicava com a família. “Podiam desfazer-se das terras e manter esta casa com uns poucos alqueires ao redor...” Era uma idéia, disse consigo mesmo, talvez devesse refletir um pouco mais antes de fazer a proposta.

— ...sim, papai conhecia bem a família dele — prosseguia Joaninha a cerca de seu primeiro encontro, ainda na infância, com Orlando. — Eram do comércio de tecidos, no Rio de Janeiro.

Ou pediria Alice em casamento? Assim não teria de comprar a propriedade, e quanto a Célio (e Júlio também, claro!) teria sua parte garantida e direito nos rendimentos. Casar-se com Alice, ele pensou, e via longe os morros verdejando sob o sol, onde as árvores pareciam imóveis para sempre no mormaço. Mas não, porque logo um ligeiro ondular mostrou a ele que no alto dos morros ventava, embora a paisagem parecesse petrificada. Então afastou a idéia de casamento, pelo menos com Alice, pois se a pretendera no passado tudo era diferente agora, e não havia motivo para retornar àquela época sem de fato retornar a ela. Seu amor por Alice fizera parte de sua vida, mas que importância teve? Foi por ver esse amor rejeitado que partiu, embora partir, a bem da verdade, fosse um projeto formulado desde muito tempo; enquanto pôde sonhar com a bela menina dos Veiga Albuquerque, imaginou-se levando-a consigo, mas ao perceber que sonhar com ela não traria o resultado que esperava, decidira, ainda que pesaroso, ir embora sozinho. Não saberia explicar, se lhe perguntassem, por que nunca se casou, e o mais simples seria dizer que vivendo muitas aventuras não se firmara com nenhuma; mais fácil ainda seria alegar que quem muito escolhe nada compra, e quem tudo quer tudo perde. Esses provérbios não se amoldavam bem ao seu caso, embora pudessem ser aplicados. Rodolfo preferia não reconhecer em si certa tendência ao celibato, posterior ao primeiro impulso para o matrimônio, e sem questioná-la dava-se com alegria ao trabalho, às farras ocasionais, à liberdade de fim-de-semana. Ficou solteiro, ficou solteirão, e agora tinha cinqüenta e um anos bem vividos e estava de volta, planejando anexar as terras da família Veiga Albuquerque às suas, mas desde já descartando a possibilidade de um enlace com sua atual proprietária. “O amor passou, a juventude foi só um momento” refletiu, contudo, amargurado, perguntando-se ainda a quem deixaria o que começara a reconstruir.

— Voltei a vê-lo quatro anos depois — diz Joaninha compondo os cabelos que a brisa desarrumara. — Quando veio com os pais passar uns dias em nossa casa — ela explica.

Rodolfo deixou que as mulheres tagarelassem. Levantou-se do banco e

caminhou até a orla de sombra que a copa da paineira projetava. Por que aquela súbita idéia de anexar à sua terra a fazenda dos Veiga Albuquerque? Não havia pensado nisso antes, e não podia levar a sério a possibilidade de casar-se com Alice. Sorriu, uma das mãos no bolso e girando sobre a ponta dos pés, de um lado para outro, com lentidão. “Por que temos de deixar para alguém aquilo que construímos?” pensou, mas viu que errara ao formular a pergunta; quisera na verdade perguntar por que era preciso ter para quem deixar aquilo que se constrói, por que um homem não pode viver sua vida independente dos que o antecederam e dos que o sucederão? Passara grande parte de sua vida no que chamavam “o Velho Mundo”, com sua cultura de milênios, seus palácios e seus mármore eternos, e se sentiu parte desse universo envelhecido onde todos se tornavam antigos por força do contágio, mesmo os jovens, mesmo as crianças, mesmo as mulheres com sua sensualidade cheia de bolor. Sentiu-se cansado — a guerra fora capaz de sacudir estruturas de cimento armado, mas não a alma gasta. Ouvira isso de um bêbado que dedilhava um violão, certa noite, num bairro bombardeado nos arredores de Paris. Toda a cidade estava às escuras, e salpicavam a treva pontos de luz que se acendiam nas tavernas. A frase não lhe saiu do pensamento, e como já se visse insensível ao morticínio pensou pela primeira vez em voltar: ali o esperavam a casa de seu pai, vazia, as terras da família, abandonadas. Renasci, dizia sentindo-se rejuvenescido. Agora fazia planos, abria caminhos, vislumbrava o futuro. Tornara-se fazendeiro, e quando se recolhia à noite à sua cama, antes que viesse o sono, dentro do silêncio ouvia celebrar-se uma estranha liturgia, com cânticos que descreviam o Paraíso — e nesses momentos recordava sem saudade o sobressalto das cidades amedrontadas, os bombardeamentos avassaladores, as notícias que os jornais traziam das convulsões da guerra. Tornara-se fazendeiro: devia isso a si mesmo; devia também à sua irmã, sua pobre irmã com o marido doente e que havia sofrido durante a agonia dos pais enquanto ele estava longe? Sim, a ela também, mas principalmente a si, e por isso cuidava em desfrutar sua vida de agora, libertando-se do passado. Pensou nos pais que haviam sofrido com sua ausência — uma ausência que cartas não podiam suprir, mas, argumentava consigo mesmo se lhe ocorria vez por outra algum remorso, se reconhecia em si alguma culpa, pelo menos tinham Joanhinha ao seu lado; então procurava esquecer e aliviar a consciência como parte desse passado de que se libertava. Libertava-se também do futuro, pois se não tinha filhos, se não teria netos, que importância teria tudo aquilo já que não era para filhos, para netos, que vivia, senão para si mesmo? “Um dia morrerei” ele pensa, “então façam disso o que quiserem, quem o quiser”, e arremata em voz baixa: “Sou um homem livre!”

— Casou-se — diz Anita sentada à mesa da cozinha no momento em que Jorge passa com um feixe de lenha para a despensa.

Em cima do fogão as panelas esfriavam. O lume apagara-se e um gato dormia encolhido no ângulo da parede. Anita ouviu o ruído da lenha sendo arrumada na despensa. Um minuto depois Jorge apareceu na porta e ficou olhando para ela.

— Há menos de seis meses escreveu dizendo que se horrorizava com essa idéia...

— Casou-se — dizia Francisca observando de esguelha a figura rotunda e jovial de Rodolfo Gonçalves ao sol, com uma das mãos no bolso, olhando para cima, para os lados, para longe. “Em que estará pensando Rodolfo?” — Todos se casam, não é mesmo? — disse em seguida. — Mais cedo ou mais tarde...

— E sua filha mais velha, Alice? — perguntou Joaninha lembrando-se de que Alice há tempos havia dito qualquer coisa sobre a filha ter ido para um colégio de moças na cidade.

Rodolfo aproxima-se, secando o suor da testa, do pescoço, das faces com um lenço. Parou a dois ou três passos do banco, alheio à conversa. Olha de relance para Francisca, desvia o olhar, apóia-se na bengala como um filósofo que se afasta da realidade imediata que o cerca para penetrar outra dimensão da realidade, mais profunda e sutil, mais absorvente e misteriosa. Não, não era Alice. Mas seria Francisca?... Tal pensamento não lhe ocorria pela primeira vez.

— Os rapazes se casam — disse Jorge à porta da despensa. — As moças também se casam. Que há nisso?

Anita sorri.

— Nós também nos casamos — diz, afável.

Jorge olha a mulher sentada à mesa da cozinha, olha o ambiente deserto (“Onde estarão as pretas do serviço pesado?”), o fogão apagado com as panelas esfriando sobre a chapa de ferro, vê o bichano espichar a cauda e afastar-se mole e vagaroso, e sente-se invadido por uma onda de ternura. Aquela ali era sua mulher — não chegara a amá-la, nunca teve remorso em reconhecê-lo e já não se ocupava com isso desde os primeiros anos: vivera com ela toda sua vida, era sua mulher, e aceitava o fato como se não pudesse ser de outro jeito. Sorriu, exibindo os últimos cavaços enegrecidos.

— Sim — disse —, nós também nos casamos — e foi sentar-se numa cadeira à porta da cozinha, onde o sol começava a insinuar-se.

— Ela está lá — Célio diz em voz alta —, e ainda não a fui ver.

“Mas o meu tio a ama ainda” Ana Luíza pensa, “e disse isso a noite passada.”

— Devo ir encontrar-me com ela — continua Célio para si mesmo, sem convicção. Deveria de fato ir?, indaga-se, e volta a reconhecer em si essa tendência à dúvida que lhe dominara a vida, essa indecisão.

“Não que o tenha dito com suas próprias palavras, não que tenha renunciado a frase ‘eu ainda amo Rosinha Gonçalves’...”

— O que ela quer, afinal? — pergunta Francisca, afetando uma indignação que não sentia. Que tinha a ver com o fato de Rosinha ter voltado e exigir participação numa herança cuja parte que lhe cabia já lhe fora entregue? Certa ocasião, Francisca se lembra, estava em companhia de Alice, e haviam encontrado Joaninha e a irmã que passeavam a cavalo próximo dali, na estrada. Pararam para conversar e naquele dia pôde contemplar o rosto fascinante da menina. Só então se deu conta da beleza incomum de Rosinha, e ainda estava clara em sua memória a “profecia” que fizera: tanta beleza haverá de perdê-la. Depois não pensou mais no caso, e agora, lembrando-se, concluía haver acertado em sua previsão: a causa da ruína de Rosinha fora a beleza, a excessiva beleza.

— Era bela — disse Joaninha com ar pensativo —, e à medida que crescia, que se fazia mocinha, não apenas se tornava mais bela: adquiria consciência disso!

— A misteriosa beleza de Rosinha Gonçalves — diz Célio levantando-se do divã. Parou defronte à estante, apanhou na última prateleira um volume grosso, encadernado em tecido escuro, e o levou até a mesa. Sentou-se numa cadeira de espaldar alto. “Aqui há alguma coisa que pertence a ela” Célio pensou, e ficou olhando a capa austera do livro, a lombada sisuda sem gravação.

— Sempre foi voluntariosa — concordou Rodolfo num gesto incisivo do dedo em riste. — Isso a perdeu.

— É dona de um... um... — começa Joaninha, corando, sem saber como explicar.

— Uma casa de tolerância — ajuda-lhe Rodolfo, quase a cochichar,abrindo muito os olhos num falso escândalo. Era preciso fingir perto das senhoras, ele pensa. — Uma casa de tolerância, senhoras! Em plena Capital!

Mas Francisca não se surpreendia, e Alice não ouvia aquilo como uma novidade. Vira-a passar na estrada uma semana atrás, e seu aspecto não lhe servia de bom testemunho. Fez lembrar-se de que tia Estefânia usava um vestuário escandaloso e tinha a mania de gesticular muito e rir alto, às gargalhadas, mesmo sem motivo, mas não chegava à vulgaridade, “não a tal ponto”. A lembrança de tia Estefânia e de Rosinha levava-a a reflexões que a incomodavam: teimou em comparar ambas as mulheres, mesmo reconhecendo que só em ver Rosinha a distância e a despeito da arrogância que lhe vislumbrara naquele relance, no ar afetado e no jeito soberbo de empinar o queixo, não se justificava a condenação que lhe impunha de modo mais ou menos sumário. Por que aquela intempestiva comparação entre ambas?, perguntava-se ao mesmo tempo que já admitia ter tido razão em julgá-la mal, “afinal, o que acaba de revelar-me o Rodolfo? Não será verdade o que ele

diz?”, e concluía, pelas reviravoltas do pensamento, que “adivinhou” Rosinha não só pelo que vira — muito pouco —, mas por uma aversão que talvez lhe tivesse de longa data, sobre a qual nunca se detivera antes e só agora se dava a perceber, concluindo também que aquela parenta antiga de que tinha lembranças vivas não seria muito melhor que a filha dos Gonçalves, e então pensou em Clara, a prima Clara, que aparecera chorando certa noite em seu quarto, na véspera de ir embora. “Uma tornou-se cafetina” ela pensa, “a outra gostava de mulheres.”

“Entretanto, por que devo preocupar-me com isso? Que o meu tio a ame ainda, que a queira procurar, e até mesmo que ela o aceite. Que tenho a ver com isso? Estarei apaixonada por ele? Posso esperar que ele se case comigo — ele, o meu tio? Tornei-me mulher dele, só isso, e não vai ser mais que isso. Sempre que ele vier há de encontrar a porta aberta, e eu estarei aqui esperando para dar-lhe o que ele quer, porque eu também quero, porque ele não é só um homem, não é o meu tio, é o meu instrumento... e é sempre noite, é sempre escuro, quando posso emprestar-lhe o rosto que quiser, o nome que eu desejar.”

— Isso acontece em todos os lugares — dizia Joaninha ainda embarçada. — Pode nos surpreender, não toleramos embora o aceitemos como fato... mas quando é com alguém da nossa casa...

— E ela fica? — perguntou Alice.

— Não podemos expulsá-la — diz Joaninha com um encolher resignado de ombros.

— É só por alguns dias — atalha Rodolfo mais calmo. Exaltara-se um pouco, representara outro tanto, por fim seu temperamento plácido se impunha, e enquanto se apóia na bengala tenta explicar: — Algumas semanas no máximo, teve por certo algum arrependimento e tenta uma reaproximação... há o sangue, afinal de contas...

— Mas desejará apropriar-se de parte da propriedade? — lança Francisca com inadvertência, arrependendo-se em seguida. Reconheceu sua indiscrição ao abordar de forma tão direta um assunto de família, em vez de esperar que eles o fizessem. Olhou com embaraço Rodolfo e Joaninha, a ver se demonstravam alguma contrariedade, mas Joaninha parecia não ter prestado atenção, por certo ainda preocupada com o inesperado regresso da irmã, e Rodolfo olha para longe como se estivesse ausente. Isso a tranqüilizou, permitindo-lhe deter-se um pouco mais naquele rosto balofo e agradável, nos olhos azuis sob os quais se formavam pequenas bolsas, na barba por fazer que dava um tom mais escuro às faces, e no grisalho acentuado das têmporas. “Rodolfo Gonçalves...”

E Célio abriu o livro nas páginas entre as quais havia um papel antigo.

Não existia mais razão para aquela carta permanecer ali, não lhe pertencia e devia enfim ser entregue. Dobrou-a com cuidado e pô-la no bolso do

casaco. “Descer e pedir a Jorge que sele um cavalo” pensou, sem afastar-se da mesa onde a História, de Heródoto, continuava aberta. Passava, distraído, as páginas, considerando que nunca havia lido nada naquele volume, e que talvez fosse interessante conhecer a história da antiguidade por um historiador da época, mas ao mesmo tempo reconhecia que nunca tivera interesse por História e raramente lia um livro — qualquer livro — até o fim. Preferia os volumes de contos, dos quais escolhia as narrativas menores, ou de poesia, pois era mais fácil, “pelo menos mais rápido” ler versos.

— Talvez eu devesse trocar-me — disse olhando na direção da porta da biblioteca, ainda que não tivesse em mente causar nenhuma impressão, “então que pelo menos não cause impressão de desleixo”. Porque não tinha o hábito de trocar de roupas todos os dias e esquecia-se de seu guarda-roupa rompendo semanas com aquelas calças coçadas, os sapatos sem verniz ou o casaco puído no punhos. “Mesmo esta camisa” pensa, “mesmo esta camisa...”

— Talvez se fôssemos para outro ponto do jardim — sugere Joaninha levantando o rosto e olhando em volta. — É bom andar um pouco, esticar as pernas...

— Havia aqui um coreto, não? — diz Rodolfo apontando com a bengala alguma direção indefinida, que Francisca acompanhou com o olhar. — Lembro-me de ter estado ali certa vez.

— O telhado do coreto caiu — Rodolfo ouviu com certa decepção Alice dizer —, e o gramado em volta está cheio de mato.

“(...) Entretanto acostumei-me à liberdade e não sei se o casamento foi uma boa escolha. O que é isso de estar ligado intimamente a uma pessoa estranha, com quem a única afinidade é esse sentimento que me impulsiona para ela e ela para mim?”

“Brenda trabalha durante o dia num jornal e passa na universidade à tarde. Encontramo-nos sempre na biblioteca no final das aulas, e como já é hora de sair vamos juntos para casa. Ela decidiu que não deve continuar o curso por falta de vocação, mas me incentiva a continuar, e enquanto prepara o jantar fala-me de seu dia de trabalho, antecipando-me as notícias que serão publicadas no dia seguinte.

“É com um sorriso que vem para a mesa, é uma esposa atenciosa e faz-me bem estar ao seu lado. Conversamos um pouco antes de ela retirar a mesa, e tornou-se um hábito sentarmos na varandinha dos fundos, protegida por vidraças, e ficarmos observando a noite iluminada, as árvores sacudidas pelo vento e a neve que cai. (Incomodava-me no começo esse frio, acostumado ao clima tropical, de sol abundante, mas já me habituei e já uso com naturalidade os agasalhos pesados de pêlo.) Não nos deitamos tarde, exceto quando há

algum convite para jantarmos em casa de amigos ou uma festa para irmos. Brenda costuma recolher-se primeiro, e confesso que é com certo alívio que fico sozinho, olhando a noite e pensando na liberdade. Por que penso essas coisas se me casei por amor, se minha mulher é boa e se nada — nada! — tolhe-me a vida? Às vezes acho que o compromisso do matrimônio pode ser uma forma de prisão, embora não compreenda bem esse pensamento, porque é muito fácil separar-me de minha mulher, dar à minha vida outro rumo, ir para outra parte do mundo onde estarei liberto. A senhora, que se casou jovem e mantém esse casamento até hoje, compreender-me-á? Compreender-me-á Jorge, que viveu sempre com a senhora e não teve, penso eu, a mesma preocupação? Não o espero, porque eu mesmo não me compreendo, e quanto mais penso nisso menos compreensão eu tenho. Acho às vezes que essa minha inquietação vai acompanhar-me sempre, pois sinto que o que me falta não está em lugar nenhum. Em certos momentos tenho vontade de partir, noutros de ficar, e então penso que o mundo é pequeno e não tem elementos suficientes para preencher uma existência sequiosa. Embora tenha conhecido pouco a prima Clara (conversei com ela o quê?, duas, três vezes?), creio compreender por que ela não se fixa em lugar algum. Ela, no entanto, consegue romper os laços com energia e desprendimento, pois em seus sumiços quantos anos passa sem dar uma notícia? É como se quando ela parte, estivesse partindo para sempre e não a fôssemos ver mais, sendo mais surpreendente que um dia reapareça para uma visita breve do que se não retornasse e não fôssemos saber mais dela. Eu, ao contrário, não consigo desligar-me porque a senhora está aí todo o tempo, e sei que pensa em mim e se preocupa comigo. Não há mais nada que me impeça de desaparecer, nem mesmo minha mãe que permanece uma estranha — e é desagradável para mim, creia-o, dizê-lo —, e por essa razão estarei sempre ligado a esta casa...

“Se há algo a pesar-me na consciência não é a ausência de afeto entre minha mãe e eu, porque é uma coisa recíproca da qual nós inculpamos sem remorsos (pois não duvido que também para ela torna-se mais estranha que amarga essa falta de afeto). Mas perturba-me estar aqui às suas custas. Para que eu possa estudar, não trabalho, e recebo com um sentimento de ilicitude as mesadas que ela sem falta me envia. Sei que ela, apesar de tudo, não se importa em custear-me os caprichos, e bem posso imaginar que o faz com a indiferença de quem cumpre um compromisso que não lhe é pesado nem importuno, já que seus proventos são abundantes e eu não dou muitas despesas, mas para mim é como se recebesse o dinheiro que alguém me enviasse por engano: não me é devido, portanto não é meu e a ele não tenho direito algum. (...)”

— Há o caramanchão — diz Alice pondo-se de pé —, por que não vamos nos sentar lá? Mandeí pôr algumas almofadas no acento de pedra dos bancos, e podemos pedir a Anita que nos sirva um chá, ou um refresco.

Esforçava-se por demonstrar animação, embora os sinais de abatimento fossem visíveis. Rodolfo acolheu com simpatia a sugestão, “esplêndida idéia!” exclamou, esquecendo-se do coreto, e pôs-se a caminho ao lado de Francisca, que se levantou do banco pouco animada a passear ao sol. Entreviam, porém, adiante a sombra das árvores copadas, e Joaninha, que seguia atrás com Alice, julgou ter visto um vulto aparecer e desaparecer entre as folhagens, na sombra. Alice estremeceu, sentiu um aperto no coração: também vira o vulto e desejou retardar o passo para dar tempo que ele se afastasse, desaparecesse do jardim.

Olhou em volta buscando um pretexto para interromper o passeio, lembrou-se de Jorge mas seria tolo parar o grupo para dizer “oh, esperem, devo pedir a Jorge que vá até a vila”, pois não havia nada para Jorge fazer na vila àquela hora. Desanimada, continuou caminhando devagar; aproximavam-se das árvores, mas para seu alívio ouviu a porta da varanda lateral, como se alguém que tivesse acabado de atravessá-la a fechasse com violência.

“Teve tempo de entrar” Alice pensou, certa no entanto de que o vulto fora visto e reconhecido por Joaninha e Rodolfo. Não seria melhor falar daquilo de uma vez — daquilo que os serviçais cochichavam pelos cantos e, por certo, já era do conhecimento de todos?

A Rodolfo e Joaninha, que haviam visto o vulto entre as árvores, acudira de imediato a pequena tragédia doméstica que acontecia naquela casa, mas se mantiveram calados, esperando que Alice tocasse no assunto.

Alice parou, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Rodolfo deteve-se consternado a três passos de distância, segurando com nervosismo a bengala, que trocava de mão repetidas vezes enquanto Francisca acercava-se da prima. Joaninha amparou-a e disse qualquer coisa para acalmá-la, mas Alice já secava os olhos com movimentos rápidos e enérgicos.

— Desculpem — disse com a voz insegura, e retirando um lençinho do bolso assoou-se. — Enfim, compreendem, não?...

— Sim, sim — acudiu Joaninha, disfarçando seu embaraço —, é natural...

— Minha filha Ana Luíza, vocês sabem — Alice dizia, sem reunir as idéias. — Mas vocês são amigos da casa, e há tanto tempo...

Retomam o passeio, seguindo em direção do arvoredo.

— Entrou no quarto mês — diz Alice —, já se vê o volume...

— Ainda digo que ele foi o culpado — diz Jorge levantando-se da cadeira numa atitude enérgica.

— Como pode dizer isso! — objetou Anita aborrecida. — Que culpa teve o menino nisso tudo, se foi embora há tanto tempo?

— A menina gostava dele — Jorge diz, recostando-se no portal. — Tivesse ficado, tivesse casado com ela!

— Não a amava, não a faria feliz — retruca Anita, defendendo “seu fi-

lho”, embora tivesse suas dúvidas quanto ao amor no que se referia a João Manuel. João Manuel e o amor não se adaptam, pensa ela ao seu jeito, não têm nada em comum porque o rapaz é inquieto demais, livre demais, ambiciona asas muito grandes e vigorosas, e o amor pede repouso, recolhimento, reclusão.

— E Ana Lúcia, Alice? — pergunta Joaninha contornando uma moita. A ruazinha calçada de pedras fora capinada há pouco, mas entre as árvores quase não se podia caminhar.

— Chega no fim do ano — diz Alice seguindo adiante. Deteve-se um momento e Rodolfo parou ao seu lado, desagradando-lhe ver que aquele rosto, que preservava ainda algum vestígio de beleza, emurchecia com o sofrimento. — Desta vez é certo que virá — acrescenta.

— Não fará ninguém feliz — ouviu Jorge dizer, e aquelas palavras vinham como eco de seu pensamento. Estavam de acordo agora.

— Mas também o tio dela é um patife! — tornou Jorge baixando a voz, com veemência e indignação. Fala cochichando. — Fazer isso com a sobrinha, ele, um velho!

— Devo limpar aqui agora, seu Célio? — e olhando para a porta Célio viu a negra com o balde numa das mãos, a vassoura na outra, e o lenço amarrado na cabeça. — Passei no quarto de dona Ana Luíza, mas ela não me deixou limpar lá.

— Não — Célio disse —, vá embora.

A negra afastou-se indignada. “Não posso fazer meu serviço. Então não posso fazer mais meu serviço nesta casa de doidos?”, e foi andando em direção dos quartos vazios do segundo andar.

— Fique quieto! — repreendeu-o Anita. — Não sabe que ele é um dos donos disso aqui? Já se esqueceu de que somos apenas os criados? Pôs um filho na sobrinha, que é que nós temos a ver com isso?

— Em outros tempos... — começou Jorge.

— Outros tempos já passaram — cortou Anita com aspereza, fechando a cara. “Outros tempos” ela pensa, porque em outros tempos ela era uma menina também, e então dona Rebeca deixava que ela e a irmã brincassem com os filhos da casa. Também Jorge, eram todos crianças e só vinham à cozinha para comer, e isso com horário certo pois dona Rebeca não admitia atrasos para as refeições. No resto do dia, só folguedos, passeios no pomar, brincadeiras de pique no gramado, excursão aos arredores, à vila... Mas não havia mais “outros tempos”, a casa se convertera num asilo de loucos e eles, os empregados, não tinham nada a ver com aquilo.

— Ainda bem que o meu menino foi embora — Anita resmunga —, ainda bem que se afastou daqui.

“Outros tempos...” pensou Jorge.

O livro continuava em cima da mesa — a História Geral de Heródoto.

Célio, sentado numa cadeira de espaldar alto, debruça-se na mesa percorrendo com a ponta do dedo os arabescos bordados na toalha de linho branco. Mas seu dedo imobiliza-se de repente, seus olhos movem-se, desviam-se para as estantes, para o chão, para a vidraça. Junto à vidraça costumava ver o corpo esguio e luminoso da sobrinha, que se sentava ali para ler. Isso fora antes, porque ainda há pouco ela estivera ali, no mesmo lugar, e a luz que provinha da tarde intensa a envolvia, encantadora e etérea, mostrando nela o ventre que arredondava sob o vestido. Célio pensou que agora todos sabiam, mordeu os lábios refletindo no escândalo doméstico que sem dúvida sairia do âmbito familiar para ganhar as ruas, as tavernas, a boca do povo — mas a voz da sobrinha o arrancou de sua distração.

— Há uma coisa que quero lhe dizer — ela começa, sem ódio nem mágoa, nem ameaça, nem sentimento de vingança, mas com firmeza e calma —, que não foi com o senhor, embora eu nunca tenha me deitado com outro.

— Creio que sei disso — ele responde.

— Que o que eu quis foi experimentar o que ele poderia ter-me dado se quisesse.

— Eu sei, eu sei — Célio diz ainda, com indiferença.

— Foi, portanto, com ele — ela conclui antes de retirar-se e deixá-lo só —, todas as vezes foi com ele.

Ela já estava no corredor quando Célio a chamou:

— Ana Luíza...

Ana Luíza reapareceu na porta da biblioteca, sem responder.

— Eu ainda quero — Célio diz — que deixe a porta do quarto aberta à noite. Todas as noites.

E depois que os passos de Ana Luíza haviam silenciado no corredor, pensou: “Não éramos nós, minha sobrinha, nem um nem outro, que estávamos ali então...”

Mas por que fora dizer num rompante a Rosinha Gonçalves, aquela mulher de feições gastas e maquilagem pesada, cuja beleza começara a dissipar-se conquanto ainda mantivesse traços que lembravam o que havia sido; por que fora dizer-lhe que se deitara com a própria sobrinha?

— O senhor tornou-se um conquistador, Sr. Célio — ela disse com ironia depois de um momento de espanto. — Vejo que fez progressos.

Tudo que Célio procurava no rosto de Rosinha Gonçalves desde que fora recebido na varanda até a sala de estar onde entabularam conversa, era alguma coisa que lhe fizesse lembrar sua antiga beleza. Em qualquer lugar, em qualquer tempo que a encontrasse, haveria de reconhecê-la, e o que fora seu rosto adolescente, o encantamento sem igual da mulher adulta mas ainda muito jovem, tudo isso poderia ressurgir em sua lembrança. Mas, depois do tempo transcorrido desde o escândalo que precedeu sua partida “há

dezesseis anos, céus!, dezesseis anos!” olhando-a, ainda que pudesse vislumbrar o que havia sido essa beleza, não a podia evocar mais, que aos seus olhos tornara-se a representação do sonho, que teria o poder de despertar o amor e desse amor ser objeto num ato de quase idolatria, “mas não idolatria, pois não era um sentimento profano, mas santificado, não um sentimento apóstata, mas a confirmar a fé...”.¹⁶ O que viu, porém, ao chegar lhe sugeria corrupção.

— Mas a que veio, Sr. Célio? Ainda tem o hábito de visitar esta casa? — Rosinha Gonçalves perguntou, sentando-se à sua frente.

— Um asilo de loucos — Jorge diz, após um instante, como que divagando. — É nisto que a casa se tornou.

Anita enchia o tanque na área dos fundos. O jorro d’água da torneira produzia um barulho contínuo e áspero que o incomodava. Mas cessou, e o silêncio sobreveio como um peso impalpável.

— Nós também enlouquecemos — diz Anita olhando o marido, enquanto retirava a roupa suja do cesto, mergulhando-a na água do tanque.

Jorge sorri, e a brancura dos dentes postiços rebrilha ao sol. O sorriso de Jorge, Anita pensa, agora se vê de longe o sorriso dele, branco como uma folha de papel. “Agora é a primeira coisa que vemos em Jorge, o sorriso.”

— Sim — Jorge diz —, porque insistimos em continuar aqui.

— E agora que Júlio voltou... — recomeça Alice, como a desviar a conversa para outro assunto, já que falar das filhas a aborrecia. Ana Luíza tornara-se mulher do tio; de Ana Lúcia recebia umas cartas breves de quando em quando, e Alice era obrigada a mentir para que não a julgassem de todo infeliz. “Como se a infelicidade fosse uma mácula, uma vergonha” Francisca pensa ouvindo a prima. Pois Francisca sabia que Ana Lúcia não havia escrito para falar dos estudos ou saber notícias, mas para justificar-se, “agora que os boatos começam a correr”.

— Júlio esteve muitos anos longe — diz Alice, mas se interrompe outra vez sem saber como continuar. Estão agora sob o caramanchão e se acomodam nos banquinhos de pedra, que algumas almofadas tornavam mais confortáveis.

— Foi uma boa idéia — diz Francisca, indicando as almofadas.

— Não acredito ainda que o tenha feito — diz Júlio de pé na porta da biblioteca, fixando o irmão. — Se me contassem, se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos...

Sentado ainda, o volume de Heródoto aberto à sua frente, Célio levantou os olhos para o irmão. Aquele era de fato seu irmão?, perguntou-se admirado com o homem velho que chegara dias antes sendo reconhecido por todos como Júlio, mas que ele, Célio, não reconhecia — não porque lhe desconhecesse os traços do rosto, mas por desconhecer talvez os do espírito. Júlio, de temperamento azedo e impetuoso na juventude, quando não se

submetia a normas e por mais de uma vez causara aborrecimentos à mãe, e a ele mesmo chegara a ofender em algumas ocasiões com suas tiradas explosivas e cortantes, um dia aparecera contando a história de uns parentes que a mãe não aprovava (fora muito cruel — Célio relembra — acusando a mãe e o tio Alberto de uma ignomínia qualquer com relação àquela gente), depois do que sumira outra vez. A lembrança que guardara dele era desse homem audacioso e idealista que renunciara ao comodismo e à fortuna para ficar com a mulher que amava, fugindo com ela para longe da vista e dos “tentáculos” de Rebeca, sem temer o futuro. Mas não era esse homem que voltava para casa, não era esse quem o recriminava neste momento: pois o homem à sua frente era um velho (ainda que não fosse velho) de rosto chupado e amarelo, olheiras escuras e cabelos branqueando. Célio notou ainda que Júlio era um homem miúdo, magro e mais baixo que ele, causando-lhe espanto perceber isso, pois a figura que tinha em sua mente e à qual emprestava o nome e a personalidade de seu irmão era a de um homem mais alto, de gestos seguros e petulantes, de atitudes resolutas que denotavam certeza em suas decisões. “Quem é esse estranho?” pensou Célio antes de responder, refletindo que já se sentira intimidado em sua presença. Pensou em responder com arrogância, desejou ofender o irmão atirando-lhe em rosto que ele aparecera de repente com toda a família apenas para incomodar os moradores daquela casa e requerer o que lhe pertencia por direito de herança, que nem para ver a mãe morta dignara-se de vir. Não disse, contudo, nada disso porque de súbito sentiu-se invadido por uma onda de piedade: aquele homem arruinado que tinha à sua frente, que o recriminava com voz insegura e atitude vaga, os braços inertes ao lado do corpo, os olhos fundos e tristes, era seu irmão, e estando ali estava em casa pois a casa era também dele — e não podia ser acusado de nada, reconhecia, “de nada, de nada...”

— Você não entenderia — diz então.

— Mas ela — Júlio diz ainda —, a menina...

Célio fecha os olhos e baixa a cabeça, balançando-a.

— Meu irmão, meu irmão — diz —, seria preciso que conhecesse toda a história, pois do contrário você não entenderia.

— Gabriel é o mais velho e está casado — diz Alice, vendo o rapaz surgir no portão ao lado da mulher —, mas Júlio tem mais duas filhas: Marta e Dora.

— Imaginei que tivesse vindo recriminar-me, Sr. Célio — dizia Rosinha Gonçalves com um fino ar de deboche —, mas vejo que me enganei.

— Como sabe que se enganou?

Nesse momento a velha que exercia a função de copeira entrou com uma bandeja.

— Aceita um café, Sr. Célio? — diz Rosinha servindo o visitante. — Em outros tempos não recusaria.

Sem responder, Célio recebe das mãos de Rosinha a xícara fumegante.

— Aprenda a ler nas fisionomias, Sr. Célio — ela explica —, e na sua veje que não existe intenção de nenhum gesto ofensivo.

— É certo que não... — Célio diz, interrompendo-se, pois não sabia como tratá-la: senhora? Dona Rosa? Soaria tão estranho, tão ridículo tratá-la assim — mas que intimidade havia entre ambos que o autorizasse a chamá-la pelo apelido familiar?

— Pode tratar-me como antigamente, Sr. Célio — ela diz, percebendo o conflito repentino em que Célio se achava. — Rosinha. Todos me chamavam assim, e ouvi-lo outra vez... há de trazer boas lembranças, não?

Célio, que chegara a ter medo de ser mal recebido por ela como em outros tempos, sentiu-se embaraçado, e para disfarçar levou a xícara aos lábios. Suas mãos tremiam, o que não passou despercebido de Rosinha.

— Eu vim... — Célio diz, depondo com desajeito a xícara na mesinha ao lado da poltrona.

— Sim? — Rosinha segura sua xícara com a ponta dos dedos, num gesto elegante que destoa de sua figura luxuriosa.

Por alguns segundos Célio embebe-se nas feições de Rosinha: os lábios vermelhos são belos e desejáveis ainda, o nariz afilado e aristocrático, os olhos grandes e vivos, a antiga beleza... Por um breve instante a Rosinha de seus sonhos reaparece... (o canto estrídulo de um pássaro num galho junto à janela, porém, o desperta) ...para desaparecer em seguida.

— Eu vim... entregar-lhe uma coisa que lhe pertence — Célio diz, tirando do bolso do paletó um papel dobrado. Estende-o a Rosinha que, com um arzinho de surpresa mas sem abandonar sua atitude de sutil ironia, o recolheu com a ponta dos dedos finos e compridos, dizendo:

— Por um instante pensei também que fora a curiosidade que o trouxe aqui — e ficou segurando no ar o papel dobrado, num gesto imóvel.

— Confesso que... — Célio gaguejou, atrapalhando-se — ...não nego, no entanto...

— Veio acaso ver como eu estava depois de tanto tempo — diz Rosinha, mantendo ainda o papel erguido entre ambos. Célio corou, perturbado pelo poder que aquela mulher tinha sobre si, e não conseguiu responder. Agora ela estava sendo sarcástica, de um sarcasmo cruel que o feria, a ele, muito mais que a ela própria, embora a si, e apenas a si mesma, se referisse: — Veio constatar o que sobrou de minha beleza... dessa beleza que o senhor adorou um dia. Não é assim?

— Senhora, por favor...

— Rosinha — ela corrige.

— Rosinha...

E então houve uma pausa, um instante de tensão durante o qual ambos

se olharam suspensos um do outro, imobilizados em seu gesto, duas estátuas vivas, que pulsavam. Mas esse momento desfez-se, passou.

— Assim está bem — ela diz, recolhendo enfim o papel e abrindo-o. — O que temos aqui?... Hum, interessante, uma carta...

— Uma carta de Lúcio — Célio diz com uma calma que não esperava em suas próprias palavras. — Uma carta destinada a você, que eu intercepei há muito tempo e guardei comigo por ciúme.

Rosinha leu a carta e pela primeira vez algo lhe fez vibrar por dentro, tocar seu íntimo nalgum ponto obscuro, pois o ar escarninho desapareceu de seu rosto e ela ficou séria.

— Um homem que talvez tenha me amado — ela disse ao terminar a leitura, e olhando-o diretamente nos olhos: — Não foi um gesto educado o seu, Sr. Célio.

Mas Célio estava no auge de sua tensão, que ressurgira ao declarar seu antigo ciúme e crescera enquanto acompanhava o movimento dos olhos de Rosinha percorrendo as linhas da carta. Rosinha espantava-se de ver aquele rosto, um momento antes embaraçado, transtornado agora, onde um suor frio porejava e que a ânsia tornava uma máscara de aflição. Célio, num ímpeto, apoiando-se na bengala e um tanto atrapalhado pôs-se de pé com dificuldade:

— Um gesto vil, não é?! — exclama ele numa exaltação contida. — Sim, um gesto vil, um gesto canalha, mas eu já cometi outros! — respira com dificuldade, os olhos arregalam-se.

— Saiba que fiz de minha sobrinha Ana Luíza minha mulher, que espera agora um filho meu! — solta de repente, de uma só vez, encarando-a. Sua voz, porém, não chegava a elevar-se, mostrando-se apenas levemente alterada. — E ela... ela... tinha pouco mais de quinze anos, na verdade dezesseis, quando se deitou comigo!

Encaram-se com uma expressão ao mesmo tempo de ansiedade e dor, ele; de surpresa e espanto, ela. Mas o esforço fora demasiado: Célio cai na poltrona, enfraquecido. Passa o antebraço na testa, secando o suor; cobre o rosto com as mãos, respira fundo para recuperar suas forças e seu autocontrole.

— Um asilo de loucos — repete Anita pensativa, encostando-se à parede dos fundos, que se encontrava na sombra, enquanto Jorge estica as pernas mexendo os dedos dos pés, sujos de terra. Mas Anita não percebe esse movimento. — Minha irmã — diz, ao ouvir no meio das árvores a voz das sobrinhas, insistindo em aventurar-se entre o mato alto que infestava o pomar. — Andréia não voltou.

— Para que pensar nisto agora? — diz Jorge ainda sentado ao sol à porta da cozinha.

— Júlio não a trouxe de volta — ela diz com um sentimento de mágoa,

que sabia descabida. Andréia estava morta. Há quantos anos mesmo, que Júlio dissera? Oito? Nove? Não prestou muita atenção ao que ele disse, pois ao vê-lo chegar com os filhos mas sem a mulher antecipou a notícia que ele daria em seguida, e seus olhos foram enchendo-se de lágrimas.

Foi então que Rosinha reassumiu sua atitude irônica, recuperando-se da surpresa, e disse aquilo:

— Vejo que o senhor tornou-se um conquistador, Sr. Célio...

Célio indica a perna defeituosa:

— A ira do pai dela contra mim...

E depois de uma pausa, em que levanta o rosto e encara Rosinha:

— Eu também a amei — diz —, muito mais que Lúcio, muito mais que todos os outros. Você sabe disso.

— Anita esperou sempre que a irmã voltasse — comenta Francisca caminhando ao lado de Rodolfo até ao portão. — Falava sempre nela.

A sombra cheia de Rodolfo Gonçalves projeta-se para a direita. Já passava de duas da tarde, o sol iniciava seu declínio, abandonava o zênite e nesse instante podia comparar-se ao homem que, atingindo a maturidade, começa seu vagaroso percurso rumo à morte. “Mas o sol ao rumar para o ocaso leva, implícito, seu ressurgimento, enquanto o homem carrega a certeza de não regressar” reflete, lembrando-se de que há muitos anos iniciara seu próprio declínio e já sentia os sinais irrevogáveis desse cansaço que lhe ia invadindo o corpo.

— Há, no entanto, algo que eu nunca soube ao certo — Célio diz, mais calmo agora, retomando de sobre a mesinha a xícara vazia e mantendo-a nas mãos sem se dar conta do que fazia —: o que aconteceu aquela vez, é o que eu queria saber...

— Helena — diz Alice —, é a esposa de Gabriel. Uma pessoa bastante recolhida...

— Helena? — diz Joaninha, observando Rodolfo e Francisca que conversavam junto ao portão, sobre o qual uma árvore copada lançava seus galhos que a brisa movia acima de suas cabeças.

— E temos a casa cheia outra vez — diz ainda Alice.

— Incomoda-lhe que Júlio tenha voltado? — Joaninha pergunta.

Mas Júlio continua ali, de pé na porta da biblioteca, olhando para ele. Célio aborreceu-se um pouco diante daquele homenzinho diminuto (por que o irmão lhe parecia agora um homem ínfimo, insignificante?) que fixava nele um olhar acusador. Estendeu a mão para o Heródoto, afastou o livro aberto que deslizou para o centro da mesa, e voltou o rosto para a janela.

— Você terá também faltas de que se redimir — Célio diz sem olhar o irmão.

Júlio entrou, deu alguns passos olhando em volta pensativo. Ali estivera muitas vezes percorrendo os livros da casa, lendo com avidez, estudando

com os professores particulares que a mãe contratava. Naquela mesma mesa sentava-se todas as manhãs junto com Célio e Alice para as lições. Um pouco adiante pusera-se uma lousa onde o professor desenvolvia teoremas que ele assimilava com relativa facilidade enquanto Célio — recorda-se — nada conseguia entender.

Agora estava ali outra vez, depois de muitos anos, e sentia-se velho. Nada, a rigor, havia mudado (a mesa era a mesma, como as cadeiras, o tapete, as estantes abarrotadas), mas ele sentia-se diferente e o irmão se transformara naquele homem de meia-idade um pouco gordo e de gestos lassos, cujos cabelos branqueavam nas têmporas e andava sempre vestido com roupas coçadas. Aquele era Célio, seu irmão mais novo, que havia deflorado a sobrinha e contra quem Teodoro disparara uma arma, acertando-o na perna.

— O tiro pegou um pouco acima do joelho — Célio diz, notando que o irmão olhava para sua perna enfaixada. — Afetou um pouco a articulação — acrescenta —, e terei de usar uma bengala.

— O pai quando soube veio aqui, furioso — comenta Alice, falando à Joaquina Gonçalves.

— E tentou matá-lo — disse a outra.

— Entrou num rompante na biblioteca — explica Alice. — Estávamos na sala e ouvimos o tiro. Depois fugiu.

— “Seu” Teodoro causou muitos desgostos a dona Alice — diz Anita ao marido, nos fundos da casa —, mas gostava das filhas. Por isso tentou matar “seu” Célio.

— Ele não quis matar Célio — Jorge a contradiz, puxando a cadeira para a sombra. Àquela hora fazia silêncio na casa, mas podiam ouvir as vozes de duas pessoas, uma menina e uma moça, em algum lugar dentro do arvoredo sem identificar o que diziam.

“As filhas de Júlio.”

— Se quisesse, teria atirado na cabeça.

— Ele vem às vezes — diz Francisca ao lado de Rodolfo, que se apoiava no portão olhando para adiante enquanto virava entre os dedos o castão da bengala. — Quase não conversa conosco. Notei qualquer coisa entre ele e a mulher...

— Mas o que Júlio diz a respeito do filho e da nora? — pergunta Rodolfo sem se voltar para Francisca.

— A polícia o procurou na vila mas não o encontrou — diz Alice. — Ao entrarem no armazém viram que ele havia abandonado tudo, exceto o dinheiro, fingindo, tomando rumo ignorado.

— Ele não aprovou quando Ana Lúcia foi morar com os Marcondes — continua Anita para o marido —, mas Ana Lúcia não gostava do pai e mais satisfeita iria sabendo que o contrariava.

— Mas não é isso o que me preocupa — diz Jorge —, ou muito me engano, ou tem alguma coisa de errado com o filho de Júlio.

— Sim, há algo errado entre Gabriel e a mulher — e Alice baixa a voz ao ver surgirem as sobrinhas (as filhas de Júlio) no fim do gramado: Marta, uma moça franzina que há pouco completara dezenove anos, e Dora, com treze. Havia uma notável diferença entre ambas: Marta, que lembrava a avó Carmintas — a antiga cozinheira da casa —, não era bonita com seu rostinho insosso, anguloso e fino, de uma cor cerosa a denotar alguma enfermidade crônica. Era miúda de corpo e magra, o que acentuava seu ar apagado e seu tipo de quem deseja esconder-se dos outros. Com sua habitual reserva, era capaz às vezes de manter um diálogo com certa desenvoltura, mas se retraía à aproximação de estranhos. Dora, menina ainda, quase sobressaía-se à irmã com seu porte e suas maneiras, seus membros roliços e o rosto cheio e corado, de uma beleza envolvente. Quase loira e de olhos claros, puxara à família do pai. Falava de tudo que via à sua volta, e seu sorriso espontâneo era sempre um convite à aproximação. Logo nos primeiros dias de sua chegada estiveram ambas um tanto acanhadas, mas ao se acostumarem à idéia de que estavam em sua casa sentiram-se mais à vontade. Marta continuou mantendo, em parte, sua reserva, ao contrário da irmã, que não tardou a invadir todos os recantos com sua curiosidade e alegria.

— Não — diz Alice a Joaquina —, ao contrário, a volta de Júlio trouxe-me muita alegria. É o meu irmão, seus filhos são meus sobrinhos e eu devo amá-los. Gabriel tem uma esposa que faz parte desta casa como qualquer um de nós.

E àquele gesto Rodolfo voltou-se para Francisca. A bengala caiu mas ele não se curvou logo para apanhá-la, antes falou com voz um tanto insegura esforçando-se por torná-la firme:

— Um dia entrei nesta casa disposto a desposar uma moça — e olha a contragosto para o caramanchão, onde Alice e Joaquina conversavam. — Não fui aceito por ela e parti, e nunca me casei... — e aqui Rodolfo fez uma pausa, hesitando em afirmar que não casara devido ao seu amor frustrado: não fora este o motivo, embora estivesse apaixonado por Alice. O motivo era muito mais trivial e prosaico, e nesse momento tornava-se inoportuno pensar nele: o mundo o envolvera, o velho mundo com sua cultura milenar, com sua história e seus brasões, com suas novidades. Esquecera sem muito esforço esse amor provinciano e não pensou seriamente em outro, vivendo à larga sua liberdade. Aí está, pensa Rodolfo que não escondia de si a verdade, mas não cabia preocupar-se agora com uma história tão antiga, nem entrar em detalhes que a ninguém mais interessavam, e continuou de maneira mais direta: — Enfim, vivi minha vida até aqui sozinho. Já é tempo de ter alguém em minha companhia, e não creio ter passado o tempo de procurar essa pessoa.

— E o diz a mim, Sr. Rodolfo! — exclama Francisca com um sorriso, pondo-se rubra.

— É que escolhi a si, dona Francisca.

— Ora, o meu irmão... — diz Joaninha observando o irmão e a mulher junto ao portão, e ao mesmo tempo pensa em Orlando, o pobre Orlando a quem amara um dia e a quem pertencera, e que havia enfim “des-cansado. Seu sofrimento tornava-se já excessivo” ela diz.

— Agradou-me ver Rodolfo e Francisca se casarem — diz Alice enternecida. O cunhado nesse momento curva-se com certo esforço para apanhar a bengala no chão, mas Francisca o auxilia num gesto mais hábil e lesto, recolhendo a bengala e entregando-a ao marido. — Minha prima necessitava encontrar alguém, ainda tem uma vida pela frente para reconstruir.

— Talvez não valha a pena, Sr. Célio — replicou Rosinha servindo-se novamente. — Um pouco mais? — ela oferece.

— Sim — e Célio ergue a xícara para o bule —, muito agradecido.

— Como eu dizia — torna Rosinha antes de levar a xícara à boca, mas não prossegue: tem agora um ar de quem medita, de quem reflete sobre a própria existência.

— Orlando morreu de madrugada — Joaninha diz —, e seu corpo pesava muito pouco. Emagrecera muito pois já perto do fim recusava qualquer alimento.

Mas não era por isso que ela sabia que o corpo de Orlando pesava tão pouco. Quando levaram o caixão, ouviu um dos carregadores comentar, em voz baixa, ao segurar a alça:

— Não pesa quase nada!

Júlio junta-se agora às filhas na orla do gramado. Alice o vê apontar para as árvores enquanto fala, e o vento traz uma ou outra de suas palavras:

— ...ia-se por aqui... estábulos...

As filhas de Júlio olham na direção das árvores, entre as quais ainda podia ver-se um sinal de trilha. Mas Jorge aproxima-se do grupo, e de novo o vento traz palavras, frases diluídas:

— ...muito mato... cobras...

— ...cavalos, sim...

Alice vê Dora agitar os braços numa grande euforia, mas a brisa contrária não lhe permite ouvir o que dizia, enquanto Júlio diz a Jorge alguma coisa, apontando para a trilha.

— Sim, senhor — Alice ouviu-o responder, e compreendeu que Jorge dirigia-se a Júlio com cerimônia. Num lampejo da mente viu que Jorge portava-se assim há muito tempo, pois a Célio também tratava com cerimônia, e mesmo a ela, que sempre fora sua amiga. Seus olhos desviaram-se um pouco para a direita, onde podia distinguir entre o mato alto uns montículos recobertos de relva, restos dos canteiros que Jorge fizera a seu pedido e

onde por muito tempo ela se entretivera cultivando pequenas flores de duração efêmera. “Onze horas, dalias, tinhorões...” Os canteiros de Jorge já não existem, mas Jorge ainda está aí e fala com Júlio dizendo-lhe “sim, senhor” a algum pedido que este lhe fizera, um pedido ou uma ordem, pois ele estava ali para atender aos donos da casa — sempre fora assim —, e todas as determinações que se lhe fizessem soariam como um pedido, ou como uma ordem. “Terá Júlio algum direito a dar ordens por aqui?” pensou Alice contrariada.

— O açude — dizia Jorge apontando em outra direção, mas Alice, cujo súbito aborrecimento já se desfizera, não conseguiu ouvir o resto. De repente um brilho, um lampejo de alvura: Jorge sorria, gesticulando, e sua dentadura nova rebrilhava. “Jorge, Jorge...” pensou Alice.

— A juventude — diz Rosinha pondo-se de pé com a xícara nas mãos. Deu alguns passos até a janela, voltou após espiar um instante para fora e contemplou Célio, que permanecera sentado e a acompanhava com o olhar. “Tantos homens me amaram” ela pensa, “mas não assim”; prossegue, no entanto, completando o pensamento anterior: — Não se pode condenar tudo que um jovem faz de errado, Sr. Célio. Nem tudo.

— Não a estou condenando, Rosinha, não vim para isso.

— Talvez o senhor tenha vindo por curiosidade, talvez para entregar-me essa carta que já não tem nenhum valor, ou por que motivo seja... mas por certo não veio pelo motivo que antes o trazia a esta casa.

Célio baixou os olhos e suspirou. Ergueu-os de novo:

— Aquele tempo passou. Não creio que tenha mais cabimento falar de tais motivos.

— Mas o senhor quer saber o que aconteceu naquela ocasião. Ninguém lhe terá dito nada?

— Prefiro acreditar que mentiram para mim.

Rosinha volta a sentar-se diante de Célio e põe a xícara de café sobre a mesinha. Havia uma máscara em seu rosto maquilado com exagero, um disfarce, um subterfúgio que Célio não percebia. Porque Célio não percebia que Rosinha procurava afetar uma indiferença que estava longe de sentir. Se a pudesse compreender, teria visto que aquela mulher precocemente envelhecida nunca em momento algum como então estivera tão próxima da bela menina por quem ele se apaixonara há quase vinte e seis anos.¹⁷

— Talvez a mentira nos poupe de alguns desgostos — ela diz —, mas se quiser ouvir a verdade, eu direi.

— Não devo pedir que me explique nada — diz Júlio desviando os olhos da perna ferida do irmão. Célio apóia-se numa bengala para pôr-se de pé e, mancando, vai até a janela, de onde fica olhando para o jardim.

— Ela às vezes vinha aqui — diz, — e ficava lendo junto a esta janela, e então eu me punha a observá-la, a admirar sua graça, sua juventude.

— Mas era sua sobrinha — Júlio responde, apanhando um volume qualquer na estante.

— Havia perdido seu amor, como eu — Célio diz, recostando-se no batente da janela.

— Era só uma menina — Júlio replica, folheando o livro sem deter-se em nenhuma página.

— Então eu a fiz minha mulher — Célio diz com uma audácia de que nunca se julgara capaz, mais ainda por lembrar que já tivera, noutros tempos, um certo medo de seu irmão. — E passei a ir todas as noites em seu quarto, cuja porta ela deixava apenas encostada. — Faz uma pausa. Acrescenta, voltando-se e encarando o irmão: — Sabe por que ela deixava a porta apenas encostada? Porque ela também queria.

— Você não pensou em nossa irmã — Júlio se mostra irritado com o tom leviano com que Célio falou de suas incursões noturnas ao quarto da sobrinha. — Agora ela vai ter um filho.

Célio morde os lábios mas, surpreso com sua própria atitude, resolve não fugir e sim continuar desafiando o irmão. Volta mancando para a cadeira:

— Talvez você achasse melhor que eu tivesse morrido — diz —, se Teodoro em vez de ter disparado em minha perna, o tivesse feito em minha cabeça...

Júlio não responde. Põe o livro outra vez na estante.

— Sim — Célio continua —, ela vai ter um filho. E daí? Eu perdi toda a minha vida, isso agora já não tem importância alguma. Alice sofre, que me importa que sofra pela filha? Terá alguma vez sofrido por mim?... Quanto a Ana Luíza, pode ser que João Manuel volte e case com ela. Então estarei sozinho. Por que não aproveitar enquanto posso? Se quer saber, ainda visito o quarto dela quase todas as noites.

Júlio saiu da biblioteca sem dizer nada. O que podia fazer contra o irmão, se ele próprio tinha cometido seus erros? E como dizer que não os cometera tão graves? Como medir o erro alheio pelo próprio, se cada um procura justificar-se e atenuar a própria culpa?

— Não, não tenho coragem de acusá-lo — diria Júlio mais tarde à irmã —, ainda que não o desculpe.

Mas Rosinha abriu as janelas, e no salão vazio entrou em jorros a forte luz da tarde. Há quanto tempo aquele cômodo não era usado?

— Era aqui que dávamos bailes, Sr. Célio — disse. — Ah, os bailes, os bailes... Minha mãe costumava orientar-se com dona Rebeca acerca da decoração e dos jantares que oferecia. Afinal, os convidados eram sempre a gente rica, ou daqui, ou de fora, e a quem era preciso impressionar. O senhor se lembra, Sr. Célio?

— Agora costumo ver a cadeira vazia num recanto do depósito — diz Joaninha Gonçalves vendo aproximar-se Francisca apoiada no braço de Ro-

dolfo. Anita surge na varanda, uma bandeja nas mãos, e desce os degraus com cautela. — Era um homem alegre, até adoecer...

— Bem na hora! — exclama Francisca adiantando-se. — O chá vem a calhar!

— Oh, sim — diz Rodolfo —, o chá...

— Temos o hábito de tomar o chá a esta hora — informa Alice, que já não pensava no que Joaninha dissera acerca do marido morto. — Costumamos tomá-lo aqui mesmo, sob o caramanchão.

— Não, não é um ciúme normal — Júlio diz em voz baixa —, ela às vezes parece-me bastante perturbada.

— Talvez Gabriel tenha-lhe dado motivos — opinou Rodolfo.

— Não — Júlio continua no mesmo tom —, a culpa é dela, e ela sabe disso. É por isso que...

Anita está de pé segurando a bandeja, enquanto Alice serve o chá. Senta-se em seguida com uma xícara na mão, mas não o toma de imediato. Como de hábito, Anita deixa a bandeja sobre um dos bancos e se retira, e o momento do chá torna-se solene, uma espécie de comunhão em que cada um, no silêncio momentâneo que se segue, concentra-se na importância daquele ato, íntimo e espontâneo, como se dele dependesse a consolidação da família. Joaninha interrompera o que dizia acerca de seu marido morto para ocupar-se da xícara de chá, enquanto Rodolfo parecia reunir suas idéias para uma observação qualquer sobre a viagem de núpcias que ainda não fizera (“Uma viagem breve” diria, “pois sou um homem para quem o mundo não tem muito mais a mostrar” acrescentaria demonstrando vivência.); por certo Francisca não planejava nada especial, mas foi Alice quem retomou a conversa, lembrando-se da filha mais velha:

— Ana Lúcia chega na semana que vem — diz como se fosse uma novidade, e, estendendo a mão para a bandeja recolhe um biscoito de polvilho, ainda não conseguindo disfarçar o desgosto ao referir-se à filha mais nova: — Trará amigos... — e fica um momento parada, segurando o biscoito enquanto pensa nas filhas. — Temos os filhos — acrescenta — e não os temos afinal de contas.

Mas Rosinha não iluminou apenas o salão ao abrir as janelas: jorros de luz penetraram recantos mais longínquos, iluminaram recordações como sucatas empoeiradas que são esquecidas no sótão, num porão, num depósito qualquer. Essa luz que entrou devassando sua agonia, Célio sentiu-a como lâmina que lhe rasgasse a alma.

— Lembro-me de que a convidei para dançar — ele disse, e permaneceu suspenso como se à sua frente, feito sombras, surgissem casais dançando ao som de uma música alegre.

— A mim, Sr. Célio? — e Rosinha sorri: — E eu aceitei? Se não estou enganada, a dança não era o seu forte, não?

— Você veio e passou por mim bem aqui — Célio prossegue apontando numa direção qualquer, como se agora Rosinha tivesse outra vez doze anos e em companhia de algumas amiguinhas passasse por ele como se ele não estivesse ali, desaparecendo em outro cômodo. Mas não terá havido um momento em que ela se detivera junto à porta, cochichando qualquer coisa ao ouvido das outras meninas? — Sim... e então você olhou para mim e riu...

— Eu era só uma menina, Sr. Célio. Releve.

No fim do gramado, Marta e Dora se afastavam caminhando para as árvores, Jorge deixava-se estar no mesmo lugar vendo em ambas não as sobrinhas mas a juventude delas, esse bem ilusório que fora seu também e perdera sem saber como.

Júlio no entanto vinha caminhando pelo gramado com as mãos nos bolsos. Aproximava-se do caramanchão.

— Sirvam-se de um biscoitinho — diz Alice, indicando com um movimento de cabeça a bandeja. — São de polvilho...

— Dora é uma linda menina — comenta Joaninha —, terá alguma semelhança com a mãe?

— Ao contrário — diz Francisca —, Dora tem os cabelos claros de Alice.

— Não conheço ainda meu primo Gabriel — diz Ana Lúcia à irmã, que fora sentar-se nos degraus.

— Vem pouco aqui — Ana Luíza diz, contemplando o filho cujas carnes muito tenras pareciam diluir-se à luz que refletia em seu vestido branco. Como o sol estivesse forte, preferiu sentar-se à sombra, no primeiro degrau, para proteger a criança. — Gabriel tem problemas com a esposa.

Mas não se ouvia música nenhuma.

— Oh, claro — diz Célio refazendo-se e ainda um pouco embaraçado —, claro, eu não tive a intenção de...

— Sei que não teve, Sr. Célio, sei que não teve.

— É que foi uma recordação... você compreende, tão clara...

Rosinha fez que sim, movendo a cabeça.

— Principalmente porque... enfim, porque...

— Não é preciso dizer, Sr. Célio, eu compreendo seus motivos.

Ana Lúcia fica de pé ao lado da irmã, e se surpreende quando esta, abrindo a blusa, faz surgir um seio muito gordo, muito farto e belo.

— Ainda o amamenta!

— Uma atriz — diz Alice.

Sim, uma atriz — alguém, um conhecido, vira o nome de sua filha num cartaz. Foi quanto bastou para que a gente da província comentasse o caso com ar de escândalo.

Ana Lúcia era uma atriz de teatro agora, e o pessoal da equipe a que

pertencia viera também, uma gente estranha, pensa Júlio com uma ponta de preconceito; uma gente diferente, pensa Francisca com complacência; só pessoas, pessoas comuns teriam pensado Marta e Dora, e mesmo Ana Luíza; e estavam todos ali para um mês de repouso numa velha fazenda cafeeira, e se espalhavam pelo jardim, pelos caminhos e estradas próximos, passeando, conversando...

— Talvez não seja tão mau assim — diz Júlio apanhando um biscoito na bandeja. — Não, basta de chá, só um biscoito.

— Mas eu não terei perdido mais que o senhor, Sr. Célio? — pergunta Rosinha precedendo-o de volta à sala de visitas.

— E como podemos avaliar quem perdeu mais, Rosinha?

— Não sei — ela diz —, eu me referia a uma coisa de que todos falavam, mas...

Célio não respondeu. Esperou que Rosinha continuasse. Ela lhe indicou o sofá com um gesto e voltaram a sentar-se.

Mas levantou-se de pronto:

— Só um instante, Sr. Célio — disse —, preciso fazer uma coisa — e saiu. Voltou minutos depois: havia lavado o rosto, limpado de suas faces a maquiagem pesada, removido de seus lábios o batom vermelho, prendera os cabelos com uma delicada pregadeira de marfim e reapareceu a Célio com uma expressão quase de paz nas feições desgastadas pela vida dissoluta que adotara.

— Uma velha casa de campo — comenta a Atriz Nº 1. — Acho que precisamos mesmo de um descanso.

— Não é uma casa de campo — retruca a Atriz Nº 2 —, mas uma fazenda.

— O que não deixa de ser uma novidade — diz o Ator Nº 1, com as mãos nos bolsos observando o grupo sob o caramanchão.

— Não estaremos incomodando os proprietários? — preocupa-se a Atriz Nº 3, uma mulherzinha miúda de trinta anos, cabelos ruivos e curtos. — Aquela senhora loura (referia-se a Alice) parece-me um tanto empinada, pode estar aborrecida conosco.

— Não é a mãe de Ana Lúcia? — diz a Atriz Nº 1, observando Alice a distância.

— Quando menina eu costumava passar dias na fazenda do tio de uma amiga minha de internato — diz a Atriz Nº 2. — Nas férias, é claro.

— Uma atriz — torna Alice enquanto Anita recolhe a bandeja com o chá e os biscoitos. — Essa é minha filha... mas a verdade é que os filhos nunca são nossos afinal de contas — conclui com certa amargura, e então leva à boca o biscoito de polvilho que ainda mantinha na mão imóvel. — Não nos trariam desgostos se fossem — acrescenta.

— As coisas mudam, Sr. Célio — ela disse sorrindo-lhe sem nenhum

embaraço, um sorriso tranqüilo e delicado —, de uma forma que não chegamos a suspeitar. O senhor por exemplo: já não se sente à vontade para trata-me pelo meu apelido familiar....

Olhando o rosto agora nu de Rosinha, que acabava de sentar-se à sua frente, Célio não responde. Era certo que não se sentia à vontade tratando-a daquela forma íntima e carinhosa, mas temendo magoá-la preferiu não lhe confirmar as palavras.

— Não se acanhe por isso, Sr. Célio, não por isso, eu sei que já não sou... a mesma Rosinha.

E agora estavam os dois ali, Júlio e Alice, contemplando o sol da tarde.

— Já passa das duas horas — Júlio diz.

— E faz calor — comenta Alice. — Gosto desses dias quentes. O frio dói-me nos ossos.

— Os dias quentes... — Júlio está pensativo. Triste? Não, talvez não estivesse triste, ou talvez estar triste fosse seu estado natural, de forma que já não se apercebia disso.

Alice pensa no frio que lhe dói nos ossos, o frio do inverno, porém ainda era primavera, ainda seria verão e o sol brilha, “o sol” ela diz consigo mesma, pensando no sol como num aliado — o sol, que estava muito quente e tornava a tarde um tanto abafada... Mas no fundo surge um outro pensamento, não o sol ou o frio nos ossos, mas outro pensamento que a inquietava e aborrecia: Ana Lúcia...

— Misturar-se com todo tipo de gente, expor-se num palco — Alice mostra-se inconformada, ainda que para maior aborrecimento reconhecesse em seu preconceito um sentimento que herdara da mãe, a orgulhosa Rebeca Veiga Albuquerque, “um sentimento que nela eu via como defeito”. — O pior foi ter mentido para mim. (Mas que mentira fora essa? Por que ela, a mãe, fechara os olhos daquela maneira?, censurava-se. “Como não reconhecer que abandonei minha filha numa cidade estranha, e em companhia de uma gente que mal conhecíamos?...”)

— Todos nós perdemos, Rosinha — Célio diz com ar sério e compenetrado —, é uma ilusão pensar que se ganha alguma coisa. Na vida, a única coisa que fazemos é perder... perder. Eis tudo.

— Tive medo que nascesse defeituoso — diz Ana Luíza, olhando com carinho o filho sugar-lhe seio. — Eu não poderia suportar um filho assim, mas veio perfeito.

— Já não há trabalhadores na casa, senhora? — indagou sem cerimônia o Ator Nº 2 a Alice, parando de inopino sob o caramanchão. Era um rapaz com pouco mais de vinte anos, de aparência desleixada e barba por fazer.

Alice, que levava a xícara de chá aos lábios, interrompeu o gesto observando de maneira penetrante o rapaz, que não se deu por achado.

— Assim parece, Sr. — ela disse com delicada altivez, assumindo ares

de grande dama como via sua mãe fazer em seu tempo ao dirigir-se a subalternos.

Francisca sorriu, baixando um pouco o rosto. Observou que os sapatos do rapaz não estavam limpos e sua roupa parecia amarrotada.

— E a senhora não pretende reativar a fazenda? — tornou o Ator Nº 2, desta vez curvando-se para apanhar um biscoito de polvilho.

— O senhor estaria por acaso interessado em cultivar estas terras? — perguntou Alice com uma cortesia irônica.

O Ator Nº 2 atrapalhou-se um pouco, aprumou-se com o biscoito na mão sem ousar levá-lo à boca.

— Nada compreendo acerca do cultivo da terra, senhora — disse depois de um momento. — Minha vida tem sido o palco.

— Deve continuar nele então, Sr. — ela aconselha, e Francisca não consegue reprimir o riso desta vez.

O Ator Nº 2 afastou-se embaraçado, com o biscoito na mão.

— Não, Sr. Célio, eu não exigi do meu pai a minha parte na herança para ir-me embora — dizia Rosinha Gonçalves de pé entre e mesa e a janela, com seus olhos grandes e vivos, mais vivos agora que apareciam sem o realce da maquiagem.

Célio recolhera-se ao divã, de onde ficou olhando para ela — sua lembrança daquela tarde na fazenda Arcoverde, quando Rosinha lhe contou a verdade. Uma brisa de início de tarde entrava pela janela, agitando as cortinas, e quando Rosinha se encaminhou naquela direção pôde vê-la contra a luz, e ouvi-la:

— Meu pai não aceitava meu comportamento — ela prosseguiu —, chamou-me de prostituta e expulsou-me de casa entregando-me algum dinheiro, mandou-me ir embora para não envergonhar a família.

— Uma das filhas da casa — dizia o Ator Nº 4, de pé junto às alamedas, olhando Marta, a filha mais velha de Júlio, que surgia na varanda da frente em companhia da irmã.

— E a menor, quem é? — disse o Ator Nº 3. — Será irmã da outra?

— A irmã de Ana Lúcia tem um bebê — comentou a Atriz Nº I.

— Não, eu não pedi minha parte na herança como lhe contaram — diz Rosinha cruzando o espaço entre a janela e o divã. — Mentiram para o senhor, Sr. Célio. Mentiram descaradamente para todos.

Anita e Jorge estavam agora no oitão da casa, e viram a Atriz Nº I caminhar em sua direção. Anita mostrou seu descontentamento, e disse a Jorge:

— Pergunto-me quando essa gente irá embora.

— Não é da nossa conta — cochichou Jorge, disfarçando.

— Talvez não seja — insiste Anita —, mas a menina Ana Lúcia devia imaginar que não está incomodando só a nós, os empregados.

— Ah, os senhores estão aí — diz a Atriz Nº I, aproximando-se. — Eu estava passeando pela margem do rio. Há uma construção desabada do outro lado. O que era aquilo?

— A casa esteve muito tempo vazia — diz Alice ao irmão. — Mas agora, com todos esses estranhos por aí...

— Quando irão embora? — perguntou Júlio.

Olhando em direção da porta, Célio via o vulto de Rosinha Gonçalves falando consigo. Via seus olhos grandes muito pintados, suas faces carmim, seus lábios vermelhos que se abriam ora num sorriso, ora para fazer comentários às vezes irônicos, mas no instante seguinte eis que ela ressurgia purificada, pois naquela tarde de reencontro Rosinha se ausentara por alguns instantes da sala, deixando-o só, e ao regressar Célio viu que ela havia lavado o rosto, reaparecendo para ele como uma simples mulher madura, de vida comum, de hábitos comuns, lembrando mesmo alguma das camponesas do lugar.

— Foi sua mãe, Sr. Célio — e por fim vem a revelação —, foi dona Rebeca — sorriu diante da cara de espanto que Célio fez: — Ela sabia que eles a ouviriam, que estavam desorientados e fariam o que dissesse. Por isso instruí meu pai para que fizesse aquilo. Por ódio a mim. Porque eu não aceitei casar-me com o senhor.

Das alamedas próximas vinha um som de vozes. Dora e Marta deviam estar por ali, então Alice pensou em Gabriel, o primogênito de Júlio, que trabalhava num armazém na vila. Comentou com o irmão.

— Parece que é o armazém que pertenceu a Teodoro — diz Júlio.

Outro som de vozes interpôs-se ao primeiro, ouviram-se gargalhadas sonoras que vinham da estrada, e viram dois ou três dos atores cruzarem o portão.

— Sim — tornou Alice em voz baixa, virando um pouco o rosto —, quando irão embora?

Ana Lúcia sentara-se na escada com o sobrinho nos braços, enquanto a irmã fechara os olhos, cismarenta.

Mas o Ator Nº 4 havia-se aproximado, e dizia a Marta:

— A senhorita é bem mais velha que sua irmã.

— Seis anos mais velha — Marta respondeu.

— Não residiam aqui antes, não? Foi o que Analu me contou...

— Analu? — Marta estranhou.

— Oh, sua prima Ana Lúcia. Às vezes lhe damos esse apelido. E a senhorita, está lhe agradando a vida na fazenda?

— Bem... — Marta diz, com um movimento de ombros. Não se sentia à vontade em presença do Ator Nº 4, que se aproximou mais e curvou-se um pouco em sua direção.

— Imagino que não goste muito, acertei? — e sorriu exibindo dentes grandes e amarelos, julgando-se simpático.

— É que para uma moça — ele acrescenta —, inda mais para uma moça com a sua graça...

Marta parecia enfadada com a insistência do Ator Nº 4, “que sujeito desagradável” pensou, e olhando o manacá que crescera um pouco adiante notou que uns beija-flores pousavam a todo momento na folhagem; devia ser um casal, ela pensa, e ora um, ora outro saía e retornava com o zumbido veloz do bater de suas asas.

— Deve haver um ninho ali — disse Marta na esperança de desviar o rumo da conversa.

— Um ninho — ele disse, pressuroso. — Quando eu era menino encontrei um ninho num roseiral que minha mãe havia plantado no jardim — e seguiu explicando que o jardim de sua casa era modesto, não imenso como aquele, mas que floria na primavera que era uma beleza, e continuou falando que sua mãe tinha preferência por flores vermelhas, cultivava grande variedade de rosas, que no verão esfalfava-se para não deixar as plantas murcharem, e uma porção de outras coisas que por fim todos ouviam sem interesse, embora o Ator Nº 4 não se desse conta de estar falando sozinho.

— Também não foi o homem que estava comigo quem me roubou e espancou na hospedaria onde passei aquela noite, Sr. Célio — Rosinha continua. — Ele talvez não fosse um perfeito cavalheiro, mas também não era um canalha.

Célio ouvia Rosinha com assombro.

— Foram dois jagunços que estiveram de tocaia esperando uma oportunidade, e quando meu acompanhante se afastou como de hábito depois do anoitecer para dar um passeio, eles apareceram — Rosinha sorri. — Aqueles homens foram contratados... não por meu pai — faz uma pausa, e diz: — Será preciso que eu diga quem contratou aqueles homens, Sr. Célio?

Célio moveu a cabeça, atônito, olhando sempre para ela.

— Não — respondeu —, não é preciso que diga.

Já não havia ninguém na porta: Rosinha não estava ali, nunca estivera, e pensando no que ouvira de sua própria boca aquela tarde em que a visitara em sua casa Célio indaga de si mesmo se ainda poderia respeitar a memória da mãe.

— Ela esteve conosco três meses e por fim foi embora — dizia Rodolfo sentando-se, enquanto Francisca permanecia de pé ao seu lado —, não sabemos se volta. Tudo que lhe pertencia lhe foi entregue, mas aqui não podia ficar. A família, afinal há a família...

“Voltarei a vê-la?” perguntou-se Célio recostando-se no divã. A brisa da tarde agita as cortinas da biblioteca, um pássaro cruza veloz o espaço em frente à janela, o seu canto estridente ouvindo-se distante em algum ponto do jardim.

Então Célio pensou em Ana Luíza.

— Não se interessou pelo filho — murmura Ana Luíza ressentida. A irmã a abraça penalizada. — Nem ao menos quis ver o menino —

“E até tranquei a porta da biblioteca para que não trouxessem a criança, e pus chumaços de algodão nos ouvidos para não ouvir o choro” Célio pensa recostado no divã, esquecendo-se do mundo à sua volta — ou tentando esquecer-se, como se desejasse construir ao redor de seu corpo um casulo no qual se recolheria para sempre.

e Ana Luíza acrescenta em pensamento: “Mas ainda visita o meu quarto, e eu o recebo...”

“Mas ainda visito-a todas as noites, e ela abre a porta para mim.”

— Mesmo mamãe demorou a aceitar — diz Ana Luíza cobrindo o seio. — No dia em que ele nasceu, só as negras da casa, e Anita, estavam comigo.

“Há um ano que fujo do meu filho” Célio pensa, recostado no divã. “Já não tenho liberdade em minha própria casa, já não posso andar daqui pr’ali pois corro o risco, a cada momento, de deparar com esse filho a quem não amo.”

Mas as filhas de Júlio se aproximaram, e Dora quis segurar a criança.

— Um dia terei filhos também — diz a menina —, e por certo hei de amá-los muito.

“Dizem que é perfeito, que é um belo menino, mas eu não posso olhar para ele. O que vou fazer agora?”

Porque Rosinha Gonçalves fora embora outra vez, e um ano e meio já se havia passado desde então. Célio, que pensara muito nela no início, depois começou a esquecê-la, e aos poucos verificou que persistira num amor absurdo por toda a vida até resultar naquilo, naquele reencontro triste quando pela primeira vez aquela mulher o tratara com respeito, já sem arrogância e soberba, mas com a cortesia das pessoas bem educadas. O que ele pensara afinal que iria acontecer? Que um dia Rosinha estaria de volta, e por sua causa, e para ser sua para sempre? “Terei mesmo pensado nisso? Terei esperado por isso, sem me dar conta, como por uma coisa plausível? Que vida levei aqui dentro, todos esses anos, consumindo meus dias numa obsessão?”

Então de algum ponto da casa provinha aquele choro de criança que o arrelviava. Não posso ver meu filho, dizia consigo mesmo, porque não o amo.

Mas Rosinha, a Rosinha que tivera diante de si naquela tarde, e de quem ouvira a verdade sobre os incidentes que envolveram sua partida (e que manchava de maneira indelével a memória de Rebeca), não era a que havia amado com tanta dedicação, nem era aquele rosto — ainda belo, mas um tanto desgastado e já revelando os sinais do declínio — o que sonhara reencontrar. Essa era a Rosinha Gonçalves que estava de volta, não a única que poderia estar de volta mas uma delas. Havia uma que jamais teria voltado,

mas essa, se existiu, foi apenas em sua ilusão. “Não sinto mais nada por ela, talvez um pouco de pena. Sim, alguma piedade, mais nada.” E foi naquela tarde de setembro do ano de 1922¹⁸ que Célio se levantou do divã com uma decisão tomada:

“Vou embora desta casa.”

— Mas também a mim minha mãe não aceitou — disse Ana Lúcia sentando-se um degrau abaixo. — Considera atrizes mulheres de má vida.

— Irão embora quando Ana Lúcia também se for — disse Francisca voltando a sentar-se.

Então Alice ficou imaginando como seria separar-se outra vez da filha, um novo desgosto, no entanto iminente.

— Mamãe dá uma espiada no menino vez por outra — diz Ana Luíza olhando o filho que brincava no colo de Dora —, mas nunca o pegou.

Francisca levantou-se quando viu Rodolfo aparecer na varanda. Era hora de irem, mas, adiantando-se, Rodolfo disse:

— Caso deseje ficar aqui hoje, Francisca...

Joaninha Gonçalves também se levantou, acompanhou o irmão, enquanto Francisca os conduzia até a estrada:

— Sim, ficarei aqui hoje. Amanhã cedo, então, eu vou.

— Faz um sol muito forte a essa hora — dizia a Atriz Nº 1 —, apesar de ser uma região montanhosa.

— Soube que havia um lago depois do pomar — disse a Atriz Nº 3 —, é uma pena que tenha acabado.

O Ator Nº 3, agora junto à cerca, olha a estrada, mas vez por outra volta a cabeça em direção da varanda. Dora, a caçula de Júlio, percebe esse movimento várias vezes repetido, e fica olhando os cabelos muito amarelos do Ator Nº 3.

— Aquela que lá vai com Gabriel não é Ana Lúcia? — disse Marta a Ana Luíza, que apanhava o filho dos braços de Dora.

— Parece que vão em direção do pomar — Dora observa, continuando a olhar os cabelos cor de gema de ovo do Ator Nº 3, que rebrilhavam ao sol.

— O senhor tem o hábito de ler? — perguntou a Atriz Nº 4 a Célio, que a encarava aturdido com sua entrada repentina na biblioteca. Agora violavam seu refúgio, pensou, não teria sossego enquanto esse bando de gente desconhecida que sua sobrinha metera em casa não fosse embora. Quem era essa mulher que tinha o desplante de vir perturbar-lhe a paz?

— Eu leio os textos que tenho de decorar, e só — disse a Atriz Nº 4 percorrendo com os dedos, numa atitude despreocupada, as lombadas na estante. — O senhor gosta de teatro?

Célio, carrancudo, resmungou de má vontade que lia pouco, e nada entendia acerca de teatro e autores teatrais.

A Atriz Nº 4 era um pouco mais alta e mais magra que Célio, tinha um ar

brejeiro apesar de já não ser tão moça. “Passa dos trinta anos” pensou ele, notando que com seus trejeitos a mulher desejava parecer mais jovem do que era.

Agora metia os dedos entre os cabelos lisos, cortados à altura dos ombros, e fixava em Célio olhos vivos e inconvenientes. “Que mulher desagradável!” ele pensou.

— Mas Francisca tem um marido agora, e uma casa para cuidar — diz Alice olhando a estrada vazia em frente.

— O primo ainda não se sente à vontade em sua nova casa? — disse Ana Lúcia sorrindo para Gabriel, a quem encontrara por acaso na cozinha.

— Não sei se é minha casa — replicou ele perturbado, pois aceitara o convite que a prima lhe havia feito para um passeio pelo jardim, mas descendo em direção à ponte olhara de relance para a escada: dali, sua mulher o vigiava com ar sombrio.

Anita não se dignou sorrir, mas Jorge, que havia sentado na calçada à sombra da casa, levantou-se.

— Tinha um coreto ali — ele diz.

— Um coreto! — exclama a Atriz Nº 3. — Mas que original! — esforça-se por parecer simpática e cativar aquela mulher que se mantinha arredia e carrancuda, mas que não passava de uma criada. Sim, pensa, estavam incomodando, eram estranhos que vinham quebrar a rotina e o ritmo sossegado da casa, mas que direito tinha uma criada de mostrar-se insolente? Não eram convidados de Ana Lúcia, a filha da proprietária? — Soube que além daquelas árvores havia também um lago.

— Sim, havia um lago, mas acabou — disse Jorge.

— Por certo em outros tempos a família reunia-se no coreto — disse a Atriz Nº I.

— Com o tempo o lago foi assoreado — Jorge seguia explicando à Atriz Nº 3. — As chuvas, às vezes a correnteza do rio...

— Nos bons tempos — disse Anita carrancuda —, quando esta família ainda era uma família, e todos aqui faziam parte dela.

A Atriz Nº I calou-se, embaraçada. Mas Jorge ainda falava do lago à Atriz Nº 3:

— Podia-se remar nele noutros tempos...

— Ah, sim...

— Por que não é sua casa? — perguntou Ana Lúcia, enlaçando-o pela cintura. — Quando foi mesmo que voltaram?

— Eu não voltei — replicou Gabriel, que se perturbou por saber que Helena o estava observando de longe com seu olhar cheio de ameaças. — Eu nunca estivera aqui antes, não podia ter voltado.

— Francisca encontrou seu caminho — diz Alice. — Um dia disse-me que não via perspectivas em sua vida, mas acabou encontrando seu caminho.

— Talvez falte você procurar o seu — diz Júlio.

Helena impacientava-se visivelmente. Marta esperava que a qualquer momento a cunhada se levantasse e fosse na mesma direção que Ana Lúcia e Gabriel haviam tomado momentos antes.

— Não é preciso ter cuidado — diz Ana Luíza percebendo a inquietação de Helena —, não creio que minha irmã seja capaz...

— Ouvi qualquer coisa sim — diz a Atriz Nº 3 à Atriz Nº 1 —, estou certa de que ouvi.

— Ora, você está apenas cismada — a outra retruca —, embora eu concorde que aquela mulher tenha sido um tanto desagradável.

— É que estamos incomodando — diz a Atriz Nº 3. — Isto aqui não é um hotel, não é a nossa casa.

Foi no momento em que Dora ficou sozinha nos degraus da varanda que o Ator Nº 3 se aproximou. Há um minuto vira-o olhando outra vez em sua direção, mas a irmã e a prima ainda estavam ali. No minuto seguinte Ana Luíza lembrou-se de que deveria pôr o menino para dormir, e convidando Marta entrou em casa.

— Não vem, Dora? — disse a irmã, detendo-se no portão, e ela, sentada no primeiro degrau, fez que não com a cabeça.

Foi nesse momento que o Ator Nº 3, o de cabelos amarelos como a gema de um ovo, afastou-se da cerca com passos calmos, caminhando em direção à varanda.

Dora esperava-o de cabeça baixa, seguindo-o com um olhar disfarçado, o coração aos pulos.

— O que acontece é que ele não vive bem com a mulher — dizia Júlio recostado num dos pilares do caramanchão.

— E o motivo disso é... — dizia Alice, preocupada.

— Não é apenas o ciúme — Marta diz baixando a voz, quando Helena se levantou num rompante e se retirou para o interior da casa. “Não são capazes de entender” Helena dizia consigo mesma, “não são capazes...”

— Sim — diz Júlio, confirmando —, esse é o motivo de seus desentendimentos constantes.

— É que ela não pode dar filhos a Gabriel — diz Marta por fim.

Ana Luíza franziu a testa, surpreendida.

— Ela teme — conclui Marta — que ele vá ter filhos com outra mulher.

— E ela teme que ele vá ter filhos com outra mulher — diz Alice.

— Mas há outra coisa — recomeça Júlio.

Célio punha-se mais uma vez à janela, uma vez mais sozinho. Sentiu-se aliviado quando a Atriz Nº 4, de posse de um volume com as comédias de Molière no original, deixou a biblioteca.

— O senhor lê francês? — ela havia perguntado erguendo o volume antes de sair. Ele respondeu com má vontade que não e deu-lhe as costas.

Ouviu seus passos afastando-se pelo corredor.

Embaixo, junto à cerca, via um dos atores do grupo que tinha os cabelos singularmente loiros. “Nunca vi cabelos amarelos assim” ele pensa, mas atravessando a pontezinha sobre o rio não era Ana Lúcia que abraçava Gabriel pela cintura?

— Uma coisa — Júlio hesita ainda — ...com respeito a Ana Lúcia e Gabriel.

Dora, contudo, podia ver que o Ator Nº 3 era um rapazola de rosto imberbe e bonito. Parecia um garoto, e perturbava-a. Viu mais uma vez a cabeça loira dele virar em sua direção.

— Aquela senhora é tia de Ana Lúcia — diz o Ator Nº 4, um homem alto e grisalho de quarenta e cinco anos. — É casada com esse fazendeiro gordo.

— Parece que são recém-casados — diz a Atriz Nº 2.

— Tão feio um casamento entre velhos — resmunga a Atriz Nº 5 com impertinência.

— Sugeri à dona da casa que voltasse a cultivar as terras — diz o Ator Nº 2. — Ela me disse que tinha essa intenção — mentiu ele —, mas alegou que não dispõe de mão-de-obra, pelo menos por enquanto.

— Que tal irmos até o caramanchão? — disse o Ator Nº 4 pondo-se de pé.

— Não lhes parece que Ana Lúcia está começando a envolver-se? — diz a Atriz Nº 5, com sua espontânea maledicência. Bem, não estaria inventando nada, diria ela em defesa própria, pois não vira Ana Lúcia e o primo abraçados no pomar?

Nesse momento Júlio, Francisca e Alice apareceram entre as alamedas laterais vindo do caramanchão, e se detiveram ali, à sombra das árvores.

Dois minutos antes, sob o caramanchão, Francisca levantara-se ajeitando o vestido, onde haviam caído farelos de biscoito:

— Cansei de estar aqui. Que tal andarmos um pouco para esticar as pernas?

Alice estivera esquecida, pensando no que o irmão acabara de lhe dizer, mas tornando a si apercebeu-se de que Francisca havia sugerido algo cujas palavras permaneciam em seus ouvidos, embora o sentido lhe escapasse. Num esforço de concentração tentou compreender as palavras de Francisca, e só então respondeu:

— Com toda essa gente estranha por aí...

— Ora — replicou Francisca —, não podemos passar toda a tarde sob o caramanchão. Afinal, tiramos o dia para não fazer nada.

Haviam tirado o dia para não fazer nada, pensa Alice. Tinham vagado aqui e ali sem fazer nada, a não ser conversar... “Nunca faço nada mesmo”.

— Que horas são?

Mas Alice compunha o vestido, perturbada ainda com o que o irmão lhe dissera, e perguntou-lhe de repente com certa aflição e impaciência:

— Você crê mesmo nisso, Júlio? Crê que Ana Lúcia...?

Júlio tornara-se um homem ponderado com a maturidade. Não se espantava com as coisas, não o abalava aquela novidade. Mãos nos bolsos, respondeu sem alarmar-se mas advertindo:

— Helena não é uma mulher equilibrada... temo pelo que possa fazer.

Tomam a direção das árvores, entre as quais ainda se podia transitar sem que o mato incomodasse. “Talvez se tudo isso aqui fosse limpo...” pensa Francisca.

— É pouco mais de duas horas — disse a Atriz Nº 1 ocupando um banco sob o caramanchão. — A tarde será comprida — comentou, vendo que a Atriz Nº 4 aproximava-se, descendo os degraus da varanda. — As tardes de primavera são longas, mas não como as de verão.

Reuniam-se sob o caramanchão os outros atores, que aproveitavam para um momento de repouso nesse início de tarde em que o sol brilhava num céu impoluto.

— Que tal se fôssemos passear amanhã pelas propriedades vizinhas? — sugeriu a Atriz Nº 1.

— Bem lembrado — disse o Ator Nº 1 abraçando a Atriz Nº 2 numa atitude banal —, faz uma semana que viemos e quase não saímos daqui.

— Temos ido à vila — comentou o Ator Nº 2.

— Teremos longas caminhadas pela frente, se decidirmos mesmo ir às propriedades vizinhas — diz o Ator Nº 4.

— Estive na biblioteca da casa — disse a Atriz Nº 4, e exibiu o volume de Molière. — Falei com o outro tio de Ana Lúcia. Olhem, pareceu-me um excêntrico... ou então é um arrematado imbecil.

— É certo que será um imbecil — apressou-se em dizer a Atriz nº 5. — Onde já viu ficar o dia inteiro trancado numa biblioteca? Só pode ser um retardado!...

Mas o Ator Nº 3, nesse momento, conversa com Dora, que lhe fala de coisas que não havia conhecido. Sentara-se um degrau abaixo dela, e apoiara o braço no degrau de cima, reclinando o corpo em sua direção.

— Havia um lago ali — dizia a menina indicando o pomar —, tinha até um barquinho, e podia-se remar nos dias de sol.

— Não vou tolerar isso — disse Helena com certa gravidade, olhando pela janela do quarto. Ana Luíza trocava o bebê para pô-lo no berço. Marta, que estava mais perto, pôde ouvi-la.

— Esta não é minha casa — ela diz num movimento de impaciência, voltando as costas para a vidraça, com as faces ruborizadas. Sua voz sibilara, tinha o busto ereto e os ombros erguidos, com as palmas das mãos apoiadas no peitoril da janela.

Ana Luíza interrompeu-se por um momento, surpreendida. Marta tentou contê-la.

— Sim, esta casa é sua — disse Ana Luíza com calma —, já que é a mulher de meu primo.

— Não — tornou Helena, cujos olhos de uma cor verde acinzentada denotavam um ódio reprimido. — Não precisávamos dela antes, tínhamos a nossa lá...

Ana Luíza não pôde contestá-la. Voltou-se para o filho, perturbada. Ela sim é dona, ouviu-a dizer ainda, e evitou olhá-la de novo nos olhos. Helena era uma mulher miúda, de temperamento forte e indomável, que se podia rebelar por qualquer motivo. Ela é a dona, não eu, ouviu-a repetir, antes de sair furiosa.

— Talvez se você mandasse reconstruir o coreto, Alice — sugeriu Francisca, dominada pela febre de reformas que via o marido empreender em casa. Já não se conformava com o abandono a que se entregara a fazenda Veiga Albuquerque.

Mas Alice não a ouviu: sentados na escada, Dora e o rapaz de cabelos amarelos pareciam conversar animadamente. Júlio também os vê, mas não dá importância.

— Ou então limpar o jardim, o pomar — prosseguiu Francisca —, e refazer os canteiros, replantar as árvores frutíferas...

— Os filhotes não voaram ainda — dizia Dora ao Ator Nº 3, que se chamava Luigi e descendia de europeus, como tentara explicar à menina. “Minha mãe era alemã, mas meu pai, italiano” ele disse, mas ela não pareceu interessar-se quando ele falou de sua infância e de como costumava brincar no Coliseu, correndo através das galerias.

— Sempre gostei de pássaros — dizia Dora então, e Luigi, de quem todos abreviavam o nome para Lui, compreendeu que para aproximar-se dela, e manter-se próximo, deveria fazer-se também criança, habitar seu mundo adolescente. — Você gosta de pássaros?

— Não é sociável — dizia aborrecido o Ator Nº 4, referindo-se a Marta, que não lhe dera atenção.

— Parece doente — observou a Atriz Nº 3.

— Afinal, o que você pretendia com ela? — pergunta o Ator Nº 1.

Ana Lúcia contorna o coreto, os escombros que restavam dele. No gramado em volta haviam crescido pequenos arbustos, mais adiante um espinheiro progredia com a primavera.

— De repente lembrei-me de João Manuel — diz Ana Lúcia, tomando a mão do primo. — Gostaria que o conhecesse.

— Não é nosso primo que anda viajando? — pergunta Gabriel, que ouvira por alto os outros da casa aludirem a ele.

— O que pretende Lui com a menina? — diz a Atriz Nº 3, que começava a suspeitar.

— Com uma criança! — exclamou o Ator Nº 2. — Essa é boa!

— Não seria a primeira — torna a Atriz Nº 3. — Desde ontem que os vejo conversando, que os vejo muito juntos...

— Talvez eu devesse habituar-me — diz Alice mudando o rumo da conversa, porque olhando para uma das janelas do segundo andar distinguira, detrás da vidraça, o vulto de sua filha mais nova.

Ambos, Júlio e Francisca, a observam.

— De qualquer maneira — Júlio diz — é compreensível que...

— Não é para menos — Anita diz enquanto acende o fogo. Ondas de fumaça lhe envolvem a cabeça, e com o rosto vermelho e os olhos lacrimejando apanha o abanador.

— Dona Francisca foi quem lhe pôs essa idéia na cabeça — diz Jorge entrando com uns gravetos. — Porque viu o marido restaurar a propriedade deles.

— Parece que os trabalhadores chegam amanhã — diz Anita abanando o fogo.

— ...onde morávamos antes de vir para cá — dizia Dora ao Ator Nº 3, que atendia pelo nome de Luigi e todos chamavam de Lui, e tinha uns dentes grandes e são, muito brancos.

— Então vocês moravam na cidade — diz Lui.

— Era um subúrbio. Mas papai falava sempre em voltar para cá, desde que mamãe morreu há alguns anos. Dora fica de pé, e seu vestido de organdi azul caía com graça abaixo dos joelhos. Lui pôde perceber que a menina tinha os pés muito pequenos, metidos nuns sapatinhos pretos de verniz.

— Não quer dar um passeio comigo? — perguntou.

— Com toda essa gente por aí, e os trabalhadores... e essa azáfama... Bem — diz Alice —, a casa volta a ter vida.

O pequeno grupo permanece parado à orla da alameda, aproveitando a sombra das árvores. Ao longe, junto à ponte, Dora gesticula apontando na direção do pomar, enquanto o Ator Nº 3 parece ouvi-la com atenção.

— Entretanto — Alice diz —, é diferente, sempre vai ser diferente.

“Há de ser inútil” pensava Célio observando o movimento dos trabalhadores no jardim, no pomar, em todos os lugares. “Quando tudo começa a desfazer-se, não há remédio.” Uns homens cruzavam agora o riacho carregando tábuas para a reconstrução do coreto, outros falavam alto, invisíveis entre as árvores do pomar, e podia ouvir-se o ruído das foices derrubando o mato ralo. “Essa casa não vai voltar ao que era antes” Célio pensa lembrando o tempo da mãe, quando Rebeca dirigia com pulso firme e determinação a fazenda em plena atividade. “Agora é tarde.”

Ana Luíza segura nos braços o menino, sozinha em seu quarto. Helena saíra intempestivamente, dominada pelo ciúme ao ver Gabriel passeando

com a prima, e Marta a acompanhara. Então Ana Luíza ficou embalando o filho, que iniciava um choro arrastado.

— O que você quer? — ela pergunta, falando baixinho junto ao rosto do filho. — Hein? Meu menino não quer dormir? Está com fome? — e desabotoando o corpete fez aparecer outra vez um seio muito claro, inchado de leite, a cujo bico a boquinha agarrou-se voraz. — Ah, então é isso, então é isso... ora esta, um meninão deste ainda querendo o seio!...

Mas Ana Luíza pensava no ciúme de Helena, e perguntava-se se sua irmã teria coragem de envolver-se com o primo sabendo-o casado e com a mulher “embaixo daquele mesmo teto”. “Ciúme” ela pensa, refletindo que Ana Lúcia havia voltado muito diferente, muito mundana, e mesmo suas maneiras tinham perdido a suavidade. “Não é mais uma adolescente” justifica, “e a vida no palco muda as pessoas”, mas havia alguma coisa que não lhe agradava na irmã agora. Talvez percebesse nela um certo ar de arrogância, muito sutil, que ela mantinha na presença dos da casa, como se condenasse a vida frugal e limitada de sua mãe, de tia Francisca, mesmo a dela, e insinuando que eles estavam ultrapassados em seus costumes. Por outro lado, dizia consigo mesma, aquilo talvez não passasse de impressão sua, porque afinal Ana Lúcia continuava sendo sua irmã, e não deixara de ser amorosa.

Uma gargalhada cristalina chegou do jardim, e Ana Luíza aproximou-se da vidraça. Na biblioteca, Célio também espiou pela janela. Viu Ana Lúcia abraçada a Gabriel cortando a dormência do sol das duas horas com seu riso estridente. Junto às árvores, à orla da alameda, viu o pequeno grupo formado por Alice, Francisca e Júlio.

Os trabalhadores continuavam indo e vindo, suados sob o sol. Sobre a ponte, Dora parecia entretida em conversar com o rapaz de cabelos amarelos.

— Desejaria muito uma coisa — dizia Lui sobrepondo sua mão à da menina no corrimão da ponte.

Dora, ruborizada, deixou sua mão sob a dele por um segundo, depois a retirou com delicadeza, perguntando:

— Desejaria o quê?

— Que a senhorita fosse alguns anos mais velha.

— Enfim, enfim! — exclama o Ator Nº I, batendo palmas.

— Bem, foi um bom mês de descanso — disse a Atriz Nº 4 —, e pude ler Molière no original.

Uma brisa estival agita as folhagens do caramanchão e o sol em volta parece queimar. Quem se aproxima nesse momento é Ana Lúcia, de mãos dadas com o primo.

— Então — ela perguntou ao grupo —, é tempo de partir?

— Creio que sim, é tempo de partir! — disse com veemência o Ator Nº 4.

— Há quem não queira partir — alguém falou.

— Só mais uma semana — tornou Ana Lúcia. — Não temos ainda nenhum trabalho em vista.

— Oh, sim, temos — tornou o Ator Nº 4 —, já tínhamos projetos antes, ou nossa anfitriã não se recorda?

Ana Lúcia franze a testa com um sorriso, simulando enfado. “Shakespeare! Otelo!” exclama. Claro que se lembrava, mas às vezes era tão bom estar ali, que se esquecia dos compromissos.

— Mais uma semana — ela disse —, e então poderemos fazer as malas.

— Bem — disse Júlio —, os bancos sob a paineira foram consertados. Já podemos nos acomodar lá, ou mesmo ir até o coreto.

— Estive no coreto ontem — Francisca diz —, está como em nosso tempo...

Alice observa os trabalhadores capinando o jardim, removendo os detritos, replantando a grama. Move a cabeça com descrença, com lentidão. “Nada mais é como em nosso tempo, nem voltará a ser.”

— Vão reconstruir os estábulos — ouviu a voz de Júlio como se viesse de longe. Para Alice toda aquela movimentação, que saíra da cabeça da prima, era desnecessária.

— Oh, o Rodolfo já se habituou — ouviu também a prima dizer, explicando que o marido já se acostumara a que ela passasse dias ali, em sua companhia. E olhou em direção da ponte onde, um momento antes, Dora conversava com aquele rapaz da equipe de teatro. Não estavam mais lá, tinham se afastado sem que percebesse. “Aonde terão ido?”

— Então a senhora decidiu-se — disse o Ator Nº 2 saindo do meio das árvores. Alice reconheceu o rapaz, atirado e bisonho, crendo por certo que aquelas mudanças se deviam a uma sugestão sua. O Ator Nº 2 aproximou-se. — É uma grande propriedade — disse com ar de entendido —, seria uma pena permanecer inativa.

Alice o considera com um olho crítico, entre aborrecida e divertida.

— Qual a sua idade, meu rapaz? — pergunta.

— Minha idade? Em novembro estarei completando vinte e três.

Alice continua olhando-o com firmeza, e o Ator Nº 2 não sabe como reagir a uma inspeção tão direta. Com efeito, refletiu, essa mulher não simpatiza comigo, mas Alice diz, antes de voltar-lhe as costas:

— O senhor tem a idade das ilusões, Sr. P... Ilusões acerca de tudo — e fez uma pausa, acentuando as palavras: — Até de si mesmo.

— Havia estábulos aqui — e Dora aponta uma construção cujo telhado caíra. Algumas tábuas permaneciam presas aos moirões da cerca. O mato havia crescido em volta, mas a trilha entre as árvores fora batida recentemente.

— Com o começo das obras — continua a menina, que falava sempre e

sem constrangimento — ouvi tia Alice dizer que vão reconstruir os estábulos — e ficou imaginando cavalos ali, dóceis e bem cuidados, aos quais alimentaria dando-lhes milho na palma da mão.

— Você gosta de cavalos? — a menina perguntou, e Lui viu à luz fulgurante da tarde como eram cor de mel os olhos dela!

E uma vez ainda vibra aquele sorriso cristalino, aquela explosão de alegria inconsequente. Com a janela aberta Célio podia ouvi-la, mas já não o incomodava. Ana Lúcia trouxera consigo toda aquela gente estranha, invadiram a casa como se fosse um objeto exposto à curiosidade pública, tiraram-lhe o sossego e a quietude dos seus dias de clausura, mas isso não tinha mais nenhuma importância. “Está próximo o dia” pensou, pois os atores da companhia de teatro — conforme ouvira dizer — iriam embora no próximo domingo, e ele decidira partir em silêncio, pela madrugada, dois dias antes.

Enquanto via da janela Ana Lúcia abraçar-se ao primo, lembrava-se uma vez mais de Rosinha, uma vez mais pensava em Ana Luíza, e não teve remorsos. Encerrava aquela fase de sua vida como alguém que fecha seu diário após escrever a última página. Respirava aliviado agora, tudo havia terminado e por fim chegava sua vez. Não sentiu medo nem ansiedade, não teve sobressaltos nem cometeu atos precipitados, continuou ali — na biblioteca ou em seu quarto de dormir, raro em raro saindo de casa a fim de não se encontrar com os estranhos, e aguardou sem pressa a passagem dos dias.

— Cuidado com esse manacá — adverte Alice aos trabalhadores que limpavam o gramado —, há um ninho nele.

— Sim senhora, dona Alice.

— Vamos recompor o jardim, o nosso jardim — dizia Alice contagiada pelo entusiasmo de Francisca. Júlio participava às vezes com uma ou outra sugestão, ou relembrava fatos.

— Lembro-me — dizia ele — de que aqui havia costelas-de-adão com suas folhas grandes e lustrosas. Formavam uma touceira, e no meio mamãe mandara plantar uma bananeira de jardim, que dava cachos de flores vermelhas.

— Seria difícil replantar tudo como na época de tia Rebeca — diz Francisca. — Minha memória não ajuda muito.

— Ora ora, meu primo! — e foi quando vibrou no ar a gargalhada que ninguém confundiria. Alice olhou e viu a filha mais velha vindo do outro lado do rio. Ana Lúcia abraçava o primo, embora este se mostrasse (mesmo a distância Alice julgou percebê-lo) embaraçado e pouco à vontade.

Naquela tarde Rodolfo viera sozinho, estava queimado de sol pois havia trabalhado como um mouro durante toda a semana, e reclamava de que “há empregados que nada fazem se o patrão não estiver à frente”.

— Imaginem o que é isso — diz para Júlio com uma falsa indignação —, eu que há muito tempo não precisava ocupar-me com o gado!

Francisca deu o braço ao marido, admirando sua obstinação. Via-o mais magro, e aquela cor morena dava-lhe ares de saúde.

— Enfim a senhora resolveu... — ele diz a Alice, que nesse momento via Célio na janela da biblioteca. Mas Alice desviou o olhar para outra direção, não acenou para o irmão convidando-o a descer até o jardim, não desejava mesmo que ele viesse, não lhe faria bem estar em sua presença. Não, não que o odiasse, não o odiava, mas era preferível que ele se mantivesse distante dela.

— O que disse? — perguntou voltando-se para Rodolfo, que lhe indicou os trabalhadores indo e vindo, transitando em todas as direções.

— Dizia que a senhora se decidiu...

Ao longe, um barulho de pancadas eram os carpinteiros cortando e pregando madeira. “O telhado” Alice pensou, “estão consertando o telhado”.

— Oh sim — disse sem prestar atenção —, fazia-se necessário...

Mas Célio, que havia notado a atitude da irmã, continuou na janela, observando a movimentação dos trabalhadores. “Perdi minha irmã” ele pensou, “sim, creio que a perdi...”

— Éramos meninos e brincávamos por aqui — Júlio disse a Rodolfo, que se punha à sombra.

Gabriel e Ana Lúcia, esquecidos do calor, haviam parado na ponte para olhar a água que corria outra vez no leito limpo e arenoso do rio.

Alice teve um ligeiro estremecimento ao ver Helena no oitão da casa vigiando-os em atitude hostil. Helena, a mulher de Gabriel, mordida-se de ciúmes em sua reprimida revolta. “Isso não vai continuar” pensou. Marta apareceu logo em seguida. Alice percebeu que a sobrinha lhe dizia alguma coisa, e ambas se afastavam, sumindo-se atrás da casa. Alice virou-se e deu com Francisca, que também percebera tudo.

— Às vezes recordo-me com muita exatidão de como era o jardim — dizia ainda Júlio, que indicava a paineira recordando que havia tropeçado certa vez ali, numa raiz, e tivera um braço partido. “Tinha oito anos, se tanto.”

— Mas essa pequena roseira — Alice indica uma roseira raquítica que os trabalhadores já haviam libertado do mato alto —, lembro-me, foi tia Ludmila quem plantou.

Um dos trabalhadores aproximou-se com uma pá, passou por eles, cumprimentou-os levando a mão ao chapéu.

— A tia Ludmila? — admirou-se Francisca.

Júlio respondeu ao cumprimento com um aceno de cabeça, mas Rodolfo e as mulheres não chegaram a notá-lo.

— Eu era bem menina — Alice diz, enquanto observa uma flor, uma rosa branca que começava a murchar entre os galhos. Alguém havia esquecido no chão uma tesoura de podar. Alice curvou-se para apanhá-la e ficou

com ela nas mãos, imaginando se era correto colher aquela flor que murchava, se deveria deixar que o tempo a colhesse no momento certo.

— Lembro-me bem — continua Alice —, eu estava naquela janela ali — indica a janela do quarto de Ana Luíza — e via tia Ludmila retirar uma muda de junto da cerca e trazer para cá.

— Tia Rebeca não se opôs? — Francisca perguntou.

— Provavelmente — contrapôs Júlio — da roseira de tia Ludmila não resta mais nada. Essa aí deve ser alguma muda plantada muito tempo depois.

Alice, hesitando ainda, estende a mão para cortar o talo delicado, que já se curvava para baixo.

“Uma flor que está murchando” ela pensou interrompendo seu gesto por um momento, como se tanto o gesto quanto a flor, e mesmo ela e tudo à sua volta, fossem cristalizar-se no tempo, e de repente imaginou que aquela deveria ser a fórmula da perenidade, o método secreto para tornar-se eterno. Tudo, como seu gesto, estava imóvel agora, mas se ela estendesse a mão e decepasse o talo da flor o tempo voltaria a correr, tudo haveria de retomar o curso original da existência e estaria condenado ao fim. Alice pensou: “Terei o direito de condenar tudo e todos à destruição?”

— Papai certa vez quebrou o braço — Dora dizia sentando-se numa tábua da cerca. — Ele me contou que era criança quando isso aconteceu.

Luigi não sabia às vezes como dar continuidade à sua conversa com a menina, que de repente interrompia um assunto e enveredava por outro, com a volubilidade natural das meninas de sua idade.

— Por que você não senta ao meu lado? — ela perguntou. — Tem medo de cair e quebrar um braço?

— Talvez eu tenha medo de que você caia e quebre um braço — ele disse, e segurou-lhe uma das mãos entre as suas, o ouro líqüido dos olhos de Dora, no que ela erguia o rosto, adquirindo uma luz vibrante quando banhado pelos raios do sol.

O sorriso de Dora imobilizou-se, desfez-se quando se olharam assim, ela sentada na tábua da cerca, ele junto a si, de pé à sua frente, segurando-lhe a mão, apertando-a com carinho.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o Ator N^o 1. Enquanto sob o caramanchão os outros discutiam seu próximo trabalho, ele se afastava em companhia do Ator N^o 4.

— O quarto dela é o último do corredor, à esquerda — diz o Ator N^o 4. Aproximavam-se do portão. — Não compreende?

— É a ala da casa ocupada pela família — torna o Ator N^o 1.

— Sim, mas a menina dorme sozinha — diz o Ator N^o 4. — Luigi vai entrar no quarto dela esta noite.

— E então tudo está pronto — Célio diz, recostando-se no divã. Ainda

podia ouvir a voz das pessoas no jardim, o ruído que os trabalhadores faziam no telhado, no pomar, pregando tábuas ou derrubando árvores mortas. Ainda podia ouvir a gargalhada da sobrinha que passava sob a janela, por certo na companhia do primo, tentando seduzi-lo. Célio ainda podia ouvir os rumores da tarde, costumeiros e perenes, que enchiam a biblioteca nos dias quentes e longos de verão, e que vinha ouvindo desde sempre, desde sua adolescência, desde sua juventude desiludida. Ouvia-os agora de uma outra maneira: já não eram os mesmos, adquiriam um caráter novo, e quando partisse, e quando estivesse longe lembraria do seu hábito de deitar-se ali, no divã, e passar tardes como aquela na sonolência de sua existência vazia, com os olhos fechados e ouvindo o gorjeio de um pássaro ou a voz da irmã conversando embaixo, no jardim, o mugido melancólico de uma rês no pasto ou o vento movendo as cortinas da janela. Célio antecipava-se as recordações que teria, e pensou que não lhe trariam saudades, apenas o sentimento de uma etapa de sua vida deixada em definitivo para trás. Não cogitava grandes perspectivas para o futuro, não tinha planos, nem mesmo podia afirmar vou embora para sempre ou apenas viajar alguns meses, alguns anos, e depois eu volto. Abrindo os olhos para a penumbra desse recanto sabia que lá fora, no jardim, na estrada, o sol refulgia e quase era capaz de imaginá-lo como um ruído incômodo, como se sua claridade cegante emitisse um som. Logo não se deitaria mais naquela meia obscuridade, estaria quem sabe no convés de um navio observando as ondas e conversando com outros passageiros (falaria dos planos de sua viagem, mesmo não tendo plano algum, descreveria aventuras embora não tivesse tido aventuras, e assumiria ares importantes ao falar sobre o ombro e apontar alguma ilha no horizonte), freqüentaria alguns prostíbulos para conhecer a vida de perto e talvez adocesse, mas isso não tinha a menor importância, do que não tinha nenhum receio, e por fim acabaria por amasiar-se com alguma dona de pensão... (onde ouvira — ou lera — algo parecido? Estava certo de que...)

Célio pensou no irmão que havia voltado para casa com os filhos, o mais velho casado, e a mais nova uma menina que não tinha mais de treze anos. Quantas vezes ocupara-se em refletir sobre o caso de Júlio? Não o reconhecia e isso era tudo. Júlio já não era Júlio, mas isso ele havia aprendido: a própria vida incumbe-se de dobrar as personalidades obstinadas, e mesmo sua mãe, a altiva Rebeca, orgulhosa de sua família antiga e de suas ligações com a nobreza, em seus últimos dias havia-se convertido apenas numa velha doente que agonizava em silêncio, esquecida de sua altivez e de suas convicções.

“Pobre mamãe” pensou.

Alice — e Célio agora imagina a surpresa da irmã quando lesse o bilhete no qualalaria de sua partida — estava no jardim com Francisca, “estão

sempre juntas”, e Rodolfo conversava com Júlio. Rodolfo aparecia pouco na biblioteca; quando ia, cumprimentava-o cumprindo uma formalidade e se retirava logo após. Célio estava isolado, sabia disso e mais que nunca sentia necessidade de libertar-se. Seu pensamento dava voltas, não se detinha em nada nem em ninguém por muito tempo, indo de uma coisa a outra com uma inquietação febril. A irmã e a prima em seu eterno passeio pelo jardim, Rodolfo que havia se casado com Francisca, Júlio que tinha três filhos, seu próprio filho com a sobrinha, que completara um ano e ele tinha até então evitado ver, aquela febre de amor ou de puro desejo (ou de insânia...) que resultara num pequeno desastre familiar a incomodá-lo menos agora, e de novo a lembrança da mãe e mais uma vez suas divagações recaindo sobre Rosinha Gonçalves...

“Não há mais Rosinha Gonçalves” disse para si mesmo.

“...e enfim estou aqui e posso admirá-las, e além delas posso admirar a linha ondulada do horizonte nessas areias que parecem sem fim. Estas são as pirâmides, que existem há cinco mil anos, mas sobre as quais o tempo parece não ter pesado.

“Um momento antes de vir eu parei num café e fiquei observando os negociantes apressados, os fregueses preocupados com sua refeição ligeira ou discutindo as atividades do dia. Em nenhum deles há espaço para pensar nestes monumentos de pedra, mas eu estou aqui olhando-os com espanto. E o tempo que eles guardam em sua história silenciosa — uma história que bocas humanas não contam — não se coaduna com a pressa dos homens em seu dia-a-dia estéril, exercendo suas atividades mediócras, falando suas bobagens que a enxurrada da vida apaga... Diante destes monumentos o tempo se torna um objeto de meditação, e a vida humana — o curto momento de uma vida humana — parece tornar-se mais simples, menos significativa, ainda mais limitada.

“Em cinco mil anos o homem transformou-se, as civilizações se fizeram e se desfizeram, mas sua obra continua aqui, incólume — e embora não saibamos que mãos trouxeram estas rochas para cá, sabemos que elas existiram e fizeram isso. É curioso que o homem, esse ser diminuto que diante de tais monumentos torna-se ainda menor, tenha-os erguido, e que eles testemunhem a grandeza de uma espécie que se perpetua sobre a face da terra há muito mais de cinco mil anos. E então concluímos que não é um homem ou um povo que importa, não um faraó ou cem mil escravos, nem mesmo eu que paro aqui em atitude contemplativa ou aqueles que no café falavam do corriqueiro de sua existência sem se preocuparem com esses mistérios profundos, não — o que importa é a própria espécie humana, que surgiu um dia na face da terra e, aos tropeços e tram-bolhões, conseguiu chegar até aqui.

“(...)”

“...afinal, como foi acontecer isso com minha prima Ana Luíza? Nunca poderia imaginar tio Célio fazendo uma coisa assim, nem Ana Luíza submetendo-se.

“Aproveito para comunicar minha separação de Brenda Parker, há seis meses já. Também o comunico à minha mãe, em carta que segue ao mesmo tempo que esta, por isso peço que nada lhe diga sobre isso.

J.M.”

— E aquele rapaz entrou no quarto de Dora certa noite — diz Alice, nas mãos a tesoura de podar e a rosa branca que principiava a fenecer, colhida enfim após um momento de hesitação.

Via após aquele gesto que as coisas, sim, as coisas continuavam seu curso natural, mas que não tê-lo completado faria também que elas continuassem, embora de uma outra maneira, pois agora havia esse incidente mínimo a coexistir com o transcurso do tempo: a rosa fora colhida, estava em suas mãos e Alice podia sentir o delicado aroma que desprendia de suas pétalas. É impossível parar o tempo, pensou.

Francisca acompanhara-lhe o movimento, o ato de colher a rosa decepando-lhe o talo bem junto ao tronco, sua momentânea indecisão antes de o fazer, e agora o ar distraído com que falara daquele incidente antigo.

— Eles deviam estar combinados — disse Francisca, que não acreditava na inocência de Dora: afinal ela não era tão menina assim —, não tinha naquela época treze anos?

— Não creio — torna Alice ainda de cabeça baixa, admirando a pequena rosa murcha em suas mãos —, ele a seduziu. Seduziu-a dentro de nossa própria casa.

Júlio havia-se retirado para sentar-se no primeiro degrau da escada, e punha-se a lembrar de quando os trabalhadores estavam ali com sua constância laboriosa, com o firme propósito de restituir à casa dos Veiga Albuquerque seu antigo fulgor.

— Um ar de abandono começa a tomar conta de tudo outra vez — ele diz a meia voz, falando consigo mesmo.

— Que tal se fôssemos ao coreto? — Francisca sugere.

Mas já haviam estado lá pela manhã, Alice recorda atirando para junto da roseira a tesoura de podar que até então segurava.

— Júlio — ela diz erguendo o busto —, essa tesoura de podar ainda é útil, não devemos nos esquecer de guardá-la.

Júlio, distraído, apenas voltou o rosto para ela, sem estar certo de tê-la compreendido. Mas Alice não chegou a percebê-lo pois já se voltava para outra direção e se dirigia sem pressa para o meio do gramado.

— Bem... enfim, talvez devêssemos ir até o coreto — ela diz. — Não vem conosco, Júlio?

O céu estava encoberto agora, não muito, algumas nuvens brancas elevavam-se, compactas como blocos de espuma, embora não houvesse nenhum prenúncio de chuva e ao longe se pudessem ver montanhas verdejantes iluminadas pelo sol.

— Lembro-me de que Dora estava chorando em seu quarto naquela manhã — Alice diz, olhando para a janela do quarto da sobrinha. Apesar das vidraças abertas, ninguém usava agora aquele cômodo nessa casa tão vazia. De repente Alice percebe que não está pensando em Dora, mas em sua casa, pois ao olhar para a janela do quarto que pertencera à sobrinha deteve-se para contemplar, mais uma vez, a imponente fachada da fazenda que ainda parecia nova mesmo transcorrido tantos anos após a reforma, e que sempre lhe causava uma impressão que não conseguiria definir se agradável ou desagradável, mas que em todo caso era uma sensação de poder. “Um poder ilusório e vazio” Alice pensa, e então se recorda da mãe sempre tão rígida e convencional, rigorosa com banalidades como a hora das refeições e com essas noções das quais ela, a filha, discordava sempre, noções de posição social, nome de família, laços com a nobreza...

Mas ali estava a fachada dessa casa que tinha duzentos e cinquenta anos: transcorrido esse tempo e tendo enfrentado seu poder devastador, com todos os remendos com que encobria seu rastro, mantinha-se imponente em sua grandeza, bela em suas linhas coloniais, ainda que além disso não houvesse muita coisa. “Minha casa...”

— Talvez ela estivesse arrependida — diz Francisca a quem à época não preocupara muito o incidente com Dora. Já fazia tanto tempo, pensa, ela própria havia sofrido suas perdas e ainda estava ali, não inabalável mas capaz de resistir e se Júlio havia sofrido, e se todos haviam sofrido, também ela sofrera suas dores mais que os outros pois cada dor é individual e intransferível, e mesmo reconhecendo o que havia de pouco nobre nesse pensamento não pretendia evitá-lo, não estava em si mascarar a verdade.

Nesse momento cruzavam a ponte — e lembrou-se de uma das últimas vezes em que Rodolfo Gonçalves estivera ali com ela. Ele havia parado nesse mesmo lugar e se debruçara no corrimão olhando as águas. Nos últimos anos começara a ter aquelas faltas de ar, aqueles cansaços ao menor esforço, e então se vira forçado a reduzir as atividades na fazenda.

— Quando ele parou aqui da última vez — diz Francisca detendo-se no meio da ponte — ficou admirando o rio. “Essa água passa dentro das nossas terras” ele disse, “depois vem para cá. Daqui vai para algum lugar muito distante, mas antes veio de algum outro lugar, igualmente distante.”

Impressionada, Alice ficou ouvindo a prima que divagava — conhecia

aquele incidente, pois Francisca o havia referido diversas vezes, mas sempre a impressionava ouvi-lo.

— No dia seguinte ele amanheceu morto¹⁹ — diz Francisca hipnotizada pelo movimento rápido das águas entre as pedras. — Pergunto-me se naquele dia ele estaria se referindo às águas do rio, só às águas do rio.

Um negro apareceu entre as árvores do pomar. Todos os anos desde a reforma esforçavam-se por manter alguns trabalhadores por ali — para terem a impressão de que ainda estavam vivos. Alice pensa em Rodolfo, pois foi de ver todo seu entusiasmo na restauração da casa que pertencera à família que ela resolvera fazer o mesmo. Vendo o preto aparecer, luzidio de suor, entre as árvores, teve duas impressões contraditórias: primeiro veio-lhe uma certeza de sua casa não estar mais relegada ao abandono, e em seguida refletiu que tudo aquilo era apenas um momento. “Até quando haverá trabalhadores limpando o pomar, o jardim?”

— Parece que faz muito tempo — diz Francisca que, no entanto, nos três anos decorridos desde a morte de Rodolfo ainda sentia sua falta durante a noite quando encontrava a cama vazia; pela manhã, pois já não podia vê-lo levantar-se, despir o pijama e sair assim, sem camisa, para um banho frio na bica; no decorrer do dia, quando ele tinha o hábito de aproximar-se e envolvê-la num abraço carinhoso de irmão mais velho.

Mas Anita nessa hora fritava bolinhos para o lanche e de vez em quando espiava pela janela, para ver o que era feito de Jorge.

— Jorge! — chamou, chegando à janela, e ele apareceu com alguns gravetos na mão.

Jorge entrou na cozinha e foi até o depósito de lenha. Voltando, olhou a mulher, cuja figura lerda já se acostumara a ver todos os dias no canto do fogão, um pano amarrado na cabeça e o rosto vermelho pelo calor.

— Tome conta dos bolinhos para mim enquanto sento um pouco — ela diz.

Jorge aproxima-se pegando a escumadeira da mão da mulher.

— Bolinhos — diz —, quem gostava de bolinhos assim era Célio... mas ainda menino, porque mais tarde...

— Sinto-me cansada disso tudo — diz Anita envelhecida e gorda, com a fronte molhada de suor —, já não tenho mais forças...

— Que é isso, mulher? Não podemos reclamar de nada — Jorge diz recolhendo bolinhos morenos com a escumadeira e pondo-os na bandeja.

— Se ao menos ele voltasse...

— Seu filho — Jorge brinca, mas se arrepende, recolhendo a escumadeira numa atitude intranquã, hesitando um instante, aguardando alguma transformação no rosto da mulher. Anita, contudo, parecia não ter dado importância, não ter ouvido.

— Faz dez anos que ele foi embora...

— Não, Francisca — e então desciam pela margem do rio em direção da esplanada —, eu sei que Dora poderia ter gritado e não o fez, mas...

O sol reapareceu mas não com muita força, pois embora as nuvens se dissipassem ainda o encobriam naquele ponto sobre o jardim. Os morros ao longe continuavam iluminados e o céu com a intensidade de um azul de verão, porém ainda estavam na primavera. Este é um céu de verão, poderia pensar Francisca nessa hora, e Alice sob o sol diria o céu, as árvores do pomar, os pássaros; mesmo Jorge abraçaria Anita, suada e vermelha pelo calor do fogo no fogão a lenha, e a veria com ternura retirando bolinhos da gordura fervente, e o céu visto por ambos através da janela seria o mesmo, mas Jorge não diria nada enquanto Anita estaria imaginando seu menino em algum lugar do mundo, supondo-o feliz. Mas Francisca não fez nenhum comentário, e Alice nem ao menos olhou para cima. Jorge não abraçou a mulher — deixou passar para sempre aquela oportunidade, nem sequer deu por ela! —, e Anita só cuidava dos seus bolinhos, sem se preocupar com o céu e com os pássaros que voavam nele, nem com as árvores em torno da casa e nem com o vento que vindo do alto movia seus galhos em longos acenos sem propósito, e se acaso pensasse em João Manuel era para sentir uma dolorosa saudade e um vago receio.

— ...mas ela estava chorando pela manhã — diz Francisca, completando-lhe o pensamento.

— Ele entrou no quarto da menina de noite, deve ter entrado lá várias noites e depois foi embora com sua turma — Alice movia a cabeça, segurando com displicência a haste da rosa murcha, cujas pétalas caíam na grama, perdiam-se aqui e ali...

— Dois dias antes dos atores — diz ainda Alice — foi Célio quem partiu...

— Uma coisa que não se podia esperar de seu Célio — diz Anita debruçada na mesa, enquanto Jorge colhia da gordura fervente os últimos bolinhos. Jorge ficou segurando a escumadeira com ar de perplexidade.

— Será que estava de combinação com dona Ana Luíza?

— Às vezes penso que Ana Lúcia teve sua parcela de culpa — prossegue Alice, que se detinha para observar a margem seca do rio fendilhada pelo calor do sol. — Engraçado — ela disse mudando de assunto —, quando a lama fina seca fica toda quebrada, e as bordas de cada pedaço se tornam curvas.

— Fazem lembrar barras de chocolate — diz Francisca, curvando-se um pouco para olhar.

Mas Júlio não pensava do mesmo modo. Não, Ana Lúcia não tivera culpa, e quando escolheu a vida errante do palco fê-lo por si mesma, por sua própria deliberação. Teria sido incorreto trazer os companheiros de cena e hospedá-los por um mês inteiro em casa de sua mãe? Júlio não opinava

— eram agora os amigos dela, sua gente, e nem todos seriam maus. Não, acerca do ocorrido com sua filha ela não tinha culpa alguma. Mas... e quanto a Gabriel e Helena, e àquele doloroso desfecho?

— A menina Ana Lúcia tinha de apresentá-lo aqui — diz Anita cobrindo a trempe —, trazê-lo de volta e limpar o nome da família desonrada.

— Ela não escondeu o rapaz — diz Jorge refestelando-se na cadeira. — Ele sumiu, só isso. Não vai avisar dona Alice que é hora do café?

— Mas Ana Lúcia seduziu Gabriel — diz Francisca aprumando-se, fazendo-se séria —, e separou uma família.

“Minha sobrinha seduziu meu filho” Júlio pensa, ainda sentado na escada, “e separou uma família. Não fosse ela, seria outra, pois bastava aquilo, aquele aceno de esperança para que Gabriel...”

— A menin’Ana Lúcia seduziu o filho de seu Júlio sabendo que ele tinha mulher — diz Anita com reprovação. — O que aconteceu com essas meninas tão doces e tão lindas, Jorge? O que aconteceu com elas?

Alice deixou de olhar a lama seca e fragmentada da margem, elevou um pouco a cabeça e ficou pensando, pensando... “Minha filha seduziu um homem casado e separou uma família. Foi isso que minha filha mais velha fez, mas minha filha mais nova não, essa foi mulher de meu irmão e lhe deu um filho que ele não quis conhecer, e a quem eu não amei. Essas são minhas filhas...”

— Gabriel talvez se tenha deixado envolver fácil demais — ela diz, como uma desculpa —, mas isto não redime Ana Lúcia... sou forçada a reconhecer que... e no entanto...

— Eles são os donos da casa — Anita respondeu —, vêm quando tiverem vontade — trouxe para a mesa a chaleira com café e a leiteira. — Eu é que não sei — prosseguiu —, essa gente artista não tem o juízo no lugar, e a menina Ana Lúcia mudou muito.

— Não a ponto de ter escondido o tal rapaz — replica Jorge tirando um bolinho muito quente, segurando-o com a ponta dos dedos.

— ...e no entanto eu creio em minha filha, Francisca, quando afirma que o rapaz desapareceu — Alice diz, procurando em Francisca um assentimento. Ao contrário do que dizia, não dava crédito nenhum à palavra de Ana Lúcia, mas custava muito admiti-lo em voz alta, mesmo à prima, sua companheira mais constante. — Ela não iria querer a desgraça de Dora.

Francisca apruma-se mas continua olhando para a lama fendilhada da margem do riacho. Alice contradizia-se, ela pensa, acusando a filha e ao mesmo tempo afirmando acreditar nela, quando Ana Lúcia retornou no verão seguinte dizendo que Lui havia desaparecido.

— Deixou a companhia menos de um mês depois, mamãe — ela disse chorando —, nós o procuramos na pensão onde morava, mas a proprietária

disse que na semana anterior ele tinha acertado as contas e partido sem dizer para onde. Depois disso não o vimos mais.

Foi então que Ana Lúcia ficou sabendo do sumiço da irmã, que também havia partido de madrugada levando o filho e sem deixar nenhuma explicação.

— Às vezes me pergunto se cometi algum erro por que devesse ser punida — Alice diz, encaminhando-se para o gramado. Dali já podiam avistar o coreto e, mais além, o arvoredo cujas copas exibiam uma folhagem nova, verde claro.

— Mas naquele dia — diz Anita antes de sentar-se à mesa —, naquela tarde que precedeu a partida do pessoal...

Jorge esperou que Anita prosseguisse, mas a mulher agora arquejava para sentar-se, incomodada pelo reumatismo que lhe atacara as cadeiras, e não falou de imediato acerca dos acontecimentos daquele dia. Jorge, porém, recordava-se com clareza embora já se passassem anos, pois havia presenciado ao entrar no salão o momento em que Helena, fora de si e louca de ciúme, avançara contra Gabriel brandindo uma tesoura e gritando que iria matá-lo.

— Se Gabriel não consegue tirar a tesoura da mão dela... — diz Francisca seguindo a prima.

— Então a moça Helena ficou apoiada na mesa chorando muito — diz Anita, que ainda sentia pena ao lembrar —, fazia dó ver a coitadinha!

Mas naquele momento Ana Lúcia aproxima-se de Gabriel, que apesar da reação se mostra confuso com a atitude da mulher. Sua intenção era afastá-lo dali, mas foi pega de surpresa por Helena.

— Com aquela bofetada — diz Anita com visível satisfação — ela vingou-se de todas as humilhações que Ana Lúcia a fez sofrer naqueles dias.

— Eu tinha ouvido o barulho e fora ver o que estava acontecendo — diz Francisca. — Ana Lúcia quase caiu com a bofetada. Então Helena correu para o quarto, fez as malas e foi embora.

— Por outro lado eu acho que Júlio foi muito duro — diz Alice acerca da medida um tanto drástica tomada pelo irmão. Francisca, ao contrário, tinha outra opinião.

— Não penso que tenha sido duro — ela diz, e com o bico fino do sapato cavuca a terra, a lama ressecada que se esfarinhava. — Não — e interrompe o movimento —, e se pensarmos nos fatos como se deram, então...!

— E como foi que as coisas se deram? — perguntou Alice contrariada. Vislumbrava uma certa má vontade de Francisca a respeito de Dora; recriminava-a, condenava-a: esquecia-se talvez de que era uma menina de apenas treze anos quando aquilo aconteceu? Como ela pôde apoiar Júlio em sua decisão estapafúrdia?, pergunta-se olhando a prima e tentando compreender aquele caráter estranho.

Mas Francisca não era má, e ela sabia disso. “Não a entendo às vezes” ela pensa, “não posso compreender por que ela reage dessa maneira diante de certos fatos. O que se passa em seu pensamento que não sabemos, que ninguém sabe?”

Mas todas essas reflexões tiveram a duração de um momento, Francisca por certo não perceberia o que a prima estivera pensando, e girando sobre os calcanhares disse:

— Dora teve muito tempo para falar, Alice — e encarou a prima, fixando-a com seus olhos grandes e claros —, durante quantos dias, ou quantas noites, viveram aquela vergonha enganando a todos nós?

Alice ouviu. Refletia sobre aquilo enquanto esperava que Francisca prosseguisse, pois a prima decerto ainda não terminara:

— Na verdade — Francisca conclui com azedume — Dora estava gostando da situação.

— Ainda não consigo entender o que aconteceu — diz Anita apanhando a chaleira. Agora mistura na caneca o café forte e o leite gorduroso em proporções iguais. Mexe o açúcar devagar. — O que houve com esta casa, Jorge?

Jorge, resignado, morde um bolinho.

— Francisca — Alice diz —, o que aconteceu com minha família?

“É como se estivéssemos cumprindo uma sina”, e Júlio, ainda sentado nos degraus da varanda põe-se de pé. Mas Júlio fala muito baixinho, é apenas um murmúrio que só ele pode ouvir em sua conclusão fatalista sobre a vida.

— Parece uma sina — diz Francisca —, como se entrássemos todos num túnel e fôssemos obrigados a seguir por ele adentro sem termos como voltar, sem haver outro caminho dentro dele.

— É sina — diz Jorge —, Deus que me perdoe, mas isso é castigo.

— Castigo — Anita diz, e fica um momento imóvel segurando a colherinha dentro da caneca.

— Mas dona Alice não merecia isso — Jorge corrige —, se é castigo, é que nem as Escrituras falam...

— Até a 3ª e 4ª gerações — Anita diz, apanhando um bolinho.

— Até a 3ª e 4ª gerações — Alice diz, recostando-se na meia parede do coreto.

“Até a 3ª e 4ª gerações” prossegue Júlio murmurando, como se ele por fora fosse o interlocutor dele mesmo por dentro. “Agora eu sou duas pessoas” ele pensa, “por isso falo comigo mesmo desse jeito”. Então sente um arrepio pelo corpo, e um frio de medo: “Estarei ficando louco?”

— Pois se não for assim — diz Alice —, que pecados tão medonhos terei cometido?

Francisca move a cabeça com lentidão. Ali estava sua prima, sua cons-

tante companhia, inquirindo-se sobre os pecados que havia cometido. Então, voltando-lhe as costas por um momento desejou com ardor que ao olhá-la de novo visse a menina que descera com ela pela manhã para passear no jardim (“Quando? Quando?”), e que na noite anterior festejara com um baile seus quinze anos. “Mas eu” pensa Francisca fechando os olhos, “eu terei meus dezesseis anos?”

— Mas não achei certo o que fizeram com a menina — diz Anita.

Jorge apanha outro bolinho e repete o café com leite. Está com a boca cheia, mastiga com calma sem responder.

— Cheguei até a conversar com seu Júlio, porque afinal a menina é minha sobrinha. Eu disse que aquilo não era certo.

Jorge apenas moveu a cabeça.

— Mas não adiantou — diz Anita —, não adiantou nada.

Jorge viu lágrimas nos olhos da mulher e parou de comer. Ficou olhando para ela com um ar estúpido, enquanto o café esfriava na caneca. Contendo-se para não chorar, Anita mordida os lábios trêmulos, olhava pela janela e mantinha as mãos no regaço, apertando uma contra a outra, espalmadas.

— O que me dói — ela diz por fim — foi não ter tido energia suficiente para mantê-la comigo. Devia ter-me imposto, tê-lo enfrentado, mas não fiz isso.

— É a família deles — Jorge diz, procurando consolar a mulher. — Lembre-se, é a família deles.

— A menina é minha sobrinha — ela retruca —, e talvez esperasse mais de mim.

— Nós somos e seremos sempre os criados.

“Mas agora ela tem vinte anos”²⁰ Júlio continua conversando sozinho, de pé nos degraus. “Um convento não é lugar para uma moça que não vai tomar o hábito.”

— E se Dora permanecesse no convento? — diz Francisca. Alice está sentada e se debruçou sobre a mesa. O silêncio da tarde torna-se opressivo, quebrado pelo zumbido dos insetos e pela voz de Francisca, que fala vez por outra.

Francisca disse aquilo de inopino, então Alice pensou em Dora internada num convento de Carmelitas desde aquele acontecimento. “Pobre menina” pensou, um tanto irritada com a prima que persistia em sua má vontade gratuita contra sua sobrinha. “Pobre menina”, porque durante aqueles anos Dora pôde ver o mundo através das grades de sua cela — e esse mundo equivalia a um pedaço de estrada, umas árvores mais além e alguns morros ao longe —, e o céu acima dos muros do pátio grande que ajudava as outras irmãs varrerem pela manhã. O único contato com a família ocorria de dois em dois meses quando, durante o horário de visitas, passava menos de

uma hora na companhia do pai (com quem conversava muito pouco), ou de Alice quando Júlio não podia ir. Dissera sentir saudades de Anita e preferia ser visitada por ela. Com isso tinha a intenção de magoar o pai, que a havia metido naquele lugar, ou a tia Alice, que nada fizera para impedi-lo. Anita chegara a ir algumas vezes, e nessas ocasiões a visita se prolongava por quase duas horas, violando as normas rigorosas da casa devido a uma concessão da Madre Superiora, que sentia pena dela. Mas a idade e o estado de saúde de Anita já não lhe permitiam viagens prolongadas e desgastantes, e quando soube que a tia não poderia mais visitá-la, Dora então se sentiu mais só naquele lugar.

— Agora tem vinte anos — diz Alice —, poderá sair, casar-se talvez.

— Talvez fizesse os votos e ficasse — insiste Francisca.

— Não terá vocação — replica Alice, mas já sem irritar-se —, foi para lá a força, não há de suportar mais aquilo.

Júlio contudo via na filha — nessa bela moça de olhos grandes e tez muito pálida — uma estranha. Não era mais a menina extrovertida e alegre dos treze anos: tornara-se uma mulher de complexão física delicada mas rija, adquirida com o rigor das tarefas diárias do convento. Falava pouco, pois nas Carmelitas não se fala, e tinha sempre o ar distante como se ela mesma se sentisse uma estranha ali. No mais das vezes estava em seu quarto, quieta, lendo algum livro, e quando se reunia à família permanecia alheia. Sentia-se à vontade, porém, na cozinha, conversando com Jorge ou ajudando Anita no fogão.

— Ela nos culpa — diz Alice —, é claro que nos culpa.

Francisca contorna maquinalmente o coreto por fora. Nota uma casa de marimbondos em um dos caibros, e uma lagartixa desaparece veloz entre as telhas. O sol das duas e meia arrefecia um pouco agora, pois as nuvens de há pouco que se haviam dissolvido deixaram uma nebulosidade tênue que recobria o céu.

— Creio que daqui para a noite a tendência é refrescar — diz Francisca.

— Culpa-nos — reitera Alice —, mas ele era o pai. Júlio era o pai. Que podíamos fazer se era a sua vontade, a sua decisão?

— Já passou — diz Francisca —, não há por que pensar nisso agora.

— Eu me opus — diz Alice —, eu bem que me opus...

— Sinto-me bem aqui — diz Dora servindo-se de café com leite. Jorge havia terminado e admirava a moça, que de repente parecia-se tanto com eles como uma filha. Então desejou que essa menina loira e silenciosa fosse sua filha, mas um sentimento secreto lhe dizia que a mãe, se ela fosse sua filha, por certo não seria Anita, ou ele, pelo menos, não desejaria que fosse. Então um nome veio à sua lembrança, ainda vivo, ainda tenaz:

— Glenda, Glenda — Jorge disse a meia voz, e fez-se rubro, pois se esquecera da presença de Anita à mesa.

Encarou a mulher, que se manteve indiferente, e levantou-se embaraçado, refugiando-se na despensa.

— Sinto saudades de minha mãe — Dora diz —, estou muito só aqui.

— Ora, menina, mas tem seu pai, tem dona Alice...

Dora serve-se de um bolinho, que parte entre os dedos afilados levando um a um os pedaços à boca. Agora está de olhos baixos, enquanto mastiga devagar.

— Não tenho ninguém — diz —, só vocês.

Anita sentiu os olhos umedecerem-se.

— Só a senhora, que se parece com mamãe — ela reitera —, e tio Jorge...

Anita levanta-se para fugir às lágrimas, e leva uma caçarola suja para fora. Abre a torneira do tanque, deixando a água jorrar com força. Em seu peito confundiam-se a alegria de ouvir da menina aquelas palavras, e a dor de ter sido covarde.

— Por que não vai passar algum tempo com sua irmã? — de volta à cozinha Anita sugere. — Ela ficaria feliz.

— E Gabriel? — Dora pergunta.

“Meu filho...” Júlio continua dialogando consigo mesmo, na incerteza de ir falar com Dora, que devia estar com Anita na cozinha.

— Dora está ligada mais a Anita que a nós — diz Alice.

— É natural — Francisca concorda —, afinal Anita é tia dela e muito parecida com a mãe. Essa semelhança conta muito.

— Dora a ajuda na cozinha, trabalha como se fosse próprio dela.

Alice levanta-se e vai debruçar-se na mureta. Do lado de fora, Francisca recosta-se a um pilar de madeira. As duas primas ficam em seus mundos distintos agora, sem se comunicarem, e a paisagem em torno de si é apenas o pretexto para permanecerem de olhos abertos e ver alguma coisa. Francisca talvez se lembrasse do filho, que não via há quase onze anos, “onde estará João Manuel agora? Em que parte do mundo busca sua própria identidade neste instante?”, e Alice, que num momento sentiu-se vazia e sem resistência, em seguida apercebeu-se de que toda a sua vida, ainda que não a pudesse tocar com as mãos, estava ali, diante dos seus olhos. Pensou em Teodoro, que desaparecera após a tentativa de matar Célio; lembrou-se da prima Clara, de quem recebera uma carta bastante sucinta há quase três anos e desde muito tempo não aparecia. A lembrança de sua gente morta soía ser diáfana como a brisa, como vento de tarde estival, mas pensar em seus vivos pesava. Célio havia ido embora sem nenhuma explicação, e não soubera mais dele. Ana Luíza também se fora, da mesma forma, como que fugindo daquela casa com seu filho espúrio (e pensou que ela, Alice, a avó daquela criança, não chegara a amá-la, concluindo que não tinha amor para uma criança assim, nem forças para fingir), e Ana Lúcia, que agora vagava

daqui pr'ali com uma companhia de teatro desencaminhara o primo Gabriel, que largou tudo para segui-la.

"Meu filho" pensa Júlio recolhendo-se ao interior da varanda. "Talvez eu possa compreendê-lo, porque um homem sempre deseja ter um filho que dê continuação à família, e Helena não lhe poderia dar um."

"Pobre Helena" pensa Alice que da mesma maneira lamentava pelo sobrinho, pois quando Gabriel foi embora com a prima naquela época de desgraças em que, mais uma vez, tudo se somava para trazer dor àquela casa, fê-lo dominado por uma ilusão, mas algum tempo depois, seis meses? Oito?, chegara uma carta.

"Meu pai:

Cometi um ato vergonhoso tentando ser feliz. Pensei poder amar minha prima, e talvez o tivesse conseguido se ela permitisse. Mas não posso amar uma mulher como Ana Lúcia, e por uma questão de respeito ao sangue prefiro nada comentar acerca de seu comportamento. Separamo-nos há um mês, e estou tomando um outro rumo na vida. Não volto para casa, pois tampouco ao lado de Helena poderei reconstruir minha vida. Adeus.

Gabriel"

Mas Helena, lembra-se Alice, que havia partido logo após a cena no salão, quando tentara atingir Gabriel com uma tesoura, não chegou a saber daquele desfecho, e como não procurara mais a família Alice não soube o que fora feito dela.

Marta, a figurinha insignificante que não atraía a atenção de ninguém, apesar de seu precário estado de saúde dera uma alegria ao pai: casara-se, como convinha a uma filha bem educada e de boa família, mas também não tinha filhos. Bem, pensa Alice, casada há três anos talvez ainda os tivesse, e havia Dora que depois do pequeno drama familiar que protagonizara ali estava, sã e adulta, bela e que poderia agradar a qualquer homem. Alice não achava por bem pressioná-la para casar-se, embora já tivesse ouvido Júlio aludir a isso algumas vezes. Parecia-lhe mais acertado deixar correr o tempo, e o melhor que tinham a fazer era levá-la a festas e bailes (havia-os vez por outra no vilarejo próximo, nas casas ilustres que, no entanto, pouco frequentavam, mas não se descartavam os passeios à Capital) onde poderia conhecer rapazes.

De repente Alice pegou-se fazendo planos para Dora como nunca os fizera para suas próprias filhas, e interrompeu o curso de seus pensamentos para indagar-se por que não agira com elas da mesma maneira. Mas amargurava-a pensar uma vez mais naquilo: teve de admitir que Ana Lúcia a en-

ganara com aquela história de estudar na cidade, enquanto Ana Luíza perdia-se numa paixão doente pelo primo, e ela, a mãe, não soubera compreender aquilo e estar ao seu lado. “Deixei-a sozinha com sua dor...”

Sim, pensar nos vivos pesava, Alice conclui, oprimia como um peso sobre o peito que a impedisse de respirar. E se surpreendeu ao ouvir a voz de Francisca ao seu lado:

— Não, eu não amei Rodolfo Gonçalves, mas afeiçoei-me a ele como a um irmão mais velho. Sinto sua falta, é verdade que não como homem porque entre nós foi tudo muito formal (embora tenha havido, confesso-o, algum desejo), mas como amigo, um amigo a quem não verei mais. — Fez uma pausa e prosseguiu, recordando que após o funeral Joaninha Gonçalves, até aquele momento resistindo a tudo com uma força insuspeitada, não conseguiu mais manter-se equilibrada e desatou num choro convulsivo que terminou numa crise de nervos.

— Há pessoas que são assim — diz Alice mantendo-se debruçada na mureta —, afetam uma firmeza de ânimo que noutras circunstâncias não teriam.

Então Francisca relanceou a vista pelo coreto: era ali que Joaninha se refugiava durante os dois ou três meses que se seguiram à morte do irmão. Passava as tardes aqui, diz Francisca, e eu vinha às vezes ao seu encontro, então ficávamos conversando sobre coisas da juventude dela.

— Sim — diz Alice. — Lembro-me de que algumas vezes até jogamos cartas, formando duplas com Júlio.

Francisca disse que era uma forma de distrair Joaninha, que tão logo liquidasse o negócio das terras partiria para a cidade, onde iria viver com uns parentes afastados que haviam insistido muito com ela.

— O que atrasou foi Rosinha Gonçalves não ter vindo — e Alice criticou o fato de Rosinha não vir para o funeral do irmão, e mesmo para a partilha dos bens enviar um procurador.

— Os Azevedo Pinto são muito ricos — diz Francisca lembrando dos novos proprietários da fazenda Arcoverde. — Gustavo, o filho mais velho, tem vinte e seis anos — ela diz ainda —, é um belo rapaz, e parece interessar-se por Dora.

Mas ouvir o nome da sobrinha fez Alice lembrar-se da tarde anterior quando, com surpresa, ouvira música na sala. Correu para ver: Dora — Dora sentara-se ao piano e tocava. Recordou-se então de suas próprias lições na infância, na adolescência, e enquanto ouvia a sobrinha, enquanto pensava nas dificuldades que sempre tivera para tocar (por exemplo, como era difícil alcançar uma oitava ou agrupar os dedos num acorde, e como perdia notas nos trechos mais rápidos, tendo de repetir a lição inúmeras vezes para conseguir um progresso mínimo), compreendeu que Dora possuía um talento invulgar para a música. Não era apenas a habilidade com

que seus dedos deslizavam sobre o teclado, não só a facilidade com que fazia variações e improvisos — mas a forma como a música era produzida: a música parecia uma coisa viva, Alice pensa, como se após ser tocada continuasse ao lado dela, feito uma presença.

“Agora estou cruzando outra vez o Atlântico, mas não de volta ao Brasil. Perdoe-me, sei o quanto a senhora ficaria feliz se eu dissesse ‘estou de volta’, e se em vez de uma carta fosse eu quem chegasse. Mas não é tempo ainda.

“Recordo essas paragens com saudade, há aí um sentimento de natureza que não encontrei ainda noutro lugar, mas sei que me falta algo mais. Não, não posso voltar agora. O mundo é tão vasto e tanto tem a mostrar que voltar seria fechar os olhos à luz do dia logo pela manhã.

“Perdoa, portanto, ao teu menino ingrato. Atravesso o Atlântico rumo aos Estados Unidos, e de lá parto em seguida para o Canadá, para a Groenlândia, para o mais longe que puder naquele mundo de gelos eternos, até não ficar distância a ser percorrida, nem picos gelados que meus olhos não alcancem.

“Esta travessia cansa, porque os dias são todos iguais, e a única paisagem é o mar em todas as direções. Deixei a 1ª classe e fui para a 2ª, mas não havia ninguém interessante ali, então passei para a 3ª. Já me desesperava quando encontrei um cavalheiro de uns cinquenta anos que teimou em ensinar-me o gamão logo que travamos conhecimento. O gamão é um jogo em que se usam dados e umas pedras que correm por casas numeradas, e passamos horas muito agradáveis jogando, embora de início eu perdesse todas as partidas.

“Confesso que continuo perdendo a maioria, mas enquanto jogamos conversamos, e descobri que meu companheiro é americano naturalizado: nasceu no Brasil e como dispõe de fundos viaja com certa regularidade a fim de conhecer os lugares pitorescos de que ouve falar. Bem, quando lhe descobri um gosto como o meu, concluí que fiz bem em vir para a 3ª classe, e passamos as tardes jogando gamão e conversando sobre os museus da Europa, as pirâmides do Egito, e coisas tais.

“(…)

“Continuo aguardando sempre suas cartas, que têm sido raras agora. Abaixo está o endereço para onde deverá escrever-me pelo próximo ano. Dê um grande abraço no Jorge por mim, e diga a ele que nunca me esqueço de o quanto foi bom tê-lo como pai. Adeus.

J.M.”

— Faz quatro anos que perdi Rodolfo — diz Francisca —, e onze²¹

que João Manuel partiu para o mundo —, “João Manuel, meu filho, a quem não amei” e estremeceu: havia com efeito pensado aquilo? Havia admitido aquela idéia tão sem resistência? Porque há pensamentos, ela reflete, que estão sempre querendo vir à tona, lutam contra nossa vontade, mas nós os conseguimos reprimir com decisão. São pensamentos que habitam em nós, ela reconhece, sabemos que eles estão lá como uma doença, uma ferida em carne viva, mas com força nós os sufocamos. Um dia, porém, eles afloram, e então vemos que o melhor teria sido admiti-los desde sempre, o melhor teria sido não lutarmos tanto contra eles pois, afinal, que mal nos poderiam fazer?

— Faz onze anos que ele se foi — diz Anita levando a louça para a pia. A travessa com bolinhos foi coberta com uma toalha e guardada num armário da despensa. O fogo crepitava ainda no fogão.

No bolso de seu vestido, podia sentir a carta — a carta que João Manuel enviara por último, e havia chegado há poucos dias.

Jorge, agora recostado ao batente da porta, observa ora a mulher, ora a sobrinha. Dora, as mangas do vestido arregaçadas, pusera-se a lavar a louça.

— Escreve-me cartas tão bonitas — diz Anita saindo da despensa. — Oh, menina, deixe estar que eu faço isso.

— Não — retrucou Dora ensaboando as canecas de louça —, agrada-me fazê-lo.

— Eu nunca amei o meu filho — e mesmo que Alice olhasse para ela com curiosidade, Francisca sentiu como se tivesse libertando-se de um fardo. Dizer aquilo em alto e bom som: levava trinta e três anos²² para fazê-lo livremente, e viu que não era tão pavoroso assim.

— Não, não tem nada a ver com Olivério ou com o que ele me tenha feito — ela diz, explicando-se. “Nem com o que lhe fiz” acrescenta para si mesma, lembrando-se de que se negara a ajudá-lo num momento terrível e de que depois ele se suicidara, “pois se assim fosse eu deveria amá-lo, de remorso”. — Talvez eu não tenha nascido para ser mãe — concluiu.

Alice não estava chocada, pois parecia tão natural ouvir da prima aquela declaração em decorrência do relacionamento tão frio entre ela e o filho, que mais a surpreenderia se Francisca tivesse dito o contrário.

— Eu não conheço meu primo — dizia Dora com as mãos sob o jato d’água da torneira. — É claro — e sorriu, corrigindo-se —, é claro que não o conheço, nem poderia.

— Um dia fui até o quarto dela — dizia Júlio ao pôr-se sob a coberta do coreto.

— Já vai completar vinte e três anos — diz Alice —, e parece que tem problemas. — Ao falar assim Alice mais uma vez percebeu que se preocupava com a sobrinha como não se havia preocupado com as filhas. “Estou tentando me redimir” ela pensa em voz alta: — Você fez um mal muito

grande a ela trancando-a todo esse tempo num convento, Júlio, mas está em tempo de consertar o erro. Dora é brilhante ao piano, pode tornar-se uma musicista de valor.

— Ah, um menino tão bom! — diz Anita com um ar sonhador na cara gorda. Dora termina de lavar a louça, que Anita em seguida seca com uma toalha de linho e arruma numa bandeja sobre a mesa. — Fui eu que o criei, é como se fosse filho meu.

— Por que ele viajou para tão longe? — Dora pergunta secando as mãos no vestido.

— Veja, Alice, Júlio está vindo aí.

Alice olha. Júlio aparecera no início do descampado, mas se detinha um momento junto às pedras, olhando o rio despenhar-se entre as folhagens. “Terá ocorrido a alguém descer até lá?”, e retomou a direção do coreto onde avistara a irmã e a prima.

— Às vezes penso que não volta — diz Jorge olhando para fora.

— Um dia há de cansar-se de tanta viagem — diz Anita, e acrescenta com sabedoria: — Um dia o mundo vai se tornar pequeno demais para ele, quando ele conhecer tudo, então ele volta.

Jorge parecia incrédulo. Moveu a cabeça com lentidão.

— Penso que talvez o mundo vá se tornando cada vez maior para ele.

— Tanto melhor — ela replica —, pois então vai se sentir tão sozinho que há de voltar para nós.

— Então ele tem trinta e três anos? — Dora diz. — Como ele é, titia?

— Sentei-me ao lado dela na cama e perguntei: filha, ainda é aquele rapaz? E ela respondeu: que rapaz, papai?

— Mas filha...

— Não há nenhum rapaz, papai! Que mais quer que eu diga?

Dora olhava o pai nos olhos, com calma e segurança, sem que em seu rosto nenhuma ruga, nenhum crispas-se de ansiedade denotasse embaraço ou sofrimento. Dora estava diante do pai, de Alice e da prima Francisca.

— Não há nenhum rapaz, papai — ela diz, e se afasta pelo gramado.

— Há nove anos não vejo meu irmão — diz Dora sentando-se em uma cadeira. Havia nos fundos uma área coberta e nela alguns bancos, cadeiras de palhinha, uma rede onde Jorge costumava cochilar nessas tardes modorrentas de sol. — Há horas em que fico me perguntando o que foi que aconteceu com minha família.

— Nós nunca sabemos o que acontece com a gente — diz Anita, recostando-se. A cadeira de palhinha rangia sob seu peso.

— Éramos muito pobres quando mamãe era viva, mas éramos felizes. Lembro-me de quando Gabriel se casou. Não houve festa porque não tínhamos dinheiro. Um dia mamãe morreu, e papai algum tempo depois decidiu voltar para cá, para essa casa tão rica...

— Essa casa tão rica — Jorge repete com um sorriso, no qual sua dentadura rebrilha. — Já houve momentos de penúria nesta casa também — e então fala da crise, e de que haviam saído dela porque “uma tia de dona Alice ao morrer deixou uma grande fortuna em propriedades, títulos, jóias e dinheiro”. — Se não fosse isso...

— Penso que foi minha filha quem convidou aquele rapaz para o quarto, e não ele quem se afoitou...

Alice sentiu-se escandalizada com aquilo, mas Francisca franziu a testa sem contradizê-lo. Não podiam esperar que, mesmo decorridos tantos anos, Júlio lançasse assim uma suspeita sobre a filha, que ainda estivesse pronto a condená-la.

Alice replicou com indignação (e ao fazê-lo reconhecia que tomava a defesa de Dora não para redimir-se das falhas que acaso tivera como mãe, mas tão só pelo encantamento que lhe causara ver aquela menina triste e sozinha tocar como tocara naquela tarde):

— Aquele rapaz a seduziu! Se lhe desagrade a filha que tem, deixe-a aos meus cuidados!

Júlio sentiu-se desarmado, mas contemporizou; não, não quisera dizer aquilo, não era bem aquilo que gostaria de ter dito...

— Por que Dora foi tão indiferente com Gustavo Azevedo Pinto? — diz Júlio um pouco abatido, enquanto Francisca comenta que nos últimos anos não tinha havido por ali uma festa tão alegre e cheia de brilhos.

— Os Azevedo Pinto fizeram-me recordar mamãe — diz Alice entrecruzando os dedos frouxos à frente do corpo. Continuou de pé enquanto a sombra das nuvens em movimento deslocava-se sobre o gramado. Faixas de um azul-profundo surgiam no céu, atravessadas por longos feixes de luz que se derramavam sobre as formações de nuvens mais baixas ou mais próximas do horizonte. Um golpe de vento longo e rumoroso levantou folhas secas e sacudiu as árvores do pomar, que farfalharam. Mas o sol brilhava outra vez, e as cabeças erguidas baixavam para a terra.

— Não creio que volte a chover hoje — diz Anita recolhendo a roupa do varal, que o vento sacudia. Ia entregando-a a Dora, que formava uma trouxa nos braços. À porta da cozinha Jorge relembra: numa tarde assim ele estivera ali mesmo, recostado ao portal, e vira Anita recolhendo a roupa, mas a entregava à irmã. Isso acontecera muitas vezes, relembra, há pelo menos quarenta, quarenta e cinco anos.

— Tinha alguma coisa da mesma pompa — diz ainda Alice, que há muito tempo não ia a uma festa e se sentira algo deslocada entre tantas pessoas, a maioria jovens, ainda que a anfitriã não medisse esforços para mostrar-se simpática e deixar os convidados à vontade. “É que depois de velhos ficamos assim” ela pensa, “é como se a vida não nos quisesse oferecer mais nada” —, um tom solene e grandioso. A senhora Azevedo Pinto, por exemplo...

Mas Francisca esquecia-se de repente da festa para pensar em quando vivera naquela casa. No salão de baile, por exemplo, onde os pares rodopiavam: nesse salão fora velado o corpo de Rodolfo, e também ali o marido enfermo de Joanhina Gonçalves costumava passar suas tardes imóveis.

Mas tudo aquilo fora deixado para trás, Francisca pensa levantando e abaixando a cabeça com um suspiro prolongado, tudo aquilo fora esquecido e no salão a alegria reinava outra vez. “A alegria, a alegria...”

— A menina não vai contar como foi o baile? — e Anita sorri com certa malícia, dobrando a roupa espalhada sobre a cama. — Lá devia estar muita gente...

— Muita gente — Dora responde com indiferença —, ninguém interessante.

Anita continuou dobrando a roupa, enquanto Dora ia arrumando-a nas gavetas da cômoda.

— Ninguém interessante — repete Anita. — Por certo havia rapazes...

— A senhora Azevedo Pinto tem maneiras muito distintas — continua Alice —, e é muito simpática. Notou, Francisca, como se dividia entre os convidados? Desdobrava-se, e com muita classe.

— E como estava o Sr. Gustavo ao festejar sua formatura? — pergunta Anita abrindo o guarda-vestidos e olhando-se no grande espelho da porta. “Um espelho muito antigo” pensou Dora que, após fechar as gavetas da cômoda, aproximara-se por trás de Anita e ficara olhando as manchas que se formaram no vidro. “Os espelhos não têm memória.”

Mas Anita continuava falando:

— Feliz, decerto! Um moço muito bonito, e com um futuro promissor.

Dora sentou-se na cama e ficou balançando as pernas.

— É só mais um advogado na praça — diz, sem interesse.

Júlio meteu as mãos nos bolsos da calça. Ao rever o salão que fora dos Gonçalves iluminado, ao ouvir a música e ver os casais, e as moças cortejadas por moços elegantes, e os grupos que se destacavam para conversar, teve seu instante de recordação. Estava outra vez num dos bailes antigos de sua mocidade, naquela mesma casa, e pensou no irmão que costumava ficar pelos cantos admirando de longe a beleza da filha mais nova dos Gonçalves. “Rosinha...” Júlio pensou, quase a lhe pronunciar o nome quando viu um grupo de moças que não conhecia surdir de entre a multidão e passar por ele. Perguntou-se: “Onde estará Célio agora?”

— Mas seu pai bem que gostaria de vê-la mais simpática com o Sr. Gustavo — dizia Anita arrumando roupas nos cabides.

— Bem, é uma família excelente — concorda Alice, enquanto Francisca reflete que, quanto a Dora, havia alguns problemas a serem resolvidos.

“Uma união nessas condições não é muito fácil de fazer-se” pensa Júlio, “e seria necessário ter uma conversa muito séria com o pretendente.”

— Apesar de tudo Dora não me parece muito inclinada — diz Alice, e condescendente: — Não nos devemos esquecer de que a vontade dela conta.

— Não poderá um pai escolher o melhor para sua filha? — Júlio diz, sem convicção. Ainda tinha dúvidas se havia agido com acerto ao internar a filha por quase sete anos num convento. “É certo que nesse tempo estudou, instruiu-se, teve uma formação, mas...”

Mas Dora não se preocupava com as decisões que o pai pudesse tomar por ela nesse momento. Tinha vinte e dois anos, em breve completaria vinte e três e não iria submeter-se novamente. Da janela da sala podia ver o jardim onde passara com Lui muitas vezes, durante o tempo em que os atores estiveram hospedados ali. “Os amigos de minha prima Ana Lúcia...” pensou afastando um pouco mais as cortinas, e desejou ser livre como ela. “Uma mulher livre”, mas afinal, o que é uma mulher livre?

Dora não soube dizer o que era uma mulher livre, e o jardim que lhe trazia agradáveis lembranças (e que àquela época passava por uma reforma geral) parecia apagado e sem graça agora, com seu gramado de um verde pálido, os canteiros onde as flores hesitavam em nascer, e as árvores muito velhas cujos troncos revestiam-se de musgo. Tinha a impressão de que se continuasse a viver ali envelheceria depressa demais. Pensou na irmã, que havia casado e vivia na cidade: se fosse passar uns tempos com ela, se fugisse dessa prisão invisível que sentia ao seu redor...

— Poder-se-ia alegar um acidente — sugerira Francisca quando Júlio mostrou-se preocupado —, uma queda de cavalo quando criança...

Júlio coçou a cabeça, coçou a barba que se formava, olhou para a prima com ar de dúvida.

— Não é difícil obter-se um atestado médico — acrescentou Francisca, sugerindo: — Certamente deverá ser lavrado em papel antigo, e com uma data adequada — fez uma pausa. — Só é preciso obrigá-la a confirmar.

Júlio continuou olhando Francisca como a lhe perguntar “de que jeito?”.

— Claro que você terá de impor sua autoridade de pai — ela disse.

Olhando na direção do rio Dora avistou o pai. Estava próximo à ponte conversando com um moço cujo requinte do traje lhe desagradava: Gustavo Azevedo Pinto. Saber-se cortejada pelo vizinho a aborrecia: não iria casar-se, isso era coisa decidida — e anteviu o confronto. “Talvez magoe meu pai” pensou, mas ao mesmo tempo começou a imaginar que uma mulher livre não agiria de outra forma — inda mais quando já começou a definir planos para sua vida.

— Aquele não é o filho dos Azevedo Pinto? — diz Francisca olhando na direção do rio. Júlio já se agitava dentro do coreto, com satisfação. “Então veio” pensou, “e foi pontual.”

Gustavo acena e Júlio encaminha-se para ele respondendo ao aceno. As duas mulheres, contudo, continuam no mesmo lugar, e enquanto a sombra de Júlio se afasta pelo gramado o jardim por inteiro parece flutuar na paz da tarde.

Aquele momento era único, pensa Alice, para quem todos os momentos eram únicos, embora sua vida se tivesse solidificado e não admitisse novos rumos. “Estou velha” ouviu-se pensando, e ainda que esguia de corpo, e aprumada, já não era ágil, seus movimentos tornavam-se tardos e olhando para as mãos podia ver as veias azuis, grossas, formando volumes nervosos sob a pele. “Ainda ontem os rapazes vinham por nossa causa”, e olhou de esguelha a prima, muito corada, que havia procurado um banco dentro do coreto para sentar-se, e agora acompanhava o diálogo de gestos entre Júlio e Gustavo que se apertavam as mãos. Alice estava quase certa de que aquele mesmo pensamento ocorria à prima, e mesmo que ela não pensasse assim agora, já o havia pensado alguma vez ou viria a pensar, pois todos tendem a pensar coisas similares quando coisas similares lhes sucedem. “Que há de mais igual entre nós que isso?” Alice perguntou-se sentindo em si a plenitude da hora vespertina, a plenitude do jardim com toda sua história de homens, mulheres e crianças que ali existiram em épocas distintas. Instintivamente olhou para algum ponto além do rio, um ponto que não podia enxergar dali — a cerca, outrora com fios de arame farpado muito juntos feito uma cadeia, e de súbito foi tomada ao mesmo tempo por um pressentimento e uma revelação: pressentiu que Teodoro havia morrido embora não atinasse com a causa de sua morte e mesmo lhe custasse imaginá-lo morto; descobria também que, fosse como fosse, estivera sempre prisioneira, e mesmo depois quando se rebelou contra a autoridade da mãe continuou presa por suas próprias limitações. Olhando Francisca, que parecia distraída, sentiu um pouco de inveja dela, que soube vencer seus tropeços sem esmorecer, e, uma vez sem ninguém a quem dar obediência (ou a quem agarrar-se) não se intimidou. “Estou velha para o mundo”, Alice resigna-se baixando os olhos para o chão, decidindo que lá fora não havia mais nada para ela, e do que houvesse ela não poderia mais fazer parte. “Os dias são sempre os mesmos”, e a tarde de sol em cujo céu nuvens brancas deslizavam como imensos e castos veleiros era a mesma de quando ela vinha ali para o coreto com os irmãos ainda pequenos, às vezes em companhia de Francisca adolescente, e divertiam-se com o jogo de palavras e adivinhações.

— Eles vêm para cá — diz Francisca sem se voltar, vendo Júlio que acompanhava Gustavo Azevedo Pinto ao coreto.

— Brincávamos de rima — Alice diz em voz alta, recordando-se de uma brincadeira que ela mesma havia inventado, em que alguém sugeria um tema e uma palavra-chave, e todos tinham de criar uma frase sobre o tema rimando com a palavra-chave dada. — Mas não me lembro bem das regras...

— Como?

Então Dora deduziu que Gustavo devia ter ido até o coreto cumprimentar as senhoras, e sentiu-se aliviada. Já teria Júlio falado com o rapaz a seu respeito?, ela pensou, pois estava claro que o pai desejava esse casamento, embora houvesse um problema (“Um problema... ‘aquele’ problema...”) que ele deveria expor ao pretendente o quanto antes. Na semana anterior, por exemplo, Júlio chegou-se até ela como todas as vezes, furtivo e sem palavras. Agora que ela se habituara a sentar-se ao piano para ensaiar, agora que aquela casa sombria e silenciosa vibrava outra vez com essas canções que enchiam a sala e iam despertar fantasmas nos cômodos distantes e fora de uso, seu pai costumava vir e sentar-se por perto para escutar. Em algumas ocasiões no entanto, como nesse dia, interrompia-a para dizer alguma coisa sem propósito.

— Creio que tu já te esqueceste, minha filha.

A voz de Júlio era indecisa, sem segurança, e se Dora virava-se para ele, como eram incômodos aqueles olhos cor de mel a fulgurar como pepitas de ouro na penumbra junto à cortina.

— Se me esqueci, meu pai? — ela disse em resposta. — Mas se me esqueci do quê?

Houve um segundo de hesitação, esse segundo prolongou-se entre a firmeza daquele olhar metálico e o mal estar que deixava Júlio temeroso na presença da filha, e por fim ele disse baixando a voz:

— Não é possível que você não entenda seu pai, minha filha.

— Talvez seja o senhor que não entenda sua filha, meu pai — ela respondeu sem alterar-se, com firmeza e tranqüilidade, voltando-se mais uma vez para o teclado.

— Não... não faz mal — ele disse, e olhando noutra direção: — Creio que não tem mais importância... por ora... — mas a música que voltava a vibrar, a encher a sala, a despertar fantasmas adormecidos, abafou suas palavras, confundiu-lhe a voz.

— Sim — diz Alice —, pobre rapaz, apesar da decepção — e muito contra sua vontade lembrou-se de como decepcionara da mesma maneira um rapaz que a havia cortejado com muita insistência em sua juventude, e de como isso deixara contrariada a mãe. — As histórias se repetem dentro das famílias...

Foi então que Dora decidiu-se: surpreendera na tarde anterior Francisca e Júlio discutindo seu próprio futuro, e aquilo lhe havia desagradado. Planejavam uma mentira — mas ela, poderia ela, que ambicionava ser uma mulher livre, compactuar com uma mentira? Compreendeu que não poderia prolongar aquela situação: momentos mais tarde, ao receber Gustavo, conduziria-o à sala e sentando-se disse:

— Sr. Gustavo, já que o senhor nos visita com relativa freqüência, e para evitar mal-entendidos, tomei a decisão de falar-lhe.

— Estou pronto para ouvi-la, senhorita — disse Gustavo abrindo um grande sorriso, e inclinou-se em sua direção —, saiba que muito me apraz ouvi-la.

— Tanto melhor, pois devo dizer-lhe que se vem a esta casa como amigo será sempre bem recebido por todos, especialmente por mim. Ao contrário, se é como meu pretendente que vem, ainda que todos o acolham com cortesia, boa vontade e expectativa, de mim não receberá mais que minha indiferença.

Vira-o após essas palavras pôr-se pálido e sério, e já não era o mesmo jovem imponente e risonho de dois minutos atrás. Murchara como um balão que se esvazia. Foi quando Dora se levantou e, em sua cabeça alguma coisa lhe dizendo que se ela desejava ser uma mulher livre tinha de começar já, soltou de maneira cortante e para escândalo do moço:

— Há uma outra coisa que o senhor precisa saber para que se desfaçam de uma vez quaisquer intenções que acaso tenha de insistir no assunto. Não sei se meu pai já lhe falou sobre mim. Talvez tenha mencionado um certo acidente, uma queda de cavalo... No entanto, esteja certo de que é uma mentira com a qual pretendiam enganá-lo. Sim, já não sou virgem, pelo contrário, tornei-me mulher aos treze anos com um homem que amei, e hoje tenho vinte e três. Talvez já não ame esse homem, pois desde então não tornei a vê-lo, e mesmo que isso não tenha nenhuma importância para o senhor, fá-lo-á desistir de uma vez por todas saber que jamais hei de amá-lo e nada poderá obrigar-me a ser sua esposa.

E, num atitude calculada, fez uma breve mesura retirando-se e deixando-o sozinho e estarecido na sala.

— Senhoras — Gustavo diz, cumprimentando-as com um sorriso forçado e curvando-se um pouco —, venho despedir-me. Parto amanhã para a Capital.

— Bem, bem — e então a prima Clara estende, num gesto airoso e desenvolto, a mão vestida com uma luva de pelica —, creio que não há motivo que não seja de alegria, não é mesmo?

Francisca ficou algo consternada com aquele rompante da prima Clara, mas logo se aquietou ao notar que Gustavo Azevedo Pinto não parecia embaraçado. Alice, com reserva, pusera-se de pé sem revelar emoção alguma.

— Por certo, senhora — responde o rapaz com segurança —, mas... por que o diz?

Júlio, contudo, não havia acompanhado Gustavo ao coreto. “Está envergonhado com a atitude de Dora” Alice pensa enquanto sorri, pois o moço depunha, respeitoso, um beijo em sua mão, curvando-se com dignidade.

— Bem, Sr. Gustavo — Clara mantém sua desenvoltura com habilidade, sorri para Gustavo com um movimento de ombros —, estamos vivos, eis por que o digo. Estamos vivos, e bem, e é isso que importa.

Sim, pensa Francisca com alguma perplexidade, sentando-se em frente à prima, estamos vivos e isto talvez consista num segredo que poucos conhecem.

Mas Gustavo já se afastava gramado afora, Alice o viu pôr o chapéu sobre os cabelos lisos e cheios, muito negros. Foi quando um menino surgiu na margem do rio dando de braços em grandes gestos desordenados, e produzindo uns sons guturais muito desagradáveis. Alice empalideceu e chegou a levantar um pouco o corpo, mas sentou-se de novo com abatimento.

— E se jogássemos cartas? — Francisca encontra o maço de cartas no compartimento sob a mesa.

A proposta não encontrou acolhida.

— Hum — fez Clara com ar de dúvida —, creio que não é o momento...

— Não — concorda Francisca —, não é o momento.

Gustavo se detinha tentando trocar um cumprimento com o menino, que o olhava desconfiado e, logo em seguida, afastava-se dele com saltos desiguais e soltando aqueles mesmos gritos. Foi quando Anita apareceu e o agarrou pelo braço, desaparecendo com ele.

— Mas — começou, cautelosa, a prima Clara —, Alice... ela, enfim... pretende manter o menino aqui?

— O menino — Alice repete olhando na direção onde, um instante atrás, o menino estava saltando e gritando até Anita aparecer e arrastá-lo. — O menino? — ela pergunta, atentando para o que dissera Clara. — Mas se ele é... filho dela...

— Contudo, uma clínica, um lugar onde pudesse ficar e ser tratado — sugeriu Clara, percebendo que Alice poderia ter dito “ele é meu neto”, mas não o disse, em sua reticência preferindo calar a verdade, “a triste verdade” pensou.

Francisca levantou-se e foi até a entrada do coreto. Daí voltou-se para as primas, e se naquele instante tão breve teve qualquer lembrança da juventude, se chegou a ter a impressão de que estava enganada e o tempo não havia passado, e tudo fora um sonho, certa de que ao lhes falar agora estaria falando a duas adolescentes com as quais discutiria a toaleta para o baile na casa dos Gonçalves, ou faria alguma intriguinha acerca de algum moço bem apessoado que conhecera no último passeio a cavalo até a vila — se isso, portanto, passou-lhe pela cabeça não pôde deixar de estremecer ao deparar com as duas senhoras de fisionomias desgastadas que estavam à sua frente: a prima Alice, um tanto mais magra e em cujo rosto as rugas já começavam a multiplicar-se, pois tinha sessenta anos e havia sofrido, e o sofrimento de alguma forma deixara suas marcas; e Clara, que chegara de surpresa na semana anterior, Clara que ao contrário estava bastante balofa embora tivesse ainda agilidade nos movimentos e caminhasse com desenvoltura. Só que

Clara tinha os cabelos curtos, e aquele não era o tom dos seus cabelos de menina, havia-os tingido, “pois os cabelos da prima Clara não eram castanhos”.

Fora uma ilusão, sim, Francisca se apercebe, isso às vezes pode acontecer, mas nesse intervalo mínimo de tempo fugira-lhe o que ia dizer. Sobre o que mesmo estavam falando? E levou um dedo aos lábios tentando recordar-se, enquanto olhava ora uma, ora outra.

— É preciso deixá-lo trancado? — pergunta Jorge com impaciência, saindo para o terreiro.

— Sim — diz Anita —, como um bicho.

— Esses gritos, esses gritos, ora, quem agüenta esses gritos! — e Jorge, pobre Jorge, pensa Anita, impressionável ainda apesar de velho; Jorge enervase. — Há um mês que não durmo direito!

— Há um mês que sou obrigada a isso — diz Anita —, pois afinal é para isso que eu sou criada.

— Não vai mais ter de fazê-lo, Anita — e a voz agora é de Ana Luíza, de pé na porta da cozinha. — Você não tem de cuidar dele.

— Mas menina, dona Alice...

— Não importa o que mamãe disse — replica Ana Luíza —, não quero que meu filho seja um peso a não ser para mim.

E enquanto Ana Luíza volta para dentro de casa — pois agora Ana Luíza vivia no Rio de Janeiro, freqüentava uma universidade e mantinha consigo o menino louco, de quem uma ama contratada cuidava durante o dia —; enquanto, pois, Ana Luíza volta para dentro de casa, Anita toma o braço de Jorge e se afasta pelo quintal. Junto ao arvoredor os gritos chegavam abafados. Às vezes silenciavam por completo.

— Seu Célio tinha de estar aqui para ver isso — Jorge diz —, para ver o que ele fez.

— Ah — e Francisca sorri, atrapalhada —, Clara, você dizia... bem, enfim eu também acho que...

Mas a frase fica incompleta. Alice aguarda, e diz:

— O filho é dela. O que é que eu posso fazer?

Mas com a partida de Gustavo Azevedo Pinto as esperanças de Júlio findavam. Dora — ela mesma — se incumbira de lhe dar esse novo golpe, e com um sentimento de liberdade que o deixava assustado. Depois foi embora: havia três anos que Dora se fora...²³

Súbito, Júlio ouviu os gritos do menino trancado no quarto, “já tem catorze anos... quase um homem... o que será dele quando for adulto e louco?” disse consigo mesmo — mas não se alarmou. Continuou a pensar em seus filhos.

Marta... bem, Marta preocupava-o mais agora com sua saúde frágil e seu casamento convencional. Não, não se casara por amor, talvez não fosse

de todo infeliz, e se o marido não era um alto funcionário do estado ou um dignitário da República, tinha sua renda... Mas então aquele pensamento tornava a incomodá-lo (e Júlio encaminhou-se de volta para o caramanchão, pela viela de pedras): sua filha casara-se sem amor, tinha a saúde frágil (claro que as estações de água, as viagens a climas amenos onde pudesse estar distante do burburinho da Capital, os tratamentos prescritos, nada surtia os efeitos desejados, e Marta sempre pálida, sempre muito magra, e de uns tempos para cá com uma tossezinha persistente...), e o genro — era forçoso reconhecer — não passava de um amanuense medíocre sem nenhuma perspectiva de progresso (“qual renda, qual nada!” dizia-lhe uma voz por dentro), marido pouco atencioso e sempre envolvido com processos, petições e querelas, sempre discutindo leis e levando pilhas de papéis para casa, onde ocupava todo o tempo com o trabalho sem se voltar alguns momentos para a mulher com um sorriso ou um gesto de carinho — e se Júlio tentava justificá-lo dizendo-o esforçado, zeloso com suas obrigações, sempre à procura do sucesso e não apenas para si, pois Marta era sua mulher e haveria de usufruí-lo, mais uma vez reconhecia estar se iludindo voluntariamente, e sua cabeça dava voltas e voltas para no fim não chegar a conclusão alguma. (Agora Júlio senta-se outra vez num dos banquinhos que havia sob o caramanchão, e continua pensando.) Gabriel seria mais feliz?, perguntou-se, Gabriel que se envolvera com a prima abandonando a mulher e, depois, sumira no mundo? Gabriel... Por que ele não manda nenhuma notícia?, Júlio pensou apoiando o queixo na mão, e questionou-se quanto ao seu papel de pai. Teria falhado, por exemplo, com Dora, que determinada e inflexível saíra de casa e fora morar com a irmã?

Dora, enfim, saíra a ele, pois não era verdade que ele na juventude rompera com a mãe para ficar com a mulher que amava? E mesmo Gabriel tinha muito de si naquele rompimento repentino com Helena, naquela fuga precipitada com a prima. Sim, aqueles eram seus filhos que, à sua moda, o imitavam, repetiam seus gestos impulsivos, suas decisões irrevogáveis.

— Dora nos dará alegrias — dizia Alice, sempre defendendo a sobrinha —, tem talento e é muito aplicada — e continuava, dizendo que ir morar com a irmã fora o mais acertado, pois pelo menos no Rio de Janeiro podia freqüentar o conservatório e aperfeiçoar-se.

Quanto a Júlio, um sentimento de frustração apossava-se de suas horas de quietude, pois ele tivera uma família, criara o seu mito em torno dela — amara uma mulher e tivera filhos — mas tudo que julgara ter feito esfacelava-se agora. “Tudo se perdeu” ele pensa ao lembrar de Andréia, com quem ele brincara na infância, por quem se apaixonara na adolescência e que, por fim, fora sua e agora estava morta. “Contudo, eu continuo aqui...”, e a vida de súbito pareceu-lhe vazia e cinzenta.

— Era aqui o lago — e Clara, que minutos atrás deixara as primas no

coreto dizendo “vou dar uma volta para espairecer” e antes de se afastar juntou “lembrar, é tudo que temos, não?”; Clara portanto olhava o brejo, o charco onde antes houvera um lago.

— Havia um bote a remo — falou. Falava para si mesma e recordava o passeio que fizera sozinha no bote certa manhã, em que caía uma chuva fininha e o vestido lhe colara à pele.

— Clara foi na direção do açude — diz Francisca, que apanhara o baralho sob a mesa e ia virando uma carta após a outra.

— A prima Clara sempre gostou de estar só — Alice comenta —, lembro que desde moça, quando vinha com a tia Estefânia...

E Alice, falando na tia Estefânia, debruçou-se na mureta e procurou recordar-lhe a figura extravagante que arrancava reprovações da irmã conservadora — Rebeca —, com suas roupas excêntricas e o jeito intempestivo.

— Oh, a tia Estefânia...

Mas Francisca sabia que um baralho tinha quatro naipes, e figuras e números. Não haveria surpresa alguma se virando uma carta saísse um três, um oito ou uma dama, mas esperava cada uma com uma expectativa diferente.

— Lembrar é tudo que temos, ela disse — e Francisca via aparecer o terceiro valete consecutivo. O maço ainda estava quase todo em sua mão, e aqueles três valetes, juntos logo no início. Em que ponto do baralho estará o último valete? — Mas será verdade? — pergunta.

— Lembrar... sim, lembrar é muito do que temos — diz Alice olhando para o arvoredado que delimitava o gramado. “Mas será tudo?”.

Um valete, Francisca pensou, um valete, e ficou imaginando onde estaria o último valete do baralho. Virar as cartas tinham agora uma motivação nova: encontrar o último valete. “Será o de copas?... Não me lembro, não prestei atenção nos naipes...”, e virou a carta seguinte, um três de ouros, e ela não soube dizer se já havia saído algum três.

“Um três... um três... não, não tem importância alguma...”

“Mas a culpa foi minha”, e Júlio sentia mais uma vez a cabeça dar voltas, pois fora aquela frase dita de maneira natural — mas a que imprimira um ligeiro tom de censura — que decidira tudo.

— Veja o exemplo de sua irmã — ele dissera, e Marta não tivera forças para dizer não àquele pretendente que se apresentava com sua insignificância, seu ar de ausência e sua conversa árida acerca de trâmites judiciais.

— Vejamos como se procede quando dá entrada em Cartório uma petição — dizia ele quando ia visitá-la, já namorados, já noivos, e Marta que sonhava com uma bela frase acerca da beleza da noite ou das indescritíveis delícias de estar com seu pretendente sozinha num banco de jardim (talvez esperasse um galanteio, embora não fosse bonita); e Marta, que esperava um gesto um pouco mais ousado, um beijo furtivo ou uma carícia nos cabelos;

Marta murchava ao seu lado, deixando-o discorrer sobre aqueles assuntos desinteressantes, ouvindo-o sem ouvi-lo, e as horas se passavam estêreis. Talvez não tenha chegado a cogitar num rompimento, aceitava esse compromisso com a naturalidade de quem faz um negócio sem se perguntar as vantagens. O noivo já partira e ela, passando pela sala, avistava o pai numa poltrona, ou lendo algum livro ou apenas de olhos fechados, dormitando, e lembrava-se do que ele havia dito:

— Veja o exemplo de sua irmã!

“A culpa foi minha” Júlio acusava-se — acusa-se sempre, agora.

— ...eu também remei aquele bote algumas vezes — Francisca ouviu Alice dizer, e desviou a atenção do baralho pensando que de fato houvera um bote no açude, há muito tempo, e que ela também havia se divertido, remando.

— O que foi feito do bote, Alice?

— O pomar... — Clara disse consigo mesma, em voz muito baixa. Não havia mais o açude nem imaginava o que fora feito do bote, mas o pomar ainda estava ali. Via as árvores mortas, o vão onde elas estiveram antes de serem cortadas, e adiante uma coivara formada de troncos secos e galhos. Vez por outra contratavam alguém para podar as árvores que ainda viviam e abrir caminho entre o mato que se obstinava em crescer.

— É como se crescesse mais rápido do que se consegue cortar — dissera Alice com um tom de displicência e desânimo.

Mas a verdade era outra, refletia Clara no momento em que descia a pequena ladeira para o pomar. A verdade é que... mas afinal — e Clara parou olhando à sua volta —, afinal qual era a verdade?

— A prima Clara leva uma vida nômade — observou Alice. — Já percebeu que não sabemos nada dela?

Então Francisca imobilizou no ar uma carta destacada do maço, que não virara ainda. Pensou um instante no que Alice dizia, virou a carta num movimento rápido mas não era o valete que procurava. “Cinco de ouros...”

— Sim — diz Francisca repousando as mãos ao colo e voltando o corpo na direção de Alice. Ficou assim um minuto, tentando tirar uma conclusão daquilo: então a prima Clara era uma estranha? (Mas outro pensamento lhe ocorria: que à sua volta e em sua vida, quanta gente havia partido! Quantos levavam uma vida nômade também!... E pôs-se a contar: tia Estefânia, o mano Lúcio, o Rodolfo Gonçalves — com quem havia se casado e que “viajara” outra vez, deixando-a sozinha —, seu filho João Manuel...) — Ela passa grande parte do tempo viajando...

— E é raro enviar-nos cartas — observa ainda Alice. — Afinal, com que ela se ocupa?

— Qual será a verdade — Clara se pergunta olhando para o alto de uma goiabeira onde alguns frutos amarelavam. Era verdade, por exemplo,

que aquela goiabeira frutificava sempre no verão e que as goiabas eram amarelas quando maduras. Mas as goiabas não faziam parte de sua vida, da vida daquela casa, eram apenas um detalhe, assim como as laranjas, os pêssegos, as romãs...

Havia verdades mais cruéis, pois naquela casa agora existia um louco, um menino louco que tinha tanto direito de estar ali quanto ela ou Francisca, por exemplo; mas o que era aquele menino louco no contexto dessa verdade que Clara imaginara cinco minutos atrás e a deixara perplexa? É certo que um pêssego é um pêssego e um menino louco é um menino louco, mas sempre existe algo mais por trás de deduções tão corriqueiras, e talvez fosse isso — esse algo mais — que ela nesse momento tentava captar. “Oh, isso é um mero jogo de palavras, ou de pensamentos” ela concluiu um pouco aturdida, e a queda de uma goiaba madura, quase podre, na relva, atraindo-lhe a atenção levou-a a pensar.

— Talvez tudo se resuma nisso — ela disse —, numa queda...

Então lhe veio à lembrança uma coisa que daí se apagara há pelo menos trinta e cinco anos: certa manhã de garoa em que se encontrara ali, por acaso, com o marido de Francisca. “Como era mesmo o nome dele? Olivério?...”, e ele falara o tempo todo de futilidades pensando agradecer-lhe. “Sim, era Olivério”, mas Olivério estava morto e ela viva, e retornava àquele mesmo lugar, “só que hoje é de tarde e faz sol” ela pensa — e esse conjunto de incidentes fazia parte dessa verdade cujo autêntico sentido persistia em escapar-lhe ao entendimento. “Continua sendo um jogo...”

— Talvez tudo se resuma numa queda — ela torna a dizer, e sorri, porque uma idéia passa-lhe pela cabeça e essa idéia tem seu quê de engraçado: não fora uma queda que resolvera o problema de sua vida? Detém-se um momento a pensar nisso, mas logo deixa esse pensamento de lado, embora o sorriso persista em seus lábios por algum tempo, até desvanecer de todo.

Olivério estava morto, volta a pensar — mas não teria Francisca dito qualquer coisa acerca de um crime? Sim, pelo que se recorda. Por certo não se perdia grande coisa, era um homem vulgar, de hábitos triviais e sem nenhuma inteligência, talvez Francisca não mais o estimasse, mas ainda assim seria melhor que estivesse vivo e — quem sabe — pudesse aparecer ali agora. Seria na certa um velho libertino e lhe diria “lembra-se daquela manhã...?”, e ela poderia dizer que sim sem nenhum receio. Imaginou-o de cabelos brancos e bigodes, o andar atrapalhado por causa de uma possível artrite... mas aquele não era Olivério, pois nem ao menos se recordava do seu rosto e não conseguiu imaginar que tipo de diálogo seria travado entre ambos após as frases iniciais de cumprimento. Talvez ele hesitasse em aludir às intenções que tivera naquela manhã, talvez ela também não o fizesse, e enfim quem sabe se teriam o que conversar?

Ora, mas que bobagem estar pensando nisso a essa altura, e Clara com

as mãos nos bolsos do vestido avançou para o meio do pomar onde se abria uma clareira. “Várias árvores foram cortadas aqui...”

— As famílias se dispersam — dizia Ana Lúcia observando o piano fechado no canto da sala. As janelas estavam abertas e a brisa da tarde que ia a meio movia as cortinas de linho e fazia dissipar o perfume das flores no jarro. “Tio Júlio disse que Dora tocava piano todas as tardes” ela pensa.

— As famílias — disse ainda, e girando sobre os calcanhares viu-se banhada dessa luz fulgurante que entrava em jorros colossais e ia ressaltar o brilho das pratarias e refletir nos frisos dourados das molduras. “Agora ela frequenta um conservatório para aperfeiçoar-se...”

— Família... ora — disse Ana Luíza reclinada no sofá, a cabeça apoiando-se numa almofada.

— Ainda não são três horas — Ana Lúcia ouviu, mas essa era a voz de Jorge na cozinha, e parecia longe. A casa estava quieta nessa hora, “pois o menino adormeceu” pensou Ana Lúcia, e apoiando-se no piano não conseguiu evitar outro pensamento: “O louco dormiu, o doidinho...”

E enquanto as duas irmãs permaneciam na sala sem ter o que conversar, naquele canto, sobre o pedestal a bailarina de mármore presidia aquela reunião de sombras com a eternidade do seu gesto, o seu passo de dança quase um vôo fixado num imperecível momento. Foi sobre a bailarina que a mais velha das irmãs pousou a vista, enquanto a mais nova fechava os olhos deixando-se envolver pela sensação de ausência.

— Eu o encontrei uma vez — Ana Lúcia ouviu a irmã dizer depois de muito tempo, e soube que ela falava do tio.

— Como ele teria reagido ao vê-la? — perguntou Francisca que virava nesse momento um nove de copas. Onde estaria esse valete que faltava e cujo naipe não sabia? Em que momento ele apareceria no maço de cartas?

— Ana Luíza estava só, creio que ele não ficou sabendo — diz Alice. — De qualquer maneira, não tive coragem de perguntar mais... prefiro que ela mesma o diga, por sua própria vontade.

— Uma família apesar de tudo é uma família — tornou Ana Lúcia como se essa idéia lhe bastasse. O que queria dizer com isso?, pensou Ana Luíza. Sim, todos somos uma família, por isso tive um filho do tio Célio, por isso meu filho foi detestado por mamãe, por isso...

— Houve uma época — e talvez Ana Lúcia dissesse que haviam sido felizes, ou perguntasse “lembra de como brincávamos por aí, com o sisudo do primo João Manuel, sério, a nos acompanhar?”, mas não: ela não continuou, sentou-se puxando uma almofada para o colo, cujo babado de rendas — notou — estava amarrotado.

— Não nos dissemos nada — disse Ana Luíza. — Apenas fizemos menção de parar... É claro que à parte a surpresa daquele encontro inesperado, havia muito de constrangimento e embaraço.

— Uma família — diz Alice — é a soma de muitas frustrações em comum. — No chão do coreto o sol desenhava retângulos de luz, e o dia parecia transcorrer como um rio cujo leito ora fosse acidentado, ora plano.

— Então eu me virei e o vi que seguia em frente. Mas ele também parou e voltou-se... Eu soube depois onde ele morava... Um senhor de uma loja na Rua do Ouvidor, onde ele fazia compras, mo disse... Mas era num bairro distante e eu não quis procurá-lo... Eu me perguntava se valeria a pena... se haveria o que conversarmos... e assim os dias foram passando... então não nos vimos mais.

— Sim, árvores foram cortadas aqui — Clara disse olhando em torno. Mas baixou os olhos e percebeu o próprio vestido, justo e muito leve com bolsinhos, uma das novidades da moda que ela vestia com muita propriedade. Amores-do-campo haviam grudado no tecido e ela os foi tirando um a um, mas não era isso que lhe chamava a atenção: era o próprio vestido. “Este é o vestido de uma mulher moderna” pensou, pois gostava de vestir-se de acordo com seu tempo, e lembrou-se de que já passara por ali com roupas que hoje pareceriam antiquadas. “Prima Alice, por exemplo...” Sim, Alice não acompanhara o tempo, e suas roupas não estavam de acordo com o gosto atual. “Até mesmo Francisca”, e ficou imaginando que o ar distinto das primas tornava-se um tanto ridículo, porque se vestiam como há quinze ou vinte anos atrás.

— Mas há instituições respeitáveis, Ana Luíza — diz a mais velha das irmãs levantando-se e aproximando-se da janela. A sala estava muito clara com todas as janelas e portas abertas, todas as cortinas descerradas. “Luz” pensou ela, “a luz afasta o horror...” — Por outra, não é justo que você, tão jovem...

— Esta casa também é dele — retrucou Ana Luíza, e no quarto um grito cortou o silêncio.

— Bem — diz Alice —, Ana Lúcia pelo menos é feliz — e aquilo lhe parecia uma compensação. Que aquele não era o melhor caminho, costumava dizer, não estava à altura “de nossa tradição de família...”

E então Francisca reconheceu na prima traços de tia Rebeca, que fala de seu nome de família como de um objeto de culto. Mas Alice não era como a mãe, refletiu, para Alice essas noções de nome e tradição eram algo que tinham importância apenas relativa.

— E também — Alice diz, mas não continua. Francisca adivinhou: não havia muito a se preservar agora, pois não era verdade que Célio vivia na Capital em companhia de uma negra? — Ana Luíza acabou por descobrir onde ele estava morando, e afirmou que...

“Rei de espadas...”

Uma negra — Francisca chega a duvidar. Pois ele não havia dito que era apenas uma criada? Sim, a negra é só uma criada, “mas que está sempre com ele em seu apartamento, e até dorme lá”.

— Isso será verdade?

Alice sorriu e pensou em Rosinha Gonçalves. Rosinha tinha-se acabado, sobrava apenas uma recordação, talvez algum retrato seu de adolescência para atestar sua beleza incomum, mais nada.

— Depois de tudo, uma negra — diz Alice.

— Acordou — diz Ana Lúcia.

— Acordou — Jorge diz, com uma careta.

— Acordou — diz consigo mesmo sob o caramanchão Júlio, que pensava nos filhos.

— Já não me reconheço — diz Jorge sentando-se no chão e cuspidinho. Pôs um talo de grama na boca e mastigou. Anita acomodara-se numa cadeira que sempre estivera ali, na varandinha dos fundos, atrás da cozinha. Acomodou-se e olhou aquele homem velho e rijo que se casara com ela e cuja vida fora parte da sua, aquele homem que dizia agora não se reconhecer: sim, também eu estou estranhando você.

Mas Jorge não podia saber o que Anita havia pensado. Jorge, que sempre fora bom e tivera o coração tão grande, mas que não conseguia disfarçar a repulsa pelo doidinho, Jorge não tinha o dom de ouvir pensamentos.

Mas ouviu o suspiro da mulher, ouviu seu lamento:

— Eu esperava vê-lo outra vez — e na cadeira onde ela se recostara o sol produzia de forma desigual raios de luz e manchas de sombra. — O meu menino...

— Ele há de cansar-se de estar longe — Jorge diz sem muita certeza, numa tentativa de consolo. Também ele estivera muito tempo ao lado de João Manuel e julgava conhecê-lo bem. “Tanto que a única certeza quanto ao seu temperamento é sua inquietação, sua imprevisibilidade.”

— Talvez eu o tenha roubado da mãe dele — Anita diz —, mas não acho que tive culpa. Eu apenas cuidei de um menino que parecia perdido nesta casa.

Jorge imaginou se Anita estaria culpando-se mesmo daquilo, e enquanto a ouvia falar da infância de João Manuel e lembrar-se de como ele gostava de comer com eles na cozinha ou ajudá-los a levar a lenha para o depósito — quando pensava nisso, só conseguia ver nessa mulher antes tão ativa e prestimosa, agora doente e quase imprestável que costumava passar algumas horas da tarde naquela cadeira recostada em almofadas, a mãe do menino estranho que cresceu e inquietou-se e inquietou-os a todos com sua melancolia, e partiu “talvez para não retornar”.

— Eu temia por isso... parecia-me adivinhar — Anita diz.

Foi então que Jorge olhou para ela, que reclinava a cabeça tendo entre os dedos uma carta na qual sobressaía uma tarja escura. Anita tinha os olhos úmidos, mas faltavam-lhe forças para chorar agora.

— Sinto-me cansada, Jorge, muito cansada.

Era a primeira vez que a ouvia falar de seu cansaço, e ficou olhando para ela, recostada na cadeira. Anita, por último, respirava com alguma dificuldade, e olhando-a, àquela mulher flácida e corada que fora “sua mulher”, reconheceu com pesar que viver talvez não trouxesse tantas recompensas.

— Que grande ilusão é a vida! — teria dito, teria tido vontade de dizer, mas Anita, que parecia entretida em olhar o movimento das nuvens com a cabeça assim reclinada, voltava para ele os olhos claros sob os quais inchavam bolsas escuras.

Que grande ilusão — mas Jorge não disse, pensou, olhando a mulher enquanto de dentro da casa vinham gritos...

— E agora com Anita doente — acrescenta Ana Lúcia, que ouvia os gritos do doidinho no salão sem poder evitar um estremecimento.

— Sim — diz Ana Luíza, que parecia não se incomodar com os gritos do filho —, Anita... mas ela não tolerava também o menino...

Então a porta da varanda abriu-se e Dora entrou. As primas estavam ali e olharam para ela sem surpresa.

— Vim assim que soube — ela diz, deixando a mala no chão. Estava empoeirada, tinha o rosto úmido de suor, e parecia cansada. — Como ela está?

— Uma instituição — diz Ana Luíza com um sorriso de comiseração pela idéia da irmã. Então percebeu que estava mesmo sozinha.

— Você é tão jovem — diz Ana Lúcia.

Outro grito abalou a quietude dos cômodos, tiniu pelas paredes como a luz refulgia no bronze dos castiçais.

— Pelo menos é aclamada — Alice debruça-se na meia-parede do lado de fora do coreto. — Talvez eu tenha algo de mamãe — diz ela ainda —, com a idade talvez tenham aflorado certos preconceitos, reconheço.

Francisca passa sem pressa as cartas do baralho à procura do valete que faltava, mas a prima atraíu-lhe a atenção, obrigando-a interromper-se.

— Mas ela é minha filha, e... enfim, é feliz...

— As famílias se dispersam, é natural — diz Ana Lúcia. — O que lamenta é... não se reunirem vez por outra. João Manuel, por exemplo...

— Enfim, os filhos não são aquilo que planeamos — continua Alice, para quem a tarde, que ia pela metade (“Não são três horas ainda...”), parecia já muito longa. — Os filhos são sempre o contrário. Imagino que mesmo quando os moldamos à nossa vontade, mesmo quando se submetem, no fundo...

“Os filhos” pensa Francisca, que agora sentia um vago remorso por ter dito aquilo, por ter admitido sem resistência que não amava seu filho.

— Ama-me aquela que não é minha mãe, mamãe — diz João Manuel atravessando o gramado em frente ao coreto.

— Onde está você, João Manuel? — Francisca pergunta com um acento de angústia na voz.

João Manuel embrenha-se entre as árvores.

— Estou só, mamãe, estou só.

E desaparece.

“Os vestidos da prima Alice” Clara disse em voz baixa com as mãos atrás das costas, enquanto via passarinhos saltitando entre os galhos. Por que passara a preocupar-se com as roupas da prima agora?, perguntou-se, pois seu vestido, conquanto fosse moderno, não era importante a ponto de levá-la a tais reflexões sobre roupas, nem a fazer comparações entre as suas e as de Alice ou de Francisca.

O caso é que estava novamente ali, voltara ainda uma vez à fazenda dos Veiga Albuquerque e, como nas outras ocasiões, preferia passear sozinha pelo pomar ou pelo jardim, sem medo nenhum do que pudesse encontrar pelo caminho. Porque Clara, afinal, sempre estivera só e à mercê de todos os perigos, e sobrevivera, e refletindo sobre isso julgou-se forte, concluiu que a despeito do medo que parecia dominá-la muitas vezes não sucumbira, e não sucumbira porque estava decidida a prosseguir. Continuava decidida, embora não soubesse como nem fizesse idéia das conseqüências. E se antes, na juventude, não quisera saber acerca de conseqüências, não seria agora, depois de velha... Mas Clara reconhecia que sempre há alguma coisa — se não vislumbramos essa coisa não significa que não esteja em nosso caminho, e é para ela que devemos estar decididos. “Precisamos ter coragem” ela pensou, e a libertação vem. “Mas libertação do quê?”, sim, libertação do quê? Do que deveria Clara libertar-se, se tudo que poderia tolher suas ações, direcioná-las, coibi-las, fora ultrapassado? “São sinais à beira do caminho, que passamos e deixamos para trás” tenta explicar-se, mas a idéia da libertação não a abandonava agora, pois havia qualquer coisa a acompanhar uma pessoa em sua vida e que a todo momento pairava como ameaça. Então pensou na morte — seria a morte? Não, não era a morte, pois esta se convertia a seus olhos num mero acidente, algo como uma ponte desmoronada em algum ponto do caminho que não permitia continuar a viagem. Ou talvez fosse mais que isso, ela pensou, seria o grande enigma com que temos de nos defrontar (e agora atravessa a clareira internando-se entre as árvores; procura nos galhos uma fruta madura, um pêssego, uma amora, uma pêra), mas há o momento certo de preocupar-se com ele. Essa libertação é de alguma coisa mais imediata, mais próxima, mas tão enigmática quanto a morte.

Então ouviu às suas costas um barulho de folhas secas esmagadas, como se outra pessoa caminhasse ali, e parou, girando sobre os calcanhares. Viu, meio oculta pela galharia, uma sombra, depois essa sombra tornou-se mais visível ao aproximar-se, transformando-se na figura de uma mulher velha que parecia vir em sua direção. A mulher vinha sem pressa, carregando um feixe de gravetos e decerto ia para casa acender o fogo e preparar o café da

tarde. Tinha um jeito arredio de camponesa, e ao ver Clara demonstrou algum embaraço como se titubeasse em prosseguir, pensando em voltar pelo mesmo caminho. Mas não voltou: passou por Clara cumprimentando-a com acanhamento e desapareceu com seu feixe de gravetos entre as árvores adiante. Clara, contudo, não observara nela o feixe de gravetos nem seu jeito tímido de cumprimentá-la com uma voz surda, nem mesmo seu aspecto rude de camponesa velha: Clara via apenas o lenço vermelho que ela trazia na cabeça e com o qual cobria os cabelos grisalhos.

— Uma carta perdida — diz Francisca ao virar a última carta do baralho sem encontrar a que estivera procurando. — Um valete perdido — e ficou olhando o baralho sobre a mesa no qual faltava um valete. Mas não era nisso que pensava agora, quando os olhos se enchiam de lágrimas que desciam límpidas e tardias por suas faces. — Então é isso... então é isso...

Alice, que tinha nas mãos o envelope com a tarja negra e a carta desdobrada cujas poucas linhas lia e relia sem conseguir fixar-se no que diziam, sua atenção dispersa pela surpresa, pelo que havia nela de desconcertante; Alice, portanto, mantinha o aprumo, mas aproximando-se da prima pôs-lhe a mão no ombro e baixou a cabeça.

— Ele... ele estava perdido e eu não sabia — diz Francisca, descobrindo em si ainda a capacidade de sofrer.

— Faz quase um ano — Alice diz com uma voz quase inaudível —, e só agora nos chegou a notícia...

— Sim — diz Ana Luíza —, João Manuel... — e pensou nisso de as famílias se dispersarem, delas restando tão somente estranhos, náufragos em suas ilhas de solidão.

Os gritos haviam cessado e a casa parecia transpirar uma sensação de alívio. “Alívio” pensou Júlio sob o caramanchão, pois o doidinho então com nove anos, e agora com onze, com catorze, gritava cada vez mais alto, cada vez mais incômodo, “e cada vez mais se torna insuportável sua presença...”

— Embora falar dele agora doa... — Ana Lúcia afastou-se do piano e veio sentar-se no mesmo sofá que a irmã.

Ana Luíza ficou pensando no primo, que tinha trinta e seis anos²⁴ e se suicidara num quarto de hotel em *Otawa*, no Canadá, com um tiro no ouvido. “João Manuel...”, e então se lembra de o quanto era sisudo o primo, e de como ficava bonito com o rosto barbeado e a camisa branca de mangas compridas que costumava vestir. Ana Luíza não evita lembrar que o havia amado em sua adolescência, que o havia perdido para uma inquietação que ele carregava consigo (“Inquietação que o fez ir embora à procura de alguma coisa que ele mesmo não sabia o que era.”), que talvez ainda amasse sua lembrança, a lembrança de vê-lo ali naquela sala ou acompanhando-a num passeio pelo jardim, a ela, a menina que se desdobrava em faceirice e graça, mas que ele obstinava-se em tratar como prima e como criança.

— Como imaginar àquela época que...? — ela diz, depois de refletir sobre essas lembranças que sobrevinham como grandes fotografias em cartazes que se pregam às paredes, com a mesma nitidez, com a mesma força. — A adolescência — acrescenta —, o amor...

“João Manuel, meu amor...”

Então Jorge ficou olhando para Anita, que fechara os olhos com serenidade, e julga estar ouvindo ainda sua voz...

...mas é Dora quem está à porta da cozinha, ela que viera para o sepultamento de Anita e tivera uma crise de choro à beira da sepultura, quando desciam o caixão.²⁵

Bem, pensou Clara sozinha, encaminhando-se para fora do pomar, aí está: eis aquilo que procurava! Sim, Clara descobria o que era esse outro mistério, e dizia para si mesma “a vida, a vida”, mas não conseguia, por mais que se esforçasse, encontrar o caminho da libertação nesse labirinto que se chama *a vida*.

— Houve uma época em que tive ciúmes dela — dizia Francisca, que esquecera o baralho em cima da mesinha. Não prestou atenção à brisa que fez algumas cartas voarem, e levantou-se saindo para o gramado.

— Engraçado — diz Alice — que havia alguma coisa em sua mão quando o encontraram, algo que ele segurava com muita força...

Clara, no entanto, emergia do pomar e seu elegante vestido bege destacou-se por um segundo contra o fundo verde das árvores.

Alice acompanhou o movimento da prima, que seguia pela orla do gramado até o riacho, pensando que sempre fora assim: a prima Clara nunca perdia a oportunidade de ficar só, dispensando qualquer companhia em seus passeios.

— O amor, o amor... — e, inquieta, Ana Lúcia põe-se de pé. — Como conhecer o amor?

Ana Luíza agora está recostada, e sua cabeça apóia-se para trás. A irmã pergunta-se como conhecer o amor — então não o havia conhecido ainda? É bem possível, com o tipo de vida que leva, Ana Luíza pensou, sem recriminá-la. Mas reconhecia que o amor era desconhecido de todos, até dos que amam.

— Sim — Ana Lúcia diz —, você tem razão.

E aproximou-se uma vez mais da janela, e não se detendo aí foi até a porta e a abriu, deixando que mais luz entrasse na sala. Recostou-se no portal, de costas para a irmã.

— É que aquele amor — diz Ana Luíza —, aquele com que nos iludimos pela primeira vez...

Júlio não estava sob o caramanchão, e Ana Lúcia demorava-se na contemplação da tarde. Sua irmã dizia que o primeiro amor... bem, já ouvira muito sobre o primeiro amor, e bem mais interessante que pensar nisso —

afinal essas coisas já estavam perdidas, pelo menos já estavam longe e não tinham mais qualquer relevância —, muito mais interessante era admirar a tarde na fazenda, sair para um passeio, ir à vila caminhando...

— Mas, minha irmã — dizia agora Ana Luíza —, então Gabriel...

Ana Lúcia sorriu ao ouvir o nome do primo, a quem seduzira. Oh, aquilo não fora nada, não ia prender-se a ele — nem a ninguém, pelo visto, pensou Ana Luíza virando-se para a irmã, que aparecia como uma mulher inteira e sóbria e muito livre, assim recostada com indolência no portal, olhando para fora.

— Fez-se sargento e agora comanda uma tropa — disse Ana Lúcia ainda de costas. — Talvez já nem se lembre...

— Ciúmes de um filho que não era meu — Francisca em tom amargo, como se descobrisse que podia ter amado o filho e, se o tivesse feito, ele não estaria morto agora.

— ...e abrindo-lhe a mão, já contraída pela rigidez da morte — Ana Luíza disse muito impressionada —, viram o que ele segurava: uma carta de baralho...

Então Jorge tomou as mãos de Dora, e um sorriu para o outro. Ainda que tivesse olheiras por ter chorado, e seu rosto apresentasse sinais de cansaço, os olhos possuíam o brilho da juventude.

— A saúde dela já estava abalada — ele explica —, então chegou a notícia trágica...

— ...um valete de copas — completa Ana Luíza.

— Um valete de copas — diz Francisca.

— Não adianta mais — diz Alice pondo a mão no ombro da prima. Mas, Francisca pensa, Alice teria razão? Não adiantava mais pensar naquilo? Não há mais tempo, parecia ouvir alguém dizer-lhe, é tarde, é tarde...

Sim, era tarde.

— Ir à vila? — exclamou Ana Luíza soerguendo o busto onde punha a mão espalmada. — E caminhando?

Então Jorge fica olhando para a cadeira vazia. Há dois anos ninguém se senta nela, pensa.

— Ah, menina Dora, a menina já é uma mulher e vive na cidade, não sabe o que é estar só.

Dora sorri com uma expressão de ternura pelo velho Jorge — Jorge que se enternecia e os olhos enchiam-se de lágrimas:

— Lembro-me de como foi — ele diz —, lembro-me de ela ter dito: “Sinto-me cansada”, e quando fui ver...

— Mas todos têm sua dose de solidão — Dora diz. — Eu também. Que família eu tive em meus últimos anos a não ser ela... e você... e se ela se foi, se ela morreu...

— De qualquer maneira — diz Ana Luíza —, estou pronta.

— Sim, vamos — e Ana Lúcia exclama “vamos!” com a mesma facilidade com que sempre sorria, do mesmo jeito com que anunciava sua presença soltando gargalhadas estrídulas que cortavam o silêncio da casa dormente.

— De resto — disse ainda —, lembranças, lembranças são para velhos!

Mas súbito a sala encheu-se de gritos: o filho de Ana Luíza, o “doidinho” — agora quase um adulto, pois completara dezesseis anos havia pouco —, apareceu pulando e fazendo caretas, gritando e nu em pêlo.

Enquanto isso a prima Clara cruza a pontezinha sobre o rio — mas se detém um segundo para olhar o reflexo de seu corpo na água, não uma imagem fiel da qual se pudesse dizer “é a prima Clara”: apenas manchas coloridas que apareciam nas ondulações e delas poder-se-ia dizer apenas “são da cor do vestido que a prima Clara usava naquela tarde” e que talvez fizessem a imaginação retroceder no tempo; então poder-se-ia pensar que havia algo de contraditório entre o tom informal com que ela se vestia (seguindo a moda e exibindo roupas leves e coloridas) e seu comportamento misantropo, seu jeito arredio de ser — pois Clara sempre que ia à fazenda passeava sozinha pelas cercanias, conversava pouco com Alice e Francisca, nunca falava de si mesma...

Sim, naquela tarde a prima Clara detivera-se um segundo sobre a ponte e depois, seguindo pelo gramado, chegara até a calçada. Aí parou, e junto à escada que conduzia à varanda ouviu as filhas de Alice conversando na sala mas não prestou atenção à conversa. “Claro” diríamos, “a prima Clara não tinha o mau hábito de ouvir atrás das portas, e tudo que poderia fazer era afastar-se ou entrar e participar da conversa”, no entanto não fez de imediato nem uma coisa nem outra, pois ouviu de súbito os gritos do doidinho em algum cômodo da casa, “parecem vir de longe” pensou ela atenta, e continuou ouvindo os gritos por algum tempo até silenciarem. “A vida... a vida...”, e então viu o jardim (não o teria visto ainda? Não havia passeado ali durante a semana?) que, segundo Alice, havia sido restaurado anos antes e voltava a apresentar sinais de abandono. Lá estava, por exemplo, a cerca, reconstruída com moirões de madeira nobre, mas não tão alta como nos tempos da tia Rebeca; entrelaçadas nos arames, as eternas roseiras miúdas; mas em algum ponto um fio se rompera; Clara em algum lugar da cerca havia cortado a mão certa vez, mas já não saberia dizer em que ponto, e espiando o jardim tentou recordar-se onde exatamente Alice estivera plantando algumas mudas naquela tarde distante de sua adolescência. “Sim, lembro-me de que a prima Alice estava comigo naquela tarde e conversávamos...”

A prima Clara naquela tarde tentava lembrar um fato de sua adolescência, imóvel junto à escada (e já não ouvia os gritos do doidinho, já não ouvia a conversa de Ana Lúcia e Ana Luíza na sala, no jardim silencioso e vazio as sombras das árvores principiando a alongar-se, a fachada da casa já

não recebendo luz direta do sol e entre o arvoredor próximo já se formando massas mais densas de sombra, de onde os troncos e os galhos emergiam para receber essa luz vaga que refletia do gramado e das paredes; ter-se-ia Clara lembrado daquele acontecimento com exatidão? Não importa saber, não importa mesmo que tenha recordado o que ela e a prima Alice haviam dito naquele dia, pois de repente lhe vinha uma lembrança maior, mais vívida, conquanto ela não fosse do tipo nostálgico nem se desse muito a pensar no passado: quando, adolescente, vinha passar dias nesta casa, era comum ver as crianças brincarem no gramado, correrem entre os canteiros ou se esconderem no meio das árvores — Júlio, Célio, Lúcio... mas havia também os filhos dos criados, Jorge, Andréia, Anita, todos brincavam com despreendimento, e se esqueciam de que a vida estava passando), mas em seguida decidiu-se e contornou a casa. Ao caminhar rente à parede, já do outro lado do jardim, ao internar-se no arvoredor e prosseguir entre as sebes, avistou o caramanchão: costumava sentar-se num dos banquinhos para ler, esquivando-se da companhia das primas, da tia, e *dela*... A lembrança momentânea da madrastra veio como um brilho súbito que logo se apagou, pois Estefânia não importava mais, não deixara rastro em sua vida, não deixara nenhum outro vestígio além de poder lembrar-se dela vez por outra — uma lembrança que não a incomodava, à qual não se prendia e não sobrevinha com o peso de uma acusação. Clara sentia-se livre quanto a isso.

Sob o caramanchão não havia ninguém, ninguém na estrada em frente... “todos estão mortos...” foi seu pensamento, refletindo que há modos de vida não muito diferentes de um estado de morte. Naquela tarde a prima Clara esteve muito próxima de chorar.

— E agora, agora... — Dora diz apertando as mãos de Jorge que, sem palavras, a encarava contraindo a face num pranto contido.

— Sua saúde declinou com muita rapidez nos últimos meses — ela diz —, sabíamos que não ia recuperar-se...

— E agora, com a morte de Marta — Alice diz cruzando os dedos — Júlio deixa essa casa, que fica mais vazia...

— Então seu Júlio não vai morar mais aqui, menina Dora — diz Jorge conduzindo a moça até a cozinha. Dora sentou-se, debruçando-se na mesa. Jorge trouxe a xícara, o açucareiro, o guardanapo.

— A gente aprende a fazer esses serviços de mulher — ele diz, movendo a colherinha no ar.

— E todos morrem — Alice diz, mas também poderia ter dito: “Todos adormecem”, e isso não lhe pareceu assustador nem terrível.

— João Manuel morreu — diz Francisca fazendo eco à prima —, meu filho... E Anita, que o amou como se fosse sua mãe verdadeira, e Marta que não o conheceu e não o amou. Eu também morrerei quando chegar a hora, eu, que tive um filho e não o soube amar.

Quando, naquela tarde, a prima Clara decidiu voltar para o mundo — quando percebeu que nada mais havia para ela ali, que suas visitas esporádicas já não faziam sentido porque ela se havia transformado numa estranha para os membros de sua família — esteve, sim, a ponto de chorar.

Ao chegar à vila viu passarem na calçada, do outro lado da rua, as filhas de Alice — a mais velha (Ana Lúcia era a mais velha, não?), parada à porta de um armário, chamava pela irmã, que voltou alguns passos. Conversaram, apontando para o interior da loja, e seguiram em frente depois, sem percebê-la.

E quando a prima Clara, reclinada no banco do trem, admirava o pôr-do-sol — e mais tarde quando, já noite fechada, os poucos passageiros cochilavam no vagão quase deserto, e ela permanecia atenta ao rumor que enchia a escuridão — teve certeza, cobrindo-se com a manta que apanhara na bagagem, de que não retornaria àquele lugar.

“Acabou-se.”

À beira da via férrea havia casas de longe em longe submersas na mata. Naquela hora todos deviam dormir (na roça dorme-se cedo, dizia), mas era possível que um ou outro se revirasse sem sono em sua cama, e ao ouvir passar o trem se pusesse a escutar o som imenso que vinha como um galope, aproximava-se, e desaparecia aos poucos, diluindo-se na distância. Era possível também que houvesse alguém à janela e visse passar o trem com sua luz, seu facho de luz varrendo os trilhos adiante, e o visse ainda desaparecer numa curva, sumir-se rumo ao seu destino.

Clara — a prima Clara — por certo não se detinha a pensar que ela partia e eles — esses habitantes insones do mato — permaneciam ali, inexistindo um para o outro. Mas eles também não paravam para pensar naquilo: viam ou escutavam o trem vir, aproximar-se, aproximar-se, passar finalmente, e ir, ir, ir... e estariam sempre vendo e escutando o trem, mas para nenhum deles seguiria num dos vagões alguém que se chamasse “a prima Clara” e que ia embora decidida a não regressar.

“Sim, acabou-se” pensou ela, e foi tudo.

— Foi aqui — disse Ana Lúcia quando Ana Luíza aproximou-se. — Agora é um armário.

Ana Luíza ficou olhando para o interior do armário até que uma senhora veio lá de dentro.

— O que as senhoritas desejam?

Oh, não queriam nada, apenas passeavam por aí, aproveitando para olhar as vitrines. É bom olhar vitrines, disse Ana Luíza, e a senhora sorriu com benevolência diante da tarde que avançava.

— Não é hoje que a velha prima Clara vai embora? — disse Ana Lúcia, que contudo não deixara de pensar no pai, cujo antigo armário convertera-se num armário.

— Mamãe certa feita me falou do amor que teve por papai — disse Ana Lúcia ao contornar uma esquina pensando no tempo em que não gostara do pai. Afastara-se dele ao ir para a cidade, “e isso foi antes de o tio Célio e Ana Luíza...”, e nunca mais o vira. Hoje pensava nele sem remorso, sem rancor nem ressentimento. Desejaria vê-lo, encontrar-se com ele agora e dizer “pai, sou Ana Lúcia, sua filha”? Por ora não tem uma resposta a tal pergunta...

Do outro lado havia uma praça e Ana Lúcia parou, indecisa, mas a irmã já atravessava a rua, então resolveu segui-la.

— Ele não voltou — disse Ana Luíza aproximando-se de um banquinho de madeira. Em frente à praça, num botequim, alguns homens riam e falavam em voz alta sem prestar atenção às duas irmãs que nesse momento se sentavam. — Mamãe acredita que ele morreu. Teve um pressentimento...

Mas Ana Lúcia pensava agora no amor: ele não havia bastado entre seus pais, e fora destruído — mas pelo quê?

“Pelo quê? Pelo quê?” pergunta-se. O que havia destruído no coração de sua mãe aquele amor da adolescência, o que transformara o amor de seu pai numa intransigência obstinada, numa incontrollada revolta?

— Então o amor não é mais forte que tudo — Ana Lúcia diz, ela que nunca amara de verdade o pai, sem certeza.

— Não creio que ele volte — diz Ana Luíza.

Ana Lúcia pensava como a irmã. Não, o pai não voltaria, e se ao fugir fizera-o por um motivo, era bem por outro que não regressaria.

— Talvez esteja mesmo morto — diz ainda Ana Luíza, vendo nos olhos da irmã a interrogação, a dúvida, a grande dúvida.

— Ou talvez ele pense — Ana Lúcia replica — que não tem mais nada aqui. — E baixa os olhos para o colo onde cruza e descruza os dedos. Fica assim por um ou dois minutos, morde os lábios e de cenho crispado desvia o olhar para o chão, para a grama rala, as florzinhas que coloriam a terra cinzenta. — Mas talvez se engane.

Então descobriu que gostaria de encontrar o pai e dizer: “Pai, sou Ana Lúcia, sua filha.”

“22 de maio de 193026

“Este é o início do meu diário de bordo, sim, meu diário de bordo, porque sou navegante da vida, este grande navio que nos leva para algum lugar que desconhecemos.

“É estranho como este navio parece à deriva às vezes, mas é mesmo aí que ele está navegando em seu rumo certo. É quando sabemos — e podemos ter certeza disso — que não somos enganados pelo comandante, pois ao contrário do que se pensa nunca somos nós a comandar nosso próprio navio.

“Como às vezes ele segue a todo vapor — ou para empregar uma imagem mais lírica (pois a vida é lírica, profundamente lírica, sempre!), como esse navio às vezes parece ir com todas as suas velas abertas ao vento!, como parece voar sobre as águas feito um grande pássaro branco — uma gaivota, um condor — cuja única verdade é o movimento de suas asas e a amplitude que se estende à sua frente! Mas como nos enganamos então, pois se perguntamos ‘aonde vamos com tanta certeza e segurança? Que porto espera esse navio veloz?’, que respostas teremos a estas perguntas traiçoeiras?”

“Este é o início do meu diário de bordo — mas, por que só agora começo a redigir um diário? Por quê, se viajo — se meu navio enfrenta o mar encapelado, se o pássaro está com as asas abertas e traça uma linha branca no espaço — há tanto tempo?”

“Complearei trinta e dois anos em breve, e só agora começo a redigir meu diário — oh, o quanto velejei sem que ninguém soubesse ou pudesse saber, e se eu morresse antes quem iria conhecer meus rumos percorridos? Não que eu pense haver quem os queira conhecer, nem mesmo posso afirmar que os quero dar a conhecer ao mundo, e o mais certo é que tudo isso permaneça em segredo. Pretendo apenas organizar minha viagem, anotar as rotas, registrar os ventos e as tempestades, e quanto ao mais, continuar à deriva.”

Ana Lúcia enfadava-se da metrópole nessa época do ano em que tudo parecia imobilizar-se — talvez fosse o frio, essas manhãs brancas quando uma névoa descia sobre os morros e o mar parecia um vasto lago gelado, essas tardes de vento tão tristes e as noites longas —, então abandonava por um ou dois meses o dia-a-dia dos palcos para descansar na fazenda. Sentia-se repousada nessas tardes lentas que se estendiam pela vila, pelas encostas, pela paisagem que conhecera na infância e permanecia ali, sempre igual e constante.

— A vila, sempre essa pequena vila... — disse.

Mas Ana Lúcia vinha também no verão, e ficava menos tempo pois a cidade nessa época transbordava: as ruas cheias, os teatros lotados e os cafês repletos com mesinhas espalhadas pelas calçadas onde os casais ficavam até mais tarde conversando.

Vinha para a fazenda, para a vila, e tudo se tornava calmaria. E havia as crianças, observou, essas que brincavam agora na praça ou que corriam pelas ruazinhas estreitas, e Ana Lúcia recordava-se delas quando tinha sua mesma idade e participava das mesmas brincadeiras, “talvez porque todas as crianças sejam iguais” ela pensa.

Então Ana Luíza avistou Jorge caminhando na calçada, do outro lado da rua.

— Veja — ela disse —, lá está Jorge com um saco às costas.

Sim, lá estava Jorge levando um saco às costas, um saco vazio que deveria usar para levar qualquer coisa da vila para a fazenda. Andava devagar, como que indeciso, parando ora à porta de um armazém, ora mais adiante defronte à botica, depois seguia em frente com seu passo arrastado de velho, e a cada porta que ia passando fazia uma meia parada e espiava para dentro, como para lembrar-se se teria de comprar ali alguma coisa, ou fazer alguma encomenda (pois sempre que Jorge ia à vila era atendendo a uma determinação de Alice ou a um pedido de Francisca); fazia menção de parar mas prosseguia, e sob o chapéu muito encardido podia ver-se o cabelo branco que ele não cortava com frequência.

— Jorge — diz Ana Luíza com um sorriso de comiseração —, pobre Jorge... — e Ana Luíza não saberia explicar por que dissera aquilo, por que pensara “pobre Jorge”.

Mas Jorge agora se detinha ao longe numa esquina, parecia olhar qualquer coisa do outro lado da rua e de repente um vento elevou-se do chão, envolveu-o com uma poeira muito fina, e essa poeira iluminada pelo sol dourado da tarde parecia uma nuvem de ouro e o que se via dele meio a essa nuvem era um vulto escuro, diluído, quase impalpável como o de um velho anjo...

— É tarde — repetiu Francisca segurando o diário de João Manuel, cujos escritos lia e relia tentando decifrar seu tom desiludido e amargo. Alice, contudo, parecia distraída, como se não a ouvisse, mas Francisca não se importou, é certo que não chegou a notá-lo pois pensava no filho.

— Ele tinha uma carta de baralho nas mãos quando o encontraram — ela diz.

— Uma carta — Alice responde —, não era um valete de copas? — e voltou o rosto para o alto, para receber nas faces murchas a plena luz da tarde brilhante.

— É sempre tarde quando pensamos que podíamos ter feito algo — conclui para si mesma Francisca, que vez por outra recorria aos retratos de João Manuel para lembrar-se de como era seu rosto, e ao seu diário, para conhecê-lo melhor.

“10 de agosto de 1930

“Sim, a vida é lírica — é uma canção, uma melodia, um som de ribalta, mas é também concreta, feita de sangue e tijolos, e as vidraças desses prédios enormes entre os quais passam ruas são tão reais quanto minha voz e meu pensamento, são tão intocáveis quanto aquilo que sinto.

“Estas ruas, por exemplo, aqui na cidade do Porto (ou em qualquer cidade do mundo), por elas passam homens e carros, os homens conversando ou em silêncio, o carros com seu motor barulhento levando homens que conversam ou

ficam em silêncio — tudo faz parte da cidade e está fora de mim, nada permanece e eu também não permanecerei, e amanhã quando estiver noutra cidade verei coisas semelhantes que estarão também ausentes de mim como eu me sinto ausente, alheio a elas.

“Nada disso me satisfaz porque não vejo o sentido de estar aqui. Ali está um coletor de lixo, adiante uma mulher entrou e fechou uma porta verde (poderia ser vermelha, ter qualquer cor), e se apuro os ouvidos ouvirei um cão latindo em algum quintal. Tudo isso coexiste, tudo faz parte do lirismo da vida como os acordes fazem parte da melodia, e quando uma coisa cessa — se a mulher que fechou a porta não voltar a fechá-la por ter morrido esta noite — é como um acorde que silencia, mas outros se sucedem e a melodia continua, os instrumentistas estão sempre prontos, sempre a postos, jamais adormecem quando tocam sua música de outono.

“Os instrumentistas invisíveis da vida, quisera conhecê-los pois aqui estou eu movido, tocado, impulsionado para adiante por mãos que não vejo nem sinto, mas de cuja existência não posso duvidar.”

...mas na casa ninguém ouvira rumor algum, a não ser o tremer das vidraças durante a madrugada, nos intervalos do sono. “Ventava”, lembra-se Alice, “ventava muito aquela noite”.

Pois os intervalos do sono são instantes de meio termo entre dormir e despertar, quando o mundo se torna um amplo espaço nebuloso e sombrio, um grande vácuo do qual nossas noções escapam sem marcas. Se faz calor e entra um luar pela janela, afastamos a coberta, estamos relaxados sobre o colchão e de olhos fechados pensamos ouvir qualquer coisa, uma voz, um ruído da noite, mas de tudo que nos lembramos ao acordarmos é que estávamos dormindo e nada nos tocou, nada nos alcançou então. Ao contrário, se faz frio, encolhemo-nos sob o cobertor e ficamos como dentro de um casulo, nem ousamos abrir os olhos, nem erguer a cabeça pois a ventania sacode o arvoredado com violência, a vidraça treme e de longe o rumor das águas caindo nas pedras vem-nos como uma voz que ouvimos sem compreender. Mas um outro rumor estruge, mais cavo, maior dentro da escuridão — e ainda assim continuamos encolhidos pois agora o sono nos dominou outra vez, e estamos viajando por prados ensolarados, cavalgamos por alguma ravina onde corre um rio e árvores lançam sombras sob as quais podemos repousar; quem sabe, também, caminhamos nas ruas de alguma cidade olhando vitrines, entrando em lojas para experimentar uma roupa, um calçado, quem sabe escalamos um monte ou mergulhamos apenas na inconsciência do sono, e em seguida o que restou do poema que a noite declama são os versos costumeiros — o vento, o rio, a cachoeira, e só no dia seguinte descobrimos que o coreto onde nos reuníamos para conversar e

jogar cartas durante a tarde, onde as crianças brincavam antigamente; o coreto, com o madeiramento carunchado e expondo a riscos quem ali se aventurasse, não agüentando o vendaval da madrugada, havia enfim desabado.

E agora Alice olha admirada o coreto, cujo telhado havia ruído na noite anterior, durante a ventania.

— Havia crianças na vila — Ana Lúcia, que acabara de chegar, apóia-se no corrimão da ponte.

— Oh, sempre há crianças na vila — responde Alice com um sorriso complacente.

Francisca acerca-se do coreto, espiando para o interior sobre a mureta.

— Ainda outro dia estávamos aqui — ela diz, vendo entre os cacos de telha e caibros partidos uma ou outra carta de baralho perdida.

— E você brincava com o baralho — diz Alice, que de uma hora para outra sentia um abatimento na alma como se fosse um cansaço do corpo. — E a prima Clara — continuou para si mesma — havia saído para um passeio...

— João Manuel — Francisca diz, mas muito longe de pensar no filho. Apenas se lembrara dele e seu nome movera-lhe os lábios sem que ela se desse conta. “Não tenho um filho, ficou-me o diário que ele escreveu.”

“28 de novembro de 1930

“Então atravesso uma rua, entro em um armário, um restaurante, um hotel, e vejo pessoas entrando também, e saindo; vejo pessoas comprando botões ou metros de fita, sentando-se à mesa e examinando cardápios, fazendo uma reserva e indicando ao boy as malas, que são carregadas escada acima para um quarto qualquer; mas se paro à porta após atravessar a rua, que vejo do outro lado? Um armário, uma loja, um restaurante, e pessoas entrando e pessoas saindo e pessoas que como eu param à porta e olham para os lados, sem saber se seguem pela esquerda ou pela direita, procurando alguma coisa num bolso ou então — se for uma senhora, uma moça — abrindo a bolsinha ou ajeitando a fita do chapéu. Se está só, toma um rumo e desaparece, mas se tem um acompanhante é provável que sorria, que discuta, que aponte uma vitrine ou convide para ir a algum lugar, e se afastam conversando. Mas eu continuo aqui, parado à porta — deste armário, deste hotel, deste restaurante, e deixo as pessoas passarem por mim como se isso não fosse um ato definitivo, como se pudesse trazê-las de volta e pará-las à minha frente e falar-lhes de minha agonia. Deixo que elas passem e se vão — uma mulher gorda com uma sombrinha, uma moça com um vestido de babados e um chapeuzinho de rendas, um padre com sua sotaina negra, e inesperadamente avanço um passo como se fosse tomar sua mão e ajoelhar-me, e pedir para confessar-me, ali mesmo na calçada, mas não faço nada disso e o padre se vai, vai-se como a mulher gorda,

como a moça do chapuzinho de rendas, como todos que continuam passando indiferentes, enquanto eu permaneço com meu assombro!”

— Oh, não foi o que eu quis dizer — Ana Lúcia sorriu —, eu sei que sempre há crianças na vila...

— Então o telhado do coreto caiu a noite passada? — disse Ana Luíza.

— Sim — diz Francisca, que atravessa a ponte de braço dado com a sobrinha —, uma pena...

— Vimos Jorge lá — lembrou-se Ana Lúcia de dizer. — Levava um saquinho...

— Jorge foi à vila? — perguntou Alice sem grande interesse, mas logo em seguida pareceu lembrar-se: — Terá ido comprar alguma coisa, recordo-me de ele ter dito...

Mas o que fora mesmo que Jorge dissera a Alice?, oh, não importa, ela pensa, pois que relevância tinha o fato de ele ter ido à vila? Quantas pessoas iam à vila sem que isso alterasse a ordem das coisas? E mesmo quantas pessoas moravam na vila, e lá conduziam suas vidas provincianas recheadas de preconceitos, de fuxicos, de mesquinhasarias? Alice não se considerou amarga nem impiedosa ao pensar assim, e continuou com seu jogo, perguntando-se ainda quantas pessoas da vila costumavam passear por ali, ir até as fazendas vizinhas quando nada tinham que fazer? Diante disso, que importância, repetia consigo mesma, tinha o fato de Jorge ter ido à vila?

“Sim, Jorge foi à vila, e levava um saco às costas, mas e daí?”

— Creio ter ouvido alguma coisa — diz Ana Luíza. — Um rumor surdo e profundo que pareceu ficar por muito tempo dentro da noite.

— As crianças da vila — diz Francisca ouvindo o comentário feito por Ana Lúcia.

— Sim, as crianças — continua Ana Lúcia. — É que parece serem sempre as mesmas.

— Não são as crianças que permanecem as mesmas — diz Alice cruzando a ponte com vagar, admirando-se de que a casa (a fachada imensa parecia fundir-se com a luz da tarde e as sombras projetadas), a sua casa, ainda continuasse de pé. “É como se ela também devesse desmoronar.”

Mas aquele fora o momento em que Ana Lúcia se pusera de pé olhando ainda as crianças que chegavam à praça, as meninas que começavam a brincar de roda enquanto alguns meninos mais velhos ficavam à parte confabulando. A cantiga das meninas despertou-a, a alegria contagiou-a e ela teve vontade de participar da brincadeira — e tê-lo-ia feito se não a tolhesse a noção do ridículo. Ana Luíza, contudo, antecipou-se à irmã ao dizer:

— Tínhamos catorze ou quinze anos, menos até, quando vínhamos passear aqui em outros tempos e João Manuel nos acompanhava, sempre taciurno, sempre quieto.

(Mas Jorge já não estava parado na esquina ao longe: tinha se afastado na direção das carroças; Ana Luíza podia ver ao largo carroças e cavalos, podia ver homens e crianças, algumas mulheres de aspecto rude carregando fardos, mas Jorge havia desaparecido. “Aonde terá ido Jorge?”)

— Vinha como que por obrigação — diz Ana Lúcia —, não se divertia.

— Ele costumava sentar aqui, ou ali adiante, como se fosse nosso guardião — diz Ana Luíza apontando um banco embaixo de uma paineira —, e ficava a nos vigiar, sempre com seu ar distante.

— Quando mais meninas, brincávamos aqui como essas garotinhas. Mas não fizemos muitas amizades na vila, que eu me lembre...

— Papai às vezes vinha para cá também e punha-se a conversar com João Manuel enquanto nos olhava — e agora Ana Luíza lembra-se do pai, daquele homem rude que, porém, era muito apegado a ela, e que a despeito de tudo ela amava. Mas — e Ana Luíza suspirou — João Manuel estava morto, o pai desaparecera — não dali, mas de sua vida, sumira-se para sempre, e ao retornarem à vila, à praça, tinha consigo apenas a companhia da irmã e de suas recordações amargas. Seu amor — seu triste amor pelo primo, depois sua loucura, que a tornara mulher do tio, a quem se entregara certa tarde na biblioteca e a quem recebia em seu quarto todas as noites emprestando-lhe na escuridão um rosto e um nome diferente, por fim o filho que parecia perfeito ao nascer e a loucura que, furtiva, sobreviera com a idade... aquilo fora sua vida, apenas aquilo tinha para lembrar.

— E depois fomos crescendo — diz Ana Lúcia sem suspeitar dos pensamentos que nesse instante faziam crispar o cenho da irmã, pois Ana Lúcia contemplava a tarde, as crianças, olhava para o outro lado da rua onde havia um botequim, ou para o interior das lojinhas empoeiradas nas quais alguns fregueses faziam compras miúdas, e por isso não vira os olhos de Ana Luíza marejados, não a vira secar as faces com as mãos, talvez nem mesmo tenha ouvido seu prolongado suspiro, e continuou falando, distraída —, fomos nos distanciando como se alguma coisa nos afastasse disto aqui...

— Vamos voltar — diz Alice respirando fundo para afastar aquela impressão de esgotamento da alma.

— Talvez devêssemos mandar consertar — disse Francisca ainda olhando para os escombros, ainda espiando algumas das colunas que permaneciam erguidas como dedos, dedos gigantes a apontar para o céu.

— Não vale a pena — responde Alice seguindo ao lado de Francisca. — Não há nada que possamos fazer. O tempo não pára.

— Sim — diz Ana Lúcia —, crescemos e nos distanciamos... e nos perdemos...

— Mas a alegria delas — Alice acrescenta, completando seu pensamento —, é a alegria de ser criança que é sempre a mesma... sempre a mesma e inconsciente alegria.

“1º de janeiro de 1931

“Início o ano viajando, e aqui estou neste trem que cruza os Alpes e me oferece de sua janela uma vista de grandiosidade e beleza incomuns!”

“Escrevo, mas às vezes paro e fico olhando a paisagem com o diário fechado ao colo, o dedo entre as páginas marcando o ponto onde interrompi a escrita.

“De hábito não falo com ninguém, a não ser que falem comigo, então respondendo com a maior brevidade possível, evitando dar continuidade à conversa.

“Uma senhora idosa dormita ao meu lado. No banco em frente seguem um cavalheiro gordo e uma criança, uma menina de doze anos que deve ser sua filha. O cavalheiro lê o jornal e a menina presta atenção ao que eu faço. Ela vê que eu escrevo, e em certo momento sinto um impulso de encará-la e sorrir para ela, mas tenho receio de que isso possa desagradar ao pai. Não obstante é isso mesmo o que faço e a menina fica encabulada, mas responde ao meu sorriso. O cavalheiro gordo nem notou, e nesse momento de comunhão entre mim e a criança existimos apenas nós, eu e ela, e um dia, quando eu estiver morto e alguém ler isto há de compreender que aquele foi um momento único, ímpar, porque me entreguei por inteiro num sorriso — o que jamais fizera antes, e como retribuição obtive de minha parceira o sorriso mais puro e belo dentre quantos tenho visto.

“Então voltei a olhar pela janela e me lembrei de minha prima Ana Luíza — ela sorria como essa menina, e me amava, e estou certo de que se tivesse escolhido ficar com ela e renunciar ao mundo, sentiria certamente como que uma saudade de algo que nunca tive (esse mundo, essa liberdade, essa busca, essa solidão), mas haveria em compensação de ter uma boa esposa, fiel e dedicada, amorosa e mãe perfeita para os filhos que tivéssemos. (Lembro-me de uma vez em que passeava pelo jardim da fazenda em sua companhia, ela falava muito sobre coisas de que já não me recordo — era espavitada e muito alegre quando estava comigo. Em dado momento ela apanhou na relva uma flor branca, uma margarida, e introduziu a haste numa casa de botão da minha camisa. Lembro-me de que esse gesto infantil irritou-me um pouco, mas só agora reconheço o quanto aquela menina era adorável, o quanto merecia ser feliz.)

“Eu a tornei infeliz naquela época por não a poder amar, e tornei-me infeliz a mim mesmo por ter escolhido uma viagem sem termo. Este trem vai parar em alguma estação adiante, algumas pessoas saltarão — talvez essa menina bonita com o cavalheiro gordo que deve ser seu pai, talvez a velhota que dormita —, pessoas embarcarão e o trem irá em frente até novas estações, até a estação final, e eu estarei nele. O trem terá terminado sua viagem, as pessoas que saltarem à gare também, mas eu continuarei viajando porque é como se tivesse comprado um bilhete só de ida.

“Perdoe-me, Ana Luíza, perdoe-me, e console-se (embora eu não o possa saber, embora eu não queira duvidar de que se tenha tornado uma mulher feliz, pois fazê-lo seria acrescentar ao meu coração um peso, uma culpa de que não me poderia redimir), pois eu estou partindo sempre, viajando sempre, distanciando-me, e se com isso lhe roubei algo, não obtive compensação alguma (como não a obteria se acaso devolvesse aquilo que roubei).”

“Ah, minha pobre prima que cometeu uma loucura: entrei por um caminho que há de levar-me ao abismo, e não posso voltar atrás porque há lobos soltos na estrada para devorar os que voltam.”

— Estivemos na vila — Ana Lúcia havia dito ao se encontrarem na ponte.

— Fizeram um passeio — diz Alice, e parou tentando lembrar-se de quando passara assim pela última vez. Caminhadas são uma coisa saudável, ela costumava dizer, mas quase não saía e seus passeios limitavam-se ao jardim.

Mas também a tia Francisca não a incentivava, comentou Ana Luíza certa vez; era preciso que saíssem mais, que espairecessem.

— Às vezes falta-nos ânimo — replicou Alice —, já não somos moças.

“Já não somos moças, já não somos moças...” Estar ali — estar sempre ali, naquela casa secular e triste — envelhecia a gente, pensou Ana Lúcia.

“Já não somos moças...”

E nunca mais serão moças, e se não prestarmos atenção nossa juventude também pode ser roubada. Era a solidão, o cansaço do recolhimento, a inquietude com a vida estagnada entre aquelas paredes a encerrarem séculos, no jardim que morria, na paisagem que se renovava a cada primavera para lembrar a todos da morte.

Então Ana Lúcia soube que era hora de voltar para seu mundo.

“18 de março de 1931

“Em rápidas palavras — frases curtas e diretas — posso descrever o dia de ontem.

“Tomei café no refeitório às nove.

“Li o jornal até as dez, depois saí.

“Passei pela cidade — e posso garantir que Roma não me acrescenta mais nada.

“Não almocei e adormeci, à tarde, numa das galerias do Coliseu.

“Passei a noite toda acordado, bebendo e fumando numa taverna. Conversei com algumas prostitutas, filosofei em vão e cheguei ao hotel de madrugada.

“Dormi hoje toda a manhã, e agora após o almoço sentei-me aqui para fazer anotações em meu diário de bordo.

“Então esse foi o meu dia de ontem, e da mesma forma poderia descrever qualquer dia da minha vida, restringindo-me às superficialidades do cotidiano. Nada profundo, nada visceral, nada que deite raízes e invada o solo. Tudo está apenas pousado na superfície, pode ser removido por uma brisa ou por um vento mais forte. Tirem esse jarro do hall do hotel e ponham-no ali, transfiram a poltrona verde da ante-sala para o auditório — tudo pode ser removido desta maneira, se não pensamos.

“É só no momento em que fechamos os olhos e pensamos que nos é dado ver as profundezas, perceber até que ponto tudo (cada coisa mínima, cada detalhe menor e menos visível, cada palavra) está entranhado em nossa carne, nossa vida. E podemos nos livrar desse peso?, pergunto, subtrair-nos a essas provocações? Deslindar esse emaranhado de fios que compõem a existência, a nossa existência embaraçada, até torná-la lisa e plana, até que ela se desvende e se mostre tão pura e intocada como uma folha de papel em branco? Não, não é possível pois todos nós temos de suportar alguma carga, escolher caminhos e palmilhá-los sem recuos, e principalmente sem medo do que nos espera pois o medo acelera a derrota. A vida se nos mostra assim, a vida que todos têm e sobre a qual todos se perguntam dizendo ‘o mistério, o sublime mistério’...

“Mas não há mistério algum!, eu digo, e talvez o mistério esteja aí, talvez — eu penso — o mistério seja esse: não haver mistérios.”

— Mesmo esta ponte já não está segura — diz Francisca, e ouvindo-lhe a voz Alice olha em volta e vê a prima junto à ponte. — Como se não bastasse o desabamento do coreto.

Alice tinha às vezes a impressão de que as veria ali — suas filhas, mas elas haviam partido e o que tinha agora eram notícias espaçadas que vinham com as cartas, de quatro em quatro, de seis em seis meses; notícias de uma nova estréia, um espetáculo novo que traria mais aclamações à filha mais velha, notícias desagradáveis da filha mais nova sempre às voltas com seu filho louco, o “doidinho” como ela costumava pensar ao referir-se ao neto, o doidinho que lhe causava repugnância e ela se esforçava por não demonstrar — para não ferir a filha, que já sofrera muito com aquele menino (a tornar-se homem agora, a tornar-se um adulto mentalmente enfermo); a filha, que ainda sofria com ele e cuja carga de sofrimento não se esgotaria tão cedo. Ana Luíza, Alice pensou, minha menina, e ficou lembrando de sua linda menina com uma irresistível vontade de chorar.

— Por um momento pensei... — diz Alice, e como Francisca a olhasse sem compreender, disse: — É que vez por outra imagino que elas ainda estão aqui...

— Eu dizia que a ponte não está segura.

— Ah, sim, a ponte — Alice aproximou-se da ponte e logo se desviou para a margem do riacho. — Ocorreu-me uma lembrança agora...

— Uma lembrança? — diz Francisca. — E que lembrança?

— Eu estava aqui, não, ali, sim, bem ali no meio do rio, pisando a areia do fundo, e a tia Ludmila veio e ficou sobre a ponte.

— Às vezes penso nela — diz Francisca —, e nas ocasiões em que ia com a mamãe visitá-la. Nós a encontrávamos sempre tão obstinada em sua solidão.

— Ela ficou ali em cima da ponte e disse: “Não deixe nunca que lhe roubem os sonhos, minha sobrinha.”

E Alice ficou olhando para a ponte como se, à força dessa lembrança, fosse rever a tia naquele mesmo lugar, como ocorrera em sua juventude. Ou mesmo ouvir-lhe a voz repetindo aquela frase sobre os sonhos. “Talvez aparecesse uma fada, ou quem sabe um anjo...”

Mas a tia Ludmila não iria reaparecer ali pois morrera há muitos anos, e, Alice pensa, ela não era mais uma menina, mas uma velha “e os velhos não sonham”.

— Dizem que os velhos não sonham — ela repete em voz alta. — Será verdade?

Junto aos canteiros centrais viram Jorge lutando, com uma enxadinha, contra o abandono que outra vez ameaçava a casa.

— Jorge — Alice murmura com emoção, à margem do rio —, sempre Jorge...

Jorge, curvado sobre o canteiro, arranca ervas, o mato que crescia entre as flores. Parecia distraído e não reparava nelas.

— Bem, temos um homem na casa — diz Alice, que vez por outra pensava em Júlio e Célio, os homens da família, que no entanto as abandonara daquela maneira. “Mas estarei sendo justa, julgando meus irmãos?”

— Você gostava de jardinagem — comenta Francisca observando como Jorge apruma-se agora secando a testa com um lenço e, vendo-as, sorri seu sorriso cansado, de dentes postiços. — Lembro-me de como tia Rebeca aborrecia-se ao vê-la mexendo com terra...

— Uma atividade subalterna, ela dizia — e Alice sorri com a lembrança.

Jorge, de novo ajoelhado, amontoa o mato formando um feixe ao seu lado. O sol da tarde arrefece, nuvens espalham-se contra o azul adquirindo tons dourados, rubros, violáceos, e um ventinho leve agita o vestido das duas mulheres junto à margem.

— Um homem na casa — disse Francisca, como se só agora tivesse ouvido a observação de Alice. — É verdade, Jorge sempre esteve aqui.

Alice pensou em Júlio, que desde a morte da filha fora viver em companhia do genro na cidade, e para ocupar o tempo ocioso passava os dias no

cartório de registro civil ajudando-o com a papelada. Há um ano recebera uma carta do irmão, breve e formal.

— Parece que não foi meu irmão quem a escreveu — diz Alice lembrando-se da carta.

— Ele aprendeu o jeito forense sem embaraços — Francisca diz. — Bom, agora ele leva uma vida bastante ocupada, não?

— E está mais próximo de Dora — mas Alice fica sem saber se o pai reconquistara a filha, ou se Dora apenas sentia piedade de Júlio, que havia envelhecido muito desde o falecimento de Marta.

— Piedade? — diz Francisca, duvidando.

— Em parte — diz Alice, pois quando o estado de saúde de Marta agravara-se e, desesperado, ouviu dos médicos que não havia mais recurso humano possível, Júlio quase enlouqueceu. Então Dora foi, aos poucos, reaproximando-se do pai.

— A filha que lhe restara — Alice acrescenta, pensando em Gabriel que nunca mais aparecera, pois era militar e comandava uma tropa. — Júlio estava sozinho.

— Vamos até onde está Jorge — diz Francisca.

“05 de outubro de 1931

“Escrever cartas, receber cartas, responder cartas. Eis a minha ligação com o mundo, o que me restou da vida. Poderia até ser muita coisa, se eu tivesse muitas pessoas a quem escrever, mas além das linhas formais que vez por outra envio a minha mãe, só a Anita, a velha Anita, eu escrevo com alguma regularidade e me detenho em maiores detalhes de minha vida, dizendo-me bem e feliz (minto, pois estou bem de saúde e não sou infeliz, apenas não sou feliz, pois o que seja felicidade não sei).

“Em minha vida nômade não recebo — e portanto não respondo a — muitas cartas. Por acaso ontem recebi correspondência de Brenda, minha ex-mulher. Dizia-se com saudades, ainda me tem muita afeição (segundo suas palavras), e gostaria de ver-me agora que decidiu mudar-se para a Europa. Respondi-lhe que continuarei em Arles até o final de novembro, percorrendo os mesmos caminhos, as mesmas tavernas que Van Gogh percorreu, vendo essas paisagens que nas telas do pintor holandês têm muito mais de mistério e assombro que ao natural (talvez o próprio assombro do mestre diante da vida). Estarei em Arles, e esperarei por Brenda. Somos — e seremos — amigos, e nosso encontro, que antevejo revestido de uma doce melancolia, poderá dar-se em qualquer lugar, poderemos passear de mãos dadas e ir a algum café, passaremos as tardes andando à toa e talvez falemos sobre Van Gogh. Poderemos estar juntos por uma semana, mas vai chegar a hora de nos despedirmos.

“Será bom esse encontro, Brenda, mas estou certo de que, correspondendo à

alegria que você trará para mim com seu olhar brilhante e suas palavras, com sua afeição sincera e suas mãos mornas, terei apenas minha desilusão para lhe dar.”

Mas havia Célio, comenta Alice caminhando ao lado da prima, e muitas lembranças assomavam ao pensar no irmão mais novo. Fez uma pausa: na juventude o irmão lhe parecia um tanto estúpido e sua presença a irritava.

— Era rapazola quando mamãe descobriu que ele bebia às escondidas — Alice diz —, lembra? Eu, por mim, achava que ele ia tornar-se um bêbado.

Mas depois aquela birra tinha passado. O tempo havia transcorrido, “o tempo, o tempo”, e Alice ficou parada pensando no tempo, os olhos imóveis fixos na copa das árvores ao lado da casa, agitadas pela brisa.

— E agora? — disse Francisca, restando a vontade de indagar à prima se não guardava por ele um ódio secreto, um ódio não confessado, pois, de qualquer forma o tempo havia transcorrido, mas Célio cometera um erro muito grave.

Alice pensou antes de responder — pois, conquanto Francisca não houvesse tornado explícita sua indagação, compreendera bem aquele “e agora?”. Alice preferiu não recriminar a filha e recriminava-se por ter sido dura com ele no início. Preferiu não interrogar muito a fundo seu coração, pois temia descobrir aí algum sentimento que era melhor continuar adormecido.

— Bem — ela disse, voltando a caminhar —, ele é meu irmão.

“Meu irmão...”, e Alice teve medo de que seus irmãos estivessem perdidos para ela. Sentiu-se só — mas, e apertou o braço da prima, Francisca não estava sempre com ela? Por que sentir-se só?

— E então, Jorge? — Alice perguntou, quando se aproximaram.

— Bem, é uma distração, dona Alice — Jorge respondeu, pondo-se de pé. Secou o suor da testa com as costas da mão, e sua dentadura alvejou num sorriso. — E é bom — acrescentou — para não parecer abandonado.

— É verdade — Alice diz, vendo que todo o canteiro fora limpo, a terra revolvida e o mato arrancado. As flores não tardariam a colorir os ramos.

— A senhora costumava fazer isso noutros tempos — Jorge diz para dilatar a conversa.

— Oh, sim — ela confirma, olhando penalizada os canteiros mais próximos infestados pelo mato. “Uma luta inútil contra a morte...” passou-lhe pela cabeça, pois Jorge era um velho e estava só: não poderia cuidar de todo o imenso jardim. — Sim, eu... eu apreciava jardinagem.

— Ah... — e Jorge riu de puro contentamento. — A senhora, para distrair-se dona Alice... — e fez um gesto de indefinição.

Alice move a cabeça, sim, pensa, era possível que...

— E certa ocasião cheguei a fazer uns canteiros só para a senhora, lembra dona Alice?

— Tem um ninho no manacá — diz Francisca —, e os pássaros temem que as pessoas façam algum mal aos filhotes.

“24 de dezembro de 1931

“Quando abri a porta desta cabana e entrei ainda era dia, mas o sol acabava de pôr-se. Fiquei parado no umbral olhando para o interior da cabana, escuro e cheirando a coisa velha. Fora, havia alguma luminosidade ainda e eu podia ver com nitidez as folhas das árvores mais próximas, mas aqui dentro distinguia apenas umas manchas mais escuras na parede — a prateleira onde ficam alguns utensílios, como chaleiras e panelas — e um retângulo negro do outro lado, a porta do único quarto.

“Enfim entrei e acendi uma vela, já escurecia, e descobri que havia um fogo naquele canto e uma mesinha neste. Um ótimo lugar para passar a noite de Natal, sozinho e comendo das provisões que trouxe, pão, carne assada, um bolo e alguns doces. Trouxe também uma garrafa de vinho, mas não pretendo embriagar-me. Pelo contrário, quero estar sóbrio e tranqüilo para poder escrever, e depois ler um pouco enquanto não chega o sono. Como adquirir o hábito de deitar-me tarde, não dormirei logo e verei passar a meia-noite. Imagino que a essa hora na cidade — nas casas, nos hotéis — as pessoas estarão reunidas ao redor de uma mesa, alguém vai levantar-se e fazer uma oração, e todos começarão a ceiar conversando alegremente sobre seus assuntos cotidianos, farão planos e os mais afoitos não deixarão de ingerir dois copos a mais de vinho até se embriagarem. A polícia será chamada para afastar algum mendigo que teima em socar uma porta estranha, e a noite transcorrerá dentro da normalidade.

“Eu poderia estar lá com todos eles — no hotel, por exemplo, festejando com os demais hóspedes (hoje pela manhã um velho gordo que ocupa um quarto ao lado do meu bateu-me à porta; desejou-me expressamente um feliz natal e convidou-me para sentar-se à mesa consigo e com sua família durante a ceia), mas preferi vir sozinho para esta cabana, pois aqui me deparo com o sentido do Natal, esse sentido oculto a que as multidões festivas não estão atentas: que o Natal é recolhimento e oração, o momento de apoiar-se a cabeça nas mãos e com os olhos abertos olhar para si mesmo e tentar descobrir algo, alguma coisa inesperada, alguma verdade oculta, um encantamento não revelado.

“Mas isso já não ocorre, e eu me questiono enquanto escrevo se apesar de só, buscando meu recolhimento e desligando-me das coisas terrenas, encontrarei esse encantamento, essa verdade.

“Questiono-me: o que há de resultar desta noite para mim?”

— É verdade, Jorge — e Alice olhou na direção das árvores —, lá...

Lá, além do arvoredo, perto do portão. Ali cultivara onze-horas, sempre-vivas, malvas... Jorge se lembrava, mas agora apóia-se no cabo da enxada e com ar circunspecto ouve Alice que diz não ter mais jeito para aquilo.

— O tempo nos transforma por dentro também — ela dizia.

— Eu ficava bordando sob o caramanchão — Francisca diz — enquanto Alice se divertia com suas plantas.

Os bordados de Francisca, Alice pensou. Fora sob o caramanchão que a prima bordara um lencinho para que ela presentearse um homem... Não, não valia a pena lembrar-se dessas coisas, pois Francisca dizia agora que há tanto tempo não trabalhava num bordado que já se havia esquecido de quase todos os pontos.

— O ponto de cruz, por exemplo, e o ponto de arroz...

— A senhora tem recebido notícias da menina Dora, dona Alice? — Jorge perguntou.

Júlio havia escrito, Alice respondeu, falara qualquer coisa sobre um arranjo de casamento que a filha recusara à última hora. Mas já fazia seis meses que Júlio não escrevia, e de lá para cá...

— Será que ela ainda espera encontrar aquele rapaz? — Jorge diz, de cabeça baixa.

No dia anterior, no entanto, recebera uma carta de Ana Luíza, não lhe falei, Jorge?, sim, ontem pela manhã, mas não trouxe as melhores notícias — e Jorge ficou olhando Alice com uma expressão alvar, esperando que ela prosseguisse.

— O filho... bem, enfim... enfim teve de ser internado.

— A menina Ana Luíza deve estar muito pesarosa — disse Jorge.

— Mas já não podia com o filho — intervém Francisca.

— Sim — diz Alice, a quem aquela notícia causava um certo mal-estar. O menino, afinal, o “doidinho” como costumava chamá-lo, fora ficando agressivo com o tempo, cada vez mais violento e, por último, não seria exagero dizer, tornara-se perigoso.

“Um louco, um louco furioso” pensa Alice com amargura, “meu neto...”

— Foi o mais acertado — disse Francisca abraçando a prima, para consolá-la. — O menino... bem já não era um menino. Aos dezessete anos²⁷ fazia-se homem... podia machucar alguém.

— Desculpe-me a intromissão, dona Alice — Jorge diz com indignação —, mas seu Célio devia saber do que fez.

Alice ficou olhando Jorge sem o ver: espanta-se de repente ao constatar que Célio não sabia ainda que seu filho era louco. “Quando ele partiu o menino tinha um ano...” Ana Luíza nunca se decidira a contar ao tio a doença do filho.

— Um dia ele vai ficar sabendo — diz Ana Luíza rodeando o canteiro que Jorge cuidava.

— Ele foi culpado, minha filha — diz Alice —, que punição ele teve por isso?

— Será que ela odeia o tio? — pergunta Francisca.

— Ele desprezou o menino — diz Ana Luíza encaminhando-se para as sebes. — Por que haveria de querer saber dele agora?

— Ela não irá falar com o tio — Alice diz. — Da última vez que esteve aqui, há um ano...

— E no entanto — Jorge diz, baixando a voz —, diz-se que tem um filho com uma negra.

Foi então que olharam na direção das árvores. Parado na calçada e apoiando-se numa bengala, uma valise na mão e a mala ao lado, Célio olhava para eles. Tinha um ar de cansaço e muitas rugas no rosto; na cabeça, encobrindo os cabelos brancos, um chapéu de veludo marrom.

Célio — Célio enfim estava de volta.²⁸

“5 de abril de 1932

“Sentei-me no banco da praça porque é tranqüilo e há pessoas em volta, casais que passam de mãos dadas conversando, crianças que seguem acompanhadas por seus pais, velhos que se sentam como eu — mas eu não sou velho! — em bancos, em outros bancos, para espiar a vida que escoia.

“Com esses velhos talvez eu não tenha muito que aprender. Sentam-se aqui e ali, ficam jogando damas e o mesmo acontece numa praça qualquer da Holanda, da Escócia, não só aqui na Inglaterra. São velhos, e todos os velhos se parecem, em qualquer parte (ou praça) do mundo. Eu poderia pensar que farei como eles, quando envelhecer — mas não consigo imaginar-me velho, e temo que isto seja um prenúncio de que não envelhecerei.

“Morrer jovem não me preocupa. Não temo a morte, por estranho que pareça, pois não tenho raízes. Não me apeguei a nada, a vida parece-me escorregadia e se de súbito atinjo suas bordas e caio, será como cair no vazio — e assim será minha morte.

“Com as crianças tampouco tenho a aprender, pois jamais compreenderei sua alegria. Como não tenho — e não terei — filhos, não compreendo as crianças, não aprendi sobre elas, e acho que agora não é mais tempo de preocupar-me com essas coisas.

“Mas esses casais que passam de mãos dadas fazem-me lembrar meu último encontro com Brenda, em Arles, há pouco mais de três meses. Por quê, afinal, ela me procurou? Para falar-me de sua casa em Paris, do seu câozinho de estimação?... Nenhuma alusão ao que fomos um para o outro no começo, nada que nos remetesse àquela época a não ser o que ficava subentendido em

frases vazias. (E haveria motivo para algo mais que isso?, pergunto. Eu parti, saí de sua vida, afastei-me dela e aproximei-me do que não sei — que posso esperar de Brenda agora, a não ser um encontro de velhos conhecidos?)

“Brenda parecia bem, mais madura e corada. Deixara a universidade, fizera-se saxofonista numa banda de jazz enquanto vivia na América. Agora estava em Paris, iria trabalhar num jornal mas não me explicou bem sua função, ou eu não prestei atenção ao que ela disse. Perguntou-me como eu estava e eu não disse nada de explícito, não falei o que devia, não sei se devia falar algo e nem ao menos sei o que poderia ter dito de mim, pois não me conheço mais.

“Almoçamos juntos, ficamos toda uma tarde conversando, e quando nos separamos na gare, já noitinha, vi o trem ir-se levando Brenda de forma definitiva. Estou certo de que não nos veremos mais. Quase posso dizer ‘adeus, Brenda’, quase posso despedir-me de você de uma vez por todas, e se afirmá-lo pode parecer triste (não a verei mais, não a verei mais), é também como um alívio, um peso que tiro dos meus ombros, a confirmação de que a vida segue adiante e não tem retorno, nem nada que se pareça com um retorno.”

— Mas deve haver outros — diz Francisca sem prestar atenção ao que Jorge falava sobre cobras entre as moitas, que subiam em árvores para comer ovos e filhotes nos ninhos. — Sim, deve haver outros ...

— Sim — ele disse —, deve haver outros ninhos — e olhou o canteiro limpo, com a terra revolvida e as plantas começando a florir. “Um canteiro... um único canteiro.”

— Alguns são mais espantadiços — diz Alice.

Jorge sobraçava o feixe de mato para ir atirá-lo sobre a cerca. Deteve-se ainda para dizer:

— Sobem até mesmo em árvores como aquela — referindo-se às cobras indicou com o queixo uma paineira imensa que crescera lá adiante, junto à cerca, e se afastou.

Alice olhou de longe a paineira, seu tronco muito grosso e rugoso e cinzento, seus galhos que ultrapassavam o telhado em altura, as folhas que principiavam a amarelar e cair pois era outono, e desviando os olhos, e movendo o corpo e voltando-se para a casa pôde notar ali, na parede do pavimento inferior, uma linha fina que descia quebrada num ziguezague irregular de alto a baixo, uma rachadura que ainda não desenvolvera proporções alarmantes mas que parecia vir aumentando milímetro a milímetro nos últimos anos. “São as raízes” ela pensou olhando mais uma vez para a paineira que, indiferente, arrostava seu outono, arrostava todos os outonos que a desfolhavam porque depois, no ano seguinte, viria a primavera e ela se revestiria outra vez com seu véu de verdura e frescor. Incólume, a gigantesca ár-

vore estendia suas raízes sub-reptícias em direção da casa — em todas as direções — e agora o efeito começava a aparecer: já havia uma parede rachada, logo haveria outras, e isso poderia culminar num desmoronamento (“Em quantos anos, porém?”).

“Poder-se-ia mandar derrubá-la” Alice pensou, mas arrependeu-se: fazê-lo seria interromper um processo da existência, e isto era errado. Se sua casa tivesse de desmoronar algum dia porque as raízes abalavam sua estrutura, rachavam suas paredes, destruíam seus alicerces, que direito teria ela de impedi-lo, se para tanto teria de atacar aquela árvore imponente que por certo venceria os anos e muitas décadas depois de sua morte ainda estaria ali, com seus ramos verdejantes balançando à brisa da primavera, ou desfolhando-se como naquele outono? “Enquanto eu viver” ela pensou, “enquanto eu viver...”

E agora desvia sua atenção para as janelas do segundo pavimento, notando que as da biblioteca estavam abertas outra vez. “Quanto tempo essas janelas estiveram fechadas” ela pensa, sem entender por que o irmão se refugiava ali, já que não era dado à leitura.

Célio havia ocupado seu antigo quarto, depois disso fora para a biblioteca onde, durante muitos anos, esquecera-se da vida. “Esqueci-me de tudo aqui, de quase tudo... quisera agora esquecer por completo, apagar tudo, dormir...” pensa parado no umbral, inspecionando o recinto largo e escuro e que por estar muito tempo fechado tinha o ar abafado e um forte cheiro de mofo. Entrou. Ainda sem abrir as janelas viu a sombra das estantes, viu o divã a um canto e a mesa no centro, rodeada de cadeiras. Junto à janela, a cadeira em que Ana Luíza se sentava quando ia para ali, antes... antes de acontecer... “antes de acontecer”... Ainda no escuro da biblioteca Célio pensou na sobrinha, no que acontecera entre ambos, que ele nunca conseguira explicar nem entender muito bem (“Foi um impulso meu? Uma vontade dela? Ou...?”), e lembrou-se de que tinha um filho que agora estaria com quase dezoito anos. “Como será esse menino?” ele se pergunta, e vai abrir a janela, sem pressa, deixando que a luz ressuscite no ambiente a nitidez das imagens, a alegria das cores. “Tudo parece tão empoeirado” ele resmunga aborrecido, esquecendo por um momento o filho que nunca conhecera e de quem ninguém lhe falava. “Há ratos por aqui, vejo alguns li-vros roídos e há excrementos no tapete.”

— Célio aborreceu-se bastante ao descobrir que havia ratos na biblioteca — diz Francisca.

— Estava fechada desde que ele foi embora — Alice responde. — Enfim, numa casa tão grande...

— Mas eu fiz uma boa limpeza — diz Jorge retornando e ouvindo o que diziam Francisca e Alice. — O Sr. Célio pode instalar-se lá outra vez.

— Ele não perguntou pelo filho? — diz Francisca.

“Não tive coragem” Célio pensa espiando os livros na estante. Muitos volumes foram jogados fora, danificados pelos ratos (a História Geral, de Heródoto, por exemplo, esse volume imenso que ele um dia julgara interessante mas nunca lera, esse volume árido que jamais haveria de ler, esse volume pesado de encadernação austera cuja única utilidade fora ocultar uma carta extraviada em certa época — esse livro, por exemplo, exibia sinais dos dentes afiados de algum rato, folhas comidas pelas traças, as páginas encardidas pelo tempo — mas desse livro não iria desfazer-se, não iria por certo jogá-lo fora, mantê-lo-ia consigo sem saber explicar por quê), mas a biblioteca estava limpa outra vez, “graças a Jorge”, e ele podia ficar ali, folheando revistas antigas, olhando figuras tão estranhas que parecia nunca as ter visto antes, e então tudo aquilo ganhava um ar de inesperada novidade. Não só os livros, mas os enfeites e os quadros que sua mãe conservara com tanta devoção — e girou sobre os pés, olhando de longe os quadros nas paredes opostas: havia dois Renoir ali. “Preciosidades” ele pensa, “havia um Degas também... deve estar embaixo, no salão...”, mas as manchas coloridas nas telas, aquelas impressões de corpos e paisagens não lhe transmitiam nenhuma emoção, nenhum desejo; Célio refletiu na própria insensibilidade para a arte, que não compreendia bem, e até mesmo para a vida. “Minha insensibilidade para a vida” pensou com amargura, pois não quisera saber de seu filho mesmo quando vivera com ele naquela casa, ainda bebê, sem jamais tê-lo procurado.

Desejara perguntar por Ana Luíza, saber dela, vê-la outra vez, mas não teve coragem de tocar no assunto com a irmã. (Lembra-se da tarde em que se haviam encontrado acidentalmente no Centro, “mal trocamos algumas palavras” pensa, mas fora somente aquela vez, não se viram mais.)

— Talvez fosse preciso derrubar aquela árvore — disse Jorge no jardim, e sua voz chegou a Célio um tanto apagada. Em seguida ventou e ele não pôde ouvir mais nada, pois o farfalhar das copas do arvoredo entrou pela janela com seu colorido de tarde de outono, com seu apelo de melancolia, e no céu nuvens brancas juntavam-se e se dispersavam em desordem.

— ...rachaduras na parede da frente...

“Rachaduras na parede” Célio pensou — sim, havia notado uma rachadura na parede da frente, “deve ser por causa das raízes” ele pensou, mas por enquanto não comprometia a segurança da casa.

— Não — Alice dizia —, não enquanto eu viver.

— Mas dona Alice... — começou Jorge.

— Não adianta insistir, Jorge — replicou Alice sem alterar-se, mas com sua decisão tomada —, enquanto eu viver ninguém tocará naquela árvore. Mesmo que a casa desmorone.

Mas agora Célio olhava para esse canto da biblioteca que a luz não atingia, e teve de reconhecer que afinal não era tão insensível assim à arte. Por

certo fora a irmã que mandara transportar para ali a cantoneira de pau-brasil sobre a qual repousava, em seu vôo congelado num eterno instante, a estatueta representando uma bailarina que antes ficava embaixo, na sala. Um dia, pensou, atentara para aquela peça que a mãe havia adquirido num antiquário, uma peça que ele conhecia desde a adolescência mas que até então não lhe despertara interesse. Por que naquele dia ao contemplar a estatueta descobriu nela tão indescritível beleza? Que associações miraculosas realizaram-se em sua mente, que mistério vislumbrara naquela atitude imóvel e perene que se perpetuava no pedestal de marfim, no canto da sala? Que momento fora esse de iluminação?, pergunta-se Célio ainda tomado do mesmo êxtase ao descobrir na penumbra da biblioteca, para onde fora levada, a bailarina de mármore. “Tudo que há de transitório na existência” ele pensa, sim, pois tudo que é transitório na vida se opunha àquela atitude tão pura e bela que se afigurava eterna, que o mármore tornava imperecível. “Belo e cruel” ele refletia, “doce e amargo como um amor que perdemos, como o amor que sonhamos e não teremos jamais...”

— Eis aí a minha vida — Célio disse consigo mesmo em seu deslumbramento, diante da bailarina sobre a cantoneira de pau-brasil.

— Bem, ele falou de uma criada negra que lhe arrumava o quarto três vezes por semana — comenta Alice, encaminhando-se através do gramado para a cerca.

— Talvez tenha tido vergonha de contar a verdade — sugere Francisca.

“Alguém disse a elas que eu tinha uma amante negra” Célio pensa aproximando-se da janela, “mas quem?”. No jardim, Alice e Francisca dirigiam-se para a cerca, que tinha alguns moirões quebrados e fios de arame partidos. “Ana Luíza terá sabido?”

— Não chegou a estar com o irmão — Alice responde à pergunta de Jorge. — Viam-se muito pouco, foi o que ele disse.

“Terá sido Júlio?” Célio se pergunta, embora duvidasse disso pois estivera com Júlio duas ou três vezes desde que o irmão se ocupara daquela serventia. Encontrara-o logo após a morte de Marta, passara uma tarde com ele, mas depois disso... “Não creio que Júlio... mesmo porque ele não chegou a desconfiar...”

— Seu Célio não disse por que decidiu voltar — Jorge diz, curvando-se junto a outro canteiro.

“Irá trabalhar naquele ali também?” perguntou-se Alice vendo-o arrancar de entre as flores um pé de mato.

— Célio não nos conta nada que não queira — Francisca diz vendo as cortinas da janela da biblioteca balançarem com a brisa. Célio voltara a ocupar a biblioteca, e agora podia ser visto vez por outra à janela.

“Conheci o mundo” ele pensa enquanto espiava o jardim, e longe do jardim os morros onde vacas pastavam, e acima dos morros — impondera-

velmente acima de tudo — o céu azul como um pesadelo imóvel e eterno. “Conheci o mundo, gente e coisas, e voltei para cá.” Sim, voltara para seu enclausuramento voluntário onde haveria de ficar até a morte — desta vez até a morte, porque não tinha escapatória. Não porque estivesse velho ou se sentisse doente — é verdade que completara sessenta e dois anos²⁹ e acontecia-lhe vez por outra sentir umas pontadas no peito e uma falta de ar que o prostravam, mas não eram esses os motivos. Não tinha escapatória porque não havia mais caminhos à sua frente, tudo lhe parecia vazio como um deserto — como imaginava que fosse, por exemplo o deserto do Saara, onde em qualquer direção que olhasse veria o horizonte, uma vasta barreira intransponível, as paredes de uma prisão não do corpo, mas da alma. E se pensava nisso compreendia que sua vida nunca tivera caminho algum, havia terminado em seu exato começo, e tudo que fizera depois para encher todos os anos que se obrigara viver foi iludir-se. “Miragens... miragens...” ele pensa, mas tarde demais ele descobria que miragens não formam uma vida, não a preenchem, apenas criam um subterfúgio para eludir a morte. Assim Célio refletia que a única coisa certa e razoável que lhe restava era portanto morrer. “A qualquer hora, a qualquer hora...”

— Célio com o tempo foi se tornando um homem recluso em si mesmo — diz Alice —, e agora, bem, creio que não vá mudar agora.

— Não se abalou ao saber que o filho é um louco furioso, que precisa, muitas vezes, ficar manietado no hospício para não se ferir e não ferir os outros — diz Francisca.

— Talvez nunca tenhamos certeza do que ele sentiu ao saber — replica Alice, que surpreendera uma conversa entre Célio e Ana Luíza na biblioteca. Fora no ano anterior, pouco depois do seu regresso: passando pela porta da biblioteca, Alice escutou a voz da filha, que havia chegado naquela manhã. Parou, e ouviu que ela — ela mesma — contava ao tio acerca do filho, o louco que estava internado num sanatório tido como irrecuperável.

“Um filho louco, outro negro”³⁰ ainda agora Célio pensava ao relembrar os olhos duros da sobrinha, fixos nos seus, no momento em que lhe falara do filho.

— Quer dizer que a culpa foi minha — Célio disse como quem aceita um fato, embora não o aceitasse e sim entendesse que, fosse como fosse, aquilo já não fazia diferença alguma.

— Ou minha — Ana Luíza respondera —, ou de ambos...

— Talvez de João Manuel — ele insinuara então.

— Quem sabe de Rosinha Gonçalves — Ana Luíza replicara no mesmo tom. Mas Célio agora a encarava, muito atento, recostado e com a cabeça ligeiramente reclinada para trás. “É ainda uma mulher bonita” ele pensa, “de maneiras finas, um porte altivo e com traços de nobreza, uma verdadeira Veiga Albuquerque, como mamãe diria se a pudesse ver hoje”, e nessa

fração de segundo Célio lembrou-se de um outro dia, há muito tempo, em que Ana Luíza estivera ali para lhe dizer que não fora com ele que se deitara, ainda que não se tivesse deitado com nenhum outro homem. “Não havia ódio nem mágoa em sua voz, mas ela sentiu necessidade de dizer aquilo, de deixar bem claro que havia outro em seu pensamento quando...” Mas então, Célio recorda-se, antes que a sobrinha sáísse ele pedira que ainda naquela noite ela deixasse a porta de seu quarto aberta.

— Ou de ninguém — ele conclui —, porque não podemos culpar ninguém pelas fatalidades que nos atingem, e muitas das vezes nem mesmo nós somos culpados.

— Não lhe dói saber que tem um filho louco? — diz Ana Luíza, perplexa.

— Que importa isso? — ele havia dito em resposta. Então ambos se calaram por algum tempo, e Alice, que continuava escutando, resolveu afastar-se para não ser descoberta.

— Chega uma hora — Célio disse depois de alguns minutos em que ambos permaneceram calados, a sobrinha junto à janela espiando para fora, ele sentado no divã — em que as coisas tristes, que deveriam nos causar dor, já não nos causam impressão alguma. Tornamo-nos insensíveis? Perdemos a capacidade de sentir? Ou aquilo que supúnhamos triste na verdade nos é indiferente?

Ana Luíza sentiu-se confusa, mas não pediu ao tio explicação alguma de suas palavras: preferiu não pensar, para não descobrir que o que se passava consigo e com seus sentimentos era, de certa forma, igual ao que Célio descrevia acerca de si mesmo.

Antes de sair olhou para esse homem velho que andava apoiado numa bengala e mancava, que tinha o cabelo ralo e grisalho e uns bigodes brancos que sobressaíam da barba muitos dias por fazer, e surpreendeu-se com a onda de ternura que a invadiu. Aproximou-se dele no divã, beijou-o na face e deixou a sala.

Sozinho outra vez, Célio pensou em Rosinha Gonçalves.

“19 de outubro de 1933

“A guerra — agora dei de pensar na guerra, embora não esteja acontecendo guerra alguma nesta velha Europa no momento — apenas convulsões, isso sim, turbulências, ameaças.

“Nunca estive em nenhuma guerra, mas um tio que não conheci morreu em combate — Lúcio, chamava-se Lúcio. Quem foi esse tio que não conheci? Que guerra foi essa?

“Coisas sonhadas, coisas que não fazem parte da minha vida, coisas de que estou distante e estarei sempre. Comecei a falar em guerra neste ano de

1933 quando a Europa sofre às vezes um ou outro arrepio, um ou outro estremecimento (sei que a guerra virá, mas não me importa quando — não tomarei parte nela, não morrerei nela, tudo que diz respeito a ela é alheio a mim), depois veio-me a lembrança de um tio morto, e nesse instante revejo em minha mente a fazenda da prima Alice, penso em Ana Luíza e na nossa adolescência naquele jardim.

“Tudo é distante e alheio, tudo voa, mas pela janela só vejo os telhados desta cidade do Porto, e quase escuto na tarde que se eleva um fado, um som de violão, uma voz andaluza, morna e dolente lamentando o amor perdido...”

Então Dora atravessou o gramado, indo ao encontro de Alice.

— Papai morreu ontem à tarde — ela diz —, e a família deve reunir-se para o funeral.

Alice não se abalou, e sem nenhum sinal de dor a ferir a serenidade do seu rosto esperou que a sobrinha prosseguisse. Francisca ouviu a notícia sem chorar, mas fechou os olhos um segundo, dois, comprimindo os lábios, enquanto Jorge se levantava vagaroso com a enxadinha na mão, impressionado com a intensa cintilação dourada que descobria nos olhos daquela mulher elegante e vestida de negro que ali estava, e noticiava a morte do pai aos sessenta e cinco anos, e que era sua sobrinha.

— Mandamos avisar Gabriel — ela diz ainda —, mas não sei se ele virá, afinal comanda uma tropa, há a situação internacional...

“Júlio — Júlio está morto” Célio adivinhou, vendo pela janela a sobrinha vestida de negro atravessar o gramado. “Meu irmão morreu e a filha dele veio avisar-nos”, mas Célio também não sentia comoção alguma com a notícia, não lhe causava espanto nem dor, e não desejaria deixar o sossego do seu divã se a isso não o obrigassem as convenções. Teria de ir, teria de olhar o irmão morto pois sabia que todos ali, até mesmo Jorge que raramente saía, iriam ao funeral de Júlio, mas quando olhasse o corpo imóvel no caixão (antecipava) iria primeiro lembrar-se de quando tinha medo dele, rir-se-ia por dentro depois, numa inconspicua satisfação enquanto estaria inquirindo de si mesmo se não teria sentido amor por seu irmão em algum momento de sua vida, e se a única coisa a mantê-los até certo ponto unidos foram as obrigações de família. E quando estivessem de volta, e se recolhesse outra vez à sua solidão é que talvez lhe viesse uma lágrima, que ele deixaria rolar livremente enquanto espiava as sombras da tarde derramando-se pelo jardim — e então por certo Jorge estaria de volta à sua tarefa de capinar os canteiros enquanto Francisca e Alice continuariam por ali em seu eterno passeio...

“Mas Dora não estará ali” ele pensa, pois Dora tinha sua vida, sua casa

na cidade, dedicava-se à música pois se tornara uma concertista de grande sucesso, e viajava a trabalho inclusive para o exterior. “Dora — Dora que ainda é jovem e está viva...”

Sim, porque Dora não estava mais ali, e Alice, que olhava seu vestido branco e encardido, e roto embaixo como uma roupa que se usa muito e se gasta, pensava na sobrinha, pensava no irmão que havia morrido há mais de um ano, e no entanto parecia ter sido na tarde anterior.

— Não pensei que fosse voltar à cidade outra vez — diz Alice com um sorriso, não de contentamento mas de amargura. — Ver outra vez a cidade, enfrentar a multidão, o tráfego, todo aquele ruído contínuo...

— A gente estranha, dona Alice — Jorge diz antes que Alice se afastasse com Francisca —, os automóveis, aquele povo todo andando de lá para cá... a gente estranha quando fica só num lugar como este.

“Foi bem bom” pensa Jorge voltando a sua ocupação inútil, agachado junto às folhas, “não fosse a morte de seu Júlio...”.

— E quando voltamos Ana Lúcia estava aqui³¹ — Francisca diz, pois Ana Lúcia não fora localizada e não sabia da morte do tio. Havia aparecido na fazenda com alguns dos antigos integrantes da companhia de teatro. Muito surpreendida por não encontrar ninguém, esperou dois ou três dias pelo regresso da mãe.

— Mãe! — ela exclamou ao ver Alice sob o caramanchão em companhia de Francisca. — O que aconteceu?

— Sim — diz Alice movendo a cabeça devagar —, Ana Lúcia e seus amigos atores. Lembro-me de que chorou ao saber sobre Júlio — e Alice parecia abatida: — Foi a única que chorou, Francisca, a única que realmente chorou.

— Muito triste a perda de um ente querido — dissera o Ator Nº 2 com uma gravidade cômica e formal. O Ator Nº 2 tinha as têmporas grisalhas e deixara crescer um bigode não muito cheio, onde alguns fios branqueavam também.

Alice lembrava do jovem com jeito fanfarrão que estivera ali há quase dezenove anos, e apesar de lhe parecer ridícula aquela observação acerca da morte de Júlio, teve por ele um lampejo de simpatia.

— O senhor continuou como ator, Sr. P..., ou exerceu outra profissão? — ela perguntou. Mais à vontade, o Ator Nº 2 assumiu uma atitude menos formal, limpou a garganta, falou:

— Sim, senhora, vivi no palco esses dezoito anos. Conheci o sucesso, o fracasso, as dificuldades, mas aqui estou e não me posso queixar.

— Pelo que me lembro — dizia a Atriz Nº 5, bastante envelhecida e mais magra, com os cabelos tingidos de preto —, à época a casa passava por uma reforma. Olhem que está precisando mais uma vez...

— Sim — diz Ana Lúcia —, foi a última reforma por que passou.

— Ainda não se via aquela estreita rachadura na parede da frente — torna a Atriz Nº 5 —, pelo menos não me lembro dela...

— Aquele é o jardineiro? — perguntou a Atriz Nº 4, vendo Jorge agachado junto a um canteiro com uma enxadinha na mão.

“20 de novembro de 1933

“Sim, penso às vezes na guerra, mas para dizer a verdade, isso pouco me importa.

“Sei que se houver guerra não poderei cruzar fronteiras com a mesma facilidade com que cruzei a da Escócia ontem pela manhã; talvez me achem com cara de culpado e exijam-me documentos, talvez eu tenha de tirar documentos falsos, não teria a liberdade de acenar para um policial como faço agora, quando o trem vai parando, pois o policial poderia tomar-me por algum infrator.

“Mas o que me preocupa neste momento não é a possibilidade de uma guerra, mas a de eu estar vivo, verdadeiramente vivo como uma árvore, um animal na floresta, como todas essas pessoas que entram e saem da gare, como aquele senhor de óculos que segue carregando uma imensa mala, ou aquela senhora de xale branco que interrompe seu café na mesa do restaurante para olhar as pessoas que passam em frente.

“Desejo estar vivo, desejo poder abrir os braços em plena luz do dia e sentir o peso de ser dia e de eu estar de braços abertos, e olhar a sombra projetada pelo poste de iluminação pública e compará-la com a minha própria sombra, e nessa comparação demonstrar a mim mesmo que estou vivo, pois minha sombra se move, mas a do poste não!

“Desejaria que quando minha sombra não mais puder mover-se, alguém que encontrasse essas anotações, lendo-as, as compreendesse, e aprovando ou não qualquer ato de loucura que eu venha a cometer de repente, não se sentisse alheio à tragédia...”

Mas agora estavam ali apenas três pessoas, os mais assíduos companheiros de Ana Lúcia, que também havia conhecido o sucesso e o fracasso, também passara por dificuldades mas chegara até ali incólume, realizada.

— Sou feliz, mamãe — ela diz, quando Alice lhe pergunta se aquela vida meio nômade e sem rumo certo não a cansava, ou se não lhe causavam medo as perspectivas de envelhecer como atriz, sem nada que garantisse um convívio social elevado e brilhante.

— Porque, minha filha, vocês são aplaudidos no palco, mas a sociedade...

“Aí está Rebeca... Rebeca, Rebeca...”

— A minha sociedade está no palco, mamãe — ela responde com um

olhar carinhoso —, no público quando aplaude, nos meus amigos, e alguns deles estão aqui, agora.

“Sim, falei como minha mãealaria se estivesse aqui” pensa Alice, que no fundo mantinha preconceitos herdados da mãe. Agradar-lhe-ia ver as filhas ocupando uma posição de destaque na sociedade, e fortuna possuíam para isso. “Mas não será possível...”

— Soubemos do que Lui fez, senhora — diz a Atriz Nº 5 a Alice sem que esta fizesse qualquer alusão ao fato.

Alice permaneceu ereta, olhando reto para frente, mas Francisca virou o rosto para outra direção, preferindo não ter ouvido aquela inconveniência. A Atriz Nº 5 sorriu embaraçada, mexeu no cabelo curto com um gesto nervoso e vulgar, e acrescentou:

— Não tivemos culpa, quero que a senhora saiba... bem, não sabíamos... e, enfim, faz tanto tempo...

Alice não respondeu — o que diria àquela mulher estranha que se imiscuía num assunto de sua casa?, pensou; quem a estava acusando? E por que relembrar um fato tão doloroso, falando dele quando já não cabia?

— Preferimos não ter de relembrar isso, senhora — diz Alice com dignidade.

E quando a mulher — a Atriz Nº 4 — apareceu à porta da biblioteca, Célio a reconheceu embora ela estivesse muito envelhecida. Tinha uma aparência mundana, era uma atriz de teatro e estava seguro de ter ouvido seu nome associado a algum escândalo envolvendo mulheres de má vida e cafetões. O caso fora parar na polícia, lembra-se bem, pois vira seu retrato estampado na primeira página de um jornal sensacionalista. Não era uma pessoa recomendável, ele pensa, não devia estar hospedada numa casa de gente bem, mas a sobrinha trazia outra vez seus companheiros indesejáveis para ali.

— O senhor continua vivendo entre livros — ela diz, avançando até o meio do recinto.

Célio não responde: faz um gesto indicando as estantes, os livros velhos, o ambiente cheirando a mofo, e não esconde o aborrecimento por ser incomodado. Mancando e apoiando-se na bengala dirige-se ao divã, senta-se e fica inquirindo a mulher com o olhar.

— Lembra-se de que me emprestou Molière no original daquela vez? — ela pergunta. — Estará ainda aqui o livro? — e deteve-se junto às prateleiras, olhando as lombadas.

— Apanhe o que quiser — Célio diz —, mas depois deixe-me só.

A Atriz Nº 4 surpreendeu-se com aquela franqueza e interrompeu a procura do livro.

— Desejo estar sozinho — Célio continua —, não me agrada a companhia das pessoas, e de estranhos muito menos!

“15 de dezembro de 1933

“Aproxima-se o Natal. O que posso falar acerca do Natal, além do que já disse?”

“Posso acrescentar que é uma festa vã que a cristandade instituiu, mas isso não diria nada pois quem iria levar-me a sério?”

Os poucos amigos de Ana Lúcia que vieram daquela vez passearam por todos os lugares — o Ator N^o 2 não perdera muito de sua fanfarro-nice, a Atriz N^o 5 dizia vez por outra alguma coisa inoportuna e logo em seguida tentava corrigir o dito com emendas e explicações insuficientes, enquanto a Atriz N^o 4 fora incomodar Célio na biblioteca. Andaram aqui e ali, correram para a vila e conseguiram cavalos para cavalgarem até as propriedades vizinhas, e no fim de duas semanas foram embora como se nunca tivessem vindo: a casa ficou outra vez silenciosa, e Alice voltou à sua habitual inércia.

“7 de fevereiro de 1934

“Meu diário de bordo... O que sinto vontade mesmo de fazer, em certas ocasiões, é ficar olhando para suas páginas em branco e compará-las às nuvens que cruzam o céu nessas manhãs de inverno.”

.....

“28 de julho de 1934

“Barbeei-me hoje pela manhã na barbearia da esquina, e através da vidraça vi inúmeras pessoas que iam para todos os lados. Então fechei os olhos e tudo silenciou. Já não via as pessoas, já não estava na cadeira do barbeiro, e ouvia o mar.

“De novo veio-me a idéia de atravessar o Atlântico mais uma vez.

“Atravessar o Atlântico... como quem atravessa a vida.”

Francisca ergueu o ramo da roseira, que pendia até quase tocar a relva. Teve cuidado com os espinhos, e na sombra projetada pelas árvores o branco das pétalas tornava-se menos brilhante, menos intenso, mais aveludado, mas a flor mal abria e exalava seu perfume ainda sem os vestígios do fencimento que dois dias depois, três dias depois, começaria a aparecer.

— Assim passei a ir à biblioteca — diz Alice observando o gesto da prima, admirando a rosa quase em botão, envolvida pela sombra das árvores que se alongava com a lentidão do declínio do dia.

— Já são cinco horas — Jorge diz —, talvez passe das cinco, o sol não demora pôr-se.

— Então conversávamos — diz Alice vendo Jorge reunir suas ferramen-

tas: uma enxadinha, uma pá, uma tesoura de podar, uma caixinha de madeira com sementes.³²

Jorge segurava seus apetrechos. Pareceu um momento indeciso, mas logo se encaminhou para a calçada, onde se deteve. Permaneceu parado, mas não via esse jardim cheio de mato e essas duas velhas que passeavam entre os canteiros em ruína: súbito, todo o jardim parecia florido, do pomar vinham vozes de meninos fazendo alarido, Alice e Francisca eram aquelas duas adolescentes que contornavam uma roseira ou se encaminhavam para a parte de baixo do gramado, e essa mancha branca fugidia, esse lampejo entre as árvores desaparecendo detrás das sebes, não era o vestido de Glenda?

“Glenda...”

Sim, Francisca nesse momento erguia um galho de roseira e Alice, adiante, parecia falar qualquer coisa com ela, com as mãos cruzadas na frente do vestido, mas a brisa de fim de tarde que balouçava ramos dos quais pendiam flores, e a galharia do arvoredado, agitava-lhe também os cabelos brancos...

Jorge piscou os olhos várias vezes, sentiu-os lacrimejar, e com seu passo vagaroso seguiu pela calçada contornando o oitão da casa. Desapareceu em direção dos fundos.

— Não — Célio diz ajeitando-se melhor no divã —, a verdade é que eu não tinha esse costume — faz uma pausa, prossegue explicando: — Habitualmente passava as noites em casa, era raro sair, a não ser para ir até um restaurantezinho próximo por tratar-se de um ambiente familiar, bastante acolhedor, onde jantava vez por outra; ou para espairecer, caminhar um pouco pelas ruas, olhar o povo ir e vir... trocar um dedo de prosa aqui com um conhecido, ali com outro... Essa foi minha vida na cidade... Mas um dia...

Alice recorda-se de que Célio parecia muito mais velho, os olhos mais tristes e imóveis, e andava com dificuldade. Movia-se sempre entre o divã e a janela, apanhando na estante volumes que não lia: surpreendera-o diversas vezes recostado no divã com um livro no colo, mas passava as páginas com lentidão sem nem ao menos olhar para elas. “O reencontro” pensa Alice, “foi o reencontro com Rosinha que o deixou assim”, pois Célio resolvera voltar para casa mais ou menos poucos dias depois daquele reencontro.

— Então ele não costumava ir a prostíbulos — diz Francisca contornando uma moita. Procurou Jorge, mas não o encontrou. Não o vira deixar o jardim, que lhe pareceu então mais vasto e vazio.

— Foi a única vez que estive lá — Célio disse descendo da calçada para a grama, com seus passos inseguros, apoiando-se na bengala. Mas Francisca, ao mesmo tempo, recordava-se de que Célio vivera num apartamento com uma negra “e isso não é muito diferente de ir a prostíbulos”. — Nunca fui de cultivar maus hábitos — acrescenta, encarando a prima. — De resto — acrescenta —, o que pode ser considerado um “mau hábito” na minha idade? Em mim, que não os tive, bons ou maus?

Célio levantara-se com dificuldade do divã indo até a janela, onde permaneceu algum tempo meio de costas para Alice e de onde olha para fora, para o jardim, aos poucos tomado pelo mato, e para a tarde que avança mais rapidamente agora.

— Célio me disse naquela tarde que um dia avistou casualmente na rua uma figura que lhe pareceu familiar e então se deteve para olhar melhor — Alice diz, enquanto Francisca afasta do rosto uma mecha de cabelos agitada pela brisa. — Então a reconheceu. Fazia muito tempo que não a via, mas mesmo assim...

— Muitos anos, Alice, muitos anos, mas era impossível não reconhecê-la, ainda que estivesse muito mudada...

Pois Célio ao avistar aquela sombra que seguia rua afora detivera-se pasmado à porta de um armarinho olhando-a, que passara a poucos passos de si sem vê-lo e agora se afastava sem pressa, desaparecendo entre os transeuntes.

— Sabe quem é aquela — ouviu quase atrás de si e, voltando-se, depa-rou com o dono do armarinho que, de mãos às costas, curvava-se em sua direção com um risinho agudo.

— Aquela senhora? — Célio responde. — N-não... eu...

— Oh, meu caro!, senhora? Mas qual senhora o quê? Aquela é Madame Rosicler, dona de uma casa... como direi?... uma casa de moças, creio que me entende...

— Ah!...

— Sim, muito freqüentada, e até por cavalheiros da melhor sociedade, pode acreditar. Fica ali para os lados de São Cristóvão. Ambiente discreto, está visto, de muito bom gosto. Não tem errada, é só perguntar que todos conhecem.

Célio, junto à janela, volta-se para a irmã e sorri:

— Foi assim que eu soube... e resolvi ir até lá...

Baixa a cabeça por alguns instantes, como se refletisse.

— Entrei e fui sentar-me a uma mesa dos fundos — diz —, e então ela apareceu.

E Alice estendeu a mão para colher uma flor, mas deteve o gesto como soía fazer quando um pensamento interpunha-se entre sua ação e sua intenção. Os dedos repousaram nas folhas alongadas e rijas da planta, a brisa agitou o galho e Alice sentiu uma carícia verde em seus dedos.

— Ali estava Rosinha Gonçalves — Célio resolve apanhar uma cadeira e levá-la para junto da janela. A perna lhe doía às vezes, então preferia sentar-se. Acostumara-se por último a estar muito tempo ali, recebendo no rosto a aragem da tarde em declínio e olhando o jardim em seu abandono, sobre cujo gramado projetava-se a sombra imensa da casa, desenhando ângulos abruptos e arestas retilíneas que se acentuavam com o movimento do sol na direção do poente.

— Eu talvez estivesse surpreso — ele disse enquanto a cortina tremulava atrás de si —, mas ela aproximou-se com naturalidade e sentou-se comigo.

— Fico satisfeita em rever velhos amigos, Sr. Célio — ela disse com sinceridade —, como encontrou minha casa?

— Então Rosinha era dona daquele lugar — Francisca comenta como se ainda se surpreendesse. Na verdade conhecia aquela história muito bem, e que importância tinha o fato de Rosinha ser dona de um prostíbulo? “Nenhuma” disse para si mesma, agora que já não havia tempo para rancores. Ainda há pouco pensara que viver com uma negra não era muito diferente de ir a prostíbulos, mas afinal aquela história fora esclarecida: era uma negra sim, mas se tratava apenas de uma criada, e além disso velha. “Quem foi mesmo que comentou sobre a idade dessa criada negra de Célio?”, mas Francisca não conseguia lembrar-se. Talvez Ana Luíza, que havia descoberto onde o tio morava, talvez o próprio Célio, mas não estava certa quanto a isso (“...e talvez nem seja verdade” pensou Francisca, que nunca tivera coragem de tocar em tal assunto com o primo. “No fim das contas, que diferença faz?”). Voltou a pensar em Rosinha, dona de um prostíbulo onde Célio fora parar certa noite. Não havia mesmo mais tempo para rancores, e era quase com benevolência e simpatia que se lembrava dela agora. “Eu não fui atingida por ela, nem prima Alice... somente Célio, e mesmo assim...”

Rosinha era agora uma mulher muito acabada, apesar de ainda não ter completado cinquenta e quatro anos.³³ Os cabelos mantinham-se loiros devido a tinturas, e uma risca negra ao redor dos olhos realçava-os, tornando-os grandes e brilhantes. Mas as faces estavam caídas, os cantos da boca curvavam-se para baixo e sob o queixo formara-se uma pequena papada. O pescoço engrossara, e nas mãos — Célio pôde ver aquelas mãos nas quais reluziam anéis baratos e sobressaíam-se unhas pintadas com cores vibrantes — saltavam veias grossas e azuladas. Essas mãos no entanto mantinham-se finas, delicadas nos gestos naturais, na maneira de segurar o copo ou de deixar-se ficar, descansando sobre a mesa.

— Fiquei olhando para aquela mulher gorda e muito pintada que sentara comigo, e custou-me crer que fosse ela — Célio disse à irmã naquela tarde.

Alice tentou imaginar Rosinha Gonçalves conforme a descrição feita por Célio, e nos cantos dos olhos surgiu-lhe uma críspação breve. De frente para o irmão, ouvia-o espantada por constatar quanta ascendência uma pessoa pode ter sobre outra, que sombra terrível aquela que se estendera por toda a vida do irmão — a sombra de um amor absurdo.

— Mas não seria a sombra do amor — Célio diria se pudesse adivinhar o que ocorrera a Alice naquela hora. A sombra do amor jamais seria tão tenebrosa, não traria conseqüências tão perduráveis e destruidoras. —

Chame isso antes de loucura — Célio diria, pois era bem assim que pensava às vezes (talvez tivesse ouvido uma expressão similar dita por outra pessoa, e essa frase repercutira dentro de si), loucura e obsessão aquele vínculo, aquela maldição que o ligara a Rosinha por toda a vida.

— Cansa dirigir uma casa como esta — ela disse olhando em volta com ar de satisfação, pois homens entravam nesse momento ocupando mesas e algumas “moças” acercavam-se com seus sorrisos insinuantes.

— Mas... o senhor, Sr. Célio, a que veio?

— Divertir-me — Célio respondeu —, passar o tempo, qualquer coisa.

— Divertir-me, eu disse, divertir-me — e Célio sorriu, mostrando a Alice dentes amarelos e amargura. — Que diversão pode procurar alguém como eu numa casa de tolerância? Ainda que eu quisesse estar com alguma mulher... Que diversão haveria nisso? Que alegria me proporcionaria, que realização?

— Deseja a companhia de alguma das moças? — Rosinha pergunta, como se fosse levantar-se para chamar uma delas.

— Não — Célio diz —, fique a senhora.

Rosinha sorriu e voltou a sentar-se. Com um gesto fez servirem bebida e advertiu que todos a tratavam de maneira informal, “chamam-me Madame Rosicler” disse, pois dirigir-se a ela não requeria nenhuma cerimônia, “mais ainda sendo um velho amigo como é, Sr. Célio, e especialmente por ser o senhor quem é pode tratar-me pelo apelido de infância — Rosinha.”

— Conversamos durante muito tempo — Célio diz à irmã, contando que Rosinha fizera um relato de sua vida na direção do bordel.

— O perdão — Célio diz, divagando —, eis aí como se pode mudar a vida de alguém — e encarou a irmã: — Se a tivessem perdoado...

— Você crê, meu irmão, que...? — e Alice diante daquele rosto coberto de rugas e fios brancos de barba, diante de uns olhos tão brilhantes mordeu os lábios, voltou-se para a janela e viu nuvens brancas que o vento arrastava com lentidão.

— Você, Alice, sabe que nossa mãe...?

— Célio naquela tarde contou-me uma coisa que eu ignorava acerca de mamãe e Rosinha Gonçalves, e que me deixou... estarrecida — diz Alice como se aquela revelação ainda lhe causasse espanto. Era certo, porém, que se não causava mais espanto a ela que ouvira aquilo ao irmão havia algum tempo, não deixava de impressionar-se todas as vezes que pensava no assunto.

— Mas ele também falou no perdão — observa Francisca, que se volta para a prima segurando a haste de uma flor, girando a haste entre os dedos enquanto as pétalas caíam na grama. — Ele, ele terá perdoado Rosinha?

Então Célio faz um gesto vago com os braços, movimenta a bengala e dá um passo para aqui, outro para ali, o gramado é vasto, ele pensa, a vida é maior, mas o perdão deve ser maior ainda.

— Nunca a odiei — ele diz à prima Francisca —, nunca pensei nela em termos de perdão, pois nunca senti vontade de odiá-la.

— E a mamãe, Célio — Alice diz apanhando por sua vez uma cadeira para sentar-se perto do irmão, enquanto a aragem da tarde entrava pela janela levando um cheiro de flores silvestres —, você a perdoou?

— O perdão pode mudar a vida — Célio diz —, e mamãe está morta.

— O perdão — Alice replica — estende-se também àquele que perdoa.

“1º de novembro de 1934

“O que é alguém decidir-se a fazer algo? O que comanda as ações humanas? Alguém dirá: a vontade. Mas eu insisto: o que existe por trás da vontade? O que determina as decisões da vontade, que mistério há nisso?”

“Posso estar muito tempo parado, como agora no terraço olhando os outros prédios, olhando o céu, e permanecer imóvel. Mas em algum momento, inadvertidamente moverei a perna, voltarei o rosto noutra direção sem que algo de especial me atraia. Não porque eu não o desejasse fazer mas porque eu não pensava em fazer e, portanto, não foi um ato da minha vontade. Outra coisa determinou esse movimento.

“Alguma coisa determina a vida, outra a morte. Ambas são alheias à nossa vontade, pois não desejamos estar vivos antes de estarmos, e não desejamos morrer quando estamos vivos. Mas essa coisa misteriosa pode subverter sua ação à certa altura da vida, e sobrevir não o desejo, mas a necessidade de estar morto.

“E quando sobrevier essa necessidade, o que poderei fazer? Como lutar contra ela? É certo, bem o sei, que não poderei lutar; enfrentá-la seria em vão, restar-me-á apenas submeter-me...”

“Estes são os prenúncios, sinto-os no ar como um cheiro, ou uma presença perturbadora de que não me posso libertar...”

— Enfim — Rosinha disse —, tudo se encaminha sempre para uma solução, cada coisa ajeita-se em seu lugar, e isto é a vida.

— Rosinha teria dito — diz Alice retirando a mão sem colher a flor — ... vamos até a cerca?... Rosinha teria dito que Joaninha estava bem agora. Casara-se outra vez e se tornara dona de uma granja em alguma cidade do interior.

— Joaninha desde que foi embora não nos mandou notícias — disse Francisca. — Éramos tão amigas!

E Francisca fica pensando no que fazia as pessoas se separarem, e que força misteriosa era essa que as mantinha afastadas a despeito de tudo, pois Joaninha fora sua amiga e parecia ter-se esquecido dela, dela e da prima Alice que a acolhera em sua casa depois da morte de Rodolfo. Mas havia

alguma coisa, um elemento desconhecido que venciam os laços menos profundos (às vezes até os mais profundos!), que traçava rumos diferentes às pessoas, que as tornava estranhas ao seu passado, modificadas, perdidas.

— A certa altura Rosinha se levantou sem dizer nada e saiu. Voltou um minuto depois e entregou-me um pequeno volume, muito antigo, que eu não reconheci de imediato. Abri o livrinho e na primeira página havia uma dedicatória cuja tinta já perdera a cor, mas que eu pude ler assim mesmo, e lembrar.

— Encontrei-o numa gaveta da última vez que estive lá — ela disse.

— O livrinho de poesia que eu lhe enviara certa vez — Célio explica. — Ficara esquecido na casa dos Gonçalves muito tempo, até que ela própria o reencontrou.

— Não compreendo — Célio disse passando as páginas, que denotavam muito uso.

— Há coisas que não se explicam, Sr. Célio — ela respondeu, recuperando o livrinho e folheando-o também. — É uma lembrança sua que guardo, talvez por ter descoberto que há coisas de muito valor a que não damos atenção por pura estupidez, ou talvez por ter reconhecido que em outra época eu agira de uma forma um tanto... desagradável...

— Talvez Rosinha quisesse demonstrar seu arrependimento — Francisca sugere à prima e logo ergue o rosto para o alto, para a copa das árvores que se moviam suaves à brisa do crepúsculo. Grande parte do jardim estava agora na sombra, mas entre as folhagens cruzavam flechas de luz que lhe feriam os olhos.

— Espanta-me — eu disse então —, não poderia esperar que... bem, eu nunca tive muito boa acolhida de sua parte.

— Não sei quantas vezes li e reli este livro — diz Rosinha passando as páginas. — Às vezes, estando só, pegava-o e punha-me a ler aqui e ali, em qualquer página... e me lembrava... — sorri para Célio. — Até aprendi a gostar de poesia. Veja — e mostrou-lhe uma página na qual havia sublinhados e palavras escritas a lápis —, fiz até anotações nos trechos que mais me agradaram.

— E eu — Célio sorri em resposta — que nunca compreendi poesia muito bem... enviar-lhe justo um livro de versos... um livro que apanhei ao acaso, pois nem mesmo prestei muita atenção ao autor.

— O autor é um dos melhores de nossa terra, Sr. Célio! — Rosinha garantiu.

— Isso deve ter envaidecido Célio — torna Francisca.

— Ao contrário — Célio retruca dando alguns passos pelo gramado, mancando muito e com dificuldade apesar da bengala —, eu não me podia envaidecer porque já não havia motivos. Quem era Rosinha Gonçalves agora?

— O senhor não terá nenhuma lembrança minha, Sr. Célio? Algo que confirme nossa... amizade?

— Não, não tenho nada, lamento, mas não tenho nenhum mimo...

— Talvez o senhor quisesse algo... embora seja tarde para esse tipo de coisa, até mesmo patético... e ridículo.

— Mas não!, isto é, é certo que sim, quero dizer, é certo que me agradaria... e não há nada de ridículo nisso!

— Nesse caso — ela disse então — vou pensar em alguma coisa — e se retirou por um momento.

Rosinha saíra para guardar o livrinho, mas não tardou a voltar e acomodar-se outra vez junto a Célio. Fez servir mais bebida e falou durante muito tempo, intercalando as narrativas acerca de sua vida com seguidas doses de licor, que não foram suficientes para fazê-la embriagar-se.

— E houve aquele jantar em casa de sua mãe — Rosinha diz levando o copo até a boca —, uma festa pela passagem do século.

— Ah, sim, aquele jantar...

— Houve outras festas em casa de Dona Rebeca Veiga Albuquerque, mas essa... — Rosinha sorri: — Essa foi marcante...

Célio baixa a cabeça, deixando que Rosinha divagasse.

— O senhor está lembrado de que me sentei ao seu lado naquela noite, Sr. Célio? — e como Célio olhasse um tanto aparvalhado para ela, Rosinha depôs o copo sobre a mesa, passou a língua pelos lábios e sorriu. — Perdoe-me falar de coisas cuja lembrança não lhe pode ser agradável... Em diversas ocasiões o senhor esteve em minha casa e eu fui assaz indelicada... atitudes bastante infantis, eu reconheço, perdoáveis numa criança, mas depois eu já não era mais uma criança e mesmo assim não mudei meu comportamento... Lembro-me de que na festa... durante a festa... — e Rosinha deteve-se, considerando se devia ou não continuar. Naquela noite durante o baile, recorda-se, havia deixado Célio “plantado” no meio do salão porque ele não sabia dançar e lhe havia pisado os pés duas vezes. Fizera o mesmo em outras ocasiões, Rosinha lembra, era de fato uma menina indomável, e tornara-se impiedosa ao descobrir o amor bisonho que ele lhe dedicava. Fora cruel, sim, esse era o termo certo, cruel, por isso era melhor não falar mais daquilo, mudar de assunto. — Bem, Sr. Célio, houve incidentes dignos de nota naquela noite — ela diz, sem contudo fazer uma alusão direta. Apenas prosseguiu falando com animação, e bebendo. Eu quase não respondia, disse Célio, deixava-a divagar, e depois acabei pegando um copo para mim também, eu, que até então evitara beber...

— Célio ter-se-á embebedado? — diz Francisca.

— Saí de lá muito tarde aquela noite — Célio continuou, ainda sentado junto à janela —, mas antes, quando me levantei para despedir-me, Rosinha rabiscou um endereço num pedaço de papel e entregou-me.

— Encontre-me lá amanhã às cinco horas da tarde, Sr. Célio. Há uma coisa que lhe quero mostrar.

— Era um parque ou coisa assim, não? — Francisca diz, voltando o rosto para a prima, que retomava o caminho, circulando entre os canteiros na direção da cerca.

— Era uma praça — diz Alice —, onde havia árvores e bancos.

Então Célio se levantou apoiando-se na bengala, e assim esteve algum tempo. “Naquele momento” Alice pensa enquanto espera por Francisca que havia ficado para trás, tentando desprender de seu vestido um ramo de roseira que se projetava; “naquele momento tinha-se a impressão de que ele revivia o último encontro. Ele já não estava na biblioteca, mas naquela praça...”

— Quando cheguei ao local do encontro — Célio diz —, não era a mesma Rosinha que eu tinha visto a noite anterior no bordel, melhor dizendo, não era mais Madame Rosicler. Vestira-se com muita discrição, como uma perfeita senhora de boa família, o rosto lavado sem nenhum sinal de pintura, e os cabelos presos atrás, com decência, cobertos por um pequeno chapéu.

Célio mancou em direção da mesa, sentou-se deixando a bengala resvalar para o chão, e apoiou os cotovelos com um suspiro.

— Sente-se aqui, Sr. Célio — ela disse, e Célio sentou-se ao seu lado enquanto Rosinha elogiava sua pontualidade.

— Não entendo — gaguejou Célio —, afinal, o que vim fazer aqui? — mas estando ambos sós, e envolvidos pela serenidade do entardecer, Célio deixou-se levar por uma súbita e momentânea ilusão: fechou os olhos lembrando que em sua juventude, muitas vezes, havia imaginado uma situação assim: estar com Rosinha numa praça vendo as pessoas, os automóveis passarem, ou à beira-mar ouvindo a arrebentação e contemplando as velas que iam e vinham, ou subindo uma larga avenida tendo-a pelo braço e observando com gosto os cavalheiros que se voltariam para vê-la, admirar sua beleza. “Ilusão, ilusão...” e abriu os olhos, tossicando, enquanto perguntava à mulher gorda e velha ao seu lado:

— Por que desejou que eu viesse aqui?

— Eu lhe havia prometido uma lembrança, Sr. Célio.

— Ah, sim, claro — Célio disse ajeitando o chapéu —, mas não compreendo...

— Já vai compreender, Sr. Célio, já vai compreender... Antes me diga, em que pensou agora, quando esteve com os olhos fechados?

Célio tirou o chapéu, girou-o nas mãos um tanto embaraçado desejando não ter de mentir, ou de inventar uma desculpa por trivial que fosse, mas não se sentia com coragem para falar de suas ilusões.

— Há coisas que não se dizem, não é? — Rosinha Gonçalves insinua,

surpreendendo-o, e Célio a encara esperando ver em seu rosto um ar de ironia, ou de deboche, mas quem estava consigo agora não era “a Rosinha Gonçalves de outros tempos”. Ela o olhava com cumplicidade — a cumplicidade da velhice, das verdades compartilhadas, dos subterfúgios desfeitos. Essa mulher envelhecida, de ar senhoril e respeitável, havia dito algo e sua voz inspirava confiança. Então Célio ficou tranqüilo e pôs outra vez o chapéu.

— Talvez um sonho, um desejo antigo aflore na forma de uma ilusão que se torna tão próxima quanto uma imagem na tela de um cinema... tanto que parece podermos tocá-la... Não há mais razão para angustiar-se por ilusões na nossa idade, Sr. Célio, e arrependimentos não levam a lugar algum.

Teria Rosinha adquirido o dom de ouvir pensamentos?, Célio se pergunta admirado, mas ela retomava a palavra quase sem interrupção, mudando o rumo da conversa:

— Eu lhe prometi uma lembrança, Sr. Célio. Aí vem ela.

E Célio alteou o tronco, despregando os cotovelos da mesa numa atitude que melhor exprime o espanto daquela hora.

— Como posso lhe descrever aquele momento, Alice? — Célio disse à irmã naquela tarde. — Pois então olhei e vi... vi Rosinha Gonçalves vir em minha direção no esplendor de sua adolescência, de sua beleza incomum!...

Naquele instante de surpresa e deslumbramento Célio teria, sem pejo, afirmado a si mesmo que havia retrocedido no tempo, pois quem se aproximava agora era Rosinha Gonçalves com seus treze anos de idade; a mesma Rosinha Gonçalves por quem se apaixonara e se destruíra estava outra vez ali, surgia à sua frente como um turbilhão!

— Olá, dona Irene — disse a menina com desembaraço avistando Rosinha no banco, e fez menção de aproximar-se, mas se deteve ao perceber que havia um estranho com ela.

— Venha, Suzana — Rosinha disse —, não se acanhe, quero apresentar-lhe um amigo.

Célio, ainda perturbado, recupera-se da surpresa e, atrapalhado, tira o chapéu saudando a menina que se aproxima e lhe estende a mão — enquanto uma mulher roliça de meia-idade, que na qualidade de ama vinha em sua companhia, mantém-se a certa distância, apenas saudando Rosinha com um gesto de cabeça.

— Está vindo de sua aula de canto, não? — Rosinha perguntou.

— Oh, sim, canto e piano — a menina respondeu com graça —, a mamãe faz questão...

— E faz muito bem a senhora sua mãe — articulou Célio, abafado —, faz muito bem! É bonito ver uma jovem bem educada e possuidora de tão belas prendas!

— E como vai a mamãe? — tornou Rosinha oferecendo à menina um doce, que tirou de sua bolsa embrulhado em papel dourado.

— Não esteve bem pela manhã — Suzana informou, desembulhando o doce —, a enxaqueca de sempre.

— Oh, a enxaqueca — Célio disse sem saber como se pôr à vontade na presença da menina —, uma coisa terrível, terrível!

— Também o senhor sofre de enxaqueca? — ela pergunta, decidindo sentar-se entre ambos enquanto desembulhava o doce.

— Eu estremeci — Célio disse à irmã — quando ela sentou-se entre nós, levando o doce à boca. Afastei-me e me virei um pouco para ela apoiando o braço direito no recosto do banco. Mas não tive coragem de olhá-la de frente.

— A menina já toca algum clássico? — Célio perguntou, meio recostado e com a mão esquerda apoiada na bengala.

Suzana lambia os dedos, olhou para Rosinha e em seguida para Célio. Corou, baixando os olhos.

— Desculpem os meus modos — ela disse —, sei que não é educado...

— Oh, não — disse Rosinha para deixá-la à vontade —, sem cerimônia. O senhor Célio não repara.

— Por certo — acudiu Célio —, a menina não tem do que se avexar! — e estendeu-lhe um lenço para que limpasse os dedos.

Suzana tirou o chapeuzinho, e cachos loiros rebrilharam aos raios vermelhos do sol poente.

— Ensaio alguns clássicos, Sr. Célio, agrada aos meus pais ouvir-me. Mas não tenho pretensões...

— Ah, mas devia tê-las — incentivou Célio olhando-a diretamente pela primeira vez, próximos como estavam —, devia tê-las pois sem pretensões não se chega a lugar algum!

— Uma menina inquieta — disse Célio a Alice, recordando o encontro —, mexia os pés com impaciência, levantou-se do banco como para deixar-se ver melhor...

— Teria ela consciência da admiração que causava? — diz Alice. — Ou da perturbação...?

“Célio... o que terá sentido o primo Célio vendo aquela menina que reproduzia Rosinha adolescente, a não ser desejo, paixão?” Francisca reflete, retendo consigo a figura envelhecida do primo, que por último não passava todo o tempo na biblioteca mas costumava descer ao jardim, andando com dificuldade, escorando-se em sua bengala.

“Meu irmão, meu pobre irmão” pensa Alice vendo Célio levantar-se da cadeira e permanecer de pé, ereto, sem tremer, sem tombar, mantido assim pela força da lembrança, “o que terá você sentido ao ver aquela menina?”

Mas Célio, que parecia olhar para os quadros na parede, para o teto en-

cardido, para Suzana que cruzava o espaço entre a porta e a janela e desaparecia — dissolvia-se no esvoaçar das cortinas com o vento —; Célio agora olhava-a com desembaraço:

— Imagino que você se pergunte, minha irmã, qual teria sido minha íntima reação. Que sentimentos reviveram, que antigos sonhos e desejos...

— Eu fiquei perplexa — Alice diz à prima, para quem o jardim com seus canteiros cheios de mato, a velha cerca de arame farpado meio derruída, a casa senhorial, as terras, tudo, tudo de súbito se dissolvia —, porque ele parecia ter lido meus pensamentos.

— E o que você disse? — perguntou Francisca.

— Meu irmão — e Alice põe-lhe a mão no braço, com um delicado aperto —, como eu poderia pensar...

— Pensou — Célio diz, convicto —, quem não pensaria?

— Não desejaria julgá-lo mal, eu disse, mas para ele estava claro, então me calei.

Célio voltou a sentar-se junto à janela, apoiando o cotovelo no peitoril.

— Tive vontade de beijá-la — ele diz voltando o rosto exaltado para a irmã —, com paixão, com ardor e paixão, sim, tive, não nego, não nego!...

Curvou a cabeça numa atitude resignada.

— Não posso negar.

— Bem — diz Suzana girando os quadris e fazendo um movimento com as mãos. Rosinha compreendeu:

— Sim, creio que é hora de você ir. Pode ficar tarde e sua mãe se preocuparia.

— Adeus, dona Irene — e para Célio: — Adeus, senhor. O senhor é muito amável — e, antes de afastar-se, aproximou-se e beijou-o na face.

Célio voltou os olhos aturdidos e úmidos para a irmã:

— Eu estava tonto... tive uma vertigem... não sei como pude controlar-me... como me mantive vivo!...

— Diga à sua mãe que a qualquer hora apareço para uma visita — disse Rosinha antes de a menina afastar-se conduzida pela ama, atravessar a rua mais adiante, meter-se entre o casario do outro lado, desaparecer...

— A filha de Rosinha Gonçalves — diz Francisca.

— A filha de Rosinha Gonçalves — disse Célio aquela tarde.

— Minha filha — disse Rosinha —, não se espante, Sr. Célio, de que outra maneira poderia parecer-se tanto comigo na mesma idade?

Então Rosinha explicou: nascera-lhe aquele rebento tardio, que ela deixara gerar mesmo sabendo dos riscos de uma gravidez naquela idade. Eu tinha quarenta anos,³⁴ Sr. Célio, ela disse, no entanto nasceu uma linda criança, forte e saudável.

— Claro que eu não podia criar uma menina naquele lugar.

— E então? — Célio perguntou.

— Ainda bebê entreguei para uma família, uma boa família, que aceitou com as condições que impus: eu apareceria vez por outra como uma velha amiga da casa quando desejasse ver Suzana, mas a menina jamais poderia saber a verdade sobre mim... Bem, tendo em vista tal condição eu não podia mentir aos pais adotivos acerca do meu... negócio. Eles entenderam a necessidade de manter Suzana ignorante da verdade. Por outro lado a casa de Madame Rosicler fica suficientemente distante e é muito discreta, de forma que não há riscos... Suzana tem treze anos agora, encontro-a aqui às vezes quando vem da aula de canto, noutras vezes visito-a em casa. Por isso venho “disfarçada”, como o senhor está me vendo agora.

Rosinha fez uma pausa e disse:

— Quando jovem eu pensava ter noção da minha beleza. Hoje, quando olho para ela, penso que talvez a subestimasse. Bem, aqui está, Sr. Célio, a lembrança que lhe prometi ontem — e tirando da bolsa um envelope, entregou-o a Célio.

— Então abri o envelope, um desses envelopes grandes de papel grosso e escuro, quase do tamanho de uma página de jornal — Célio disse à irmã, aquela tarde na biblioteca —, e dentro encontrei uma fotografia... uma fotografia grande, em *close*, a mesma que por muito tempo estivera emoldurada na sala de estar da fazenda Arcoverde: Rosinha Gonçalves... aos treze anos.

Apoiando-se na mesa com esforço, Célio firmou-se nas pernas, pôs-se de pé.

— No papel antigo, o rosto dela... fulgurava!

— Morreu com o retrato de Rosinha Gonçalves contra o peito — diz Alice, que sentia os olhos úmidos ao lembrar-se.

— O único amor de Célio — diz Francisca —, não a Rosinha de verdade, mas a da fotografia, aquela que permaneceu pura e ideal como ele sonhava.

Alice parou, pensando naquilo. A sombra enorme do arvoredor, da casa, parecia projetar-se como uma presença incômoda e ela voltou-se num movimento repentino: as janelas da biblioteca estavam fechadas agora, há quanto tempo estavam fechadas e lá dentro os livros nunca lidos serviam de pasto aos micróbios no ar abafado, na penumbra dormente!

E então se recordou de que estavam em 1950, e que isso tinha muitos significados: há cinquenta anos dera-se ali — naquele jardim, naqueles salões onde rebrilhavam lustres de cristal — uma festa de saudação ao novo século, um grande banquete, um baile, mas o século, recebido com música e alegria, trouxera ao mundo — e àquela casa — seus desastres irremediáveis.

Alice sorriu som amargura:

— É assim que acontece — ela diz. E era mesmo desse jeito que acontecia, porque todos morriam; mais cedo ou mais tarde a *Hora* chegava. Júlio

estava morto, e o filho dele, Gabriel, não chegara a envelhecer: morrera na guerra, num país estranho, lutando por uma causa que não devia ser a sua.

— Gabriel, que comandava uma tropa — diz Alice penalizada —, e não era um velho.

Gabriel morrera há cinco anos, Célio há seis, que havia de estranho nisso?³⁵

“(s/ data)

“Véspera de ir.

“Atravessei o Atlântico, o Estige, a Vida.

“Ancorei no Inferno.

.....
“A necessidade, a terrível necessidade sobreveio, mas não me trouxe medo algum. Amanhã não estarei mais aqui, e para onde for não poderei levar meu diário de bordo.

“Não é tempo para cartas de adeus. Apenas uma notificação a fim de orientar os que ficarem, e depois aguardar a chegada do barqueiro.

“Caronte — Caronte se aproxima para levar-me, e na escuridão já ouço o ruído dos seus remos.”

— Fechei o diário dele de uma vez por todas — diz Francisca um pouco perturbada. — Não creio que deva ler e reler sobre sua morte, sobre seu desespero, pois isso não remediaria o acontecido.

Alice observa a flor a fenecer em seu pedúnculo e que um momento antes desejara colher, mas a declaração de Francisca, um tanto abrupta, desviou-lhe a atenção, enquanto refletia que esse fora o grande erro da prima: tivera um filho a quem não amara, e mesmo a morte dele não a teria comovido como era de esperar-se. Pois, do contrário, ela teria dito tais palavras naquele tom?

Mas surpreendeu-se quando viu os olhos vermelhos de Francisca, seus lábios trêmulos, suas lágrimas.

— Fechar um livro — disse então — não é deixar de lê-lo, nem de estar atento ao que ele diz.

Francisca tenta apanhar o que Alice diz, mas era tão confuso aquilo, era um jogo de idéias que nessa hora não podia compreender.

— Você o amou, Francisca, e pensar o contrário é que a faz sofrer. “Você o amou” pensa Alice com amargura, “eis a mentira...” — mas já Francisca erguia para ela os olhos úmidos:

— Então... por que o deixei sozinho?

Jorge não estava mais ali. As duas mulheres, as duas velhas não o haviam visto afastar-se, mas Francisca fica observando de longe o canteiro em que

ele havia trabalhado, arrancando o mato e replantando mudas. Então pôs as mãos nos bolsos do vestido e encontrou aí alguma coisa há muito tempo esquecida.

— Veja, Alice, o que encontrei.

Alice ainda pensava na morte do sobrinho, que comandara uma tropa na guerra e fora transformado em herói. “Um herói de papel, um equívoco”, pois a velha Alice lamenta seus mortos como todos o fazem, duvidando do valor da guerra e de morrer em pátria alheia, e muito nobre, muito séria, traz o corpo ereto e acompanha com os olhos o movimento vagaroso das sombras estendendo-se sobre o gramado. “Sim, Gabriel morreu há cinco anos, Célio há seis”, mas no início do ano anterior Dora tivera aquela idéia de reunir a família ao redor da mesa de jantar. “Mas que família?”

Alice não ouviu Francisca da primeira vez, mas quando virou o rosto viu-a examinando um par de luvas brancas muito manchadas que encontrara num dos bolsos do vestido.

— Minhas luvas — diz Francisca —, lembro-me de que hoje pela manhã arranquei uma erva entre a grama e sujei minhas luvas.

— Dois homens de nossa família pereceram numa guerra — Alice diz.

— Como? O que tem os homens de nossa família? — e Francisca fica segurando as luvas, distraída, sem compreender de imediato.

— Lúcio e Gabriel — Alice diz.

— Ah, Gabriel... pobre Gabriel... Dora, no entanto, tem obtido sucesso como musicista, não? — diz Francisca, ouvindo Alice referir-se a Gabriel. — Lembro-me de que ela tocava muito bem.

— Dora — Alice diz, e fica pensando que a sobrinha era, talvez, o único membro de sua família que se havia salvado. “Minhas filhas não, certamente perderam-se, não encontraram o caminho e ficaram à deriva, minhas meninas que agora estão envelhecendo também.” Ana Lúcia tinha quarenta e nove anos, e a última notícia que chegara dela fora de seu envolvimento num escândalo teatral: haviam encenado uma peça em que uma das atrizes fizera uma cena indecente: desnudara os seios em pleno palco, acariciando-os por alguns momentos. A notícia no jornal era vaga e lançava dúvidas sobre qual das atrizes fizera a cena, mas Alice tinha quase certeza de que fora sua filha. “Uma prostituta” pensou sem piedade, e sentiu a corrosão da dor, “envelhece e torna-se uma prostituta.”

— Sim, Dora — repete Francisca, examinando mais uma vez as luvas. Calça uma delas e eleva a mão diante do rosto, move os dedos mas os sente tolhidos. — Creio ter-me desacostumado — diz, descalçando-a. Guarda-as outra vez no bolso do vestido. — Dora tem obtido sucesso, não o podíamos esperar, não é mesmo?

“E Ana Luíza tem um filho louco, um doido furioso internado num hospício.”

— Francisca, Ana Luíza quando veio para o funeral de Célio chorou, não está lembrada?

— Sim, lembro-me de tê-la visto chorar — diz Francisca.

— Ela não o desprezava, apesar de tudo — Alice diz.

— Ana Luíza tem o coração muito sensível — diz Francisca tomando as mãos da prima. — Isso não a devia preocupar.

— Ela, estou bem lembrada — torna Alice —, parou junto ao caixão, depositou uma flor e ajeitou-lhe os cabelos num gesto de carinho. Vi lágrimas em suas faces; ela chorava em silêncio, com reserva, junto ao corpo.

— E deixando o salão onde o corpo era velado, Ana Luíza subiu ao segundo andar.

— Mas o meu quarto já não me era familiar — ela diz apoiando-se no tronco de uma árvore cujos galhos secos rangiam, no alto.

(Enquanto isso Alice olha em direção da cerca.) Francisca havia percebido quando ela se encaminhara ao segundo andar da casa, encontrara-a no instante em que saía do salão para a sala de estar, e viu-a subindo as escadas. Imaginou que fora chorar sozinha em seu quarto, estar só e afastada de todas as pessoas que velavam o corpo (proprietários vizinhos, autoridades da vila que nunca esqueciam a importância no nome Veiga Albuquerque — nome que já tivera mais peso no passado, mas brilharia ainda na história do lugar —, e mesmo alguns desconhecidos, curiosos, sobre os quais aquela casa antiga e meio abandonada, habitada por alguns velhos, exercia o fascínio do mistério, o enigma da lenda).

— Não consegui estar em meu quarto — Ana Luíza diz à mãe, na tarde em que completava um mês da morte de Célio, quando viera para a missa na capela da vila —, e parecia que toda esta casa me era estranha como se nunca tivesse morado aqui, como se não tivesse crescido correndo por esse velho jardim, brincando de pique-esconde nos cômodos grandes, cheios de esconderijos, com minha irmã, com João Manuel...

E Ana Luíza saiu de seu quarto fechando a porta sem ruídos; atravessando o corredor foi ter à biblioteca. As janelas estavam fechadas, e na quase escuridão não conseguia distinguir bem as formas e volumes dos móveis, dos objetos de arte.

— Eu creio que agora posso lhe explicar, minha mãe, uma coisa que antes não fora dita — Ana Luíza prossegue.

Pois na tarde em que velavam o corpo de Célio e Ana Luíza esteve sozinha na biblioteca, que tantas lembranças, que de sentimentos amargos e enternecedores, que vertigem a fez titubear e quase cair. Mas ela se manteve de pé, e sem olhar em outra direção que não para junto da janela (onde ainda havia uma cadeira, quem sabe um livro caído no chão), reviveu a doçura e o pavor daquele dia.

— Fora por amor a João Manuel — Alice diz à prima, que ouvira não

sem surpresa a revelação de Ana Luíza. — Foi ali na biblioteca, onde Célio ficava a maior parte do tempo, que tudo aconteceu...

— Por amor a um — Francisca diz impressionada —, pertenceu a outro.

— Também fui eu quem ligou para Rosinha Gonçalves, avisando-a da morte do tio Célio.

— Ainda é difícil para mim descrever meu assombro — Francisca diz, com as mãos nos bolsos do vestido e remexendo nas luvas que reencontrara — quando olhei para a porta do salão e vi Rosinha rejuvenescida, com dezesseis, dezessete anos?, que viera ver morto aquele que lhe devotara uma adoração de ídolo.

— Todos se surpreenderam — concorda Alice —, mas os outros, os que não a conheciam, mostravam-se espantados apenas com sua beleza.

— Ela também parecia algo espantada, assim que a vi... e foi então que apareceu, logo a seguir, uma mulher idosa e gorda, de cabelos tingidos de castanho e trajando com muito gosto e discrição. *Aquela* era Rosinha Gonçalves.

— Mas foi para um funeral que a senhora me trouxe, dona Irene?! — cochichou a bela moça curvando-se para a senhora que a acompanhava.³⁶

Rosinha, que atravessara gravemente o salão, aproximando-se da mesa onde o corpo fora posto entre quatro candelabros, respondera em voz baixa:

— Já lhe explico tudo, minha querida, já lhe explico tudo.

Alice, cujo espanto não fora menor, aproximara-se de Rosinha para recebê-la. Trocaram um aperto de mãos e, sem ser percebida por Suzana — que permanecera alguns instantes junto ao caixão —, Rosinha pediu em voz baixa que a tratassem por Irene e nunca referissem seu verdadeiro nome. Em seguida Suzana foi apresentada como a filha de um casal amigo.

— Enfim, ali estava eu diante da filha de Rosinha — diz Alice —, e podia outra vez admirar aquele rosto que não imaginei fosse rever algum dia em carne e osso.

— Eu estava bem perto quando ela se aproximou do caixão — disse Francisca —, e a vi emocionar-se.

Mas Rosinha emociona-se sem alarde. Séria, olha o morto durante um certo tempo e, em dado momento, baixa a cabeça, fechando os olhos marejados numa breve oração.

— Contudo — diz ainda Francisca —, eu não podia deixar de olhar também a filha de Rosinha, nem fugir à sua perturbadora beleza.

— A senhora era amiga do falecido? — Suzana cochichou no ouvido de Rosinha, quando esta abriu os olhos.

— A menina — diz Alice — não se lembrava da ocasião em que fora apresentada a Célio. Bem, já se haviam passado seis anos e ela o havia visto uma única vez. Não sei por que Rosinha trouxe Suzana, não compreendo...

— Aquela, penso eu, foi uma maneira de dizer-nos alguma coisa — argumenta Francisca. — Dizer-nos, por exemplo, que apesar de tudo pudera ter uma filha, pois estaria certa de que quem a conheceu jovem não duvidaria, nem por um momento...

— Foi um amigo, um velho e bom amigo — Rosinha diz, afastando-se com Suzana, saindo para a varanda.

— Minha mãe vai estranhar ao saber que o passeio que a senhora me prometeu era para ver um morto — ela diz sorrindo.

Rosinha sorriu também...

— Mas não terá sido somente para isso, minha querida — diz. — Teremos uma semana de vida no campo...

...e da varanda ficou olhando o jardim. “Não é apenas Célio quem está morto” ela pensou, pois tudo ali parecia impregnado de morte agora.

— Sim — dizia Ana Luíza internando-se no arvoredor —, eu avisei Rosinha, sabia de toda a história que envolvia a ambos pois fizera parte dela, sabia que se meu tio pudesse vê-la ali, sentir-se-ia feliz.

— Bem, vamos descer? — Francisca sugere.

Começaram a descer em direção à parte baixa do gramado.

“Um é louco, outro morreu na guerra, outro se suicidou, e Marta morreu tísica” pensa Alice considerando ainda a descendência de sua família. “E é possível até que haja um negro...”

— Mas é uma alegria — diz Francisca —, uma satisfação que Dora... enfim, que Dora nos tenha proporcionado isso.

— É então que consigo justificar o tempo de sua adolescência que passou trancada num convento — diz Alice. — Ela não perdeu de todo aqueles anos.

— Pois foi lá que se iniciou na música... Não terá mais reencontrado aquele rapaz? — pergunta Francisca com ar concentrado.

— Não o encontrei — Dora diz, aparecendo detrás de umas folhagens grandes e densas, Dora que não tinha mais tempo de vir à fazenda e sentia saudades de Jorge; Dora que durante os anos de convento sonhara com aquele moço que havia entrado em seu quarto pela madrugada, aprendendo que com o passar dos anos as lembranças se desfazem, o amor é ilusório, e nada permanece para sempre; Dora, que se tornara musicista de sucesso tanto pela simpatia com que se apresentava quanto por seu virtuosismo, e que não mantinha nenhuma esperança secreta, nenhum sonho cultivado, e sentia o coração estéril como um deserto. — Talvez não o venha a reencontrar nunca, pois já faz tanto tempo!... Mas isso já não tem importância alguma.

— Já faz muito tempo sim — diz Francisca —, quantos anos mesmo? Mais de vinte, creio eu...

— Quase trinta, tia Francisca — ela diz —, e em trinta anos... Bem, até mesmo em trinta minutos tudo pode mudar, mas em trinta anos...

— É pena que ela nos visite tão pouco — diz Alice.

— Lembro-me — diz Francisca — do que ela disse da última vez: “Em trinta anos as coisas não só mudam: acabam-se.” — e Francisca, parando diante de um arbusto raquítico cercado de mato alto, sente a vida retornar em lampejos, como imagens numa tela de cinema que fossem projetadas em alta velocidade. Depois, acabou-se.

— Será que se acabam mesmo? — diz Alice ao seu lado.

— Será que se acabam? — Jorge pergunta-se, olhando a cadeira vazia nos fundos da casa, onde a mulher costumava sentar-se e onde fora encontrá-la morta.

— Será que se acabam? — Dora, ela mesma, diz, como a contradizer ou duvidar de suas próprias palavras. Pois não ficariam lembranças, marcas, um resíduo de tudo? Lui a havia cativado em sua quase infância com seu jeito diferente, seus cabelos amarelos e a vida de aventuras que lhe atribuía como ator, membro de uma equipe teatral itinerante. Lui era bonito e educado, e ela lhe havia aberto a porta do quarto sem resistência. Isso fora há vinte e oito anos — acabara-se? Nada havia ficado dele em sua vida?

— Nada ficou de Anita neste lugar? — Jorge se pergunta olhando a cadeira, e saindo para o quintal podia ver as árvores do pomar. Além do pomar existia antigamente um açude com um pequeno cais e um barquinho. — E de você, Glenda, nada ficou?

— Mas não — diz Francisca, movendo-se —, sempre há de ficar alguma coisa.

Alice ouvia a prima e acreditava nela. Sim, alguma coisa... porque há coisas que passam, vão, e um dia ei-las que voltam, ei-las outra vez à sua frente, transformadas, quase irreconhecíveis, mas vivas.

— Casei-me, tive um marido e um filho e perdi ambos — diz Francisca fazendo um breve balanço de sua vida —, e casei-me outra vez e outra vez perdi aquele que escolhi. Tê-los-ei perdido para sempre?... Creio que só eu posso pôr um fim nisso. De meu primeiro marido guardei uma fotografia, de Rodolfo um relógio de ouro, uma relíquia de família que ele me deu, e de meu filho um diário repleto de amargura. Quem disse que as coisas que passam se acabam? Olivério continua aqui, Rodolfo continua aqui, meu filho ainda fala para eu escutar. O que há, é que tudo isso tem seu caráter definitivo, irrevogável, e é o que apavora às vezes, é o que dói.

— Perdemos a prima Clara — diz Alice.

— Estará em algum lugar — retruca Francisca.

— Pode ter morrido. Não soubemos mais dela.

— Pode estar viva, fazendo coisas, viajando. Pode não estar pensando em nós, ou em voltar aqui, mas nós sabemos que a prima Clara existe e está em algum lugar.

— Não, não sabemos, não sabemos nada sobre ela. Também Joaquina Gonçalves, ou Rosinha, ou...

— Também não sabemos de Joaquina, de Rosinha! Estarão vivas ou mortas, estarão em algum lugar, isso pode parecer muito vago, mas é muito quando se tem apenas isso.

Talvez Francisca estivesse certa. Aquele pensamento voltava a atormentá-la: as coisas que passaram, e-las que um dia ressurgem, irreconhecíveis, mas vivas.

— Sim, algo ficou — e Jorge continua olhando as copas do pomar batidas pela brisa vespertina, às quais os últimos lampejos de sol daquele dia acrescentavam um brilho avermelhado de despedida, e sobrevém como que um sentimento reconfortante não de vitória mas de compensação, pois aquela certeza — a de que algo havia ficado — vinha não como uma solução mas como um remédio para o desespero.

Sim, de Glenda alguma coisa havia ficado: a juventude e a beleza, por certo a inocência, pois Glenda não se tornara mulher, não conhecera as misérias humanas, permanecera o anjo encantador que todos amavam e seu rosto — pelo menos para Jorge, pelo menos em sua recordação — não chegara a envelhecer.

“De ti, Glenda, ficou tudo que amei” pensou Jorge olhando as copas do pomar douradas pela luz da tarde.

— Talvez não fosse difícil reunir a família — Dora havia dito a Jorge da última vez que fora à fazenda, mas em seguida ficou pasmada ao pensar no que sobrara da família.

— Sim — diz Francisca —, Dora disse algo sobre reunir a família, mas que família? Quem estaria aqui? Eu, você, Ana Lúcia, Ana Luíza e ela. Cinco pessoas, seis se contarmos Jorge.

— Contaríamos Jorge, sem dúvida — diz Alice, que acabava de ver junto a um canteiro uma pá, pequena e pontiaguda, dessas que se usam em jardinagem para revolver a terra ao redor das raízes. Jorge com certeza a havia esquecido ali, e Alice abaixou-se para apanhá-la.

Olhando aquele instrumento, já gasto de tanto uso, lembrou-se de quando na adolescência — e mesmo mais tarde — dedicava parte de seu tempo ao mister de cultivar flores. A mãe a repreendia, mas ainda que não lhe aprovasse um lazer de natureza “tão subalterna”, como costumava dizer, não a impedia de divertir-se a seu gosto.

Alice continuou segurando a pá, e teve saudades — não soube ao certo se desse tempo antigo, se do prazer ingênuo de mexer com terra e sementes e ver plantinhas nascendo do chão com suas folhazinhas tenras e frágeis, sabendo-se a autora daquelas minúsculas manifestações de vida. E se, por brincadeira, uma vez mais praticasse a jardinagem?, pensou.

— E a prima Clara, se soubéssemos onde se encontra, perfaria sete pessoas. Talvez a família esteja no fim, talvez não haja mais nada a fazer.

— Mas a prima Clara — diz Alice do outro lado do canteiro, de frente para Francisca e meio encoberta pela folhagem — não viria.

— Por quê? Eu acho que se demonstrássemos empenho...

— Clara, de sua última visita, quando foi embora tinha o ar de quem não voltaria mais — Alice diz, sem conseguir explicar por que pensava assim, ou que indícios percebera na prima que lhe permitissem tal julgamento. O fato era que Clara nunca mais escrevera, e se não havia morrido desligara-se de tudo aquilo para sempre.

— Mas eu fico pensando... — Francisca começa, e suspende a frase, seu olhar se torna vago, como se se distraísse ou de súbito se esquecesse do que pretendia dizer.

Todo o jardim fora tomado pelas sombras — a fachada da casa tornara-se acinzentada (a fina rachadura na parede da frente, uma linha negra de alto a baixo), o verde do gramado perdera o brilho e o ar de abandono acentuara-se. Entre as sebes, ou mais adiante, para dentro do arvoredo havia grandes manchas negras, de um verde escuro profundo e impoluto, dentre as quais destacava-se ora a faixa mais clara de um tronco, a risca irregular de uma vara ou a massa menos densa de uma folhagem nova. Em menos de hora e meia seria noite, mas longe, perto da cerca, havia ainda uma faixa brilhante, de um amarelo sangüíneo onde o sol depositava uns restos de luz no fim do dia.

Foi para essa faixa de luz que Alice e Francisca se encaminharam, e ao serem colhidas outra vez pelo sol, ao contemplarem todo o jardim ensombrado, ocorreu a Alice estarem acuadas, as duas, entre as sombras que avançavam com lentidão e a cerca, como alguém em pleno mar que, salvando-se sobre uns escolhos os vê, pouco a pouco, com a maré cheia, irem diminuindo à sua volta, desaparecendo sob os seus pés.

E Alice falou daquilo à prima, daquela imagem que o dia findando lhe sugeria.

— O mar... — Francisca disse e pareceu distraída por algum pensamento que lhe ocorresse de repente. — Não me recordo bem de como é o mar à tarde, ao pôr-do-sol — ela acrescentou, mas o que lhe vinha à cabeça agora era a idéia do tempo, uma outra imagem que se opunha à que lhe descrevera Alice. “Foi o tempo que passou e nos deixou acuadas entre a sombra que invadiu o gramado e os arames da cerca... entre a escuridão do que perdemos e o abismo da morte.”

— O tempo passou — Francisca diz com descontração, para esconder a amargura de seu pensamento —, e, engraçado, como certas coisas nos fogem, certas lembranças, imagens que se apagam...

— Acabamos por nos esquecer de quase tudo — diz Alice —, se não fizermos uma forcinha para lembrar...

— Lembrar...

Alice então deu as costas para a prima, que se pusera atrás dela e parecia entretida com o vôo tardio de algum pássaro veloz, olhando em volta o que sobrava do dia.

Alice, junto à cerca, viu adiante a estrada vazia também iluminada pelo sol poente.

— E embora sejamos tão poucos, não nos reunimos — disse Francisca, lamentando que as filhas de Alice não tivessem acolhido a idéia de se reunirem aquelas seis pessoas na fazenda, fosse para um jantar ou para um chá.

— Casualmente, vá lá — dissera Ana Lúcia com aborrecimento, e Dora compreendeu que não iria convencê-la, bem como a Ana Luíza, que embora tenha sido menos direta que a irmã, respondera com uma questão crucial:

— Será que o membro louco da família estaria convidado também?

— E foi isso que ela disse? — perguntou Alice apoiando uma das mãos no arame da cerca. Na outra mantinha a pá, persistentemente, como lhe persistia a idéia de limpar um canteiro qualquer do mato que o infestava (podia, por exemplo, ser esse menorzinho aqui próximo à cerca) e plantar algumas sementes. Se não tinha com que preencher seu tempo, e há quantos anos vinha arrastando esse tempo vazio como um peso!, por que não distrair-se com algo que já lhe fora agradável e que só lhe poderia fazer bem agora?

Sim, pensou, estava decidida.

Dora aproximou-se, confirmando.

— Ela sabe que eu não a poderia impedir de trazer o filho, embora ele tivesse de vir numa camisa de força — diz Alice sem olhar para a sobrinha. O que a impressionava ainda era a estrada, essa estrada vazia avermelhando ao sol que se punha.

— Mas ela sabe também que eu nunca consegui vencer a repulsa que sempre senti por ele — Alice completa.

Dora se afasta.

— Creio que nunca mais virão aqui à mesma época — diz ainda, voltando-se para a tia Alice. — Para evitar coincidências...

— Na juventude eu gostava de jardinagem — Alice diz para a prima, e ergue a pá — e mamãe preferiu que eu aprendesse piano. — Alice sorri ao lembrar-se da mãe reprovando-lhe aquele passatempo mas ao mesmo tempo elogiando-a junto às visitas, “minha filha é uma ótima estudante de piano” dizia, “já executa com perfeição a Sonata ao Luar”. — Aprendi a tocar mas nunca fui bem, não era boa e mamãe sabia disso, só que não admitia.

— E nem mesmo Dora quis voltar aqui — Francisca diz observando Alice por trás, achando-a bastante magra agora, inda que ela conservasse seu aprumo e uma certa nobreza de atitudes. — Já vai para um ano que não vem nos visitar.

O vale, além da faixa de luz da estrada, devia estar submerso nessa nebu-

losidade oscilante entre o negrume da noite, quando esta desce por completo, e o verde profundo dos recantos arborizados de quando o sol se retira deles, e a encosta dos montes mais ao longe se diversificava em zonas de sombra e luz; os cumes ainda rebrilhavam, mas sobre toda a vista as cores adquiriam um tom de angústia “que soaria como um grito de desespero” pensou Alice, mas essas cores misteriosas, esses indefiníveis sentimentos não possuem som algum. “Não soam, têm apenas um eco na alma da gente.”

— Não posso negar que me espantou essa repentina aparição de Joaquina Gonçalves — diz Francisca, chegando-se à cerca. — Confesso que não esperava.

— Enfim, nunca se apagam todos os laços — diz Alice, que apesar da idade não se dava por vencida: ajoelhada junto ao canteiro menor, começara a escavar a terra ressecada e dura, arrancando aos poucos o mato que a havia infestado.

“Alice está magra” pensa Francisca, “pobre prima, como está magra!”

Alice está à sombra — o canteiro está à sombra —, mas Francisca recebe no rosto envelhecido, no vestido que o tempo encardira, nas mãos ressequidas e sem força, nos olhos sem brilho, em todo o corpo, a luz do sol que ainda desenha aquela faixa amarela próximo à cerca.

— Nunca se apagam — e Francisca sorriu de contentamento. Há três meses recebera uma carta de Joaquina dizendo que iria visitá-la, e não faltou. Então puderam conhecer o granjeiro com quem se casara, um velho rijo e de pele muito morena de sol, magro e saudável, com grandes bigodes brancos e um sorriso prazenteiro brilhando-lhe no rosto.

— Mas foi a realização de seu sonho — diz Alice — que a trouxe. Quis compartilhar conosco sua alegria.

Sim, o velho tinha uma granja, muitos empregados, muita atividade e trabalhava como um rapaz, dizia Joaquina, que parecia rejuvenescida tanto lhe brilhavam os olhos de contentamento, tanto a pele de seu rosto parecia corada e as faces cheias e firmes. Sua única família era uma neta de oito anos — ela explica —, que para contentamento de ambos vira em Joaquina tanto a mãe que havia perdido há não muito tempo, como a avó que não chegara a conhecer.

— Mas Rosinha ainda continua na mesma — diz Alice erguendo o rosto; apóia-se na pá, cuja ponta enterra-se na terra revolvida.

— Joaquina preferiu não tocar muito no assunto, e também não havia muito o que falar. Ela jamais visitou a irmã... a verdade é que jamais se reaproximarão.

— Mas enfim — e Joaquina parecia iluminada ao falar daquilo —, o que importa agora é a festa de quinze anos da menina.

Alice ouve-a com interesse, Francisca volta-se para ela. Joaquina nunca lhes havia falado de seu sonho, guardara seu sofrimento sob a capa de uma

velada mentira — e Alice lembra-se agora de que a amiga costumava dizer que não tivera filhos, ainda que todos soubessem que os tivera mortos. E por certo, considera ainda Alice, teria tido sonhos, teria feito projetos para eles se estivessem vivos, mas sobre isso não falava com ninguém.

Fala agora: o baile de quinze anos que sonhara para sua filha, haveria de realizá-lo para essa neta que vinha de surpresa preencher-lhe a velhice quando já nada esperava do futuro.

E instaram — não só Joaninha, mas o marido também, o velho granjeiro, ao fim de uma semana de estada na fazenda — para que Francisca fosse com eles, pois ela não iria perder aquela festa, pois não?

— Não menos de um mês! — estrondeou a voz sonora e imperiosa do velho, que tinha por hábito sublinhar suas imposições com o dedo erguido num gesto incisivo —, não fica conosco menos de um mês! E a senhora também, dona Alice.

— Ah, para mim é mais difícil — havia dito Alice, trocando de mão a pá de jardinagem, um tanto embaraçada com aquela liberdade de movimentos do velho, o estentor de sua voz e suas gargalhadas ruidosas —, mas noutra ocasião... e para a festa minha prima Francisca representa muito bem a família.

— Uma outra ocasião! — exclamou o granjeiro. — Qual! Está certo que não queira deixar a casa apenas com o empregado, mas em a senhora dona Francisca retornando... — e fez um grande gesto, metendo em seguida as mãos nos bolsos enquanto fazia rebrilhar num sorriso seus dentes miúdos e amarelos com incrustações douradas.

— Mas — e Alice havia conduzido Joaninha até seu quarto, na véspera — não deixarei de enviar um mimo à aniversariante — e abrindo a caixinha de jóias da família escolheu uma peça, uma linda correntinha de ouro da qual pendia uma medalha também de ouro do tamanho aproximado de um vintém. A medalha abria-se, revelando em seu interior um relógio muito delicado cujo mostrador era de marfim e, no lugar dos números, reluziam doze pequenos brilhantes. — Deste lado ela poderá pôr um retratinho seu, ou quem sabe de seu futuro pretendente.

Joaninha, encantada, admira a jóia.

— Pertenceu à mamãe — diz Alice —, foi a única pessoa a usá-lo.

Francisca, acuada — mas não contrariada —, havia ido, e para lá ficara quase dois meses. Enfim aquela era Joaninha Gonçalves; aquela, a casa de Joaninha, esse, o marido de Joaninha; e ela fora casada com o irmão de Joaninha.

A linda menina que completava seus quinze anos, e entrara na capela com um vestido branco e longo, de corpete bege, ostentando a jóia com que Alice a presenteara e uma rosa, uma única rosa vermelha, presa ao peito — essa bonita menina, que à meia-noite dançara com o velho granjeiro uma

valsa e, depois, dividira-se com simpatia entre os rapazes elegantes que lhe disputavam uma contradança, essa era a neta de Joaquina Gonçalves.

Havia ido sim, assistira à festa na qual Joaquina pusera sua vida, estava agora naquela casa, ali estivera esses quase dois meses, e seu único cuidado era saber se Alice não sentiria muito sua falta, se não precisaria dela ainda que a houvesse deixado com saúde, e se estaria distraíndo-se no jardim.

Alice havia plantado o que plantara na juventude: onze-horas, jasmims, beijos... Os talos delicados e suculentos das onze-horas pareciam adormecidos, os jasmims e os beijos haviam florido em sua ausência. Enquanto Francisca se aproxima do canteiro para observá-lo melhor, saindo da faixa de luz para a sombra, Alice, erguendo-se e ainda com a pá na mão aproximou-se da cerca, saindo da sombra e entrando na faixa de luz.

De costas para Francisca, falou:

— Certa vez você me disse algo, e desde então tenho refletido muito...

Junto ao canteiro, abaixando-se, curvando-se para cheirar um jasmim, Francisca perguntou:

— O que foi que eu disse que a fez pensar?

— Que tudo que passa um dia ressurgirá, irreconhecível, mas vivo.

Francisca ajoelhou-se ao lado do canteiro, passando a mão pela terra fofa e úmida. Tocou as plantinhas tenras, verdes, tocou a brancura dos jasmims, e o aroma doce dessas flores penetrou suas narinas em ondas leves.

Ouvia a prima.

— Durante sua ausência — ela disse olhando a estrada — aconteceu uma coisa...

— E o que foi? — perguntou Francisca, ainda abaixada junto ao canteiro. — Pelo jeito alguma coisa muito séria, ou estou enganada?

— Não, não está enganada — ela diz, pois naquela tarde, há pouco mais de um mês, estivera nesse mesmo lugar onde Francisca está agora observando seu trabalho de jardinagem, comovida com a simplicidade da escolha e distribuição das flores.

Alice envelhecera, pensa Francisca, ora, todos envelhecemos, mas a prima, se em certas ocasiões ostentava algum orgulho que lhe viera da mãe, em outras parecia a menina, a moça ingênua, de gostos simples e singelos, que se contentava em ver germinarem sementinhas e botões abrirem suas pétalas coloridas, sem requinte, sem outra intenção que não a de tornar mais cheio de cores um canteiro, um gramado, uma faixa de terra cinzenta. Era assim com as onze-horas miúdas, com os jasmims tão alvos, ou as zínias rígidas e berrantes que floriam por muitas semanas, como num desafio ao tempo em sua luta para derrotar suas cores, suas pétalas ásperas e duradouras, e que por fim secavam dando lugar a uma infinidade de sementes que o vento espalharia, levando para longe aquelas mesmas cores, aquela mesma plenitude.

Mas Francisca divagava, pois Alice estivera falando de uma frase que a havia impressionado e de algo que acontecera em sua ausência.

— Eu estava aí, junto ao canteiro — Alice, de costas para a prima, com uma das mãos faz vibrar o arame da cerca, frouxo, porque logo adiante havia um moirão quebrado —, preparando a terra para semear, e entretinha-me... Apesar de estar tudo tão quieto — nenhum pássaro cantava, nenhuma voz se ouvia a distância e mesmo o vento fizera uma pausa, de modo que era possível ouvir o silêncio... ouvir o silêncio, como um som sem som algum, apenas aquele som imaginário que se acerca dos nossos ouvidos e sugere algo, mas que na verdade não existe...

Alice também divaga, Francisca percebe, talvez estivesse tomando coragem para entrar no assunto principal.

— Então — Alice retoma a narrativa —, não sei por que, levantei o rosto, olhei para a estrada... não sei o que me fez levantar o rosto e olhar a estrada, pois não ouvira nenhuma voz, nenhum ruído de alguém passando, nada...

Francisca fica de pé, ouvindo a prima, mas se põe um pouco à sua retaguarda com as mãos nos bolsos do vestido, onde brincava com as luvas que aí havia esquecido desde a manhã, quando as sujara tentando arrancar uma erva do gramado.

— Levantei o rosto de repente e olhei a estrada, e o vi...

— Viu? — pergunta Francisca. — Quem?

— Algo que havia passado e eu julgava perdido ou morto, mas que reaparecia agora: transformado e quase irreconhecível, mas vivo!

Francisca morde os lábios, crispa o rosto na expectativa.

— Teodoro.

“Teodoro” pensa Francisca, “então foi isso, foi Teodoro quem voltou.”

— Era um maltrapilho, barbudo, cabelos sem cortar e brancos, mas sujos, muito sujos... trazia no ombro uma vara, uma bengala em cuja ponta havia amarrado uma pequena trouxa. Estava de pé na estrada olhando para mim, olhava-me sem dizer nada, esperando que eu o descobrisse ali.

E Alice levantou-se vagarosa, um pouco aturdida por ver Teodoro — pois não fora necessário falar ou ouvir sua voz para saber que era ele, reconheceu-o assim como estava, velho, mendigo, e ele também a havia reconhecido e, quem sabe, ao olhar aquela senhora franzina ajoelhada junto a um canteiro não via a menina, a adolescente que ela fora e a quem costumava ver em outros tempos, mesmo ali, quando seguia a caminho da vila...

Ainda sem dizer nada Alice entrou na faixa de luz que o poente esparzia naquele trecho de jardim, junto à cerca, e ambos, Teodoro e Alice, ficaram contemplando-se pela primeira vez em mais de trinta anos de ausência.³⁷

Teodoro fez menção de falar algo no momento em que Alice movia os lábios para fazer uma observação qualquer sobre seu regresso, e assim ficaram mais um instante sem dizer nada, mas sorriram.

— De volta... de volta enfim — Alice diz meio incrédula, e Teodoro com dois passos aproximou-se da cerca. — No entanto — ela continua, embaraçada —, é uma alegria que...

Teodoro não respondeu logo. Não parecia preocupado com sua aparência; a essa altura da vida, dizia ele, não havia mais tempo para esse tipo de preocupação. Convertera-se num mendigo, e Alice, a doce Alice o via como ele era agora, e isso não tinha a menor importância. Ela dizia estar contente em revê-lo, e ele refletiu que ela não teria motivo algum para mentir. Mas essa alegria era sincera, via-se no sorriso que lhe multiplicava as rugas do rosto, na entonação de sua voz. Ali estava ele, Teodoro pensa, outra vez diante de Alice, ela dentro do jardim, ele do outro lado da cerca, na estrada.

— Há uma cerca entre nós outra vez — ele diz, e aquela voz soou estranha e familiar ao mesmo tempo a Alice. Estranha, porque Alice a conhecera primeiro carinhosa e depois arrogante, quase violenta, mas não cansada e opaca como agora; e familiar porque, apesar de tudo, era a voz dele, a mesma e envelhecida voz.

— Há muito tempo que esta cerca não mais se interpõe entre nós — retruca Alice, que deixou de sorrir para mostrar uma expressão grave e sofredora.

— Existe, contudo, uma outra cerca — ele diz, sem disfarçar sua amargura.

— Quem a terá erguido?, eu me pergunto — diz Alice baixando os olhos —, e sempre acho que você se incumbiu disso.

Mas logo retifica:

— Entretanto não é mais tempo para explicações tardias, nem acusações, que já não fazem sentido... perdoe-me.

— Também não caberá mais nenhum pedido de perdão — ele diz com a mesma condescendência, e de súbito aquilo lhe pareceu (e a ela também, talvez) a representação de um teatro. Mas prosseguiu: — Não quando não se tem culpa nenhuma.

— Ora, não falemos em culpa! Que importância terá isso agora?

— Decerto nenhuma — ele diz, e o tom de sua voz denotava convicção. Teodoro mantinha seu velho orgulho, mais dosado talvez, mais temperado, mas o mantinha. E apesar dos andrajos, da trouxa e da sujeira visível em sua roupa, sobressaía-se a tudo isso a força de sua personalidade.

Fez-se uma pausa cheia de embaraço na qual Alice procurava o que dizer, e foi ela outra vez quem recomeçou:

— Seria impertinência minha perguntar por que voltou?

Teodoro arria no chão a trouxa, apóia-se num dos moirões com a mão.

— Sempre voltamos... não importa aonde vamos.

Tira do bolso do casaco um lenço e seca o suor da testa com ele. No lenquinho encardido, um bordado: duas iniciais entrelaçadas onde se destaca-

vam delicados ramos, folhas e florzinhas coloridas num ponto cheio preciso e firme. “O lenço... o lencinho...”

— Tive saudades — ele diz após guardar o lenço outra vez.

— Imagino que sim — ela concorda —, pois você passou grande parte da sua vida por aqui.

— Tive remorsos — ele confessa.

Alice o olha com surpresa.

— Há quanto tempo isso me atormenta...!

— O que o atormenta?

— O que o atormentava? — pergunta Francisca aproximando-se um passo da prima e entrando na faixa de luz.

— A culpa — Teodoro diz —, a culpa... minha obstinação, minha arrogância, e tudo que perdi por causa delas...

Alice via do outro lado da cerca um velho que fora o seu homem, o grande amor que a fizera sonhar e que até mesmo lhe dera um pouco de felicidade, recriminar-se. Para que isso agora?, ela se pergunta, se é tão doloroso para ambos.

Mas Teodoro prostrava-a com um olhar repleto de lágrimas e dor.

— Não vim pelo perdão, Alice...

— ...

— ...

— Veio por quê, então?

— Para vê-la... para vê-la...

— Ele não perguntou pelas filhas? Não quis falar no que aconteceu com Ana Luíza? — Francisca pergunta, pasmada.

— Teodoro — Alice diz —, faça de conta que a cerca não existe, pois o certo é que ela não existe mais mesmo; desfez-se não com o tempo, mas por minha vontade, e com a morte de minha mãe esta cerca perdeu o que restava de sua força simbólica. Esta casa é sua, venha, entre aqui.

— Não é esta cerca — ele diz com voz trêmula —, não são estes fios de arame...

— Ele ficou olhando a cerca — Alice conta à prima — e depois se distraiu espiando para dentro do jardim...

— É tarde — Teodoro responde —, as sombras já invadiram o jardim, a casa adquiriu uma cor cinzenta...

— Há muito tempo não lhe damos uma demão de cal — Alice explica.

— ...e o sol está indo embora.

— Mas nós ainda estamos na luz — ela diz.

— Nós estávamos ainda na luz — Alice diz, de costas para a prima que, junto de si, ouvia-a com interesse mas algo consternada. Afligia-a aquele acontecimento inesperado que viera tirar a tranqüilidade da prima na velhice. Teria sido justo Teodoro voltar?, ela se pergunta, sem revelar a Alice

seu pensamento. Quanto mal ele lhe causou; deveria regressar depois de tanto tempo, quando não havia mais razão para estar ali? “Razão para estar aqui... quem é que sabe disso?”

— Estávamos naquele momento à luz morna do poente, à luz dourada... pois o sol quando se põe tem a luz dourada que dá a todas as coisas uma coloração indefinível, como se fossem diluir-se, desfazer-se em fragmentos muito pequenos...

E Teodoro ousa atravessar a cerca, e uma vez dentro do jardim olha para o rio como se quisesse enxergar alguma coisa além dele.

— O que está olhando?

— O coreto — ele diz, voltando para ela os olhos em brasa —, o coreto, que não se pode ver daqui.

— O telhado ruiu — ela diz com um sorriso de desculpa —, as vigas enfraquecidas não resistiram à ventania. Mas faz muito tempo.

Alice fez uma pausa, olhando na mesma direção.

— É — ela diz —, o coreto não existe mais.

“Não existe mais... o coreto não existe mais...”

Mas Teodoro continua olhando, tenta visualizar aquela pequena construção circular no meio de um gramado muito verde aonde ia encontrar-se com Alice noutros tempos. “Foi lá” Teodoro pensa, “foi lá que...”

Fora lá, ocultos no coreto, que em sua adolescência Teodoro vira o corpo nu de Alice, uma Alice que se apagara da realidade, que começava a apagar-se de sua lembrança numa imagem muito fluida, muito tênue, que se dissolve à viração da tarde, mas que em seu coração ainda vivia.

“Não, não existe mais.”

Voltando de sua divagação percebeu que Alice ainda falava, e se referia ao coreto:

— ...não achei que valesse a pena fazer novas reformas, há coisas que são irrecuperáveis...

“Ambos somos um exemplo disso” Teodoro pensa, voltando-se para a velha ao seu lado.

— Houve um tempo em que o julguei morto — ela diz, mudando de assunto. Estende as mãos para a cerca e agarra os fios. — Tive essa intuição, mas estou feliz por ter-me enganado.

— Devo parecer-lhe repulsivo — ele diz sem transição, e comprimiu as pálpebras, fixando Alice. Mas ela não se perturbou com uma observação tão crua e direta: repulsivo? Por causa de suas roupas em farrapos, de sua sujeira, de sua ruína?

— Parece-me triste — ela respondeu, e uma onda de ternura e piedade foi dominando-a pouco a pouco, e acentuando-se.

— Fui eu quem falou sobre nossas filhas — Alice diz —, pois notei que ele receava perguntar-me por elas.

— Ana Lúcia nunca gostou de mim — Teodoro diz, ignorando que Ana Lúcia, se chegasse ali agora e os visse reunidos, o pai e a mãe, teria sua oportunidade.

Mas Ana Lúcia parecia perdida no jardim. Junto da cerca via Alice, e do outro lado um velho com quem ela parecia em muito animada conversa. Seu pai. Seria esse o momento de tomar-lhe a mão e dizer: “Pai, aqui estou eu, sua filha”, no entanto ela sabia — não lhe era possível ultrapassar agora o obstáculo, o grande e insuprimível obstáculo. O jardim alongava-se, eles pareciam muito distantes agora, via-os diminutos e o vento não lhe podia trazer suas vozes, suas palavras. Ouvia-os como a personagens de cinema mudo que gesticulam em silêncio, e compreendeu que jamais chegaria até a cerca onde havia luz, pois ela estava na sombra.

Tentou acenar para ambos, fez amplos gestos com os dois braços, sorrindo, mas logo se deixou imobilizar pois não era vista, não seria vista. Sim, estava perdida e agora a casa parecia abandonada como se todos estivessem mortos, como se ela e mais ninguém houvesse ficado para contar a história, mas contá-la num monólogo muito longo para ela mesma ouvir.

— Ela não tem vindo — Alice diz, mas com compreensão: — Escreve uma vez ou outra... tem sua vida. Ana Lúcia tornou-se atriz... bem, talvez não seja uma profissão muito direita, mas é muito aplaudida. Contudo, não creio que não goste de você. Hoje é uma mulher, não mais uma adolescente cheia de vontades.

— Ele não falou de Célio? — Francisca pergunta, lembrando-se do acontecido entre ambos. Teodoro tentara matar Célio por causa da filha, havia disparado uma arma contra ele.

— Eu não tinha a intenção de matar Célio — Teodoro diz, trocando de mão a bengala para descansar. — Estava dominado por uma grande revolta, mas foi bom não tê-lo ferido com gravidade.

— Ele ficou com um defeito no joelho e passou a mancar — Alice explica, sem saber se devia falar do filho louco que Ana Luíza tivera do tio.

— Fale-me de Ana Luíza — ele pediu.

— E você lhe contou tudo — Francisca disse chegando-se até a cerca também, mas voltando as costas para a estrada observou como a linha que delimitava essa faixa de luz, separando-a da zona de sombra que se projetava no jardim, ia avançando devagar...

A faixa de luz diminuía, diminuía...

— Não pôde ser de outro jeito — Alice diz —, e saber do neto louco foi uma dor a mais para ele.

— Mas o que ele fez esse tempo todo em que esteve ausente? Por que voltou, afinal?... Ora — e Francisca procura dar às suas palavras um tom despreocupado e informal —, sabe que nunca entendi por que ele foi embora daquele jeito?

Teodoro contempla o declínio do Sol. O Sol que se tornava uma imensa esfera vermelha sobre os montes escurecidos, enquanto o céu adquiria uma coloração densa, quase negra ao fundo, que subindo mudava-se num roxo, num vermelho, depois se convertia em ocre dourado, e por fim em um tom indefinível entre o amarelo, o azul e o verde — e onde as sombras não haviam entrado ainda pairava aquela luz que seria como uma marcha fúnebre, se em vez de luz fosse música.

— Não tem onde morar? — Alice perguntou, consternada.

— Ele mora nas ruas?! — Francisca exclamou.

— Mas esta casa... — torna Alice.

— Não é minha — Teodoro replica —, mas agora não é mais o orgulho que me impede de entrar aí.

— E o que será então? — ela pergunta, e depois de uma breve hesitação, acrescenta com sinceridade: — Gostaria que ficasse.

— Minha vida é outra — ele diz, como se fosse uma explicação. Olhando o rosto de Alice podia vislumbrar a jovem a quem havia amado e a quem tanta tristeza causara. “Um amor como o nosso deveria resistir à queda” ele pensa, “mas não resistiu.”

— Mas entrou para comer alguma coisa — Alice diz, contando como Teodoro entrou e percorreu o jardim, e atravessou os cômodos da casa em direção da cozinha, e pôs-se à mesa comendo com alguma cerimônia mas repetindo o café com leite e uma fatia de bolo. Jorge servira-o sem dizer nada, e Teodoro reconheceu o agregado dirigindo-lhe um olhar, uma insinuação de sorriso que não chegou a tomar forma.

— Já não há mais ninguém aqui além de você — Teodoro disse, enquanto servia-se de leite.

— Falei de você, de Jorge, mas aos poucos não tínhamos mais muito que dizer — e Alice suspira, movendo a cabeça numa negação. — Assim compreendi por que ele não poderia ficar, por que sua vida era outra como ele dizia.

— Mas ele está muito velho — diz Francisca —, há de necessitar de algum canto para dormir...

— O lugar onde tínhamos nossa casa — Teodoro disse à certa altura, já no jardim e antes de partir — converteu-se numa floresta. Ninguém diria que ali existiu uma casa e teve moradores...

— Eu saio muito pouco — desculpou-se Alice, que não havia voltado àquele lugar —, confesso que nunca mais fui para aqueles lados.

Estão agora sob o caramanchão, e Alice tem uma visão repentina — Francisca um dia estivera sentada num daqueles banquinhos (à época havia almofadas neles) e bordava. Bordava um lenço com uns raminhos floridos e as iniciais A & T, para que ela presenteasse um homem...

“Bordava muito bem a Francisca” Alice pensa, “usava linhas muito finas

e pontos delicados, parecia uma pequena pintura no tecido” — mas então seus olhos se desviam para adiante, onde nessa mesma época ela se distraía cultivando flores em pequenos canteiros circulares que Jorge fizera a pedido seu, canteiros que ele teve o cuidado de cercar com pedregulhos redondos apanhados na cachoeira (quase o viu outra vez passando por ali, suado sob o sol daquele tórrido verão com o carrinho cheio de pedras, cuja roda pouco lubrificada ia chiando sob o peso da carga que transportava), e uma outra lembrança sobreveio: junto àqueles canteiros Olivério, já casado com Francisca, havia-lhe dito qualquer coisa que ela considerara indecorosa, não um galanteio, embora mesmo um galanteio não ficasse bem sendo ele um homem casado — principalmente casado com sua prima; sim, ela pensa, fora algo indecoroso.

Todas essas lembranças sobrevieram como um lampejo. Mas a voz de Teodoro a desperta:

— Eu, ao contrário — ele dizia —, saio muito — e sorriu da própria piada.

Alice estremeceu àquele sorriso de dentes negros, e também à idéia de que ele dormia pelas ruas. Teodoro fica sério. Concentra-se, piscando muito os olhos, e as rugas de seu rosto falam de desencanto com a vida.

— Não conseguiria acostumar-me outra vez... — Teodoro começa, mas não continua. Pisca os olhos com algum embaraço, e agora ambos estão pouco à vontade.

— Alice, quando eu fui embora e perdi tudo... — e de novo se interrompe. Alice baixa a cabeça: no futuro iria lembrar-se de que Teodoro iniciara aquela frase mas não prosseguira (de repente passara a falar de outra coisa, do pai que passava as noites acordado pensando nos homens que executara a mando da Justiça, que se embriagava mas mesmo assim mantinha-se quieto, quase sem falar, e que lhe incutira uma idéia inflexível de honra, não permitindo por exemplo que aquele dinheiro, “aquele dinheiro sujo”, sequer fosse tocado, pois devia ser devolvido do mesmo jeito que lhes fora entregue...), então haveria de perguntar-se “o que ele queria dizer naquele momento?”. Mas não se animou a perguntar, a prolongar a agonia.

Adiante havia canteiros (foi Jorge quem os fez)... Francisca sentava-se aqui para bordar... Olivério, naquele dia... O portão estava aberto, e a estrada em frente — bem, em outros tempos punha-se a olhar a estrada vazia, esperando por alguém... as filhas estavam longe agora, e sua sobrinha, a filha de Júlio... Certa vez encontrara Joaninha Gonçalves e a irmã bem junto do portão, e ficaram conversando... “Quando se pensa, quando se pensa...”

Mas uma voz áspera a desperta:

— Bem, enfim é hora — e Teodoro está outra vez do outro lado da cerca. O sol ainda ilumina a estrada. Disse “é hora” mas não continuou, pois

olhar Alice retinha-o em sua decisão. “Sim, é hora” ele pensa, ela pensa, e nunca se pode afirmar de quê é hora. E como ambos pensavam a mesma coisa, Alice mostrou o canteiro que havia acabado de cultivar.

— Tinha esse gosto na juventude — disse —, e agora é para passar o tempo. “Ou para sentir-me menos velha” acrescenta consigo mesma.

Teodoro já erguia ao ombro a bengala com a trouxa na ponta.

— Então você vai — ela disse.

— Então ele foi? — diz Francisca.

— Ele foi — Alice confirma.

A estrada está vazia agora.

— Quando olho para a estrada e a vejo vazia... já percebeu que muito pouca gente passa por aqui, Francisca?... mas quando a vejo vazia fico pensando se alguma vez o verei voltar por ela, mesmo para uma visita...

— Ele talvez não esteja longe — diz Francisca como que para consolar a prima —, quem sabe na vila?

Alice empunhando a pá com que revolia a terra dava pancadinhas no arame da cerca. Não, aquilo não servia de consolo: não podia crer nas palavras de Francisca, mas mesmo que fossem verdadeiras, que importância teriam agora?

A sombra avançou sobre ela num relance; por um momento a estrada refulgiu àquele último lampejo, e em seguida a sombra invadiu-a também.

Alice suspirou, baixou os olhos para as roseiras miúdas entrelaçadas na cerca. Comprimiu os lábios, apertando o cabo da pá com os dedos finos.

— Acabou-se... passou... não há mais nada.

— Está se fazendo tarde — diz Francisca observando que no jardim não tardaria a escurecer. Os montes enevoavam-se ao longe, e o vale era agora um oceano de sombras.

— Sim — Alice concorda, afastando-se da cerca e tomando o rumo da varanda —, logo anoitece, é hora de entrarmos. A essa altura Jorge já deve estar acendendo o fogo para esquentar a janta — e imaginou Jorge apanhando lenha na despensa, ajoelhando-se diante da boca do fogão e, em seguida, riscando o fósforo.

Entre os gravetos já haveria uma mecha embebida em querosene.

— Bem, é sempre bom passear — Francisca abriu os braços e os deixou cair outra vez, relaxados. Sorriu. O abandono em que se encontrava o jardim já não era importante para ela, porque com a escuridão da noite tudo se disfarçaria. — Tivemos um dia cheio.

“Ele sempre usa uma mecha embebida em querosene...”

Alice seguia um pouco adiante, aproveitando a última claridade do dia para contemplar o jardim tomado pelo mato, e permanecer indiferente ante sua impossibilidade de vitória contra a erosão da vida.

— Quando ele se foi — ela diz —, bem... senti-me perdida no primei-

ro instante, mas depois... — Alice hesita, talvez nem tudo devesse ser dito, talvez haja coisas que se devessem preservar. “Mas a essa altura, o que há para ser preservado? E preservado de quê?” — Eu talvez tenha esperado pelo regresso dele toda a vida — ela diz, tomando coragem, e se surpreende por sentir-se envergonhada de seu segredo (sim, pois não era aquele o seu segredo?). Acrescentou, para atenuar a súbita revelação: — ...mas não estou bem certa se foi assim...

Olhou a prima, sobre cujo rosto caía uma mecha de cabelos brancos, e concluiu com algum pesar:

— Enfim, eu estou velha demais... e ele converteu-se num mendigo.

Parando junto ao canteiro que Alice cuidara por último, Francisca diz:

— Este ficou pronto, não?... E há umas flores vermelhas ali adiante, no meio do mato — ela aponta, avançando.

— Veja, Francisca, que lindo o manacá florido — diz Alice apontando o arbusto cujas florzinhas lilases e azuis se destacavam na verdura das folhas. — Encontramos ali um ninho hoje pela manhã. Como estarão os filhotes?

Mas, estranho, Alice não ouviu nenhum bater de asas junto ao arbusto. Os pais não estariam próximos do ninho? Ou já não se assustariam com a presença das pessoas? Ou talvez os filhotes tivessem partidos... Mas Alice havia falado com a prima, e não ouvira nenhuma resposta.

— Francisca? — e voltou-se, pois Francisca ficara para trás examinando umas florinhas vermelhas que emergiam de uma moita de capim alto. — Francisca...?

Não havia ninguém ali.

Francisca estava morta — morrera há dez anos —, e ela ficara só.³⁸

Afrouxou os dedos, abismada de sua solidão. A pá com que trabalhara até há pouco no jardim, e que ainda trazia consigo, caiu sobre a grama.

Sim, Francisca havia morrido — Alice se lembra bem, fora poucos meses depois da visita à granja de Joaquina Gonçalves. Sobreviera um inverno muito frio, como há muito não se via naquela região, e certa manhã Francisca acordou com uma tosse e um pouco de febre. Três dias depois delirava e não reconhecia as pessoas, ao fim de uma semana estava morta.

Mas os filhotes de beija-flor — Alice olha o ninho vazio entre a folhagem — haviam voado. Logo estariam, eles, construindo seus próprios ninhos e tendo seus próprios filhotes, e assim sucederia pelo tempo afora, pois a natureza não interrompe seu curso para que a contemplemos. Se temos de admirá-la, de sorrir ou sofrer com ela, não será de outra maneira que não acompanhando seu ritmo célere.

Alice afastou-se do arbusto onde estava o ninho abandonado, encaminhando-se para a escada que conduzia à varanda.

Anoitecia rapidamente agora: era o fim de um dos últimos domingos de

primavera do ano de 1960. De pé junto ao portão, Alice contempla o jardim tomado pela escuridão da noite — esse imenso jardim vazio onde viveira os quase oitenta e sete anos de sua longa vida —, e levando maquinalmente a mão aos cabelos encontra uma flor murcha, seca entre as mechas... Mas passado esse momento de introspecção voltou-se e seguiu através da varanda, entrando em casa.

Na cozinha Jorge está à espera, quase podia vê-lo: estaria nesse momento assoprando o fogo de lenha para esquentar a janta. Era assim que ele fazia: com os olhos meio fechados, o rosto vermelho pelo calor do braseiro, assoprava para que a lenha mais grossa pegasse fogo e, sobre a chapa, nas trempes, aquecesse as panelas. Esse pensamento arrancou-lhe uma última reflexão: tivera um amor em sua vida, poderia ter envelhecido ao seu lado, mas envelheceu sozinha enquanto ele se perdia pelas ruas. Agora, contudo, ali estava ela ao fim do dia, sabendo que havia um homem na casa e que ele estaria preparando o jantar como um bom esposo faz às vezes para agradar a esposa.

“Mas é apenas Jorge...”

Sim, era Jorge quem a esperava na cozinha; e o jantar, ela pensa, estaria fumegando sobre a mesa em travessas de porcelana, “das que sobraram da baixela portuguesa que mamãe comprou, se não me engano para a festa pela passagem do século”. Mas antes de seguir para a cozinha, Alice fechou atrás de si a grande porta de carvalho da varanda, deixando que agora, no jardim abandonado e às escuras, os fantasmas iniciassem sua dança.

— Fim —

¹ Célio tem doze, Júlio treze e Alice quinze anos no começo do romance. Glenda e Jorge têm onze anos. Francisca está com dezesseis para dezessete. Clara, com quinze para dezesseis.

² Já se passaram aproximadamente dois anos desde o começo do romance até este momento (corre, portanto, o ano de 1890).

³ Estamos em fins de 1892, tendo transcorrido, portanto, cerca de 4 anos desde o início.

⁴ Em 1894 Rosinha tem nove anos. O baile mencionado ocorreu poucos dias antes da fuga de Júlio.

⁵ Clara chega de visita no ano de 1897, quando se completam cinco anos da morte de Estefânia.

⁶ Clara tinha entre dezenove e vinte anos quando a empurrou da escada.

⁷ Estamos a essa altura em 1898, data em que Rosinha completará treze anos. É nesse ano que Rosinha tira o famoso retrato que reaparece nos romances seguintes da trilogia. Francisca está grávida e terá o filho nesse mesmo ano, provavelmente bem no começo, pois já se encontrava casada no ano anterior, por época da visita de Clara.

⁸ Rosinha tem quinze anos no começo do século.

⁹ Ana Lúcia (filha de Alice e Teodoro) nasceu em 1901 e está com dois anos. A segunda filha de Alice, Ana Luíza, nasce em 1904.

¹⁰ 1916. Ana Lúcia está com quinze anos, Ana Luíza (que nasceu em 1904) com doze e João Manuel com dezoito.

¹¹ Estamos em fins de 1918 (Rebeca viu Ludmila pela última vez quando Glenda morreu, em 1892).

¹² João Manuel viaja no começo de 1919.

¹³ 1920. Clara está com 47 anos. Aninha tem a mesma idade.

¹⁴ O casamento de João Manuel ocorre mais ou menos na primeira metade de 1920.

¹⁵ Ainda 1920, ano em que Ana Luíza, aos dezesseis anos, entrega-se ao tio. O filho de ambos nasce no ano seguinte (1921).

¹⁶ Neste ponto estamos aproximadamente em fins de 1920. Rosinha, então com 35 anos, teria partido, expulsa pelos pais, em 1904, aos dezenove.

¹⁷ Célio se apaixona por Rosinha ainda criança (nove anos de idade), durante o tempo em que ficara na casa dos Gonçalves.

¹⁸ A narrativa fragmentária pode confundir a cronologia da história. Estamos na segunda metade de 1922. Rosinha veio em fins de 1920, permaneceu por três meses na casa dos pais e partiu. Esse período de um ano e meio refere-se ao período desde sua partida, em começos de 1921, ano em que nasce o filho de Ana Luíza. Célio toma sua decisão em setembro de 1922, e parte um mês depois. Neste ano Dora, aos treze anos de idade, entregou-se a Lui.

¹⁹ Estamos no ano de 1929. Rodolfo morreu em 1926. Transcorreram-se sete anos desde que Alice mandou reformar a casa e Célio partiu.

²⁰ Em 1929 que Dora volta para casa.

²¹ Ano de 1930.

²² Temos aqui o transcurso de mais um ano, e estamos agora em 1931 (pois João Manuel nasceu em 1898 e está com trinta e três anos).

²³ Dora está com vinte e seis anos. Estamos agora em 1935. Gustavo fora rejeitado três anos antes, em 1932.

²⁴ Estamos no final de 1935. O suicídio de João Manuel, aos trinta e seis anos, deu-se há quase um ano, isto é, em fins de 1934 (como se verá mais tarde).

²⁵ Ainda 1935. Anita morre neste mesmo ano.

²⁶ Data, como as outras do diário, referente ao tempo em que João Manuel fazia suas anotações.

²⁷ O filho de Ana Luíza tem dezessete anos em 1938.

²⁸ Célio volta para casa em 1938.

²⁹ Ano de 1939.

³⁰ Fixa-se em 1933 o ano do nascimento do filho negro de Célio, que somente vai aparecer em "Música de Outono", terceiro romance da trilogia.

³¹ Corre o ano de 1941. Ana Lúcia volta a passeio com seus antigos amigos em 1940.

³² Estamos no ano de 1950, quando ocorrerão vários episódios importantes. Neste ponto Alice relembra suas conversas com Célio no último ano de vida deste.

³³ O reencontro de Célio e Rosinha deu-se no ano de 1938, ano em que ele volta para casa. Rosinha estava com 53 anos.

³⁴ Suzana, a filha de Rosinha Gonçalves, nasce em 1925, quando Rosinha tinha 40 anos.

³⁵ Como vemos, o diálogo entre Alice e Francisca, no qual ela se refere à revelação de Célio sobre seu último encontro com Rosinha, se dá em 1950. Célio morreu, portanto, em 1944, com 68 anos.

³⁶ Suzana está com 19 anos quando Célio morre.

³⁷ Teodoro reaparece nesse mesmo ano de 1950.

³⁸ Francisca morre também no ano de 1950.

